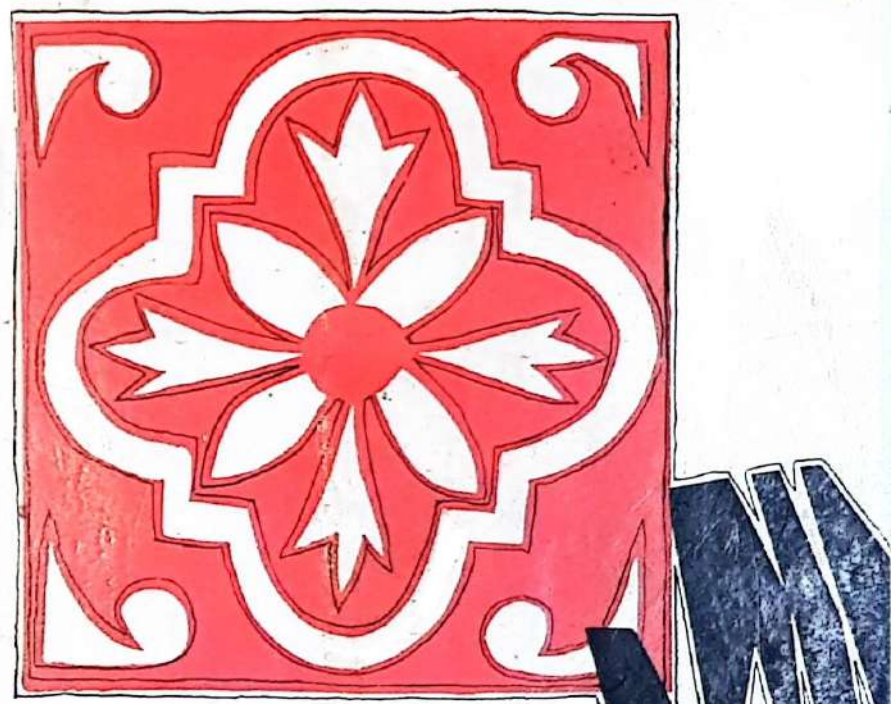
Josué Montello

O preço deste livro só se tornou possível devido à participação do INL/MEC que, em regime de coedição, permitiu o aumento da tiragem e conseqüente redução do custo industrial.

JOSUÉ MONTELLO



OS DEGRAUS DO PARAISO

ROMANCE

MARTINS/MEC

Mon[illegible]né, 1917-

M781d
3.ed.

[illegible]graus do Paraíso: romance. 3. ed. São Paulo, Martins; Brasília, INL, 1974.
[illegible]v, 390 p.

"Prêmio da União Brasileira de Escritores e do Pen Clube do Brasil."

[illegible]ance brasileiro I. Brasil. Instituto [illegible] do Livro, coed. II. Título.

CDD: 869.935
CCF/CBL/SP—74-[illegible] CDU: 869.0(81)—31

[illegible] para catálogo sistemático (CDD):
1. R[illegible]: Século 20 : Literatura brasileira 869.935
2. S[illegible].0 : Romances : Literatura brasileira 869.935

JOSUÉ MONTELLO

OS DEGRAUS DO PARAÍSO

Romance

3.ª ED[illegible]

Prêmio da União Bras[illegible]itores
e do Pen C[illegible]

LIVRARI[illegible] MARTINS E[illegible]TORA
EM CONVÊNIO [illegible] I [illegible]TO
NACIONAL DO LIVRO/MINIS[illegible]
DA EDUCAÇÃO E CULTUR[illegible]
SÃO PAULO — 1974

OS DEGRAUS DO PARAISO

CAPA E
PERCY DEANE

ILUSTRAÇÕES DE Mon[illegible]né, E.
RUI CAMPE[illegible]
E
DEL NEGRO

SUPERVISÃO GRÁFICA
RODOLPHO CERAS

Livraria martins editora
SEDE - EDIFÍCIO MÁRIO DE ANDRADE - RUA [illegible]

SUMÁRIO

Dedicatória 4
Os Velhos Lampiões 9
As Grades do Sobrado 17
Os Degraus do Paraíso 375

À memória de meu Pai, Antônio Bernardo Montello, diácono da Igreja Presbiteriana Independente de São Luis do Maranhão, a quem devo esta lição de liberdade: que eu próprio escolhesse o meu caminho até Deus.

A Odilo Costa, filho, Manuel Caetano Bandeira de Melo, Lago Burnett, José Jansen, Antônio de Oliveira, Astolfo Serra e Nonnato Masson, maranhenses que andam em longes terras, com o pensamento em São Luís, e para cuja saudade o poeta Gonçalves Dias, há um século, escreveu êstes versos de exilado:

Pois do que por fora vi
A mais querer minha terra
E minha gente aprendi.

A José Rodrigues da Silva e Nélio Reis, companheiros fraternos, que bem podiam ter nascido no Maranhão.

A Leuka e Lília, minhas filhas.

E a Yvonne, sempre querida, a quem ensinei a amar São Luis, mostrando-lhe as ruas, as casas, os mirantes e os azulejos de minha cidade natal.

J. M.

Então disse o Príncipe do Exército do Senhor a Josué: "Descalça o sapato dos teus pés, porque o lugar em que estás é santo". E assim fêz Josué.

JOSUÉ — Cap. V — 15.

OS VELHOS LAMPIÕES

Que lembrança darei ao pais que me deu
tudo que lembro e sei, tudo quanto senti?

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE — *Legado*

A cidade de São Luís do Maranhão, famosa por seus imponentes sobrados de azulejos e por suas estreitas ruas em ladeira, foi iluminada nas horas da noite, até o fim de setembro de 1918, pelos lampiões de gás que vinham do tempo do Desembargador Leitão da Cunha.

Êsse tipo de iluminação pública, inaugurado em fevereiro de 1863, mediante contrato com dois americanos pela bagatela de vinte contos anuais, substituiu a obsoleta iluminação a álcool, fonte infindável de queixas e reclamações na imprensa local.

Habitualmente recolhida e triste nas noites sem lua, a cidade ganhou logo outra beleza, com a discreta claridade das dezenas de bicos chiantes que se espalharam espaçadamente em tôdas as direções de São Luís.

Até a Praia Grande, que era animação e ruído durante o dia, com seus armazéns escuros, as suas casas de comércio e os seus trapiches, e mergulhava à noite no pesado sono dos trabalhadores braçais, sentiu os efeitos da nova iluminação urbana: nas esquinas dos sobradões de pedra e cal, alguns de quatro andares e com ar de açambarcar o quarteirão, espicharam-se graciosos braços de ferro, segurando os modernos lampiões. E assim na Rampa do Palácio, no Largo do Carmo, na Praça da Alegria, no Beco do Quebra-Costa, no Cais da Sagração, no Beco do Precipício, no Largo dos Amôres, na Rua dos Afogados, na Rua da Inveja, no Beco dos Barqueiros, na Rua da Palma. E também no Largo de Santo Antônio, ainda hoje aconchegado e quieto, com o branco recorte da sua velha igreja de duas tôrres ameadas, em cujo

púlpito pregou o Padre Antônio Vieira e de onde saí em setembro a procissão de São Benedito.

Ninguém mais se queixou de ter caído numa vala por falta de luz, nem recebeu o golpe de um capoeira na escuridão. Os antigos archotes, com que os caminhantes noturnos iluminavam seus passos arriscados, não mais luziram no abandono das ruas. Tampouco se viram rente às casas as azinhavradas candeias de azeite, lutando com o vento e a escuridão. Apenas restaram, às portas das quitandas de peixe-frito, as velhas lanternas vermelhas, que só a luz do Sol tem o dom de apagar.

Os bicos de gás, alteados nos lampiões de rua ou pendentes dos suportes de ferro das esquinas, ao longo de mais de meio século, deram uma nota romântica à velha cidade, sobressaindo à noite os seus mirantes e os seus balcões, as suas sacadas e os seus portais de pedra, as suas fachadas de azulejos e as suas platibandas, testemunhas da consternação da Província quando morreu o poeta Gonçalves Dias, ali mesmo, no mar que êle próprio celebrou, e da alegria do povo cantando nas ruas quando acabou o cativeiro.

partiam para a luta no Paraguai e choraram os violões boêmios nas serestas em que se cantava assim:

Quis debalde varrer-te da memória
E o teu nome apagar do coração...

Os pitorescos tipos de rua, como o Dr. Tibério, com o seu lornhom, e o Tiuba, com a sua paixão pela mulata que lhe fugira, ou o Sátiro Cardoso, com seus truques de ilusionismo que não enganavam ninguém, êles, os bicos de gás do tempo do Império, também guiaram com a sua luz generosa.

Quando a multa quis castigar um frade maroto, que havia castrado os anjinhos de metal das igrejas de Alcântara, trazendo o ouro e a prata dessas profanações velhacas no seu baú de viagem, foram êles que o viram subir correndo a escada do campanário da igreja do Carmo, para salvar a pele chamando o povo em seu favor com repiques de incêndio. E deviam cabecear de sono os cansados lampiões, ao fim de uma estirada noite de vigília monótona, porque a cena, ao que se conta, ocorreu no crepúsculo da madrugada.

A carruagem de Ana Jansen, que percorre as ruas e os becos de São Luís nas noites de sexta-feira e da qual apenas

se ouve o rumor das rodas fantásticas e o tinido das ferraduras de seus corcéis de fogo, talvez só os lampiões de outrora tenham visto passar. E viram mais a Manguda, que assombrava o Largo dos Amôres com o esvoaçar de sua branca mortalha. Viram também os corpos dos enforcados na Praça da Alegria. E as crianças brincando de roda nos arredores do chafariz do Quartel. Viram o General Cancão, muito vermelho, espada de pau à cinta, uniforme puído da Guarda Nacional, entrar no Palácio e assumir o Govêrno, já na República, em nome do Imperador. E a Catarina Mina, acompanhada por seu cortejo de mucamas, batendo na cantaria da calçada da Rua da Estrêla as suas sandálias de salto alto, com um pente trepa-moleque no cabelo difícil de espichar. E também os negros cativos que desciam no trapiche do Destêrro, um amarrado ao outro, formando uma longa fila submissa, severamente vigiada por soldados e negreiros, para não cederem à tentação de fugir e morrer no mar. Viram os palanquins dourados, a caminho das festas do Cazuza Lopes. Os reisados e as congadas. As novenas de Nossa Senhora dos Remédios, com o povo apertado no largo em frente à igreja e olhando o céu à espera dos balões e dos fogos de artifício. E ainda as bordoadas de cego e as navalhadas com que, de repente, numa dobra de rua, os figurões da terra se desforravam dos agravos dos pasquins políticos.

Antes que chegasse o nôvo século, chegou a República, e lá estavam, já velhos, um tanto enferrujados, com o seu botão de luz esfuziante, os lampiões de São Luís. Passou por êles, grave, passo de lorde exilado, o poeta Souzândrade, que desenhou a bandeira do Estado e sonhou com a Universidade Popular do Maranhão no êrmo da Quinta da Vitória, como por êles já havia passado o Dr. Sotero dos Reis, lente de português e latim do Liceu Maranhense e inimigo de D. Ana Jansen.

Quando chegou a notícia da queda da Monarquia, o povo ficou em silêncio, nas rodas do Largo do Carmo. E em breve os negros se reuniram em redor do pelourinho, não conseguindo entender por que se mandava embora a Princesa que acabara com o cativeiro. Um dêles subiu os degraus de pedra, com a bandeira imperial desfraldada, e concitou os outros negros a atacarem o jornal que se rejubilava com a proclamação da República. E a onda de gente cresceu, enchendo a praça, e derramou-se pela Ladeira do Vira-Mundo, disposta à luta,

até que os soldados descarregaram sôbre a multidão os tiros de suas espingardas, à desolada luz dos lampiões de gás, matando logo o crioulo que empunhava a bandeira e dava vivas ao Imperador.

Enquanto os bicos de gás reluziam clareando as ruas em ladeira, soavam os tambores das negras minas, para os lados de São Pantaleão. Em junho, pelo fim das chuvas, estrondavam as matracas e os pandeiros do bumba-meu-boi. Em dezembro, ao aproximar-se o Natal, o vento trazia de longe, de harmonia com os sons chorados de um piano, os cantos das pastorinhas.

Mas o tempo envelheceu ainda mais os lampiões de antanho. Uns ficaram apagados, teimando em pé com a sua armação de ferro. Outros não deixaram vestígios. Permaneceram uns tantos, com a sua luzinha vigilante, e eram êles, ainda no segundo decênio dêste século, os últimos românticos da cidade, que ia pondo de lado os seus landôs e as suas vitórias e já falava em trocar por lâmpadas elétricas os bicos de gás do tempo da Monarquia. Até a velha Pacotilha, que nascera na época dos antigos lampiões, vez por outra reclamava contra êles, em nome do progresso, na severidade de seus artigos criticando o Govêrno. E não houve uma só voz, mesmo entre seresteiros e poetas líricos, que se lembrasse de defendê-los, como os negros defenderam a Princesa Isabel.

Por isso, pelo fim de setembro, no ano da paz de 1918, de repente, em São Luís, contrariando o derrotismo de meia dúzia de ociosos que cultivavam a maledicência à sombra das gordas árvores do Largo do Carmo, o dia entrou pela noite, com a nova iluminação pública da cidade. Dir-se-ia que as sombras tinham sido afugentadas da área urbana. Onde havia bicos de gás, brilhavam agora, numa fulguração de luz solar, as lâmpadas elétricas.

O povo encheu o Largo do Palácio e aclamou o Intendente Clodomir Cardoso, que modernizava São Luís. Fogos de artifício derramaram penachos coloridos por sôbre o telhado dos mirantes. Espocaram foguetes e bombas, no alarido da Festa da Luz, ao som das bandas de música, enquanto bimbalharam os sinos de tôdas as igrejas.

Mas a verdade é que, com as suas ruas estreitas, os seus portais de pedra, as suas fachadas de azulejos e as suas sacadas de ferro, a cidade de São Luís do Maranhão, afeita à ténue sombra das noites mal iluminadas, deu a impressão de

espantar-se consigo mesma, na claridade excessiva que atenuava muitos dos seus mistérios, sobretudo os das ruas tortas que descem para o cais, nas cercanias da Fonte do Ribeirão, e onde se dissipava no gemido das rêdes ou no rangido das camas de ferro, à luz dos contraventos pendurados nas paredes, a ansiedade de amor dos marinheiros.

Depois, como se a nova luz da noite as atraísse, começaram a chegar as más notícias do Norte, do Centro e do Sul. A morte andava lá fora matando às cegas. Um arrepio de frio, febre alta, delírio, e o que até há pouco não era nada passou a ser o desespêro e a sepultura. Dezenas, centenas de casos, destruindo famílias inteiras de um dia para outro, no Rio de Janeiro. Ninguém tinha sossêgo. E quando a morte chegaria também a São Luís? Tôda gente se entreolhava, apegando-se aos seus santos. E as lâmpadas elétricas, nos negros postes da iluminação urbana, tinham um ar de espanto, que amedrontava.

De repente, uma noite, no comêço de outubro, a morte entrou de manso pelas ruas tortas que se esgueiram para o mar, escondida no corpo de um marujo de olhos em brasa e andar gingado. Dias depois, a cidade lhe sentiu a presença fatal, nos primeiros esquifes roxos que saíram das casas do meretrício para o Cemitério, à noite, sem acompanhamento, sob o olhar das lívidas lâmpadas elétricas.

Dentro em pouco, não apenas dali, das sombrias ruas cambaleantes, partiram outros esquifes. Também dos sobrados da Rua Grande e da Rua da Paz, do Largo do Destêrro e da Praça da Misericórdia, do Largo da Madre de Deus e do Beco de Santo Antônio. Depois, foi o pânico. Todos fugiam da morte, e a morte os seguia, invisível e tenaz. Quando menos se esperava, ei-la a dar de si, levando homens, noivas e crianças. E São Luís a fulgurar, nas horas de recolhimento e mêdo, perplexa, atarantada, o esbanjamento da luz elétrica no êrmo das ruas tortas.

Não demorou a tombar a primeira lâmpada, desfeita por uma pedrada. Mais outra. Outra mais. Logo as sombras acudiam, como à espreita dessas represálias, e enegreciam as pontas de rua, o aclive das ladeiras, os arredores do Cais da Sagração. As lanternas das boléias, trazidas pelas parelhas das carruagens, pareciam agora luzes de assombração. E que tinham elas, as prestimosas lâmpadas elétricas, com o infortúnio da cidade? Mas a hora era aflitiva, ninguém se entendia, nem havia lugar para a razão e a lógica, entre o pânico que se alastrava.

No silêncio de pavor, as ruas escuras metiam ainda mais mêdo. E não tardou que, nas esquinas dos sobradões de pedra e cal, pendente dos braços de ferro dos lampiões de gás, apontasse um bico de metal com uma chama vermelha, por trás dos bocais de vidro, clareando novamente as ruas alarmadas.

E em verdade, em verdade vos digo que êsses braços de ferro, contemporâneos do Império e das fachadas de azulejos, ainda lá se acham, como se esperassem pela volta dos velhos lampiões.

AS GRADES DO SOBRADO

Neste velho sobrado
tudo é tocado de vida eterna

BANDEIRA TRIBUZI — *O Sobrado*

I

Dia e noite, dia e noite, o vento da rua não pára de soprar. Não se sabe de onde vem nem para onde vai. Às vêzes é macio, deslizando entre as casas como um regato invisível; mal chega para arrastar as fôlhas caídas nas pedras do calçamento. Noutras ocasiões, ganha velocidade e furor, sibila pelas frestas das portas, agita os galhos das árvores atarantadas e faz dançar doidamente a poeira do chão, até se perder assobiando para as bandas do Largo do Carmo.

À luz do sol, quase não se dá por êle, a não ser no tempo dos ventos gerais, quando as mulheres se retraem, prendendo a barra da saia à sua passagem impetuosa, e os homens levam as mãos à cabeça, antes que a rajada maluca lhes faça voar o chapéu. Porém à noite, assim que o silêncio envolve a cidade, depois do toque de recolher da corneta do Quartel, ei-lo a correr entre alas de sobrados de azulejos, e zune, e geme, e esfuzia, sobretudo pela madrugada, com a friagem trazida das águas do mar e que lhe dá nôvo impulso, levando-o a galgar de arremêsso as ladeiras desertas e a invadir as casas pelos vãos das rótulas. Se há uma janela entreaberta, êle a fustiga sem cessar, e despetala as rosas nas floreiras, e leva de cima da mesa o jornal esquecido, e infla os reposteiros e cortinados, não poupando sequer a pequena chama nervosa, que se põe a tremer no bocal de vidro dos candeeiros.

Enquanto o vento sibila na rua êrma, trazendo de longe o galope dos cavalos e o rolar das rodas de um carro, Mariana

ouve a tosse de uma das filhas, na outra ala do sobrado, e atemorriza-se: "É Morena" — reconhece. Depois, outra tosse mais rouca: "Agora é Cristina".

O galope dos cavalos se torna mais próximo, ao mesmo tempo que o assobio do vento recrudesce, batendo com os galhos da mangueira nos vidros das janelas sôbre o quintal.

Inquieta, Mariana altcia o dorso nos travesseiros. E como estava rezando, na vigília da insônia aflitiva, já quase a findar o têrço, deixa em meio a salve-rainha e estende o olhar para o oratório, implorando mais uma vez a proteção da Virgem do Carmo para Teobaldo:

— Tome conta de meu filho, minha Nossa Senhora! — suplica, unindo as mãos frias, com uma expressão de ansiedade e pavor no rosto ainda môço.

A princípio tinha sido a Cipriana que se recolhera ao seu quarto, arrepiada de frio, com um febrão de assustar.

— A bicha agora me pegou, minha Sinhá — reconhece a velha, tirando do gavetão da cômoda uma palma benta, para colocá-la aos pés de São Benedito, batendo o queixo, ombros encolhidos, antes de se agasalhar nas varandas da rêde.

Volvidos dois dias, caíra a outra criada. E por fim, antes que a semana terminasse, Morena e Cristina tinham amanhecido com a temperatura acima de trinta e oito, dores no corpo, ânsias de vômitos, a cabeça a rodar.

— É a gripe, meu Deus! — exclamara Mariana, desatinada, sem saber que decisão tomar.

Desde que o Dr. Luna, chamado a ver a Cipriana e a Amparo, havia diagnosticado nas duas criadas a gripe espanhola, Mariana se tomara de receio pela vida de Teobaldo, muito magro e comprido nos seus oito anos incompletos. E mais alarmada ficara ao ver que, à revelia das precauções recomendadas pelo médico, há três dias as duas meninas não saíam de seus aposentos, com a febre a subir e descer, a subir e descer, sacudidas pela tosse e os calafrios.

O pavor de Mariana havia sido tão grande, assim que Morena e Cristina apareceram febris, que chegara a arrumar precipitadamente um baú de viagem, pensando fugir dali com o menino.

— A senhora não pode fazer isso — objetara-lhe o Dr. Luna, com um tom de voz enérgico, que destoava de seu feitio. — O seu lugar é aqui. Morena e Cristina são também suas filhas.

Ainda bem que, com muita antecedência, e inspirada por Nossa Senhora, ela havia tido o cuidado de transferir Teobaldo para a sala junto da alcova, redobrando a vigilância à volta do filho. E sempre a recomendar-lhe que não tivesse qualquer contato com as criadas e as irmãs, isolara-o numa parte da casa, limitando-lhe os passos à ala esquerda do sobrado. E a verdade é que o menino, desde cedo afeito à obediência, e sossegado de seu natural, ali permanecia quieto, entretido com seus livros de estórias, as suas estampas de santos e os seus cadernos de desenho, só de longe em longe chegando à janela para espiar distraìdamente a rua por trás das vidraças.

Deitada na alcova, Mariana podia olhar agora Teobaldo dormindo na sala, o corpo magro envolvido pela tênue claridade que o candeeiro da cômoda estendia até à janela da rua. Ao mais leve movimento do filho durante a noite, levantava-se assustada e, apalpava-lhe a testa, num pressentimento de tragédia. Como poderia viver, se seu filho morresse? Não, isso não aconteceria, que Nossa Senhora olhava por êle! E daí a momentos estava de volta, ainda com o coração batendo forte, e ia agradecer à Virgem do Carmo, mãos erguidas para o grande oratório de jacarandá defronte da cama, o milagre de sua divina graça, protegendo com especial bondade a vida e a saúde do futuro sacerdote.

Com efeito, já em fevereiro ou março, assim que abrissem as aulas, Teobaldo estaria no Seminário de Santo Antônio, começando o longo caminho que havia de terminar daí a nove ou dez anos, na imponência de sua missa nova, rezada certamente na Sé. Não fôsse a sua compleição franzina, alto demais para a idade, olhos um tanto pisados no rosto pálido, e desde o princípio do ano já estaria sob os cuidados do Padre Fonseca. O próprio menino, precocemente devoto e inclinado à Igreja, aguardava com impaciência êsse dia, contando nos finos dedos transparentes os quatro meses que ainda faltavam para sair pela primeira vez à rua na sua batina de seminarista, por sinal que já esperando por êle na imensidão do guarda-roupa da alcova.

E o certo é que, alternando confianças e sobressaltos, Mariana via agora a semana acabar, sem que nada de anormal ocorresse com Teobaldo.

Obrigada à lida da casa e à assistência às quatro doentes, a exaustão do dia atribulado não vencia de todo a sua angústia, e ela, de noite, apenas passava pelo sono, acordando aflita

ao mais leve ruído em seu redor. Sempre que saía do quarto das filhas ou das criadas, corria ao lavatório para lavar o rosto e as mãos, a ver se assim evitava levar consigo os micróbios que poriam em risco a vida do menino.

— Eu sei que a senhora está velando por êle — desculpava-se, de volta à alcova, parando diante da Virgem. — Mas me perdoe os meus cuidados, que eu também sou mãe e só tenho êste filho.

Agora, ouvindo o sibilo do vento e a tosse das filhas, Mariana procura acalmar-se, estendendo o olhar para o filho adormecido, enquanto volve a torcer as contas do têrço.

A noite se alonga, interminável. Ah, meu Deus! Não é que o vento apagou a vela benta do oratório? E Mariana, sem ao menos calçar as chinelas ao pé da cama, corre a acender novamente o pavio. De onde vem a corrente de ar? É ali da porta da varanda, que de propósito deixou entreaberta, para acudir a algum chamado das filhas ou das criadas. A chama da vela baloiça, perseguida por novas lufadas. Só há um recurso: fechar de vez a fôlha. E se as filhas chamarem? Pior seria se Teobaldo adoecesse com aquela aragem teimosa. E Mariana, mais que depressa, cerra a porta.

Lá fora, parece que o tempo está mudando. Uma a uma, Mariana experimenta as janelas, para ver se estão bem fechadas. O vento insiste pela fresta das rótulas, e é frio e úmido, como se fôsse chover. Ela afasta a mêdo uma das cortinas para olhar o céu. Está limpo, sem nuvens, carregado de estrêlas.

No poste da esquina, a lâmpada elétrica derrama a sua luz intensa na calçada vazia. Tôdas as casas fechadas. E a poeira a subir no ar, a um golpe da ventania.

— Parece que tudo morreu — considerava Mariana, pronta a se retrair para dentro da sala, e resolvida agora a cerrar as portas que guarnecem as janelas.

De súbito, um grito de desespêro corta o silêncio, para os lados da Rua da Paz, assim que cessa o tinido das ferraduras dos cavalos.

Os olhos de Mariana, alargados de pavor, se voltam para á, por trás da vidraça que o vento fustiga, e dão com o carro funerário, negro, quatro penachos, recolhendo um corpo envolto em lençol, na porta-e-janela aos fundos da casa de Sinhàzinha Dourado.

— Mais um — comenta, gelada de mêdo, retrocedendo para dentro da sala e correndo rápida a cortina, a mão direita diante dos lábios arroxeados.

E quantos, naquela noite? Os jornais tinham deixado de dar o número dos mortos, para não aumentar o pânico na cidade. Sabia-se apenas que eram muitos. Até o Govêrno havia perdido a conta. Mais de mil — afirmava-se. E era de preferência à noite que o carro funerário os recolhia, amontoando uns sôbre os outros, alguns com a roupa do corpo, outros amortalhados no próprio lençol.

Outro grito na rua. E novamente o rolar das rodas e o tinir das ferraduras. Até quando seria assim, minha Nossa Senhora? Ninguém sabia ao certo os parentes e amigos que perdera. Famílias inteiras tinham desaparecido em menos de uma semana. E até para encontrar um padre que encomendasse os corpos era uma luta. Os sinos não dobravam mais quando passava o coche fúnebre. Os médicos eram raros. Já escasseavam os remédios nas farmácias.

— Por que tanto castigo, meu Deus?

E Mariana sustém a respiração, fisionomia tensa, a sombra magra projetada na parede, lívida, crendo ouvir outro grito, que o zunido do vento abafa numa lufada mais forte.

— Agora, com o Padre Galvão entre a vida e a morte, — tinha-lhe dito o Dr. Luna — na última visita, estou em apuros para arranjar quem me ajude a dar assistência aos mortos e moribundos.

Mariana se volta para o oratório, movimentando nervosamente os lábios trêmulos, no sussurro da prece:

— Jesus Cristo, ouvi-nos. Senhor Deus, atendei-nos. Tende piedade de nós. Jesus Cristo, ouvi-nos. Senhor Deus, atendei-nos. Tende piedade de nós.

E enquanto repete a jaculatória, quase de si para si, acerca-se da cama do filho e se debruça sôbre êle. Muito de leve, para não despertá-lo, pousa a mão na testa do menino, dominada pelo mêdo. Depois, mais inquieta, põe-se a ouvir o ritmado arfar de sua respiração, crendo sentir ansiedade no sono de Teobaldo.

— Será possível, minha Nossa Senhora?

Corre à cômoda, apanha o termômetro, dá mais luz ao candeeiro. (Sempre o vento a zinir por baixo das portas e

nos vãos das rótulas.) Logo regressa à sala, num princípio de desorientação, e outra vez se debruça sôbre o menino, mãos geladas, olhar febril, não sabendo o que há de ser de sua vida, se Teobaldo adoecer.

— Não é nada, não é nada — repeté baixinho, tentando sugestionar-se com as suas próprias palavras, enquanto agasalha o termômetro no braço do filho. — É impressão minha. Êle não tem febre. Nossa Senhora não deixa que meu filho adoeça.

Embora o relógio da varanda se faça ouvir durante a noite na imensidão do sobrado, o vento da rua, esfuziando dentro de casa, não permite que Mariana lhe escute agora o ritmo dos segundos. E ela tateia mais uma vez com a ponta dos dedos a testa de Teobaldo, na iminência de chorar.

— Tem piedade de mim, meu Deus!

E quando retorna à cômoda, para olhar junto à luz do candeeiro a coluna de mercúrio do termômetro, seu contentamento é tão grande que se põe a rir baixinho, ao mesmo tempo que enxuga as pálpebras com a costa das mãos.

— Perdão, minha Nossa Senhora — implora, de joelhos diante do oratório, a vista voltada para a pequena imagem da Virgem do Carmo. — Não se zangue comigo por eu ter ficado aflita. Mãe é assim mesmo. E Teobaldo é a minha vida. Não me castigue por eu gostar mais dêle que das meninas. Quando meu filho nasceu, eu já vivia sòzinha. E tive de ser mãe e pai para êle. As meninas conviveram com Ernesto. Teobaldo, não. Eu sou tudo para êle, êle é tudo para mim.

Faz uma pausa, respira fundo, deixa cair o olhar entristecido, como envergonhada. E depois de um silêncio:

— Eu não tenho culpa de estar sòzinha. Lutei muito. Muito mesmo. Cheguei a pensar que ia perder a cabeça e cometer uma loucura. Mas a senhora me salvou. Cada dia que passava, maior era a minha repulsa por Ernesto. E tôda gente parecia interessada em vir me contar o que êle fazia. Quando não vinham aqui, mandavam cartas anônimas. E eu humilhada, dentro de minha casa. De noite, quase não dormia, com Ernesto ali do meu lado. De dia, fechava-me no meu silêncio. E êle a querer que eu fôsse a mesma, para fazer comigo o que bem entendia. Não! Era demais! Antes morrer! Mas para que repetir o que a senhora já sabe?

Nova pausa. E outra vez um galope, agora do lado da Rua da Cruz. O vento volve a correr, como se houvesse amainado

para deixar o cavalo passar, e sibila mais forte, batendo os galhos da mangueira contra as janelas da varanda, enquanto Teobaldo se vira para o outro lado da cama, ainda dormindo.

— Se eu não tivesse feito o que fiz, — continua Mariana, na mesma voz sussurrada — teria sido pior. Muito pior. Porque depois é que Ernesto começou a dar os seus grandes escândalos. Um horror. Um verdadeiro horror. Êle, aqui em casa, acabaria perdendo o filho. E perderia as filhas também, minha Nossa Senhora. Eu não tinha outro caminho. Sei que casamento celebrado diante de Deus, não se desmancha nunca. Mas preferi acabar com o meu, fôsse de que modo fôsse. Não me castigue por isso. Eu salvei meu filho. Para Deus. Para Jesus. Para a Senhora. Para a nossa Santa Igreja.

Depois, já de pé, ainda insistiu em lembrar, de si para si, os desapontamentos que lhe haviam amargurado a vida, no correr de quase dez anos de casada, e dos quais só tivera como lenitivo, na hora de seu maior infortúnio, o nascimento do filho. No receio de um castigo do céu por se haver separado do marido, chegara a temer que a criança nascesse morta ou deformada. E quando a viu perfeita e sadia, após um parto facílimo, que nem ao menos reclamara a presença de Miss Lory, prontamente se convenceu de que Deus lhe dava razão no seu ódio a Ernesto, e logo tomou a Virgem do Carmo como madrinha do menino.

— E há de ser padre, com a graça de Deus!

À medida que Teobaldo tomava consciência do mundo, Mariana ia vendo confirmar-se a inspiração divina de seu voto. Foi com o catecismo que ela lhe ensinou a ler, maravilhada com a inteligência do filho, que tudo aprendia na primeira lição. Sentiu-lhe depois a índole compenetrada, o ar precocemente arredio, e o gôsto com que, a um canto, pelo fim da tarde, cumpria a sua devoção, numa idade em que os outros meninos brincavam na rua o chicote-queimado ou soltavam nos ares os primeiro papagaios de papel.

Houve um tempo em que pensou ver o filho frade, no Convento do Carmo, algumas quadras adiante do sobrado. Mas a idéia de que êle, tão magro e comprido, poderia ser mandado para longes terras, envergando o hábito pesado dos franciscanos, alpercatas de couro, cordão grosso à cintura, fê-la ponderar à Nossa Senhora que o melhor mesmo era matricular o menino no Seminário de Santo Antônio, ali em São Luís. Se as vocações sacerdotais eram poucas, por que desviá-las para o claustro? Antes dos vinte anos, Padre Tebaldo estaria rezando a sua missa nova, provàvelmente na Sé. E para fazer sentir à Virgem

que êsse destino do filho em nada alterava a antiga devoção, continuou a ir com êle, todos os domingos, à missa das dez, na igreja do Carmo, mesmo depois que a gripe espanhola assolou a cidade.

Durante quatro anos, Mariana se havia retraído no sobrado, raramente chegando à janela, sem sair à rua uma vez sequer. E só depois que Teobaldo, já crescido, lhe pôde fazer companhia, foi que voltou a ir à missa, todos os domingos, e sempre pelo mesmo caminho: descia a Rua do Sol, dobrava a Rua do Teatro, atravessava a Rua da Paz, contornava o muro do Convento do Carmo, com a mão do menino prêsa à sua, e disposta a defendê-lo de qualquer ameaça do pai — e tinha sido sempre assim que mãe e filho entravam na igreja.

Agora, de volta à cama, após abrandar a luz do candeeiro, Mariana retoma o têrço, antes de se deitar. Enquanto reza, reconhecida à proteção que Nossa Senhora dispensava a Teobaldo, não o perde de vista, na sala imersa em penumbra.

Lá fora, o vento continua a correr na rua tranqüila. De vez em quando, Morena e Cristina voltam a tossir. A sombra de Mariana, após estender-se no tapête, galga a parede fronteira, permanece ali quase sem se mover. E de repente, como se o ruído fôsse dentro da sala, a zoada áspera de um vidro estilhaçado por uma pedrada.

Mariana volve correndo à cama do filho, vê que nada lhe aconteceu, e olha em redor, atordoada. Depois é que se lembra de afastar a cortina para sondar a rua.

— Quebraram mais uma lâmpada! — exclama, ainda arquejante, procurando reprimir o susto, ao mesmo tempo que acomoda as pupilas à escuridão.

Embora seja úmida a viração da madrugada, o tempo continua firme. Arqueando-se sôbre as ruas ermas e as casas fechadas, o céu estrelado e alto é um imenso lago sôbre o qual miríades de luzes pequeninas se debruçam cintilando. E debaixo dêsse céu indiferente, vai passando agora, mais uma vez, pela esquina da Rua da Cruz, o carro funerário carregado de corpos, levado a passo pela parelha fatigada e agitando na sombra circundante a lanterna vermelha que pende da boléia.

II

Eram dois músicos ciganos, cada um com o seu violino. Um, magro, olhos oblíquos, uma cicatriz riscando o queixo de

lado a lado, o bigode ralo descendo em arco nos cantos da bôca. O outro, volumoso, o cabelo quase a emendar com as sobrancelhas arrepeladas, olhos profundos e prêtos. E ambos com um lenço vermelho atado ao pescoço, a camisa fôfa apertada no cinturão de couro, as pernas da calça a desaparecerem no cano alto das botas por engraxar.

— Por aqui — indicou Ernesto, já na forquilha da sela, animado, afrouxando a rédea.

Os violinos, a um só tempo, deram comêço à malaguenha romântica, enquanto Ernesto, radiante, sob o céu de lua nova, contornou a curva da Rampa, e entrou no coração da Praia Grande, ladeado pelos dois músicos.

Àquela hora, com exceção dos guardas do Tesouro do Estado, que cabeceavam de sono à entrada do feio casarão de dois andares batido aos fundos pelo mar, não se via uma só pessoa na longa rua sinuosa que as lâmpadas elétricas iluminavam. E de um momento para outro, no silêncio compacto, diante dos pesados casarões cerrados que perlongavam a calçada, rompeu a vibração dorida dos dois violinos, com o acompanhamento das ferraduras nas pedras do calçamento.

— Formidável! Formidável! — exclamava Ernesto, tomado de doida alegria. — Isto nunca se viu aqui, rapazes! Formidável! Formidável! Nem em Florença, no tempo da peste!

E ficou de pé nos estribos, num arremêsso de júbilo, chapéu para o alto da testa, sobrancelhas levantadas. Logo voltou a acomodar-se na sela, seguindo a curva da Rua Portugal, sempre ao som dos violinos ciganos, para dobrar à esquerda, mais adiante, na comprida Rua da Estrêla, caminho da Rua de Nazaré.

De vez em quando, uma janela de seu trânsito abria-se espantada, para deixar passar uma cabeça curiosa, a quem Ernesto saudava, tirando rasgadamente o chapéu, no mesmo passo mole do cavalo, não raro movendo o braço livre como a reger feliz o seu concêrto ambulante, já bem perto agora do centro da cidade. Antes de chegar à Praça Benedito Leite, ei-lo que pula da calçada junto à alta porta do casarão de esquina e bate com estrondo a carranca da aldraba. E ante o silêncio dos músicos:

— Que é isso, rapazes? De modo algum! Não admito! Faço questão de música! De muita música! Quero subir ao som de violinos! — gritou, volvendo a bater com fôrça a aldraba de ferro.

E uma voz de mulher, irritada, no andar superior:

— Já vai. Já vai. Não precisa botar a porta abaixo.

De tarde, antes que o sol quebrasse, Ernesto havia descido ao Cais da Sagração, com o propósito de espairecer da memória, num passeio longo até à Gamboa, subindo a Rua do Navio, e passando pela Quinta da Vitória, as cenas de angústia da última noite, duas casas adiante da sua, onde um velho e uma criança tinham morrido, com algumas horas de diferença. Sobretudo a criança, de claros olhos apagados que êle ajudara a cerrar, tinha ficado na sua lembrança, sòzinha na sua rêde com uma bruxa de pano, sem que ninguém se aproximasse dela. E havia sido êle que a envolvera num lençol, juntamente com a boneca, para ser enterrada com o avô, antes do amanhecer.

À altura da Rampa, dera com o Romão Barqueiro, preguiçando no paredão do Cais, peito aberto, a cabeça nas mãos entrelaçadas.

— E o barco, Romão?

— Ali atracado, esperando pelo senhor.

De longe em longe, sempre que se via assaltado por um impulso de fuga da cidade, Ernesto saía ao largo da baía, no barco do negro Romão para volver quando a noite se estrelava sôbre o mar. Partia Barra a fora, sem mêdo da imensidão das águas, e por vêzes chegava a Alcântara, do outro lado do horizonte — velha cidade morta, de belos sobradões caindo aos pedaços, com os vestígios da antiga imponência nos portais brazonados, nas sacadas de ferro, nas paredes cobertas de azulejos portuguêses, nos altos campanários vazios onde só vibra o vento, o mesmo vento que percorre as ruas desertas e o escampado das praças, num lamento contínuo que o marulho das ondas não se cansa de acompanhar.

Ernesto apeou junto à Rampa, decidindo-se:

— Pois então vamos, companheiro.

Libertou dos arreios o cavalo, sentindo o azul da parte propício ao passeio no mar, bateu numa das ancas do animal para que se fôsse.

— Se quiseres encher a barriga, tens capim à vontade, em tôda a volta do Cais. E se quiseres encher os olhos, como burro diante do palácio, tens ali em cima, entre as palmeiras, o Palácio do Govêrno, com um bobalhão lá dentro.

Já o Romão havia subido ao barco e tratava de içar as velas, o dorso nu reluzindo ao sol. Em pouco, impelido pelo vento, com Ernesto de pé na proa, chapéu na mão, o "Boa

Sorte" tinha-se afastado do cais, o mastro a ranger com a vela que subia e inflava puxada pelo barqueiro. A maré alta, cobrindo as coroas de areia, realçava a beleza da cidade, agora para trás, alteada na curva de suas colinas.

E Ernesto, com os olhos num navio fundeado próximo à Ponta da Areia:

— Romão, aquêle não é o "Victory"? É sim. Aposto que é. Estou conhecendo pela barra escura da chaminé. É êle. Olha: lá está o nome no casco. E eu a jurar que os alemães tinham afundado o navio do velho Linton!

— Entrou esta manhã — adiantou o barqueiro.

— Vamos a bordo, Romão. Não posso deixar de dar o meu abraço no velho Linton. Amigo de mais de trinta anos. Amigo também de meu pai, Romão.

E foi vendo o navio crescer, compacto, quase negro, a bandeira inglêsa no mastro, enquanto o tempo retrocedia e Londres ia saindo da bruma, numa distante manhã de maio, os edifícios escuros alongando-se na orilha do Cais da Sagração. Depois, quanto tempo havia passado! Só o velho Linton, de bigode grosso, suiças arrepeladas, bochechas vermelhas, impecável no seu uniforme branco, entrava ano e saía ano, indo e vindo no comando de seu barco, sem mudar em nada a estampa, o bom humor e a robustez, sòlidamente plantado nas pernas curtas, a mesma voz molhada com que, no castelo da proa, lhe revelara em meio à bruma a tôrre do Big Ben. E como esquecer os primeiros dias cinzentos, na confusão da cidade enorme e desconhecida, até se familiarizar com a língua, os colegas e os professôres, no rigor do internato? Mas a adaptação veio por si, mais depressa do que supunha, com os primeiros amigos e os primeiros passeios, mundo nôvo que amesquinhava a sua cidade natal, do outro lado do mar, pobre São Luís pequenina, onde agora só tinha o pai, com seus negócios e o seu orgulho de Vice-Cônsul de Sua Majestade Britânica, invariàvelmente agasalhado nas largas abas do chapéu-de-chile que não tirava a qualquer um. Nas férias, por que voltar ao Maranhão, se o pai vinha ao seu encontro e o levava a Paris? Por fim, uma noite, já na Universidade, todo o seu destino se desbaratava com um cabograma de São Luís: o pai em estado grave, paralítico de um dos lados. Desatinado, precipitara o seu regresso, e antes de embarcar recebia nôvo cabograma, com a notícia fatal. E como volver a Londres, com o mundo de negócios em São Luís, e o inventário a fazer, e as dívidas a saldar, e o vasto

patrimônio a pôr em ordem? Dois anos depois, senhor de um pequeno mundo que dependia de suas ordens, não pensava mais acabar o curso, novamente integrado na cidade natal e já afeito ao seu cavalo de sela, à sua sesta no mormaço da tarde, e aos seus banhos de rio, não querendo outra vida. E essa vida outra vez mudava, volvidos mais três anos, com a repentina paixão por Mariana, paixão que o próprio casamento arrefecera, ao revelar na criaturinha frágil a mulher voluntariosa e intransigente, que aos poucos o devolvera à solidão e ao cavalo de sela.

— Há mais de ano, Romão, que eu não dou o meu abraço no velho Linton — dizia agora Ernesto, apertando os olhos para o portaló, a ver se identificava o oficial de pé no patamar.

E radiante, logo depois, sacudindo para o alto a mão festiva:

— Mr. Graig! — gritou.

Sim, era êle, o imediato, magro e coibido. E logo varreu com a vista o convés, em busca de outros amigos na tripulação, sempre acenando, de pé na proa, o chapéu amassado na mão efusiva. Agora, sim, sabia que ia ter uma bela tarde, ali a bordo, em companhia do velho Linton, dando a si mesmo a sensação de que mudava de terra, sem perder São Luís de vista. Antes da guerra, o "Victory", de três em três meses, entrava regularmente no pôrto, com o seu penacho de fumaça escura. Se o velho não descia a terra, êle, Ernesto, ia ao seu encontro no navio. E o bar, a bordo, nessas ocasiões, se animava ruidosamente, por entre o tinir dos copos e das garrafas, com Ernesto ao piano e o Linton a seu lado cantando canções escocesas. A guerra, nos últimos dois anos, havia espaçado de tal modo êsses encontros, que Ernesto chegara a pensar que eles nunca mais se repetiriam. E agora, inesperadamente, ali estava o "Victory", sólido, escuro e tranqüilo, entre os seios de môça das coroas de areia.

— Nom! Subir nom pode, Mr. Ernesto! — gritou Mr. Graig, ao ver Ernesto adiantar o braço, na borda do "boa Sorte", para segurar o corrimão da escada.

Mas logo a cara gorda do comandante surgiu por trás de Mr. Graig, iluminada por um riso feliz, as bochechas vermelhas e sacudidas:

— Oh, nom! Mr. Ernesto pode. Nom estar proibida visita para Mr. Ernesto. Mr. Ernesto é da tripulaçom!

E as pernas curtas do velho adiantaram-se para o patamar, ao mesmo tempo que seus braços se abriam para envolver Ernesto, cujo chapéu mole, sùbitamente levado por uma rajada, subiu rodopiando no ar e foi cair longe, na proa do navio, desatando a gargalhada do comandante e o riso do imediato:

— Tirar o chapéu dessa maneira, para cumprimentar os amigos, — observou Linton, na sua fala arrastada — só no Maranhom, Ernesto!

E as alegrias da tarde prosseguiram noite alta, entrando pela madrugada, até que acudiu a Ernesto descer à cidade com os dois músicos ciganos da orquestra de bordo:

— São Luís está muito triste, Mr. Linton: precisa de música para esquecer os estragos da gripe espanhola.

E o velho, muito vermelho, os olhinhos apertados de uisque e de sono:

— Entom leve os ciganos. Com uma condiçom: mandar êles de volta, antes do navio sair.

E enquanto Ernesto aguardava, na calçada do casarão da Rua de Nazaré, que a Chicó acabasse de descer a escada para abrir a porta — "Já vai. Já vai. Não precisa botar a casa no chão!" — os músicos voltavam aos violinos, com os gemidos e soluços de uma serenata.

— Formidável! — exclamava Ernesto, no auge da alegria, a esfregar as mãos, indo e vindo na calçada. — Nunca se viu uma coisa igual!

E a velha, logo depois, entreabrindo a porta, agasalhada no roupão escarlate, o candeeiro numa das mãos:

— Que maluquice é essa? — protestou, sacudindo os perigalhos da papada — Você perdeu a cabeça? São duas horas da madrugada. E eu estou ardendo em febre. Deixe isso para outro dia. Por favor: vá embora.

Porém Ernesto, levado por seu ruidoso contentamento, empurrava a porta, disposto a entrar e subir, sempre com os dois músicos tocando.

— Eu vim curar a tua gripe ao som de violinos — argumentava, numa seriedade gaiata. — Anda, Chicó. Vai acordar as meninas. Quero ver tôdas de camisola ouvindo música. Me dá êsse candeeiro. Não me contraries, amor. Sê boazinha. Zangada, ficas mais feia.

E a velha, numa voz suplicante:

— Já lhe disse que estou doente. Aqui já morreram duas. Por favor: vá embora. Agora estou pedindo.

Ernesto retrocedeu para a calçada:

— Está aqui quem não falou, Chicó — replicou, recolhendo a alegria. — Fica o dito por não dito. E vai te deitar. Precisas de alguma coisa? Estou às ordens. Sabes que sou teu amigo. E os amigos a gente conhece na hora do apêrto.

A velha sorriu, alteando para o rosto enrugado a luz do candeeiro:

— Se eu precisar, mando lhe dizer.

E tratou de proteger-se contra o vento úmido, por trás da larga porta entreferhada.

— Por aqui, amigos — gritou Ernesto aos ciganos, novamente na forquilha da sela. — E continuem tocando.

No tôpo da ladeira, deteve-se um momento, hesitando na direção a tomar. Por fim, decidindo-se, dobrou à esquerda, para entrar na Travessa da Sé e sair na Rua do Egito, caminho do Beco dos Barqueiros, à procura de uma lanterna vermelha de quitanda de peixe frito. E sempre as ruas desertas, como se tôda a população houvesse fugido da cidade.

Pouco antes da igreja do Rosário, em cujo batente de pedra reluzia uma fileira de velas atormentadas pelo vento, Ernesto ouviu o retinir de outras ferraduras, seguido do ruído de rodas lerdas na subida da Rua das Barrocas.

— Parem! Parem! — gritou para os músicos.

E tirou o chapéu diante do carro funerário.

Em silêncio, cabisbaixo, percorreu o resto da rua, sem conseguir esquecer a visão dos corpos amontoados, que a lâmpada da esquina havia alcançado com o seu cone de luz. O Luna lhe tinha assegurado que Morena e Cristina não corriam perigo. Ficasse tranqüilo — dissera-lhe. Como duvidar, se o amigo nunca lhe falara nas doenças da família? E Ernesto ergueu novamente a cabeça confiante, sentindo no rosto a brisa úmida que vinha do mar.

III

Morena tinha acordado com o rumor de um galope. E logo saltara da rêde, na suspeita de que era o pai, montado no seu cavalo, que ia passar ali. Pensou chamar a irmã, ainda em pleno sono, no outro ângulo da sala quase às escuras, porém, receando que Cristina custasse despertar, correu sòzinha à janela, pés no chão, e atirou o olhar para fora, o rosto contra a vidraça.

— É êle, sim — afirmou, alvoroçada, ouvindo o galope mais perto, já na Rua do Sol.

Embora a claridade do dia viesse apontando por cima dos telhados, a luz não banhava de todo a rua, de modo que se pudesse reconhecer quem passava. Não demorou muito e o cavalo irrompeu na meia luz cinzenta, com Ernesto na sela, galopando da direção do Largo do Carmo, antes que Morena conseguisse torcer a maçaneta para sair à sacada.

— Ah! — suspirou ela, desapontada.

E ficou imóvel, por trás da vidraça, o olhar alongado para o fim da rua, sem ânimo de tornar à rêde. Sentia o coração apertar, num estremecimento de emoção. Na véspera, agasalhada na rêde contra o frio da febre alta, tinha pensado muito no pai. Não teria adoecido também? Se estivesse doente, quem cuidaria dêle? E comprimindo agora o rosto contra o vidro, ela revê o pai na varanda do sobrado, nas mãos o chapéu e o rebenque de vime, quase ao mesmo tempo que Mariana, sentindo-lhe o tinir das esporas nos degraus da escada, vem ao seu encontro, martelando o soalho com o tacão das botinas: "Que veio fazer na minha casa? Vá embora! Saia! Deixe-me em paz! Já lhe disse que não o quero aqui!" Novamente as esporas retinem nos degraus da escada, a cancela de ferro do corredor bate com estrondo, e outra vez ressoam as ferraduras nas pedras do calçamento, até que o galope do cavalo se apaga nas vozes da rua, e Morena vê que a luz da manhã, ainda desmaiada, vai abrindo no horizonte uma claridade côr-de-rosa, por cima dos telhados.

— Que foi que êle fêz à mamãe, para que ela o odeie tanto? — indaga a si mesma, esmagando ainda mais o rosto pálido contra a vidraça.

Já uma vez, há tempos, quis ouvir a mãe sôbre isso. E Mariana, exaltada: "Que foi que teu pai me fêz? Fêz demais, ouviste? Fica sabendo que êle não é digno de vocês. E basta." Mas não, não bastava — reconhecia Morena. Não era digno por quê? A verdade é que, revolvendo as suas lembranças mais antigas, ela só tem motivos para gostar dêle. E à medida que a claridade côr-de-rosa se alarga sôbre os telhados escuros, com o tatalar das andorinhas no beiral do sobrado, Morena reencontra o pai na varanda, à cabeceira da mesa, numa noite de chuva, a recortar as figuras do presépio do *Tico-Tico*.

— Que é que fazes aí, Morena?

E a voz de Cristina, em tom de censura, desfaz instantâneamente o vulto de Ernesto, e a imagem do Menino Deus,

e os Reis Magos com os seus camelos, e a varanda iluminada pelo candeeiro de opalina, e restitui Morena à vidraça da janela, a olhar a rua deserta que o Sol começa a clarear.

— E estás descalça ainda por cima? — volve Cristina, elevando um pouco o tom da reprimenda. — Tu estás maluca, menina? Não te lembras do que disse ontem o Dr. Luna? O pior não é a gripe — é a recaída! Anda, vem te calçar.

Morena enfia os chinelos, preguiçosa. Estica os braços, boceja molemente, olhos doridos, um gôsto de fel na bôca. E aproximando-se da rêde:

— Sabes quem eu acabei de ver?

Demora a resposta, abrindo a rêde para se deitar. E por fim, num suspiro, alongando a resposta noutro bocejo:

— Papai.

A claridade da rua destaca o vulto de Cristina, de pé junto à rêde da outra, uma expressão de dúvida no rosto redondo:

— Olha bem para mim, Morena.

— É verdade. Juro que não estou te enganando. Acordei ouvindo um galope. Corri à janela. Era êle.

Um acesso de tosse sufoca-lhe as palavras, e Morena senta na rêde, sacudida pela crise, as mãos crispadas à altura da bôca. Quando consegue vencer a tosse, vê que a irmã lhe estende a colher do xarope:

— Anda, toma depressa — diz Cristina, solícita, amparando-lhe a cabeça.

Uma em frente da outra, na claridade que se alastra pela sala, as duas irmãs deixam sentir seus contrastes, sem nada de comum: Morena é cheia de corpo, ar de môça feita, o rosto ovalado do pai, com os mesmos olhos negros e pestanudos; Cristina, três anos mais nova, não perdeu de todo o físico de menina, os seios mal apontando na camisola, a bôca fina de Mariana, cabelos lisos apanhados para trás, e uns modos sérios, que lhe dão mais idade e a aproximam ainda mais da mãe, sobretudo quando fala em tom de reprimenda, as sobrancelhas travadas, um risco alongando o nariz.

Morena deita a cabeça para trás, escanchada na rêde, as pernas estiradas, olhos semicerrados, a barra da camisola suspensa acima dos joelhos.

E Cristina:

— Morena, olha como estás sentada. Senta direito!

Como a outra não lhe dê ouvidos, e após uns momentos de expectativa, toma-lhe de uma das pernas, corrigindo-lhe a posição, sem que Morena proteste, abandonada agora na sonolência das pálpebras entrefechadas, as mãos esquecidas no regaço.

A claridade da sala se estende ao quarto contíguo, através de duas portas escancaradas, de corte regular, que se confrontam com outras duas ao fundo, sempre cerradas, no limite da varanda. E uma dessas portas se descerra, logo a seguir, para deixar passar Mariana, que entra depressa, trazendo a bandeja de café, e logo retorna, como se prendesse a respiração no trajeto entre a porta e a sala. E já quase na varanda é que a mãe indaga às filhas como passaram a noite e se ainda têm febre.

— Estamos quase boas — replica Morena, em tom ressentido, que o rangido da porta, fechada com nervosismo, não atenua de todo.

E sempre de pálpebras caídas, acompanha os passos de Mariana no soalho da varanda, ao mesmo tempo que inspira fundo, sem poder reprimir a mágoa do modo por que ela e a irmã são tratadas pela mãe. Agora, ainda tinha a justificativa de não querer se gripar. E nos outros dias, quando não havia essa desculpa?

O reflexo do espelho que pende da parede multiplica a luz na sala, destacando o desalinho das roupas nos braços de uma cadeira, as revistas ao pé da rêde de Morena, a rêde de Cristina do outro lado da peça, um grupo de palhinha fora do lugar, a mesa de centro atochada de remédios, a secretária de mogno ladeando uma estante baixa atulhada de livros e revistas. Dominando a sala, por cima do consolo de mármore onde Mariana deixou a bandeja, sôbre um suporte doirado, uma pequena imagem de Nos. Senhora do Rosário. E ajoelhada diante da imagem, Cristina começou a rezar o seu têrço.

Para que o rangido da rêde nos armadores não perturbe a irmã, Morena firma os pés no chão, e outra vez escuta os passos de Mariana perdendo-se para os fundos do sobrado. Lá fora não há mais a algazarra das andorinhas. O dia límpido, de uma claridade ofuscante, mostra apenas uns farrapos de nuvens por cima da igreja de São João.

Os dias seguidos dentro de casa, quase sem sair dos dois aposentos contíguos, começam a entediar Morena, que se põe a seguir com os olhos entreabertos os fiapos de nuvem levados pelo vento na direção do Quartel. Ela não sabe o que

fazer de suas intermináveis horas vazias. De que adianta olhar a rua, se raramente passa uma pessoa? De um lado e de outro as janelas estão fechadas. E na crista dos telhados, de asas abertas ao sol matinal, o vulto negro dos urubus, aos dois, aos três, enquanto as rolinhas arrulham, agravando o mau agoiro. Lembra-se agora de ter ouvido um grito pela madrugada. Logo aconchega junto aos seios as varandas da rêde, assaltada pelo mêdo de morrer. Se morresse agora, iria do mundo sem conhecer o lado melhor da vida. E tanto que sonhara com um vestido de baile, numa noite de gala no Cassino! Sente as pálpebras mais pesadas, o quebranto amolece-lhe o corpo, e tudo oscila à sua volta, as janelas, as paredes, o soalho, o teto, hiato repentino entre a vigília e o sono, de que prontamente se recupera, endireitando logo a cabeça, a tempo de ver que Cristina vem ao seu encontro com a bandeja do café e se curva sôbre a cadeira junto à rêde.

— Agora, trata de te alimentar — diz-lhe a outra.

Só então repara que, no breve intervalo de sonho por que acaba de passar, a irmã teve tempo de dar ordem à sala e ao quarto.

— Acho que dormi — reconhece.

— E de ressonar. Dobrei as roupas, arrastei o sofá e as cadeiras, coloquei os livros e as revistas na estante, e tu dormindo.

Morena retesa os braços, estremunhada. Com a costa das mãos, roça as pálpebras, bocejando, no esfôrço para espalhar o sono:

— Ainda tens febre?

— Acho que não.

— Pois eu tenho. Pouca, mas tenho. E esta preguiça é ela que vai subindo, exatamente como ontem.

Cristina apalpa-lhe a testa, semblante apreensivo. E retraindo a mão, com os olhos crescidos:

— E não é pouca: estás pegando fogo! — exclamou, exaltando-se. — Toma logo o teu café e trata de te deitar. Por favor, vê se tens um pouco mais de juízo: não me ponhas os pés no chão. O chinelo está aí debaixo da rêde, esperando por ti. Só não o calças porque não queres. Aí tens o resultado: febre alta outra vez. Olha o que nos disse o Dr. Luna: o pior não é a gripe — é a recaída.

— Sim, mamãe — pilheriou Morena — De agora em diante, prometo me corrigir; não descalçarei o chinelo, nem mesmo para me deitar.

Cristina, sem lhe dar resposta, vai ao quarto, traz dali um travesseiro, acomoda a cabeça da irmã, rosto fechado, sempre observada por Morena, que ainda a olha com ar de riso.

— Trata agora de ficar quieta.

— Sim, mamãe — concorda Morena.

E continua a seguir a outra pela fresta das pálpebras, nos seus movimentos pela sala. É bem a mãe — reconhece Morena, desta vez a sério, vendo-a de costas, novamente na direção do quarto. Os cabelos, negros e fartos, é que são do pai. Agora, de perfil, a semelhança ainda mais se acentua. O mesmo nariz, o mesmo queixo, o pescoço curto. E até o mover dos braços, sacudindo o lençol da cama. Quando Cristina fôr mais velha, há de mudar como mudou a mãe? E Morena traz à memória o velho álbum de retratos da família — álbum escuro, de fechos doirados, de cujas fôlhas foram arrancados todos os retratos do pai — e revê a mãe ainda môça, exatamente igual à filha.

— E eu saí a papai — diz a si mesma, com uma ponta de vaidade, aproximando as dobras da rêde, num arrepio de frio.

Daí a pouco, sente novamente na testa a mão gelada de Cristina:

— Deves estar com mais de trinta e oito. Mas isso passa. Se Deus quiser, de tarde estarás melhor. Agora mesmo, rezei por ti.

Porém Morena, longe, imersa no quebranto da sonolência, quase não lhe ouve as palavras. A luz crua do Sol atravessa-lhe as pálpebras, numa refulgência sangüínea. E ela vê o pai a galope numa estrada longa, entre altas ribanceiras, enquanto Cristina, inquieta, ouvido apurado na direção da escada, pede a Deus que o Dr. Luna não demore a chegar.

IV

De pé no patamar à entrada da varanda, assim que ouviu rumor de passos na escada, Mariana via agora o Dr. Luna galgar os degraus de madeira, apoiando-se no corrimão, e reprimia com esfôrço a vontade impulsiva de lhe ordenar que subisse mais depressa.

O médico, tranqüilo de seu natural, e gordo, muito gordo mesmo, a papada cobrindo o colarinho, o ventre a sair das

abas cansadas do paletó caído para os lados, avançava com lerdeza o borzeguim rangente, suspirava fundo, arremessava mais uma vez o corpanzil para o alto, sempre bufando, até alcançar, num *uff* de alívio, a volta entre os dois lanços da subida, e aí parou, extenuado, num sôpro mais forte, a enxugar num grande lenço machucado o suor que lhe banhava o pescoço.

— Com as minhas banhas — pilheriou, para si mesmo — qualquer escadinha de sobrado é tão alta quanto a escada de Jacó.

E animando-se, para continuar a escalada:

— Vamos embora, Seu Luna, que ainda temos muito que fazer esta manhã.

Não obstante a gordura excessiva, corria êle a cidade, de manhã à noite, levado por uma vitória sacolejante, que a malícia das ruas dizia ser a carruagem de Ana Jansen. Sempre de bom humor, era assim que explicava a sua presença em São Luís: "Nasci no Rio Grande do Sul, estudei na Alemanha, passei uns anos nos Estados Unidos, e ia de volta à minha terra, quando fui obrigado a ficar no meio do caminho, não podendo dar mais um passo, com o pêso do meu corpo".

A verdade é que viera ao Maranhão, a convite do Govêrno do Estado, para reorganizar a Saúde Pública, e dali não quisera sair, encantado com a cidadezinha de sobrados e ladeiras, que dispunha, no seu entender, do melhor clima do mundo.

Desde então morava para os lados do Jenipapeiro, numa ruazinha adiante da igreja dos Remédios, na casa ajardinada a cavaleiro do rio Anil, e ali distraía a sua paz de solteirão entre o canto dos pássaros, a paisagem descortinada de sua janela, o embalo da rêde, e a leitura de uma infinidade de revistas estrangeiras que o correio lhe trazia.

Nas três últimas semanas, quase não tivera tempo de estirar-se, para a preguiça dos sonos demorados, na fresca rêde de varandas compridas, armada diante do janelão aberto sôbre o rio. Dia e noite andava a atender doentes, sem horas para descansar. E como os seus casos agora eram quase todos graves, vivia a cheirar uma bolinha de naftalina, que de momento a momento tirava do bôlso lateral do paletó, único indício de preocupação no seu todo de homem sereno, em cujo rosto espaçoso os pequeninos olhos azuis, apertados pelas bochechas rosadas, tinham um brilho de *ternura, simpatia e confiança.*

Na véspera só se havia recolhido pouco antes da meia-noite, depois de longo dia atribulado. E despertara quase ao

fim da madrugada ouvindo na calçada da rua o tinido das ferraduras de um cavalo, ao mesmo tempo que uma voz imperativa o chamava com insistência:

— Luna, — gritava-lhe Ernesto, sem apear — como vão minhas filhas?

E o Luna, acomodando a mão em pala acima dos olhos, para quebrar a primeira luz do Sol refletida nas escamas do rio:

— Já te disse que não te preocupes com elas — assegurou. — Tenho ido vê-las duas vêzes por dia. Hoje, com certeza, já não têm mais febre.

As patas dianteiras do cavalo subiram à calçada, como se fôssem investir para o portão de ferro. E Ernesto, puxando as rédeas, a palidez do rosto realçada pelo negror da barba cerrada, de cara para o sol:

— Continua a morrer muita gente, Luna. E eu não posso admitir que as minhas filhas morram. Vi o carro funerário atulhado de corpos esta madrugada. E fiquei horrorizado. Vai vê-las, sem falta, agora de manhã, e depois passa por minha casa, para me dizeres se estão fora de perigo. Por favor, não te demores.

E o Luna, pela fresta da janela:

— Sim, sim — concordou.

Ernesto, esporeando o cavalo, partiu a galope na direção do Largo dos Remédios, enquanto o Luna cerrava sonolentamente a janela, pensando estender-se novamente na rêde. Mas, vendo que a manhã crescia, avermelhada, por cima das águas, na direção da Quinta da Vitória, ficou olhando a alvorada, debruçado no peitoril de ferro da varanda, ainda com a figura do Ernesto teimando-lhe nas pupilas — alto, barba cerrada, cabeça erguida, escanchado na forquilha da sela, o cano das botas engolindo as pernas da calça, ar de espadachim romântico a sacudir na mão canhota o chicote de vime. E já agora sem sono, pôs-se a rir, sacudindo a barriga e as bochechas, ao recordar o espanto do Lobão, no último domingo, quando o Ernesto entrara no Excelsior, num alvorôço repentino de mesas e cadeiras, brandindo no ar o rebenque, para obrigar o cavalo a arremeter contra outro cavalo que, às upas e recuadas, avultava no grande espelho da parede fronteira, mordendo a brida, subindo e baixando a cabeça, estalando as ferraduras nos *ladrilhos do chão.* Depois, a velha cena se repetia: Ernesto, a mão esquerda enclavinhada na rédea, a outra empunhando uma garrafa de cerveja, a querer obrigar o cavalo a beber.

— E um dia acaba conseguindo mesmo que êle beba — disse por fim o Luna, dando as costas à janela.

Menos de uma hora depois, suando na fresca manhã, estava na vitória sacolejante, caminho do centro da cidade.

Nunca São Luís apresentara *dias tão lindos*, em contraste com a desolação que ia pelas casas, algumas sem viva alma lá dentro, outras de porta encostada, com os moradores de luto ou passando mal. De noite, havia estrêlas no céu escampado. Durante o dia, aquêle sol faiscante, què punha cintilações de cristal nos azulejos das fachadas.

Já fazia quase um mês que os primeiros casos fatais tinham aparecido, alvoroçando a Saúde Pública. E já agora, não obstante o cuidado dos jornais em dar notícias sóbrias para não agravar o pânico da cidade, era impossível esconder a situação, com o Isolamento do Lira a transbordar de doentes e o carro funerário a recolher os corpos nas sombras da noite.

Do Sul, principalmente do Rio, chegavam notícias arrepiantes, contando que muitas famílias deixavam seus mortos no abandono das casas ou os amontoavam nas esquinas. Não havia mais sepulcros disponíveis. Nem se encontrava, senão com as maiores dificuldades, quem se prestasse a abrir túmulos. Dia e noite, ouvia-se o ranger das serras ou o bater dos martelos no preparo de ataúdes. Por fim, já se jogavam os corpos nas valas, uns por cima dos outros, em sepultamentos de emergência, sem qualquer ofício fúnebre.

— Um horror! Um horror! — E isto na Capital da República! — considerava o Luna, de si para si, aspirando a bolinha de naftalina, aos sacolejos da vitória, na descida da Rua do Sol.

Ali em São Luís, de um lado e do outro, casas fechadas. Nunca mais se ouvira o som de um piano. Até o velho gordo do realejo, que tirava sortes nas esquinas com um mico nas espáduas, tinha desaparecido. Quem podia dispor de um abrigo no interior da ilha, nas casas de sítio ou nas palhoças de beira de estrada, tratara de fugir da morte. E a morte não raro acompanhava os fugitivos, aparecendo-lhes de repente na Maioba, no Anil, na Jordoa, em São José de Ribamar, e obrigando os sobreviventes a novas fugas para lugares ainda mais apartados. Na Rua dos Afogados, um senhor louro tinha-se atirado da janela do mirante, depois de gritar que estava doente, e viera estatelar-se no cimento da calçada. E *não fôra êsse* o único caso do mêdo da morte a impelir ao suicídio. Um oficial da Polícia, sentindo-se febril, encostara o cano da arma na cabeça e dera ao gatilho, diante dos companheiros estupefatos. Um funcionário do Tesouro, gripado havia dois dias, amanhecera enforcado na escápula da rêde. E mais de um corpo amanhecera boiando na orla da Praia do Caju.

A vitória, sempre sacolejando, chegava ao Largo do Carmo. Quase ninguém ali, àquela hora da manhã. O bondinho de burro seguia para o Largo do Palácio, apenas com dois passageiros. Na esquina da Rua do Egito, um jornaleiro calado, sobraçando o seu maço de jornais. E o sol a rutilar por cima das árvores e dos telhados e a faiscar nas pedras do calçamento, numa reverberação que doía nos olhos.

— Hoje não me posso demorar — avisou o Luna ao Lobão, descendo à porta do Excelsior.

E o Lobão, daí a pouco, entornando o café na xícara:

— Seu amigo Ernesto fêz mais uma das dêle na Pensão da Chicó, ontem à noite. Ainda não lhe contaram? Pois então ouça: apareceu por lá, com dois músicos ciganos, que arrancou de um navio em quarentena, e fêz a Chicó dar uma festa até de manhã, só para êle. De madrugada, já alto, berrava como um doido, de uma das janelas da Rua de Nazaré, dizendo que estava em Paris.

O Luna se pôs a rir:

— De tudo quanto você acaba de contar, só é verdade que êle apareceu na casa da Chicó com os dois músicos ciganos. O mais é fantasia aqui do Largo do Carmo — assegurou.

O Lobão, desapontado, enxugou as mãos no avental:

— A mim me garantiram que era tudo verdade. E eu, para lhe ser sincero, não duvidei de nada, porque sei do que o nosso Ernesto é capaz.

— Pois saiba agora que é principalmente com êle que tenho contado nesta epidemia — contraveio o Luna, recolhendo o riso. — Pergunte ao Garrido a quanto monta o dinheirão de remédio que já mandei pôr na conta do Ernesto para acudir a quem não pode pagar. E há mais, meu caro Lobão. Há muito mais, que só eu sei. Mas para que contar?

E após virar a xícara, no derradeiro gole:

— Até logo, Lobão. Seu café estava ótimo. Como sempre. Um bom domingo, amigo velho — bateu-lhe na barriga.

Agora, subindo o último lanço da escada, fisionomia aberta, tratava de recolher ao bôlso do paletó a bolinha de naftalina, sentindo Mariana à sua espera no patamar. E sorrindo, a enxu-

gar a papada, depois de suspirar grosso e mover a cabeça num cumprimento:

— Hoje, apesar de ser domingo, comecei cedo. Felizmente — mentiu, passando o lenço em volta do pescoço — já se pode dizer que a gripe bateu em retirada. Daqui a pouco é água passada, que não move mais moinho. Foi mais o susto que outra coisa.

Mariana o olhava, calada. Sempre o mesmo homem gordo e dissimulado, para quem tudo estava bem. Conhecera-o assim, fazia quase vinte anos. E desde que êle lhe salvara a vida, nos atropelos de seu primeiro parto, só nêle tinha confiança, como médico, a despeito de o saber amigo e companheiro de Ernesto.

E o Luna, já na varanda, notando o silêncio de Mariana:

— Nosso Teobaldo, ainda firme?

Ela quis dizer que sim, num primeiro impulso, mas retardou a voz, olhos baixos, cedendo à ponta de dúvida que a afligia:

— De noite, passou bem, — disse por fim, caminhando ao lado do médico, que se acercava do lavatório — mas de manhã notei êle um pouco pálido, sem querer sair da cama, espreguiçando-se muito. Apalpei-lhe a testa: parecia febril. Pus o termômetro: a temperatura acusava pouco mais de trinta e seis e meio. Eu estava aflita para o senhor chegar.

Tranqüilo, demorando os movimentos, o Luna puxou para o meio do antebraço as mangas do paletó e os punhos da camisa, olhando distraidamente o quintal:

— A mangueira daqui está carregada — comentou, ensaboando as mãos. — A de lá de casa perdeu tôda a carga, com as ventanias de setembro — abriu mais a torneira, para a água correr forte. — Não há mangas como estas de sua terra, D. Mariana!

Mariana apertava os olhos, nervosa, irritada, e contraía os punhos, procurando conter-se. Que lhe importavam agora as mangas do Maranhão? E firmando o olhar na figura gorda e descansada, tinha ímpetos de gritar-lhe: "Pelo amor de Deus, doutor, tire-me desta agonia!" E êle, sem pressa, a voltear as mãos ensaboadas sob o jato de água, ainda interessado no quintal.

A noite sobressaltada e mal dormida, a que logo sobreviera, ao apontar da manhã, uma nova dúvida sôbre a saúde de Teobaldo, tinha deixado Mariana com uma compressão nas

têmporas e os nervos à flor da pele. A palidez da vigília acentuava-lhe o brilho das pupilas castanhas, que as pálpebras entrefechadas, de cílios longos, concentravam num único ponto, enquanto a bôca, de lábios extremamente finos, era uma escura linha arroxeada, que a pressão dos dentes, em tortura contínua, não conseguia avermelhar. Desde que se levantara, à primeira claridade do dia, uma sensação quase invencível de moleza quebrantava-lhe o corpo esguio, chamando-a insistentemente para a cama; porém ela se mantivera de pé, o vestido comprido correndo liso sôbre os seios pequenos e fechando-se em colarinho, certa de que não teria sossêgo enquanto o médico não visse o menino.

— Doutor, — disse ela por fim, alteando a voz — eu estava tão aflita por sua chegada que já ia sair para buscá-lo em sua casa.

E êle, com a mesma calma, a enxugar as mãos:

— Por causa da palidez de Teobaldo?

— Claro que sim — replicou Mariana em tom cortante.

Sem se alterar, o Luna repôs a toalha no descanso do lavatório. Com igual lentidão, desceu os punhos da camisa e do paletó, tendo o cuidado de esticar a fazenda para desfazer-lhe as rugas. E só então se dirigiu à alcova, em cuja porta Mariana o aguardava, de olhos carregados, banhada pela luz colorida que descia da vidraça da janela.

V

De costas para a alcova, levemente curvado sôbre a mesa de estudos, às voltas com um nôvo desenho — a figura de São Francisco pondo a mão na cabeça do lôbo. — Teobaldo só deu pela presença do doutor quando ouviu a mãe dizer:

— Meu filho, o Dr. Luna está aqui.

O menino ainda acrescentou um traço rápido à figura, completando o cordão do hábito, antes de se voltar. E erguendo-se depressa, ao dar com a cara gorda do médico, que lhe sorria:

— Desculpe, doutor.

— Desculpa peço eu por te interromper — replicou o Luna, puxando-o para si, ao mesmo tempo que olhava o desenho. — Mas que maravilha, Teobaldo! Estás um desenhista de mão cheia. Daí para a pintura é um passo. Tens queda, realmente. Meus parabéns. Irás longe, muito longe!

Enquanto isto, sem que Teobaldo e Mariana o notassem, segurara o menino à altura da testa, tomando-lhe a temperatura, depois de lhe prender o punho, na contagem da pulsação.

— É assim que se começa — acrescentou. E quem sabe se não serás um Fra Angélico? Sabes quem foi Fra Angélico? Um frade dominicano que pintava os temas celestes. Vou te trazer um livro sôbre êle, Teobaldo. Olha bem para mim. Quero ver se gostaste do presente — e examinou-lhe os olhos, simulando que lhe apertava a bochecha, no disfarce de um carinho.

Depois, prendendo-o pelos ombros, tornou a sentá-lo à mesa com o lápis na mão:

— Continua teu desenho, meu filho.

E Mariana, espantada:

— O senhor não vai examiná-lo?

— Já o examinei. Teobaldo não tem nada.

Mariana parou o olhar no rosto do médico, as sombrancelhas alteadas numa expressão de surprêsa, e logo se pôs a rir, curvada sôbre a cabeça do menino, que ia cobrindo de beijos, quase a chorar:

— Nossa Senhora te protege, meu filho! É ela que olha por ti.

E Teobaldo, inclinando a cabeça e vendo a mãe pelo canto dos olhos:

— Na hora da missa, a senhora me chama.

— Sim, querido. Fica descansado. Não podemos deixar de ir à igreja agradecer a Nossa Senhora. Na hora eu te chamo.

E afastou-se na ponta dos pés, ao ver que o filho, curvando-se sôbre a mesa, novamente se concentrava na figura de São Francisco, que volvia a nascer da ponta de seu lápis. O Luna, parado entre a sala e a alcova, rodava os polegares, à sua espera. Mariana passou por êle, passo leve e nervoso. E num sussurro:

— Vá ver as meninas, eu não demoro.

Assim que o médico desapareceu na porta da varanda, ajoelhou-se ao pé do oratório, os olhos na Virgem do Carmo, para pedir à santa, mais uma vez, que lhe perdoasse.

— Eu não duvidarei mais, minha Nossa Senhora — prometeu — Nunca mais.

E quando quis levantar-se, quase não teve fôrças. Todo o seu corpo doía, alquebrado de emoção e fadiga, e um começo de vertigem toldou-lhe os olhos, obrigando-a a amparar-se

na parede, pálpebras cerradas, a casa rodando. Mesmo assim, iria à igreja — decidiu. Nossa Senhora lhe daria ânimo bastante para sair com o filho. Daí a pouco estaria melhor. Mas a verdade é que teve de sentar na borda da cama, ainda tonta, a casa oscilando à sua volta, e um calor de fornalha a lhe subir pelo rosto, em contraste com as mãos terrìvelmente geladas.

— É a noite mal dormida — reconheceu.

Por sua vontade, permaneceria ali, a mão amparando a cabeça, olhos cerrados, uma, duas horas, o resto da manhã, ou então se estenderia ao comprido do leito, a nuca descansada no travesseiro, para refazer no sono profundo o cansaço de tantas horas de agonia. Voltou o rosto para a sala. Lá estava Teobaldo, sempre curvado sôbre o desenho, sem saber que, por causa dêle, ela havia passado a noite quase tôda em claro. Tornou a olhar a Virgem do Carmo:

— Eu sei que a senhora já me perdoou — disse, num suspiro, reconhecida. — A mãe de Deus compreende a aflição de tôdas as mães.

E firmou ambas as mãos na borda da cama para se levantar. Agora até os pés lhe pareciam gelados, não obstante as meias e as botinas de cano alto. E um arrepio lhe riscou a espinha, ao chegar à porta da varanda, com o golpe de ar que soprava do quintal pelas janelas escancaradas.

À entrada do quarto das filhas, sustou o andar, espionando a mêdo para a sala, sem querer ir até lá. Viu o Dr. Luna, de perfil, refestelado numa cadeira de braços, o termômetro numa das mãos, a outra segurando a barriga que um frouxo de riso sacudia. Intrigada, demorou o olhar. Cristina, de pé junto de Morena, um ar de riso coibido, baixara a cabeça. E Morena, ainda agasalhada no lençol e nos labirintos da rêde, fitava o médico, rindo também.

— Só assim eu ria — afirmava êle, enxugando a saliva dos cantos da bôca, voltado para Morena — Então eu sou o Dr. Pipa? — E voltou a rir. — Dr. Pipa — repetiu. — Muito bem achado. De fato, assim gordinho e baixinho, pareço uma pipa. E como sou doutor... Dr. Pipa. Ótimo!

E Cristina:

— Morena não tem juízo, Dr. Luna. Gosta de pôr apelido em todo mundo. Estou cansada de dizer que isso não é direito. Ela não se emenda. É assim grande, mas tem menos juízo do que uma criança.

E Morena, ar de ingenuidade marota:

— Saiu sem querer. Quando dei por mim, já tinha dito. O doutor viu que eu fiquei encabulada.

Ao que o Dr. Luna retrucou, com um brilho de bondade nas pupilas azuis:

— Eu achei ótimo, Morena. Você tem a quem puxar. Seu pai é assim mesmo. E é por isso que eu gosto dêle. Continue a me chamar de Dr. Pipa. Chame, que eu atendo.

E ia prender carinhosamente as mãos que ela lhe estendera, quando viu que Morena se retraía, ao mesmo tempo que o espelho da parede reproduzia a figura de Mariana, parada ao meio da sala. Logo emendou o gesto:

— Agora, vamos ver êsse pulso.

E após um silêncio, marcando a pulsação no relógio de algibeira, que uma corrente de ouro prendia ao fêcho da calça:

— Estás melhor do que ontem. Mas ainda tens febre. Cuidado. Muito cuidado. E muito repouso sobretudo. Êsse pulso ainda está acelerado.

Levantou-se, guardando o termômetro no estôjo de metal deixado sôbre a mesa dos remédios, e só então se voltou para Mariana:

— Por aqui temos também boas notícias. A Cristina já está sem febre. A outra ainda tem um pouco de temperatura, mas amanhã estará melhor. Agora é só repouso. Muito repouso.

Mariana tinha-se retraído para o vão de uma das portas, fisionomia severa e desconfiada. Antes de sair da sala, voltou-se para Morena, que parecia guardar no rosto pálido uma leve contração de riso, e fitou-a demoradamente, numa reprimenda muda. Em seguida, ainda em silêncio, tornou à varanda, seguida de perto pelo doutor. Na varanda se deixou ficar, enquanto o médico, tomando por um corredor estreito que prolongava a peça até a cozinha, batia na porta de um dos quartos à direita, pedindo licença para entrar.

Já a velha Cipriana tinha-se levantado, abrira a guarnição das janelas para deixar entrar a claridade, arrastara os pés descalços até a cômoda que servia de peanha a uma imagem de São Benedito.

— Sua preta velha — sorriu para o santo, depois de beijar os pés da imagem — parece que não é desta vez que vai olhar você no Céu. Ainda não fiquei boa, mas não nego que já vou melhor. Você me viu tossir de madrugada? É o catarro que ainda está prêso no peito. Só aliviou um pouco com as cachimbadas que dei, antes do dia amanhecer. Mas febre não tenho mais.

Riu baixinho, mostrando as gengivas:

— Não foi dos remédios do doutor não, meu santo. Quem me curou mesmo foi você. Olhe aqui.

E mostrando-lhe uma medalha escura:

— Desde que a maldita gripe me jogou na rêde que eu botei a medalha do meu santo aqui no peito, para o que Deus Nosso Senhor achasse bom. E com meu São Benedito junto de mim, ouvindo meu coração bater, para quê que sua preta velha quer remédio de doutor? Não liguei para o xarope grosso que o Dr. Luna me deu. Nem para o xarope nem para as pílulas. Fazia que tomava, para não passar por grosseira; mas quando o doutor dava as costas, sabe o que é que eu fazia? Botava tudo no penico! No penico, meu santo. Olhe agora como já vou levantando. E a quem é que eu devo mais êsse favor? A você, meu santo. Abaixo de Deus e de Nossa Senhora, quem cuida desta preta velha, aí no Céu, não é outro santo: é você, meu São Benedito.

Voltou a rir:

— Não pense que me esqueço do pagamento. Pago, sim senhor. Nunca deixei de pagar minhas promessas. Você me pôs boa, tem direito a uma vela benta. Sei que é pouco. Mas olhe bem para mim, e diga: que é que vale um caco velho, assim como eu? A promessa maior é para as filhas de minha Sinhá e ali para a coitada da Amparo, que não parou de tossir esta noite, como você bem viu. Ponha tudo bom, meu santo. Eu lhe prometo que acompanho a sua procissão com uma vela do meu tamanho. Não, senhor: não é uma vela pequenina, que não sou de enganar os outros. Também não pode ser um despropósito. Por meu gôsto eu ia era com uma boa pedra na cabeça, para você sentir aí em cima que Cipriana Maria dos Santos, devota do milagroso São Benedito, não é mal-agradecida. Mas estou velha, minhas fôrças não dão para tanto. Agora, vou deixar você em paz. E trate de perdoar minhas arrelias. Estou velha, meu santo. Velha é assim mesmo. Que Deus Nosso Senhor lhe dê um bom dia.

Deixando a cômoda, dirigiu-se ao fundo do quarto, sacudiu de manso os punhos da rêde da companheira.

— Não melhorou, Amparo?

Uma cabeça comprida, que a luz obrigou a entrefechar os olhos estremunhados, replicou que não, resmungando um muxôxo de desalento; logo volveu a encolher-se, fugindo da claridade:

— Piorei, Cipriana.

— Piorou nada, criatura. Ontem você nem podia falar e hoje você já está falando. Não diga bobagem. Bem fiz eu que me agarrei ali com São Benedito. Já estou sem febre, eu, um caco velho, com idade de ser tua avó. Te agarra com aquêle pretinho do Céu, Amparo. Já te disse isso uma porção de vêzes e tu aí te fazendo de surda. Te pega com êle.

Depois, no mesmo passo lerdo, experimentou as próprias fôrças, num giro pelo aposento, espiou a rua, volveu à cômoda, tornou a olhar Amparo; por fim, fatigada, acomodou-se novamente na rêde, pronta a desfiar o seu rosário de contas escuras, quando ouviu o Dr. Luna bater na porta.

— Vá entrando, doutor, vá entrando — gritou ela. — A porta só está encostada.

Assim que o médico entrou no quarto das criadas, Mariana se deixou cair numa cadeira preguiçosa ao fundo da varanda. A energia de há pouco, que a levara a entrar no aposento das filhas ao ouvir o riso do Dr. Luna, tinha-se desvanecido: sentia-se novamente exausta, os olhos doloridos ante a luz da manhã, o corpo a pedir o aconchêgo da cama; um arrepiu de frio e umidade roçando-lhe a epiderme, e as mãos geladas, muito geladas mesmo, em contraste com a sensação de calor que lhe subia ao rosto. Cerrou as pálpebras, os braços nos braços da cadeira, a cabeça na palhinha do espaldar, sentindo que um torpor mais forte a envolvia.

Quando o Luna retornou à varanda, rindo agora da velha Cipriana, viu Mariana adormecida e abrandou o passo, disposto a sair na ponta dos pés para não acordá-la. Demorou o olhar no seu rosto, pensativo. Quem diria que a menina-e-môça, de ar tão frágil, que êle vira sair da igreja de São João, no seu vestido de noiva, risonha e feliz, se transformaria na criatura vencida e ríspida que ali estava? E abriu de manso a torneira do lavatório para deixar cair nas mãos o fio de água escasso, ao mesmo tempo que se olhava no espelho, suspirando:

— Ah, tempo! Ah, vida!

Enquanto a espuma cresce nas mãos ensaboadas, debaixo do jôrro de água que vai caindo na porcelana da pia, um sorriso quase imperceptível lhe franze os cantos da bôca, com a memória a retroceder aos primeiros tempos do casamento de Mariana.

O sobrado é o mesmo, ali na Rua do Sol. Sempre que vem do Jenipapeiro ao centro da cidade, à noite, depois do

jantar, faz o cocheiro parar o carro na esquina da Rua da Cruz, para a visita ao casal. Por que interromper com o casamento a amizade que cedo o ligou a Ernesto, nos seus primeiros dias em São Luís? Por seu gôsto ele, Luna, permaneceria no sobrado boa parte da noite, conversando, ouvindo piano, ou jogando a bisca e o sete-e-meio, porém logo se vai, um tanto contrafeito com o ar esquivo e frio de Mariana, que sempre o acolhe com cerimônia, dando-lhe o título de doutor, não obstante a freqüência de seus convívios.

— "O Luna é como se fôsse meu irmão, Mariana!" — protesta o marido, repetidas noites, sem nada conseguir.

E o Luna, conciliador:

— "Não te incomodes, Ernesto. Se ela faz questão de me chamar de Dr. Luna, passarei também a chamá-la de D. Mariana. Fica uma coisa pela outra".

Daí por diante havia espaçado as visitas, preferindo os cavacos do Café do Lobão, até que, uma noite, uns dois anos depois, viu o Ernesto sentar-se à sua mesa no Excelsior, olhos carregados, poucas palavras. Adivinhou o que acontecera no sobrado. E sem esperar que o amigo lhe falasse:

— "Não precisas me dizer nada. Já sei o que houve. Tem paciência. Tua mulher está esperando o primeiro filho. Quando a criança nascer, as coisas mudam. Dá tempo ao tempo".

Mas o tempo, em vez de trazer a compreensão e a tolerância recíproca, exacerbou ainda mais a divergência entre marido e mulher, até que, uma tarde, Ernesto volveu ao seu cavalo de passeio, à sua mesa boêmia na pensão da Chicó, e ao sobradinho do Destêrro onde lhe morrera o pai:

— "Agora me separei de vez — confessou ao Luna, numa voz agastada. — Assim, era impossível viver. De tudo Mariana desconfiava: do perfume do meu lenço, da loção do meu cabelo, dos meus silêncios, das minhas alegrias, dos meus amigos, não tolerando sequer que eu chegasse à janela para olhar a rua. Meus papéis, minha carteira, meus livros, tudo ela examinava, em busca das provas de minha traição. De noite, quando eu cerrava os olhos, sentia que ela, do meu lado, ainda pretendia espionar-me o sono, para ver se eu, sonhando, diria uma palavra que lhe confirmasse as suspeitas. Um inferno, Luna! Um verdadeiro inferno! E ainda por cima a transformar em ódio, todos os dias, o amor que me tinha. Não! Chega! Ela que trate das filhas. Eu fico no meu canto. Dói-me deixar as meninas. Ainda relutei. Mas é melhor assim. Aturei o que podia. Vamos ver se ela se emenda com a lição. Se se emendar,

volto para casa, mas estabelecendo condições. Se não se emendar, paciência. E ponto final!"

O Luna o ouvira calado, as pernas para fora da rêde, na larga varanda aberta sôbre o rio. Ainda pensou dizer-lhe, num derradeiro esfôrço para apaziguar o casal: "Não te esqueças que Mariana espera o teu terceiro filho". Mas, pelo tom de voz do amigo e pela ira com que êste batia a cada momento o vime do rebenque no cano das botas, compreendeu que de nada adiantaria naquele momento uma palavra de concórdia. Limitou-se a observar:

— "Nêsse assunto, o melhor juiz és tu".

Dias depois, sentindo-o mais sereno e com saudade das filhas, tomara a iniciativa de visitar Mariana. Porém ela, ao saber-lhe o motivo da visita, o tratara com tal rispidez, que êle, daí por diante, só volvera ao sobrado como médico.

E agora, ainda com as mãos ensaboadas debaixo do fio de água da torneira, o Luna contrai o rosto, numa expressão de piedade. Na verdade, Mariana só lhe inspira pena. Nada mais lhe restava da beleza de outrora. Na fisionomia fatigada, os traços duros, que o amargor da vida acentuara.

Ao enxugar as mãos, volve a olhá-la na cadeira preguiçosa, ainda vencida pelo cansaço e pelo sono. Quando dá o primeiro passo, rangendo alto as botinas, vê que Mariana endireita o busto, sobressaltada:

— A noite em claro me deixou abatida — explica ela, levantando-se.

— Trate de descansar — recomendou êle, recolhendo o chapéu do cabide junto à porta que abria para a escada. — Não há mais razão para ficar preocupada. Só a Morena e a Amparo têm febre. Mas é coisa pouca. Hoje à noite ou amanhã de manhã, não terão mais nada. Pode dormir sem cuidados.

E adiantou a mão para despedir-se.

Ao roçar os dedos que Mariana lhe estendia, prendeu-os com firmeza, ao ver que ela, com o outro braço, buscava apôio na parede, assaltada por um começo de vertigem.

— Não é nada, não é nada — disse ela, retraindo a mão e sentando numa cadeira da mesa. — É o cansaço da noite mal dormida.

Porém êle, que lhe prendera as espáduas antes que ela sentasse, tinha-lhe sentido o calor do corpo e as mãos geladas:

— Deixe-me ver o seu pulso — pediu.

— Não, não precisa — replicou Mariana, retraindo as mãos para debaixo da mesa, os olhos crescidos, num começo de pavor. — Eu não tenho nada.

E o doutor:

— A senhora está com febre.

Mariana deu um salto da cadeira:

— Não diga absurdos. Então eu não conheço febre? — e levou as mãos ao rosto, apalpando-se, atarantada. — Ora essa! O que eu tenho é cansaço. Cansaço da noite em claro. Não preciso ver minha temperatura. Sei o que estou dizendo. Ora essa!

E êle, teimando:

— Se estiver sem febre, tanto melhor — oferecia o termômetro, já fora do estôjo, sabendo que não se enganava.

Ela ainda relutou, retrocedendo para uma ponta da mesa, depois voltou, olhos desconfiados, apanhou por fim o termômentro, deu as costas ao médico num movimento rápido, muito pálida, e outra vez se voltou para êle, um ligeiro tremor nos lábios arroxeados:

— Não é febre que eu tenho: é cansaço — volveu a dizer, numa voz menos convicta.

Permaneceu parada, olhos medrosos à tona do rosto, assim que entregou de volta o termômetro. E mais nervosa ficou quando reparou que o médico aproximava as sobrancelhas arrepeladas, olhando a coluna de mercúrio à luz de uma janela. Nem viu um velho cravo desfolhar-se na floreira, a um golpe do vento. Tôda ela se concentrava na figura calada do Dr. Luna — o lábio inferior espichado, as pupilas apertadas ante a claridade forte, duas veias descendo em ziguezague à altura das têmporas — a examinar sem pressa o aparelho.

— Pelo amor de Deus! — gritou Mariana, sem conseguir mais se conter, acercando-se da janela. Diga logo se tenho ou se não tenho febre!

E o Dr. Luna, sacudindo a cabeça banhada de suor e procurando no fundo do bôlso o estôjo de metal:

— Agora chegou a sua vez, D. Mariana. A senhora está com quase trinta e nove. Mas não há de ser nada: eu estou aquì para tratá-la.

VI

Mariana deixou-se cair atordoada na cadeira junto à mesa, assim que o Dr. Luna, cheirando a bolinha de naftalina, e após

lhe recomendar que se deitasse, entrou a descer os degraus da escada com um pouco de pressa. Sem saber que decisão tomar, demorou uns minutos sentada, as duas mãos espalmadas contra o rosto, só a custo reprimindo a ânsia de gritar a Nossa Senhora que lhe acudisse. Estava doente, reconhecia. Aquela sensação opressiva de calor na cabeça e aquêle quebranto que lhe amolentava o corpo, impelindo-a a buscar a cama, não eram apenas da noite mal dormida e sim da gripe que por fim a dominava. Que faria agora, meu Deus? Que ia ser de seu filho? Quem cuidaria da casa? Não, não podia adoecer! Desatinada, cerrou os olhos e escondeu o rosto nas mãos, sacudida por uma crise de chôro.

— Eu enloqueço, minha Nossa Senhora! Ajude-me, por favor! Estou desorientada! Por que a senhora permitiu que isto acontecesse comigo? Por favor, tire-me desta agonia!

E logo, calando os soluços, correu os dedos nas pálpebras para secar as lágrimas, enquanto aprumava a cabeça, tentando compor de repente uma fisionomia tranqüila, à medida que os passos de Teobaldo se faziam mais próximos, cortando a alcova na direção da varanda:

— Mamãe, olhe o relógio — disse êle, parando no vão da porta e olhando Mariana de perfil. — São quaze dez horas! Não se vai mais à missa? Eu já estou pronto esperando pela senhora.

Ela não se voltou, com receio de que o filho lhe visse os olhos molhados. E depois de mover negativamente a cabeça:

— Hoje eu não posso sair de casa, meu filho.

— Por quê?

Teobaldo tinha se aproximado, no impulso da surprêsa, e estava agora a dois passos dela, quase a alcançá-la com a mão. De ímpeto, Mariana se levantou:

— Não te aproximes de mim! — gritou-lhe, retrocedendo para o outro lado da mesa. — Tua mãe está com febre e eu não quero que te gripes também!

O menino a encarou com expressão de perplexidade no rosto comprido. E de lábios trêmulos, quase a chorar:

— Como? A senhora está com a gripe? Mas a senhora estava boa! Foi o doutor que disse? Não chore, mamãe.

Não, ela não estava chorando. Doíam-lhe os olhos, isto sim, justificou-se Mariana, querendo desmanchar num sorriso o semblante angustiado. E foi ela quem sugeriu ao filho, no receio de não poder coibir outra crise de pranto:

— Olha, tu já és um homenzinho: podes ir sòzinho à igreja. Sim, vai. Sou eu que estou mandando. Tenho confiança em ti. Vai sem mêdo e pede a Nossa Senhora que dê saúde à tua mãe e que não deixe que te gripes também.

E vendo-o hesitante:

— Não sabes o caminho?

— Sei. Vou aqui pela Rua do Sol, subo a Travessa do Teatro, entro na Rua da Paz, atravesso, e entro na igreja.

— Estás vendo? És um homenzinho. Anda. Vai logo. Não te demores. Não precisas correr. Tens ainda quinze minutos. Daqui até lá é rápido.

E daí a momentos, ao vê-lo tornar à varanda com o missal e o têrço, na cabeça o bonèzinho branco, o dólmã abotoado até o pescoço, as pernas da calça encontrando-se com a meia, estêve a ponto de lhe dizer que não saísse, tomada de um receio repentino, porém logo se acalmou, recomendando-lhe:

— Olha: tem cuidado com teu pai. Se te encontrares com êle, corre para casa. Não deixes que êle se oproxime de ti. Fica atento ao galope dos cavalos. E vai com Deus. Nossa Senhora te proteja.

Da janela da sala, o rosto contra a vidraça, deixando agora que as lágrimas corressem livremente, esperou que êle saísse à calçada. Ouviu a cancela de ferro bater contra o batente da porta, sentiu um apêrto de mêdo no coração. Com o favor de Deus nada aconteceria a Teobaldo. A essa hora da manhã, Ernesto não andaria pelas ruas. Não havia razão para afligir-se, pensou. E entreabriu de leve a janela, para acompanhar o filho, que ia agora pela nesga de sombra da calçada. O vento que entrou na sala trouxe-lhe um arrepiu de frio, que a obrigou a retrair-se para dentro, cerrando a porta e encolhendo-se tôda a tremer, batendo o queixo, as mãos contraídas. Correu para a alcova, e atirou-se à cama, envolvendo o corpo nas dobras da colcha, ao mesmo tempo que adiantava uma das mãos em busca do têrço, com a intenção de rezar até a volta do filho, sempre sacudida pelos soluços e calafrios.

Logo aos primeiros passos na rua, Teobaldo esqueceu o comêço de aflição com que descera a escada, para só pensar na emoção de se ver andando, pela primeira vez sòzinho na rua, como gente grande. A mão submissa que, nos outros domingos, naquele mesmo trajeto, segurava a mão de Mariana, ia agora sôlta, no balanço do braço livre, e o menino olhava de vez em

quando para um lado e para o outro, em busca das janelas sôbre a rua, querendo que o vissem caminhando sem ninguém a lhe fazer companhia. A outra mão, comprimindo o missal contra o peito, deixava pender de entre os dedos uma ponta do têrço com o crucifixo de prata. A cabeça erguida tinha uma pôse feliz. Êle marchava firme, pisando forte, sentindo-se um homenzinho. Infelizmente só cruzava com desconhecidos, que não lhe davam importância. E era pena que as janelas de quase tôda a rua estivessem cerradas.

Antes de alcançar, porém, a primeira esquina, deu com uma velha à janela, numa meia-morada de azulejos à sua direita e logo sentiu que ela o olhava com atenção, a esboçar um sorriso, como se lhe fôsse falar.

E com efeito, ao passar por ela:

— Que é isso? Hoje vai à missa sòzinho? Cadê mamãe? — indagou a velha, adiantando mais a cabeça branca por cima da sacada de ferro.

— Mamãe está doente.

— Gripada?

— É — confirmou.

E enchendo o peito, orgulhoso:

— Lá em casa, só eu não me gripei.

E a velha, com as mãos para o céu:

— Pois dá graças a Deus, meu filho.

— É o que vou fazer, ali na igreja do Carmo.

— Estimo as melhoras de tua mãe. E que Santo Antônio te acompanhe.

— Obrigado — repetiu ele, muito compenetrado.

E seguiu o seu caminho. Divisava agora as árvores do Largo do Carmo, gordas, copa derramada, e quase cedeu à tentação de ir direito até lá, em vez de dobrar à esquerda, tomando pela Rua do Teatro, para sair na Rua da Paz. Até aquêle dia, só passara pela velha praça de corrida, ao contornar o muro do Convento do Carmo para entrar na igreja, sem poder admirá-la a seu gôsto, demorando à sombra de suas árvores, sentando nos seus bancos de pedra ou espiando de perto os Cafés que de longe o atraíam com o tinido das louças e o bulício das pessoas. Curioso como a rua, agora que êle estava só, tinha tantos atrativos à sua volta. Por que não ia dar uma olhadela ao casarão do Teatro, na outra esquina, à sua esquerda? Mas, de repente, ao atravessar a rua que desce para

o mar, alongou o olhar à direita, procurando a Fonte do Ribeirão. Lá estava ela, com o seu muro circundante, à distância de uma quadra. Susteve o passo, assaltado por uma curiosidade mais viva. Ali se escancaravam as bôcas do subterrâneo onde morava a serpente de que Morena lhe falara, não fazia muito tempo: "Uma serpente enorme, Téo: a cauda da bicha está na igreja de São Pantaleão, a barriga na igreja do Carmo e a cabeça na Fonte do Ribeirão. Um dia, quando eu era pequena e papai me levou até lá, vi a cabeça do monstro a espiar a gente por trás da grade de uma das bôcas da fonte. Fiquei com um mêdo tão grande que até hoje me arrepio tôda, só em lembrar aquela bôca aberta, com uma língua muito comprida e vermelha saindo do meio dos dentes".

Seria mesmo verdade? Ou a irmã, por ser mais velha, estaria zombando dêle, que ainda andava de calças curtas? E Teobaldo se detém na esquina, pensativo. Logo a voz de Morena ganha um tom mais firme, que o persuade: "E que interêsse tinha eu de te enganar? Tu mesmo, quando fores maior, podes ver o que eu vi, debruçada no muro. E hás de levar um susto igual ao meu, assim que deres com a cobra, muito feia, bôca aberta, língua comprida, olhos de fogo, te olhando também".

Entre a curiosidade e o mêdo, Teobaldo apertou o passo no rumo da Fonte do Ribeirão, para ir e voltar sem perder a hora da missa. E à medida que avançava, ouvindo mais perto a água cair sentia o coração bater, enquanto seus olhos cresciam. Mais de uma vez parou, querendo voltar. Mas criou coragem, avançou com firmeza, até a outra esquina. Agora, bastava passar para a outra calçada e debruçar-se no muro baixo e caiado que guarnecia a depressão do terreno. Na parte superior, alteava-se a figura de um velho barbudo, talhado em pedra, de pé, a olhar serenamente para baixo. O coração, de Teobaldo quase o sufocava, como a querer sair-lhe pela bôca. A rua escorregava em ladeira, ladeando uma parte do muro, que morria lá adiante, aberta a parte inferior do declive, por onde se entrava para recolher a água à bôca das carrancas.

Ofegante, Teobaldo se deteve a um palmo do muro, os olhos voltados para as três entradas do subterrâneo, que as barras verticais de uma grade de ferro revestiam. Depois, mais decidido, debruçou-se no poial da amurada, respiração suspensa, apertando contra o peito o missal e o têrço.

— É ali que está ela — disse consigo, firmando o olhar.

Em redor, silêncio. O casario pobre, que circundava a fonte, quase todo de sobradinhos e cochicholos, abria ao sol da manhã a fileira das janelas desiguais. Um senhor gordo, no prédio da esquina, lia o seu jornal, sentado numa cadeira junto à calçada. Parecia ignorar o perigo que corria. E se a serpente partisse a grade?

— Minha Nossa Senhora, a grade está aberta! — exclamou Teobaldo, os olhos alarmados, muito pálido, pronto a despencar ladeira abaixo, fugindo dali.

Uma senhora de prêto, enrolada num xale de croché, tão serena quanto o homem do jornal, vinha subindo a rua, à sombra da amendoeira ao pé da fonte. Coitada, ela também não sabia o quanto se arriscava! E Teobaldo, aflito, não tirava os olhos da grade entreaberta, disposto a gritar ao primeiro movimento do monstro, cujos olhos de fogo advinhava na sombra do subterrâneo. Lá embaixo, pela bôca das carrancas, a água a escorrer, límpida, num fio contínuo, que logo se misturava ao riozinho canalizado no rêgo de pedra. E havia quem descesse até lá para encher o seu cântaro ou a sua bilha? Nisto, num impulso de pavor, o menino arregalou os olhos, lívido.

Na ladeira que escorregava do outro lado da fonte, apontara um negrinho, mais ou menos de sua idade, nu da cintura para cima, assobiando e tamborilando numa lata. Iria êle descer à fonte para recolher a água de uma das bicas? E Teobaldo, a atenção concentrada na figura do moleque, acompanhou-lhe os passos, a mordicar o lábio inferior:

— Minha Nossa Senhora: ele vai encher a lata de água!

E o afoito do negrinho ainda vinha fazendo zoada! Ah, meu Deus! E agora? Na certa, o moleque ignorava a existência da serpente! E Teobaldo, num impulso, entreabriu a bôca para lhe gritar que corresse dali, se não queria ser devorado. Porém tardou a voz, angustiado, refletindo que o seu grito, mais alto que o assobio e o batecum da lata, podia pôr tudo a perder, atraindo o monstro para fora de seu esconderijo.

Calmo, sempre a assobiar, o pretinho chegou ao fim da ladeira, entrou resoluto por uma das ruas da fonte, acomodou a lata debaixo da bica e, de cócoras, bem debaixo de uma das bôcas do subterrâneo, ficou a olhar a queda do jôrro de água, o dorso nu reluzindo ao sol.

— Ah, meu Deus! — voltou a exclamar Teobaldo, no auge do terror, ao ver que o moleque se acocorara exatamente por

baixo da grade entreaberta — Êle nem vai ver a cobra avançar para comê-lo!

E decidindo-se, debruçou-se mais na amurada, chamando:

— Psiu! Eh! Psiu!

O moleque levantou os olhos para o muro, olhou depois para trás, tornou a erguer a cabeça:

— É comigo?

— É — confirmou Teobaldo.

E quase a cair dentro da fonte, no esfôrço para abafar a a voz, apontou na direção da grade aberta:

— A serpente, aí no buraco.

O prêto, de um salto, ficara de pé, pronto a safar-se de alguma arremetida. Em seguida, refeito do susto, dobrou a cabeça para trás, numa gaitada longa, que lhe exibiu a dentadura e o céu da bôca.

E endireitando o corpo, ainda a rir:

— Aí não tem serpente, não, seu bôbo. Já entrei lá dentro, com um pau. O que tem é escuro, seu trouxa.

Dobrou a risada em tom de vaia. Seu corpo miúdo foi para um lado e para outro, no impulso da gargalhada, e outra vez se aprumou, voltando o rosto para Teobaldo:

— Serpente, uma ova! Ou você pensa que o bobo sou eu, seu branco de uma figa? Eu não sei onde estou que não vou aí em cima te dar umas quedas.

Vermelho e confuso, Teobaldo sentiu num relance o ridículo de seu papel, sem desfitar o moleque, que novamente espoucava a risada por ter dado com o missal e o têrço que o outro apertava na mão convulsa.

— Escute aqui, seu padreca — volveu o negrinho, acercando-se da muralha, para falar mais de perto.

E levando a mão ao tornozelo, para indicar a barra da batina:

— Cadê a tua saia preta? Desce aqui para eu te dar um banho. Ou tu queres que eu vá te buscar?

Teobaldo retraiu o corpo, intimidado. Seu ímpeto era descer para atracar-se com o atrevido. Insolente! Que mal lhe fizera, para ser destratado assim em plena rua? A culpada era a Morena, que o tinha enganado. Não havia serpente nenhuma! E êle a passar por aquela vergonha!

A êsse tempo, equilibrando na cabeça a lata a transbordar, o pretinho começava a vencer o declive do terreno, mal po-

dendo assobiar com o resto de riso que lhe repuxava a cara. Teobaldo, antes que êle galgasse a ladeira da rua, passou para a calçada fronteira, caminho da Rua do Sol, jurando a si mesmo que, ao entrar em casa, de volta da missa, ajustaria contas com Morena.

— Ela me paga! Isso não é coisa que se faça!

O sol forte da manhã deu-lhe a impressão de já se haver passado a hora da missa. Preocupado, apertou o passo. Em breve, dobrando uma esquina à esquerda, entrou a subir a Rua do Teatro, sombreada e calma, sem ninguém. De um lado e de outro, casas fechadas. E longe, de súbito, o tropel de um cavalo. Num relance, lembrando-se da recomendação da mãe sôbre a eventualidade de encontrar o pai, acelerou ainda mais a caminhada, ladeira acima, com a sensação nítida de que o cavalo, numa arrancada mais forte, vindo da Rua do Sol, galopava em sua direção.

Na dobra da Rua da Paz, antes de passar para o lado fronteiro e seguir pela calçada que contorna o paredão do Convento do Carmo e vai dar na igreja, Teobaldo pensou em olhar para trás, certificando-se de que estava sendo perseguido. Mas o galope vinha mais perto, quase a alcançá-lo, ali na volta do quarteirão, e o menino, sem perda de tempo, se atirou de arremêsso, querendo cortar a rua num único impulso, para se refugiar na igreja antes que o pai lhe deitasse a mão.

E foi precisamente nesse instante que um carro, saindo em disparada na curva da Rua da Paz, o apanhou em cheio e o atirou rente à calçada do Convento, enquanto o tropel do cavalo se perdia para os lados da Rua Grande.

VII

Na casa da esquina, do lado da Rua do Sol, Sinhàzinha Dourado, viúva do Major Inácio Augusto da Encarnação Dourado, tocava com afinco a velha valsa do tempo do falecido.

Desde que a gripe aparecera em São Luís com os seus primeiros casos fatais, o piano de Sinhàzinha Dourado se mantinha mudo, na casa fechada. E só um motivo forte realmente o calaria, porquanto, desde a morte repentina do Major, a viúva não conhecia outro recurso para expandir no quarteirão a sua dor inconsolável: premia-lhe as teclas, numa crise de soluços, sempre que apertavam as saudades do marido, e remoía a mesma valsa, até se sentir aliviada.

Embora não fôsse de todo maluca — era mesmo o que se chama uma senhora prendada, com um gôsto invejável para trabalhos de agulha — sempre dera mostra de uns modos estranhos, que a viuvez acentuara.

Daí o expediente da valsa teimosa e única que durante anos a fio os seus magros dedos não se cansavam de tocar. De onde em onde, se a saudade era mais forte (e isto acontecia quase sempre na data do seu casamento ou de sua viuvez), Sinhàzinha empinava o busto e cantava. Cantava com alma, sentidamente, e saía do piano banhada em prantos, para volver, minutos depois, já apaziguada, ao devaneio de seus bordados.

Naquele domingo, refeita da gripe que a deixara entre a vida e a morte por espaço de uma semana, tornou Sinhàzinha ao consôlo da valsa, e foi em vão que lhe pediram para não tocar.

— Tudo, menos isso — reagiu ela, obstinada — O Inácio, lá no alto, de onde segue todos os meus passos, não me perdoaria.

E atirou-se ao piano, com ímpeto e desespêro-, pouco se lhe dando que, duas casas adiante, na janela de um sobrado de azulejos, houvesse irrompido o busto de um velho a sacudir os punhos, revoltado:

— Lugar de doida é no hospício! Tenho uma neta passando mal! Pare com isso! Do contrário, eu desço para lhe dar uma lição!

Imersa nas saudades do Major, Sinhàzinha Dourado não tinha ouvidos para rogos e ameaças, só pensando agora na figura do finado, que lhe refluía à tona da memória com os compassos da valsa, testa larga, bigodeira farta, soberbo no seu uniforme de gala, tal como ainda se perfilava no óleo de um retrato de corpo inteiro, obra-prima do pincel do velho Tribuzzi, no lugar de honra da sala.

— Sinhàzinha Dourado ressuscitou! — exclamou Morena, aos primeiros acordes, e descobriu o rosto, que as varandas da rêde agasalhavam contra a luz intensa, fazendo menção de chegar à janela.

E Cristina, do outro lado da sala:

— Fica quieta, Morena! Já te esqueceste da recomendação do doutor? Trata de ficar sossegada!

Morena, com uma expressão de zombaria, procurou no chão as sandálias:

— Um minutinho só, Madre Superiora? — pediu, levantando-se — Depois, a senhora me dá a penitência.

E, agasalhada no lençol, foi olhar a vizinha através da vidraça.

Com efeito, lá estava a viúva, de cabeça amarrada num lenço prêto, mãos saltitantes nas teclas do piano, defronte do retrato a óleo:

— "Ai não me deixes..."

E Morena, completando:

— "... que esta dor sufoca!"

E tornou depressa à rêde, sob o olhar severo de Cristina, voltando a cobrir-se nas dobras da varanda, enquanto a valsa prosseguia, com os seus longos compassos românticos, no velho piano desafinado.

Mariana, vencida pela febre e pelo cansaço, tinha mergulhado no sono, as mãos segurando o têrço, quando a valsa a despertou. Ergueu a cabeça, com a sensação de ter dormido demais, e olhou em volta, à procura do filho. Aflita, chamou por êle. Não ouvindo resposta, correu a olhar o relógio. Ah, ainda não eram onze horas! Na certa, pensou, o sermão havia sido mais demorado naquela manhã. Mas, daí a pouco, com tôda a certeza, ouviria os passos de Teobaldo na escada.

Os minutos de descanso, em vez de lhe atenuarem a fadiga, tinham-na deixado mais deprimida: doíam-lhe agora as juntas, os calafrios se faziam mais constantes, suas fontes latejavam, e não raro se via obrigada a cerrar os olhos, amparando-se no primeiro apôio ao alcance da mão, para vencer a tontura que a salteava, com a casa a oscilar debaixo de seus pés.

Mesmo assim, encaminhou-se para a cozinha. Se não fizesse das fraquezas fôrça, quem cuidaria do almôço? A louça da véspera, amontoada no mármore junto à pia, ainda estava por lavar. Resolutamente, abriu a torneira. O jato de água fria, molhando-lhe as mãos, fê-la deixar cair o prato que ia lavar.

— Sinhá Mariana, deixe isso comigo. Eu já estou boa, com a graça de meu São Bendito. Vá lá pra dentro. Lugar de branco não é na cozinha.

E Cipriana, à medida que falava, ia avançando o corpo pesado, a tempo de acudir à sua Sinhá, que amparava a cabeça no braço, sacudida por nôvo calafrio.

— A senhora está com febre — observou a preta, os olhos arregalados — E febre alta, minha Sinhá! Pelo amor de Deus, largue isso! Por favor, vá se deitar. Eu já estou boa para outra. Ande. Saia daqui. Venha comigo.

Mas não foi preciso levá-la. De pronto, Mariana se refez, tornou a olhar o relógio na varanda, outra vez apurou o ouvido na direção da escada, novamente entrou na alcova, e estendeu-se na cama, sem fôrças para esperar o filho por trás do vidro da janela.

A valsa da Sinhàzinha Dourado desta vez parecia não ter fim, os compassos a se repetirem, a voz aguda soltando os seus ais pungentes, repetida, monótona, enervante. E Mariana a insistir nas suas orações, os dedos gelados torcendo as contas do têrço, cada vez mais aflita, quase a gritar. Por que a doida da Sinhàzinha não parava com aquêle canto? Não, assim não podia rezar! E Teobaldo que não chegava! Já devia ter voltado! Quase meio-dia!

E, de ímpeto, sentou-se na borda da cama, assaltada por um temor mais forte, que lhe abriu os olhos alarmados.

— Minha Nossa Senhora, — implorou, voltada para o oratório — tudo, menos isso. Não. Aquêle homem não pode ter levado meu filho! Teobaldo é meu, minha Nossa Senhora! Fui eu que o criei! Só eu! O pai nunca ligou para o menino! A senhora sabe disso! Por favor! Pelo bem de Jesus!

As palavras lhe saíam de atropêlo pelos lábios úmidos, e ela, tôda trêmula, mordia aflitamente a ponta do lençol, que seus dedos desesperados retorciam. Depois, buscando atarantadamente as chinelas, pensou sair à rua.

— Dê-me paciência, minha Nossa Senhora! Eu não sei mais o que faça. Diga-me que não é verdade. Que Ernesto não levou meu filho. Por favor, me dê um pouco de calma! A senhora não vê como eu estou nervosa?

Correu para a sala, abriu de golpe a janela, estendeu os olhos na direção do Largo do Carmo, já agora sem dar importância ao vento que lhe despenteava ainda mais os cabelos alvoroçados, e viu quando a carruagem do Dr. Luna, assomando à esquina da Rua do Teatro, entrava na Rua do Sol, com o cocheiro de pé na boléia sacudindo a chibata para forçar a parelha a vencer a ladeira a galope.

Naquele tempo, com a morte a devastar a cidade, já as famílias não se socorriam mùtuamente, como nos primeiros dias da gripe. As reuniões e ajuntamentos tinham sido proibidos pela Saúde Pública. Cada pessoa cuidava de si, agarrando-se à vida com as cautelas mais desumanas. Não raro os corpos das vítimas eram abandonados nas casas vazias ou largados à porta do Cemitério. E do Sul continuavam a chegar notícias arrepiantes de cadáveres que eram jogados uns sôbre os outros, nas largas covas coletivas. No Maranhão, por seu lado, não havia mais ataúdes. Até mesmo a simples mortalha dos lençóis era dispensada. Um horror. Ninguém parava nas calçadas para saudar um conhecido, na velha São Luís inundada de sol: andava-se de fugida, passo apressado, lenço ao nariz, e só por extrema necessidade saía-se à rua. Um espirro, longe, suscitava o pânico, determinando reviravoltas e correrias. As janelas fechadas, nas estreitas ruas desertas, mesmo nas horas altas do dia, em pleno centro da cidade, davam mêdo.

No entanto, quando o corpo de Teobaldo rolou nas pedras da rua e foi parar rente à calçada do muro do Convento, rosto banhado em sangue, o dólmã rasgado pela violência da pancada, uma senhora de prêto, que vinha do Largo do Carmo num passinho ligeiro, soltou um grito de angústia e se precipitou para socorrê-lo, ainda quando êle se debatia, atordoado.

O carro, rangendo alto na violência da freada, arrastou-se pelo meio-fio, guinou à direita, como se fôsse deslizar de lado, e logo retomou a marcha, numa precipitação pânica de fuga, desaparecendo na direção do Largo do Carmo, envolto num rastro espêsso de fumaça.

Amparando num dos braços a cabeça do menino, em cujo rosto ensangüentado começava a crescer uma grande mancha arroxeada, a senhora tentou chamá-lo a si, ao ver que êle, num suspiro longo acompanhado de um gemido, amolecia o corpo para trás, desacordado. E olhou em volta, buscando alguém que a pudesse ajudar. Defronte, uma janela se entreabriu, deixando luzir pela fresta dois olhos assustados, que de pronto se retiraram enquanto a rótula voltava a cerrar-se.

— Por favor! Alguém! Socôrro! — gritou a senhora.

Como ninguém aparecia, saiu a correr para os lados da Rua Grande, lembrando-se de que ali havia uma farmácia. E viu, ainda de longe, assim que saiu da Rua do Teatro, junto à calçada, a carruagem do Dr. Luna, e o médico a sair da farmácia, com umas caixas de remédio:

— Doutor — gritou ela, correndo em sua direção — depressa, ali na Rua da Paz, um menino foi atropelado!

O dia alto continuava sem uma nuvem no céu translúcido, uma revoada de andorinhas sôbre as tôrres da igreja, o repuxo de um chafariz abrindo-se em leque por cima do tanque do largo a transbordar.

E o Luna, já dentro da carruagem, as caixas de remédio espalhadas no banco, demorando no semblante aflito da senhora os olhinhos empapuçados:

— Mas onde? Em que altura?

— Ali, na volta da rua, junto ao muro do Convento. Vá depressa. Êle está desacordado.

Quando o carro entrou na Rua da Paz, o Dr. Luna adiantou a cabeça para fora da janela e logo teve um gesto de terror, fazendo menção de saltar da vitória em movimento.

— Ah! — exclamou, correndo para o corpo de Teobaldo, sem esperar que o carro parasse junto do meio-fio — Logo êle! Que horror!

E sacudindo desoladamente a cabeça, sem conter a emoção que lhe molhava os olhinhos inchados, enquanto segurava a mão do menino banhada de sangue:

— Coitado — limitou-se a dizer ao cocheiro, que se debruçava sôbre o corpo de Teobaldo, depois de recolher-lhe o missal e o têrço.

E ao fim de um silêncio, ainda sacudindo a cabeça:

— Vamos levá-lo para casa. Depressa, tire essas caixas de remédio do banco do carro. Tem de ser depressa!

Ajoelhando-se na calçada, levantou o corpo do menino com firmeza, e subiu à carruagem.

— Depressa! — voltou a ordenar.

Os olhos de Mariana, voltados na direção do Largo do Carmo, viram o carro subir a ladeira, sempre com o Rafael de pé na boléia sacudindo o chicote. Em poucos momentos, a carruagem avançou e cresceu na longa paz da rua deserta, que a derradeira viração da manhã varria de leve, ao compasso da valsa de Sinhàzinha Dourado.

Por um instante, Mariana conteve a respiração, a mão direita diante da bôca entreaberta, os olhos mais crescidos, num pressentimento de pavor. A carruagem vinha agora abrandando a marcha, como se viesse parar exatamente à porta do sobrado.

Que seria, meu Deus? Em silêncio, curvou-se mais para a rua, dobrando o magro corpo trêmulo sôbre a sacada de ferro, ao ver que Rafael, puxando para trás as rédeas, saltava na ponta da calçada, a tempo de ajudar o Dr. Luna, que adiantou um pé para a porta do carro. E tão grande foi o seu grito, ao dar com o corpo do filho suspenso nos braços do médico, que Sinhàzinha Dourado, pela primeira vez depois da morte do Major, parou em meio o seu canto e a sua valsa, e correu à janela, para ver o que tinha acontecido.

VIII

Mariana se precipitou escada abaixo, tomada de uma energia estranha, que suplantou num relance o torpor da doença, e, apoderando-se do filho, subiu com êle nos braços, de um só hausto, até o patamar da varanda.

— Não é nada, não é nada — repetia ela, correndo na direção da alcova e deixando para trás o Dr. Luna, que só sabia dizer, por entre o pranto de Cristina e Morena, acelerando o movimento das pernas curtas e esvaindo-se em suor: "Tenham calma. Tenham calma. Por favor tenham calma."

Mariana estendeu o menino ao comprido da cama, sempre a dizer consigo que o filho não estava morto, e pediu aos gritos que lhe trouxessem depressa uma bacia de água quente. Depois, num repelão, abriu com estrondo o gavetão da cômoda, tirou dali uma toalha e volveu à cama, para bater no rosto de Teobaldo:

— Olha, acorda, sou eu, é mamãe, meu filho!

E imperativa, para as filhas, que soluçavam ao meio ao aposento:

— Parem com isso! Não morreu ninguém!

E ela mesma correu a varanda, para tomar de Cipriana a bacia de água, logo tornando à presença de Teobaldo, obstinada, resoluta, sem conseguir conter o tremor das mãos. Deixou a bacia aos pés da cama, endireitou o corpo, apossou-se das pernas do menino, atarantada, querendo desatar a um tempo o laço dos enfiadores para tirar-lhe as botinas.

— Por favor, ajudem-me — pediu.

Mas de pronto repeliu a ajuda, conseguindo desprender as botinas, que sacudiu para os lados, e mergulhou os pés de

Teobaldo na água quente. Por um instante, buscou-lhe no rosto lívido e machucado uma reação. Vendo que o corpo bambo não se contraía, volveu a curvar-se mais sôbre êle, sacudindo-o pelos ombros:

— Téo, olha mamãe! Anda, acorda, meu filho!

O Dr. Luna, agora junto dela, olhava-a quase a chorar abanando desoladamente a cabeça. E por fim, batendo-lhe no ombro, para trazê-la à realidade:

— Não se pode fazer mais nada, D. Mariana: seu filho está morto.

E ela, numa reação repentina:

— Saia daqui! — ordenou.

E para as filhas, que se tinham acercado da cama, sempre a chorar:

— Saiam vocês também! Eu quero ficar só! — gritou, tangendo-as para a varanda num repelão colérico.

Assim que passou a chave na porta, caiu de joelhos diante da Virgem do Carmo:

— Não me tome meu filho. Fui eu que mandei êle à igreja para que a senhora o protegesse. Por que quer tomá-lo de mim? Não. Não faça isso. A senhora vai me dar meu filho outra vez. Olhe, eu vou rezar de cabeça baixa, assim, com as mãos postas, implorando misericórdia, e a senhora, que é mãe como eu, vai ressuscitar meu filho, com a ajuda de Deus.

Vergou a cabeça, quase a tocar o chão, e se pôs a emendar ave-marias e padre-nossos, sacudida por um tremor nervoso que lhe fazia bater os dentes. E erguendo-se, os olhos na imagem:

— Pronto, rezei. Eu tenho fé na senhora. Sei que a minha Virgem do Carmo tem piedade do meu desepêro. Olhe para a minha aflição. Ressuscite meu filho. Faça êsse milagre. Pelo amor de Jesus!

E sùbitamente iluminada pela fé, que lhe fazia aflorar ao rosto devastado um sorriso de alegria, beijou os pés da imagem, certa de que, naquele instante, Teobaldo ia tornando a si:

— A Senhora pode tudo. Por que não havia de devolver meu filho? Está vendo como eu tenho fé? Sei que a senhora me ouviu. Eu creio. A senhora sabe que eu creio. Irei de joelhos pela rua, até o seu altar, para agradecer o seu milagre.

E foi-se voltando na direção da cama, já agora com um temor invencível nas pupilas aflitas, o coração a bater sem compasso, os lábios repetindo a salve-rainha, até que olhou

resoluta o menino, e o viu imóvel, os pés imersos na bacia de água, bôca entreaberta, tal como ela o deixara. Logo correu para êle, e outra vez o sacudiu, e novamente lhe bateu no rosto gelado, e lhe descerrou as pálpebras, chamando-o pelo nome, pedindo-lhe que a olhasse.

Por fim, vendo que o filho não respondia, apertou-o bem contra o peito, e ficou a chorar baixinho, num soluço continuado, que vinha das fontes mais profundas de sua revolta e de seu desespêro.

À insistência das pancadas na porta, não respondeu; tampouco deu mostras de espanto, quando, forçada a lingüeta de metal da fechadura, entraram na alcova as filhas, o Dr. Luna e a velha Cipriana. Tinha pôsto os pés do filho sôbre o colchão e estendera-se ao seu lado, sempre chorando, como alheada do que se passava à sua volta.

Mais de uma vez o Dr. Luna a chamou, batendo-lhe no ombro, sem que ela lhe desse atenção. Morena havia-se sentado junto à mãe, também em prantos, enquanto Cristina, reprimindo o chôro, depois de fitar demoradamente o irmão, com as lágrimas crescendo nos olhos pisados, dava comêço à arrumação do aposento, ajudada pela Cipriana, que de vez em quando volvia o rosto enrugado para a cama, suspirando alto, a enxugar as pálpebras enrugadas:

— E por que não aconteceu isso comigo? Eu estou velha, caindo ao pedaços, não fazia falta pra ninguém. Coitado do Sinhôzinho, tão bom pra Sinhá, tão quietinho. Como é que Deus deixou fazer essa maldade? Ah, meu Deus! Ah, meu São Benedito! Se console, Sinhá: Sinhôzinho está no Céu, melhor que a gente.

Novamente na carruagem, o Dr. Luna ordenou ao cocheiro que tornasse ao Destêrro. Tinha de avisar o Ernesto. Sentia a cabeça atordoada, pela primeira vez na vida quase perdera o contrôle de si mesmo, um ardor aborrecido lhe apertava os olhos. Ah, se pudesse ficar só, sem ver ninguém! Mas era preciso providenciar um mundo de coisas, além de avisar o Ernesto: dar parte à Polícia, evitar a autópsia tratar do entêrro e voltar para o sobrado. A luz quente da tarde, reverberando no azulejo das fachadas e nas pedras da rua, aumentava-lhe a sensação de atordoamento, obrigando-o a apertar as pupilas contra a claridade. E novamente cheirava a bolinha de naftalina, que levava ora a uma narina, ora a outra, aflito, agoniado, na ânsia de que o tempo passasse depressa, atirando para trás

aquela crueldade da sorte. Como entender que houvesse um Deus impassível diante da morte brutal de uma criança?

À porta da casa de Ernesto, o Lorde roía o seu osso, rosnando ao rumor de passos na calçada. À aproximação da carruagem, retraiu-se para um canto.

Já ali não estava o cavalo amarrado à grade da janela, o que levou o Luna a concluir, sem descer do carro, que Ernesto havia saído.

— Desce pela Praia Grande — gritou para o Rafael.

Na Praça do Comércio, tôda batida do sol, lagarteavam dois negros de dorso nu sob a minguada sombra do casarão da Alfândega, junto a uma carroça de burro. E em redor os sobradões fechados.

— Segue pelo Cais da Sagração — voltou a ordenar, com o lenço nos olhos.

Em tôda a extensão da baia, três barcos seguiam barra a fora, destacando a mancha escura das velas no cinzento azulado do horizonte. A maré baixa tinha descoberto as coroas de areia. Uma placidez de dia límpido sôbre as casas e as águas. Lá longe, para os lados do Largo dos Remédios, a ermida branca, com a agulha das tôrres apontada para o céu.

Assim que contornou o paredão do Palácio, o Luna deu com o Ernesto na primeira volta do Cais, montado no cavalo, chapéu atirado para o alto da testa, a olhar na direção da Ponta da Areia, como a querer identificar, debaixo da soalheira da tarde, um dos barcos que saíam fora da barra.

— É êle! Ali! — gritou ao Rafael.

Ao rumor da carruagem, Ernesto se voltou. E correu para ela, no pressentimento de más notícias. O sol forte avermelhara-lhe o rosto, sem desmanchar as olheiras pisadas. As sobrancelhas travadas punham-lhe um traço vertical na testa, alongando o nariz fino. O dólmã aberto à altura do pescoço, com um tufo de cabelo a saltar por entre as dobras da gola, dava-lhe um ar decidido, que a impaciência do rebenque acentutava.

— Que há, Luna?

Quando soube da morte do filho, tonteou na sela. Não, não podia ser verdade! E pulou do cavalo, para segurar o amigo pelos ombros:

— E quem foi que o matou? — indagou, desfigurado, os olhos crescidos.

Depois, cedendo à violência da emoção, abraçou-se ao outro, numa explosão de soluços.

E o Luna, após uns minutos de silêncio, animando-o:

— Tem paciência. Agora é tratar do entêrro. E não vai ser fácil — acrescentou, numa voz molhada.

E a verdade é que, não obstante as dificuldades de tôda a ordem para as cerimônias fúnebres, nos atropelos da cidade devastada pelo mêdo e pela morte, Ernesto fazia questão de enterrar o filho com o aparato dos dias normais. Tinha de pagar um absurdo? Não fôsse por isso: pagaria.

— Deixa o caso comigo, Luna — afirmou.

E cravou as esporas no cavalo, rumo da Praia Grande.

O certo é que, antes do cair da tarde, o ataúde forrado de sêda entrava no sobrado da Rua do Sol, e havia flôres em quantidade para cobrir de saudades e rosas o corpo de Teobaldo.

E foi também Ernesto quem saiu a buscar o Padre Fonseca, excelente velhinho que o iniciara nas declinações latinas, e só não o trouxe, de sua porta-e-janela no Beco do Seminário, para encomendar o corpo de Teobaldo, porque, exatamente na manhã daquele dia, a gripe o atirara ao fundo da rêde com um febrão de assustar.

— Arranjo outro — teimou Ernesto.

Correu ao Padre Eusébio, em São Pantaleão: tinha morrido na véspera, no próprio Cemitério, em meio de um entêrro. Galopou para a igreja dos Remédios. Padre Hernandez estava proibido de sair à rua, ainda tossindo muito.

Ao entrar no Convento do Carmo, meia hora depois, estava resolvido a trazer à fôrça o primeiro frade que saísse a recebê-lo. Mas não foi preciso. Frei Estevão, vendo-lhe os olhos úmidos, não se fêz de rogado: no mesmo instante saiu com êle, munido de seu breviário.

Na manhã de sol, que uns farrapos escuros de nuvens sombreavam, sòmente Ernesto, o Luna, o velho Lemos e o frade levaram o menino ao Cemitério, recolhendo-o ao jazigo de família sob a estralada das cigarras. Depois, enquanto o Luna, na sua carruagem, ia deixar Frei Estevão no Convento, Ernesto seguiu pela Rua do Passeio, dobrou o Caminho da Boiada e foi descendo a estrada batida de sol, a rédea sôlta, sòzinho, as lágrimas em fio no rosto amargurado, querendo perder-se no caminho longo e vermelho, à procura da paz que o pranto lhe recusava.

— Isto é a vida... Isto é a vida...

Como vingar a morte do filho, se o Tiago Souza, que o matara, ia em busca do médico para a única filha, que entrara em agonia? Tinha de baixar a cabeça, submisso à crueldade da sorte. Demoradamente, na capela do Cemitério, estivera a contemplar o menino, sentindo as lágrimas crescerem ante o rosto comprido e lívido rodeado de rosas. Vira-o apenas uma vez, de longe, fazia tempos. E *só agora pudera sentir por êle* a sua ternura de pai. Se não fôsse o gênio de Mariana... E Ernesto, entrando agora no caminho do Anil, entre extensas cêrcas de quintais plantados, esporeou de repente o cavalo, como a querer fugir, simultâneamente, de seu desespêro, do seu tempo e de sua cidade.

IX

Depois de deixar o frade no Convento, o Luna voltou à Rua do Sol. Tão grande era a sua fadiga que, não obstante os sacolejos da carruagem, por duas vêzes mergulhou num cochilo, antes de chegar à porta do sobrado.

O casarão quieto, de portas e janelas cerradas, ainda conservava a desordem do velório, o ar impregado do cheiro ativo das flôres e da cêra derretida.

Cristina, com os olhos vermelhos da vigília e do pranto, veio ao seu encontro, abafando os passos e a voz:

— Mamãe ainda não acordou.

Morena surgiu do fundo da varanda, numa crise de chôro. O Dr. Luna prontamente a conteve, impondo-lhe silêncio com o indicador em riste diante dos lábios. Não, senhora! Tinha de dominar-se! Por que não estava deitada?

Sondou-lhe a testa, para abrandar o tom zangado:

— Ainda tem febre. Não muita, mas tem. Vá para o quarto. Não se exponha a uma recaída.

Empurrou de leve a porta da alcova. Mas é Cristina quem espia, alongando o olhar pela fresta de luz que corta a penumbra do aposento. E vê Mariana, imóvel sôbre a cama.

— Ela só vai acordar lá para o fim da tarde — diz o Dr. Luna, numa voz de sussurro, voltando a encostar a porta.

Quando Mariana voltasse a si, qual seria a sua reação? Tôda a noite ela a passara junto ao filho, sempre a chorar e a dizer que iria com êle. À chegada do ataúde, pusera-se a gritar. Não consentia que colocassem ali dentro o seu filho.

Depois, cedendo à violência da emoção, abraçou-se ao outro, numa explosão de soluços.

E o Luna, após uns minutos de silêncio, animando-o:

— Tem paciência. Agora é tratar do entêrro. E não vai ser fácil — acrescentou, numa voz molhada.

E a verdade é que, não obstante as dificuldades de tôda a ordem para as cerimônias fúnebres, nos atropelos da cidade devastada pelo mêdo e pela morte, Ernesto fazia questão de enterrar o filho com o aparato dos dias normais. Tinha de pagar um absurdo? Não fôsse por isso: pagaria.

— Deixa o caso comigo, Luna — afirmou.

E cravou as esporas no cavalo, rumo da Praia Grande.

O certo é que, antes do cair da tarde, o ataúde forrado de sêda entrava no sobrado da Rua do Sol, e havia flôres em quantidade para cobrir de saudades e rosas o corpo de Teobaldo.

E foi também Ernesto quem saiu a buscar o Padre Fonseca, excelente velhinho que o iniciara nas declinações latinas, e só não o trouxe, de sua porta-e-janela no Beco do Seminário, para encomendar o corpo de Teobaldo, porque, exatamente na manhã daquele dia, a gripe o atirara ao fundo da rêde com um febrão de assustar.

— Arranjo outro — teimou Ernesto.

Correu ao Padre Eusébio, em São Pantaleão: tinha morrido na véspera, no próprio Cemitério, em meio de um entêrro. Galopou para a igreja dos Remédios. Padre Hernandez estava proibido de sair à rua, ainda tossindo muito.

Ao entrar no Convento do Carmo, meia hora depois, estava resolvido a trazer à fôrça o primeiro frade que saísse a recebê-lo. Mas não foi preciso. Frei Estevão, vendo-lhe os olhos úmidos, não se fêz de rogado: no mesmo instante saiu com êle, munido de seu breviário.

Na manhã de sol, que uns farrapos escuros de nuvens sombreavam, sòmente Ernesto, o Luna, o velho Lemos e o frade levaram o menino ao Cemitério, recolhendo-o ao jazigo de família sob a estralada das cigarras. Depois, enquanto o Luna, na sua carruagem, ia deixar Frei Estevão no Convento, Ernesto seguiu pela Rua do Passeio, dobrou o Caminho da Boiada e foi descendo a estrada batida de sol, a rédea sôlta, sòzinho, as lágrimas em fio no rosto amargurado, querendo perder-se no caminho longo e vermelho, à procura da paz que o pranto lhe recusava.

— Isto é a vida... Isto é a vida...

Como vingar a morte do filho, se o Tiago Souza, que o matara, ia em busca do médico para a única filha, que entrara em agonia? Tinha de baixar a cabeça, submisso à crueldade da sorte. Demoradamente, na capela do Cemitério, estivera a contemplar o menino, sentindo as lágrimas crescerem ante o rosto comprido e lívido rodeado de rosas. Vira-o apenas uma vez, de longe, fazia tempos. E só agora pudera sentir por êle a sua ternura de pai. Se não fôsse o gênio de Mariana... E Ernesto, entrando agora no caminho do Anil, entre extensas côrcas de quintais plantados, esporeou de repente o cavalo, como a querer fugir, simultâneamente, de seu desespêro, do seu tempo e de sua cidade.

IX

Depois de deixar o frade no Convento, o Luna voltou à Rua do Sol. Tão grande era a sua fadiga que, não obstante os sacolejos da carruagem, por duas vêzes mergulhou num cochilo, antes de chegar à portà do sobrado.

O casarão quieto, de portas e janelas cerradas, ainda conservava a desordem do velório, o ar impregado do cheiro ativo das flôres e da cêra derretida.

Cristina, com os olhos vermelhos da vigília e do pranto, veio ao seu encontro, abafando os passos e a voz:

— Mamãe ainda não acordou.

Morena surgiu do fundo da varanda, numa crise de chôro. O Dr. Luna prontamente a conteve, impondo-lhe silêncio com o indicador em riste diante dos lábios. Não, senhora! Tinha de dominar-se! Por que não estava deitada?

Sondou-lhe a testa, para abrandar o tom zangado:

— Ainda tem febre. Não muita, mas tem. Vá para o quarto. Não se exponha a uma recaída.

Empurrou de leve a porta da alcova. Mas é Cristina quem espia, alongando o olhar pela fresta de luz que corta a penumbra do aposento. E vê Mariana, imóvel sôbre a cama.

— Ela só vai acordar lá para o fim da tarde — diz o Dr. Luna, numa voz de sussurro, voltando a encostar a porta.

Quando Mariana voltasse a si, qual seria a sua reação? Tôda a noite ela a passara junto ao filho, sempre a chorar e a dizer que iria com êle. À chegada do ataúde, pusera-se a gritar. Não consentia que colocassem ali dentro o seu filho.

Porém, depois, ela própria o acomodara na urna de cedro, todo adornado de saudades e rosas. "Tão lindo o meu menino!", repetia, a contemplar o còrpo esguio que as pétalas afogavam. E já não tinha lágrimas nos olhos machucados. Pela manhã, sentindo aproximar-se a hora do saimento, redobrara a vigilância do ataúde, de pé, ardendo em febre, freqüentemente sacudida por acessos de frio, rebelde a todos os apelos para que repousasse um pouco — até que a exaustão a obrigou a sentar à cabeceira do esquife, num começo de vertigem, e foi então que o doutor acudiu com a injeção que a faria dormir pelo resto do dia.

Na cadeira de balanço, ao fundo da varanda, o Dr. Luna descansa a cabeça no espaldar de palhinha e vê Cristina do outro lado começando a pôr ordem na casa. Tem vontade de lhe dizer que também vá descansar. Mas suas pálpebras se fecham, pesadas, lerdas, e êle se assusta, erguendo a cabeça, quando a luz colorida, que se filtra pelo vitral da janela da Rua da Cruz, de repente o acorda. Tem a impressão de que passou pelo sono, coisa de alguns instantes, no máximo cinco minutos. E espanta-se com a varanda arrumada, sem vestígios de flôres, o ar renovado pelas janelas abertas sôbre o quintal. Onde está Cristina? Em redor, silêncio. Levanta-se, vai olhar o relógio. Quase cinco horas! Não é possível que tenha dormido tanto!

Nesse instante, a porta da alcova se abre e Cristina reaparece, ar preocupado.

— Mamãe já acordou — diz ela.

E de lábios trêmulos, contendo o chôro:

— E quer ver Teobaldo.

Os olhos de Mariana abrem-se com esfôrço na diluída claridade da alcova. Embora atenuada pelo veludo das cortinas, a luz lhe dói nas pupilas, e ela entrefecha as pálpebras, não de todo desperta, sentindo-se longe de tudo, ainda atordoada. O rosto de Teobaldo flutua na sua consciência, cercado de flôres. Num fio de voz, torna a chamar por êle. "Você não ouve sua mãe, meu filho?" Ela agora não tem fôrças para articular as palavras. Por que lhe apertam as têmporas com tanta fôrça? Longe, à sua frente, distingue duas rosas em botão. Depois, firmando o olhar, identifica nas duas rosas os círios do oratório.

— Apaguem! Apaguem! — pede com impaciência, estendendo o braço.

Os borzeguins do Dr. Luna rangem no soalho da alcova, a chama dos círios oscila ao pêso de seu corpo, e os dois botões de luz se apagam, desfeitos por um sôpro.

— Pronto, apaguei as velas — disse êle, curvando-se sôbre o leito, numa voz solícita. — Agora, procure ficar quieta. Sua febre está alta.

Do outro lado da cama, Cristina acomodava a ponta do lençol que cobria Mariana. De vez em quando erguia os olhos para o médico, compenetrada do seu papel de enfermeira. O têrço que lhe pende do pulso, o cabelo espichado para trás e prêso à nuca por uma fita preta, o vestido quase a encontrar os sapatos, e mais o todo expedido e grave da figurinha nervosa, que não cessa de repetir em tom de sussurro o credo e a salve-rainha, dão-lhe um ar de irmã-de-caridade, a que só falta a severidade do hábito.

Depois de tomar o pulso à doente, o Dr. Luna caminhou para a sala, aspirando a bolinha de naftalina. Não estava gostando do aspecto de Mariana, com a febre alta a tufar-lhe a veia das têmporas. Quarenta graus e dois décimos marcara o termômetro. E o pulso a bater sem ritmo certo, como se a vida se lhe esvaísse no calor excessivo, por entre os haustos da respiração ansiada.

Cristina, na penumbra da alcova, sentiu-lhe a preocupação:

— E então, doutor? — perguntou, entrando na sala.

— Não há perigo — replicou êle, arranjando à pressa a fisionomia serena, enquanto enxugava o suor em volta do pescoço — A doença tem de seguir o seu caminho. Você é que precisa tomar cuidado com a saúde. Eu agora vou sair, para trazer novos remédios. Quando voltar, vai me prometer que se recolherá ao seu quarto.

Porém ela deixara de ouvi-lo, absorta no desenho de Teobaldo, encontrado em cima da mesa, ao lado da estampa que lhe servira de modêlo. Os lápis de côr, de ponta aparada, acomodados no estôjo de madeira, estavam à espera de Téo, — pensou Cristina. Uma pilha de livros mais adiante. E duas medalhas, com as efígies de Santo Antônio e Santo Inácio de Loiola. Ela ergueu os olhos para o médico, como se lhe fôsse falar, mas o chôro voltou a sacudi-la, obrigando-a a abafar os soluços no lenço, enquanto o Dr. Luna, em silêncio, a garganta

o braço por cima de seus ombros, levando-a para o vão de uma das janelas.

E quando a crise passou:

— Você não tem a sua fé, Cristina? Faça dela o seu refúgio.

— É o que estou fazendo. Nas primeiras horas, fiquei desorientada. Agora, me sinto mais calma. Deus sabe o que faz.

E deixou cair os olhos, por um instante, pensativa. Em seu íntimo, sem deixar transparecer a ninguém o seu pensamento, havia perguntado a si própria se o irmão, com o tempo, não sairia ao pai. Se saísse, daria um mau padre. O Padre Arantes, em São Luís, não havia largado a batina? Por que Teobaldo não podia fazer o mesmo, quando virasse a cabeça?

E pondo novamente os olhos no rosto do Dr. Luna, que lhe acompanhava os movimentos pela neaga das pálpebras:

— É. Deus sabe o que faz.

— Agora — replicou êle guardando na gaveta da secretária o desenho e os objetos de cima da mesa — eu vou sair. Mas não me demoro.

No entanto, sòmente ao redor das oito horas, já noite fechada, pôde estar de volta, sobraçando umas revistas alemãs e trazendo nas mãos um pacote de novos remédios. Ao tirar o chapéu, após descansar o embrulho na mesa da varanda, recebeu em cheio a claridade do bico de gás, que lhe acentuou a palidez da fisionomia fatigada. Tivera de correr muito para não se atrasar ainda mais. E quanta gente à sua espera na Santa Casa! Pobre Irmã Catarina, sempre impaciente com os atrasos do doutor! Felizmente, êle pudera dar conta de quase tudo. E ainda fôra ao Jenipapeiro dar uma olhada na casa e trazer de lá as velhas revistas, sem esquecer de passar pela farmácia. Como estaria Mariana? Não obstante os comunicados tranqüilizadores da Saúde Pública, mais quinze óbitos tinham ocorrido, só naquela tarde.

Antes de pôr os olhos em Cristina, viu-lhe a sombra na parede, saindo da alcova:

— Como passou ela? — perguntou, voltando-se.

Cristina:

— Na mesma.

Lá dentro, assim que transpôs a porta, o Dr. Luna deu com a velha Cipriana, ao pé da cama, sentada num banquinho de pau, soprando um fogareirinho de barro. Um cheiro forte de alfazema se desprendia das brasas, alastrando-se pelo aposento. O candeeiro de opalina, sôbre o mármore da cômoda, irradiava a sua luz vermelha até à cama. No silêncio, a respiração ansiada de Mariana ondulava sôbre o corpo magro o linho do lençol.

Ao tomar-lhe o pulso, o médico sentiu a febre persistente. Os olhos, não de todo cerrados, mostravam uma réstia de íris apagada, na penumbra que envolvia o leito. E lá estava, na coluna de mercúrio do termômetro, a mesma indicação inquietante: quarenta graus e dois décimos. Por quanto tempo o coração de Mariana suportaria aquela temperatura?

E para Cristina:

— A febre está mais baixa. Vá-se deitar. Você precisa dormir.

Cipriana ergueu para o médico os olhinhos confiantes:

— Eu já teimei com ela, doutor. Eu tomo conta de minha Sinhá. Não precisa Siá Cristina ficar acordada. Eu fico Que é que me custa deixar de dormir uma noite?

E Cristina, imperativa:

— Eu já disse que você vai dormir, Cipriana. Ontem, você não dormiu. Hoje, passou o dia trabalhando. Não senhora. Acabe já com isso e vá se deitar. Repare bem que estou mandando, Cipriana.

A velha abriu para o médico o seu sorriso pregueado, mostrando os dois dentes que lhe ladeavam a bôca. E reprimindo o riso, depois de soprar a brasa do fogareiro:

— Minha Sinhá, quando mocinha, era assim mesmo. É ver uma, não precisa ver a outra. Não zangue comigo, não. Sinhàzinha. Quem fica com Sinhá sou eu.

E o Luna:

— As duas vão descansar. Eu vou passar a noite aqui.

Ao sair da alcova, o Dr. Luna pensou em despachar o o Rafael, mas, refletindo que talvez precisasse dêle no correr da noite, deixou-o lá embaixo, cochilando no banco da carruagem, e estirou-se na cadeira de balanço da varanda, ao alcance da luz de um candeeiro, para passar as horas na companhia de suas velhas revistas.

Cipriana ainda se retardou na alcova por quase uma hora. Por fim, apontou na varanda, a carapinha branca reluzindo na meia claridade avermelhada, passo arrastado, com o fogareiro a rescender a incenso queimado.

— Se o doutor precisar de mim, é só me chamar; eu vou descansar o corpo na rêde, mas estou acordada rezando pra minha Sinhá.

Daí a pouco, o Dr. Luna lhe ouviu o rangido da rêde nos armadores. Depois, silêncio. No casarão quieto, a pulsação do relógio. E a viração da noite, úmida, contínua, a entrar pelas janelas escancaradas sôbre o êrmo da Rua da Cruz.

A primeira hora êle a venceu sem dificuldade, distraído na leitura. Depois, cansado das linhas impressas, ficou nas ilustrações, passando as fôlhas a êsmo, os olhos doloridos olhando sem ver. Sentiu que ia dormir. A cabeça tonteou, vencida, como se fôsse cair sôbre uma ruína romana, e logo se endireitou, acendendo os olhos assustados. Para espalhar o sono, foi até à janela. Como ainda não tinham substituído a lâmpada da esquina, a escuridão envolvia a rua, aumentando a solidão circundante. Acendeu um cigarro, soprou-lhe a brasa com a própria fumaça. E de repente perguntou a si mesmo, num impulso de espanto, se lhe seria lícito entrar sòzinho no quarto de Mariana.

— E eu não tinha pensado nisso!

Firmou o olhar nas casas da redondeza. Não estariam a espreitá-lo, por trás daquelas janelas cerradas? Logo lhe saltou a impressão de que, na casa em frente, uma fresta de rótula se mantinha entreaberta. Seria possível que alguém duvidasse de sua correção? E ainda por cima naquelas circunstâncias? Oh, era demais! Atirou longe a ponta do cigarro, num movimento de ira e impaciência. Que fôssem para o diabo! E deu as costas à janela. Depois, alteou os ombros, sentindo que êle próprio exagerava, naquele instante, a maledicência da cidade. Não chegariam a tanto — reconheceu.

Mariana continuava imersa no sono, a mesma respiração ansiada, a cabeça levemente erguida no travesseiro. A chama das velas voltara a luzir no oratório. Mas era a luz do candeeiro que destacava a doente na alvura do leito. Os cabelos soltos, já alcançados pelas cinzas do tempo, restituíam na penumbra, ao toque da esmaecida claridade, uns longes da antiga beleza. E o próprio rosto, assim de pálpebras cerradas, no abandono do sono prolongado, dava a lembrar os dias de outrora, não obstante o leque de rugas que se fechava no canto dos olhos.

Abrandando o rangido das botinas no tapête, o Dr. Luna acercou-se da cama, pé ante pé, para tomar novamente o pulso de Mariana. Ao roçar os joelhos na bordã do leito, sentiu-se

dominado por desconhecida ansiedade. Sua gorda mão cabeluda, que a claridade do candeeiro destacava, permaneceu uns momentos imóvel, antes de mergulhar por baixo do lençol em busca do braço que teria de tatear. Deveria fazê-lo, sòzinho na alcova? Não seria mais prudente chamar a Cipriana ou a Cristina, para que uma delas lhe fizesse companhia? Logo ergueu os ombros, decidindo-se. Naquele instante não era apenas um homem, era um médico! E adiantou resolutamente a mão trêmula, *ao mesmo tempo que fechava* o rosto, sobrancelhas contraídas.

Daí a momentos, apertava o lábio inferior, inquieto. Cabeça baixa, volveu à varanda, cheirando a bolinha de naftalina. Depois, olhou a rua, acendendo o cigarro, que logo atirou pela janela.

— É preciso dar-lhe a injeção. Quanto mais cedo, melhor — reconhecia, parado à entrada da alcova.

Sentia-se prêso ao chão, oscilando entre a prudência e o dever. Para aplicar a injeção, teria de descobrir o corpo de Mariana. E a imagem de sua nudez inconsciente, na solidão do sobrado adormecido, profundamente o atordoava, como se ele estivesse agindo de modo incorreto.

— O mais acertado é chamar a Cipriana — concluiu.

Mas, antes de bater no quarto da velha, volveu no sentido da escada, em passo mais apressado, e começou a descer no escuro os degraus de madeira, apoiando-se no corrimão. Na calçada, estendeu o braço para dentro da carruagem, acordando o Rafael.

— Olha — disse então ao cocheiro, que se empertigou no banco, tonto de sono, — vai-me buscar o Dr. Ernesto. Que êle venha depressa aqui, para um caso de urgência. E que suba, assim que chegar.

X

Já era madrugada quando Ernesto chegou ao sobrado. Subiu a escada quase de um só impulso, sem se deter na volta do corrimão, e parou lá no alto, como se o ar lhe faltasse, diante da ampla varanda deserta que o candeeiro de opalina iluminava com a sua luz escassa.

Tudo se achava ali como no seu tempo: a mesa de jantar, as cadeiras em volta, o aparador, as duas cadeiras de balanço, o jarrão chinês com as largas fôlhas de tinhorão sal-

picadas de amarelo. Pelas janelas do quintal, o recorte dos galhos esguios da mangueira. E o Pimpão, já decrépito, o pêlo ruivo aconchegado numa bola gorda, a dormitar a um canto, na sua preguiça de gato velho.

Antes de desviar os olhos, tomado por irreprimível emoção, da enorme gravura inglêsa que cobria um pedaço da parede no vão entre as janelas da rua, ouviu ranger suavemente a porta da alcova. Quando se voltou, deu com a figura desolada do Luna saindo à varanda, com a bolinha de naftalina na ponta dos dedos.

— Ela talvez não amanheça — concluiu o médico, após resumir o estado de Mariana. — Agora, nem sequer a luz a incomoda — acrescentou.

Um silêncio longo. O Luna acercou-se de uma das janelas, enchendo o peito num suspiro de cansaço, enquanto o Ernesto buscava o maço de cigarros, pensativo.

E Ernesto, soprando a primeira fumaça:

— Não dá acôrdo de nada?

— Há mais de meia hora que tento despertá-la, sem nada conseguir. Coloquei-lhe uma compressa gelada na cabeça, para ver se lhe protejo as meninges. Se fôsse apenas a gripe, não tinha importância. A coisa se complicou com o abalo que ela sofreu.

Fêz uma pausa, escolhendo as palavras:

— Agora, como tenho de lhe dar uma injeção, achei que devias estar presente. A seringa já está fervida. Só estava esperando que chegasses.

Ernesto abriu de manso a porta, depois de esmagar a ponta do cigarro no cano de uma das botas, e insinuou o olhar para dentro da alcova. E logo viu Mariana, no grande leito de mogno, o filó do cortinado corrido para a cabeceira, sob a tímida luz do candeeiro da cômoda. A compressa úmida cobria-lhe a testa, envolvendo parte da cabeleira.

E o que êle distinguia, firmando o olhar à medida que se adiantava para dentro da alcova, era o seu rosto muito branco, com o nariz fino apontando para o alto e a bôca entreaberta. "Se a visses, não a reconhecerias" — tinha-lhe dito o Luna. Mas a memória, apenas por um relance, lhe restituiu a Mariana dos passados dias, e de pronto a roseta de uma de suas esporas tiniu de leve, no movimento do passo atarantado.

O largo lençol que agasalhava Mariana, dobrado ao meio em tôda a extensão da cama, deixava sentir-lhe a ondulação do busto, que subia e descia, ao compasso da respiração ansiada, e deslizava suavemente para as pernas, até se fechar na extremidade do leito, com os pés apontando para os lados. O braço esquerdo, dobrado agora por cima do ventre, mostrava a mão transparente, com um anel de platina no lugar da aliança.

Ernesto avançou mais um pouco e outra vez parou, já agora a um passo da cama, e pôde ver melhor o rosto pálido que a doença, o tempo e as amarguras tinham devastado. Demorou o olhar na fisionomia torturada, que o sono contínuo não apaziguara, e sentiu que o velho rancor, que sempre associava à lembrança de Mariana desde que se tinham separado, se desfazia ante a figura consumida e branca, de rugas nos lados da bôca e no canto dos olhos, envolta na sombra suave que a luz do candeeiro acentuava. "Ela talvez não amanheça", repetia êle, de si para si, reprimindo o impulso da comoção que lhe apertava a garganta.

Lá fora ia o vento úmido da madrugada. E misturado ao sibilo fino das lufadas, talvez na Rua da Paz ou na Rua dos Afogados, o rolar do carro funerário, com o tinido das ferraduras da parelha fatigada.

— Dá pena — disse Ernesto para si mesmo.

Depois, abafando os passos, contornou os pés da cama, acercando-se da cômoda, para aumentar um pouco a luz do candeeiro. Olhou em volta, reconhecendo o oratório, o guarda-roupa, o espelho sôbre a cômoda, o tapête, o crucifixo na parede. E de repente, como se a figura viva assomasse à tona de sua memória, viu Mariana à sua frente, os cabelos desatados, desfigurada pela cólera:

— "Sai daqui! É só para isso que me queres! Sai! Eu não te quero mais junto de mim!" — gritava ela, exatamente ali, à luz daquele mesmo candeeiro.

E assim de pé, no abandono da camisola de dormir, o corpo levemente deformado pela gravidez recente, mostrava-lhe a porta da varanda, a exigir que êle saísse de casa para sempre.

E Ernesto, buscando uma conciliação:

— "Mas eu sou teu marido, Mariana!"

— "Eu não sou mais tua mulher! Devias me respeitar sabendo que estou neste estado. Mas não: chegas da rua, a esta hora da noite, e pensas que estou aqui para que te sirvas

do meu corpo! Estás enganado, ouviste? Estou farta de ti! Do teu egoísmo! De tuas brutalidades! De tua falta de vergonha! Podes voltar à companhia de tuas raparigas! Deixa-me em paz!"

Êle, por seu lado, também se exaltara:

— "Não precisas acordar os vizinhos com teus gritos! Queres que eu saia? Pois bem: sairei. Depois não te arrependas!"

— "Não, não me arrependo! Podes ir. E não voltes nunca mais!"

E êle ouvira o estrondo da porta por trás de seus passos. Durante uns minutos, aguardara na varanda os soluços de Mariana, certo de que ela, depois da exaltação, entraria a chorar. Porém o silêncio se alongou na imensidão do sobrado. E o que se ouvia era o vento da madrugada — o mesmo vento úmido que voltava a soprar lá fora.

Voltou a olhar Mariana, agora no reflexo do espelho por sôbre a cômoda. E perguntou a si mesmo se não fôra dêle, realmente, a culpa da separação. Devia ter sido mais paciente, reconhecia. Que lhe custava ter ficado na varanda o resto da noite? Mas, não: tinha descido a escada, pisando forte na madeira dos degraus, e batera também com estrondo a porta da rua, para que Mariana, lá em cima, soubesse que ele ia mesmo embora.

A luz do candeeiro, estendendo-se na direção da sala, levou o olhar de Ernesto até lá. E êle se viu, logo depois, junto ao piano de cauda, a contemplar o retrato de Teobaldo. Com esfôrço, reprimiu a vontade de chorar. Depois, num suspiro fundo, que lhe encheu o peito, repôs o retrato na tampa do piano, como se erguesse o menino pelos ombros, repetindo o que tantas vêzes fizera com as filhas.

O espelho de um dos consolos, estreito e muito alto, guarnecido de severa moldura doirada, em harmonia com o sofá de palhinha e as cadeiras que a êste ladeavam, captava a claridade da alcova e a espalhava pela peça, destacando contra uma das paredes o contador italiano, com a sua dupla fileira de gavetas trabalhadas.

Na rua deserta, sempre o zunido do vento. E dentro da casa, *a espaços, a tosse das filhas.*

Voltando-se novamente para a alcova, reparou que o Luna, agora junto à cômoda, ia acabando de preparar a injeção.

— Já vou precisar de ti — disse êle a Ernesto, torcendo o pino do bocal do candeeiro para dar ainda mais luz ao aposento.

Rosto cerrado, o Luna aproximou-se da cama, com o outro ao seu lado. E assim que descansou a seringa no mármore da mesa de cabeceira, sempre trombudo, as sobrancelhas carregadas, começou a puxar de manso, devagarinho, a ponta do lençol.

Ernesto, de braços cruzados, travara também as sobrancelhas, imóvel, fisionomia tensa. E pôs-se a contrair os maxilares, enquanto o Luna, circunspecto, voltava para o outro lado o corpo de Mariana. Sentiu que o sangue lhe subiu ao rosto, queimando-lhe as orelhas, no momento em que as mãos do amigo, visivelmente nervosas, descobriram a figura adormecida, que a luz do candeeiro despia ainda mais.

No entanto, ante a carne flácida e alva que a agulha espetava, não experimentou a mais vaga sensualidade, e sim um sentimento humilhante de vergonha. E logo que o líquido principiou a descer na seringa, premido pelo êmbolo que o polegar do Luna ia empurrando, cerrou sùbitamente os olhos, *apertando bem as pálpebras, condoído de Mariana e de si mesmo.*

Tinha-se apiedado dela dois dias antes, com a morte do filho. E experimentava agora uma compaixão ainda mais forte, que o revolvia e atordoava. Como odiar ainda aquêle corpo envelhecido, que o tempo e o infortúnio tinham duramente castigado? E por que não lhe estender as mãos compadecidas, quase no momento da morte?

— Pronto — suspirou o Luna. — Felizmente ela nada sentiu.

E Ernesto viu que Mariana já havia sido resposta ao meio da cama, novamente coberta pelas duas voltas do lençol.

— Obrigado, Luna. Não sei como te agradecer.

O Luna levantou os ombros, aliviado. Foi à cômoda, abrandou a luz, saiu à varanda na ponta dos pés.

Imóvel aos pés da cama, na alcova envôlta na penumbra, Ernesto demorou o olhar em Mariana, tomado agora por opressivo sentimento de culpa. Devia ter sido mais tolerante e compreensivo para com ela. Reconhecia que errara, e muito. Por que não refreara em seu íntimo a sensualidade excessiva que Mariana se recusava a aplacar? O mais trágico, em tôda a sua longa luta de quase dez anos, é que, em lugar de se coibir ante a expressão de ira com que ela o repelia, mais se acentuava o seu desejo, a ponto de tatear, por vêzes, noite alta, o corpo bravio, que o sono profundo tranqüilizava.

Maquinalmente riscou um fósforo para acender o cigarro. Mas de pronto soprou a chama e recolheu o cigarro à carteira, vendo que Mariana se movia, como despertada pelo clarão.

Quase uma hora depois, de volta à varanda, sacudiu o Luna pelos ombros, para despertá-lo do sono pesado em que afundara numa das cadeiras de balanço:

— Ela está gemento — disse-lhe baixinho, numa voz aflita, assim que o amigo abriu os olhos, estremunhado.

O vento da madrugada, que afaga as fôlhas do tinhorão, não deixa que cheguem à varanda os gemidos de Mariana, só permitindo ouvir os cansados borzeguins do Luna atravessando a porta da alcova. Depois, silêncio. E a primeira claridade da manhã apontando, como se espiasse, no alto da janela.

XI

Morena despertou com a luz da manhã em pleno rosto. E pondo-se de pé, num salto, olhou na direção do outro ângulo da sala. Vencida pela exaustão de tantas horas atribuladas, Cristina ainda dormia. Não querendo acordá-la, Morena caminhou na ponta dos pés para a varanda, compondo apressadamente os cabelos soltos, sem esquecer de calçar as sandálias. Como pudera dormir tão pesadamente que nem ao menos despertara uma só vez para saber como passava a mãe? Quase no momento de atravessar a porta, susteve o passo, intrigada por um sussurro de vozes. Apurando o ouvido, antes de espiar pela fresta cautelosamente entreaberta, distinguiu a voz molhada e grossa do Dr. Luna. Mais intrigada, adiantou o olhar, exatamente no instante em que a velha Cipriana, no seu pesado andar balanceado, entrava na varanda, com o bule de café e a leiteira, caminhando na direção do médico, que ocupava a cadeira de braços à cabeceira da mesa, a mão direita segurando a ponta do cigarro envôlta de fumaça. À sua esquerda, um senhor alto, de perfil, segurava a cabeça com as mãos, os punhos comprimindo a barba cerrada e negra.

— Papai! — reconheceu Morena, abafando o grito com a palma da mão, os grandes olhos arregalados.

Volveu correndo à sala, balançou repetidamente a rêde de Cristina, chamando pela irmã, e depressa mudou a roupa,

e rápida banhou o rosto e compôs os cabelos, e outra vez tornou a chamar pela outra, nervosa, as sandálias saindo-lhe dos pés.

E quando Cristina acordou:

— Mana, papai está aí! Juro por Deus que é verdade! Não, não estou mentindo! Vem ver comigo. Eu ia correndo ver mamãe e dei com êle, sentado à mesa com o Dr. Luna. Mas êle não me viu. Voltei para me vestir, que eu estava de camisola, e agora vou falar com êle. Anda, vem tu também!

Porém Cristina, depois de um momento de espanto, tornou à calma de seu feitio, as sobrancelhas levemente contraídas. E ante o alvorôço de Morena, que a puxava pelo braço, a dizer-lhe que se apressasse.

— Espera, tem calma — replicou. — O importante não é que papai esteja aqui: é saber se mamãe melhorou.

Dentro de casa, o ar ainda conservava um pouco da fragrância das flôres do velório, que as janelas fechadas, do lado da Rua do Sol, não deixavam o vento levar.

E Cristina, acentuando o tom da reprimenda:

— Não te apresentes na varanda com êsse ar de alvorôço, como se te houvesses esquecido da morte do Téo.

Porém Morena, já no aposento contíguo, não lhe deu ouvidos, tôda ela dominada pelo contentamento de saber o pai ali no sobrado.

Ernesto tinha adiantado a mão para receber o cigarro que o Luna lhe oferecia, sem conseguir conter o leve tremor que lhe sacudia o braço:

— Meus nervos não estão mais em forma — queixou-se ao amigo, demorando no ar a mão trêmula.

De pé junto à porta da alcova, a atenção concentrada no ouvido, ele havia acompanhado o desenrolar da nova crise de Mariana pela freqüência de seus gemidos. Mais de uma vez quisera entrar no aposento, num impulso de compaixão e ansiedade, mas não arredara da soleira da porta, receando que a sua presença inesperada, em vez de minorar o sofrimento dela, ainda mais o agravasse. Depois, quando os gemidos espaçaram sob a ação do sedativo, uma nova angústia se apoderou de Ernesto. Mariana teria melhorado ou entrara em agonia? Resoluto, penetrou na alcova. E logo, com um gesto, o Luna lhe ordenou que voltasse. E outra vez êle esperou pelo amigo no silêncio da varanda que o primeiro sol da manhã iluminava e coloria.

À proporção que a luz se alastrava pela casa, mais viva se tornava no espírito do Ernesto a esperança de que Mariana, vencida a travessia da noite, por fim se salvaria. E tão concentrado estava nesse pensamento, com o cigarro apagado na ponta dos dedos, afundado na cadeira de balanço, que não ouviu a exclamação da velha Cipriana:

E Ernesto, levantando a cabeça:

— És tu, Cipriana?

— Eu mesma, a Cipriana de sempre — replicou a velha, abrindo mais o sorriso. — Mais velha e mais acabada, mas por dentro, com a graça de Deus, de Nossa Senhora e de São Benedito, a mesma Cipriana, que nunca deixou de ter saudades do doutor.

E ela e Ernesto se voltaram para a alcova, ouvindo o ranger da porta que se abria para dar passagem ao Luna, em mangas de camisa, a gravata frouxa pendente do colarinho aberto:

— Depressa, Cipriana, vê para nós o café — ordenou o médico, deixando cair o corpanzil fatigado na cadeira de braços à cabeceira da mesa, uma expressão mais serena no rosto banhado de suor. — Felizmente, ela voltou a dormir — disse então a Ernesto, que o interrogava com os olhos. — Agora, senta-te aqui.

E enquanto a velha caminhava para a cozinha, no seu passo arrastado e lerdo, Ernesto ocupou a cadeira à esquerda do Luna, fincando os cotovelos na mesa e apoiando uas mãos espalmadas a cabeça pensativa.

Sem erguer os olhos para o outro, terminou por dizer, após um silêncio:

— A verdade, Luna, é que a Mariana tem sofrido mais do que eu. Sinceramente, tenho pena dela. E peço a Deus que ela viva e se console.

E buscando os olhos do amigo:

— Tu me conheces e não estranharás o que vou dizer. Se depender de mim terminar com esta situação, estenderei a mão à Mariana, pedindo-lhe que me perdoe. Confesso-te que me sinto arrasado por um sentimento brutal de culpa.

Pensando bem, o responsável pela morte de meu filho sou eu. Sim senhor. Eu. Perfeitamente. Se eu estivesse aqui, não teria havido o que houve.

Diante do protesto de Luna, insistiu, numa voz lenta e grave:

— Ninguém me tira isto da cabeça. Fiquei esmagado. Sinceramente: esmagado. É o têrmo. Desta vez meu arrependimento não é fogo de palha. O castigo me abriu os olhos. Estou arrasado, Luna. Completamente arrasado.

Fêz uma pausa. E voltando a amparar a cabeça:

— *Sei que fazes tudo para salvá-la. E é como se salvasses* a êste teu amigo. Minhas filhas precisam dela, mais do que de mim.

Nos fios elétricos da iluminação pública, os bem-te-vis alvoraçavam a rua com a sua estralada matinal. E sempre o vento a varrer as calçadas. O rolar de um carro, longe. E a fulguração do Sol a doer nos olhos, ao longo das fachadas de azulejos.

— Temos de providenciar uma enfermeira para a nossa doente, ainda hoje — adiantou o Luna, pensativo. — Minha impressão é que vamos ter doença para mais tempo. Pensei que seu coração não resistia, de ontem para hoje. Agora estou convencido de que, por êsse lado, ela não corre grande perigo, Em todo caso, estou atento.

Levou a mão direita à base da nuca, coçando a franja de cabelos grisalhos:

— O diabo é que eu, com o mundo de coisas que tenho a fazer durante o dia, principalmente agora, não posso mais emendar o dia com a noite, como antigamente — suspirou. — Estou longe dos vinte anos. Mais de meio século, e com esta gordura, é como se tivesse o dôbro.

— Eu te ajudo — ofereceu-se Ernesto.

— Não és o mais indicado para a luta que temos pela frente — respondeu o Luna, a cheirar a bolinha de naftalina.

E numa voz alvissareira:

— Estou agora me lembrando de uma pessoa que nos convém — acrescentou, estalando os dedos. — Se ela puder vir, não há outra melhor. Além de competente, é de uma dedicação que não pode ter igual.

Cipriana cortou o diálogo:

— Se não tem igual — atalhou, colocando o bule e a leiteira sôbre a mesa — é como o meu café.

Um cheiro forte de incenso queimado desprendia-se de sua saia rodada e de seu cabeção de chita, espalhando-se na varanda.

Enquanto a água fervia na cozinha, já com o café moído ao fundo do saco de pano, a velha tinha ido ao seu quarto conversar com São Benedito:

— Ah, meu santo, bem que se diz que Deus escreve direito por linhas tortas. Foi preciso Nosso Senhor chamar o filho de minha Sinhá, coitadinho, para o doutor voltar para casa. Eu juro que você anda metido nisso. Não me diga que não. Por sua cara estou vendo que isso é obra do meu santo. Nhô Teobaldo, aí no Céu, não podia estar melhor. E o doutor, aqui na casa dêle, também. Ponha boa a minha Sinhá, amoleça o gênio dela, dê juízo para o doutor, e o tempo vai se encarregar de sarar a tristeza da morte do sinhozinho. E não se esqueça de olhar ali para a pobre da Amparo, coitada, que ainda não pôde se levantar da rêde. Para mim, não peço nada.

Beijara os pés da imagem, repetidas vêzes, fazendo o sinal da cruz. E como junto da cômoda queimava o fogareiro de sua devoção ao santo, saiu do quarto rescendendo a incenso.

— Que cheiro forte é êsse, Cipriana? — perguntou-lhe o Dr. Luna.

— É meu — replicou a velha, com ufania. — Quando eu converso com o meu São Benedito, fico tôda cheirosa.

Nesse momento, Morena espiava pela fresta da porta. E viu Cipriana parar à esquerda do Dr. Luna, com os olhos embevecidos em Ernesto. Abriu mais a porta e saiu de manso à varanda, tardando o passo para que o pai desse por ela, ainda a distância. Mas quem a vê é o Dr. Luna, ao levar à bôca o primeiro gole de café. Logo Ernesto e Cipriana se voltam para o fundo da varanda. E Morena, coibindo o grito de alegria, dá por si nos braços do pai.

— Como você está crescida, minha filha! E môça, e bonita! — diz êle, segurando-a pelos ombros e distanciando-a de si para vê-la melhor. — Mas não precisa chorar. Assim seu pai chora também.

E novamente a atrai para junto do peito, afagando-lhe os cabelos soltos e sentindo-lhe a convulsão dos soluços:

— Teu pai voltou, minha filha — consegue dizer-lhe, após um silêncio de emoção. — Enxugue seu rosto — suplica,

numa voz abafada. — Môça bonita não deve chorar. E Cristina? Onde está Cristina? — indaga, rodando o olhar pela varanda.

O Luna, para atenuar a emoção, esquece o café na xícara, ergue-se da mesa, a bolinha de naftalina diante do nariz, e vai até a janela da Rua da Cruz, rangendo as botinas de clástico. Na volta, entra na alcova, demora a olhar Mariana, e retorna à varanda, fechando desajeitadamente o colarinho empapado.

— Preciso dar um pulo em casa — diz êle a Ernesto, apertando o laço da gravata. — Antes de ir para a Santa Casa, passo por aqui, para ver como vão as coisas. Não te inquietes, que Mariana vai continuar dormindo até tarde. Antes do meio-dia, estou novamente aqui, talvez trazendo a enfermeira.

Mas só pôde trazê-la ao cair da noite. Não fôra fácil encontrá-la — explicou. Felizmente, ali pelo meio da tarde, tinha avistado o prêto Julião, pai da môça, no coração do Largo do Carmo, a distribuir o último folheto do Reverendo Tobias "sôbre a próxima vinda de Nosso Senhor, à luz das verdades evangélicas", e o obrigara a ir buscar a filha, para um caso de urgência, sob pena de nunca mais atender de graça os protestantes que o Reverendo Tobias lhe mandasse.

Em companhia de Morena e Cristina, Ernesto tinha vindo para a saleta contígua à varanda, na ala esquerda do sobrado, para conversar com as filhas, sem receio de que Mariana lhe ouvisse a voz, na eventualidade de tornar repentinamente a si.

— Aqui está a famosa Abigail, enfermeira como não há igual em todo êste Maranhão — disse o Luna, entrando na saleta e dirigindo-se a Ernesto, que ficara de pé. — Depois do que já sabes sôbre ela, só preciso acrescentar que é protestante, como o pai e o resto da família.

— Com a graça de Deus — confirmou a enfermeira.

Andava pelos trinta anos, côr escura, magra e alta, o cabelo duro guarnecido pela touca engomada, muito limpa no uniforme branco, um cheiro de éter a desprender-se de seu tipo espichado, cuja sombra comprida, verdadeiramente gigantesca, se estirava por trás do seu corpo e subia a parede da varanda. Na mão esquerda, trazia uma bôlsa de couro; na direita, uma Bíblia encadernada em percalina preta e um bojudo livro de hinos que o polegar comprimia.

E seu primeiro cuidado, assim que entrou na alcova e olhou a doente, foi apagar com um sôpro as velas bentas do oratório, que Cristina, momentos antes, tivera o cuidado de acender.

XII

Duas semanas se alongaram, com as mesmas noites de vigília, os mesmos silêncios, as mesmas vozes abafadas, e Mariana a definhar no leito, muito branca, pálpebras caídas, lábios arroxeados, os cabelos descendo em duas tranças compridas — as tranças que Abigail tecia, ao longo das madrugadas, nos intervalos da leitura da Bíblia.

Nessas ocasiões, depois de dar mais luz ao candeeiro, a enfermeira sentava à cabeceira da cama, compadecida daquela infindável sonolência que Deus ainda não quisera curar. Suas mãos, de finos dedos transparentes, afagavam a testa de Mariana, devagarinho, e em pouco lhe buscavam os cabelos acetinados, enquanto lá fora o vento varria as calçadas assobiando.

E à medida que os dedos ágeis formavam as tranças, com a ajuda do pente, a voz suave entoava baixinho, num sussuro de prece, hinos ao Senhor.

Por vêzes, sustando os movimentos, punha-se à escuta, ao sentir que os lábios arroxeados se entreabriam, murmurando palavras desconexas ou chamando por Teobaldo.

A olhos vistos, o rosto de Mariana se descarnava, afilando o nariz e o queixo, numa depressão de cada lado da bôca, e no entanto o seu coração batia forte, numa pulsação que surpreendia o Dr. Luna, agora intrigado com a marcha da moléstia.

— Já não é mais a gripe — confessou êle a Ernesto, alisando preocupadamente a papada com a costa da mão. — Acho bom chamarmos o Figueiredo, para uma junta médica ainda hoje.

E pelo meio da tarde entrava na alcova em companhia do colega, um velhote magro, de barba passa-piolho, a mão esquerda afilando a guia do bigode, a outra refugiando os dedos na abertura do colete, o correntão de ouro a sair da algibeira, caladão e solene.

— Parece-nos tifo — disseram os dois a Ernesto, voltando à varanda.

E na noite dêsse dia, quando Abigail se pôs a tecer as tranças de Mariana, após acomodá-la melhor no cavado da

cama, teve uma surprêsa triste: os cabelos iam-se desprendendo à proporção que os desembaraçava. Alarmada, puxou o pente. E viu que uma das tranças estava a ponto de soltar-se, prêsa apenas por uns fios tênues, que logo se partiram, à leve pressão dos dedos inquietos que tentavam salvá-la.

— Oh! Que pena!

Dias antes começara a notar a queda dos cabelos, com os fios que enchiam o pente ou se espalhavam na fronha do travesseiro. Mas não supusera que a trança inteira se desprendesse.

Aflita, olhou para o outro lado da cabeça adormecida. Os fios soltos lá estavam, numerosos e grisalhos, destacados na alvura do lençol, e a trança solitária ainda prêsa. Cautelosamente, com mêdo de que também esta viesse a soltar-se, tratou de acomodá-la por baixo da nuca.

— Oh! — voltou a exclamar, vendo que a segunda trança igualmente se desprendia.

Nunca tinha visto um caso assim. Oh! E olhava, atônita, a cabeça nua, batida pela claridade avermelhada do candeeiro. O rosto de linhas suaves, que a doença devastara, havia perdido seu ar feminino, com a expressão grotesta que lhe advinha das tranças desprendidas. E Abigail deixou cair as pálpebras, ao mesmo tempo que sentava na cadeira ao pé da cama, a mão direita espalmada na testa:

— Senhor, — disse baixinho, concentrando-se numa prece para reprimir a emoção que lhe aguava os olhos — faça-se a tua vontade, assim na Terra como no Céu. E ampara os teus filhos, na hora da provação. Amém.

Nisto ouviu ranger a porta da varanda. Levantou-se e viu quando Ernesto se adiantava pela fresta, depois de olhar Mariana com espanto. Não era o mesmo homem de perneiras e esporas. A calça comprida caía-lhe sôbre o sapato de polimento, a gravata fina descia para o peito da camisa, o paletó escuro abotoado.

— Que foi isso? — indagou êle, ao ver que Abigail recolhia as duas tranças, a abanar desoladamente a cabeça.

E depois que ela lhe explicou:

— Foi a febre — concluiu êle, passando a mão na testa, olhos fechados, numa expressão de angústia e abatimento. — Cubra-lhe a cabeça com um lenço. Não a deixe ficar assim.

Quando o dia clareou, Ernesto estava sentado na cadeira de balanço da varanda, o cachimbo apagado, a olhar a luz alastrar-se pela casa. Tinha passado pelo sono, ali mesmo, pouco antes da primeira claridade, a custo sofreando o impulso de sair à rua, para esperar o romper do dia na solidão ampla do Cais. Queria apagar da lembrança a desfiguração de Mariana; porém a cabeça nua, alteada nos travesseiros, teimava nas suas retinas, e êle continuou a vê-la, ali na escuridão da varanda, até que conseguiu adormecer.

Ao acordar, viu Cipriana à sua frente, com a xícara de café:

— Seu doutor não pode ficar assim, uma noite atrás da outra. Precisa descansar também. A gente é de carne e osso, não é de ferro.

Depois que a velha se foi, no seu passo lerdo e balanceado, a carapinha tocada pela primeira luz da manhã, Ernesto acomodou o fumo no cachimbo, com o pensamento em Mariana. Dali a pouco era um nôvo dia. E até quando ela permaneceria naquela sonolência? Pobre criatura! Que infortúnio a vida lhe reservava? Quando tornasse a si, vendo-se desfigurada e sem o filho, de que servia viver? E Ernesto, com o cachimbo apagado, via a luz estender-se na varanda, ao mesmo tempo que a piedade por Mariana dominava o seu espírito. Depois de tanta desventura, ela ainda o repeliria com o mesmo ódio? Talvez não, se o soubesse disposto a modificar-se, em proveito dela e das filhas, e também de si mesmo. Custaria um pouco, reconhecia. Mas o primeiro passo estava dado, ao recolher o cavalo à cocheira e trocar o culote e as perneiras pelas calças corridas. Não fôra fácil atravessar o Largo do Carmo, a pé, assim vestido, e ainda por cima de paletó e gravata, chapéu prêto e bengala. Tivera a impressão de que tôda gente se voltava para vê-lo passar. Mas a verdade é que chegara à Praia Grande, sem que ninguém lhe falasse. Afinal, no escritório, após olhá-lo um momento por cima dos óculos, o velho Lemos havia sido franco:

— Quase que eu não o conhecia — afirmou.

— Estou fazendo a vontade das meninas — respondeu Ernesto. — Pai é assim mesmo.

Relutara um pouco em concordar com elas. Mas os olhos súplices de Morena tinham podido mais que os seus argumentos. Por que deixá-la chorar, se podia atender ao desejo

das filhas? E agora, volvida a primeira semana, já se sentia à vontade no nôvo traje.

Ernesto riscou o fósforo para acender o cachimbo. A chama oscilou na ponta do palito, sacudida pela brisa que vinha da rua. E êle ficou a olhá-la, até que um sôpro mais forte a apagou. Se Mariana, a despeito de tanto infortúnio, não houvesse abrandado o rigor de seu feitio? Deu de ombros, para atirar fora o pensamento. Agora, estava em paz com a sua consciência, não era possível ir além. Fizera o que fôra possível. Ela que cedesse também. E levantou-se, caminho da escada, cedendo ao impulso de sair à rua. Antes, espreitou pela fresta da porta. E tornou a ver Mariana, na claridade que se esgueirava por um vão das cortinas, a cabeça quieta envolta num lenço, pálpebras caídas, branca como o lençol.

Só ao pé da escada se lembrou de que havia deixado o chapéu. Tornou a subir, pé ante pé, e lá no alto viu Morena, cabelos soltos, pés descalços, ar de alvoroço.

— Ouvi seus passos na escada, papai. Por que vai saindo tão cedo? Alguma coisa com mamãe?

Tranqüilizou-a. E inventou uma desculpa:

— Há um navio no pôrto, preciso estar no escritório antes do Lemos chegar. Sua mãe passou bem. Mas continua em repouso. O Luna não quer que ninguém vá lá. Sobretudo vocês, que são filhas e podem emocioná-la. Vá se deitar mais um pouco. É cedo.

Na rua, descendo para o Largo do Carmo, ainda sentia no peito o roçar dos seios da filha. Estava uma bonita môça. De cabeça baixa, revia-lhe o abandono confiante, que não se retraía diante da luz indiscreta na leve transparência da camisola. E dizer-se que a deixara menina, ainda com as suas bonecas! Ergueu o olhar para a rua longa, querendo desvanecer do espírito a imagem que ali persistia. Logo reparou que o sol punha reflexos de espelhos nos azulejos das fachadas, sob o azul nítido da primeira manhã de novembro.

Já a cidade ia tornando aos poucos a seus hábitos antigos, com o abrandamento da gripe. Muitas famílias haviam regressado às suas casas, deixando os sítios do Caminho Grande, da Jordoa, do Anil e da Maioba. Tôdas as tardes, a velha Pacotilha punha em destaque a gradativa diminuição dos casos de internação no Isolamento do Lira. Mas o certo é que faltava às ruas e praças a animação costumeira. Muita gente

de prêto e fisionomia triste nas calçadas, contrastando com a claridade do Sol de estio nos azulejos das paredes.

No escritório, ninguém. Era melhor assim. E Ernesto se estendeu no sofá, as mãos servindo de travesseiro à cabeça pensativa. Outra vez lhe voltou às retinas a figura de Mariana. E não tardou a sentir os passos do velho Lemos rangendo no chão os borzeguins de polimento.

— Temos boas notícias — disse o velho, assim que deixou no cabide do corredor o chapéu e o guarda-chuva, já com o paletó de lustrina e o lápis por trás da orelha. — Chegaram dois barcos carregados de algodão. O arroz subiu muito, ontem à tarde, e hoje parece que sobe ainda mais. Estou atento. Só nós temos estoque. Agora que a gripe está indo embora, as coisas vão voltando ao eixos. Felizmente. Felizmente.

Ernesto havia chegado à janela ao fundo da sala e dali, estendendo o olhar por cima dos telhados, parecia distrair o pensamento no pedaço de mar que dois sobrados escuros limitavam.

— E a D. Mariana?

Ernesto baixou a cabeça:

— Na mesma. Agora, cairam-lhe os cabelos.

— É a doença. Voltam a crescer. Com a minha filha também foi assim. Demorou um pouco, mas cresceram. Só para a morte é que não há remédio.

E o velho, depois de um silêncio.

— Ontem, depois que você saiu, estêve aqui a dona daquela casa da Rua de Nazaré que você freqüenta.

E com os olhos no pedaço de papel que tirara da carteira:

— Veio dizer que morreu esta sua amiga. Com a gripe.

— Rosária? Rosária morreu?

Atordoado, Ernesto olhava o papel e olhava o Lemos, até que êste se afastou, amortecendo os passos nos degraus da escada. E deixou-se cair na poltrona, as mãos geladas segurando a cabeça, os olhos embaciados postos no chão.

Mais uma vez a vida lhe parecia absurda. Absurda e cruel.

— Rosária morreu — disse a si mesmo, para se convencer.

Fazia menos de um mês que estivera com a Rosária. Agora, não a veria mais. Nunca mais. Tanto que a quisera tirar do meio onde caíra e ela sempre a dizer que não. Estava bem. Era o seu destino. E dizia isto olhando-o de lado, risonha

e conformada. Não nascera para ser de um só homem. Por que contrariar a sorte que Deus lhe dera? E Ernesto, a olhar ainda atônito o pedaço de papel com o nome da rapariga, viu-a nua no leito, à sua espera.

XIII

Para onde vai o vento que galopa de madrugada, como a querer alcançar a carruagem na ladeira da rua? Deus é que sabe. O Senhor é que o faz correr assim, nas ruas da velha cidade, sob as estrêlas que brilham no céu desde o quarto dia da criação. E Abigail, tornando à cadeira da sala, cerra os olhos, para louvar o Todo-Poderoso lendo em voz alta os versículos de um salmo:

— "Bom é louvar ao Senhor e cantar salmos ao teu nome, ó Altíssimo, para publicar pela manhã a tua misericórdia e a tua verdade pela noite, com o saltério de dez cordas; com cântico, ao som da cítara. Porquanto me deste prazer, Senhor, na tua feitura, e nas obras de tuas mãos me regozijarei. Quão magníficas são, Senhor, as tuas obras, extremamente profundos os teus conselhos!"

Ainda de olhos cerrados, a mão direita apoiando a cabeça à altura da testa, Abigail permaneceu imóvel, ouvindo no silêncio o assobio do vento.

Agora, só de longe em longe, àquelas horas mortas, passava um carro na rua. A cidade parecia ter voltado à paz de suas antigas madrugadas. E a viração da noite, correndo sôlta entre sobrados adormecidos, não trazia mais gemidos e soluços, nem o lerdo caminhar dos cavalos fatigados recolhendo os corpos por enterrar.

A luz do candeeiro sôbre a cômoda atravessa a porta da sala e se alonga, com o seu halo vermelho, até o rosto comprido de Abigail. As muitas noites de vigília cavaram-lhe mais os olhos fundos, que têm agora um brilho menos intenso. Ela nada teme, porque sabe que Deus a acompanha, com a vigilância de sua misericórdia.

— Não se muda um grão de areia na face da Terra, sem que se cumpra com isto a vontade de Deus.

Na cidade alarmada, durante o período mais agudo do mêdo da morte, ela se mantivera serena, certa de que nada lhe aconteceria. Se acontecesse, era essa a vontade do

Altíssimo. Tinha na memória o exemplo de seu pai, quando veio a varíola, e o prêto Julião, gordo, ar manso, não permitiu que o vacinassem. Se Deus era o senhor de seu corpo, — perguntava êle — por que haveria de contrariar a vontade divina, fugindo da peste com uma picada de agulha? De modo algum. E não fraquejou, ao ver que as chagas se lhe alastravam pelo rosto, pelo busto, pelas mãos calejadas. Só o Dr. Luna, a quem não sabia dizer não, tinha conseguido medicá-lo.

— Meu remédio está aqui,na Palavra de Deus — teimara o prêto, deitado de lado, quase sem poder se mover, mostrando a Bíblia debaixo do travesseiro.

E na hora das grandes dores, castigado pela febre alta, erguia um fio de voz confiante, cantando hosanas ao Senhor.

Ela também confiava, como confiara seu pai, sentindo-se protegida pela graça de Deus. A prova é que ali estava, resistindo à doença, à vigília e à morte. Só se condoía dos que morriam sem a verdadeira fé em Cristo. Êstes, sim, lhe pareciam dignos de pena. Quanto ao seu caso, não tinha o que recear. E trazia na memória, para se manter tranqüila, a resposta de Jesus aos que o perseguiam: "Em verdade, em verdade vos digo que quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou, tem a vida eterna e não incorre na condenação, mas passou da morte para a vida".

E depois de puxar a cortina, para abrandar na casa o assobio do vento, Abigail entra na alcova, repetindo de si para si o versículo do *Evangelho de São João*. E vê que os olhos de Mariana — os mesmos olhos ausentes que a fitaram na véspera ao cair da tarde — tornam a encontrar-se com os seus.

— E então? Já se sente melhor? — pergunta-lhe.

Tudo parece confuso a Mariana. Ao firmar a vista num ponto, sente as coisas oscilando. Por que não apagam aquêle candeeiro? — indaga. Mas as palavras não lhe saem da bôca. E ela sente um suor frio a lhe descer das têmporas. Onde está Teobaldo? Quem é a môça que lhe levanta o busto? E outra vez deixa cair as pálpebras, vencida, exausta.

— Tome mais esta colher. Vai lhe fazer bem — oferece Abigail.

Ela recusa. Não, não quer.

— Mas é preciso. O doutor quer que a senhora tome. Lembre-se de que tem ainda duas filhas para acabar de criar. Vamos. É preciso tomar.

Só o cheiro do líquido dá-lhe náuseas. Mas como lutar, se lhe faltam as fôrças para repelir a colher que lhe insinuam na bôca? Por favor, deixe-me em paz! De súbito, como se o calor do líquido lhe reavivasse a consciência, Mariana tem a visão retroativa de seu desespêro, não de todo clara, exatamente como num pesadelo, as lembranças nítidas misturadas a restos de delírio, e ela vê Teobaldo imóvel, pobre do seu filho, mas não pode ser verdade, sim, é êle, quietinho no seu *caixão de flôres*.

A luz da manhã já começa a apontar dentro da alcova, insinuando-se pela fresta das cortinas. À medida que a claridade se espalha, desmanchando aos poucos o fulgor vermelho do candeeiro, Mariana se aquieta, novamente vencida, a brancura do rosto e das mãos confundida com a brancura do lençol.

— Que aconteceu comigo, meu Deus? Eu quero morrer. Não me deixe assim. Por favor. Eu preciso de meu filho.

Revê Teobaldo trazido nos braços do Luna. Não, não pode ser, meu Deus! Seu coração bate mais forte, numa sufocação de ansiedade. Ah, se parasse de pulsar! E outra vez ela se sente levada, fôlha dócil à tona das águas. O tempo parece esvair-se à feição do sangue de uma veia lacerada. O mundo está vazio à sua volta. A imensidão de uma campina diante de seus olhos. E longe, muito longe, a figura gorda do Dr. Luna carregando Teobaldo.

Tornou a fitar Abigail:

— Quem é você? E o que faz aqui? — perguntou, num tom quase apagado.

— Estou tratando da senhora. Sou a sua enfermeira.

Depois de um silêncio, sobrancelhas contraídas, Mariana ergueu novamente o olhar frio. E mais tarde, num fio de voz que lhe fêz arfar o peito ondulando o lençol:

— Vá embora. Saia daqui.

E tornou a refugiar-se debaixo das pálpebras, assim permanecendo largo tempo, sem vontade de voltar ao mundo que a fazia sofrer. E até quando viveria? Tão bom que morresse agora! Ao menos isso, Senhor! Um suspiro fundo invade-lhe o peito. E se não fôsse verdade a morte de seu filho?

Os olhos crescidos e enevoados rodam pela alcova e vão até a sala. Onde está a cama de Teobaldo? E Mariana, depois

ue tentar erguer o busto, que afunda mais na paina do travesseiro, enteabre os lábios ressequidos:

— Téo — chama baixinho.

E quando Abigail se inclina, solícita, sôbre o leito, para lhe perguntar o que deseja, ela responde, numa voz ansiada:

— Meu filho. Quero meu filho.

A fisionomia doce de Abigail se contrai ante a face envelhecida que tenta adivinhar o seu silêncio compadecido.

— Não diga... que êle morreu — suplica Mariana.

E Abigail, confirmando com a cabeça:

— Sim, morreu. Deus chamou seu filho ao Reino do Céu.

A cabeça de Mariana agita-se no travesseiro. Não! E por quê? Que mal fizera a Deus, para que lhe tomasse o filho? E seu olhar aflito se estende até o oratório. Depois, aquietando-se, cerra outra vez as pálpebras, uma lágrima lhe desce pelo rosto imóvel.

Abigail compõe o lençol à sua volta:

— Desde ontem que a sua febre passou. Isto mostra que Deus quer que a senhora viva. Tenha ânimo. Não se oponha à vontade do Senhor.

Puxou uma cadeira para junto da cama, buscou em volta uma fresta de luz, e sentando-se, com a Bíblia aberta, anunciou:

— Vou ler para a senhora um capítulo da Sagrada Escritura. A palavra de Deus nos ilumina e consola.

E alteando a voz:

— "O Senhor é o meu pastor: nada me faltará. Deitar-me faz em verdes pastos, guia-me mansamente a águas tranqüilas, refrigera minha alma, guia-me pela vereda da justiça, por amor de seu nome. Ainda que eu andasse pelo vale da sombra da morte, não temeria mal algum, porque tu estás comigo: a tua vara e o teu cajado me consolam".

Ergueu o olhar e continuou recitando, sem precisar do livro:

— "Preparas uma mesa para mim na presença dos meus inimigos, unges a minha cabeça com óleo, o meu cálice transborda. Certamente que a bondade e a misericórdia me seguirão todos os dias da minha vida e habitarei na casa do Senhor por longos dias."

A magra figura, tocada pela claridade que se esgueirava da fresta de uma cortina, tinha agora uma luz febril nos olhos castanhos que se fixavam na doente:

— A palavra de Deus não lhe tocou o coração, D. Mariana?

E Mariana, aborrecida, por entre os haustos da respiração fatigada:

— Deixe-me em paz, já lhe disse... Eu quero ficar só... Por favor, não me atormente... Eu não posso mais viver... A vida para mim é insuportável... Já sofri muito... Se Deus não me der a morte, hei de buscá-la... com minhas mãos...

Abigail ficou de pé:

— Não diga mais isso — replicou, em tom de censura.

— A senhora pensa que, acabando com a sua vida, se unirá ao seu filho? Pois está muito enganada! Seu filho está no Céu, D. Mariana. E a senhora, se se matar, irá para o Inferno, onde há chôro e ranger de dentes!

Uma veia grossa descia-lhe pelo pescoço comprido, os olhos pulados, a voz vibrante:

— Quer a prova de que seu filho está no Céu? — abriu nervosamente a Bíblia. — Pois então ouça êste trecho do *Evangelho de São Marcos:* "Então apresentaram a Jesus uns meninos para que os tocasse, mas os discípulos repreendiam aos que lhes traziam. O que vendo Jesus, indignou-se e lhes disse: — Deixai vir a mim os pequeninos, porque dêles é o Reino de Deus."

Cerrou a Bíblia com um estalo sêco. E novamente firmando os olhos pulados nos olhos de Mariana:

— Quem diz isso não sou eu. É Cristo, Nosso Senhor. Agora, me diga: a senhora preferia, com o seu egoismo de mãe, que seu filho continuasse a padecer neste vale de lágrimas, só para o ter ao seu lado? Não! A senhora não pode pensar assim! Seu filho está melhor do que eu, do que a senhora: está no Paraíso, gozando as bem-aventuranças eternas!

E depois de uma pausa, sempre com os olhos alargados pela exaltação:

— Deus disse: "Não matarás". Se a senhora se matar, terá a condenação eterna e nunca mais se encontrará com seu filho. Veja bem: nunca mais! O que a senhora tem de fazer agora é conformar-se com a vontade de Deus. Isto sim! Não é falar em morte. Deus quer que a senhora viva. Não foram os remédios do Dr. Luna que a salvaram: foi a vontade do Senhor. Sem essa vontade, de nada adiantariam os remédios. Mais de um mês a senhora passou entre a vida e a morte, e agora já está sem febre. Dentro de mais uns dias estará de

pé. E quando isso acontecer, tome conta de sua casa, cuide da educação de suas filhas, e sobretudo se volte para Deus. Deus está à sua espera, para perdoar os seus pecados e lhe mostrar a verdadeira luz que nos leva ao Reino da Glória.

Com um lenço, pôs-se a enxugar o suor que descia da testa de Mariana. E sorrindo para o rosto lívido que a fitava:

— Não se aborreça comigo, se me exaltei. Eu lhe falei em nome do Senhor

XIV

Embora o pai já lhe houvesse dito, mais de uma vez, que fôsse dormir, Morena continuava a seu lado, com o pensamento longe do jôgo, os dedos ágeis baralhando as cartas num ruído leve que se confundia com o chiado do bico de gás.

— Amanhã tens de acordar cedo para o colégio. Cristina está à tua espera. Anda. Já são dez horas — insistiu Ernesto, correndo a mão carinhosa pelos cabelos da filha. — Precisas dormir.

E ela, erguendo o olhar:

— E se mamãe não quiser que fiques?

Tôdas as noites, agora, após o jantar, reuniam-se os três à mesa da copa, numa longa conversa em voz baixa, quase sempre concluída com uma bisca animada entre Morena e o pai, enquanto Cristina, isolada a um canto, lia as vidas de santo que o Padre Galvão lhe emprestara.

Muito magro, rosto encovado, o padre aparecera uma noite, trazido pelo Dr. Luna para a sua visita de pêsames pela morte de Teobaldo, e logo anunciara estar de viagem para São José de Ribamar, por ordem do doutor.

— Mas antes de ir te mando uma boa pilha de livros religiosos — prometera à Cristina. — Terás o que ler até eu voltar.

E ela, depois da vida de Santo Inácio de Loiola e de São Vicente de Paulo, ia agora em meio da vida de Santa Clara. De propósito, vinha com os livros para a mesa, a fim de que a Abigail os visse. Mais de uma vez, entrando na alcova para ver a mãe, estivera a ponto de acender as velas do oratório, só deixando de fazê-lo para não ter de discutir com a enfermeira, cada vez mais solícita à cabeceira da doente. Tarde da noite, no silêncio do sobrado, ouvia-lhe a voz fina cantando

hinos protestantes, e logo balouçava a rêde, para apagar-lhe o canto com o rangido dos armadores, ao mesmo tempo que volvia às contas de seu têrço.

Para não responder à pergunta de Morena, Ernesto abriu mais o leque das cartas, procurando interessadamente um rei-de-paus. E voltando-se para Cristina, assim que fêz o lance:

— Como vai Santa Clara?

— Dedicando-se cada vez mais a São Francisco — replicou Cristina, sem tirar os olhos do livro.

E como o Luna vinha chegando da alcova, sempre a cheirar a bolinha de naftalina, o corpo pesado empapado de suor, a conversa volveu para a saúde de Mariana, que aos poucos se refazia, ainda prêsa ao leito, por entre os desvelos e os hinos de Abigail.

— Boa noite — despede-se o Luna.

Morena, ainda com o baralho nas mãos preocupadas, olha o pai à espera da resposta. Sim, já são dez horas. Amparo já se recolheu. Só a luz da copa está acesa. A sala de jantar às escuras, com o traço avermelhado da luz da alcova por baixo da porta. No silêncio da casa, o rangido manso da rêde de Cipriana, que sempre espera o sono fumando o seu cachimbo, a conversar com São Benedito.

O tempo parece que vai mudar. A mangueira do quintal agita os ramos, o vento impaciente sacode as janelas querendo entrar na casa. E é fria a aragem teimosa que se esgueira pelos vãos das rótulas.

Morena repete a pergunta, desta vez mais apreensiva, assim que o pai volta do patamar da escada e os passos do Dr. Luna morrem no corredor:

— E se mamãe não quiser que fiques?

Ernesto levanta os ombros, vai dizer que fêz o que foi possível, porém se coíbe a tempo, e aperta com a ponta dos dedos o queixo da filha, tentando transmitir-lhe uma confiança que não tem:

— Há de querer, há de querer.

— Deus te ouça — responde Morena, já agora de pé, os braços esticados num bocejo, que logo interrompe, como envergonhada. — Desculpe, sim? Foi sem querer. Até amanhã.

Depois que ela se vai, Ernesto fecha o bico de gás e permanece no escuro uns momentos, até adaptar os olhos à sombra e distinguir com nitidez o contôrno dos objetos. Risca

um fósforo para acender o contravento que pende da parede, e logo lhe reduz a chama a um pequeno botão discreto que o vento respeita. Também êle tem sono. Vai à varanda na ponta dos pés, ouvido afiado na direço da alcova. Há ali dentro um murmúrio de vozes, quase um cochicho ou uma reza. É em vão que tenta escutar. Os primeiros pingos de chuva batem forte nos vidros das janelas. Realmente, o tempo mudou. De repente, as vozes cessam. E as tábuas gemem, ao pêso de um corpo que se desloca na direção da varanda.

Antes que Ernesto se retraia de todo, a porta se descerra e Abigail aparece, projetando a sua sombra comprida na fresta de luz que abre um claro no chão.

A êsse tempo, Morena faz o sinal-da-cruz, sentada na rêde. Só a luzinha ao pé da imagem de Nossa Senhora. Para que mais, se a claridade da rua entra pela vidraça e mostra quase tôda a sala? Na cadeira junto à rêde de Cristina, o têrço e o livro da vida de Santa Clara. E os primeiros pingos de água começam a bater nos vidros das janelas.

De súbito, a claridade acendeu e apagou, na fulguração de um relâmpago. O trovão estronda para os lados do Largo do Carmo. Logo a chuva entra a escorrer dos beirais, grossa, ríspida, lavando com fúria os telhados e as ruas, sempre tocada pelos uivos da ventania.

Morena se encolheu na rêde, passou as varandas por cima do corpo, num arrepio de pavor, olhos cerrados, invocando Santa Bárbara e São Jerônimo, e ficou ouvindo a tormenta com o coração a pulsar mais forte, até que sentiu amainar as bátegas nas janelas e espaçar os relâmpagos. Tinha-lhe passado o sono. Agora era esperar que voltasse, quieta sob o lençol. Mas o que lhe voltou foi a cena da tarde, no quarto da mãe.

Ao ouvir a enfermeira descer a escada, Morena esperara, olhando de uma das janelas da sala, que Abigail dobrasse a esquina da casa de Sinhàzinha Dourado, e logo entrara na varanda, caminho da alcova. Sem ruído, empurrara a porta, dera com a mãe reclinada nos travesseiros, pálpebras semicerradas, como adormecida. À sua direita, em cima do colchão, a Bíblia e o livro de hinos de Abigail. Sempre de manso, Morena contornara o leito, persignando-se diante do oratório às escuras, e sentara na cadeira junto à cama, defronte da penteadeira, para esperar que a mãe tivesse a surprêsa de encontrá-la ao seu lado ao despertar. Da última vez que ali

estivera, não pudera falar-lhe, limitando-se a olhá-la de longe, sob as vistas do Dr. Luna, que insistia em cheirar a bolinha de naftalina. Agora, já podia fazer-lhe uma visita demorada. A febre passara, não se ouviam mais os gemidos de Mariana no silêncio da noite, o Dr. Luna vinha agora uma vez por dia, e a própria Abigail não tinha receio de deixar só a sua doente, por uma ou duas horas, enquanto ia à rua. Dentro de mais alguns dias, iriam sentá-la na cadeira de balanço, ali mesmo na alcova, ou talvez na sala, no canto de seu agrado, próximo ao piano.

Assim que se acomodou na cadeira, Morena pensou em compor melhor o lenço na cabeça de Mariana, escondendo os fios ralos que lhe desciam para as têmporas; porém, lembrada do antigo temor que a mãe lhe infundia, deixou-se ficar quieta, as mãos no regaço. Rodando o olhar pelo aposento, terminou por fixar-se no espelho da penteadeira, que lhe repetia a figura e os movimentos com a vigilância de suas três faces de cristal. Agora, que via o pai mais de perto, podia ajuizar melhor de sua semelhança com êle. A palidez que a gripe lhe deixara, e mais o rosto comprido, com os pômulos salientes, e o tom carregado das olheiras, acentuavam ainda mais essa concordância, a que os grandes olhos negros, sob as sobrancelhas espessas, emprestavam a côr e o risco da ostensiva parecença. Até a testa, com o sobrecenho fechado cavando a dupla ruga que subia para a risca da cabeleira, era a mesma. Só faltava, para completar a identidade, além da barba cerrada tomando o queixo, — ajuizou Morena, sorrindo para a própria figura — a mecha de cabelos a cair abandonadamente para as têmporas. E então, enquanto tapava o mento com a mão esquerda, abrindo em forquilha o indicador e o polegar junto ao lábio inferior, como a esconder a barba, puxou a mecha de cabelos para o canto da testa, ao mesmo tempo que fechava as sobrancelhas, e teve a sensação repentina de que Ernesto a olhava de cada face do espelho.

Demorou a contemplar-se uns momentos, enlevada e feliz, e mais tempo ficaria, variando de posição sem mudar a composição da figura, se não desse, de súbito, com os olhos de Mariana voltados em sua direção, na face esquerda do espelho. Deixou cair as mãos, no movimento aflito de quem tenta corrigir tardiamente o flagrante comprometedor, endireitou-se na cadeira, muito pálida, esforçando-se por mostrar-se calma e natural, ao mesmo tempo que, olhando de frente a mãe, se sentiu gelar ouvindo esta pergunta:

— E quando foi que aprendeste a imitar teu pai?

Atônita, e ainda mais atordoada com o olhar iracundo que a traspassava, Morena tardou a resposta, não sabendo ao certo o que dizer, e já Mariana aprumava o busto, os magros braços fincados na paina do colchão:

— Sai! Deixa-me em paz! Vai embora daqui!

E mesmo depois que cerrou a porta, ao retroceder para a varanda, como empurrada pelos olhos coléricos que a mandavam sair, Morena continuou a ver a figura hostil que a repelia. Que lhe fizera, para ser tratada assim? Só por que se parecia com o pai e lhe arremedara o rosto diante do espelho? Desorientada, não sabendo o que fazer, nem tendo a quem falar porque a irmã tinha ido ao Convento confessar-se, Morena permaneceu parada junto à mesa, até que a explosão dos soluços a sacudiu, e ela buscou o outro lado da casa, para se refugiar na sala, não querendo que a vissem chorar.

Ao esmorecer da tarde, já senhora de si, apanhou da estante o primeiro livro que seus dedos encontraram, e assim que ouviu os passos de Cristina no aposento contínuo, simulou interêsse na leitura.

— Tu choraste, Morena? — perguntou-lhe a outra, logo que a encarou.

— Chorei — confirmou a outra.

E mostrando-lhe o livro:

— Sou o tipo da bôba. Não posso ler romance sem chorar.

Agora, na noite de tormenta, uma rajada mais forte, que sibila pelas frestas das rótulas, aumenta a chuva lá fora. Felizmente os relâmpagos cessaram. E Morena se encolhe mais na rêde, sem sono, os olhos ardendo, a ouvir o bater dos pingos nas vidraças. Aos poucos, o ruído se distancia, enquanto ela vê Teobaldo inclinar-se sôbre seu rosto, assim que deixa cair as pálpebras, no abandono do sono.

Ernesto está novamente na saleta contígua à varanda e torce o pino do bocal para dar mais luz ao contravento.

— Sente-se, faça favor — diz êle, oferecendo a cadeira a Abigail.

Tal como na primeira noite de sua chegada, a sombra da enfermeira se espicha por trás da figura alta e alonga-se pela parede até o teto. A touca branca lhe guarnece a cabeça.

A mão direita se contrai contra o peito murcho, como se comprimisse a Bíblia que Abigail raramente deixa de trazer consigo. Ao sentar, cruza as mãos por cima da toalha. A luz que lhe bate no rosto faz sentir o tom embaciado das noites mal dormidas. Mas os olhos têm um fulgor suave, que atenua a rudeza escura do semblante. A gola do vestido, fechada em colarinho, não lhe disfarça o pescoço longo. Seus lábios são finos, quase cerrados.

— Aqui podemos conversar melhor — observou Ernesto, sentando do outro lado da mesa. — Tem alguma novidade para mim?

— Ainda não. Mas já sei como entrar no assunto.

E entrelaçando os dedos:

— Há um versículo, numa das *Epístolas de São Paulo aos Corintios,* que vou ler para ela, talvez ainda hoje, e que liquida a questão. Diz assim: "Aquêles que estão unidos em matrimônio, mando, não eu, senão o Senhor, que a mulher se não separa do marido".

Ergueu para Ernesto os olhos confiantes:

— Melhor argumento não poderíamos ter. É Deus quem está falando. Não sou seu, não é o senhor. Mas Aquêle que fêz o Céu e a Terra e tudo o que nêles há.

Ernesto se pôs a arrumar maquinalmente as cartas do baralho na cabeceira da mesa:

— Diga-lhe que sou outro homem. O que passou, passou. Que idade tem ela? Quase quarenta. E eu? Quase cinquenta. A mocidade vai longe. A etapa da vida é outra. Ela sofreu muito, eu também sofri. E sou pai, quero estar junto de minhas filhas, viver com elas na minha casa. Tenho também êsse direito.

E Abigail, endurecendo o olhar:

— E o pecado, Dr. Ernesto, o senhor abandonou o pecado?

A chuva fustigava as janelas, dando a impressão de aumentar com os sibilos do vento nos galhos da mangueira. Na cozinha, uma goteira pingava nos ladrilhos. A chama do contravento, não obstante a proteção da manga de vidro, diminuía e aumentava, diminuía e aumentava, movimentando as sombras na parede.

Antes de levantar a cabeça, para olhar de frente a enfermeira, Ernesto repetiu de si para si a pergunta de Abigail, procurando coibir-se para não responder de modo desabrido.

Que satisfações tinha a lhe dar de sua vida? E que entendia ela, na estreiteza do seu fanatismo, do que chamava pecado?

— A sua pergunta — disse por fim, fazendo menção de levantar-se — me obrigaria a um longo exame de consciência, que não posso fazer agora. Está tarde. A senhora vai se recolher e eu também.

E Abigail, de pé:

— O senhor concordaria em receber a visita do Reverendo Tobias? Talvez fôsse melhor. É o pastor de minha igreja.

Ernesto segurou o contravento pela alça de metal:

— Mais tarde, mais tarde — replicou, numa evasiva.

— Então boa noite.

— Boa noite.

Durante uns momentos, permaneceu com o contravento acima da cabeça, para dar mais luz à varanda, até que Abigail entrou na alcova. Depois, com um ar fatigado, tomou pelo corredor que levava à cozinha e começou a descer a escada, em passo lento e leve, sempre a ouvir o vento e a chuva, para se recolher ao antigo quarto que servia de depósito aos velhos trastes e onde tinha agora a sua rêde, alguns livros e uma cadeira de balanço.

XV

Sentindo a vista escurecer, num começo de vertigem, Mariana cerrou os olhos, amparando-se na enfermeira, que se inclinara para o leito, e segurou-lhe as mãos geladas.

— Respire fundo — aconselhou Abigail.

E depois de um momento, vendo-a sorrir:

— Passou?

— Passou.

A outra curvou-se mais, envolvendo-lhe as espáduas com o braço direito, ao mesmo tempo que, com a outra mão, lhe trazia o corpo para cima:

— Procure agora firmar os pés no tapête, aos poucos, devagarinho. Vai ter a sensação de pisar em pontas de alfinêtes.

Mariana estava à beira da cama, muito pálida, olhos crescidos, os lábios quase confundidos com a lividez do rosto descarnado, a camisola a escorrer-lhe do corpo esquelético, as pernas estendidas para as sandálias de trança.

— Vamos, experimente — animou Abigail, vendo-a entrecerrar novamente as pálpebras, a mão na testa.

E Mariana:

— Voltei a sentir a vista escura. Parece que um formigueiro me sobe pelas pernas.

O suor lhe descia das têmporas, escorregando para o queixo. E ela reagia, querendo levantar-se, as mãos firmadas no colchão.

— Prefere levantar depois?

— Não, agora. No princípio, sei que custa um pouco. O que não posso é ficar eternamente deitada. Tenho de reagir — replicou Mariana.

E ela própria, reunindo as fôrças, impulsionou o corpo para o alto, certa de que, desta vez, sairia vitoriosa, e oscilou nas pernas bambas, amparada pelas mãos de Abigail, até que se equilibrou, ainda com o chão a fugir-lhe. Depois, sem deixar de apoiar-se na outra, alçou mais a cabeça, e viu que, apesar da vista sombreada, as coisas se aquietavam à sua volta.

Agora, volte a sentar. Por hoje, basta — disse Abigail, após uns momentos de silêncio.

— Não, eu quero andar.

E Mariana adiantou o pé para o primeiro passo hesitante. O corpo veio num impulso, sempre amparado por Abigail, e logo se equilibrou. Outro passo. Mais outro. E de repente, parando em frente ao espelho de três faces, Mariana se olhou em silêncio, espantada de si mesma, não querendo reconhecer-se na criatura esquálida que a fitava, agora imóvel, muito branca, os braços caídos, um lenço a cobrir-lhe a cabeça.

E por fim, num suspiro:

— Como eu fiquei, meu Deus!

— Com pouco estará melhor — animou Abigail, levando-a para o outro lado do aposento.

E ali fê-la sentar na cadeira de balanço.

A vista da sala, com a mesa de Teobaldo a um canto, deu a Mariana, num relance, a presença do filho, magro, de costas, curvado sôbre o papel do desenho. Tudo em redor lhe falava dêle. E o seu retrato sôbre o piano?

— Está guardado — explicou Abigail.

— Ponha-o no lugar — ordenou Mariana.

E sacudida pelo pranto, quando viu que êle, no retângulo da moldura de prata, olhava em sua direção:

— Não, meu Deus! Eu não me conformo! Eu não posso me conformar! Deus não precisava de meu filho! E meu filho era tudo para mim!

E Abigail, de volta:

— Foi para evitar essa sua emoção que eu tirei dali o retrato.

— Deixe-o ali. Ali é o seu lugar — atalhou Mariana, tentando coibir os soluços, o rosto escondido nas mãos. — Que é que eu vou fazer no mundo sem meu filho? Ah, meu Deus, que vida tem sido a minha!

A existência era-lhe agora uma expiação angustiante, de que nem ao menos podia libertar-se buscando voluntàriamente a morte. Até quando duraria êsse tormento? Como encheria as horas de seu dia, sem o filho para cuidar? Que seria de suas noites infinitas, sem a consolação de estender o olhar para a cama onde êle serenamente dormia sob a sua vigilância?

— Não, não é possvel viver, meu Deus!

Abigail tinha ido à alcova passar a chave na porta. Era melhor que ninguém entrasse, até se desfazer a crise de D. Mariana. De volta, pensou abrir uma das janelas da sala, para iluminar mais o aposento, porém, ouvindo o rumor da chuva, que não passara no correr de tôda a madrugada, se limitou a descerrar discretamente as cortinas.

E pondo a mão no ombro de Mariana, que conservava a cabeça baixa e o rosto entre as mãos:

— Chore — aconselhou. — Disse Jesus, no Sermão da Montanha: "Bem-aventurados os que choram porque serão consolados".

Sentando ao seu lado, tomou-lhe uma das mãos, agasalhou-a entre as suas, carinhosamente. E no tom de voz com que, na igreja do Caminho Grande, recitava as suas lições de história sagrada na Escola Dominical:

— Na terra de Us, existiu há muitos e muitos anos um homem reto, direito e temente a Deus, chamado Jó. Tinha sete filhos e três filhas. E era o seu gado de sete mil ovelhas, e três mil camelos, e quinhentas juntas de bois, e quinhentos jumentos. E tinha muitíssima gente a seu serviço. Todos os dias, por si e pelos seus, Jó orava ao Senhor e lhe oferecia sacrifícios. Um dia, Satanás apareceu diante do Senhor. E Deus lhe perguntou de onde vinha. Respondeu o Demônio: "Venho de rodear a Terra." E disse Deus: "Observaste o

meu filho Jó? Não há ninguém semelhante a êle. Êle me teme e se desvia do mal." Santanás voltou a falar, em tom de desafio: "Tira o que êle tem e verás se não blasfema na tua face." E o Senhor ordenou ao Diabo: "Experimenta. Tira o que lhe dei. Só não consinto que lhe toques". E daí começou neste mundo o tormento de Jó. Tudo o que tinha foi destruído pelo Demônio. Perdeu o gado, perdeu as terras, perdeu os filhos (perdeu os filhos, veja bem, D. Mariana), e mesmo na maior dor e na maior miséria, não deixou de orar a Deus e de confiar na sua misericórdia.

Mariana tinha erguido o olhar, interessada, o rosto voltado para Abigail, que a olhava de frente.

A chuva continuava a pingar dos beirais em fios longos que riscavam o ar diante dos vidros das janelas. E o vento a soprar, úmido e frio, enquanto a luz teimava na atmosfera cinzenta, avivando aos poucos a sua claridade leitosa.

Abigail mudou de repente o tom da voz, chegando o corpo para a ponta da cadeira:

— Sabe qual foi o resultado da provação de Jó? Deus fêz entrezar a êle o dôbro dos seus antigos bens e ainda lhe deu os filhos.

Mariana ergueu as mãos, como se fôsse agarrar alguma coisa no ar:

— Os filhos? Deus lhe deu também os filhos?

— Deu.

E Abigail, apanhando a Bíblia de cima da cômoda:

— É o que diz a Palavra do Senhor — acrescentou, folheando ràpidamente o volume, em busca do documento. — Aqui está. *Livro de Jó*, capítulo 42, versículo 12 a 16. Veja. Leia a senhora mesma.

Mariana segurou o livro, ntre ansiosa e desconfiada, as mãos úmidas apoiadas nos joelhos. E de olhos surpresos acompanhou o dedo fino com que Abigail ia mostrando as palavras no correr da leitura:

— "O Senhor abençoou a Jó no seu último estado, ainda mais do que no seu princípio, e chegou êle a ter quatorze mil ovelhas, e seis mil camelos, e mil juntas de bois, e mil jumentas. Teve também sete filhos e três filhas. E chamou o nome da primeira Dia, e o nome da segunda Cássia, e o nome da terceira Cornustíbio. E não foram achadas em tôda a terra mulheres tão formosas como as filhas de Jó; e deu-lhes

seu pai herança entre seus irmãos. Depois disto viveu Jó cento e quarenta anos, e viu a seus filhos, e aos filhos de seus filhos, até a quarta geração, e morreu velho e cheio de dias."

Absorta, olhos parados, Mariana se recolheu em si mesma, como se a voz de Abigail ressoasse ainda em seu íntimo, e não sentiu quando esta volveu a segurar a Bíblia, de pé à sua frente. E daí a momentos:

— E eu só quero meu filho — disse consigo, num fio de voz. — Só um. Êle, Teobaldo. Não quero mais nada. Nem os meus cabelos. Nem a minha saúde.

E com um brilho no olhar, encarando Abigail:

— Mas essa Bíblia não é a protestante?

Abigail descerrou o livro na fôlha de rosto. E curvando-se, para mostrar a página que dissiparia a desconfiança:

— Veja a senhora mesma. Aqui está. Leia comigo: "A Bíblia Sagrada, contendo o Velho e o Nôvo Testamento, traduzida em português segundo a Vulgata Latina pelo Padre Antônio Pereira de Figueiredo."

E descendo o dedo para o meio da página:

— Veja mais o que está aqui adiante: "Edição aprovada em 1842 pela Rainha D. Maria II com a consulta do Patriarca Arcebispo eleito de Lisboa." A Bíblia é uma só, D. Mariana. A diferença entre protestantes e católicos é que nós, protestantes, seguimos fielmente a Bíblia; êles, os católicos, não.

Sentindo-se confusa, como se uma nova vertigem lhe sombreasse a vista, Mariana amparou a cabeça numa das mãos, olhos no ar. E tornando a si, à medida que entrecerrava as pálpebras:

— Deus deu a Jó outros filhos e eu só quero o filho que Deus me tomou. É diferente. É bem diferente. E isso não pode ser.

— Como não pode ser? Pode, sim. Perfeitamente. Não tenha dúvida. Exatamente o mesmo.

E Abigail, num tom mais firme:

— Disse Jesus: "Aquêle que crê em mim, ainda que esteja morto, viverá!"

Por alguns momentos, em silêncio, encerrada no desapontamento de sua fé, Mariana sacudiu a cabeça, para dizer que não. Como podia acreditar na bondade de Deus? Ou na compaixão de Nossa Senhora? Que mal havia feito para ser

castigada tão duramente? Não incorrera em pecado. Vivia reclusa na sua casa. Se estava separada do marido, era porque êste levava uma vida de perdição, que a sua dignidade de mulher condenava e repelia. De manhã e à noite, sempre rezara o seu têrço. E aos domingos, mesmo no rigor do inverno, com a chuva copiosa, jamais faltara à sua missa. Por que então o castigo brutal, que para sempre a desgraçara? E agora, ah! se ao menos sonhasse com seu filho! Noites seguidas acalentara êsse desejo, tão fácil de ser atendido pela misericórdia divina, e nunca pudera ver Teobaldo, ainda que de relance, numa visão fugidia, porque até isso Deus lhe recusava!

E para Abigail, sem erguer o olhar:

— A morte de meu filho me desorientou para sempre. Não sou mais a mesma. Perdi a minha fé, a fé que me amparava. Há horas em que me animo um pouco, com as coisas que você me diz. Mas depois vem novamente a dúvida, e a descrença se apodera de mim.

No fundo de seus olhos crescidos havia agora um brilho de mêdo. Suas mãos compridas, enclavinhadas nos braços da cadeira, pareciam mais ossudas e crispadas.

— Sempre que sentir essa dúvida — respondeu Abigail, numa voz convicta, que a serenidade de seu rosto confirmava — leia a Palavra de Deus. Esta Bíblia vai ficar de hoje em diante ao seu lado, no lugar do têrço que a senhora nunca mais pôde rezar. Quando vier o desânimo, abra-a ao acaso. É assim que eu faço, sempre que tenho um problema de consciência. A senhora há de ver que, para tôdas as nossas angústias, há aqui uma resposta que nos conforta.

Fêz uma pausa, à espera do olhar de Mariana. E num tom mais firme, demorando as palavras:

— Sem crer em Deus, no verdadeiro Deus que está neste livro, a senhora nunca mais se encontrará com seu filho!

Pelo meio da tarde, outra vez estendida na cama com a cabeça alteada nos travesseiros, Mariana atraiu para si a Bíblia que Abigail deixara ao alcance de suas mãos.

O tempo, embora, houvesse melhorado depois do meio-dia, não estava de todo limpo: ainda chuviscava de vez em quando, na tarde de indecisa claridade.

Após buscar a nesga de luz que entrava pela janela à sua direita, Mariana alteou mais a cabeça, tomada de uma

ponta de hesitação e mêdo, e abriu o livro ao acaso. Durante uns minutos, seu olhar curioso resvalou pelas linhas impressas, à procura da resposta de Deus, e o que encontrou, até o fim da coluna de tipos miúdos, foi apenas uma exaustiva relação de nomes complicados, unidos entre si por longa linha genealógica, sem qualquer relação com o seu estado de espírito. E eis que, de repente, viu Teobaldo correr ao seu encontro, braços abertos, fisionomia iluminada, e tão bem disposto e feliz como nunca o tinha visto antes.

Ao fim da tarde, quando Cristina, de volta do colégio, ainda com a blusa branca e a saia azul do uniforme, entrou devagarinho na alcova para ver a mãe, Mariana tinha os olhos no ar, a mão direita sôbre a Bíblia aberta, e tão absorta em seu devaneio que não deu logo pela presença da filha.

— Hoje estou achando a senhora bem melhor — disse-lhe Cristina.

E Mariana, assim que a filha lhe beijou a mão:

— Sonhei pela primeira vez com Teobaldo — confessou.

Agora, sim, tinha certeza de que Deus, o verdadeiro Deus que fêz o Céu e a Terra, se apiedava de seu infortúnio.

Já a sombra da noite vinha baixando, com o esmorecimento gradativo da última luz da tarde. Uma obscuridade cinzenta espalhava-se pelo aposento. Depressa, a claridade que vinha da janela pelo vão da cortina esmoreceu sôbre o rosto de Mariana, que ainda mantinha uma expressão recolhida de êxtase, e tão suave que Cristina não se animava a interromper.

E quanta coisa a filha tinha para lhe contar! A tristeza da classe, com a ausência das colegas que a gripe levara para sempre. A missa rezada pelo Padre Galvão, no último domingo, em intenção da alma dos que haviam morrido com a pandemia. O parlatório caiado de nôvo, com o crucifixo de bronze dominando a parede. E a freira que chegara da Bahia, muito bonita no seu hábito ainda nôvo e tôda contente e feliz por servir ao Senhor na Ordem das Dorotéias.

Devagar, na ponta dos pés, contornou a cama, caminho da varanda, ao sentir que Mariana, de olhos entrefechados, se entregava à lembrança de seu sonho, quieta, ensimesmada, como a flutuar entre a vigília e o sono. Mas de tal modo as sombras da noite se tinham adensado, que foi pelo tato que encontrou a maçaneta da porta.

E Mariana, antes que ela saísse:

— Diga à Cipriana que venha acender o candeeiro.

— Eu mesma acendo — ofereceu-se Cristina.

E acercou-se da cômoda, guiada pela tênue claridade que vinha da sala. Em breve um clarão vermelho se desprendeu do bocal de vidro, iluminando a alcova, destacando a touca de Abigail sôbre o mármore da cômoda e fazendo sobressair, pelo brilho de metal antigo, os dois castiçais de prata do oratório, com as velhas velas apagadas.

No momento de riscar o fósforo para iluminar o oratório, Cristina perguntou pela enfermeira.

— Saiu de tarde e só vai voltar depois do culto.

A chama do fósforo tocava agora o pavio de uma das velas, que de pronto se acendeu clareando a imagem da Virgem do Carmo na sua redoma de vidro.

E Mariana, no momento em que a filha acendia a outra vela:

— Basta a luz do candeeiro — atalhou, numa voz ríspida.

E Cristina, com espanto:

— A senhora não quer que ilumine o oratório, mamãe?

Mariana endureceu o olhar:

— Basta a luz do candeeiro — repetiu.

E ficou esperando que a filha, muito pálida, soprasse a chama das velas.

XVI

Silêncio no sobrado. Depois do dia de chuva miúda, céu nublado sem nesga de sol, a noite límpida, com a brisa a soprar na rua molhada.

Na saleta junto à varanda, Morena folheia o álbum que lhe conta a juventude do pai na Inglaterra e que êste lhe trouxe, de surprêsa, já ao fim da tarde, de sua casa no Destêrro.

Cristina, queixando-se de uma ponta de dor de cabeça, certamente cansaço dos estudos para as últimas provas do ano, tinha-se recolhido pouco depois do jantar.

O bico de gás chia por sôbre o centro da mesa, deixando cair nas fotografias a sua luz intensa, que igualmente destaca o rosto feliz de Morena.

— E aqui também é você? — pergunta — E com êste calção? E já de barbas? E com êste chapèuzinho engraçado? Só assim eu me ria!

E Ernesto, depois de impor silêncio com o indicador diante dos lábios:

— Eu tinha ido à Escócia, numas férias de outono.

Morena volve a fôlha, ainda com uma expressão de riso:

— Ah, como eu tenho vontade de viajar, de ir pelo mundo a fora, parando aqui, parando ali, e gostando de tudo! — exclama abafando a voz. — Ir à Europa, à India, ao Egito, à China, à Austrália, aos Estados Unidos, e depois voltar aqui para o meu canto, tôda prosa, muito cheia de mim, e dizer aos bobos aqui de São Luís: "Minha gente, eu conheço o mundo inteirinho!"

Ao dar com o pai a cavalo saltando um obstáculo, retém a respiração. E segurando-lhe o braço, sem desfitar a fotografia:

— Assim é que eu gosto de ver você: bonito, garboso, formando uma só peça com o seu cavalo! Que beleza! E que paz a gente sente olhando aquêle castelo lá longe e êste pedaço de rio! Sim senhor, assim vale a pena viver!

Uma sombra de tristeza vem vindo devagar do fundo de seus olhos contraídos. E num suspiro, ante o pai de casaca, a cartola e as luvas na mão direita, junto a um portão de ferro:

— Sou capaz de jurar que aqui você ia a uma festa. Ah, que vontade eu tenho de ir a um baile! A um baile de fim-de-ano, num vestido comprido côr-de-rosa, sapato alto, diadema na cabeça! Parece mentira: ano que vem faço dezoito anos e nunca fui a um baile!

E Ernesto, cingindo-a pelos ombros:

— Irás agora.

— Quando?

— Quando fizeres dezoito anos.

Ela abanou a cabeça, duvidando:

— Só acredito, vendo.

Da alcova fechada, no silêncio da casa quieta, vinha agora a voz de Abigail cantando.

E Morena, segurando o braço do pai, orelhas atentas:

— A voz dela não é boa, mas o bino é bonito — observou, pondo-se de pé, interessada. — Vamos ouvir mais de perto.

Trazendo Ernesto por um braço, saiu à varanda na ponta dos pés. A claridade da saleta os acompanhou até junto à janela, onde Ernesto se acomodou, protegido pela sombra que ali se adensava, enquanto Morena se acercava da porta, de

manso, passos cautelosos, para se deter na cadeira de embalo, à escuta.

Uma tristeza crescente ia apertando o coração de Ernesto. Por quantos dias mais permaneceria junto das filhas? O Luna tinha-lhe dito que Mariana estaria de pé, reintegrada na vida da casa, talvez na próxima semana. Contra a vontade dela, como ficar ali? E Ernesto, ouvindo a voz de Abigail, entrecerra pensativamente as pálpebras, disposto agora, êle próprio, a entender-se com Mariana. E por que não? Era seu marido. A casa era sua. Eram suas as despesas. E por que não lhe falava, ainda naquela noite?

E chamando Morena:

— Agora, vai te deitar — aconselhou, num fio de voz, afagando-lhe o rosto. — Já está ficando tarde.

Com um gesto, ela lhe pediu que esperasse. Queria aguardar o final do hino. E rindo baixinho:

— Quero ver se a mamãe canta também...

Depois que ela se foi, dizendo por mímica o seu desapontamento por ter ouvido apenas a voz de Abigail, Ernesto demorou uns momentos a olhar a porta da alcova, indeciso. De cabeça, via-se a torcer a maçaneta. E qual seria a reação de Mariana, quando o visse assomar pela fresta entreaberta? Num relance, viu-a erguer o busto, exaltada. "Que faz o senhor aqui? Saia! Eu não o quero ver!" E por momentos teve a impressão de ouvir a voz dura e ríspida que o mandava embora. Nervoso, apalpou o bôlso lateral do paletó em busca do cachimbo. Sem ruído, abriu a fôlha da janela. A viração da noite lhe bate no rosto, ao mesmo tempo que a primeira fumaça lhe demora diante dos olhos. Parecia-lhe impossível que, após tantos dias de sofrimento e infortúnio, Mariana não se houvesse abrandado. Tinha de ser outra, mais compreensiva, mais humana! Êle também não mudara? Bastaria que ela o visse, para sentir, logo ao primeiro olhar, a sua completa modificação. No traje, no leque de rugas ao canto dos olhos, na mecha de cabelos grisalhos que lhe escorria das têmporas. De repente, firmou consigo mesmo esta resolução: se ela lhe falasse com aspereza, saberia dominar-se. Pensando bem, Mariana tinha as suas razões. Êle ali estava para reconhecer os seus erros. Queria levar uma outra vida. Ali, na sua casa. E por que não? De noite, não sairia. Tinha os seus livros, o seu cachimbo, o baralho de cartas para o jôgo de paciência. E as filhas. Sobretudo as filhas. Já não era môço.

Precisava de um pouco de carinho e compreensão à sua volta, para envelhecer em paz. Só isso. Até mesmo a Rosária se fôra, e para sempre. Oprimia-o agora um sentimento de mêdo e angústia, que lhe fazia o coração pulsar mais forte. Por que não ia logo ao encontro de Mariana? Talvez fôsse melhor esperar um pouco mais. E olhou de longe o mostrador do relógio que o bico de gás da saleta iluminava. Esperaria cinco minutos — decidiu. O tempo de terminar o cachimbo. Nada mais que cinco minutos. E voltou-se para a rua deserta. De um lado e de outro casas fechadas. De longe em longe o ôlho arregalado das lâmpadas elétricas. E um silêncio compacto cobrindo a cidade. À medida que dispersava o olhar na curva da rua em direção ao Cais, procurou reprimir a nostalgia de suas caminhadas ao léu nas noites límpidas. Já não havia mais boêmios em São Luís — concluiu. Também o tempo havia mudado. Onde os seresteiros de outrora, com os seus violões? Suspirando, bateu a última cinza do cachimbo no poial da janela.

Ao voltar-se para a varanda, novamente sentiu que a angústia o invadia. Apurou o ouvido no sentido da alcova. Silêncio. Por baixo da porta, a luz do candeeiro punha uma réstia vermelha na penumbra. Guardou o cachimbo, cautelosamente correu a fôlha da janela, e outra vez considerou a sua decisão. Não ia ser imprudente? Por que não volvia a falar à Abigail? E sacudiu a cabeça, numa negativa. Êle, sim, é que devia tratar de seu próprio caso. Por que havia de temer a reação de Mariana? Caminharia até a porta, bateria de leve, torceria a maçaneta, adiantaria a cabeça pela fresta: "Mariana, com licença". E sem esperar que ela respondesse, iria ao seu encontro, resolutamente, virilmente. Depois, com calma, já ao seu lado, aguardaria que ela se refizesse da surprêsa, disposto a não dar ouvido a qualquer palavra desabrida. Aos poucos, a própria Mariana cairia em si. E aí então conversariam. Mas... e se ela, enfraquecida como estava, não suportasse a emoção da visita? Sim, também tinha de considerar o caso por êsse lado. O coração de Mariana, abalado pela longa enfermidade, talvez não suportasse a violência do choque. E Ernesto, pensativo, se pôs a apertar o lábio inferior na ponta dos dedos, olhar imóvel, sobrancelhas contraídas.

— Que custa esperar mais um dia ou dois?

Não devia precipitar-se. Se até o fim da semana Abigail nada lhe dissesse, recorreria ainda uma vez ao Luna. E o

Luna, gordo, sereno, circunspecto, saberia sair-se bem da conversa com Mariana.

De manso, cautelosamente, amortecendo os passos, Ernesto passou rente à porta da alcova. Seu olhar preocupado resvalou pelos móveis banhados de tênue claridade, alongou-se até o fundo da varanda, volveu por fim ao chão. Veio andando de cabeça baixa, a segurar a ponta do queixo. Em seu íntimo reconhecia agora que a hipótese do colapso de Mariana tinha apenas uns longes de verdade. Se assim era, por que não se decidia a entrar na alcova? — interrogou-se, mais de uma vez, sem deixar de seguir o seu caminho. De passagem pela saleta, apagou o bico de gás, deu mais luz ao candeeiro da parede e veio com êste suspenso do dedo até a escada junto à cozinha. Aborrecido com a sua fraqueza e o seu temor, começou a descer os degraus, convencido agora de que, daí a dias, estaria de volta à solidão do sobradinho do Desterro.

A luz do contravento ia na frente, rompendo as sombras circundantes. Lá embaixo a viração da noite se estirava sôbre as fôlhas velhas que cobriam o chão ao pé da mangueira carregada. A torneira do tanque pingava num ritmo certo, como se contasse também o tempo, repetindo o relógio da varanda. E ao pêso do corpo de Ernesto, os degraus rangiam alto, não obstante o cuidado com que êle os pisava.

Ao clarear o quarto, suspendendo o contravento acima da cabeça para pendurá-lo à parede junto à rêde armada, veio-lhe de súbito uma tristeza tão opressiva que o fêz acercar-se da porta para encher os pulmões com a aragem úmida do quintal. Ali ficou um momento, os olhos mergulhados na escuridão, de costas para a pobreza de seu aposento, onde havia apenas uma velha cadeira de embalo, a estantezinha de ferro cheia de livros, a cadeira de recôsto quebrado, e o baú de couro com as mudas de roupa. Só a rêde, de largas varandas rendadas arrastando no chão, muito branca e lavada, atenuava a penúria ambiente. Umas teias de aranha no ângulo das paredes. E uma sensação de umidade pegajosa no piso dos ladrilhos que a velha Cipriana varria com dificuldade, tôdas as manhãs.

Parecia-lhe tudo aquilo uma humilhação dolorosa que o seu orgulho repelia. E por que se sujeitava a dormir naquele esconderijo, se até as criadas tinham aposentos melhores, lá em cima? A lembrança de que êle próprio havia escolhido o quarto do porão, com a justificativa de que ali estaria mais à vontade, podendo entrar ou sair durante a noite por uma

das portas do lado da Rua da Cruz, sem fazer barulho na escada ou no corredor, pungia-o ainda mais.

Depois, dando de ombros, pôs-se a trocar de roupa, devagar, e terminou por sentar à rêde de forquilha, sem ânimo para uns momentos de leitura. Descansou a cabeça nos punhos, olhando a escuridão do quintal pela nesga da porta, ouvido afiado aos rumores da casa, e outra vez se voltou para si mesmo, sentindo-se vencido. Os velhos retratos de sua juventude, que Morena fizera tanta questão de conhecer, refluíam-lhe ao lume da consciência, obrigando-o ao confronto de sua vida de ontem com a sua vida de hoje, pobre vida de frustrações e ressentimentos, pendente da vontade alheia quando aspirava um pouco de equilíbrio. Para compartir com alguém, ainda que de longe em longe, a sua solidão, nem sequer podia mais pensar na Rosária, agora para sempre perdida. Recorrer à companhia de Luna, para uma conversa vadia? Mas êste, além de ter os problemas de sua própria vida, por vêzes recolhido em si mesmo ou repartindo-se como os seus doentes, era apenas um amigo extremamente solícito e bom, mas sem o dom de compreender e apaziguar que só as mulheres, que se entregam por amor, conseguem ter.

E após reduzir a chama do contravento a um pequeno botão de luz vermelha, estirou-se na rêde, para ver se dissipava no sono, ouvindo o pleque-pleque da torneira na água do tanque, a angústia que principiava a sufocá-lo.

E no domingo, à primeira modorra da tarde, ainda sentado à mesa do almôço com as filhas, na saleta junto à varanda, viu que Cipriana, ao entrar com as xícaras de café na bandeja de prata, sustinha o passo no vão da porta, olhos crescidos e parados, ao mesmo tempo que Morena retraía o busto, as mãos na dobra da toalha, e Cristina deixava cair o guardanapo, pálida, respiração suspensa. Ao seguir-lhe o olhar, na instantânea desconfiança do que estava ocorrendo, Ernesto permaneceu com o fósforo aceso por sôbre o fumo do cachimbo, deixando o lume extinguir-se na brisa que soprava do quintal, tudo rápido, no curso apenas de alguns segundos, como ante uma visão sobrenatural que infundisse mêdo e silêncio na luz alta do dia. E essa visão, com efeito, se recortava tôda branca sôbre o papel pintado da parede da varanda, a cabeça coberta por um lenço, mais esguia na roupa que lhe caía até os pés, as mãos pendidas ao longo do corpo, também por sua vez paralisada de espanto, o espanto que logo se converteu em

ira, e ira que lhe avolumou a veia do pescoço comprido, na impulsiva energia com que Mariana, parada alguns passos adiante da porta da alcova, gritou para as filhas:

— Saiam de perto dêsse homem!

No mesmo instante, como que restituídas ao movimento pelo grito, as quatro figuras mudaram de posição. Morena foi a primeira a arrastar a cadeira e levantar-se, enquanto Cristina apanhava o guardanapo, mais senhora de si, antes do sair da mesa. Cipriana ficou indecisa, olhando a um lado e outro, com a bandeja a oscilar nas mãos aflitas, e só Ernesto se adiantou para a varanda, aparentemente sereno, ainda a segurar o cachimbo e o fósforo:

— Mariana, — disse êle, caminhando — ouve-me primeiro.

Porém Mariana, retrocedendo para a alcova, não tirava os olhos das filhas, dura, desfigurada e lívida, gritando:

— Saiam! Saiam!

E antes que Ernesto, já a meio da varanda, pudesse adiantar a mão para alcançá-la, refugiou-se novamente na alcova, batendo a porta com estrondo e dando volta à chave logo a seguir.

XVII

O Luna, numa ponta do banco, chapéu atirado para o alto da cabeça e mostrando a testa até o comêço da calva, mantém-se calado, olhos contraídos, o cigarro no canto da bôca, recebendo no rosto preocupado a viração da tarde. Desta vez, não se põe a cheirar a bolinha de naftalina: as mãos entrelaçadas sôbre a barriga rodam nervosamente os polegares. o suor lhe cai da papada no colarinho aberto, a gravata frouxa parece mais aberta em cima do peito:

E Ernesto, equilibrando-se na outra extremidade do banco a um sacolejo do carro:

— Procura explicar esta decisão às minhas filhas.

O outro concorda com um movimento de cabeça, e grita para o cocheiro:

— Mais devagar, Rafael.

A vitória abranda a marcha, envolta na poeira vermelha do Caminho da Boiada, e entra na Rua do Passeio, do lado contrário ao do Cemitério, levada agora por um galope frouxo que atenua a zoada das rodas nas pedras do calçamento.

Sempre a rodar os polegares, o Luna aperta mais os olhos à luz que brilha nos azulejos das fachadas, não sabendo ainda que conselho dar a Ernesto. Ainda bem que chegara a tempo de evitar o pior. Na verdade, não sabia bem por que motivo, a caminho de casa, depois de almoçar com o Lobão num frege da Rua de Nazaré, se tinha lembrado de mandar o Rafael entrar pela Rua do Sol. E ali, de repente, ao acercar-se da esquina da Rua da Cruz, fizera o carro parar. Ao subir o primeiro lanço da escada do sobrado, sentiu a tempestade lá em cima, com o Ernesto a gritar dando murros na porta da alcova. Galgara o resto dos degraus, quase a perder o equilíbrio na borda do patamar, e ainda tivera fôrças para ir ao amigo, voz forte, modos resolutos: "Que é isso? Que loucura é essa?" E a custo, depois de ordenar a Cristina e Morena que parassem de chorar, conseguira trazê-lo escada abaixo, enfiando-o depois na carruagem, tudo à pressa, precipitadamente, sem esperar que os vizinhos acudissem à janela. Felizmente o piano de Sinhàzinha Dourado tinha irrompido de repente, abafando os protestos de Ernesto nos primeiros compassos da valsa do Major. E logo a vitória, posta em movimento por uma chicotada enérgica, galgara o resto da ladeira, num retinir áspero de ferraduras alvoroçadas, para dobrar adiante a Rua de São João e seguir pela Rua da Paz, já a trote largo, na direção do Caminho Grande, sob o mormaço da tarde abafada, à hora da sesta dominical.

Por largo trecho, sem se dar conta da direção que tomavam, Ernesto falava e gesticulava, vermelho, em contraste com o Luna, já restituído à calma de seu feitio e só deixando sentir a preocupação que o afligia na movimentação dos polegares.

— Nem me abriu a porta, Luna, ao menos para me ouvir! — volveu Ernesto, ainda fora de si, sem olhar para o outro — Eu a bater, aqui do lado de fora, pedindo-lhe pelo amor de Deus que me ouvisse, e ela lá dentro, calada! A mesma! Sempre a mesma! Tanta desgraça junta não a alterou em nada! E por que? Há explicação para aquilo? Não! Não há! Não pode haver!

E contraía os punhos, esmurrando o joelho direito, a bôca úmida salivando para os cantos:

— Se não chegas, não sei o que seria de mim. Mais de meia hora a bater, implorando, pedindo, suplicando, e ela muda, como se eu não estivesse ali a humilhar-me diante das

filhas, com as promessas mais desesperadas. Que era outro. E só queria a paz de minha casa. Ficaria no meu canto, lá embaixo, sem incomodar ninguém! Contanto que me deixasse o convívio das filhas! E ela em silêncio! O mesmo silêncio de antigamente! O silêncio que sempre me desesperou! Só faltei ajoelhar-me, suplicando-lhe que me dissesse uma única palavra! E nada! Muda como pedra!

A vitória tinha deixado para trás a rua calçada, seguia agora pela estrada de barro vermelho que os portões das casas de sítio marginavam. A viração atenuava o calor que subia do solo, mas levantava nuvens de poeira que se adensavam por trás do carro. Ninguém no caminho. E o verde escuro das grandes árvores imóveis fechando as voltas da estrada.

E Ernesto, ainda exaltado:

— Eu tinha de perder a calma! Que ia fazer, diante de seu silêncio? Mandá-la para o diabo! Então eu não mereço uma única palavra sua, depois da dedicação com que a tratei? É demais! É preciso ser muito cruel! E foi para isso que a arrancamos da morte?

Calou-se de repente, a mão esquerda por cima dos olhos, tentando conter-se. E em silêncio se deixou ficar. Sua exaltação cedeu lugar ao desânimo, que parecia vir aos poucos, devagarinho, trazido pelo balanço do carro. Novamente a sua vida mudava. Era inútil lutar para fugir à provação que essa mudança lhe impunha. Antes não houvesse volvido ao sobrado. Agora, ia sofrer muito mais a falta das filhas. Com certeza, não iria mais por lá. Se fôsse, a cena de há pouco se repetiria, com as filhas em pranto e êle a perder a cabeça, na iminência de um desatino. Melhor tornar ao seu canto, no sobradinho do Destêrro. Sabia que não teria vida longa, com a pressão alta que afligia o Luna, e isso o consolava.

E minutos depois, numa voz vencida, a cabeça caída para a frente, ainda com a mão cobrindo os olhos:

— Não vai ser fácil tornar a ficar sòzinho. Mas, que hei de fazer, se não há outro remédio?

Sentiu que a mão do Luna pousava no seu ombro, num gesto solidário, que mais os irmanava, e entristeceu-se, quase a ponto de chorar.

Mais alguns minutos de silêncio. E novamente o Luna os olhinhos apertados, entrou a rolar os polegares, abatido, buscando baldadamente uma palavra afetuosa que pudesse atenuar a tristeza do outro. Que ia fazer, para tirá-lo daquele abati-

mento? Pensou em Abigail. Quem sabe se ela, ainda naquela tarde, não podia, com jeito, falar à Mariana? Mas não tardou a dar de ombros, sorrindo de sua própria ingenuidade. Que esperança! O mais acertado era dar tempo ao tempo. E continuou a rolar os polegares, sacudindo de leve a cabeça com o balanço do carro.

A estrada se estreitava, depois de largo estirão entre tufos de mato, o verde queimado das fôlhas cintilando na luz quente. Na dobra do caminho, o horizonte se alargou, desimpedido, com o terreno a deslizar até os trilhos da estrada de ferro.

— Rafael! — gritou de repente o Luna, com ar de espanto — Que é isso? Estamos na Jordôa! Eu tenho de ver um doente é no Caminho da Boiada!

Quando a vitória fêz a volta, tornando ao galope certo da parelha castigada pelo sol, Ernesto passou o braço por cima do recôsto do banco, envolvendo o amigo pelas espáduas:

— Olha — rematou, numa voz resignada que o outro já esperava — quando chegarmos à cidade, deixa-me no Desterro. Não adiantou teimar. Baixo a cabeça. Sei que fiz o que era possível. Fui além do que devia. Agora, ponto final!

E de repente, já na cidade, antes que o carro dobrasse a esquina da Rua de Santana, endireitou a cabeça, numa nova decisão:

— Não precisas me deixar no Dêsterro. Fico mesmo por aqui. Obrigado, amigo velho. Obrigado por tudo! — gritou, pulando na calçada.

Minutos depois, caminha só na calçada estreita, cabeça descoberta, subindo a Rua do Norte. A luz da tarde, refletindo-se nas vidraças e nos azulejos, obriga-o a buscar o lado da sombra, ainda com o espírito atordoado. Baixa um pouco a cabeça, logo a levanta, como numa reação. Só então se dá conta que saiu sem gravata e chapéu. Mas que importa isso agora? Acelera o passo, firme. Um muro velho de pedra roída põe-se a acompanhar a calçada, com a sua crista agressiva de cacos de garrafa. Adiante, um portão entreaberto. E por êle entra Ernesto, chamando alto pelo Tião, ao mesmo tempo que avança batendo palmas. Antes que o Tião erga a carapinha por cima do cercado do galinheiro, Ernesto vê seu cavalo escarvando o chão da cocheira, orelhas fitas, reconhecendo o dono, as largas crinas caídas, pescoço molhado, e vai direto a êle, enquanto o riso do prêto velho se derrama por sôbre os paus da cêrca:

— Eu sabia que o doutor voltava. Até fiz uma aposta com o fio mais véio. Quem teve cavalo não se acostuma andar a pé, doutor. Sei disso desde menino.

E abrindo mais a risada:

— Tão certo eu tava, seu doutor, que nem deixei os fios usar as botas e o culote que o senhor me deu. Tá tudo aí, esperando pelo doutor.

— Sabes quem me vendeu êste cavalo, Tião? — indaga Ernesto, afagando as crinas do animal — O Pepe Alemão, dono do Circo Internacional. Vi Malhado saltando no picadeiro, ao som da charanga, e jurei que êste rapagão havia de ser meu. Minha sorte é que o Circo deu prejuízo e o Pepe me cedeu o cavalo por um bom preço. Do contrário, ele não largava o Malhado por dinheiro nenhum.

E numa ordem repentina:

— Põe a sela nêle, que eu quero aproveitar o resto da tarde numa volta pela cidade.

E enquanto o crioulo, sempre a rir do gênio do doutor, encilhava o Malhado, Ernesto, ali mesmo no quintal, sem se importar com as janelas de um fundo de sobrado escancaradas em sua direção, trocou as calças pelo culote, enfiou as botas de cano alto.

— Agora, Tião, faço-te presente das calças e dos sapatos. Tudo isso é teu, nada quero de volta.

Tião volveu a abrir a risada:

— Aceito, doutor, e hoje mesmo vou sair de sapato e de roupa nova, que isso tudo me serve. louvado seja Nosso Sinhô.

O tinido das esporas, o cano alto das botas engolindo as pernas do culote, o dólmã aberto em forquilha à altura do peito, deram a Ernesto a sensação de que volvia à posse de si mesmo, tornado à sua genuína natureza. E essa impressão se tornou ainda mais viva, quando de um salto, se acomodou na sela, a mão direita empunhando a rédea, a outra segurando o chicotinho de vime, pés firmes no estribo, as esporas roçando as ilhargas da montaria.

— Quanto te devo, Tião?

— O doutor é que sabe.

Ernesto abriu a carteira, puxou duas notas a êsmo, atirou-as no ar, e logo se pôs a experimentar o cavalo, obrigando-o a empinar as patas dianteiras, por entre o alvorôço de pátos, galinhas e marrecos, que se espalhavam em debandada pânica,

enquanto Tião corria a escancarar o portão, gritando a dois meninos que se afastassem depressa da calçada, antes que o cavalo os alcançasse, e êle próprio se retraiu, cosendo-se ao muro, respiração prêsa, enquanto Ernesto, quase sem lhe dar tempo a safar o corpo ágil, se adiantou para a rua, riscando o ar com o ímpeto de um galope e o estalo sêco da chibata.

A êsse tempo, na varanda do sobrado da Rua do Sol, o Dr. Luna passava o lenço em volta do pescoço, mais aflito e suado. Tinha razão para se julgar uma rematada bêsta — dizia a si mesmo, bufando de calor e raiva. Por que motivo, sem que ninguém lhe houvesse encomendado o sermão, estava agora ali, resolvido êle próprio a se entender com Mariana? "Mereço dar-me bofetadas diante do espelho, isto sim! Podendo estar em casa, estirado na rêde da varanda, dormindo em paz a minha sesta, estou aqui a querer meter-me mais uma vez na embrulhada alheia, por minha conta e risco! Não há dúvida: sou uma bêsta! Uma forte bêsta!"

Ao deixar Ernesto, experimentara uma vontade maior de lhe dar a mão naquele desespêro. Por que esperar por Abigail, se êle próprio podia falar à Mariana? Mas foi deixando que o carro continuasse o seu caminho, sem se decidir a ordenar ao Rafael que entrasse na Rua do Sol. Cruzou a Rua Grande, entrou no Largo do Quartel, seguiu pela Rua dos Remédios, sem se interessar pela tarde de sol límpido que dava um colorido mais vivo à cidade, as mãos cruzadas rolando ainda os polegares, e foi a lembrança do pranto de Cristina e Morena que o fêz adiantar-se para a boléia, interpelando o cocheiro:

— Que é isso? Aonde vamos! Qual, Rafael, hoje não estás bem da cabeça! Eu vou é para a Rua do Sol, criatura! Desce aqui pela Rua dos Afogados!

E o Rafael, espantado:

— Mas foi o doutor mesmo que mandou tocar para a casa!

— Se fui, o diota sou eu. Anda! Vamos, que tenho pressa!

A varanda deserta, com os galhos da mangueira batendo contra a vidraça de uma janela fechada, punha-o mais inquieto, na pesada atmosfera de apreenso e mistério que sentia à sua volta. Por que Mariana tardava em recebê-lo? Ao chegar, batera palmas fortes no patamar da escada. E só depois de alguns momentos de espera é que surgira a Amparo pela porta da alcova, ar assustado.

— Vou avisar D. Mariana — tinha-lhe dito a criada.

E êle ainda ali estava, como se Mariana não tivesse interêsse de recebê-lo. Quantos minutos já se tinham passado? Mais de vinte, suspirou. E conferiu as horas no relógio da parede. "Estou exagerando: pouco mais de cinco." Por que tanta demora, se habitualmente ela o mandava entrar, assim que chegava?

De longe, viu Cipriana, encolhida num canto da cozinha, ensimesmada, pitando o seu cachimbo de taquari comprido.

— Entre, doutor — disse-lhe Amparo, volvendo à varanda e abrindo a porta da alcova. — D. Mariana está na sala.

Assim que êle entrou, viu Mariana sentada junto à janela do lado da Rua da Cruz, preparada como se fôsse sair. Num ângulo da alcova, um baú aberto com roupas empilhadas quase a transbordar. O guarda-roupa, com as duas portas escancaradas, mostrava o esqueleto dos cabides vazios.

E Mariana, levantando-se com esfôrço, mais lívida e magra no luto fechado, sem lhe esperar pelo cumprimento:

— Pode dizer agora ao seu amigo que venha tomar conta da casa. Hoje mesmo, assim que Abigail chegar, sairei daqui. Com êle é que não posso ficar.

O Luna susteve o passo ao meio da sala, procurando refazer-se da surprêsa, o olhar parado na figura envelhecida, de finos lábios arroxeados, duas rugas fundas ligando o nariz aos cantos da bôca, as pupilas febris boiando na imensidão das órbitas pisadas.

E notando-lhe o esfôrço para se manter de pé com as mãos apoiadas nos braços da cadeira:

— Faça o favor de sentar. A senhora ainda devia estar deitada — acrescentou, sentindo que ela tardava os movimentos, como a querer provar-lhe que a sua vontade podia mais que a fraqueza física. — O que a senhora está fazendo agora é uma imprudência.

E de pé, ainda ao meio da sala, aguardou que ela sentasse, lutando em seu íntimo para manter-se calmo. Ernesto tinha razão, reconhecia: a idade, a doença e o infortúnio não tinham alterado o gênio de Mariana. A criatura irada e ríspida, que cedo se mostrara incapaz de perdoar, mantinha no corpo frágil a mesma chama de ódio, que nenhuma súplica tinha o dom de desfazer.

No entanto, em lugar de arrepiar caminho, o Luna sentiu crescer em seu espírito a vontade firme de lhe falar aberta-

mente. E antes que lhe passasse o impulso, tratou de dar firmeza à voz, ao mesmo tempo que fazia ranger com o pêso do seu corpo a palhinha do sofá:

— A senhora vai permitir que lhe fale com a minha dupla autoridade de médico e de amigo. Fui eu que pedi ao Ernesto que viesse para cá, durante a sua doença.

Mariana endireitou a cabeça:

— Com que direito o senhor fêz isso?

— Com o direito de querer resguardar o nome da senhora contra a maledicência de São Luís. Não me ficava bem passar as noites à sua cabeceira, com o meu carro à sua porta, sem que seu marido, que é também o pai de suas filhas, e filhas môças, aqui estivesse também. Foi isso. Ùnicamente isso. Portanto, se há um culpado, sou eu.

E Mariana, apertando o olhar numa contração nervosa:

— E por que não deixou que eu morresse? Se pensa que me fêz um favor, cuidando de mim nesta doença, está enganado. Mil vêzes morrer, ouviu? Mil vêzes morer! E a quem vou dever êste tormento de continuar no mundo sem meu filho? Ao senhor! Ao senhor!

Atordoado, o Luna passava o lenço na testa, contendo-se para não explodir. Era essa, depois de tanta lida, a recompensa que lhe tocava? E amarfanhava o lenço, vermelho, respiração ansiada, forcejando para não se levantar de ímpeto e sair da sala sem se despedir. O certo é que, enchendo o peito, ainda a torturar o lenço molhado, conseguiu coibir-se, a repetir de si para si que era preciso ter paciência, do contrário seria pior, muito pior.

E vendo-a calar-se.

— Não tive essa intenção — esclareceu, num tom levemente trêmulo, os olhos no tapête — Cumpri o meu dever de médico. E por outro lado, cumpri o meu dever de amigo, quando pedi ao Ernesto que viesse para cá fazer-me companhia. E a verdade é que êle se portou de modo exemplar. Fêz-se outro homem, a partir do momento em que pisou aqui. O meu receio agora é que, novamente entregue a si mesmo, longe de casa, longe das filhas, êle volte a levar a vida desregrada dos últimos anos. A saúde dêle não é boa. A qualquer momento pode ser fulminado, se não ficar inválido no fundo de uma cama.

Mariana tinha deixado cair o corpo para o espaldar da

cadeira, uma sombra anuviando-lhe os olhos entrefechados. E endireitando novamente a cabeça:

— Está colhendo o que semeou. Aqui é que não o quero. Basta o que sofri. Se êle vier, saio eu. Juntos é que não ficamos.

O Luna levantou-se, pondo fim à visita:

— Sossegue. Êle não voltará — afirmou, de bôca quase fechada, medindo as palavras. — A estas horas, já está longe daqui. E para sempre. Foi isso que lhe vim dizer. Para tranquilizá-la. Para que a senhora não perca o seu sono por êsse motivo.

E ainda bem que, ao chegar à calçada da rua, sempre torturando o lenço molhado, pôde consolar-se com o ouro velho da luz da tarde, realçada agora pela algazarra das andorinhas que se recolhiam.

XVIII

semana, voltara a chorar a velha valsa do Major, dando a impressão de que o vento doido, que ia pelas ruas há quase uma semana, o alvoroçara também com os seus sibilos e rodopios. Agora, ao primeiro quebrar da tarde, ainda com o sol luzindo no horizonte sangüíneo sua bola de fogo envolvendo a cidade numa claridade de tons avermelhados, parece disposto a entrar pela noite com a insistência de seus compassos.

Sentada sob um dos arcos que margeiam o pátio, Morena descansa os pés descalços na terra do quintal, pernas um pouco abertas, busto para frente, a mão esquerda segurando o queixo, com o braço apoiando o cotovêlo na ponta do joelho. A mão direita empunha um talo comprido, que risca devagar o chão, enquanto o olhar distraído segue molemente as garatujas.

O jôrro de uma torneira estronda forte na banheira quase cheia, misturando seu ruído cantante aos movimentos da valsa e ao sôpro da ventania. De vez em quando, com o ramalhar dos galhos da mangueira, o baque sêco de outra manga despencada. E nos ladrilhos do piso, por trás de Morena, os passos iguais de Cristina, que vem e vai, vem e vai, surgindo e desaparecendo no vão dos arcos.

Êsses passos ritmados como os da vigília de uma sentinela só em parte deixam sentir a preocupação que franze a testa de Cristina. Ela caminha sem dar atenção ao que se passa à

sua volta, resvalando de vez em quando o olhar em direção de Morena, na passagem da nesga de sol que se espreguiça para dentro de um dos arcos. Já agora não tem dúvida de que a Abigail, aproveitando a revolta da mãe pela morte do filho e a prostração de sua longa enfermidade, tinha conseguido afastá-la do catolicismo. Crispa as mãos, fisionomia tensa, redobrando de esforços para reprimir a aflição que nos últimos dias a tortura.

Na tarde em que, voltando a acender as velas do oratório, recebeu da mãe a ordem de apagá-las, havia experimentado o seu primeiro temor da atuação teimosa e astuta da enfermeira ali no sobrado. E tão grande havia sido o seu mêdo que não o confiara a ninguém, limitando-se a deitar mais cedo nesse dia e a rezar até tarde, tomada de pânico. Deus não permitiria que uma nova desgraça entrasse no sobrado. Mas a verdade é que, nos dias subseqüentes, outros fatos se tinham encarregado de confirmar o seu temor: duas vêzes surpreendera a mãe na leitura da Bíblia, e na véspera, à noite, reconhecera-lhe a voz cantando um hino protestante.

Alarmada, acordara a irmã.

— Isso não é de agora, — replicou Morena, deixando cair novamente as pálpebras, ébria de sono. — Eu e papai já ouvimos ela cantar, faz mais de uma semana.

— E não me disseste nada?

— E podias fazer alguma coisa para evitar?

De manhã, defrontando-se com a figura magra de Abigail, impecàvelmente tesa e esgalgada no longo vestido engomado, Cristina firmou o olhar duro em seu rosto, numa ponta da varanda:

— Por que você não deixa a minha mãe em paz? — indagou-lhe, numa voz ríspida. — Ela é católica! Todos nós aqui somos católicos! E não queremos ser protestantes!

E Abigail, num tom suave, com uma sombra de riso nos cantos da bôca:

— Deus me mandou trazer a verdadeira paz à sua mãe, Cristina. Sem essa paz ela não podia viver.

Deu de andar, cortando a varanda. E antes de desaparecer pela porta da alcova, parou, olhou novamente Cristina:

— Disse Jesus: "Bem-aventurados os pacíficos, porque êles serão chamados filhos de Deus." Não se zangue comigo nem se exalte. Eu estou aqui em nome do Senhor.

Agora, enquanto Morena risca a terra do chão, esperando que a água encha a banheira, Cristina continua a ir e vir, séria, testa franzida, os cabelos apanhados para trás. O piano de Sinhàzinha Dourado, bailando com o vento áspero que vai lá fora, não a enerva. O que a aborrece é a serenidade da irmã, indiferente ao perigo que as ameaça.

E parando defronte de Morena:

— Essa Abigail não descansa enquanto mamãe não nos tirar do colégio das freiras.

— Acho que sim — responde a outra, numa voz tranqüila, ao mesmo tempo que, com a ponta do talo, começa a escrever na terra sôlta, em caracteres de imprensa, a palavra Liceu.

Cristina prendeu-lhe os ombros:

— E não te preocupas com isso?

Morena moveu a cabeça num gesto vago. E alteando os ombros, sem mudar a posição do busto:

— Dá jeito eu me preocupar? Não dá. Se não dá, por que hei de perder meu sono? Para mim, tanto faz no Convento como no Liceu: aprendo do mesmo modo. E até estimo — acrescentou, com ar de troça — porque mudo de ambiente.

Cristina, com a ponta dos dedos, levantou pelo queixo o rosto da irmã:

— Morena, não se brinca com coisa séria! Por favor, não me faças perder a calma. Tu sabes o que representa para mim deixar o colégio das freiras. E para ti também. Depois de nos tirar do colégio, a Abigail vai terminar nos proibindo de ir à missa!

A veemência da fala, com a mímica da mão nervosa empinando no ar o indicador acusativo, tinha-a feito retroceder um passo, o que permitiu a Morena inclinar um pouco a cabeça, olhando-a pelo canto dos olhos, de um modo entre sério e risonho, com uma ligeira contração dos lábios.

E assim que Cristina se calou:

— Pois te prepara que tens muito o que sofrer, com a tua vocação para freira. Vais ser a nova mártir da Igreja. Estou vendo tudo, Cristina.

E tornando a riscar o chão, escreveu depressa um nome — Aluísio — que logo desmanchou com a planta do pé.

Depois, erguendo a vista, apagou a expressão de zombaria que ainda lhe marcava o rosto, e ficou de pé, ar de espanto, transfigurada:

— Que é isso, Cristina? Que tolice é essa?

Cristina, parada, comprimia o lábio inferior, numa fisionomia de angústia, enquanto o fio das lágrimas lhe descia pelo rosto. Suas mãos miúdas, entrelaçadas sôbre o cinto do vestido, não tinham sossêgo. Tôda ela tremia, como nas convulsões de um calafrio. E desfêz-se em pranto copioso, assim que sentiu os braços da outra envolver-lhe o corpo, à altura dos ombros.

— Me deixa, me deixa — pedia ela, no intervalo dos soluços, porém Morena, com energia e carinho, manteve-a prêsa nos braços, trouxe-a para o corredor interno que prolongava a arcada do pátio, e ali, afagando-lhe os cabelos, sempre a cingi-la contra si, esperou que a crise passasse.

E ao vê-la mais calma:

— Que tolice é essa, Cristina? Não conheces o meu gênio? Estou preocupada, sim; menos que tu, mas estou. Que adianta ficar aflita? Entrega o caso a Deus. Agora chegou a minha vez de ralhar contigo. Onde está a tua confiança em Santa Dorotéia? E é assim que esperas ser freira?

Cristina pôs-se a enxugar os olhos.

— Muito bem — aprovou Morena. — Agora já sei por que te afliges. Tens receio de que mamãe não te deixe ir para o Convento na Bahia. Se é isso, deixa o caso comigo.

E como a outra, depois de confirmar com a cabeça, alongasse o silêncio, logo acrescentou:

— Dou um jeito de sair e falar com papai. E aposto contigo que êle te leva daqui, com a ajuda do Dr. Luna. Se fôr preciso fugir, foges. E há de ser aqui pelos fundos, por aquela porta da Rua da Cruz.

E Cristina, retrocedendo um passo para olhar melhor a irmã na transparência da luz:

— Morena, tu estás com o vestido em cima da pele?

— E querias que eu, com êsse calor, sem nenhum homem dentro de casa, estivesse entrouxada, como se fôsse sair? Não, minha filha. Quem quer usar hábito és tu. Eu, não. Adoro ficar assim fresquinha — replicou Morena, a sacudir o vestido por cima dos seios soltos.

E ensaiando um salto na direção do banheiro:

— Eu aqui de conversa contigo e ali dentro a água do meu banho derramando!

Na luz que esmorecia, aquêle trecho do sobrado, com a sua arcada severa de cimento e pedra, de que pendiam a

espaços os ramos flácidos das samambaias choronas, tinha um ar recolhido e grave de pátio de convento, a que só faltava o toque lento de um sino. Ao meio do pátio, subia a velha mangueira, muito magra e torcida, a esgalhar no alto a sua folhagem escura, salpicada pelos tons de ouro das mangas amadurecidas.

Freqüentemente, de preferência quando a luz se quebrava ao fim da tarde, Cristina descia ao pátio, para ler no banco da raiz da mangueira os livros devotos que Madre Peixoto ou o Padre Galvão lhe emprestavam. O ambiente lhe fazia bem, como um prenúncio de paz da sua vida futura, sobretudo quando estava só. Um passarinho a cantar nos ramos, acima de sua cabeça, outro a bicar o chão, o aconchego das sombras que se estendiam no solo batido e coberto de fôlhas amarelas, tudo parecia harmonizar-se à inclinação conventual de seu espírito, aguçando-lhe a vocação religiosa.

Por outro lado, remanesciam ali muitas imagens de sua infância, com o quarto das bonecas lá para a frente, as duas peças onde se guardava a roupa para lavar e passar, o imenso depósito de trastes velhos logo a seguir. Que fim teria levado o piano de cauda roído de cupim, que uma alma penada costumava tocar tôdas as noites? E como lhe custara vencer êsse temor! Recordava-se bem do pai trazendo-a no ombro, devagar, passo a passo, assim que ressoaram no silêncio da casa as primeiras notas fantásticas. E de súbito, ao riscar de um fósforo, puderam ver a enorme ratazana que fugia por cima do teclado.

Demorou o pensamento na figura do pai, tomada de irreprimível tristeza. Ao ter a certeza de que êle não voltaria ao sobrado, a casa lhe pareceu imensamente vazia. Até a dor pela morte do irmão, que a presença de Ernesto atenuara, refluiu mais intensa no seu espírito, à última luz do dia. Depois, como a noite viesse baixinho, o sentimento da solidão se acentuou ainda mais, e foi Morena, sentada ao seu lado na mesma rêde, quem exprimiu a angústia dessa hora, dizendo-lhe entre soluços:

— Parece que ficamos só nós duas, no mundo dêste sobrado!

Agora, onde andaria êle? Sem dúvida, teria voltado à mesma vida sôlta, que a cidade inteira condenava. E era pena. Durante o mês e pouco que o pai ali permanecera, ela, Cristina, havia alterado o seu juízo sôbre êle. Embora não

o desculpasse de todo, por saber, que êle nunca havia confessado os seus pecados para receber assim a necessária absolvição, tinha-se deixado envolver por sua mansidão e a sua bondade, em contraste com a idéia que dêle formara, nos oito anos de seu afastamento do sobrado — impulsivo, estróina, rude, sem respeito a ninguém, quase sempre bêbado no seu cavalo.

E ainda pensando nêle, tirou do bôlso do vestido o seu pequeno têrço de prata e se pôs a rezar, agora desoprimida pelo pranto de há pouco, novamente indo e voltando pelo corredor ladrilhado que marginava os arcos.

Findo o têrço, acerca-se do banheiro. E depois de bater na porta com o nó dos dedos, põe-se à escuta, ouvindo a água espadanada:

— Vais demorar muito, Morena?

— A água está uma delícia, mana!

Quando Morena entrou no banheiro imenso, que tomava a extensão de dois quartos contíguos, todo coberto de azulejos, a água transbordava da vasta banheira de louça, escorregando em grugulejo pelo ralo. Ràpidamente, e já despida, cuidou de fechar a imensa torneira, que só girava com a fôrça das duas mãos. E ia entrando no banho quando se viu refletida no espelho à sua direita — um velho espelho de bordas carcomidas, de quase dois metros, com que a mãe tanto implicava.

— Olá! — exclamou para a própria figura.

E ficou uns momentos a olhar-se, a pretexto de ver se já havia tornado ao corpo que os dias de gripe e de agonia tinham emagrecido. Parecia até mais gorda — concluiu. E deixou-se ficar mais uns instantes na muda contemplação de si mesma, deslizando a mão macia e úmida na curva dos quadris e dos seios, até que, numa reação zombeteira, abriu a risada:

— Que é isso, Morena? Que novidade é essa?

E tratou de mergulhar na banheira, arrepiando-se ao contacto da água. Depois, deliciada, estirou-se devagar, sentindo que o banho lhe espertava ainda mais a nascente sensualidade. Na diafanecidade da água, os seios entumescidos pareciam vibrar, redondos e rijos, e todo o corpo como que se contagiava da mesma ondulação, alongando os braços, o busto, o ventre e as pernas, e fazendo sobressair a sombra espessa

e trêmula que se aninhava entre as coxas esticadas. Permaneceu imóvel, na delícia de um espreguiçamento volutuoso, que lhe dava a sensação de um êxtase nôvo e estranho, e era como se o tempo houvesse parado e só existisse o seu corpo flutuando.

Ali mesmo, no reflexo do velho espelho de bordas carcomidas, vira os seus seios apontando, quando ficara môça, e como que havia sido êle, muito mais que o exíguo espelho do toucador, que aos poucos moldara o seu corpo de mulher feita, até lhe dar a feição definitiva e sensual que emergia do fundo da banheira na transparência da água suavemente sacudida.

Por fim, como despertada pela ventania que ainda torcia os galhos de mangueira e dançava aos compassos teimosos da valsa do Major, pô-se a espadanar a água, numa alegria de criança.

— Agora, acabei mesmo — gritou para fora, apoderando-se da toalha felpuda, que logo lhe envolveu as espáduas.

E enquanto se enxugava, volve a olhar-se no espelho, a cabeleira molhada escorrendo para os ombros, os mamilos endurecidos, tomada agora de uma sensação mais nervosa, que a impele a esfregar depressa a toalha nos seios, no ventre, nas coxas e nas axilas, enquanto as sombras da noite vêm baixando suavemente, com a algazarra das andorinhas no beiral da casa e o silêncio da valsa do piano de Sinhàzinha Dourado.

Cristina volta a bater na porta:

— Se demoras muito, vou subir.

— Espera. Subimos juntas. Um minutinho só.

E daí a pouco, ao abrir a porta do banheiro, Morena ainda enxuga os cabelos soltos, sentindo que a vida é boa e vale a pena ser vivida, não obstante tudo quanto aconteceu no sobrado, nos últimos dois meses.

XIX

— As três faces do espelho, iluminadas pela claridade do dia alto, repetiam a figura lívida de Mariana, que deslizava uma das mãos ossudas pelo covado do rosto, apoiando-se com a outra no espaldar de uma cadeira.

Ela ia a caminho da sala, para o seu canto de leitura no vão da janela, quando susteve o passo diante da penteadeira, atraída pela dolorosa contemplação de si mesma, e logo o seu vulto cresceu nas três faces do espelho.

Tinha-se visto de relance, ao deixar pela primeira vez a cama, amparada pela Abigail, e só agora se decidia a enfrentar a própria ruína, demorando o olhar na figura combalida que do outro lado a contemplava.

— Que horror, meu Deus!

Os pômulos salientes acentuavam-lhe a depressão da face, aberta em leques de rugas no canto dos olhos pisados. A pele baça, de uma palidez terrosa, caía fôfa por baixo do queixo, escorregando para o pescoço comprido. Dois sulcos nítidos desciam das extremidades laterais do nariz para os lábios finos. E um ar de abatimento e cansaço no semblante devastado.

Decidida, levou as mãos à nuca, buscando as pontas do lenço, que logo se pôs a desatar. E não conteve a expressão de espanto e mêdo, ao defrontar-se com o crânio despido, que uma tênue penugem grisalha começava a cobrir, por entre fios longos, também grisalhos, restos da antiga cabeleira.

— Meu Deus, que horror! — repetiu.

Com esfôrço, firmou o olhar. E um semblante grotesco, que parecia ter em si algo da máscara de um claune que se apronta para entrar em cena, arremedou-lhe o susto, impelindo-a a levar a mão à bôca entreaberta.

Agora, sempre que Abigail saía à rua, Mariana se sentia mais oprimida pela imensidão das horas vazias, o ouvido alongado para os rangidos dos degraus da escada. Como a outra custava regressar! Por vêzes, para esperar por ela, ensaiara encher o tempo com o ritmo certo dos passos perdidos, indo e voltando, da sala para o quarto, mas em pouco as pernas lhe faltavam, obrigando-a a descansar numa cadeira ou na borda da cama, prestes a cair de exaustão. E só abria o rosto, numa iluminação de alegria, ao primeiro movimento de Abigail torcendo a maçaneta da porta.

Pela manhã, levada pela saudade do filho, passara bom tempo entre as coisas impregnadas de sua presença: as roupas de seu uso, os raros brinquedos, os cadernos de desenho, os livros de estudo, e uma pequena estampa de São Luís Gonzaga, com êstes dizeres, na letra fina e alta do menino: "Pertence ao Padre Teobaldo de Miranda Gomes."

Tão perturbada ficou, ao dar com a estampa interposta nas fôlhas de um livro de leitura, que por alguns minutos não conseguiu conter o tremor da mão que a segurava.

No entanto, ao contrário do que habitualmente ocorria quando a saudade do filho a dominava, soubera manter-se de olhos enxutos, consolando-se com estas palavras, dirigidas ao retrato de Teobaldo:

— Deus sabe o qua faz, meu filho. Eu é que ainda tenho de sofrer muito aqui onde estou, para merecer novamente a tua companhia.

E agora à tarde, pela primeira vez após a morte do menino, tinha voltado a sonhar com êle. Vira-o sorrindo em sua direção, ao fim de um longo caminho. Ao tornar a si, no alvorôço dessa visão, revoltara-se contra a realidade dolorosa, e mais uma vez a saudade a deprimiu.

A contemplação de si mesma no espelho da alcova acentuou-lhe ainda mais o sentimento de angústia. E não teve fôrças para conter as lágrimas, que de pronto lhe saltaram dos olhos crescidos.

— Por que não me levas daqui, meu Deus? Que é que eu fico fazendo neste mundo, assim tão só, assim tão acabada?

Ainda bem que, logo depois, caminho da sala, demorou uns minutos apoiada na cômoda ajoujada de remédios, com a cabeça entre as mãos, até passar a crise de soluços. E o que seus olhos viram, assim que os enxugou, foi o seu exemplar da Bíblia, junto ao candeeiro de opalina, como à sua espera.

Tomou o livro, abriu-o ao acaso, e em pouco aquietou a vista, desligada da leitura. A visão do filho no sonho não corresponderia a um aviso de Deus? Sim, podia ser. E por que não? Aos poucos, acalentada por êsse pensamento, sentiu que lhe voltava a serenidade, com a certeza de que Teobaldo a aguardava feliz no Reino de Deus.

Leu ainda um salmo, consolada por sua nova fé, e cerrou por um instante os olhos, no improviso de uma oração. Depois, apurando o ouvido na direção da escada, só alcançou o silêncio largo que envolvia o sobrado.

— Como Abigail está demorando! — exclamou, entrando na sala, o andar mole, os ombros caídos.

Acercando-se da janela, deitou o olhar para a rua, como em busca da companheira. A claridade rútila, que se alastrava na calçada e faiscava nas pedras do calçamento, doeu-lhe nas pupilas, que de imediato se contraíram. Porém a seguir, Mariana ergueu as pálpebras, atraída pelo esbanjamento de luz estival que ia lá fora.

Desde a morte de Teobaldo que não olhava a rua. Ela própria se impusera a abstenção do mundo que se estendia além de suas janelas. O que lhe restasse de vida (e Deus havia de permitir que não fôsse muito), ela o consagraria exclusivamente à saudade do filho, desinteressada de tudo mais, na solidão do sobrado. E se por vêzes descerrava um quase nada as cortinas da sala, era para dar um pouco mais de luz ao livro que estava lendo.

Debalde tentara interessar-se pela rotina da casa, com o propósito de apagar a possível influência nefasta deixada pelo marido: sem demora, vira-se obrigada a adiar êsse esfôrço para quando se sentisse menos deprimida. Certo, não seria mais o que dantes fôra. Porém, aos poucos, se reanimaria, novamente amparada por sua confiança em Deus. Só mesmo a Abigail, com a sua fé e a sua paciência, poderia ter feito o milagre de lhe dar o alento de que necessitava para esperar o dia de seu encontro com Teobaldo no Reino do Senhor. Que lhe importava o mundo circundante, se apenas vivia para essa espera paciente?

Agora, porém, como deslembrada dêsse voto, ei-la que alonga o pescoço para a rua, os olhos ao lume do rosto, e acompanha a carrocinha de frutas que dobra a esquina, com o mesmo vendedor pendulando o andar esperto ao compasso das pernas tortas. Atraída pelo colorido nôvo das casas e pelo azul nítido do céu sôbre os telhados encardidos, ali ficaria por largo tempo, no enlêvo da côr e da luz, se a lembrança do filho não lhe refluísse à consciência. Mais que depressa, como envergonhada de si mesma, correu a cortina, retraiu-se para o interior da sala, e logo deu com a Amparo, que a olhava do outro lado, na moldura da porta sôbre a alcova.

E em tom irritado:

— Que foi que perdeste?

— Chamei duas vêzes pela senhora, a senhora não ouviu.

— Chamasse mais alto. Ou chamasse depois — volveu Mariana, a encaminhar-se para a cadeira de braços da outra ponta da sala, sem desviar do rosto da criada os olhos ríspidos.

Amparo, ainda não de todo refeita da gripe, tinha um ar acossado, que o fio de voz confirmou:

— Está aí uma môça procurando a senhora. Diz que veio a mando de D. Abigail.

— Que entre — ordenou Mariana, acomodando-se na cadeira.

Daí a pouco, uma preta gorda e hesitante avolumou o corpanzil descansado na meia luz da alcova, reluzindo um par de lentes fortes à medida que se acercava da sala.

— Com sua licença.

— Vá entrando.

A preta, no mesmo passo lerdo, veio vindo até à porta da sala, abriu o sorriso humilde, alargando mais as bochechas, e sacudiu a cabeça num cumprimento, ao mesmo tempo que descansava as mãos entrelaçadas sôbre a barriga. E de pé, com duas covinhas risonhas no rosto luzidio, explicou ao que vinha, num tom de voz pausado, a inclinar de vez em quando a cabeça para a direita, numa faiscação mais viva das lentes redondas contra a nesga de luz da janela.

Mariana examinava-a minuciosamente, sem lhe perder uma só palavra. E assim que ela se calou:

— O mais importante — corrigiu — não é a arrumação e a limpeza da casa: é a vigilância de minhas filhas. Você terá de levá-las ao colégio e trazê-las de volta pelo caminho que eu determinar. E não me esconda nada, em hipótese alguma. Tudo que ocorrer com elas venha me contar.

E após uma pausa, levantando-se:

— Estamos entendidas?

— A senhora é que manda.

— Como é seu nome?

— Beatriz. Mas só me chamam de Biá. Gosto mais de Biá que de Beatriz.

— Voltou a sorrir:

— Mais alguma ordem?

— Quando é que começa a trabalhar?

— Amanhã de manhã. Só lhe peço é que me deixe ir ao culto domingo e quarta-feira. A Abigail não lhe disse que eu também sou crente? Pois sou. Da mesma igreja que ela. Graças a Deus. E ao culto eu não posso faltar. É a minha obrigação perante o nosso Pai Celestial.

Agora, sim, pensou Mariana, vendo a preta deixar a sala, as coisas tomariam jeito ali no sobrado. Naquela mesma tarde, podia despedir a Amparo. Não desgostava dela, reconhecia. Tinha-lhe mesmo uma ponta de afeto, de que sempre dava prova pelo Natal. Apreciava os seus modos calados, muito

limpa, sempre às voltas com o seu serviço, quase nunca saindo à rua. Mas como permanecer com ela, se não lhe tinha mais confiança? Há oito anos, quando a admitira no emprêgo, fôra muito clara: mandá-la-ia embora, se lhe ocultasse qualquer contacto das meninas com o pai. E o pai entrara no sobrado, instalara-se ali, passara a conviver com as filhas, sem que a Amparo dissesse a ela, Mariana, uma só palavra! Vá que se calasse, enquanto estivera doente. Mas depois que já estava de pé, por que não viera contar-lhe o que sabia?

Ao fim da tarde, quando a criada entrou para acender o candeeiro da cômoda, foi diretamente ao assunto:

— Amparo, hoje é o último dia que você acende êsse candeeiro.

E Amparo, com um tremor no braço, sem saber como repor no encaixe de metal a manga de vidro:

— A senhora está me despedindo, D. Mariana?

— Estou.

— Mas por quê? O que foi que eu fiz?

A luz do candeeiro, misturando-se à derradeira claridade da tarde ali na alcova, incidia sôbre o rosto de Amparo, que parecia a ponto de chorar. Suas mãos nervosas torciam a ponta do avental. Por um momento, voltada para a sala, fitou Mariana com os olhos crescidos, à espera da resposta. Parecia mais acossada, com as pálpebras imóveis e o lábio a tremer.

E Mariana, cortando o diálogo:

— Eu é que não quero que você fique mais aqui.

E na manhã seguinte, ainda com o chilreio das andorinhas e o grito dos bem-te-vis festejando a alvorada, Mariana ouviu Amparo descer a escada da rua, degrau a degrau, ao pêso de seu baú de fôlha, enquanto Cipriana dizia à companheira de tantos anos, daqui do patamar, numa voz de chôro:

— Não te esquece da gente, criatura. Nós aqui te queremos bem. Vai com Deus. São Benedito te acompanha. E aparece, Amparo.

Daí a pouco, nôvo rumor nos degraus da escada.

— A Biá chegou — concluiu Mariana.

E já naquela manhã, entrando pela Rua da Cruz e seguindo pela Rua dos Afogados, até alcançar no viso da ladeira a Rua do Egito, Morena e Cristina chegaram ao colégio, ambas em silêncio, levadas pela nova acompanhante.

XX

Não era pròpriamente mêdo o que Mariana sentia, porém algo parecido, que não sabia definir com exatidão. O certo é que, após tantas conversas com a Abigail, e mais a leitura dos livros e folhetos que esta constantemente lhe trazia, ainda hesitava, como se no fundo de sua consciência subsistisse um núcleo irredutível da antiga fé, impedindo-lhe a decisão definitiva.

Sempre que a outra lhe falava na visita do Reverendo Tobias, adiava êsse encontro. Agora, não: mais para diante, quando já estivesse melhor. Em assunto de tanta gravidade — ponderava — não devia precipitar-se, o melhor era dar tempo ao tempo. Não queria arrepender-se.

— Mas a senhora ainda tem dúvidas? — teimava Abigail, sem mudar a mansidão da voz persuasiva. — Se tem, abra o coração, não me esconda o que sente.

E Mariana baixava o olhar, interrogando-se. Estaria certa? Ou iria cometer um êrro, que para sempre a perderia? A verdade é que nunca mais se detivera diante do oratório. Nas suas horas de aflição e revolta, engolfava-se na Bíblia e lia os trechos que Abigail lhe indicava. Aos poucos, habituara-se a cerrar os olhos e a dirigir-se a Deus, concentrada na oração que ia improvisando, e essa palavra direta, por vêzes tocada pelo frêmito do desespêro, acabava por lhe dar um começo de alívio, que as lágrimas se encarregavam de completar.

Uma noite, já deitada, depois de ler um salmo que se ajustava ao seu estado de espírito, estendeu o olhar à Abigail, que torcia o pino do candeeiro, abrandando a luz da alcova:

— Diga ao Dr. Tobias — avisou, com indisfarçável emoção — que já estou às suas ordens: êle pode vir quando quiser.

E na tarde seguinte, Abigail entrou no sobrado, muito solícita e emocionada, acompanhando o Reverendo.

Desde o seu modo de pisar na escada, subindo degrau a degrau em passo firme e cheio, a alta figura do pastor, abotoada num fraque prôto que lhe aumentava a estatura, deixava transparecer a sua intimidade com Deus. Na mão esquerda extremamente peluda, segurava a Bíblia e o chapéu, enquanto com a outra empunhava o cabo de marfim da bengala, que

ia adiante de seus passos e estrondava um toque sêco e repetido na madeira de cada degrau. Os cabelos despenteados e lisos não só lhe cobriam intensamente a cabeça alta, como ainda escorregavam para as orelhas e a testa espaçosa. Os olhos grandes, um pouco afastados do nariz adunco, guardavam uma expressão de permanente severidade com a ruga a fechar as sobrancelhas arrepeladas. Sôbre os lábios grossos, um bigode espêsso, e tão negro que parecia pintado, caia para os cantos da bôca. O colarinho de ponta virada, levemente amarelado nas bordas e envolto numa gravata cinzenta de laço derramado, emergia-lhe do peito atlético, empinando ainda mais a cabeça majestosa.

Em silêncio, mantendo o passo firme, à maneira de um chefe de cerimonial com o seu bastão, o Reverendo venceu os dois lanços da escada, seguido de perto por Abigail, que também apertava contra o peito a sua Bíblia de fechos doirados. Lá no alto, parou, levou a mão acima da orelha direita, corrigindo a cabeleira derramada, sem deixar de prender com elegância a bengala.

— Um momento, que eu vou avisar D. Mariana — disse Abigail, subindo mais rápido o último degrau, assim que o Dr. Tobias se plantou no patamar.

Voltado no sentido da varanda, com a bengala suspensa do chão, o Reverendo intimidava com a severidade do seu porte e o brilho exaltado de seus olhos, numa imobilidade de estátua.

E Abigail, de volta minutos depois:

— Por aqui, Reverendo — convidou-o, nervosíssima, um pouco curvada para a frente, tomando por um pequeno corredor ao lado do lanço superior da escada e iluminado pela claridade de uma janela sôbre a rua.

Tobias a seguiu com a mesma rigidez empertigada, balançando ao mínimo as abas do fraque. Lá adiante, ao transpor a porta da sala, passou primeiro o ombro direito e entrou de lado, como se o vão fôsso estreito para o tamanho de suas espáduas. E sério, de uma seriedade de juiz zangado.

Depois do primeiro passo dentro da sala, estacou, sempre têso, e olhou de frente Mariana, que vinha vindo devagar ao seu encontro, trazida pela mão de Abigail, tôda de prêto, o vestido afogado em colarinho, muito pálida, os olhos enormes.

— A paz do Senhor esteja nesta casa — trovejou o Reverendo, na sua bela voz de pregador acostumado às multidões.

— Disse Jesus: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida, ninguém vem ao Pai senão por mim."

E avançou para uma cadeira, onde descansou a bengala e o chapéu. Depois, mantendo a ruga vertical que lhe unia as sobrancelhas, dobrou-se num vênia cerimoniosa, que lhe fêz escorregar a cabeleira por cima das orelhas:

— Minha excelentíssima senhora...

E ao endireitar-se, apertando a mão úmida e trêmula que Mariana lhe estendia:

— Eu sou o enviado de Deus, trago a incumbência de iluminar esta casa com o facho das verdades eternas — afirmou, em tom que não admitia dúvidas, a apertar os olhos na direção dos olhos intimidados que o fitavam.

Sua voz reboante, seus gestos largos, o tom empolado de sua palavra discursiva, e mais o físico avultado, a que não faltava certo garbo de beleza viril, davam a lembrar, logo ao primeiro exame, um barítono de opereta sob as luzes do proscênio. Tudo nêle, com efeito, ressumava teatralidade em tons de caricatura; mas a verdade é que, a cada frase que lhe fluía dos lábios polpudos, o sacerdote dava de si na veemência de suas convicções, com a seriedade do rosto, o volume da fala e o aprumo da figura.

Assim solene, ei-lo que se volta para Abigail com um simples deslocar das pupilas, sem mover em nada a cabeça leonina:

— Oremos ao Senhor.

E para Mariana, que amarfanhava a cambraia de um lenço:

— Cerre também seus olhos, para concentrar o pensamento na prece ao Criador.

Ela obedece, sempre a torturar o lenço. Com a mão livre, apoia-se no braço da cadeira. Sente-se trêmula, tem a impressão de que vai cair, assim de olhos fechados e de pé. Mas a certeza de que Deus é testemunha de seu esfôrço para ir ao encontro do filho lhe dá fôrças, e ela segue as palavras do Reverendo, cheias, lentas, sonoras:

— Senhor meu Deus, que és a luz do mundo, orienta mais uma vez no dia de hoje o teu pastor, para que eu possa conduzir ao seio de teu rebanho a ovelha que distinguiste com a tua misericórdia. Sei que nada posso, Senhor, com a fragilidade humana de minha condição, mas também sei que tudo

posso, quando habitas em mim, fazendo dêste teu servo o instrumento de tua graça onipotente. Dá-me a tua inspiração e a tua luz e eu cumprirei os teus desígnios, sabendo que as tuas promessas são sim em Nosso Senhor Jesus e que, para os eleitos de tua bondade suprema, o Reino da Glória está preparado desde o princípio do Mundo. Amém.

— Amém — confirmou Abigail, enquanto o Reverendo erguia as pálpebras e a cabeça, os olhos em Mariana.

Depois, segurando com elegância as abas do fraque, o pastor sentou-se numa das cadeiras de braço que ladeavam o sofá, muito têso, dispensando o apoio do espaldar de palhinha, novamente com a Bíblia contra o peito.

— Ora bem, minha senhora, — começou êle escolhendo as palavras — tudo quanto lhe tem acontecido, nestes últimos tempos, veja bem o que lhe vou dizer, com a minha autoridade de Ministro do Senhor, é obra da misericórdia de Deus.

E erguendo a mão direita, com o indicador em riste diante do nariz:

— Inclusive a morte de seu filho!

Alongou a pausa, como a sentir o efeito do que acabara de afirmar, a mão direita apertando a ponta do queixo:

— Sim. Perfeitamente. Inclusive a morte de seu filho — repetiu, com um sorriso a franzir-lhe os cantos da bôca. — A senhora me dirá, possuída de espanto: "Como é possível que o Pai Celestial, com a sua infinita misericórdia, me leve meu filho, se com isto me fêz infeliz?" Pois aí é que está o mistério da sabedoria divina, D. Mariana. E é para explicar êsse mistério que eu, em nome do próprio Deus, o Deus vivo e invisível, Senhor do Céu e da Terra, aqui me acho neste momento. Momento soleníssimo, minha senhora, só comparável àquele em que a luz do Céu, baixando no caminho de Damasco, acompanhou a voz que perguntava ao futuro apóstolo de Cristo: "Saulo, Saulo, por que me persegues?"

Alisou as guias do bigode, satisfeito com a própria eloqüência, e demorou o olhar iluminado na figura lívida de Mariana, que se retraíra na palhinha do sofá, as sobrancelhas alteadas.

— Que ia a senhora fazer de seu filho? Um padre. E que é um padre? É um sacerdote da Igreja Católica Apostólica Romana — insistiu, levantando o tom da voz. — Não é verdade?

— Sim — confirmou Mariana.

— Pois muito bem. A Igreja Católica Apostólica Romana, que obedece diretamente ao Papa, a quem consideram como santo e infalível, será a verdadeira Igreja de Cristo? Não! Não! E não!

E de pé, abrindo a Bíblia:

— E quem o diz? Eu? Não. Quem o diz é a Palavra de Deus. Onde? Aqui. No livro do *Êxodo*, capítulo 20, versículos 4 e 6. Faça favor de ler, minha senhora. Tenha a bondade.

E passando o livro a Mariana:

— Daqui até aqui — indicou, adiantando o fura-bolos por cima das linhas impressas, curvado para a frente.

Retraiu a seguir um passo, parando ao meio da sala:

— Em voz alta, minha senhora, em voz alta. Faço questão que seja em voz alta — ordenou, alcançando com o olhar uma parte da alcova.

E Mariana, erguendo o livro:

— "Não farás para ti imagem de escultura, nem figura alguma de tudo o que há em cima no Céu, e do que há embaixo na Terra, nem de coisa que haja nas águas debaixo da terra. Não as adorarás nem lhes darás culto..."

— Tobias, descruzando os braços:

— Veja bem, minha senhora: "Não as adorarás nem lhes darás culto." Muito bem. Continue.

Mariana volveu ao comêço da frase, buscando a incidência da luz que entrava pela janela à sua esquerda:

— "Não as adorarás nem lhes darás culto: porque eu sou o Senhor teu Deus, o Deus forte, e zeloso, que vinga a iniqüidade dos pais nos filhos até à terceira e quarta geração daqueles que me aborrecem: e que usa de misericórdia até mil gerações com aquêles que me amam, e que guardam os meus preceitos."

Ao levantar a vista, Mariana deu com Tobias mais perto, as mãos estendidas para recolher a Bíblia, que ela logo lhe entregou.

E êle, depois de caminhar até à extremidade da sala:

— Quem assim falou, em palavras tão claras, proibindo o culto às imagens, foi o Altíssimo — afirmou, apontando para o fôrro.

Várias vêzes tinha levado as mãos por sôbre a orelha para corrigir o cabelo. O passo largo, certo modo atirado de

encher o peito, e as sobrancelhas travadas, com o risco fundo dividindo a testa ao meio, realçavam a imponência da figura, sobretudo agora, de olhos voltados para a alcova.

— Que é aquilo, senhora? — indagou, esticando o braço na direção do oratório. — Que é que vêem os meus olhos?

Abigail, de olhar suspenso, tinha volvido a cabeça, pescoço espichado, e sorria em êxtase, enquanto Mariana, depois de uma vista de olhos espavorida, prendia a respiração, olhando o Reverendo de perfil.

E Tobias:

— Ali está a prova da sua desobediência à palavra do Senhor. E quem a induziu a êsse êrro gravíssimo? A Igreja Católica Apostólica Romana! Sim! A Igreja, que não sòmente pratica, mas sobretudo estimula o culto às imagens, transgredindo assim uma proibição expressa do Criador!

Estava novamente ao meio da sala:

— Agora, pergunto: uma Igreja que desobedece à palavra de Deus pode ser a Igreja de Cristo? Não, não e não! A verdadeira Igreja do Cristo é a que segue rigorosamente o que se acha neste santo livro!

A mão convulsa e cabeluda erguia no ar a Bíblia à feição de quem levanta um facho. E baixando o braço:

— A Bíblia, minha senhora! O Livro dos Livros! As Sagradas Escrituras! Contrariar êste livro é incorrer em pecado, é desobedecer ao Senhor!

Veio vindo devagar, passo a passo, sem tirar os olhos de Mariana, que se retraía mais para o fundo do sofá:

— E como foi que morreu seu filho? Atropelado, quando se dirigia à igreja do Carmo. E que ia o menino fazer ali? Render culto a uma imagem. E por que essa imagem não o salvou? Hem? Por quê? Respondam os padres! Respondam os católicos do mundo inteiro! Ah! Não querem responder? Pois respondo eu! Respondo eu, empunhando a luz da verdade, que é êste livro! A imagem não passa de mero ídolo de barro, sem podêres para operar milagres! Deus é que tem êsses podêres. E só a Êle é que devemos render culto!

Abigail, sentada agora à borda do sofá, movia aprovativamente a cabeça, ora olhando o Reverendo, ora olhando Mariana, e sempre de rosto lustroso, um brilho febril nas pupilas.

— A senhora, D. Mariana, sem avaliar a extensão de seu êrro, ia fazer de seu filho um sacerdote da Igreja de

Roma! — volveu o Reverendo. — E como sacerdote, qual seria a ocupação do Padre Teobaldo? Render e propagar o culto às imagens! E foi isso que Deus evitou a tempo, chamando o menino para o seu Reino de Glórias! Aí está porque eu lhe disse há pouco e agora repito: seu filho morreu por obra e graça da misericórdia divina!

E tornando à cadeira, após um silêncio longo que deixou sentir na sala o sibilo do vento nos vãos das janelas:

— E como a misericórdia de Deus é infinita, — prosseguiu Tobias, corrigindo mais uma vez o cabelo teimoso — o Senhor não se limitou a salvar seu filho, D. Mariana. O que o Senhor quer agora, com a sua imensa bondade, — e Tobias abriu muito os olhos, espalmando no ar as mãos enérgicas — é salvar a senhora, para unir novamente a mãe e o filho na mansão celestial! — e juntou as mãos, num estalo sêco.

O semblante de Mariana, repentinamente tocado pela consciência da revelação, concentrava-se nos olhos crescidos, que pareciam aflorar à tona do rosto, banhados de um brilho feliz, enquanto as suas mãos, de início amarfanhando nervosamente a cambraia do lenço, se tinham aquietado no abandono do regaço:

— O senhor tem razão... O senhor tem razão...

E seus lábios arroxeados tremiam no esfôrço da fala. Tinha endireitado o busto, dispensando o apôio do espaldar de palhinha, e viera mais para a frente, como se fôsse levantar.

Tobias demorou o silêncio, olhos baixos, concentrado. E erguendo a cabeça, num impulso que lhe atirava para trás a cabeleira:

— A senhora reconhece, D. Mariana, que andou em êrro, aceitando a Igreja de Roma como a Igreja de Cristo?

— Sim, reconheço.

— E promete tudo fazer para consolidar a sua fé em Jesus nosso Redentor, apartando-se do mal?

— Prometo.

— E promete ainda que proclamará a sua crença, não permitindo que perseverem no pecado os seus dependentes?

Mariana moveu a cabeça, depois de uma hesitação:

— Sim, prometo.

E o Reverendo, levantando-se:

— Oremos ao Senhor.

Concertou a garganta, apertou ainda mais as sobrancelhas, e elevou a voz vigorosa por cima do chilreio das andorinhas no beiral do sobrado:

— Graças te dou, meu Deus, pela tua misericórdia. Aqui tens a ovelha desgarrada do teu rebanho. Tu mandaste que eu a buscasse, com os podêres de tua palavra, e eu ta entrego neste instante, elevando o meu pensamento ao trono de glórias em que te assestas, para te dizer, como o salmista, que gravado está sôbre nós o lume do teu rosto. Derrama as tuas bênçãos sôbre esta casa e alonga o caminho de luz que acabaste de romper por intermédio de teu servo. E mais uma vez te rendo as minhas graças. Tu abençoarás o justo e nos coroarás com a tua bondade pelos séculos dos séculos. Amém.

E ao erguer a cabeça, em busca do olhar da ovelha que restituira ao Senhor, já com a mão direita estendida para cumprimentá-la, viu que Abigail, em lágrimas, a abraçava, e que Mariana chorava e ria, sacudida pelos soluços, repetindo:

— Agora, sim, eu sei que hei de ver meu filho!

XXI

Trancada agora na sala da Madre Superiora, que a interrogava voltada para a janela da rua, Morena se limitava a responder por monossílabos, os punhos unidos por baixo do queixo, as mãos espalmadas no rosto, ainda com um brilho de ódio nos olhos apertados, um rasgão na manga esquerda da blusa, a cabeleira despenteada.

— E não estás arrependida do que fizeste, Morena?

— Não.

— E sabes que podes ser expulsa do Colégio?

— Sei.

Desde que ali entrara, impelida num repelão enérgico pelas mãos ossudas da Madre Superiora, que de pronto passara a chave na porta, Morena tinha-se acomodado na poltrona ao lado da janela, pernas muito unidas, cotovelos fincados nos joelhos, disposta a falar o menos possível. Tinha os dentes cerrados, uma sensação violenta de calor subia-lhe para o rosto, e seus seios, por baixo da blusa amarfanhada e rota, ainda arfavam, na ânsia da respiração fatigada.

— Tu sabes que isso nunca se deu aqui no Santa Tereza? — volveu a Madre, sempre de pé, voltada ainda para a rua.

Do pátio subia a bulha das alunas no recreio. De vez em quando, passos no corredor. Sentia-se que a casa ainda não se refizera da surprêsa da cena. Tanto assim que as correrias e as discussões se repetiam, enquanto a voz de uma freira, aos gritos, depois de um estalar de palmas, ordenava novamente silêncio.

E a Madre Superiora:

— Eu terei de te dar um castigo. Ainda não sei qual será. Talvez eu me veja forçada a aplicar-te a medida extrema, e contra a minha vontade. Ajuda-me a te salvar. Que é que alegas em teu favor? Que foi que te levou àquele desatino? Anda. Fala. Estou aqui para te ouvir.

Os olhos de Morena, postos agora no tapête da sala, não se moviam, com o mesmo brilho de rancor nas pupilas. Queria ficar só. E longe, muito longe dali.

— Responde ao menos, Morena: não estás arrependida?

A resposta demorou uns momentos. E por fim, num tom convicto, que levou a Madre a sacudir os braços, num gesto de impaciência:

— Não.

— Oh! Por favor, não compliques mais as coisas! Basta o que aconteceu! Eu aqui a querer te salvar e tu aí a repelires a minha ajuda! Tu não sabes que estiveste a ponto de te transformares numa assassina? E ignoras que, mesmo assim, praticaste um crime, que eu não sei como ocultar?

A Madre Superiora tinha dado as costas à janela e olhava Morena de frente, a dois passos da poltrona. A exaltação desfigurava-lhe o semblante habitualmente sereno, que o buço azulava por cima dos lábios finos. Uma grossa veia subia-lhe pelo pescoço e escondia-se sob a papada.

— Levante o rosto para mim, Morena.

Ela obedeceu, depois de um momento de relutância, sem deixar cair os braços para os joelhos. Só então a Madre Superiora pôde reparar que um filête de sangue lhe manchava os cabelos, à altura da orelha direita.

— Também estás ferida — observou, levantando-lhe os cabelos para olhar o talho, já então fechado com o coágulo escuro.

E à vista do sangue pisado:

— Que horror! E dizer que isto se passou aqui, num colégio de freiras! Só pode ser obra do Demônio! Não há outra explicação! Oh! meu Jesus! Oh! minha Santa Dorotéia!

Morena tinha voltado a descansar o rosto nas mãos, a custo reprimindo a vontade de ir embora. Ia ser expulsa, com certeza. A sensação de calor que lhe tomava o rosto e afogueava as orelhas parecia perturbar o seu raciocínio. E ela se fechava em si mesma, olhos no chão, os sapatos sòlidamente plantados na borda do tapête. O ferimento por trás do pavilhão da orelha só agora começava a doer, como se a picassem repetidamente com uma ponta de alfinête. E essa dor miúda e teimosa agrava-lhe a impaciência, obrigando-a a redobrar de esforços para se manter quieta na poltrona.

— Não és uma menina, és uma môça — volvia a Madre Superiora, em tom menos agastado. — E sempre tiveste aqui uma conduta exemplar. Por que não contas o que se passou? Por favor, fala! Estamos aqui só nós duas. E eu quero te ouvir, para entender a razão do teu gesto.

O toque da sinêta do pátio, chamando as alunas às salas de aula, tinha aumentado o alarido que subia de lá. Logo depois veio o rumor certo dos passos na escada, seguido de palmas espaçadas de Madre Nogueira, que reclamava ordem e silêncio, na sua voz estridente.

A Madre Superiora deixou que o ruído amortecesse, caminhou até à larga mesa que tomava o centro da sala. Apanhou dali o seu têrço, de costas para Morena, os olhos no crucifixo que dominava a parede nua.

E de repente, falando por cima do ombro:

— Por que não rezas também? É por ti que estou rezando.

Morena tirou o seu têrço do bôlso da saia, num gesto lento e evasivo, e permaneceu com os olhos no ar, enquanto lhe refluía à consciência a sala de aula, com a Madre Bacelar a escrever no quadro-negro o trecho da seleta que a classe deveria traduzir.

— É um poema de Tennyson — esclareceu a freira.

Logo ao primeiro olhar, Morena reconhecera o poema que o pai, uma noite, pondo de lado as cartas da bisca habitual, lhe fizera traduzir. Recordava-se perfeitamente de seus primeiros versos, como se tivesse diante dos olhos o pequeno volume de fechos doirados, que Ernesto ia lendo devagar, à luz do bico de gás, o indicador a deslizar por baixo das linhas impressas:

— "Esperando o comboio em Coventry, entre os guardas, olhei da ponte os três campanários..."

Sem demora, na sala de aula, Morena espreitou a Maria Lúcia pelo canto dos olhos, buscando sentir-lhe a reação. A colega, muito compenetrada de seu lugar de primeira da classe, fixara no quadro-negro a vista vigilante.

— Hoje eu te passo para trás — jurou Morena, de si para si, mordendo a ponta do lápis.

Vinha de longe a rivalidade entre as duas, menos da parte de Morena que da outra, esta muito ciosa de sua aplicação, ar distante, loura e alta, a frase cortante, sempre cheia de si, certo modo de empinar o busto que mais lhe realçava a figura orgulhosa.

Dai a pouco, ainda com o giz entre os dedos, Madre Bacelar se voltou para a classe, a ver quem chamaria primeiro. Escolheu a Cecília, uma ruiva, de rosto sardento. Logo passou à Regina, desapontada. Chamou ainda mais duas: a Lenir e a Silvinha. E sacudiu negativamente a cabeça. De que adiantava ter-se esforçado o ano inteiro? Perdera seu tempo. Ali estava o resultado: ninguém sabia.

— Traduza agora você, Maria Lúcia — ordenou, subindo ao estrado. — E, por favor, não me desaponte.

Pela hesitação do verso inicial, Morena percebeu prontamente que a outra não faria boa figura. E aguardou-lhe o primeiro êrro, que realmente não demorou.

— Não, não é assim — aparteou.

E passou-lhe o primeiro quinau. Logo a seguir, estimulada pelo aplauso da classe, redobrou de atenção, à espera de outra oportunidade, que também veio, sem demora. E outra. E mais outra. Até que Maria Lúcia, olhos em brasa, muito vermelha, sacudiu para trás a cabeleira ondulada:

— Afinal, quem é a professôra: você ou Madre Bacelar?

E foi preciso que Madre Bacelar batesse duas vêzes com a régua na tampa da mesa, reclamando silêncio, para que se desfizesse o riso da classe.

Depois, a caminho do recreio, no intervalo das aulas, quando a classe descia para o pátio, Morena riu alto, em tom de mofa, a alguns passos da escada, e explicou assim o seu triunfo:

— Não esqueçam que meu pai estudou em Oxford.

E Maria Lúcia, que vinha logo atrás:

— Não me fazes inveja — replicou, em tom mordente. — O meu estudou aqui mesmo, mas até hoje, graças a Deus,

nunca pretendeu subir a cavalo, bêbado, a escada do Hotel Central.

Nesse ponto a memória de Morena perdia a seqüência dos fatos, e tudo quanto lembrava se resumia no rosto de Maria Lúcia, bem junto do seu, os olhos azuis à tona das órbitas e dançando ao compasso das bofetadas que lhe dava, zape, zape, zape, numa fúria impulsiva e selvagem, e depois os dois corpos atracados na plataforma adiante da escada, por entre os andaimes da obra, até que a outra resvalava por uma prancha, com risco de estatelar-se lá embaixo, na grama do pátio.

A Madre Superiora, sem tirar os olhos do crucifixo, ia agora a findar o seu têrço, os ombros vergados para a frente, sentada à borda da cadeira rotativa, como se fôsse adiantar o joelho esquerdo para o chão. No silêncio que se alargava no casarão do Colégio, Morena podia ouvir a voz macia da freira, emendando as orações. Logo a seguir, viu-a persignar-se, outra vez de pé, e logo recolher o têrço no bôlso do hábito.

— Pedi a Deus por ti, minha filha.

E vendo as mãos de Morena longe do têrço, que esquecera no regaço:

— E tu, por que não rezaste também?

Morena se voltou para o recôsto da poltrona, escondeu o rosto na dobra do braço:

— Madre Superiora, eu quero ficar só. Por favor, me deixe sòzinha.

Logo sentiu que a mão da freira lhe roçava os cabelos. Encolheu-se mais na cadeira, tomada de uma convulsão repentina. E como se esperasse apenas pela solidariedade dêsse afago, rompeu a chorar, abafando os soluços nas mãos espalmadas.

Por isso não ouviu um carro parar à porta do Colégio, depois do trote largo de uma parelha que subia a rua. E quando olhou à sua volta, com o rosto banhado de lágrimas, viu que a Madre Superiora tinha saído. Sem enxugar as pálpebras, pôs a vista no vão de uma janela. Não, seu pai não podia ter querido subir uma escada a cavalo! Maria Lúcia mentira!

De manso, sem um ruído, a porta da sala se descerrou, e pela fresta irrompeu a cabeça grisalha do Padre Galvão, meio torto na batina ruça, o ombro direito caído.

— Pode-se entrar? — indagou, já dentro da sala.

E enquanto Morena enxugava os olhos na manga da blusa, veio ter com ela, após fechar a porta, e parou a um passo da poltrona, as mãos estendidas em sua direção, cabeça inclinada, apertando no sorriso os olhos miúdos:

— Quero te dar uma boa notícia, minha filha: não houve nada de grave com a Maria Lúcia. Foi mais o susto que outra coisa. Um ferimentozinho na testa, um arranhão no braço, e só. A prancha a salvou de coisa pior. Graças a Deus. Já me entendi com o pai dela. Podes ficar tranqüila. O caso ficará por aí.

E tomando-lhe as mãos:

— Agora, uma promessa. Daqui a dias, irás comigo fazer uma visita à Maria Lúcia. Assim se apaga tudo.

Porém Morena, recolhendo as mãos, aprumou o busto:

— Não, isso eu não faço. Ela insultou meu pai.

Padre Galvão espichou o lábio inferior, abrindo muito os olhos, a balançar a cabeça. Agora, sim, entendia tudo. Logo vira que devia haver um motivo sério em tudo aquilo. E, com as mãos atrás das costas, foi até à mesa, parou, deu meia volta, mais penso, cabeça inclinada. O caso mudava de figura. A razão afinal aparecia, justificando-lhe uma íntima desconfiança que não contara a ninguém.

— E por que nada disseste à Madre Superiora? — indagou-lhe, olhando-a de frente, as mãos entrelaçadas.

Morena entreabriu os lábios, tentando falar, mas as lágrimas lhe saltaram dos olhos crescidos, antes que as palavras lhe aflorassem à bôca. E depois dos primeiros soluços, sem esconder o rosto, antes querendo encarar o padre, que parara diante dela, pestanejando de emoção:

— Não pude, Padre Galvão. Preferi me calar. E não direi nada a ninguém. Meu pai pode ser o que fôr, mas é meu pai. E Maria Lúcia mentiu. Mentiu, só para me ofender e me humilhar.

Padre Galvão aconchegou-a contra o peito:

— Não se fala mais nisso, minha filha. Posso te garantir que não se toca mais nesse assunto.

Forçou a risadinha:

— Já tive notícia de que o Tobias, de Bíblia em punho, andou por tua casa, convertendo tua mãe ao protestantismo. Ela não pode saber o que houve aqui. Bico calado. Não vamos lhe dar um motivo a mais para tirar vocês dêste colégio.

E enquanto Morena enxugava o rosto:

— A Cristina, coitada, está de joelhos na capela, desde que a Madre Superiora te trouxe para cá. Foi ela que me fêz sair sem chapéu, quase a rasgar a batina na escada, para buscar correndo o Luna e ir depois com êle levar em casa a Maria Lúcia. Anda daí agora. Vem comigo à capela. Tens de pedir perdão a Deus e agradecer o que Êle fêz por ti.

Morena, de pé, tardou o passo, ouvindo o galope de um cavalo nas pedras da rua, e atirou o olhar pela janela, com um apêrto no coração. Felizmente o galope se desfez para os lados do Cais. E ela deixou a sala, ainda a enxugar os olhos com a costa das mãos.

XXII

Lorde ouviu o assobio fino, que vinha de dentro da casa, e, abandonando o osso velho, que roia no batente da porta desde cedo, atirou-se escada acima, orelhas fitas, a cauda felpuda varrendo os degraus.

— Aqui — gritou-lhe Ernesto, deixando no chão o prato de leite e pão picado, que o cão se pôs a sorver depressa, enquanto o dono lhe alisava o pêlo.

E assim que o viu sorver o último gole:

— Agora, vamos ver essa pata machucada.

O cão inclinou um pouco a cabeça, a bôca aberta mostrando os dentes grandes e a língua caída para um lado, empinou o corpo, apoiando no joelho de Ernesto uma das patas dianteiras e deixando no ar a outra, que o dono acolheu na palma da mão.

— Já vai melhor. Bem melhor. Mas isso não quer dizer que eu hoje te leve comigo. Há festa na cidade, mas é do outro lado, no Largo do Quartel. E tu tens de ficar aqui, para olhar a casa.

E apertou-o contra si, como a abraçá-lo. Logo depois, largou-o. E Lorde, embora protegendo a pata doente, pôs-se a latir aos pinotes, rebrilhando na claridade do raio de Sol os pequenos olhos castanhos.

Ernesto ficou de pé, recebendo as festas a castanholar os dedos, o que fêz o cão redobrar os saltos, correndo e latindo.

Havia sido assim, no dia do regresso de Ernesto, já noite alta, que Lorde saíra ao seu encontro, ao ouvir de longe o tinir das ferraduras do cavalo na estreita ruela escura que vinha ter ao sobrado.

Vendo-o agora pular e correr, sempre a resguardar a pata ferida, Ernesto recompunha de súbito êsse regresso, como se em sua memória, por vêzes envôlta de sombras, fulgurasse um repentino clarão. Por onde andara, desde que deixara a galope o quintal do Tião? Lembrava-se de ter subido a Rua da Imprensa até à Praça da Misericórdia, para contornar a Santa Casa e alcançar a Rua do Passeio, na direção do Cemitério. E ali, ante o portão escancarado sôbre o renque de casuarinas que a luz rósea da tarde revestia, uma idéia lírica o empolgou. Onde encontrar rosas, muitas rosas? Cravou as esporas no cavalo e arremeteu para o Caminho da Boiada, com o pensamento no jardim florido do Nhozinho Sousa. E se Nhozinho Sousa não quisesse vender-lhe as rosas? Pagaria alto, o que êle quisesse! Um conto? Dois contos? Cinco contos? Pois aqui estão, seu miserável! E venham de lá as rosas! E frescas, e lindas, as mais bonitas que houver! Menos de uma hora depois, estava de volta, com duas enormes braçadas de flôres, e vinha firme na sela, a impedir o cavalo com a roseta das esporas, sentindo-se leve, como suspenso no ar. Novamente na Rua do Passeio, picou mais o galope, passou desabaladamente por um entêrro pobre, que seguia devagar na rua longa com o seu cortejo cabisbaixo, e atravessou de ímpeto o portão do Cemitério, sem dar ouvido aos gritos de protesto que tentavam cortar-lhe o caminho. Por que, numa tarde assim tão linda, não haveria de cobrir de rosas o mausoléu de família, onde Teobaldo dormia agora o seu sono recente? Prendendo a rédea numa das hastes da grade de ferro que circundava o túmulo, pôs-se a despetalar as rosas sôbre a lápide, invadido por estranha emoção. Depois, outra vez na sela, penetrou mais no Cemitério, seguindo a passo lento pela ruela que bordejava a fileira de sepulturas, até divisar o muro baixo e caiado que limitava o Campo-Santo com o lazareto ao fundo e sôbre o qual espiavam figuras mutiladas e de mãos estendidas pedindo esmolas. Gritou upa ao cavalo, sacudiu no ar o chicote, e seguiu em frente, no impulso de uma arrancada, novamente a galope, como se fôsse saltar o muro e atravessar de lado a lado aquela visão de pesadelo. O cavalo pareceu hesitar, travando a marcha, porém as esporas lhe feriram fundo as ilhargas, a nôvo estalo do

chicote, e empinou as patas dianteiras, descrevendo com o corpo em arco uma curva por cima do muro, e logo retomou o galope na direção da margem do Bacanga, por entre os cascbres assustados, sempre impelido pelas esporas e a taca e ainda pelos gritos de animação do cavalciro.

Neste ponto, as lembranças de Ernesto se misturavam. Que fizera do resto da tarde? Como chegara ao bordel da Lola Gorda, para ver a Pepita dançar nua? Só se recordava com nitidez de que, ao fim da madrugada, com os primeiros galos cantando nos quintais vizinhos, se vira na Rua da Palma, caminho do Destêrro, entre sobradões fechados, ao passo lerdo da montaria. De onde vinha? Que fizera até então? Sentia-se exausto, quase sem fôrças para equilibrar-se na sela. E o que seu corpo pedia era o aconchêgo de uma rêde ou um pedaço de chão onde se estirar. Por que não apeava ali mesmo e deitava na borda da calçada, com o rosto voltado para as estrêlas? Porém o cavalo continuava a levá-lo no seu passo preguiçoso, como a embalá-lo com o retinir das ferraduras no calçamento. As lâmpadas elétricas davam uma sensação de nudez à imensidão da rua. Ninguém nas calçadas infinitas. E o braço de ferro dos lampiões apagados, como a esperar pelos velhos acendedores, espichando-se nas esquinas para vê-los chegar. E de repente, na dobra de um beco, sob o cone de luz de uma lâmpada, nos arredores do antigo Convento das Mercês, um cão se adianta, cabeça empinada, orelhas fitas, cauda balouçante, e solta o primeiro latido de alegria, rompendo a carreira festiva na direção do cavalo. Sim, é êle, o velho Lorde felpudo, agora sujo, um tanto magro, que corre e salta, e tenta empinar-se, erguendo as patas dianteiras, para outra vez saltar e correr, ora de lado, ora à frente do cavalo. E é tão efusivo nos seus arremessos, que Ernesto ralha com êle, procura conter-lhe o alvorôço no silêncio da rua. Mas é inútil. Sua alegria é maior que a reprimenda do dono. E quando êste apeia na calçada do sobradinho, Lorde ensaia lamber-lhe as mãos, equilibra-se nas patas traseiras, redobra ainda os pinotes, ganindo baixinho sempre que firma no chão a pata machucada. Ernesto se impacienta, já agora diante da porta do sobrado, a buscar nos bolsos do culote o molho das chaves, e ordena-lhe que se cale, porém o cão insiste nos latidos, reluzindo mais os olhos castanhos, e enfia pelo corredor escuro, galga rápido os dois lanços da escada, confundido com as sombras da noite, e, sempre latindo, espera lá no alto pelo dono, que vem subindo devagar, apoiado no corrimão. E na manhã seguinte, assim

que Ernesto abre os olhos estremunhados à luz forte do dia, sem saber como veio parar ali nem se lembrar como acendeu o candeeiro e armou a rêde, vê o Lorde à soleira da porta, vigilante e feliz, a língua fora da bôca, orelhas fitas, arfando ao calor da manhã alta. Sorri para êle, castanholando os dedos, e só então repara na pata ferida, com uns restos de sangue machucado, que o cão estende no sentido da rêde, inclinando um pouco a cabeça, como à espera de sua piedade e de seu afago.

— Se a festa fôsse perto — diz Ernesto, recolhendo do chão o prato lambido e ouvindo a distância um toque de clarim — ias comigo. Agora, vou me vestir. Não fiques desapontado não, meu velho. Noutra eu te levo. Mas não te ponhas a latir dêsse jeito, por favor. Chega de pulos.

Embora o relógio de parede, ali na varanda, acusasse pouco mais de seis horas, a luz do Sol dava uma sensação de manhã alta, com as janelas escancaradas recolhendo a claridade da rua.

Ao deixar a varanda, sempre festejado pelo cão, que insistia em saltar e latir à revelia das reprimendas, Ernesto se encaminhou para o quarto, arrastando as chinelas de trança, para acabar de vestir-se. Seus olhos negros tinham um brilho mais vivo, sob o arco das sobrancelhas carregadas. O rosto estremunhado, com duas manchas avermelhadas à altura dos pômulos, alargava-se na barba cerrada, que avançava para o peito e caía na abertura do dólmã.

À porta do quarto, susteve o passo, alongando a orelha para os sinos que entravam a repicar em tôda a volta da cidade:

— Estás ouvindo, Lorde? São os sinos do Destêrro, dos Remédios, de São João, do Carmo, de Santana, de São Pantaleão, de Santo Antônio e do Rosário. Todos em festa, meu velho. E sabes por quê? Porque vamos festejar hoje a vitória dos aliados. Um pouco atrasados, é verdade. Coisa do Fran Pacheco. Daqui a pouco, no Largo do Quartel, é a missa campal. Com a presença do Governador e do Arcebispo. A tropa formada. Os colégios. Rataplã de tambores. Toques de clarim. Uma beleza!

E alcançando a rêde armada ao meio do aposento, diante da janela escancarada para a rua:

— O mês passado ainda enterrávamos os nossos mortos, sem ao menos o dobre dos sinos que estão agora repicando. Isso é a vida, Lorde! — suspirou.

Sentado na rêde, com os pés no tapête, estendeu os braços em seu redor buscando as botas. E logo se pôs a calçá-las, sob o olhar do cão, que se aquietara à soleira da porta, cabeça erguida, a língua pendente da bôca arquejante.

— Estás espantado de me ver ir à missa? Eu gosto de missa campal desde menino, Lorde. Acho bonito o espetáculo. O altar armado na praça. O povo reverente. E os sacerdotes nos paramentos solenes.

Voltou a ficar de pé. E enquanto metia o dólmã para dentro do culote:

— Antes da missa, vou ver o Luna. Hoje, com certeza, êle não sai de casa. Conheço todo mundo e todo mundo me conhece. Os amigos são poucos. O Luna, o velho Lemos, o velho Lorde. Amigos do peito. Hoje, só tenho vocês, A Rosária, coitada, morreu. Morreu também a Gilda, aquela de olhos grandes. A vida passa depressa. E voando — como aquela andorinha.

Falara mais para si mesmo, olhando-se no espelho da cômoda, e em pouco estava na rua, com o pé no estribo para acomodar-se na sela.

— Já te disse que hoje não irás comigo. Fica quieto aí! — gritou ao cão, em tom severo, obrigando-o a permanecer junto à porta, olhos acossados, orelhas murchas. — E olha bem pela casa.

Se quisesse passear, que andasse ali por perto, até o Largo do Destêrro, mas sem se meter em brigas nem correr atrás das cadelas vagabundas.

— Vê lá — acrescentou. — Honra teu nome. Não te metas com viralatas.

Lorde, ainda encolhido, sacudiu a cauda, enrodilhou-se na calçada ao pé da porta, espichou os olhos para o cavalo, que mordia a rédea, baixando e subindo a cabeça.

Os vizinhos tinham saído às janelas, atraídos pela voz de Ernesto e pelo ruído das ferraduras nas pedras da rua. Ernesto passou por êles, passo frouxo, rédeas sôltas, sacudindo barretadas para um lado e para outro; adiante se cobriu, endireitando-se na sela, ao espoucar dos primeiros foguetes para as bandas do Largo do Quartel. A rua deserta convidava-o ao galope, e êle de pronto animou a marcha, picando a montaria com a roseta de uma espora.

Desde que volvera à sua vida dissipada, era a primeira vez que saía de casa em horas tão matinais. E a cidade

banhada de sol intenso tinha a seus olhos um nôvo aspecto e um nôvo colorido, que não advinham ùnicamente do repique dos sinos, do estoiro dos foguetes, do rataplã dos tambores e do toque de clarins e das cornetas, mas também de seu próprio ser, súbitamente identificado com o ar festivo que o rodeava.

Logo no comêço da guerra, tinha querido alistar-se como soldado, exibindo ao vice-cônsul inglês os seus papéis de Oxford. Mas êste, depois de um apêrto de mão efusivo e grato, lhe dissera não ser possível. Só os jovens estavam sendo aceitos. E êle já fizera quarenta anos. Ernesto recolhera os documentos, agastado. Nem para morrer servia? Sentia-se forte, disposto à luta, queria combater. Por que o recusavam? E Mr. Fraser, firme: "*I don't know, Mr. Ernesto*".

Agora, galopando pela Rua de Santana, sentia em seu íntimo a animação da juventude, com o vento matinal que lhe batia no rosto, e era como se voltasse das batalhas, herói a quem os sinos e os clarins festejavam.

No Largo do Quartel, ao dar com os primeiros colégios a se alinharem em frente ao altar, lembrou-se das filhas. Cristina e Morena viriam também, com tôda a certeza. Sacudiu no ar o chicote, acelerou o galope pela Rua dos Remédios, para ter tempo de ir à casa do Luna e voltar, antes que a missa começasse.

Mais de uma noite, ao se ver só no sobradinho do Destêrro, ouvindo cair lá fora as últimas chuvas do estio, ensaiara ler ou jogar paciência, com as imagens da outra casa teimando na memória, e acabara por afrontar o mau tempo, sem fôrças para suportar a saudade das filhas. Ainda bem que na véspera, depois de uma crise convulsiva de pranto, ouvira o ranger das botas do Luna nos degraus da escada, para uma visita de improviso. E abrira-se com êle.

— Eu não suporto mais a saudade das meninas, meu velho!

— Tem um pouco mais de paciência. Cristina e Morena não são mais crianças: são duas môças. Daqui a pouco, cada uma procurará o seu caminho. O mais difícil já passou.

Terminara concordando. Em breve, com efeito, uma buscaria o Convento, a outra certamente se casaria, e tudo — mesmo a sua angústia e a sua revolta — se apaziguaria com o rolar do tempo. Mas só Ernesto sabia o quanto lhe custavam as horas de solidão, com o Lorde enrodilhado a um canto, e êle a tentar distrair-se na companhia de velhos livros, sem ninguém a quem falar.

— Tu não sabes o que eu sofro, Luna.

— Sei. E é por isso que estou aqui. Que te adianta cultivar êsse desespêro? Nada. Tuas filhas, a estas horas, estão dormindo. Mariana, também. E tu aqui a sofrer. Adianta alguma coisa o teu sofrimento? Não. Quando as tuas filhas eram pequenas, precisavam mais de ti que agora. E agora o que era possível fazer, para recompor tua casa, foi feito. Se não há jeito, por que insistir?

A galope pela Rua dos Remédios, divisou em pouco, no alto da ladeira, a fachada branca da igreja. As palmeiras da praça, rodeando o monumento a Gonçalves Dias, altas, retas e majestosas, não tardaram a ficar para trás, na última volta da rua, e eis Ernesto a retrair a rédea diante do portão do Luna e a chamar pelo amigo.

A casa fechada, com seu portãozinho de ferro e a sua varanda lateral olhando o rio, não dava sinal de vida. Ernesto insistiu em chamar, desta vez batendo palmas dentro do jardim. E como o Luna não aparecesse, deu a volta à casa, para entrar pelos fundos. Ali também a porta estava cerrada. Tornou então ao jardim, fechou o portão com a lingüeta do trinco, e acomodou-se na sela. Com certeza o Luna tinha ido cedo para o hospital. E Ernesto ficou olhando distraidamente o rio descer para o mar, por entre coroas de areia, com um barco deslizando nas águas escuras. Depois, sem pressa, entrou novamente na Rua dos Remédios.

Não tardou a alcançar o Largo do Quartel, tomado agora pelos pelotões de soldados, pelo povo e pelos colégios, e tratou de contornar a calçada, num passo ainda mais lento, buscando identificar, no colorido dos uniformes, a blusa branca e a saia azul do colégio das filhas. Já Monsenhor Mourão, na vistosa casula das cerimônias solenes, ia subindo os degraus do altar, seguido de outros sacerdotes também paramentados. E logo o toque de uma corneta ordenou silêncio, calando um tambor que se vinha aproximando.

— Ali, estão ali! — exclamou Ernesto, passando para o outro lado do largo, buscando reconhecer Cristina e Morena na seqüência igual dos uniformes.

E uma alegria nova o invadia, quase o levando a saltar da sela para olhar de perto as fileiras cerradas de alunas. Onde estaria Morena, que era mais alta e cheia de corpo? E Cristina, com seu ar de noviça? Os olhos alvoroçados de Ernesto resvalaram pelos rostos juvenis com um brilho de ansiedade. E de

pronto volveram, ainda mais ansiosos. Por que suas filhas não estavam ali? Dar-se-ia o caso de que, assim a distância, não as houvesse identificado? Depressa pulou da sela, querendo romper a multidão à sua frente, e foi dando de ombros, por entre protestos surdos, até se ver a um passo do colégio das freiras. Demorou uns minutos na busca silenciosa, sem dar atenção à missa, que já ia adiantada, e logo fechou o semblante, desapontado. Por que Cristina e Morena não tinham vindo? E só então se lembrou, baixando a cabeça, de que a missa era festiva e elas estavam de luto — como êle também. Devagar, pedindo licença, tornou à borda da calçada onde deixara o cavalo. Como pudera esquecer-se, até àquele momento, da morte de Teobaldo? O melhor que fazia era tornar ao Dêsterro.

Mas ao meio da tarde, novamente esquecido da morte do filho, deixou o bar do Albino, num dos ângulos da Praça do Comércio, e subiu a ladeira em direção do Largo do Carmo, para ver o corso que dali sairia.

À medida que se aproximava, picando com a espora o cavalo para obrigá-lo a subir depressa, crescia-lhe o alvorôço, com o som das fanfarras e dos clarins, por entre o espoucar dos foguetes. Quis entrar pela Rua de Nazaré, mas não pôde passar. Desceu então pela Travessa da Sé, cortou a Rua do Egito, seguiu pela Rua dos Afogados, dobrou a Travessa do Teatro, e surgiu na Rua da Paz, marginando o Convento do Carmo, a governar com energia o cavalo, que tentava retroceder, mordendo a rédea, ameaçando empinar-se.

O povo de São Luís, após o período de angústia e consternação das semanas da gripe, parecia ter saído de casa para desafogar a memória de seu desespêro na improvisação de um carnaval de rua. As árvores, os balcões, as sacadas, a amurada do Convento, o beiral dos telhados, tudo rebentava de gente, que se apertava por tôda a extensão da praça. De longe, com a imponência de seus ornatos alegóricos, viam-se os carros de préstito. Môças da sociedade, vestidas com trajes típicos, acentuavam o colorido carnavalesco das carruagens, a que não faltava a animação dos clarins e tambores. De vez em quando, como se quisesse impor seriedade ao corso, uma banda de música atacava dobrados militares e marchas patrióticas.

Ernesto endireitou-se na sela, fisionomia iluminada, pupilas faiscantes. E como o povo cantava, pôs-se a cantar também, a cabeça descoberta, atirando para o alto o braço direito, nos transportes da exaltação. Ao fim da marcha, ouvindo o estalar das palmas, o estrondar dos foguetes e o repicar dos sinos,

arremessou para longe o chapéu. Logo a seguir, sentando-se de lado, tirou as botas, que também sacudiu longe. E ficou de pé no cavalo, equilibrando-se nas ancas do animal, como um acrobata de circo. Fêz-se silêncio, depois de um sussurro de espanto, e rostos atônitos voltaram-se na sua direção.

Sem perda de tempo, Ernesto estalou a língua no céu da bôca, animando a marcha. E o cavalo se pôs em movimento, erguendo as patas dianteiras e saltitando, com o dono a equilibrar-se de braços abertos, enquanto o povo, apanhado de surprêsa pelo espetáculo, formava alas para lhe dar passagem.

— É êle, sim! É êle! — gritavam.

E Ernesto, animado pelo sussurro dos risos e dos aplausos, avançava por entre a multidão, sempre no mesmo passo miúdo da montaria, até sair na Rua do Egito, junto ao Excelsior, e aí pulou na calçada, recebendo a compacta aclamação das palmas e caindo nos braços do Lobão, banhado de suor.

— Lobão, — gritou, pés descalços, braços para o alto — manda abrir um champanhe para o meu cavalo!

XXIII

Desde a visita do Reverendo Tobias, Mariana sentia renascer em seu coração a antiga fé na bondade divina, novamente convicta de uma vida além da vida.

Nos primeiros tempos, ao dirigir-se ao Senhor, no momento de suas orações, ainda movia o polegar e o indicador da mão direita, como se torcesse as contas do têrço; porém em breve coibiu êsse movimento desnecessário, logo experimentando a sensação de recolhimento profundo, quase em êxtase, com a impressão de que seu ser se diluía em algo imaterial e inconsútil, que ela própria reconheceu, entre lágrimas, como a sua definitiva comunhão com o verdadeiro Deus.

Abigail, chamada a outras obrigações, espaçara as suas noites no sobrado, mas não deixava de vir pelo cair da tarde, para uma hora ou duas de conversa com Mariana. Trazia-lhe sempre um livro, um folheto, de polêmica ou propaganda, e ainda o número nôvo de *O Estandarte*, em cujas colunas miúdas o Reverendo Tobias deitava estirados artigos contra o clero e a Igreja de Roma, num tom discursivo que parecia conter um pouco de suas gesticulações abundantes. Se a conversa morria, atenuada pela modorra mole do entardecer, punham-se as duas a cantar hinos evangélicos.

Uma tarde, como a outra demorasse chegar, Mariana volveu o olhar para a rua, por trás da vidraça, protegida pela dobra da cortina. E viu quando Abigail apontou na Rua da Cruz, sobraçando um gordo embrulho.

— Que é isso? — indagou-lhe Mariana, assim que abriu a porta da alcova, oferecendo-se para ajudá-la.

E Abigail, cortando o aposento na direção da sala:

— São os quadros que lhe prometi.

Eram versículos do *Velho* e do *Nôvo Testamento*, impressos em caracteres vistosos, com ilustrações coloridas ajustadas ao texto, e encaixilhados em finas molduras doiradas. Dizia um: "O filho do homem não veio para ser servido, mas para servir, e a dar a sua vida em resgate de muitos. Mateus 20:28." Outro: "Não me desampares, Senhor meu Deus; não te apartes de mim. Acode prontamente em meu socorro, Senhor Deus da minha salvação. Salmos 37: 22 28." Outro mais: "E chamando a si o povo, com seus discípulos, disse-lhes Jesus: — Se alguém me quer seguir, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz, e siga-me. Porque o que quer salvar a sua vida, perdê-la-á; mas o que quer perder a sua vida, por amor de mim e do Evangelho, salvá-la-á. Marcos, 8: 34 e 35." E ainda mais outro: "Somos perseguidos, mas não desamparados; somos abalados, mas nem por isso perecemos, trazendo sempre no nosso corpo a mortificação de Jesus, para que a vida de Jesus se manifeste nos nossos corpos. São Paulo aos Coríntios — II — 4: 9 e 10."

Abigail apoiou cada quadro no espaldar de uma cadeira, retrocedeu alguns passos para olhá-los de longe:

— São lindos! Não acha? E falam diretamente ao coração, como se Deus conversasse conosco. Lá em casa, só temos êstes quadros nas paredes. A senhora não imagina o bem que nos fazem. Às vêzes a gente está com um problema, sem saber que solução lhe dar, e põe o olhar num dêsses versículos. Logo a consolação nos bate dentro do peito, como um verdadeiro raio de luz mandado pelo Senhor!

E olhando em volta, em busca de um vão de parede:

— Um dêles pode ficar ali perto do piano. Outro ali na alcova. E os outros dois na varanda. Há mais, se a senhora quiser. Mas êstes me parecem mais bonitos. Há também um quadro grande, de muito efeito, mostrando a morte do justo e a morte do pecador, um junto do outro. Quer que lhe traga, só para ver se gosta?

Mariana olhou os quadros, um por um, detidamente, sem deixar transparecer a reação de seu espírito. E erguendo o olhar para Abigail:

— Amanhã pela manhã.

Abigail estava agora entre a sala e a alcova. E voltando a cabeça na direção do oratório:

— E aquelas imagens, quando saem dali?

Mariana tardou a resposta. Em passo lento, seguida pelos olhos severos da outra, caminhou até a extremidade da sala, como imersa em si mesma. E sentando-se numa cadeira de braços, de costas para a janela:

— Eu confesso a você que tenho relutado em me desfazer delas. Algumas estão na minha família há mais de cem anos. E a de Santa Rita, que pertenceu ao meu tetravô, o Capitão-mor, tem quase dois séculos. E é uma jóia de arte. Não conheço outra igual. A Nossa Senhora do Carmo é tôda de marfim, com o manto bordado a ouro. E é de marfim também o crucifixo.

Suspirou, descansando o queixo na mão direita. E vendo a outra anuviar o semblante:

— Eu não me ajoelho mais diante delas nem as invoco nas minhas orações — esclareceu. — Nunca mais você viu uma vela acesa naqueles castiçais. O oratório está ali agora como simples adôrno — justificou-se.

Abigail tinha baixado a cabeça, as mãos entrelaçadas, como a fechar-se numa reserva hostil. Deu uns passos até o outro lado da sala, conservando a vista baixa. E de repente, voltando-se para Mariana, a cabeça erguida:

— Dentro de poucos dias a senhora vai fazer a sua profissão de fé na Igreja Evangélica. E eu lhe pergunto: como isso será possível, se a senhora tem na sua casa, diante de seus olhos, aquela ofensa à Palavra de Deus? Eu estarei presente ao ato mais importante de sua vida. E como poderei me calar, conhecendo o seu pecado?

Tinha voltado até o meio da sala, com os olhos nos olhos de Mariana, sempre a torcer nervosamente as mãos compridas:

— Não. Eu não poderei me calar — continuou. — Eu me levantarei e direi que a senhora não pode participar da Ceia do Senhor, comendo o pão, que é o corpo de Cristo, e tomando o vinho, que é o seu divino sangue!

As duas permaneceram em silêncio, uma a olhar a outra, sem que as pálpebras se movessem.

Com o cair da tarde, a luz se retraía na sala, ao mesmo tempo que, lá fora, no beiral do sobrado, começava a bulha

das andorinhas que se recolhiam. No resto da casa, nenhum rumor.

E Mariana, desviando o olhar para o retrato de Teobaldo:

— As imagens sairão dali, Abigail. Amanhã mesmo. E o oratório também. Você tem razão. A Palavra de Deus é clara. E eu vou cumpri-la, linha por linha, até que o Senhor me chame a sua santa glória.

Logo adiantou a mão direita para o consolo junto à janela, apanhando dali o seu livro de hinos:

— Hoje, que vamos cantar?

— O hino das Aleluias — replicou prontamente Abigail, puxando a cortina, para dar mais luz à sala.

Na manhã seguinte, assim que Biá voltou ao sobrado, depois de ter acompanhado Cristina e Morena ao colégio, Mariana a chamou à alcova, e juntas começaram a desfazer o oratório.

Biá, gorda, pesadona, tinha ganho alma nova, ao saber a que fôra chamada. Com agilidade, trouxera do quintal um balde velho, convertido agora em lata de lixo, e aguardava, com as mãos no ar e olhos contentes, que Mariana lhe entregasse as imagens.

— Comece pelo crucifixo — sugeriu, vendo a hesitação da patroa. — Depois me passe as imagens menores.

Porém Mariana, sem lhe dar ouvidos, adiantou as mãos frias para a pequena Santa Rita, que uma redoma de vidro protegia, e a entregou a Biá. De costas, ouviu o baque da imagem no fundo do balde. E tratou de reprimir o sentimento de compaixão e mêdo que de pronto a invadiu. Ficou um momento imóvel, como se a hesitação lhe voltasse. E de si para si repetiu a recomendação do Senhor: "Não fareis para vós ídolos, nem levantareis imagens de escultura nem estátua, nem poreis figura de pedra na vossa terra, para inclinar-vos a ela: porque eu sou o Senhor vosso Deus."

Sem perda de tempo, pôs-se a recolher as imagens às duas e às três, na ânsia de acabar depressa a expulsão dos santos, e era ela agora que as atirava ao balde, sem esperar pelas mãos solícitas da criada. Por fim, trouxe para fora a Virgem do Carmo e o Menino Deus, quase num impulso, e ordenou à Biá, numa voz nervosa, que levasse tudo dali, o mais depressa possível!

— Há uma santa no quarto das meninas — lembrou Biá.

E Mariana, dando-lhe as costas, caminho da sala:

— Leve-a também.

Daí a pouco, empunhando na mão canhota um cacête, lá embaixo, ao fundo do quintal, Biá entrou a espatifar as imagens, uma a uma, numa fúria selvagem.

Ouvindo as pancadas, Cipriana adiantou a cabeça branca pela janela da cozinha, procurando ver o que a outra fazia.

— Que foi que te deu na veneta, criatura? — indagou a velha, apertando os olhos miúdos, no esfôrço para enxergar por entre os galhos da mangueira.

E Biá, assestando a paulada na cabeça do Menino Deus:

— Estou acabando com a Côrte Celeste de vocês.

Cipriana levou as mãos à cabeça, alarmada. Virgem Maria! Minha Nossa Senhora! Meu São Benedito! Santa Bárbara! Meu Jesus! E quis descer os degraus da escada, porém as pernas lhe faltaram, e ela se deixou cair no banco da cozinha, tôda a tremer. Bem que a Biá lhe tinha dito que um dia daria cabo das imagens do sobrado. E agora cumpria a palavra. Ah, miserável! Depois, no impulso de uma suspeita, voltou a ficar de pé, os olhos muito abertos, e teve pernas para correr até a porta de seu quarto. Dali pôde ver, aliviada, que a bandida não ousara tocar no seu São Benedito. E tornou à cozinha, levada por um nôvo impulso. Novamente na janela, pôs-se a gritar para a outra, com a ira dos punhos fechados:

— Tu vai para o Inferno, sua peste! Hás de acabar num caldeirão de breu fervendo, sua miserável! E morrerás no leprosário, sua diaba!

E quando a Biá subiu, ameaçou-a com uma acha de lenha:

— Se me tocas no meu São Benedito, eu te racho a cabeça! E ainda por cima, toco fogo em tua roupa! Que foi que os santos te fizeram? Acho bom que fiques mesmo calada. É preciso ter um coração de pedra! Iche!

E à noite, assim que todos se recolheram no sobrado, tomou de uma lamparina e desceu, um a um, lentamente, os degraus da escada do quintal, para recolher na tina, pedaço a pedaço, as imagens que podia recompor. Depois, com infinita paciência, à mesa da cozinha, com a chama da lamparina a dançar no vento frio, foi colando os fragmentos, até que viu restaurada a pequena imagem da devoção de Cristina.

— Essa está salva — concluiu.

Doíam-lhe as costas, o corpo velho pedia o aconchego da rêde, porém a velha, arrastando os pés cansados, saiu à

varanda, abriu de manso a porta do quarto das meninas, e foi entrando, a ouvir de longe os soluços de Cristina.

— Não precisa chorar mais, minha filha — disse a preta, parando junto à rêde. — Olhe a surprêsa que eu lhe trouxe.

E mostrou-lhe a santa, que amparava com as mãos ainda trêmulas.

XXIV

Ao apontar a primeira claridade da manhã, embora sentisse o corpo exausto das horas em claro durante a noite, Cipriana pôs-se a rezar, sentada na rêde, os olhos na imagem de São Benedito. Depois, levantando-se com esfôrço, abriu a janela da rua, para dar mais luz ao quarto.

E empunhando o puxador, com que descera o ferrolho da janela, voltou a ameaçar Biá, que também já se achava de pé e a olhara de relance faiscando o vidro das lentes em sua direção:

— Quero avisar você mais uma vez. Se tocar no meu santo, mando você pro Inferno com uma cacetada. Não se meta comigo.

Biá achou melhor não responder.

— Se se meter, racho-lhe a cabeça — ameaçou Cipriana.

E mais tarde, depois que voltara ao quarto para fumar o seu cachimbo, ouviu a zoada certa de um tacão de botina nas táboas do corredor. Ficou segurando o fósforo apagado, numa desconfiança. E viu Mariana atravessar a porta, no seu passo martelado, caminhando no sentido da cômoda, em cujo tampo de mármore ardia um côto de vela ao pé da imagem de São Benedito.

— Não, minha Sinhá, — protestou a velha, atravessando-se no seu caminho com espantosa agilidade — no meu santo a senhora não mexe.

E Mariana, rápida, apontando-lhe o corredor:

— Pois então saia de minha casa com êle!

A velha permaneceu um momento com os olhos no ar, apanhada em cheio pelo imprevisto da resposta. Ir embora dali? Aquela casa era também a sua casa! Mas, antes que Mariana baixasse o braço que dali a expulsava, prontamente concordou, num impulso de seu brio ferido:

— Pode ficar descansada, que nem eu nem meu santo dormimos mais aqui. Não precisa me mandar embora outra vez.

E logo se pôs a reunir as suas coisas, com a lentidão própria do corpo fatigado que não tinha para onde ir. Desarmou a rêde, dobrou-a com todo o cuidado, e acomodou-a no fundo do baú. Recolheu de cima da cômoda a velha caixa de charutos onde guardava o seu fumo de corda, a faquinha afiada com que o picava, e a tesoura cega de que se utilizava para cortar figuras de revistas, distração e devaneio de suas tardes vazias.

Depois que relanceou em volta e viu que já havia guardado tudo — até mesmo a vistosa folhinha de parede, com um par de namorados olhando um braço de rio — tirou do gavetão da cômoda a saia larga e o cabeção rendado com que, todos os anos, pelo mês de setembro, trescalando a banho cheiroso, acompanhava a procissão de São Benedito.

Uma rolinha teimosa pusera-se a cantar no galho da mangueira, enchendo a casa com a tristeza de seu chôro.

Por mais de uma vez, Cipriana tinha querido sair à varanda para corrê-la dali, sentindo o coração apertar com a insistência daquele mau agoiro. Mas para quê, se não tornaria a ouvir aquela mesma rolinha? Essa íntima certeza aguou-lhe repentinamente os olhos miúdos, que as rugas da velhice pareciam querer cerrar sob as sobrancelhas grisalhas. Logo reagiu. De que adiantava chorar? Já vivera muito, era até um favor do Céu, se Deus Nosso Senhor se lembrasse dela. E ajoelhou-se, para fechar à chave o baú. Tudo quanto era seu estava ali. Mesmo assim, tornou a olhar em volta, a ver se não esquecera alguma coisa. E voltou a levantar-se, quase sem fôrças para erguer o pesado corpo exausto, amparando-se na tampa de couro.

Ao dar com a imagem sôbre a cômoda, forçou o sorriso:

— Não me esqueci de você não, meu santo — suspirou, descansando o cotovelo no mármore. — Cipriana não é mal agradecida. Você não vai no baú. Vai é aqui comigo, junto de meu peito, para me ensinar o caminho.

E desatou a risadinha miúda.

— Pra onde você mandar que eu ande, lá vai Cipriana, confiando em você. Agora, vamos só nós dois. Depois, conforme, fôr, eu mando buscar o baú.

Um suspiro fundo avolumou-lhe ainda mais os peitos, sacudindo os bentinhos, as medalhas e as figas que trazia entre êles:

— Dizer adeus às meninas é que vai doer mais — confessou, depois de um silêncio.

Olhou para a rua, como a considerar o desconhecido caminho que tinha de afrontar. E ainda suspirando, deixou cair os ombros, conformada: seria o que Deus quisesse! Parou no meio do quarto, novamente indecisa e amedrontada. Como ia se arranjar, se não tinha para onde ir? A luz intensa que vinha da rua, alastrando-se no aposento pela janela amplamente aberta, atordoava-a com o seu fulgor. Como seria bom que Deus Nosso Senhor se condoesse dela, levando-lhe a alma naquele momento! E nisto voltou a dar com os olhos no santo. Envergonhada, baixou a cabeça, num gesto de resignada humildade:

— Não se zangue comigo. Eu sei que você não abandona esta sua amiga velha. Se pensei morrer, não foi por mal: foi porque já vivi muito. Nem eu sei mais os anos que tenho. Mas não estou pensando bobagem, não. Fique descansado. Eu tenho juízo.

Um velho espelho de bordas carcomidas, pendente da parede sôbre a cômoda, repetia a figura fatigada de Cipriana, a mão no peito. E foi nêle que se fixaram os olhos da velha, assim que ela ergueu a cabeça:

— Virgem Maria! Não é que eu ia sair com a roupa de casa? Onde eu estava com a cabeça, minha Nossa Senhora.

E sempre devagar, devagarinho, como se tivesse o dia inteiro para se preparar, cerrou de manso a janela, encostou a porta sem ruído, com um tremor mais acentuado das grossas mãos amedrontadas. Depois, num canto do quarto, protegida pelo aconchego das sombras, trocou a saia, enfiou o cabeção rendado, e tornou a abrir a janela e a porta, sempre devagar, devagarinho, não raro repetindo gestos e movimentos, até que se deixou cair numa cadeira junto ao baú, ar vencido, pensativa, o lábio inferior espichado. Parecia mais velha assim imóvel, não obstante o traje vistoso que lhe caia para os pés descalços. Tinha deixado as mãos no regaço, as palmas para cima, com uma sensação de vazio na cabeça atordoada. Para onde ia? E a quem havia de pedir amparo?

Novamente os olhos da imagem se encontraram com os seus. E Cipriana, levantando-se, noutro suspiro fundo:

— Se tenho de ir, que é que estou esperando?

Tomando a imagem com todo o cuidado, dobrou o braço esquerdo contra o peito, e acomodou-a ali, como se carregasse um ser vivo, carinhosamente:

— Vamos embora — convidou-a.

Não quis ir à cozinha, para não se defrontar com Biá, mas olhou de longe o seu canto junto ao fogão, ao lado da janela sôbre o quintal, com um apêrto no coração magoado. A Sinhá, que tinha visto nascer, a mandava sair de casa, assim de repente, sabendo que ela, Cipriana, era sòzinha no mundo! Ah, meu Deus, só mesmo muita maldade! E arrastou os pés no rumo da varanda, sentindo que as pernas lhe pesavam como nunca.

Banhada pelo sol matinal, a mangueira rebrilhava na luz forte as manchas amarelas de seus frutos maduros. E sempre a rolinha teimosa a cantar o seu mau agoiro de todos os dias.

Ao fim da varanda, a velha empurrou a porta que abria para os aposentos de Cristina e Morena.

— Ui! Ainda não voltaram da escola! — comentou, desapontada, ante o silêncio que se alongava até a sala.

De nôvo na varanda, pensou em esperar por elas. Não podia ir embora, sem lhes dizer adeus. Logo mudou de idéia. Era melhor sair caladinha, para não fazê-las sofrer. Tardou um momento a fitar o relógio, a mesa, as duas cadeiras de balanço, as janelas ao fundo com os leques de vidro colorido. Depois, baixando resignadamente a cabeça, orientou-se no sentido da escada.

gar direito os degraus. De vez em quando parava para tomar fôlego e reprimir a vontade de chorar. Lá embaixo, arriou no penúltimo degrau o corpo exausto, sem ânimo para abrir a porta que lhe daria a imensidão da rua. E não conteve mais o pranto, sempre a apertar a imagem contra o peito.

— Me perdoe, meu santo. Eu não preciso fazer fôrça pra chorar. Uma coisinha à toa me põe assim. Já passou.

E enxugou as lágrimas na barra da saia. Encheu o peito para criar coragem, torceu resolutamente a maçaneta da porta. E como se aguardassem por seus passos apreensivos, irromperam do lado fronteiro os primeiros acordes da valsa da Sinhàzinha Dourado, bailando com a luz e o vento na rua alastrada de sol.

Ofuscada pela claridade, Cipriana esquadrinhou os dois lados da calçada, sem saber que direção tomar. E o mêdo lhe veio à tona das pupilas, obrigando-a a parar, como se fôsse retroceder. Em verdade, nos seus setenta e muitos anos de servidão, só conhecia da cidade o caminho da procissão de São Benedito, que percorria desde mocinha, passo a passo, por trás do andor. Mas sua hesitação durou apenas um momento, porque logo a confiança na proteção da imagem lhe deu coragem, e ela desceu do batente da porta para a calçada.

— E agora, meu santo?

Entre a subida e a descida da rua, não tardou a optar pela primeira, sempre levada pela inspiração de São Benedito. E entrou a galgar o aclive da calçada, não sem certo receio, que se denunciava na timidez do passo frouxo. Afinal, animou-se, pisou mais firme, balançando o corpo no passinho curto. E ei-la que vence o primeiro renque de sobrados, sorrindo aos que lhe sorriem, olhos confiantes, tôda envaidecida da imagem que aconchega mais ao peito, do lado do coração.

— Levando São Benedito a passear? — perguntou-lhe um senhor gordo e calvo, paletó aberto, o barrigão enfeitado pela corrente de ouro do relógio de algibeira, na esquina onde passava o bonde.

— Tá parecendo — concordou Cipriana.

E prosseguiu no mesmo passo lerdo, quase rente à fachada das casas. Aos poucos, sentia-se mais senhora da rua. De repente parou, volveu a cabeça na direção da esquina, com o pensamento no homem gordo, lembrando-se do Dr. Luna — a mesma calva, baixote, barrigudo... Logo olhou para o santo, com vontade de rir. Estava entendendo. Sim, senhor! Perfeitamente. E ela que não se tinha lembrado de procurar o Dr. Luna!

— Pois vamos à casa dêle — anuiu, a esconder o riso com a mão livre. — Eu só sei que êle mora por trás da igreja dos Remédios. Como foi você quem deu a idéia, não deixe o favor pela metade: me leve até lá, santinho da minha alma!

E deu um apêrto carinhoso na imagem:

— Ó santinho milagroso!

Ao fim da rua, que parecia estender-se ao infinito, Cipriana suspira fundo, ao dar com os olhos no primeiro banco do Largo do Quartel. Tenta picar o passo, antegozando o descanso do corpo pesado. Mas as pernas, velhas e inchadas, estão fazendo o que podem, e a preta se resigna ao passo lento,

gingando para um lado e para o outro, à luz vertical do meio-dia.

Afinal, deixa-se cair no banco, à sombra de um pé de ficus esgalhado, e diz a São Benedito, que lhe descansa agora no regaço:

— Nenhum de nós dois tem pressa. E eu, meu santo, coitada de mim! estou pegando fogo, com a sola do pé em brasa.

Depois que melhorou do cansaço, olhou em volta, admirando a praça. Sim, senhor! Que beleza! Lá estava o casarão do Quartel, com a sua fileira de janelinhas, o mastro da bandeira e um soldado na porta. Graças à procissão de São Benedito, conhecia bem aquêle trecho da cidade, mas não tinha idéia de que, vazio de povo, fôsse tão grande. E que maravilha o chafariz imenso, com a água a transbordar! Em redor, a sucessão das casas e dos sobradinhos. À sua frente a igreja de Santaninha, caiada de nôvo sempre fechada. Ninguém na rua, com o mormaço da soalheira. E quem havia de dizer que, nos dias do Carnaval, com os fandangos e os baralhos de mascarados, quase não cabia ali uma cabeça de alfinête!

— Graças a Deus que nunca fui negra de baralho. Sempre tive vergonha. E estou aqui como nasci — suspirou Cipriana, batendo no peito.

E levantando-se:

— Vamos andando, que o cansaço já passou.

De nôvo em marcha, quase a se coser nas paredes para se proteger com a nesga de sombra da calçada, entrou na Rua dos Remédios, alongando a vista para o estirão comprido, que faiscava à luz crua refletida nas pedras do calçamento. O calor se fazia mais forte, dando-lhe por vêzes uma sensação de tontura, que felizmente não tardava a passar. E lá ia a velha, sempre a estreitar a imagem contra o peito, o passo lento e cansado, confiando em São Benedito. De vez em quando parava, enchia os seios no suspiro repetido, mudava de braço a imagem, e volvia a caminhar, gingando à direita e à esquerda, outra vez com os pés em brasa, um ardor de formigueiro a lhe subir pelas pernas de chumbo.

Na esquina da Rua do Alecrim, encostou-se à parede, receando não ter fôrças para chegar ao tôpo da ladeira.

— Tenha um pouquinho mais de paciência — pediu ela ao santo, querendo se justificar. — Andar sòzinha, com êsse mundão de rua na minha frente, não é como andar na sua procissão. E olhe que eu não sou criança!

E inspirando forte, a arrastar os pés descalços na calçada escaldante, retomou a marcha, num passo ainda menor. Sempre ouvira dizer que devagar se vai ao longe. Custaria a chegar, mas chegava. Questão apenas de paciência. E paciência, louvado seja Deus, não lhe faltava, apesar da carapinha branca.

As palmeiras do Largo dos Remédios, que avistou mais adiante, deram-lhe alma nova.

— Agora já falta menos — disse à imagem, arquejando.

Quando conseguiu alcançar o tôpo da ladeira, a respiração amiudada pelo esfôrço da subida, teve a impressão de que a planta de seus pés ardia em carne viva, quase a sangrar. E caiu exausta no primeiro banco da praça, de costas para o mar. Durante uns minutos respirou de bôca entreaberta, sem ânimo para olhar em redor, as pernas estendidas para a frente, pálpebras fechadas, cabeça baixa, num começo de vertigem.

Felizmente o vento soprava, vindo de longe por cima das águas e atenuava a soalheira, espalhando em volta a sua aragem úmida, e Cipriana se foi refazendo aos poucos, até que se interessou em olhar a igreja, as palmeiras, a amurada sôbre o mar. E agora, como saber, entre tantas casas bonitas, qual a do Dr. Luna?

— Isso é também com você, meu santo.

Uma hora depois, descia ela a Rua do Navio, confortada por uns minutos na igreja. Era ali perto, ensinara-lhe o sacristão: bastava descer a Ladeira do Jenipapeiro, como quem vai para a praia, sem perigo de errar.

— É aqui — disse afinal, detendo-se ante o portão de ferro que fechava o jardim. — Muito obrigado, meu santo.

E beijou a imagem, que acomodou no descanso do muro, junto à grade de ferro batido.

Na ruazinha quieta, um cheiro forte de jasmineiro florido. E silêncio, numa larga paz de convento, à hora da sesta. Só o vento zunia, estirando-se na depressão do terreno. Nenhuma janela aberta. Um cão vádio a revolver lá adiante uma lata de lixo. No céu, longe, um papagaio de papel.

Depois de esquadrinhar o jardim e o quintal com os olhos tímidos, Cipriana passou os braços por cima do portão de ferro e estrondou duas palmas fortes. Logo se retraiu, muito cerimoniosa, outra vez com o santo junto do peito, à espera do Dr. Luna.

E ante o silêncio:

— Parece que não tem ninguém em casa.

Esperou outros minutos, tornou a bater com mais fôrça. E após espichar o lábio inferior, num gesto de desapontamento:

— E agora, meu santo?

Além do cansaço, começava a sentir fome. A noite mal dormida, a lembrança da ingratidão de D. Mariana, a saudade do sobrado e das meninas, a caminhada estafante o sol do meio-dia tudo lhe doía e magoava, como se de repente, após um porfiado esfôrço para reprimir a sua angústia, esta refluísse mais forte, atordoando-a. E pôs-se a pestanejar, tentando conter o pranto.

Ao levar a mão aos olhos para enxugar as primeiras lágrimas, estremeceu de susto, impelindo o corpo para a frente, a tempo de sustentar a queda da imagem, que lhe resvalara do outro braço, quase a espatifar-se no cimento da calçada.

— Não fuja de sua preta, meu santo — suplicou a velha, tomada de terror. — Pode ficar quieto aqui no meu braço. Juro que não volto a ficar triste. Com você junto de mim. sei que tudo vai bem.

E dispunha-se a sentar no batente de pedra do portão para aguardar o Dr. Luna, quando sentiu, pela pressão dos quadris, que a natureza lhe pedia mais que êsse descanso. E olhando em volta, para ver como se aliviava:

— Agora é que são elas — disse consigo.

Mas não tardou a descobrir que, adiante do muro do jardim, se abria um pedaço de chão baldio, de que logo se acercou, tufando a saia. E um nôvo problema a salteou. Que faria com o santo? De pronto largou a saia, corrida de vergonha. Pensou em deixá-lo no descanso do muro. Era só por um momento... Mas teve mêdo. Com êle ao seu lado, sentia-se segura. E como havia de fazer, se não queria passar por um vexame? Embora santo, São Benedito era homem. E ela sempre se dera ao respeito, conhecendo bem o seu lugar. Um suor frio descia-lhe da testa, ao mesmo tempo que uma sensação de pêso e dor lhe comprimia a bexiga.

— Ah, minha Nossa Senhora!

E logo, numa inspiração repentina, voltou a cara do santo na direção do rio, turvo e sereno a descer para o mar. Tufou novamente a saia, afastando os pés. E enquanto o fio de urina

estrondava na terra do chão, alteou a voz, para distrair a atenção de São Benedito:

— Quanto barquinho bonito, ali perto da Ponta da Areia! Repara só naquele que vai longe, com as velas abertas, do tamanho de uma casquinha de pitomba. E veja aquêle ali na frente, todo virado, como quem vai cair. Eu, quando menina, andei de barco, até Alcântara. Ainda hoje tenho saudade da viagem por cima das ondas. E quanto vento a zunir no pé do meu ouvido, na hora da travessia!

Aliviada, retornou ao batente de pedra do portão. E ainda a caminho, cabeça baixa, com o rosto da imagem novamente voltado para seu peito:

— Eu menti, meu santo, quando disse que aindei de barco. Não é verdade. Nunca andei. Mas tenho vontade. Minha vida sempre foi dentro de casa: uma parte, desde menina, no sobrado da Rua dos Afogados, com a mãe de minha Sinhá; a outra parte, no sobrado da Rua do Sol, com a minha Sinhá. E agora, para onde o meu santo me mandar. Mas vamos sentar, que eu não me agüento mais em pé.

Sentada, alongou o olhar para o rio. Na margem oposta, o sobradinho do Asilo de Mendicidade abria um retângulo caiado no tom verde-escuro do mato que barrava o horizonte.

E Cipriana, identificando o abrigo dos velhos que por muitos anos divisara da janela do mirante, no sobradão da Rua dos Afogados:

— Já sei pra onde a gente vai, meu santo! — exclamou, radiante. — É ali para o Asilo! Isso mesmo! Você, sem nada me dizer, me pôs a coisa bem na frente dos olhos, para eu fica sabendo!

Porém o Dr. Luna, ainda na tarde alta, pouco depois de entrar em casa e se estirar na rêde para dormir a sesta, prontamente protestou:

— Não senhora! Nada de asilo. Asilo é lugar de velho e tu és velha como eu sou magro. Tira êsse pensamento da cabeça. Ainda sabes fazer um arroz de cuchá e uma torta de camarão como ninguém, aqui em São Luís. E eu não conheço doceira melhor que tu. A gente só é velha quando não pode mais trabalhar. E tu podes, Cipriana!

A velha ria, entre encabulada e feliz, escondendo as gengivas com a mão em concha, os olhos no chão:

— É bondade de seu doutor.

— Não senhora: é verdade. Ainda estás forte e rija. A prova é que a gripe matou por aí muita môça, mas te respeitou.

— Lá isso é — concordou Cipriana.

E encolhendo-se na cadeira de balanço onde o Dr. Luna a obrigara a sentar na fresca da varanda:

— E quem é que vai querer o trabalho dêste caco velho?

— Se fôsses caco velho, quem ficava contigo era eu. Mas, como ainda tens disposição e fôrça para bater um bôlo-podre e preparar um arroz-de-forno, vou te levar daqui a pouco a uma ótima casa, que anda precisando de uma cozinheira como tu. Fica aí te distraindo com os passarinhos, enquanto eu tiro uma soneca.

E no cair da tarde, assim que o sol se quebrou, deu o braço à Cipriana, com ar de noivo que vem trazendo a noiva do altar, e a fêz subir na carruagem.

— Eu nunca andei nisso, seu doutor — advertiu a velha, querendo rir de alegria, ao acomodar-se no banco.

— E ainda estás em tempo de aprender — replicou o Luna, sentado ao seu lado.

E aos primeiros movimentos do carro, Cipriana tratou de segurar-se no recôsto do banco, ao mesmo tempo que, com a outra mão, prendia mais o santo contra o peito, num comêço de terror.

— Com todo êsse remelexo — comentou ela, abrindo muito os olhos espantados — eu sou capaz de chegar aos pedaços no fim da viagem.

Mas a verdade é que, ao fim da viagem sacolejante, que a levou de um extremo ao outro da cidade, Cipriana desceu bem disposta na calçada de um sobradinho, amparada pela mão solícita do Dr. Luna.

— É aqui? — perguntou.

— É aqui.

O Dr. Luna empurrou a porta, dando luz aos dois lanços de uma escada, e fêz a velha entrar.

Antes de dar o primeiro passo, Cipriana se benzeu. E adiantando o pé direito, depois de suspender um pouco a barra da saia:

— Que Deus e meu São Benedito me protejam, com todos os santos da côrte do Céu!

E quase caiu de joelhos, lá no alto, quando viu Ernesto, com ar de surprêsa, sair do quarto, ainda estremunhado da sesta bem dormida, e caminhar de braços abertos ao seu encontro.

XXV

A Abigail tinha-lhe dito que, à noite, por volta das seis e meia, viria buscá-la para o culto. E Mariana, agora, diante do guarda-roupa aberto, procura o vestido com que irá pela primeira vez à igreja protestante.

Por seu desejo, esperaria mais um pouco. Não queria sair à rua, antes que passassem seis meses da morte do filho. Porém a outra logo lhe replicara que Deus não podia ser posto em segundo lugar.

— E não esqueça — acrescentara — que Teobaldo, no Reino da Glória onde se encontra, há de ter uma grande alegria, ao saber que a senhora começou a freqüentar a verdadeira igreja de Cristo.

A reação da velha Cipriana, preferindo ir embora a se desfazer de seu santo, mortificara Mariana, um pouco, nos últimos dois dias. Tanto que fizera por ela, suportando-lhe quizílias e caprichos, e a velha tinha partido, sem lhe dizer muito obrigada! Nem sequer preparara o almôço! Eram tôdas assim, reconhecia. E de ingratos, que não se lembravam dos favores recebidos, estava cheio êste mundo. Com certeza, arranjara logo outra casa, se é que não fôra para a companhia do Ernesto, o que lhe parecia bem provável. Ainda bem que a Abigail, sempre expedita, não a deixara em dificuldades, providenciando-lhe no mesmo dia uma nova cozinheira, também de tôda confiança, e além do mais, protestante.

— Até comida preparei para ela, quando esteve gripada — argumenta Mariana, ainda a olhar os vestidos.

E alteando os ombros, ressentida:

— Não lhe dou um mês para estar de volta. Mas aqui é que não fica. Que se arranje com o Ernesto. Ou então com o Dr. Luna.

Ao descer do cabide o vestido prêto que lhe parecia mais adequado à noite e ao seu luto, estêve um momento parada, antes de se voltar para o espelho de três faces do toucador. Depois, voltando-se, olhou de frente a sua figura magra, ainda

desfigurada pelo lenço que lhe cobria a cabeça. Deveria aparecer assim na igreja? Quem sabe se o Senhor não concordaria em esperar que lhe crescessem novamente os cabelos? Aquela cabeça nua, que a dobra do lenço mal compunha, dava-lhe vergonha. Além do mais, não sentia as pernas suficientemente seguras para o longo estirão até o Caminho Grande.

No entanto, não demorou a enfiar o vestido, já com o candeeiro aceso sôbre o mármore da cômoda. Que significação poderia ter para ela a curiosidade do olhar alheio, se só queria da vida o direito de reunir-se ao seu filho, na glória do Senhor? E logo calçou as botinas e enfiou as luvas, de ouvido atento ao rumor dos passos de Abigail nos degraus da escada.

Morena estava na varanda, com um almanaque sôbre os joelhos, mordendo a ponta do lápis, a tentar descobrir a palavra de três sílabas que significa música de origem espanhola, última que lhe faltava para construir o jôgo de palavras cruzadas iniciado pouco depois do jantar, quando Mariana surgiu à porta da alcova. Tão grande foi o seu espanto que se levantou de arremêsso, deixando cair o livro ao pé da cadeira de balanço, não querendo acreditar no que estava vendo

De tudo quanto últimamente acontecera de estranho no sobrado — a visita do pastor protestante, o massacre das imagens e a despedida da Cipriana — nada se comparava à mãe preparada para sair. E sair à noite, e sòzinha, valha-me Deus! Não se lembrava de a ter visto deixar a casa a tais horas, nem mesmo na companhia de Teobaldo.

Conseguindo conter-se, recolheu do chão o livro. E no momento de levantar a cabeça, ainda endireitando o corpo:

— A senhora vai sair, mamãe?

E Mariana, acabando de abotoar uma das luvas:

— Se eu não fôsse sair, por que estaria vestida?

— E onde a senhora vai?

— À igreja — replicou Mariana, em tom sêco.

Morena sombreou o olhar, juntando as sobrancelhas. E dando as costas à mãe, caminhou até à janela, a pretexto de cerrar uma das rótulas, que uma lufada forte fizera bater contra a madeira da esquadria. E de costas, enquanto corria o ferrolho, aventurou nova pergunta:

— À igreja protestante?

— Sim — confirmou Mariana.

Morena, sempre de costas, deixou cair os braços. Depois, reagindo, acabou de fechar a janela, sentindo que os olhos da mãe lhe acompanhavam os movimentos. E ambas se voltaram na direção do corredor, ao estrondo de duas palmas fortes ao pé da escada.

— Estou descendo — gritou Mariana, adivinhando lá embaixo a figura magra da Abigail.

E enquanto a mão descia os degraus de madeira, rígida, tôda de prêto, batida pela claridade do lampião do corredor, Morena se acercou do alto da escada, debruçando-se no corrimão. E notou quando Mariana se empertigou, ar de surprêsa e cerimônia, a meio do último lanço, ao ver que o Dr. Tobias vinha ao seu encontro, acompanhado de uma senhora alta, cuja sombra gigantesca dançava na parede por trás da sombra do Reverendo.

— Eu próprio quis ter a honra de conduzi-la à Casa de Deus — esclareceu o pastor, numa vênia vagarosa, assim que se defrontou com Mariana, o chapéu côco na mão que segurava a Bíblia, a direita empunhando o cabo da bengala.

E têso, numa rigidez de sentinela, indicando com o polegar voltado para trás a senhora magra, de chapèuzinho de palha adornado de filó cinzento, que se detivera no primeiro degrau da escada:

— Apresento-lhe Jemima, nossa irmã em Cristo e minha mulher.

Mariana, ainda não refeita da surprêsa, estendeu as duas mãos para a mulher do pastor, que lhe sorria, a cabeça inclinada para a esquerda:

— Faça favor, minha senhora.

E mostrando o alto da escada:

— Vamos subir.

Porém o Reverendo, com a mão no ar, desaprovou a visita, maneiroso e sorridente. Teriam muito prazer, mas ficava para outra ocasião: o culto do Senhor começaria às sete em ponto.

— Deus não pode ficar à nossa espera — adiantou Jemima.

E daí a momentos caminhavam os três na calçada estreita, seguidos pelo olhar bisbilhoteiro de Morena, que entreabrira a janela para vê-los sair. À frente, marcando o passo com a bengala, ia o Reverendo. Mariana e Jemima, logo atrás, esfor-

çavam-se por acompanhar com o passo curto, que as saias estreitas graduavam, as passadas largas do Dr. Tobias, sempre têso, cabeça erguida e sobranceira, comandante inflexível na

No vão da sacada, Morena alongava o olhar para a Rua da Cruz, até que os viu desaparecer na dobra da Rua Grande.

— Coitada! Para que a mamãe havia de dar! — comentou, cerrando a janela, sem desmanchar de todo o riso, que lhe franzia os cantos da bôca.

Na varanda, atrasou o passo, com o pensamento em Cristina, a essa hora recolhida na sala, *a preparar-se* para o último exame. Deveria falar-lhe? O melhor era calar-se. De que adiantava falar, se apenas iria inquietá-la, fazendo-a sofrer?

Estirada na poltrona, cerrou os olhos, tornando ao jôgo de palavras cruzadas:

— Começa com f, termina com o...

E erguendo as pálpebras, radiante:

— Fandango! Acertei! — exclamou, apanhando o almanaque, já com o lápis em busca da coluna que devia preencher.

Neste instante, Mariana continua a descer a Rua Grande, ainda atarantada e confusa. Tinha calculado que iriam de carro e agora via que não. Solene e espigado, o cabelo farto derramando-se sob a aba do chapéu, Tobias prosseguia no ritmo certo de seu passo avantajado e dava a lembrar, com a imponência de sua marcha e os movimentos da bengala, o garbo de um baliza de batalhão. De um lado e do outro, o fulgor das lâmpadas elétricas. E Mariana e Jemima picando o andar para não se distanciarem do Reverendo.

— Na esquina da Rua de São João toma-se o bonde — informou a senhora do pastor, ao sentir que Mariana, ofegante, se arrimava ao seu braço, como em busca de apoio. — E o bonde nos deixa bem à porta da igreja.

Ainda bem que aquêle trecho, embora intensamente iluminado, era quase deserto, com uma ou outra pessoa debruçada nas sacadas de ferro.

Tomada por um sentimento irreprimível de vergonha e mêdo, Mariana caminhava com olhos no chão, no receio de ser vista e identificada. Queria coser-se às paredes, refugiando-se nos vãos de sombra, e mortificava-se agora com o ar compenetrado do Reverendo, que parecia atrair a atenção para si, com o seu fraque, o seu chapéu e a sua bengala, martelando

o chão com o salto dos borzeguins. A idéia do bonde atordoou-a ainda mais. Podiam ir mesmo a pé, sugeriu, levando as mãos à cabeça para compor melhor as pontas do lenço.

— O pastor — replicou Jamima — não gosta de se cansar antes do sermão. E no bonde êle se concentra.

Na esquina da Rua de São João, o Reverendo parou junto ao poste, banhado em cheio pelo clarão da lâmpada, após olhar as horas no relógio de bôlso.

— Calculei bem o tempo — afirmou, recolhendo o relógio.

No sobrado da esquina, um piano começara a tocar uma velha polca, acompanhado por um violino.

Felizmente para Mariana, que a custo se mantinha de pé amparada ao braço da outra, o bondinho apontava na Rua Grande, trazido pela parelha de burros, que um chicote castigava. E logo o Reverendo se equilibrou na borda da calçada, adiantando o braço para os trilhos.

Acomodada numa ponta de banco, rodeada de estranhos que a observavam, Mariana concentrou o pensamento na imagem de Teobaldo, certa de que o filho, na bem-aventurança da glória eterna, via todo o seu sacrifício e o seu esfôrço a caminho da verdadeira igreja de Deus, e com isto se consolou até o fim da viagem.

A igreja abria três portas para a rua, por trás de uma grade de ferro, pouco depois do Campo de Ourique, na volta do Caminho Grande. Era um prédio caiado, em centro de terreno, com uma fileira de altas janelas à direita e à esquerda. A porta central, a que se ascendia por dois degraus de pedra, levava diretamente ao púlpito, por entre alas de compridos bancos de madeira. No interior do templo, tinha-se a idéia de um galpão imenso, com a telha vã à mostra, sem qualquer divisão interna. Na parede ao fundo, esta inscrição em arco: "Ide e pregai o Evangelho!" À esquerda do estrado que alteava o púlpito, junto à parede, uma estante envidraçada, com uns livros deitados e os apetrechos da Santa Ceia: a cesta de pão, o suporte dos cálices, e a toalha de linho bordada. Do lado oposto, sôbre outro estrado, o órgão recortava a sua mancha envernizada, voltado para a fileira de bancos destinados ao côro.

Tobias avançou pela passadeira vermelha, entre as alas dos bancos, alongou mais o passo, sob a luz leitosa e crua que os bicos de gás espalhavam assobiando, e foi diretamente ao púlpito, de onde logo avultou, passeando no salão a vigi-

lância aguda e crêspa do olhar. Parecia mais imponente e grave, na estudada circunspecção de seu silêncio, a dispor os papéis e a Bíblia à borda da tribuna, a cabeleira derramada, a cabeça levemente atirada para trás, enquanto movia as mãos cabeludas, que de pronto entrelaçou.

— Oremos ao Senhor — ordenou, numa voz cheia, a que a igreja prontamente atendeu, com o rumor dos fiéis a se levantarem.

Após acomodar Mariana num dos bancos à direita, em frente ao côro, D. Jemima tinha ido ocupar o seu pôsto no banco do órgão, com as mãos sôbre o teclado.

A luz forte, as fisionomias desconfiadas que de todos os lados a espreitavam, a novidade do templo e da cerimônia, e mais a circunstância de se ver abandonada entre estranhos, deram a Mariana a repentina sensação de um pesadelo, levando-a a olhar em volta, atarantadamente, em busca de Abigail. Não tardou a descobri-la na extremidade do segundo banco do côro, com o olhar e o sorriso à sua espera, e sorriu para ela, num começo de alívio, ao mesmo tempo que se erguia, acompanhando os demais fiéis, para a oração ao Senhor.

Olhos cerrados, concentrou o pensamento em Deus, guiada pelas palavras do Reverendo, e logo se fixou na imagem de Teobaldo, apertando as pálpebras e dizendo baixinho, só para si mesma, quase a chorar:

— Eu estou aqui, meu filho, na Casa de Deus, para me encontrar novamente contigo, quando o Senhor me chamar.

E quando voltou a sentar-se, sorriu para a senhora de óculos, muito gorda e bochechuda, que se achava ao seu lado, e a olhava por cima do aro de ouro, querendo falhar-lhe.

— Agora — disse a outra, solícita, num sussurro — cantamos um hino. Depois o pastor lê um capítulo da Bíblia. Tornamos a cantar. O pastor faz o sermão. Cantamos outra vez e outra vez oramos ao Senhor.

Assim que o hino começou, com as notas do órgão espalhando-se na igreja sob a pressão dos dedos de D. Jemima, que movia a cabeça ao premir as teclas do instrumento, a voz do Reverendo rompeu o canto com o seu timbre de barítono e logo o côro o acompanhou, seguido pelo resto dos fiéis.

Envolvida pela suavidade do canto, Mariana acompanhou a letra do hino no hinário da senhora de óculos. Aos poucos sentiu que o seu ser se libertava das sujeições terrenas e ia ao

encontro de Deus, como que suspenso no ar, dissociado do tempo, e não tardou a juntar a sua voz à massa coral da igreja, no momento alto dêste estribilho:

Alvo mais que a neve!
Sim, nesse sangue lavado,
Mais alvo que a neve serei!

XXVI

Com o joelho na cadeira, o outro pé no chão, os cotovelos fincados na mesa da varanda, Morena corre os olhos pelo jornal. A tarde vadia lhe traz um começo de preguiça e tédio. Pensou em descer ao quintal, para uma volta ociosa e distraída; logo mudou de idéia, vendo a Pacotilha no suporte de metal da parede, à sua espera. De início, olha as notícias, sem grande interêsse. Seu desejo é sair de casa e caminhar ao léu, levada pelo gôsto da rua. Mas como, se agora a mãe se mostra mais severa, não permitindo sequer que ela permaneça à janela ao cair da tarde? "A Intendência Municipal, continuando o seu programa de melhoramentos urbanos, espera acabar, dentro de pouco tempo, com os velhos bondes de burro, que não se coadunam mais com o nosso progresso, substituindo-os por modernos bondes elétricos." E Morena, dando de ombros, resvala o olhar para o folhetim ao pé da página. Que é que eu tenho com isso, se só ando a pé? E tenta interessar-se pelo nôvo capítulo de um romance, *Cruel Enigma*, que se alastra pelo rodapé do jornal. Com a costa da mão diante dos lábios, reprime o bocejo. É debalde que seus olhos deslizam pelas linhas impressas. Sua atenção se fragmenta, rebelde à concentração da leitura, e o que ela está vendo, enquanto tenta fixar-se no diálogo do romance, são os rapazes que vão voltando a São Luís para o período das férias. Na véspera, viu o filho do Maneco Jansen, na sua farda do Colégio Militar. O Motinha também já veio. E o Zuza Reis, no uniforme de guarda-marinha. Até que ficou bonito, duro, têso, espigado como o pai. E o Aluísio — pergunta, os olhos no ar — por que ainda não chegou? Contrai as sobrancelhas, um apêrto no coração. Vão começar agora as festas em São Luís. O baile de fim-de-ano, no Cassino. As festas de formatura, no Grêmio e no Clube 1º de Janeiro. E ela não irá a parte alguma. E por que, se não é mais criança? Tanto que sonha

com o sapato alto e o vestido comprido numa festa em Palácio! E sente que o tempo se esvai, sem que se realize o seu desejo. Por que há de ser assim? Por um momento agita as pálpebras, como se fôsse chorar, mas reprime logo o desânimo e o desencanto, baixando o olhar para o jornal.

E de súbito, como se algo explodisse dentro do seu ser, corre para o fundo da varanda, entra pela porta que leva ao quarto e à sala, e abraça Cristina pelas costas, numa doida alegria:

— Mana, o Aluísio chegou!

E rodopiando pela sala, os pés descalços para amortecer o ruído de seu bailado nas tábuas do chão, o rosto iluminado pelo contentamento e o sol da tarde, não sabe como coibir a vontade impulsiva de cantar. Ah, se a Sinhàzinha Dourado tocasse agora a valsa do Major! E em pensamento Morena abre a janela, e grita para a rua, debruçando-se na sacada, que o Aluísio chegou. A claridade forte dança nas pedras da rua e nos azulejos das fachadas. O dia longo e abafado ficou leve, suspenso na luz. E tudo se renovou de repente. A casa triste, com a imensidão dos aposentos vazios, volveu a alegrar-se no colorido do entardecer. E daí a pouco, quando as andorinhas se recolherem, será mais bela a luz do poente com o tatalar das asas no beiral dos telhados.

— Adivinha como eu soube — diz Morena, apertando entre as mãos jubilosas o rosto de Cristina.

E escancarando mais os olhos felizes:

— Pela relação dos passageiros que chegaram ontem do Rio. Está na Pacotilha, mana! E eu bancando a pateta, sem saber de nada, com a notícia debaixo de minha vista!

Novamente rodopia na sala, transbordando de alegria, um brilho mais vivo nos grandes olhos tagarelas. Adeus, tardes aborrecidas. E de noite, no balanço da rêde, não perderá mais o sono nem chorará de tristeza com saudades do pai.

O Natal vinha se aproximando, sem que se ouvissem, para os lados de Santo Antônio, como nos outros anos, os ensaios das pastorinhas de D. Laura Belo. Dos Reis do Nhozinho Padilha, sempre organizados com muito luxo e bom gôsto, nem de longe se falava. E a impressão geral era que, tirando a Missa do Galo, nada mais haveria para alegrar a noite do Menino Deus. As próprias casas de comércio da Rua Grande, habitualmente adornadas com letreiros de boas-festas e feliz-ano-nôvo, tinham a feição habitual dos outros meses. As ruas

longas, com os renques das casas fechadas, estendiam pela noite a imensidão das calçadas vazias, sem um pinho boêmio a chorar nas esquinas o amor de uma môça de sobrado.

O que Cristina mais receava tinha-se verificado por aquêles dias: antes de começarem as férias, a mãe fizera saber à Madre Superiora que as filhas não voltariam ao colégio no próximo ano. Debalde o Padre Galvão, com a carta amarfanhada no bôlso da batina, correra ao sobrado: meia hora depois estava de volta, mais penso, ar abatido, o chapéu na mão.

E ao ver Cristina desfeita em soluços:

— Perdemos uma batalha, minha filha, mas não perdemos a guerra. Há de se dar um jeito. Daqui para março temos muito tempo. Confia em Deus.

E desde então a tristeza do sobrado se harmonizava com a melancolia do Natal sem o canto das pastorinhas.

Morena continuou a rodopiar pela sala, pés descalços, sacudindo de si a tristeza opressiva dos últimos dias, e abre a janela da rua, disposta a deixar que o vento lhe alvoroce os cabelos. Que é feito de Sinhàzinha Dourado, que não vem tocar? Onde anda o homem do realejo, que remoi nas esquinas, com o giro da manivela, os compassos do Danúbio Azul? No canto da Rua da Cruz, aponta faceiro o velho Lomba, com o seu cravo vermelho na lapela, uma pasta de couro, chapéu côco, todo de branco, floreando airosamente a bengalinha de castão de prata. Vem feliz, passo saltitante, o sorriso permanentemente aberto, como quem vai ao encontro de seu amor. E tira o chapéu para Morena, numa barretada efusiva que por um triz roça a calçada:

— Boa tarde.

— Boa tarde, Seu Lomba.

— Bons olhos a vejam, linda menina — replica o velho, desfazendo-se noutra barretada. — E que Deus a faça feliz.

Morena agradece, numa vênia gaiata, e o velho repõe o chapéu na cabeça, sempre sorrindo, caminho do Largo do Carmo. Sente-se festejado pela viração da tarde, senhor da rua, em paz com Deus e os homens. Adiante, nova barretada. E outra vez repõe o chapéu, passinho esperto, a brincar com a bengalinha.

Antes que êle desapareça, levado por uma rajada da ventania, Morena baixa as sobrancelhas, os braços descansados no poial da janela. Como andará o Aluísio, depois de um ano

de ausência? Durante todo êsse tempo, só recebeu dêle uma carta, que não sabe onde guardou. E carta simples, de poucas palavras, dando-lhe parabéns por seu aniversário. Ela, por seu lado, tardou a resposta até encontrar as linhas adequadas, que seguiram um mês depois. E agora, enquanto vê o Lomba descer o fim da rua floreando a bengalinha, pergunta a si mesma se não devia ter mandado uma resposta menos fria.

— A gente dança conforme a música.

E ergue os ombros, firmando o busto no poial da janela. O que passou, passou. Não tinha remédio. Paciência. De outra vez, cuidaria de pôr um pouco de ternura nas palavras. E recompôs de memória a figura magra do namorado, tal como o viu nas últimas férias, subindo a ladeira, também ao cair da tarde, a roupa cinza muito bem caída, sempre sério, já com o ar de quem pensava nos seus primeiros doentes. Demorara uns momentos na esquina, como se buscasse orientar-se, e erguera o olhar para o sobrado, dando a impressão de que ia lhe falar. Porém logo se fôra, dobrando a Rua da Cruz, a consertar o cabelo sob a aba do chapéu. E dias depois, na festa de formatura do colégio, ei-lo à sua frente, torturando o chapéu de fêltro nas mãos esguias, os olhos claros pousados no seu rosto, e seguro de si, no modo calmo com que lhe perguntou: "Sabe que só vim a esta festa para ver você?" Ao que ela replicara: "Mas não ficará zangado, se eu não acreditar?" E êle: "Se não fôsse verdade, que interêsse tinha eu de estar aqui?"

A rua longa começa a movimentar-se no quebranto da tarde. E a carícia do vento é leve, como se apenas quisesse roçar o rosto de Morena e seguir o seu caminho, sem lhe desmanchar os cabelos soltos. A barra de sol em frente, tocada de tons sangüíneos, subiu para os beirais e as platibandas, deixando livres as janelas, que logo se escancararam para a calçada.

Morena entrecerra as pálpebras, graduando nas pupilas o fulgor da luz que se reflete nos azulejos. Daí a pouco será noite. E com a noite virá a leitura da Bíblia na varanda, a mãe à cabeceira da mesa, uma filha de cada lado, as duas criadas de pé à entrada do corredor que leva à cozinha.

Coitada de Cristina, olhos baixos, fisionomia severa, enquanto a mãe lê alto, acentuando os versículos que parecem apropriados à conversão das filhas. E que luta, ela, Morena, havia tido, para que a irmã anuísse a êsse suplício! Na primeira noite, Mariana tivera de buscar Cristina à fôrça, arrastando-a para a varanda, depois de lhe gritar, sacudindo-a pelos ombros: "Sou eu que estou te mandando! E tu tens de me obedecer! Ou por bem ou por mal!"

Felizmente, o Padre Galvão, logo na manhã seguinte, depois de rir muito com o pavor de Cristina, cuidara de tranqüilizá-la. Mêdo de estar incorrendo em pecado? Deus não era tão severo quanto a Madre Godinho no recreio... Ficasse descansada.

Porém Cristina, assim que a mãe abre a Bíblia protestante, não se mexe na cadeira, as mãos por baixo da mesa, agarrada às contas de seu têrço, enquanto Morena, embora simulando a maior atenção, está freqüentemente longe dali, com os olhos no ar.

— Amanhã, — diz Morena, dando as costas à janela, num movimento repentino, ao lembrar-se de que o dia seguinte é domingo — mamãe é capaz de querer nos levar ao culto.

Cristina deixa cair as costas para o espaldar da cadeira. E fitando Morena, que tem um ar de riso:

— E tu vais?

— Se não há outro jeito...

— Comigo, mamãe que mude de idéia — afirma Cristina, endireitando-se na cadeira.

Tinha franzido a testa, no impulso do aborrecimento, mas não tardara a volver à coibida serenidade de seu feitio, resolvida a defender com maior empenho a sua fé. No domingo, isto sim, iria à missa. Por que temer os castigos da mãe, se mais tinha sofrido, para a formação da Igreja, os cristãos primitivos? Jesus não dera o bom exemplo, morrendo na cruz? E repassando na memória os martírios dos santos — uns atirados às feras, outros mortos a pedradas, outros ainda condenados à fogueira — compenetrou-se de que, para experimentar a sua fé, Deus lhe impunha aquela provação, que cumpria aceitar de ânimo erguido. Apertou os lábios, para conter o quase imperceptível tremor que os sacudia, e baixou novamente o olhar para o livro que tem nas mãos, não sem antes permanecer imóvel por um instante.

Os passos de Mariana ressoavam para os lados da varanda. Na última semana, como se a sua ida à nova igreja houvesse contribuído para lhe completar a cura, volvera à antiga energia, e desde cedo, já calçada nos borzeguins de pelica, o vestido negro descendo até os pés, circulava pelo sobrado, deixando

sentir a cada instante o seu gênio imperativo. Embora se isolasse, de preferência durante as horas calmas da tarde, na fechada reclusão de seus dois aposentos, o mais do dia passava-o na lida da casa, atenta aos mínimos detalhes de ordem, asseio e limpeza. Na primeira manhã depois do culto, tornara à mesa do almôço em companhia das filhas, e antes que a Biá começasse a servir, disse em voz alta a sua oração de graças ao Senhor, com os olhos cerrados, a mão direita segurando a cabeça, enquanto Cristina e Morena se entreolhavam, uma muito pálida, a outra querendo rir, e a criada imóvel, também de pálpebras cerradas, segurando junto da mesa a sopeira fumegante.

Morena, parada ao meio da sala, espera que os passos da mãe se percam ao fundo da casa. Depois, ensaiando outro rodopio, acerca-se de Cristina, no trânsito para a janela, e afaga-lhe os cabelos:

— Te prepara para sofrer, mana — sussurra, em tom pilhérico, empurrando-lhe a cabeça para o livro. — Nossa vida agora vai ser dura.

Novamente na janela, sondou os dois lados da rua, pensando no namorado. E viu que a luz da tarde, esgarçando-se em tons róseos por cima dos telhados escuros, dava ao crepúsculo uma beleza nova, que envolvia tôda a cidade. As primeiras andorinhas vinham se recolhendo ao abrigo dos beirais. E um bem-te-vi riscava o ar, depois de soltar o seu grito zombeteiro.

Os olhos crescidos ante a suavidade da luz, Morena experimentou de súbito o desejo de sair à rua. Seu corpo tenso pedia agora uma carícia mais forte que o vento manso não lhe podia dar. E engolfou-se nos olhos claros que a fitavam, dominadores e seguros de si. Um simples gesto do namorado, naquele instante, chamando-a num aceno, bastaria para que ela se entregasse. E era isso que, por baixo do vestido leve, a sua nudez reclamava, numa ansiedade que não saberia reprimir

— Que é que você faz na janela?

Morena teve a sensação de qua voz da mãe vinha de longe, impertinentemente despertando-a da sensualidade de seu enlêvo, mas de pronto se voltou, estremecendo dos pés à cabeça, num arrepio de mêdo, e deu com Mariana do outro lado da sala, quase confundida com a sombra que se alastrava no aposento contíguo.

— Você se esquece de que estamos de luto? Ou a morte de seu irmão não significou nada para você?

E numa voz mais forte:

— Saia já daí! E feche essa janela! Eu já lhe disse que não a quero aí!

Sem pressa, Morena uniu as duas fôlhas da janela. E antes de calcar com o pé a cabeça do ferrolho que a fechava, estendeu mais uma vez o olhar tranqüilo para a rua, na esperança de ver apontar os olhos claros que a fariam descer resolutamente a escada do sobrado.

XXVII

Cristina tinha deixado tudo pronto para sair ao apontar da manhã, ainda com as sombras da madrugada. E acordou sobressaltada, muito antes da primeira claridade do dia, certa de haver dormido demais.

Morena sentiu-lhe os passos assustados:

— Que horas são? — perguntou-lhe, erguendo a cabeça sonolenta por cima da varanda da rêde.

A claridade da lâmpada elétrica entrava da rua pela vidraça das janelas, atenuando a escuridão da sala e deixando ver o contôrno dos objetos: as duas rêdes, a secretária de mogno, as cadeiras, a mancha escura da estante atochada de livros. Refletida no espelho da parede, a luz se concentrava do outro lado da peça, batendo em cheio na figura de Cristina, agora junto à janela, sempre na ponta dos pés.

— Psiu — replicou, com o dedo nos lábios, voltando-se para Morena, que erguera mais a cabeça curiosa.

E depois de olhar o casario fechado e o céu coberto de estrêlas, sentindo o vento úmido pela fresta das rótulas:

— Ainda é cedo — reconheceu Cristina.

Logo tornou à rêde, pé ante pé, o coração batendo forte, e ficou à escuta, a ver se a mãe, do outro lado do sobrado, tinha percebido o ranger das tábuas do chão ao pêso de seu corpo. Aos poucos, conseguiu aquietar-se, com o silêncio à sua volta. E mais uma vez apanhou o têrço por baixo da rêde, disposta a esperar acordada o momento de sair.

A princípio, tinha pensado em ir à missa da manhã, na capela do colégio, afrontando a ira da mãe. Porém Morena a convencera de que não devia ser assim. Por que agravar ainda mais a situação dentro de casa, se tudo podia ser feito sem

escândalo? E ela mesma lhe sugeriu ir de madrugada à primeira missa, saindo do sobrado antes do clarear do dia, ainda com tempo de ir e de voltar, antes que a mãe se levantasse.

E agora, torcendo as contas do têrço, a ouvir o canto amiudado dos galos nos quintais vizinhos, Cristina volvia a interrogar-se: Deus aprovaria seu ato? Ou acharia que ela estava traindo a sua fé? O semblante severo da mãe lhe refluía à consciência, o duro olhar fixado no seu rosto, sem uma palavra de carinho. A morte de Teobaldo tinha-a tornado mais sêca e ríspida no trato com as filhas. Ambas não eram também sangue de seu sangue, carne de sua carne? E por que sòmente o filho merecera o seu amor? Sem atinar com uma resposta, Cristina voltou a sondar o céu pela vidraça da janela.

Uma claridade tímida, limitada pelo retângulo da vidraça, apagava as estrêlas por cima dos telhados, ao mesmo tempo que acentuava o contôrno dos objetos dentro da sala. Morena, agasalhada nas varandas da rêde, tinha tornado ao sono.

Com rapidez, Cristina vestiu o traje escuro que desde a véspera deixara no espaldar da cadeira, enfiou com a mesma pressa os sapatos, prendeu os cabelos para trás, e em pouco atravessava o quarto na ponta dos pés. A porta da varanda, de propósito apenas encostada para não ter que dar a volta à chave, rangiu de leve, dando-lhe passagem, e ela se viu, pouco depois, envolta na aragem úmida que entrava por uma janela escancarada, no estreito corredor entre a saleta e a cozinha. Nesse momento, ao dar com uma réstia de luz por baixo da porta, no quarto das criadas, assustou-se, e seguiu adiante, num passo mais veloz, entregue à proteção de Nossa Senhora. Ainda bem que, pelas janelas da cozinha, uma luz mais nítida clareava o patamar da escada. E logo Cristina se viu a descer os degraus, sempre abafando os passos, apoiada na madeira do corrimão. Lá embaixo um vulto se mexeu no seu ninho de sombras. E ela não tardou a identificar o gato, que avançava para o quintal, espreguiçando-se. Sempre depressa, passou por êle, desviou-se da samambaia que pendia de um dos arcos, alcançou a porta. A vizinhança da rua fê-la mais nervosa. Seu pequeno coração pulsava tanto, que ela lhe sentia as pancadas nervosas à altura das têmporas. Hesitou um instante, tomada de repentina perplexidade na escuridão circundante, porém uma energia mais forte se apoderou de suas mãos miúdas, enclavinhadas agora na cabeça de um comprido ferrolho, que de pronto descobrira pelo tato. E enquanto a dobradiça estalava nos pinos enferrujados, uma nesga de luz difusa cobriu Cristina, esgueirando-se para dentro do sobrado. Sem perda de tempo, Cristina avançou para a calçada, encostou de manso a porta, e só então se deu conta de que, apagadas de súbito as lâmpadas elétricas, uma neblina tênue flutuava ao longo da rua, enquanto, no alto, por cima dos telhados, o céu se anilava suavemente, listrado de tons róseos para os lados do Quartel.

Em plena rua, orientou-se na direção da igreja, dois quarteirões adiante. Não demorou a descortiná-la na dobra da Rua de São João, primeiro as tôrres, depois o resto da fachada, as cinco janelas acima da porta de acesso, esta ainda por abrir. Subiu devagar os degraus da escada, mais senhora de si, e cosceu-se junto ao portal de pedra.

Enquanto esperava a porta abrir, perguntou a si mesma se não estaria sendo demasiadamente pusilânime, naquele seu mêdo da mãe.

— Vou falar sôbre isso, amanhã mesmo, ao Padre Galvão — prometeu a si própria, para alívio de consciência.

E como a imagem da mãe exaltada, olhos crescidos, mãos transparentes fremindo no ar, lhe refluísse à memória, cerrou mais as sobrancelhas, encolheu os ombros. O melhor que fazia era entregar o caso a Deus. Em março, quando abrissem as aulas, não iria a outro colégio: só estudaria no colégio das freiras. A mãe que tivesse paciência. Saberia enfrentá-la com destemor e firmeza, confessando-lhe a sua determinação de entrar como noviça na Ordem das Dorotéias, assim que completasse quinze anos.

Uma sensação de frio riscou-lhe a espinha, na antevisão dêsse instante decisivo, e ela apertou contra o peito o missal, como em busca de um refúgio:

— Deus há de me ajudar.

Ao levantar os olhos, sentiu o dia mais claro, com o céu azul arqueado por cima das casas ainda fechadas. Estremeceu, apoiando o dorso na pedra do portal, quando o sino derramou do alto da tôrre a sua primeira badalada, que se espraiou no silêncio e na luz matutina.

Na igreja deserta, que a chama das velas tìmidamente iluminava, Cristina ajoelhou-se em frente ao altar-mor, disposta a

permanecer assim até o fim da missa, rogando a Deus o milagre de restituir a mãe à verdadeira fé em Cristo.

De volta à casa, assim que saiu ao adro, alarmou-se com o dia que encontrou aqui fora. Menos de uma hora permanecera na igreja, e a manhã agora ia alta, com as casas abertas e movimento nas ruas. A mãe já estaria de pé? Pareceu-lhe que sim. Inquieta, apressou o passo. Adiante, abrandou o andar.

Mal encostou a porta, girando devagar o ferrolho comprido, sentiu passos por cima de sua cabeça. Com um apêrto no coração, reconheceu as pisadas da mãe na varanda. E agora? Tomada de resoluta serenidade, contornou as arcadas, encurtando a distância entre a escada e a porta por onde entrara, e começou a subir os degraus na ponta dos pés, disposta a sair à cozinha e entrar no corredor, sem uma pausa, corridamente, até se fechar nos seus aposentos.

Ao chegar ao tôpo da escada, viu que a Bjá, pesada, gorda, ia ao fundo do corredor, como se fôsse atravessar a varanda. E atravessou-a, com efeito, lerda, pendulando o corpo no passo gingado, caminho da outra escada, até desaparecer na volta do corrimão.

Só então Cristina entrou pelo corredor, redobrando de cautelas, o ouvido afiado no sentido da varanda. E pôde ver que a mãe, depois de abrir de par em par as janelas sôbre a Rua da Cruz, entrava na alcova e cerrava a porta:

— Puxa! Que susto eu levei! — exclamou Morena, assim que a outra entrou na sala, ágil, sem ruído, sempre na ponta dos pés. — Tive a impressão que não chegavas nunca!

E diante da irmã, com os grandes olhos espantados:

— Mamãe não te viu?

Cristina, exausta, deixou-se cair no fundo da rêde, dizendo não com a cabeça, e quando quis falar, pôs-se a chorar e a rir, tôda trêmula, banhada de suor, o missal contra o peito.

Mais tarde, já refeita da emoção, volveu a acomodar-se na rêde para continuar a leitura do livro que, desde a véspera, de volta do colégio, — aonde fôra mais para se confessar que para saber a nota dos exames — prendia a sua atenção. Tinha-o recebido de Madre Peixoto, depois de uma longa conversa em que reafirmara à Superiora o propósito de começar o mais cedo possível o seu noviciado. E esta, depois que a ouvira em silêncio, tirando da gaveta da secretária um volume encadernado em couro prêto:

— Êste é o estatuto de nossa Ordem. Vou te emprestar o meu exemplar, para que o leias nestas férias. Lê página por página, meditando artigo por artigo e fazendo o teu exame de consciência, para que tu própria verifiques, no íntimo de teu espírito, se podes ser freira. Em geral só nos dão a ler êste livro quando já somos noviças. No teu caso, abro uma exceção. Quero que o leias agora.

E reparando nos olhos molhados de Cristina, adiantou uma confidência:

— Estou fazendo contigo o que outra Madre Superiora fêz comigo, há trinta e sete anos. Até o livro é o mesmo.

E à medida que, recolhida a seu canto, Cristina avançava na leitura, ia vendo a si mesma, na severidade de seu hábito, afinal consagrada ao serviço de Deus. No enlêvo dêsse sonho, cerrou o livro e as pálpebras, e foi indo por um longo corredor atijolado, em cujas paredes laterais se abriam nichos de santos, iluminados por finas velas esgalgadas. Quando tornou a si, endireitou o busto, olhando em volta para se ajustar ao tempo, e viu que era dia alto, com a mancha de sol recuada para junto do vão das janelas.

E ainda buscava o sapato por baixo da rêde, roçando o chão com a planta dos pés enquanto compunha os cabelos, quando Morena irrompeu na sala, braços abertos, olhos escancarados, numa explosão de alegria:

— Cristina, falei com o Aluísio!

E ante o espanto da irmã, agora de pé:

— Falei, mana! Agora mesmo! Aí embaixo! Ainda tenho as mãos frias. Vê! Ah, Cristina, como estou feliz! Parece mentira! Falei com êle! Assim como estou falando contigo!

Suas mãos úmidas não tinham sossêgo. E não tinham sossêgo os seus olhos crescidos, que uma jubilosa luz umedecida fazia brilhar. Todo o seu corpo cedia à necessidade de trazer para fora a felicidade que lhe dava uma nova vida. E Morena prosseguia, ora segurando as mãos da outra, ora as soltando, expansiva, radiante e loquaz:

— Quando êle apareceu ali na esquina e me tirou o chapéu, não sei o que deu em mim que não esperei êle se cobrir: fiz-lhe um sinal com a mão, para lhe dizer que esperasse, e despenquei-me escada abaixo, sem ver nada diante dos meus olhos. Felizmente a mamãe já tinha saído para a tal escola dominical, e ninguém se atravessou no meu caminho.

Parece um sonho, Cristina! Êle me estendeu a mão, eu entendi a minha, senti uma coisa nova aqui dentro, e fiz uma loucura, de que não me arrependo: fui andando com êle até à outra esquina, de mão dada, — de mão dada, Cristina! — como dois noivos, e voltei até a porta aqui de casa, andando devagar, devagarinho, mana querida!

Cristina retrocedeu um passo, bôca entreaberta, a mão na ponta do queixo. E assim que pôde falar:

— E os vizinhos não te viram?

— Só faltaram cair da janela, comendo-me com os olhos arregalados; mas passei por êles, como se não os visse. E fui e voltei, com tôda a calma.

Cristina sombreara o rosto, preocupada. E em tom de reprimenda, franzindo a testa, as sobrancelhas unidas:

— Morena, não faça mais isso!

E por quê? Que mal podia haver em ir com o namorado daqui para ali, em plena luz do dia?

A outra se fêz mais séria:

— Assim você acaba falada. E môça falada, aqui em São Luís. não acha casamento.

Morena atirou para trás os cabelos soltos, dando de ombros. Que lhe importava agora a fácil murmuração da vizinhança, se experimentava uma sensação de alegria como nunca havia sonhado? Tinha ímpetos de escancarar as janelas da rua e ficar na sacada, de olhos cerrados, recebendo no rosto, nos ombros, nos braços nús, o afago do vento que assobiava pelas frestas das rótulas. Ou então mergulhar na banheira transbordante e sentir o contacto da água fria nos seios soltos, no ventre, nas espáduas, nas pernas estiradas. E queria correr e cantar. E também rodopiar pela casa, e abraçar a mãe, e as criadas, e o tronco das árvores, e o gato molhado, que se enroscava pelos móveis, com a cauda eriçada e as pupilas chamejantes. Caiu no bojo da rêde e impeliu o corpo para trás com a ponta dos pés apoiada no chão. Os punhos rangeram nos armadores, enquanto a rêde foi e veio, no largo embalo de seu corpo, como a atirá-la contra a vidraça da janela. E foi preciso que a irmã de pronto acudisse, sustando-lhe os movimentos:

— Precisas ter juízo, Morena — advertiu.

E entristecendo a voz:

— Muita gente nos olha, aqui no Maranhão, com o pensamento nos escândalos do papai. Tem cuidado. Não deixes que falem de ti.

Porém a alegria de Morena era grande demais para se compadecer de tais conselhos. E ela continuou a rir e a embalar-se, olhos abertos à copiosa luz do meio-dia, e ao colorido da tarde, e ao primeiro tom róseo do entardecer, até que a Biá, misteriosa, apareceu na sala:

— D. Mariana quer falar com a senhora.

Adivinhou o que seria: algum vizinho tinha vindo contar o seu passeio na calçada. E com o coração aos saltos, saiu à varanda, atravessou a alcova, e se viu diante da mãe, na penumbra da sala.

— Diga à sua irmã — ordenou-lhe Mariana, assim que deu com a filha — que esta noite vocês duas vão ao culto comigo.

— Sim, mamãe — replicou, aliviada.

E à hora do jantar, no momento de sentar à mesa, já estava pronta para sair, mais bonita no vestido cinza-claro que realçava o tom negro de seus olhos ardentes. Preparara-se na última luz do dia, como se fôsse a uma festa, e escolhera o seu traje mais fino, que lhe tufava o busto e apertava a cintura, escorregando para os pés na suavidade da saia esvoaçante. Erguera o cabelo para a nuca, prendendo-lhe o tufo com um pente de tartaruga, e parecia mais esguia de pescoço descoberto e sapato alto, numa elegância que destacava a sua esplêndida beleza adolescente.

— Se o Aluísio me visse agora — observou rindo, diante do espelho, para que Cristina escutasse — garanto que não voltava sòzinho para o Rio: me tomava pela cintura e fugia comigo.

Porém a outra, mais apreensiva à proporção que a tarde escurecia, não se mostrava inclinada a lhe dar atenção, sobretudo depois que sentira a docilidade com que Morena, no avoamento de seu dia feliz, tinha anuído à determinação da mãe. Onde estava a sua fé? A irmã não se dava conta de que, entrando na igreja protestante, incorria em gravíssimo pecado? Sim senhora: pecado gravíssimo! Pecado mortal!

E Morena, desculpando-se:

— Deus está vendo que eu não vou: sou levada. E hoje, feliz como estou, por que hei de armar uma briga e levar a pior? Nada disso. Aceitei o convite de mamãe, sem fazer cara feia. Vou ver como é aquilo por dentro. Depois, na volta, eu te conto. E antes de deitar, rezo o meu têrço, para que Deus me perdoe, se pequei.

Cristina demorou o olhar na outra, muito séria. E após um silêncio, resoluta:

— Comigo, o caso muda de figura. Vou dizer logo à mamãe que, em igreja protestante, eu não entro. E não sòmente hoje: nunca! Sou católica apostólica romana. E aproveito logo para lhe dizer que vou ser freira.

No entanto, à proporção que a tarde esmorecia, sentia crescer a sua apreensão em defrontar-se com a mãe. Afinal, erguendo mais a cabeça, decidiu-se. Se tinha de lhe dizer a verdade, mais dia, menos dia, por que iria atormentar-se protelando o conflito? Não estava mais disposta a negar a sua fé. Ia abrir o seu coração, lealmente. Se a mãe a entendesse, muito bem. Se não a quisesse ouvir, paciência. De uma vez, resolveria todos os seus problemas, e tinha a certeza de que Deus estaria de seu lado.

À hora do jantar, encontrou Morena de pé por trás da cadeira, à mesa da varanda, esperando pela mãe.

E Morena, preocupada:

— Quando a mamãe te vir com êsse vestido de casa, vai logo saber que não irás ao culto, e a casa pega fogo — advertiu-a.

— Estou por tudo — respondeu Cristina, aparentemente senhora de si.

Entretanto, no momento em que a mãe entrou na varanda, tôda de prêto, o lenço escuro na cabeça, já com a Bíblia e o livro de hinos, baixou o olhar para o caído da toalha, prendendo a respiração, com uma sensação de frio a subir-lhe dos pés, tôda a sua atenção fixada no rumor dos passos que martelaram as tábuas com o tacão das botinas.

E logo a voz áspera de Mariana, dirigindo-se à Morena:

— Que significa isso? E assim que pensas aparecer na casa de Deus? Pois estás muito enganada!

Cristina levantou o olhar.

E a mãe, mais exaltada, ainda a se dirigir à Morena:

— Não te convidei para um baile e sim para o culto do Senhor. Trata de mudar essa roupa. E lembra-te de que ainda estás de luto. Ou será preciso que todo dia eu tenha de te reavivar a memória? — rematou, arrastando a cadeira para sentar, depois de deixar a Bíblia e o livro de hinos a um canto da mesa.

Morena, reprimindo a ira nas pisadas nervosas, encaminhou-se para o quarto, seguida pelos olhos mortos de Biá,

enquanto Cristina, ainda trêmula, desdobrava o guardanapo, vista baixa, contendo o tremor dos braços nos braços da cadeira.

Ao fim do jantar, todo êle transcorrido em silêncio, por entre o espaçado tinir dos talheres, foi que Mariana interpelou a outra filha, no mesmo tom irritado:

— E você por que já não veio vestida para a mesa?

O mêdo apertou a garganta de Cristina, numa ânsia de sufocação. Com dificuldade, engoliu o resto da sobremesa que começara a mastigar.

— Trate de se apressar, porque estamos em cima da hora — acrescentou Mariana. — E no próximo domingo, quando vier para a mesa, já venha preparada para sair.

Em lugar de se voltar para a mãe, tentando articular a resposta com que encerraria de uma vez o seu problema, Cristina arrastou nervosamente a cadeira e correu para o quarto, impelida pelos olhos ríspidos que a acompanharam até a porta.

Minutos depois, um grito atravessou a casa. E Cristina, muito pálida, reapareceu no vão da porta, capengando: um talho fundo, que lhe lacerara a veia sôbre o peito do pé, fazia o sangue jorrar aos borbotões, pingando para o chão.

— Que foi isso? — indagou-lhe a mãe.

E antes que a filha replicasse, olhou-a de frente, buscando-lhe as pupilas amedrontadas, numa repentina intuição do que havia acontecido:

— Tu mesma te cortaste, para não ires à igreja comigo — gritou-lhe, arremessando de si o pé ainda a sangrar.

Depois, travando o braço de Morena, que se havia adiantado em socorro da irmã, apanhou de cima da mesa a Bíblia e o livro de hinos, com a repentina certeza de que jamais traria Cristina à verdadeira casa de Deus.

XXVIII

O calor da febre teimosa, amolecendo-lhe o corpo, e a dor constante da ferida, que a obrigava a manter a perna ao comprido da rêde, pouco significavam para Cristina, a cabeça apoiada na rodilha do lençol, os olhos cerrados contra a luz da tarde. O que a deprimia, angustiando-a nas horas de vigília, era a convicção do seu terrível pecado, de que só poderia libertar-se no confessionário. E os dias se emendavam, sempre mais

longos, sempre mais aborrecidos, agravando o seu temor em face de Deus.

Pela madrugada, vira-se tão aflita que, por duas vêzes, chamara pela irmã. De repente, agasalhada no linho do lençol contra os arrepios da febre, tivera a certeza de que ia morrer. E se o seu estado se agravasse, a mãe concordaria na vinda de um sacerdote para absolvê-la de seu pecado? Parecia-lhe que não. Ah, meu Deus! Que ia ser de sua alma, se isso acontecesse? Alarmada, vendo que Morena não despertava com o seu chamado, tentou levantar para ir ter com ela.

Uma dor aguda, que lhe perfurava a carne, subindo da planta do pé para o meio da perna, fê-la contrair os olhos, cerrando os dentes para conter o grito, assim que firmou o calcanhar no tapête do chão. E um suor frio, que lhe descia das têmporas para o rosto, escorregando para o pescoço e os ombros, atordoou-a mais ainda, como se a vida estivesse a esvair-se-lhe naquele instante.

— Morena, Morena — chamou, alteando a voz, num timbre de pavor. — Acode, que eu estou morrendo!

A luz do candeeiro, que a irmã acendeu atarantada, deu-lhe um pouco de ânimo. E ela própria, envergonhada de seu mêdo, assim que a tranqüilidade lhe voltou, pediu à outra que tornasse a dormir.

— Vou ficar contigo um pouquinho — ofereceu-se Morena, acomodando-se na beirada da rêde. — Eu agora estou sem sono.

E para distrí-la, pôs-se a contar-lhe, agora com novos detalhes cômicos, a sua impressão do culto:

— Palavra de honra, tive vontade de rir. Só não ri porque estava preocupada contigo. E também porque mamãe me fiscalizou o tempo todo pelo canto dos olhos. Só assim pude ficar séria, do comêço ao fim. Do contrário, quando a senhora magra e nariguda, sentada no banco da frente, com os óculos na ponta do nariz, tirou os olhos do livro de hinos e se voltou para o meu lado cantando, eu não teria me agüentado de cara dura. E a mulher do pastor, Cristina! Que horror, coitada! Na igreja, em cima do estrado, tocando o órgão, ainda parece mais feia, com um chapèuzinho de palha que lhe achata a cabeça. Ah! Ia-me esquecendo do melhor! Sabes quem é protestante? O Lomba! O velho Lomba! Estava lá, de bengalinha, chapéu côco e flor na botoeira. Quando me viu, levantou-se um pouco, fêz-me um largo cumprimento com

a cabeça, que deixou mamãe intrigada, sem saber se o cumprimento era para ela ou para mim. Mas na hora de comer o pãozinho é que foi engraçado. Sim. Primeiro veio a bandeja com o pãozinho, depois outra bandeja com um cálice de vinho. Sim senhora: vinho. Pelo menos a côr era de vinho. Pois, na hora do pãozinho, o Lomba, em vez de tirar um pedacinho só, tirou um punhado dêles e encheu a bôca. Uma senhora do meu lado riu. Eu ia rir também, mas engoli o riso, vendo mamãe com o rabo do ôlho olhando para mim. Ah, outra coisa que não te contei: a pedrada. É. Houve uma pedrada. Imagina que, no meio do sermão, quando o Reverendo Tobias se esgoelava, um moleque gritou, na porta da igreja — "Come santo!" — e jogou uma pedra, que foi cair perto do púlpito. Fiquei fria, com receio de que viesse outra. Felizmente não veio. E agora, que estás mais calma, trata de dormir.

Acomodou melhor a perna de Cristina, ajeitou-lhe as pontas da coberta à altura dos ombros, limpou-lhe o suor do rosto, e beijou-a na testa:

— De manhã, vamos chamar o Dr. Luna, para ver essa ferida. Fica tranqüila. Isso não é nada. Amanhã estás melhor. Quando se tem febre é que o organismo está reagindo. Não te preocupes com êsse calorzinho.

Na ponta dos pés, cortou a sala em diagonal, torceu o pino do candeeiro até reduzir a chama a um ponto vermelho, e outra vez se deitou, não sem antes atirar o olhar para a rua, como em busca de seus mistérios. Em pouco, mergulhava no sono.

Embora permanecesse quieta, com uma leve dormência a pesar-lhe nas pálpebras, o sono custou cerrar de vez os olhos de Cristina. Por baixo da coberta, o pé enfermo latejava, com a sua dor persistente. E ela viu o tempo escoar, arrastado, lerdo, com um ou outro carro a rolar por baixo da janela, e de longe em longe o trilo fino do guarda-noturno.

A idéia de que o médico viria vê-la na manhã seguinte, longe de lhe dar tranqüilidade, fêz crescer a sua tribulação. Como deixar de dizer a verdade ao Dr. Luna, quando êste lhe perguntasse a origem da ferida? Com o Padre Galvão, na capela do Colégio seria mais fácil. Mas, com o médico, frente a frente, ali na sala, o caso mudava de figura. Envergonhada de seu gesto, talvez lhe faltassem as palavras na hora da confissão. E se atribuisse o ferimento a um acidente? Sim. Podia ser. Nada mais natural. Mas, não! De modo algum! Seria

agravar o pecado anterior com outro pecado — o pecado da mentira!

E num relance, como se acabasse de sair da mesa do jantar, reviu-se entrando na sala, com a ordem se vestir para ir ao culto. O mais certo — refletira, num assomo de coragem — era voltar à varanda e dizer que não ia. Mas a lembrança do rosto exaltado da mãe, os olhos duros, a voz áspera, e as veias do pescoço entumescidas, imobilizou-lhe os pés nas tábuas do chão. Foi nesse instante que, à distância de um passo, viu a tesoura aberta, junto ao círculo de luz do candeeiro de opalina. E de golpe, obedecendo a uma fôrça estranha, que lhe governou instântaneamente os movimentos, retalhou de lado a lado o peito do pé. Nenhuma dor sentiu no momento do talho, nem ouviu o roçar da ponta de aço rasgando-lhe a carne. Mas quando viu o sangue esguichar da veia lacerada, derramando-se em borbotões na pele clara, repentinamente compreendeu que, em vez de ter obedecido a uma inspiração divina, havia sido vítima de uma cilada do Demônio. Tomada de pavor, com a noção brutal de seu pecado, soltara um grito de desespêro e correra para a sala, certa de que o espírito do mal ainda ali estava, com os olhos de fogo chispando em sua direção.

Agora — via bem — era ainda êle que volvia a lhe armar nova cilada, com a insinuação de que não dissesse a verdade ao doutor. Ah! Era isso? Pois bem: desta vez, não cairia — abrir-se-ia com o Dr. Luna, sem nada esconder. Sentindo que só isso não bastava, descerrou mais os olhos, resoluta: assim que ficasse boa, confessaria à mãe a sua determinação de ir para o Convento em Salvador. E já em abril, conforme promessa à Madre Superiora, começaria o seu noviciado.

Mais aliviada, apanhou de perto da rêde o têrço e se pôs a rezar, de olhos cerrados, pedindo a luz e a graça de Deus, até que as orações se alongaram no sonho, amolêntando-lhe os braços, e ela despertou com a claridade do dia a espalhar-se na sala pelo espelho da parede.

E foi sòmente ao meio da tarde, já com a febre mais branda, que ouviu o gemer dos degraus da escada ao pêso do corpanzil do doutor. Chegara mesmo a pensar em dispensar-lhe a visita. Por que incomodar o médico, se já se sentia melhor? Mas calou seu pensamento, receando novamente o Demônio — o Demônio que apertava o cêrco à sua volta, com a mãe protestante, os hinos protestantes, a Bíblia protestante. E esperou que o Dr. Luna, gordo, o colarinho molhado de

suor, o correntão de ouro saindo da algibeira, assomasse à porta da sala, trazendo à frente, como a puxar seus passos, o brilho bom e amigo dos pequenos olhos azuis.

Quase uma hora depois, Morena voltou do quarto contíguo, de onde espreitava a varanda pela fresta da porta:

— A conversa do doutor com a mamãe ainda continua — sussurrou-lhe, curvando-se por cima da rêde. — E há no meio uma carta do Padre Galvão — acrescentou, intrigada.

Logo tornou ao quarto, pisando de leve, a insinuar os olhos curiosos pela linha de luz que apanhava em cheio o Dr. Luna, do outro lado da varanda.

Acomodado numa das cadeiras da mesa, que arrastara para o canto mais ventilado, o doutor olhava Mariana de frente, baixando de vez em quando a vista para o chão, ar aborrecido, enquanto ela, na cadeira de balanço, mantinha o busto espigado, segurando a carta com a ponta dos dedos.

Ambos falavam baixo, de modo que o vento, embora fizesse o seu ofício correndo a varanda de lés a lés, pouco ou nada contava da conversa murmurada que intrigava Morena. As poucas palavras que esta conseguira apanhar. — Padre Galvão, paciência, Madre Superiora, São Luís, boa vontade — não davam para formar sentido, senão que intrigavam mais ainda, obrigando-a a afiar o ouvido e os olhos, sem maiores proveitos. Que tinham a ver aquêles nomes com a doença de Cristina? E por que aquêle envelope fechado, que a mãe não tinha curiosidade de abrir?

Biá entra agora na varanda, com duas xícaras de café na bandeja de prata, faiscando as lentes dos óculos contra a luz que desce da vidraça de uma janela. Seu corpo imenso esconde em parte o Dr. Luna. E quanto tempo se deixa ficar ali parada, roliça e luzidia! Por fim se desloca no sentido de Mariana, curva-se um pouco, muda e desajeitada, e outra vez se imobiliza, a bandeja nos braços. A não serem as vozes da rua — um chilreio de andorinha, o tropel de um cavalo e o assobio de um moleque — só se escuta agora a pulsação do relógio, no sussurro do vento. Devagarinho, o doutor vai sorvendo o café, os olhos no ar. Afinal, faz um gesto circular com a xícara por cima dos pires e, deixando cair o lenço que acomodara no joelho, toma o derradeiro gole. Biá recolhe a xícara, sempre vagarosa. É então que o Luna esboça a primeira tentativa para apanhar do chão o lenço. Sua gorda mão cabeluda pende para o soalho, braceja uma, duas vêzes, parece ter

desistido de alcançá-lo, porém volta a seguir, mais impetuosa, e o certo é que, logo ao primeiro impulso, que faz ranger a cadeira, ergue no ar o lenço molhado, enquanto o dono solta um *uff* de alívio, e volta a limpar as bagas de suor que lhe escorrem das têmporas. Olha para a janela aberta, como à procura do vento, enquanto aguarda que Mariana mande embora a criada. Depois que esta se vai, sempre no seu passo lerdo, os dois permanecem em silêncio por alguns instantes, e é Mariana quem reata o diálogo, ainda sacudindo no ar o envelope fechado, ao mesmo tempo que o Dr. Luna espicha o lábio inferior, dando a impressão de que encerrou a conversa.

Com efeito, levanta-se, vai ao cabide apanhar o chapéu, e novamente se aproxima de Mariana, que já está de pé.

E ao dar-se conta de sua distração:

— E a doente? Não é que eu ia saindo sem ver a doente? — indagou, repondo o chapéu no cabide, um ar de riso a tomar-lhe o rosto espalhado.

Morena retrocede à sala na ponta dos pés, para dizer à irmã que o médico vem vindo, e as duas se voltam na direção da varanda, à espera de que a papada do doutor avulte na claridade da porta.

— Mamãe não vem com êle? — indaga Cristina, erguendo a cabeça, num movimento de ansiedade.

E ante a negativa de Morena:

— Estou doente há quase uma semana e até hoje ela nem *ao menos quis saber o que é que eu tenho* — *queixa-se*, suspirando.

E Morena, afagando-lhe os cabelos:

— Não ligues para isso. Já sabes como ela é. O gênio da mamãe sempre foi assim.

A luz esmorece aos poucos dentro de casa. No aposento contíguo a penumbra se adensa em sombra por baixo da cama. Adiante, o guarda-roupa vai-se convertendo em mancha escura e compacta. E de repente, com o vento da rua a esgueirar-se pelas rótulas, entram na sala os primeiros acordes da valsa de Sinhàzinha Dourado, exatamente quando o Luna alarga a abertura da porta e entra de lado, rangendo as botas e perguntando alto se a valsa é em sua homenagem.

Não tardou, porém, a retrair o riso, vincando apreensivamente a testa, assim que roçou com a ponta dos dedos o pé inchado que Cristina lhe estendia. Todo êle se concentra nos olhos, enquanto comprime as bordas da ferida:

— Dói aqui? E aqui? Também aqui? — vai perguntando.

Suas sobrancelhas arrepeladas, que o vinco vertical da testa aproximou, dão-lhe ao rosto gordo uma expressão aborrecida, logo atenuada pelo timbre macio da fala:

— E aqui também?

Aperta mais os olhinhos azuis, quase reduzidos a uma *nesga entre as pestanas, e junta por fim as duas mãos cabeludas*, entrelaçando os dedos, sentado na borda da cadeira, os braços apoiados nos joelhos:

— Como foi isso, minha filha?

Cristina endireita o corpo, uma onda de calor lhe aflui ao rosto, mas não baixa o olhar para o chão. De cabeça erguida, as mãos torturando uma dobra do lençol, conta tôda a verdade, corridamente, até que as fôrças lhe faltam para se manter sentada, e deixa cair a nuca para o punho da rêde:

— Perdi a cabeça, reconheço que não devia ter feito o que fiz, mas foi um ato de desespêro, de que só me dei conta depois de feito. Nasci católica, batizei-me na Igreja Católica, estou sendo educada num colégio católico, e vou ser freira: como posso agora, sem trair minha fé, ir com mamãe a uma igreja protestante? Não, não vou. Não irei nunca! E de agora em diante, haja o que houver, irei à missa, e saindo de casa pela porta da frente, com o meu véu, o meu têrço e o meu missal!

E após uma pausa:

— O senhor não acha que estou no meu direito?

O Luna tirou do estôjo o termômetro, gesto lento, ar pensativo, *sacudiu-o duas vêzes*, para baixar-lhe a coluna de mercúrio.

— Vamos ver como vai essa febre.

E tirando o relógio para marcar o tempo:

— Cada um de nós tem as suas razões. Não se preocupe com o que ouve. O que passou passou. Para a frente é que se caminha.

Ergueu-se da cadeira, foi até a janela em busca de luz para olhar o termômetro.

— Tens ainda um pouco de febre — afirmou, dando as costas à janela. — Mas vai passar. Amanhã, estarás melhor.

E já o bico de gás da varanda estava aceso, quando o doutor, ainda com o semblante apreensivo, saiu do quarto.

E indo ao encontro de Mariana, que o aguardava lendo a Bíblia, na mesma cadeira de balanço:

— A senhora devia ter mandado me chamar mais cedo. Não gostei do estado de sua filha.

Mariana interpôs o indicador nas fôlhas do livro para marcar a leitura. E desencostando-se do espaldar:

— Cristina é que não queria que se chamasse médico. Foi o que me mandou dizer pela Morena. Não insisti com ela, para esperar que Deus lhe desse uma lição. E hoje, ela própria, sentindo-se pior, mudou de idéia. Na mesma hora, mandei a Biá à casa do senhor.

E levantando mais o olhar:

— Cristina lhe disse como foi que rasgou o pé?

— Disse. E disse também por quê — replicou o Dr. Luna, segurando nas mãos contraídas as abas do chapéu.

Por baixo de seus olhos miúdos, as duas bolsas enrugadas pareciam tremer, numa contração nervosa.

— De onde pude concluir — continuou, caminhando devagar para o fundo da varanda — que tenho razão em tudo quanto ponderei à senhora, ao entregar-lhe o apêlo do Padre Galvão para que as meninas não mudem de colégio. A senhora tem razões pessoais, muito íntimas, para se afastar do catolicismo, reconheço; mas reconheço também, com a mesma sinceridade, que os motivos da senhora não são os motivos de suas filhas. Ambas nasceram católicas e foram educadas no catolicismo até hoje. De um momento para outro, só para obedecerem à vontade materna, não deixarão de ser católicas para ser protestantes.

E sempre torturando o chapéu:

— A Morena, que saiu mais ao Ernesto que à senhora, com um gênio menos firme que a outra, não lhe dará muito trabalho, embora possa se sair de repente, com os seus impulsos rebeldes, exatamente como sucede com o pai. A Cristina, comparada com ela, é muito mais afirmativa. A senhora não poderá forçá-la a fazer o que ela não quer. E assim como retalhou o pé com uma tesoura enferrujada, só para não lhe dizer que não ia ao culto, poderia ter-se atirado pela janela. Se isso acontecesse, em quem recairia a culpa? Na senhora, D. Mariana.

Mariana tinha-se levantado:

— Recairia sôbre mim, por quê?

— Porque a senhora, contrapondo-se à fé de sua filha, a teria levado ao desespêro. Eu, por mim, compreendo a senhora. A senhora é que, por sua vez, precisa compreender suas filhas, sobretudo a menor, que herdou muito de seu gênio.

Mariana abriu repentinamente a Bíblia:

— Ouça o que nos ensina São Paulo. "Filhos, obedecei em tudo a vossos pais, porque isso agrada ao Senhor." Está na *Epístola aos Colossenses*, capítulo 3, versículo 20.

O Dr. Luna, sempre amassando as abas do chapéu, não coibiu de todo a expressão de piedade e ironia que lhe subiu aos olhos.

— O senhor duvida porque descrê de tudo — atalhou Mariana, alcançando de relance o sentido do olhar que a fitava.

E êle, mansamente:

— Não, não estou duvidando. Apenas estou pensando que, se o Ernesto quisesse se valer dêsse versículo de São Paulo para impor a sua vontade às filhas, a quem teriam elas de obedecer: à senhora ou a êle?

— A mim! A mim! — replicou Mariana, exaltando-se. — O Ernesto está no caminho da perdição, condenado ao Inferno; eu não, Dr. Luna: eu estou no caminho que leva à glória de Deus.

E rápida, cortando o diálogo:

— Mas o melhor que o senhor faz, como amigo dêle e médico da família, é cuidar da sua medicina.

O Luna rodou o chapéu na ponta do dedo:

— Também acho, D. Mariana, também acho. Não voltarei a lhe tratar dêste assunto. E se o fiz nesta visita é porque não sei dizer não ao Padre Galvão, que instou comigo para eu lhe trazer essa carta. E também porque sou humano e gosto de suas filhas, quase como se fôssem minhas também.

No mesmo passo calmo, deixou a varanda, sempre rolando o chapéu. E antes de descer a escada, parando no patamar:

— Amanhã estarei aqui cedo para nôvo curativo de Cristina. E diga à Morena que dê o remédio à irmã duas vêzes durante a noite.

E só lá embaixo, já no interior da carruagem, teve um gesto de ira, atirando o chapéu para cima do banco. Porém logo o recolheu, reprimindo a exaltação. E tratou de desa-

massar-lhe a copa, enquanto revolvia com a outra mão o fundo do bôlso do paletó, à procura da bolinha de naftalina.

XXIX

Antes que a semana findasse, já Cristina pudera caminhar até a janela, sem que a sensação de dor violenta, que parecia perfurar-lhe a perna com um espinho agudo, lhe embaraçasse os movimentos. Também a febre tinha passado, embora restasse no seu corpo frànzino um vago quebranto de sonolência, sobretudo pelo fim da tarde.

Tôdas as manhãs, antes de ir para a Santa Casa, o Dr. Luna vinha vê-la.

Mariana, assim que ouvia o rumor da carruagem, recolhia-se aos seus aposentos. Na varanda, à porta que abria sôbre a escada, Morena esperava o doutor, e era ela quem o ajudava nos curativos.

— Amanhã, já não preciso vir aqui — disse êle, despedindo-se, na manhã de sexta-feira, e olhando Cristina com uma cara de riso. — Contei aquela nossa conversa ao Padre Galvão, ontem à noite, e êle lhe mandou um recado.

Cristina levantou a cabeça.

— Diga, doutor — pediu, ao ver que o Dr. Luna tardava as palavras, enquanto tirava um cigarro da carteira.

E êle, soprando a primeira fumaça:

— Que você vá vê-lo, assim que puder sair.

E no sábado, ainda cedo, Cristina tentou calçar pela primeira vez o sapato no pé doente, decidida a ir ao encontro do Padre Galvão, na capela do Colégio.

Logo que a febre abrandara, desoprimindo-lhe os olhos ante a claridade, tinha volvido à leitura do livro que Madre Peixoto lhe emprestara. As obrigações e deveres ali prescritos, longe de atemorizá-la com a severidade da vida religiosa, deram-lhe mais uma vez a íntima certeza de que era essa a sua vocação. Nem ela saberia ter outro destino neste mundo. Se por vêzes abandonava os olhos no ar, perguntando a si mesma se não seria mais certo optar por uma ordem contemplativa, na qual se dedicaria exclusivamente à meditação dos Evangelhos, não demorava a se convencer do contrário, e a Ordem das Dorotérias, consagrada à educação das jovens, lhe parecia perfeitamente ajustada à sua índole e inclinação.

Um ponto, porém, no correr da leitura, particularmente a inquietou, e e foi ele a levou a tentar calçar o sapato, para ver se já podia caminhar. Entre os requisitos ao noviciado, constava uma referência expressa ao meio familiar, como credencial de admissão. E Cristina interrogava-se: a conduta do pai, com os seus escândalos sucessivos e públicos, não iria prejudicá-la? Ou seria mais grave ainda a condição da mãe, convertida agora ao protestantismo?

De madrugada, repassando na memória a exigência da Ordem, havia perdido o sono, num começo de desorientação. Por que havia de pagar pelo êrro dos pais? Felizmente o dia vinha clareando, e a luz matinal deu-lhe um pouco de calma, com a esperança de que, ajudada pelo Padre Galvão e a Madre Superiora, tudo se havia de arranjar. Por outro lado, por que não se abria com o pai, rogando-lhe que mudasse de vida? Nossa Senhora haveria de ajudá-la. Como ia falar com êle sôbre o seu dote de noviça, tocaria também nesse ponto. E quem sabe se a regeneração do pai não seria a primeira graça alcançada, na sua consagração ao serviço de Deus?

Os primeiros passos na sala deram-lhe a impressão de que dificilmente poderia suportar a caminhada. Morena acudiu em sua ajuda, dando-lhe o braço. E Cristina conseguiu andar até o quarto, contraindo doloridamente o rosto, sempre que firmava no chão o pé enfêrmo.

— Eu vou contigo — ofereceu-se Morena. — Tu não podes ir assim até o Colégio. Mesmo que vás pela Rua do Sol, evitando subir a ladeira da Rua dos Afogados, chegarás mais morta do que viva à Rua do Egito.

E já ia cuidar de trocar o vestido, quando a outra atalhou:

— Não, fica. Agora já estou pisando melhor.

Dispensando o braço da irmã, Cristina caminhou com desembaraço ao comprido da sala, e só por duas vêzes mordeu o lábio, prendendo a respiração, numa contração irreprimível, que disfarçou o melhor que pôde. A seguir, repetiu a caminhada, com um semblante mais animado:

— Estás vendo, Morena, como vou melhorando? — indagou, triunfante. — Eu precisava era de exercício. Posso ir ao Colégio sem receio. E lá descanso, antes de voltar. Não precisas vir comigo. Assim, em vez de se zangar com as duas, mamãe se zanga só com uma.

Fêz uma pequena pausa, contraindo o semblante numa expressão dolorosa, logo dissimulada pela mão em pala à

altura dos olhos, como se reagisse aborrecidamente à claridade excessiva que entrava pela janela.

— E se mamãe mandar que voltes? — argumentou Morena.

E Cristina, decidida:

— Seguirei o meu caminho. Desta vez não recuo nem dou desculpa. Calmamente, descerei os degraus da escada.

E continuou a vestir-se, ante o olhar risonhamente espantado da outra, que a ia ajudando a preparar-se.

— Vê bem o que vais fazer — ponderou Morena, ao apertar o laço da fita que lhe apanhava para trás a cabeleira escorrida.

— Não te preocupes — respondeu Cristina.

Tinha-se decidido a não sair mais às escondidas, pelos fundos da casa, traindo a sua fé, e sim pela porta da frente, deixando ver o seu têrço, o seu véu e o seu missal, já adiantada a manhã. Como o Padre Galvão só costumava chegar ao Colégio pelas nove horas, ela só precisava deixar o sobrado às oito e meia: tinha tempo de sobra para alcançar antes dêle o fim da Rua do Egito, andando devagar.

Na véspera tinha tornado à mesa do almôço. De propósito, chegara antes da mãe, para ver se esta lhe falaria. Mariana sentou no seu lugar à cabeceira, sem uma palavra, nem mesmo quando a filha lhe pediu a bênção: nesse instante, limitou-se a um aceno da cabeça, que tanto podia ser uma resposta muda quanto o movimento para apanhar do joelho o guardanapo. Em seguida, no momento da oração de graças, havia citado dois versículos da Bíblia sôbre as virtudes da obediência, com o transparente intuito de que a filha recolhesse a lição do Senhor. E à noitinha, à mesa do jantar, insistira no mesmo silêncio, sem ao menos alongar até Cristina a vigilância dos seus olhos carregados.

Por quanto tempo permaneceria assim? Um mês? Dois? E Cristina, alisando os cabelos nas têmporas, em frente ao espelho, apressou o movimento das mãos, muito séria. Deus lhe daria aquela mesma serenidade, quando tivesse de dizer à mãe que, em abril, ia para o Convento em Salvador? Sacudiu a cabeça para trás, num gesto resoluto, que atirava de si o problema. O primeiro passo ia ser dado agora, com a determinação de não faltar mais a uma só missa, todos os domingos, na capela do Colégio. O resto viria por si, com a ajuda de Nossa Senhora.

Pelo espelho viu que Morena olhava em sua direção, com um semblante de ternura.

E voltando-se para a irmã:

— O que mais vou sentir, quando estiver no Convento, é saber que te deixei aqui sòzinha.

Morena ergueu os ombros, sem falar. E levantando devagar o rosto pensativo, que uma leve tristeza sombreava:

— Mas tu voltas, Cristina.

— Acho que não. Passarei três anos como noviça e logo depois me ordenarei. E depois de ordenada, não pertencerei mais à minha família.

As duas se fitaram em silêncio. Na varanda, soavam alto os passos de Mariana. E foi Morena quem reagiu à tristeza:

— Mais cedo ou mais tarde, teríamos de nos separar: tu irás para o Convento; eu, para uma outra casa, levada por meu marido.

Sorriu, deu mais brilho aos olhos negros:

— E espero em Deus que êsse dia não custe a chegar.

Agora, pelo menos duas vêzes ao dia, uma pela manhã e outra pela tarde, o Aluísio apontava à esquina, e dali estendia para o sobrado a carícia de seus olhos claros, de bengala e chapéu de palha, já com ares de doutor. Cinco, dez minutos, às vêzes mais, permanecia apoiado à bengala, atraindo a curiosidade dos vizinhos, que espreitavam pelas frestas das rótulas ou se debruçavam abertamente das sacadas. E quando ele partia, caminho do Largo do Carmo, ia parando em cada esquina e olhava para trás, até perder de vista o sobrado. O impulso de Morena era ir ao seu encontro, atirando-se escada abaixo, num alvorôço de submissão confiante. Porém os passos da mãe, ressoando para os fundos da casa, a deixavam sobressaltada, e ela se punha em guarda, ouvido afiado, pronta a retrair-se da janela e simular a leitura de um livro ou de uma revista na cadeira mais próxima, se o rumor das botinas soava mais perto.

Desde que fôra ao culto, podia contar, senão com a cumplicidade, pelo menos com o silêncio de Biá. E no meio da semana, valendo-se da casa adormecida na sesta da tarde, cometera a sua maior loucura: baixara ao quintal, abrira a mesma porta por onde Cristina saira para a missa, e dera a volta ao quarteirão com o namorado, descendo a Rua da Cruz. E não ficara aí. Mais de meia hora, enquanto a quietação da sesta envolvia o sobrado, e com o sol canicular batendo na

calçada, permanecera com êle à porta, esquecida de si na contemplação de seus olhos, de sua bôca, de seu nariz afilado, a reprimir o desejo de atraí-lo para dentro de casa, sem que ninguém os visse, num canto qualquer lá para trás, e ali apaziguar a ansiedade que lhe endurecia os seios.

O ruído da água da torneira, estrondando de repente no cimento do tanque, dera-lhe tal susto que, em dois ou três segundos, tinha largado a mão úmida que se entrelaçava na sua e cerrado a porta, lívida de mêdo, com a impressão de ter sido descoberta.

— Não faça mais isso — aconselhou-lhe a Biá, deixando cair no tanque a roupa que ia lavar. — Faz um bocado de tempo que estou daqui lhe olhando. Tenha juízo. Eu não vou dizer nada à D. Mariana, porque sei que a senhora vai se corrigir por si mesma ouvindo na igreja a Palavra de Deus. Mas não faça mais o que fêz hoje. Tudo tem seu tempo.

— Sim, sim, Biá. Domingo iremos ao culto.

E pela primeira vez a abraçara.

Dentro de dois anos, o Aluísio estaria formado. Quem sabe se, no próximo ano, quando voltasse de férias, não pediria a sua mão? E Morena, enquanto Cristina aguarda a hora de sair, volve a olhar a rua, com o pensamento na solidão que a espera quando a irmã se fôr para o Convento na Bahia.

— Mamãe, ao fim de tudo, é que ficará sòzinha — rematou Cristina, num suspiro de piedade, segurando o têrço e o missal.

Morena, sempre olhando a rua, descansou o corpo na esquadria da janela, as mãos para trás:

— Sòzinha, não: ela sempre terá a companhia da saudade do Teo.

E na saudade do filho, com efeito, Mariana continuava a distrair o mais de suas horas, confiada na graça de Deus.

Na véspera do Natal, deitara cedo, após tomar um comprimido para dormir, com a intenção de ir até de manhã, sem escutar o repique dos sinos à hora da Missa do Galo. Mas o sono tardou a chegar, esticando infindàvelmente as horas e deixando crescer em seu redor, com as vozes da rua, a religiosa alegria da noite. Não se ouvia, é certo, o canto das pastorinhas de D. Laura Belo. Porém outras vozes cantavam, esgarçadas na distância com os sibilos do vento.

Em vão Mariana cerra as janelas e se refugia sob o lençol: o vento da rua, que faz tanger os sinos dentro da alcova, alvoroça-lhe as lembranças, e ela dá por si a recompor o seu penúltimo Natal em companhia do filho.

Era a primeira vez que ia com êle à Missa do Galo, na igreja do Carmo. Ah! nunca esqueceria, cem anos que vivesse, o deslumbramento do menino, nas ruas ainda iluminadas pelos lampiões de gás, os olhos crescidos para a noite desconhecida! Em redor, na Sé, no Carmo, em São João, em Santana, nos Remédios, em São Pantaleão, em Santo Antônio, todos os sinos repicando. No ar um cheiro ativo de incenso queimado. E de súbito, numa volta da rua, os olhos de Teobaldo vêm ainda mais à tona do rosto:

— Que é aquilo, mamãe?

— É o carrossel.

— Ah!

Depois da missa na igreja apertada de povo, a contemplação do enorme presépio armado à direita da nave.

E o menino, vendo o desembaraço com que Frei Bonifácio dava um toque a mais na palha da manjedoira onde dormia o Menino Deus:

— Mamãe, eu quero é ser frade.

Na rua, ainda assustada, ela procura afastar êsse pensamento do espírito do filho.

— Frade não. Você teria de viver longe de sua mãe. Ao passo que, sendo padre, me terá sempre ao seu lado.

— Então eu quero mesmo é ser padre.

Ainda agora, ouve-lhe a voz meiga e infantil, como se o vento úmido a trouxesse de longe. Êsse mesmo vento traz o cheiro das castanhas cozidas nas casas vizinhas. Quem diria que, tão perto das noites de agonia, com o carro fúnebre rolando no êrmo das ruas alarmadas, o Natal despertaria de repente a alegria da cidade? Até o piano de Sinhàzinha Dourado mistura os ritmos da velha valsa aos repiques dos sinos. E é em vão que Mariana acomoda a cabeça no travesseiro, tapando bem os ouvidos. Pelo amor de Deus, parem com isso! Lembrem-se de seus mortos!

De manhã, depois de um sono tênue, que lhe dá a sensação de quase não ter dormido, o dia claro dói-lhe nos olhos fatigados. E ela permanece quase todo o dia nos seus dois aposentos. Antes de recorrer à consolação da Bíblia, abre as gavetas da cômoda onde guarda as antigas roupas do filho.

E não contém o pranto ao ter nas mãos a pequena gravata escura que êle usou pelo Natal. O tempo ainda não arrefeceu o cheiro de seu corpo naquelas peças inúteis. E é com uma delas, apertando-a contra o rosto nas convulsões do chôro, que Mariana enxuga os olhos desesperados. Quantos natais ainda terá de passar sem Teobaldo?

— Ah, meu Deus, tem piedade de mim!

Depois que Cristina se cortou para não ir à igreja, que é que pode esperar dêste mundo de desesperos e misérias? E Mariana aperta a cabeça entre as mãos. Que adiantou ter sofrido para lhe dar a vida? Cristina ignora que elá, sua mãe, sabe onde tem a cabeça? Se não ignora, por que deixou de lhe fazer a vontade, preferindo lacerar o pé com uma tesoura, a acompanhá-la à casa de Deus?

O rangido de uma rêde, do outro lado do sobrado, desvia-lhe o pensamento para Morena. É ela, sim, que se baloiça daquele modo. Ali no sobrado, não pode ser outra pessoa. A filha saiu ao pai, só ao pai. E qual será a sua sorte, meu Deus? Mariana reprime o impulso de lhe gritar da varanda que pare com aquilo. Por que balançar-se assim obrigando a rêde a ranger alto no metal dos armadores? À mesa da varanda, no último jantar, notou-lhe uma nova semelhança com o pai, no modo de descansar o corpo no espaldar da cadeira, inclinando levemente a cabeça para a esquerda. E a cada dia essas identidades se acentuam: certo modo de olhar pelo canto dos olhos, a contração das sobrancelhas, o jeito de apertar o lábio inferior com a ponta dos dedos nos momentos aborrecidos, e mais que tudo a presença física, que se acentua principalmente de perfil, na linha da testa, do nariz e da bôca. Os olhos crescidos e negros, de pestanas alongadas, repetindo exatamente os olhos de Ernesto, tornam mais ostensiva a presença dêste no sobrado, obrigando Mariana a desviar freqüentemente os olhos da filha, num impulso de irreprimível rancor, que de imediato não consegue desfazer. E fôra Morena, e não a outra, que a acompanhara ao culto, como se até na casa de Deus o marido se obstinasse em persegui-la!

— Oh! Senhor! — indagava Mariana, procurando conter-se — por que há de ser tão constante a minha provação?

Mas não tardou a concluir que era Morena, sim, quem mais necessitava da vigilância de Deus. Do contrário, obedecendo ao

temperamento que trazia no sangue e se denunciava agora no balanço doido da rêde, acabaria por enveredar pelo caminho da perdição, seguindo o exemplo do pai.

Felizmente o rangido dos punhos nos armadores se atenua e morre. No silêncio do sobrado, alteia-se a voz do relógio. E Mariana se dirige à sala, buscando o seu canto junto à janela, para retomar a leitura da Bíblia.

Mal se acomoda na cadeira, ouve a carruagem do Dr. Luna parar rente à calçada. E daí a momentos acompanha os passos do médico, a princípio nos ladrilhos do corredor, depois nos degraus da escada, e por fim o estrondo das duas palmas com que êle sempre se anuncia no patamar.

— Agora Morena vem recebê-lo — diz Mariana, recompondo de si para si a visita de todos os dias. — E daqui a pouco estará de volta, prometendo voltar amanhã, à mesma hora, para o nôvo curativo de Cristina.

E enquanto as suas botinas de elástico ringem na outra sala do sobrado, Mariana estende mais uma vez o olhar para a carta do Padre Galvão, ainda fechada, sôbre o mármore do consolo, ao pé do relógio de bronze que nunca trabalhou. Tinha decidido não abri-la, por saber de antemão o seu conteúdo: um apêlo para não retirar as filhas do Colégio. Não podia deixar de ser isso; sôbre que outro assunto o padre iria escrever-lhe?

No entanto, levada por um impulso, adiantou a mão para o consolo e deu por si a rasgar devagarinho um dos cantos do envelope.

Logo às primeiras linhas, na letra miúda e deitada do padre, a surprêsa destas palavras: "A senhora fêz bem em ir ao encontro de Deus na igreja do Reverendo Tobias. Antes assim. Tirando os excessos e erros da igreja dêle e da minha, nossa origem é uma só: a palavra Cristo. O que me afligia, ao considerar a crise que se instalou no espírito da senhora após a morte do Teobaldo, era que terminasse voltando as costas a Deus, descrente de tudo. Felizmente isso não aconteceu. Sei que a senhora vai se surpreender com esta minha aprovação. Mas a verdade é que, se os padres católicos e os pastôres protestantes pusessem de lado as respectivas intransigências, haviam de reconhecer que somos águas da mesma fonte, que tomaram rumos diversos e por vêzes se toldaram pelo caminho".

Mariana aprumou o corpo, sem tirar os olhos do papel. E com uma ruga vertical ao meio da testa, releu salteadamente o parágrafo. Depois, abanando a cabeça:

— "Águas da mesma fonte... que se toldaram pelo caminho" — repetiu, descansando os cotovelos nos braços da cadeira.

As da Igreja de Roma, sim; não as da Igreja Protestante, rigorosamente fiel ao Evangelho de Jesus — argumentou. Quem criara a confissão e a absolvição, à revelia da Palavra de Deus? E o culto dos santos? E a infalibidade do Papa? E as indulgências? E o celibato dos padres? E as penitências? E as procissões? O catolicismo! Ùnicamente o catolicismo! Não a Igreja Protestante! E quem criara o culto da Virgem Maria? E a transubstanciação? E as missas? E quem instaurara a Inquisição, queimando inocentes nas fogueiras, só por não terem jejuada nos dias de guarda? A Igreja Católica Apostólica Romana!

E os olhos de Mariana, tomados de um brilho mais intenso, passeavam pelas linhas da carta, agressivos e triunfantes:

— Andei enganada durante muitos anos — reconhecia, num suspiro que lhe fêz subir o peito murcho — mas agora conheço a verdade e sei que terei a vida eterna, na glória do Senhor!

Porém o resto da carta, na mesma letra miúda e regular, chamava ainda por ela: "E agora" — continuava o padre — "usando da mesma franqueza, deixe-me que lhe diga que a senhora faz mal em querer impor às suas filhas essa nova fé. Nascidas e criadas no catolicismo, tanto a mais velha quanto a mais nova não experimentaram o abalo profundo que levou a senhora a deixar a religião que até há pouco a consolava. A Morena, de gênio mais dócil, poderá dar-lhe a impressão de que se deixará levar sem lhe criar problemas, embora eu esteja certo de que, no íntimo de sua consciência, permanecerá fiel a si mesma, sem dar maior importância a opiniões que não são as suas. E nesse ponto — reconheçamos, com a lembrança do pai — tem a quem sair".

E Mariana, como se tivesse o padre à sua frente:

— Ah! O senhor também notou isso? Pois vou salvá-la. É minha obrigação não deixar que ela se perca. E hei de levá-la ao bom caminho, com o favor de Deus!

Passou a mão pelo rosto, procurando acalmar-se, e logo voltou a olhar a carta: "Quanto à mais nova, o caso muda de figura. Cristina é uma genuína vocação religiosa, que ninguém pode torcer. E tão forte que, já em abril, assim que completar quinze anos, está decidida a iniciar o seu noviciado".

Tão grande foi o abalo de Mariana que, de golpe, ficou de pé. Noviciado? E já em abril? Que esperança! Ela, como mãe, não tinha de ser ouvida, para dar o seu consentimento a semelhante loucura? Pois sim! Que esperassem!

E cedendo à ira que lhe molhava os cantos da bôca, pôs-se a rasgar as duas fôlhas de papel de linho, desinteressada por inteiro das linhas restantes da carta, até que, abrindo a janela, arremessou para a rua, ainda com ódio, o punhado de papel picado que lhe enchia a concha da mão.

Durante dois dias, recolhida em si mesma, procurou aplacar na saudade do filho a revolta coibida. E quando Cristina apareceu à mesa, ainda caminhando com dificuldade, redobrou de esfôrços para não perder a calma. Nem uma vez sequer resvalou o olhar no rosto da filha. E o que viu, durante quase todo o almôço, por um capricho de sua imaginação atormentada, foi a pequena mão de Cristina retalhando o pé com o gume da tesoura para não ir à Casa de Deus.

— "É assim que me agradeces a vida que te dei? Pois fica sabendo que, por ti, estive a ponto de morrer! Levei duas noites inconsciente, depois que naceste! E até hoje não sei como consegui sobreviver. E para quê? Para receber de ti essa recompensa!"

Embora as frases de sua ira lhe viessem à bôca, no impulso da revolta, não deixou que uma única palavra lhe saísse dos lábios. A certa altura, viu-se obrigada a segurar os braços da cadeira para se dominar. E como, mesmo assim, tivesse receio de si mesma, ergueu-se da mesa, sem esperar pelo café.

E no sábado, ao atravessar a varanda para entrar na alcova, viu quando a filha assomou à porta do quarto, trazendo nas mãos o véu, o têrço e o missal, preparada para sair.

Cristina sentiu-se gelar, assaltada pela impressão de que o sangue lhe fugia, com um apêrto no coração, ante a figura magra e de prêto, que por um momento a fitou, quase ao meio da varanda. E como se empurrasse a si própria, deu mais um passo à frente. Doeu-lhe o pé, comprimido pela firmeza do movimento. E um tremor repentino se apoderou de seus lábios. Tudo depressa, em dois ou três segundos. E antes que a mãe desaparecesse pela porta da alcova, alteou resolutamente a voz:

— Mamãe, eu vou ao Colégio me confessar.

Na alcova, apertando as mãos na carne dos braços, Mariana demorou um momento de olhos fechados, imóvel, tentando dominar-se. E começou a ouvir nos degraus da escada o passo da filha, que descia e parava, descia e parava, apoiando-se no corrimão.

XXX

De volta da janela, onde permanecera uns momentos a olhar distraidamente o pátio no mormaço da tarde, Ernesto acercou-se mais uma vez do Luna, que punha em ordem as fichas da consulta:

— Podes tomar nota do que vou dizer — afirmou, numa voz pausada, deixando cair o corpo na velha cadeira de vime, a um canto da saleta. — De amanhã em diante, êste teu amigo vai ser outro homem. Outro homem — repetiu.

Esticou as pernas, deixando ver o cabo do rebenque enfiado no cano de uma das botas, e pô-se a rodar os polegares, com as mãos entrelaçadas por cima do peito, sem tirar os olhos do Luna, que parecia absorto no seu trabalho, o rosto vermelho e suado envolto na fumaça do cigarro.

Em redor, no imenso casarão assobradado da Santa Casa, o silêncio se alongava por salas e corredores, apenas interrompido pelo passo ágil das freiras na ronda aos quartos e enfermarias.

Minutos depois, ainda com o cigarro no canto da bôca e sempre a ordenar as fichas no fichário, o Luna indagou, sem levantar a vista para Ernesto, que o olhava por baixo das pálpebras:

— E por que amanhã?

— Hoje a Chicó faz anos e eu não posso deixar de lhe dar o meu abraço — replicou Ernesto, continuando a rodar os polegares. — Mas amanhã mudo de vida. Adeus, passeios a cavalo. Adeus, vida boêmia. Entro na compostura dos comerciantes da Praia Grande.

Levantou-se novamente, tirando o rebenque do cano da bota, e andou até o fim da saleta, sacudindo no ar o chicote:

— Cedo — continuou — vou ao Colégio das freiras levar o dote da Cristina. Na volta, meto-me no escritório. Meu dia agora há de ser no trabalho, firme na minha mesa. Já é tempo de dar um pouco de descanso ao Lemos. E de noite, nada de ficar à toa: é em casa, lendo. Preciso voltar aos

meus poetas e romancistas. Não rias não. É verdade. Assegurei à Cristina que, por minha causa, ela não deixará de ser freira, e já mandei o Padre Galvão levar a notícia de minha nova vida à Madre Superiora.

De volta, parou em frente ao Luna:

— Sei que não vai ser fácil, mas também sei que nunca deixei de cumprir o que prometo, e tu sabes disso.

O Luna, ainda com o rosto envolto na fumaça de cigarro, estendeu-lhe a gorda mão efusiva por cima da mesa:

— Dou-te os meus parabéns. Como teu amigo e como teu médico. Já terias feito isso há mais tempo, se desses ouvido aos meus conselhos. Com a vida que vinhas levando, não irias longe. Tua pressão subiu muito, de outubro para cá. Precisavas ter mais cuidado com ela. Agora, fico tranqüilo. Tiraste um pêso de cima de mim.

Pela porta que abria para o corredor, assomou o chapéu engomado de uma irmã-de-caridade:

— Doutor — disse ela ao Dr. Luna, com uma expressão de susto no rosto comprido — o doente do 23 não está passando bem.

Num instante Ernesto se viu só na pequena sala caiada, onde só havia a cadeira de vime, a pequena mesa de aço com o fichário, um armário de madeira e o sofá de couro onde o Luna passava as noites nos dias de plantão. Imóvel diante da mesa, pela primeira vez atordoado com a notícia de que a sua pressão tinha voltado a subir, interrogava-se: — Por que não olhava a sua ficha no fichário? E pôs-se a torturar o cabo do rebenque, indeciso. Depois, mais senhor de si, andou até a janela, dispersando o olhar pelas velhas árvores quietas, que deitavam largas sombras no silêncio do pátio.

E ali, enquanto aguardava o regresso do amigo, deixou cair os ombros, num gesto de resignação. Chegaria aos cinqüenta anos? Parecia-lhe agora que não. Seu pai morrera cedo, vítima do derrame fulminante. Iria pelo mesmo caminho? Ou terminaria como o avô, arrastando durante anos a sua hemiplegia, o braço bambo, a bôca meio torta? Era isto que temia. Antes a morte súbita, que apaga a vida numa rajada, sem dar tempo à piedade alheia.

Curvou-se para o pátio, descansando os braços na madeira do peitoril da janela, tomado de uma tristeza mais funda, que lhe apertava o coração. Durante a gripe, a morte não o

aterrara. De ânimo sereno, assistira a tanto doente, sem dar importância alguma à própria saúde. E a quantos vira a morte levar! Sempre de ânimo sereno — reconhecia. E de repente, agora, talvez por senti-la à sua volta, rondando os quartos e corredores do imenso hospital, tinha-lhe mêdo, arrepiando-se à idéia de que, em breve, chegaria a sua vez de ficar quieto, olhos vidrados, mãos sôbre o peito, rodeado de velas.

Olhou aborrecidamente o relógio, com uma ponta de incontida impaciência pela demora do Luna, e ergueu o busto, voltando-se para o outro lado da saleta. Depois, suspendendo os ombros, tentou atirar de si a idéia que o consumia. Por que estava ali a ruminar pensamentos fúnebres? Quando a morte tivesse de vir, viria. Não adiantava afligir-se antes do tempo. Que lucrava com a sua aflição? A vida era assim mesmo. Não podia mudá-la, nem escapar ao derradeiro lance de seu destino.

Quando voltou à cadeira, após ter consultado mais uma vez o relógio, sentiu que a sua angústia se tinha atenuado. E demorou o pensamento na lembrança da última tarde, quando a Cristina lhe aparecera no sobradinho do Destêrro.

— Doutor, depressa, venha ver quem está aqui!

E a voz de Cipriana, vinda da varanda, não se contentava em chamar por êle em tom festivo: redobrava de exclamações alvoroçadas, por entre os latidos do Lorde, e invocava São Benedito, com as lágrimas despencando dos olhos felizes.

— Ah, meu santo, que presente de Ano-Bom você me trouxe! Que bonita que está a minha filha! Benza-te Deus! Corra, doutor! Venha ver quem apareceu! Ah, meu São Benedito, eu vou levar uma vela do meu tamanho na tua procissão!

Ernesto saltara da rêde, ainda estremunhado da sesta prolongada, e não acertara com as chinelas, correndo descalço para a varanda e esmagando no alvorôço a cabeça do seu melhor cachimbo. Entre a rêde e a porta, antes de sair ao corredor, só lhe passou pela cabeça a figura da Morena, certo de que ùnicamente a filha mais velha teria resolução e ânimo para entrar pelas ruas do Destêrro e vir ao seu encontro, mesmo sabendo que era aquela a zona proibida da cidade. E daí ter crescido o seu espanto ao dar com os olhos em Cristina, à entrada da varanda, com a velha Cipriana ajoelhada aos seus pés, de mãos erguidas para o céu.

— Parece uma santa, meu São Benedito! — exclamava a preta a chorar. — Ah, meu' Deus, eu morro de alegria! Ah, minha Nossa Senhora!

Contagiado pelo alvorôço da velha, o Lorde sacudia a cauda e latia, avançando e retrocedendo.

— Que é isso, Cipriana? Levanta-te daí! — ralhava agora Cristina, travando-lhe do braço, para obrigá-la a levantar-se.

E Ernesto, logo a seguir:

— Tu na casa de teu pai, minha filha! — exclamou, sentindo que também não podia reprimir o pranto.

Depois, já tornado a si da inesperada emoção, levou Cristina para a sala, cingindo-a pela cintura, e ali a ouviu por largo tempo, numa conversa em voz baixa, até que a tarde começou a esmorecer. Houve um momento em que baixou a cabeça, vexado. Mas não demorou a erguer o rosto, mostrando os olhos úmidos, ao mesmo tempo que adiantava os braços para agasalhar nas mãos trêmulas as frias mãos da filha. Para vê-la feliz, faria o que estivesse ao seu alcance — assegurou-lhe.

— Hoje mesmo — adiantou — vou à casa do Padre Galvão. E quanto ao dote, não te preocupes: depois de amanhã, antes do meio-dia, eu próprio irei levá-lo à Madre Superiora. E hás de ver que já serei outro homem.

Voltou a consultar o relógio, alertado pelo fulgor da tarde, e saiu a olhar o corredor para ver se descobria o Luna, nos labirintos do hospital. Antes de ir ao escritório, queria dar uma volta a cavalo, num giro longo pela cidade. E no dia seguinte, cedo, faria o Tião recolher a montaria. Pela manhã, falara ao Lemos sôbre o dinheiro alto de que precisava. O velho coçara a cabeça, num gesto aborrecido:

— Passe por aqui à tarde — replicara, carrancudo. — Vamos ver o que se pode arranjar.

Logo compreendeu que o velho lhe fechara o rosto, sêco, trombudo, fala áspera, na antevisão de que êle, Ernesto, iria cometer nôvo desatino. E quis dizer-lhe que desta vez se enganava: daquela quantia não tiraria um real. Mas preferiu deixar a revelação para o momento em que o Lemos, cabeça baixa, mais curvo no sovado paletó de lustrina, lhe entregasse o dinheiro.

Sorriu de leve, com o pensamento na surprêsa que ia dar ao velho. E alongou o olhar pelo corredor do hospital, a ver se o Luna aparecia. Eram quase quatro horas — repetiu-lhe

o relógio grande da parede fronteira. Logo uma freira passou depressa, sacudindo o crucifixo que lhe pendia da cintura, e desapareceu na dobra do corredor. Outra freira surgiu, no mesmo passo ligeiro e fôfo. Ouviu-se um gemido alto, depois um grito, e logo o silêncio se espalhou pela casa, picotado pelo tique-taque do relógio.

Ernesto retrocedeu para a saleta, sentindo que o pressentimento da morte lhe voltava, num arrepiu de terror. E veio à janela, as mãos comprimindo as têmporas, novamente salteado pelo dor de cabeça fulgurante que lhe escurecia a vista e o fizera recorrer ao Luna naquela tarde. A cápsula que havia tomado estava tardando a lhe dar alívio. Permaneceu quieto uns momentos, apoiando os cotovelos no peitoril de madeira, e foi notando que a dor se desvanecia, ao mesmo tempo que seus olhos aceitavam a luz através das pálpebras entrecerradas. Por fim, conseguiu abri-los de todo, e viu que a primeira tonalidade rósea atenuava o azul da tarde, por cima das gordas árvores do pátio.

— Desculpa, se demorei mais do que esperava — escusou-se nesse momento o Luna, já dentro da sala, alagado de suor. — Era um caso perdido — adiantou, numa voz pesarosa. — Fizemos tudo que era possível.

Ernesto bateu-lhe no ombro, depois de um silêncio:

— Luna, diz-me uma coisa: por que é que não acreditas em Deus?

E o Luna, acendendo outro cigarro:

— É engano teu: acredito. Acredito na existência de uma fôrça misteriosa, acima de meu entendimento, e que criou o universo, o homem, a vida, os pássaros, tudo quanto vemos e sentimos, e ainda o que não vemos nem sentimos. Essa fôrça é que é Deus. Não acredito é na alma. A vida é só esta, amigo velho. O homem, sempre ambicioso, é que não se contenta com ela: quer mais, muito mais, e inventou a vida eterna, nos tormentos do Inferno ou nas delícias do Paraíso.

Sacudiu a cinza no cinzeiro:

— Considero a vida como a oportunidade que Deus nos deu para que lhe conheçamos os podêres e as maravilhas. E daí o meu cuidado, como médico, em alongar a vida alheia, para que o meu semelhante se deslumbre, sem sofrimentos, ou sofrendo o menos possível, com uma tarde como esta.

Ernesto apanhou do cabide o chapéu:

— Isso não é blague, Luna?

O Luna ergueu os ombros, com ar de riso. E inclinando a cabeça, olhinhos brejeiros, para deixar o outro na dúvida:

— Quem sabe, hem?

Aproximou as sobrancelhas, com estranheza:

— Que é isso? Já te vais embora? Espera, conversa mais um pouco.

Porém Ernesto adiantava a mão, confirmando a despedida. Queria aproveitar o resto da tarde — da sua última tarde vadia... E de repente, ao choque de uma lembrança:

— Sabes onde está morando agora a Maricota Novais?

E o Luna, alargando novamente o rosto no sorriso:

— A costureira? Não me venhas dizer que lhe vais encomendar um vestido...

— Adivinhaste. E um vestido de baile — adiantou o Ernesto.

— Cria juízo, criatura — volveu o Luna, malicioso. — Basta de atirar dinheiro pela janela. A Maricota Novais só trabalha para gente séria.

E Ernesto, com vivacidade:

— Não te inquietes por isso. Sei o que estou fazendo. Fica descansado que não vou escandalizar a costureira. Pelo contrário: vou subir muito no seu conceito. Tão certo quanto eu me chamar Ernesto.

O Luna se deu por satisfeito:

— É no Largo do Quartel, no corredor da casa do Maneco Jansen, um sobradinho de azulejos, com sacadas de ferro.

No Largo da Misericórdia o cavalo esperava pelo dono, roendo a grama do chão, à sombra de um oitizeiro. Uns restos de mormaço na praça deserta. Adiante, o velho carro do Luna. E do outro lado da rua, na sombra que se estendia ao pé de um muro, as primeiras cadeiras na calçada para a noite de luar.

De começo Ernesto deixou que o cavalo seguisse a passo, vagarosamente, rédeas frouxas, contornando o casarão da Santa Casa até alcançar a Rua do Passeio. Porém, mais adiante, picou-o com a roseta da espora, na direção do Largo do Quartel.

A idéia do vestido de baile acudira-lhe de repente, como uma inspiração feliz, ao pensar no que devia dar à Morena, como compensação de momento ao dote de Cristina. Reconhecia que o valor do vestido era nada diante da quantia destinada à outra. Mas compensava o contraste com a delicadeza da lembrança. E de cabeça veio compondo a figura de Morena no vestido longo que lhe desceria até os pés, alta, vis-

tosa, sobressaindo a beleza dos olhos negros no rosa-claro da gaze esvoaçante — a gaze esvoaçante que lhe ficara na memória, numa reminiscência da festa do Casino Maranhense em que, ainda solteiro, de volta a São Luís dançara pela primeira vez com Mariana. Como o tempo tinha corrido! E como tudo tinha mudado! Nem sequer a cidade lhe parecia a mesma, não obstante a persistência dos velhos sobrados de azulejos, com seus beirais e os seus mirantes, e a antiga vida pacata, urdida de mexericos e maledicências, com os mesmos pregões, as mesmas festas de igreja, e os mesmos tipos de rua, como aquêle Doutor Tibério, de sobrecasaca e camisa de peito duro, que assestava o lornhom para tôdas as môças bonitas que ia encontrando no seu caminho.

Ao passar pelo mulato, tirou-lhe o chapéu:

— Boa tarde, Tibério.

— Boa tarde, Excelência — replicou o velho, tirando por sua vez a cartola.

A viração da rua, a luz quebrada da tarde e o galope do cavalo deram-lhe uma sensação repentina de harmonia e de paz que o consolou das angústias recentes. E daí a calma com que apeou na calçada do sobradinho de azulejos e bateu palmas perguntando por D. Maricota Novais.

— Suba, Dr. Ernesto — disse-lhe uma voz de mulher, no alto da escada.

E lá em cima, conservando a serenidade confiante, sem se preocupar com a fisionomia admirada da costureira, que lhe sorria apertanto os olhinhos pregueados, fêz a encomenda do vestido para a filha, ressaltando que o queria de gaze rosa-claro, a melhor que houvesse, de preferência vinda de Paris.

— Morena faz dezoito anos a 8 de outubro — explicou, rodando tranqüilamente o chapéu na ponta do dedo indicador — e eu quero dar a ela, como lembrança êsse vestido de baile. O mais bonito que a senhora puder fazer, D. Maricota, e o mais fino, e o mais rico. Não faço questão de preço. Só lhe peço é que não deixe ninguém saber da encomenda, para que a surprêsa seja completa. Como a senhora sempre costurou para as minhas filhas, creio que tem as medidas da môça. É a mais velha, veja bem: a de olhos negros, que se parece comigo.

Mergulhou a mão no bôlso do culote, procurando a carteira. E tirando um maço de cédulas, sem contar:

— Deixo aqui alguma coisa para a fazenda e os aviamentos. Depois mande a conta para o meu escritório, com o velho Lemos. E trabalhe descansada. Até outubro, temos tempo bastante para que saia uma obra-prima. 8 de outubro, não esqueça. Quero que o vestido vá numa linda caixa, com êste meu cartão. Por favor quer me emprestar uma caneta e um pouco de tinta?

E abancando-se à mesa, após arredar os retalhos que tomavam o tampo do vidro onde descansava os punhos, escreveu numa letra firme, por cima de seu nome, na linha do cartão: "No dia de hoje, êste carinho de teu pai". E a um canto, antedatou: 8.10.19.

— Neste dia, cedo, mande o vestido — recomendou, entregando o cartão.

Maricota Novais tinha ficado séria, sem saber ao certo se o Dr. Ernesto, no tom calmo em que lhe falava, estava bêbado ou no seu juízo. E nervosa, entrelaçando os dedos:

— Sim. 8 de outubro, cedo — confirmou. — E numa bonita caixa, amarrada por uma fita côr-de-rosa — acrescentou. — Vá descansando. E muito obrigada pela confiança. Um gesto dêstes a gente não esquece.

Na rua, antes de enfiar o pé no estribo para escanchar-se na sela, Ernesto fêz uma vênia, acompanhando o movimento da cabeça com o chapéu:

— Os meus respeitos, D. Maricota.

Desceu a Rua da Paz sem pressa, sentindo que uma serenidade mais pura, a que se associava a algazarra vesperal das primeiras andorinhas que se recolhiam, descia ao seu velho coração consolado. E essa serenidade o acompanhou até o fim da rua, atravessou com êle o Largo do Carmo, e ainda com êle desceu a Praia Grande, no mesmo passo frouxo do cavalo, à derradeira luz da tarde.

Mas, assim que entrou no escritório, ainda tinindo as esporas nos mosaicos do comprido corredor, teve o pressentimento de más notícias, ao ver que o Lemos, contra seu hábito e feitio, gritava a um dos empregados, com ameaças de mandá-lo embora.

Preparando-se para o dissabor, esperou que o velho se alcamasse. E assim que o viu calado, por trás da mesa atulhada de livros mercantis:

— Conseguiu o dinheiro?

E o Lemos, explodindo:

— Só promessas! Nada mais que promessas! E promessas frouxas, como se estivéssemos com a corda no pescoço!

Ernesto deixou cair os braços ao comprido do corpo:

— E para quando?

— Sei lá! Sei lá!

Tão grande foi a desorientação de Ernesto com as palavras e a gesticulação do velho que, num relance, sentiu a vista escura, e se apoiou no tampo da secretária. Ainda atordoado, escorregou para o sofá de couro que acompanhava a parede. Dois ou três minutos deixou-se ficar ali, a mão direita amparando a testa, pernas bambas, desnorteado. E agora, como fazer? De olhos no chão sentia o nervosismo do Lemos, indo e vindo, indo e vindo entre a mesa e o lavatório, as botinas de elástico rangendo alto nos ladrilhos do chão. E viu quando essas botinas se acercaram do sofá.

— Afinal de contas, para que era êsse dinheiro? — indagou o Lemos, ainda numa voz alterada, com evidente aflição.

E Ernesto, descendo as mãos pelo rosto:

— Para o dote de Cristina, que quer ser freira.

— E por que não me disse logo a verdade? Para isso há de se dar um jeito! — tornou o velho, quase aos gritos.

Quando Ernesto ergueu a vista, náufrago a quem a onda do mar alto arremessa à praia num capricho do vento, deu com o Lemos trepado num tamborete, a acender com um palito de fósforo o bico de gás, acima do cofre de ferro. Sem fôrças para se levantar, embora começasse a experimentar uma sensação de calor que lhe subia do peito para o rosto, deixou-se ficar imóvel no sofá, seguindo com os olhos os movimentos do outro, agora vergado para o segrêdo do cofre, a apertar as pálpebras sôbre o disco de metal que os dedos tortos seguravam, ora girando à direita, ora à esquerda, enquanto a sua sombra alta dançava na parede. E Ernesto ainda se conservou parado até que o Lemos recuou um passo, abrindo nervosamente a fôlha do cofre, que rangeu forte nos gonzos. Logo as mãos ossudas se adiantaram para o puxador de uma gaveta, que se deslocou do encaixe e saiu fora, suspensa com esfôrço por dois braços arqueados. E no momento em que a claridade do gás fêz saltar dali um brilho profuso de ouro, com as libras esterlinas amontoadas no interior da pequena gaveta de metal, Ernesto não conteve o impulso na direção do Lemos, e ficou de pé.

— Guardei estas libras, desde o comêço da guerra, com receio de uma dificuldade nos bancos. Felizmente a firma venceu todos os apertos, sem precisar tocar nesta reserva — explicou o velho, ainda de fisionomia fechada, deixando cair pesadamente a gaveta no tampo da secretária.

E à medida que, ante o olhar atônito de Ernesto, contava e empilhava as libras, por trás da vasta mesa atulhada de livros e papéis, seu rosto comprido e encovado, a que o nariz pontudo dava um toque de caricatura, ia perdendo a sisudez carregada, para se banhar de uma suave expressão enternecida, que a doçura da voz logo depois confirmou:

— Aqui tem o dote da menina — disse êle, apertando os olhinhos rodeados de rugas, como se fôsse rir.

E começou a recolher o dinheiro num saquinho de veludo azul. Depois, já sentado à secretária, fechou o saco com um pedaço de barbante, deixando ver à luz forte do bico de gás as manchas que lhe pintalgavam o dorso das mãos cortadas de veias, e passou o dinheiro a Ernesto, que o recolheu ao bôlso traseiro do culote.

Durante um momento os dois se olharam, calados. E enquanto o Lemos sorria, comprimindo emocionadamente a bôca funda, Ernesto pestanejava, tentando reprimir as lágrimas que lhe cresciam dentro dos olhos.

E quase uma hora depois, quando se despediu do Lemos, ainda sentia um apêrto na garganta, que não lhe deixava falar.

Cá fora era noite fechada.

Já a Praia Grande deserta, com os seus imensos sobradões cerrados e um ou outro transeunte retardatário na imensidão das ruas, dava a impressão de que afundara cedo no sono, extenuada de tanto trabalho durante as horas do dia.

Nas pedras do calçamento, as ferraduras do cavalo tiniam alto, e foram elas, ressoando assim no silêncio do bairro adormecido, que restituíram a Ernesto a lembrança da noite em que por ali passara, ao tempo da gripe, em companhia dos músicos ciganos, caminho da pensão da Chicó.

E batendo a mão na testa, a um clarão da memória:

— E eu ia me esquecendo dos anos da Chicó! — exclamou.

E rápido, recolhendo a rédea, obrigou o cavalo a dobrar a esquina, para subir devagar, mais adiante, passo a passo, sob

o clarão das lâmpadas elétricas, a comprida ladeira da Rua de Nazaré.

XXXI

Quando chegou ao fim da ladeira e viu à sua direita, defronte do pardieiro do Palácio dos Holandeses, o imenso sobradão de três andares que fecha a esquina da Rua do Giz, Ernesto sentiu que a figura morta da Rosária renascia em sua memória, e deixou que o cavalo o levasse além do sobrado, como se não fôsse descer ali.

Logo adiante, no patamar da larga escadaria què obriga a rua a descer em socalcos de pedra na direção do Largo das Mercês, recolheu as rédeas, com um apêrto no coração, erguendo o olhar enternecido para as duas últimas janelas que se debruçam sôbre a ladeira.

Estêve assim um momento, como atordoado. E só então reparou que, acima dos telhados escuros, apontava uma Lua enorme, solitária no escampado da amplidão sem nuvens.

Sentia-se inclinado agora a vaguear pela cidade, numa última volta romântica aos lugares de seu agrado. Só assim a imagem da Rosária, afinal rediviva no seu mundo de lembranças, iria com êle pela noite de plenilúnio, até desfazer-se nalguma seresta de violões que encontraria no seu caminho.

Por que subir ao sobrado, se não mais a encontraria ali à sua espera, já com as duas janelas do quarto fechadas e a cama preparada para a sua nudez? Três meses antes, tinha dormido com ela. E essa derradeira posse, com o corpo ainda úmido do banho de cheiro, refluía à sua consciência, e êle lhe sentia os seios esmagados sob seu peito, ao mesmo tempo que lhe via o rosto sereno, olhos cerrados, envôlta no abandono de quem dorme feliz.

— Que novidade, é essa, Senhor Doutoire? Está estranhando o sobrado? Ou vai querer comprá-lo da grande Chicó?

Ao voltar-se na sela, com uma repentina expressão aborrecida, para ver quem lhe interrompia o silêncio, Ernesto não pôde deixar de sorrir, ao dar com a gorda figura do Silvino Brandão em mangas de camisa, colarinho aberto, à beira da calçada, empunhando a guitarra.

— A farra hoje vai ser soberba, Doutoire. Há caras novas. E lindas. A Chicó nos apareceu formidável, tôda de vermelho, enchendo a sala com as suas nádegas majestosas. E decidida

a abrir champanhe. O Robalinho já está lá em cima, no piano. Até eu me animei a buscar a guitarra. E hei de fazer as meninas chorarem com os fados do Hilário que aprendi no Bairro Alto. Vamos. Anime-se. Entre comigo.

E Ernesto, firmando o pé no estribo:

— Não precisa repetir o convite. Já pulei da sela — replicou, saltando à borda da calçada. — A tua guitarra vale a noite.

O elogio rasgado fêz o Brandão alargar ainda mais a cara no sorriso feliz. E baixo, atarracado, a barriga imensa empurrando a braguilha da calça, curvou-se, numa vênia gaiata:

— Faz-se o que se pode, Senhor Doutoire. Nasci com alma de rouxinol: o meu destino é cantar. Ah, se aqui houvesse choupais, como em Coimbra!

Apoiando a guitarra na barriga, tangeu-lhe as cordas com a unha pontuda do polegar e sem demora esgoelou no êrmo da rua um ai sentido, que se espalhou no quarteirão.

Tocando e cantando, meteu o ombro na fresta da porta do sobrado, dando mais espaço ao corpanzil redondo, e passou adiante, caminho da escada frouxamente iluminada, sempre seguido de perto pelo Ernesto, que se pusera a esfregar as mãos, radiante, antegozando a grande noite que ia viver.

Do alto vinham os compassos de um tango que o Robalinho floreava a seu modo. Mas logo o vozeirão lamuriento do Silvinho Brandão fêz subir até lá o queixume do fado, calando repentinamente os soluços do piano, ao mesmo tempo que um ruído de vozes alegres e de passos alvoroçados corria para o patamar à sua espera, com a Chicó à frente, grande, gorda, barriguda, apertada num vestido escarlate que lhe destacava ainda mais as enxúndias excessivas.

— Palmas para o Brandão! gritou ela.

Uma desatinada alegria apoderou-se de Ernesto, que se atirou escada acima, de dois em dois degraus, e abraçou-se à Chicó, como se fôsse erguer no ar a velha, antes que esta, pondo o leque diante da bôca em funil, concluísse o oh! de espanto com que o vira aparecer na volta do corrimão.

E na algazarra das palmas e dos gritos efusivos, que a garganta do Brandão suplantava gemedoramente, Ernesto entrou na larga varanda convertida em salão de festas.

À luz forte de dois bicos de gás, uma vasta mesa atulhada de bebidas e vitualhas. E em redor da mesa, as caras novas que êle ainda não conhecia.

— Isto está florido, Chicó! — exclamou, rodando o olhar contente, sobrancelhas alteadas, e buscando onde sentar.

— Aqui ao meu lado — acudiu prontamente a Chicó, dando-se ares imperativos e arrastando uma cadeira. — Aqui — insistiu, refestelando-se à cabeceira enquanto Ernesto volteava a mesa intímo de tôda a gente, distribuindo abraços, beijos, piparotes e gracejos, com um brilho afogueado nos olhos negros.

O Silvino Brandão, o pé direito apoiado no estrado do piano, continuava a encher a sala com os ais do fado, já agora acompanhado pelo Robalinho, que batucava o teclado, tentando ajustar-se às notas da guitarra, por entre o tinir dos copos e das garrafas.

Foi ao sentar, depois de ter louvado o uisque que lhe deram a beber ainda de pé, que Ernesto reparou na figura esguia e morena, olhos quebrantados sob sobrancelhas finas, rosto sem pintura, os cabelos fartos apanhados para trás, que interessadamente o seguia, do outro lado da mesa.

— Não, Chicó — protestou, voltando a levantar — eu vou sentar é ali, junto daquele pedaço de mau caminho.

E assim que se acomodou, abrindo espaço entre as cadeiras apertadas e obrigando o Zuza Soares a mudar de lugar, passou o braço por cima dos ombros da rapariga, que lhe sorria agora pelo canto dos olhos pestanudos, ainda mais oferecido no cavado do vestido que lhe mostrava a curva dos seios:

— Como te chamas, boneca?

— Miriam Serejo.

— Bonito nome! — exclamou.

E pôs-se a repeti-lo, enquanto lhe afagava a nuca com a ponta dos dedos, num começo de carícia, que ela respondeu, alteando os ombros num gemido, arrepiada.

Não obstante os gritos da Chicó reclamando o silêncio, ia em redor um princípio de balbúrdia. E sempre o Silvino Brandão a cantar, como alheado de tudo, a alma abismada nos ais que a guitarra tornava mais pungentes. Um caixeiro-viajante dado a discursos tinha-se levantado, pedindo a palavra para um brinde à aniversariante. E logo Ernesto, apenas movendo os olhos e alteando as sobrancelhas, sugeriu à Miriam que saissem da mesa.

No quarto espaçoso, começou por abrir as janelas sôbre a escadaria da Rua do Giz:

— É para o luar entrar — explicou, ante a estranheza da rapariga, que se despia junto ao grande leito de ferro.

E veio à mesinha de cabeceira, com a intenção de apagar o candeeiro, para realce da luz da Lua.

Antes de soprar a chama por cima do bocal de vidro, esperou que Miriam acabasse de tirar a roupa. E a luz vermelha, batendo-lhe em cheio no rosto afogueado, destacava as suas pupilas negras, que refletiam com um brilho nítido a crescente nudez da rapariga.

— Não precisa me comer com os olhos — disse ela, já nua, estirando-se na cama e descansando a cabeça nas mãos para empinar os seios.

E Ernesto, olhos em fogo, soprando a chama:

— Sabes a vontade que me deu agora? Montar-te nua no meu cavalo, para uma volta pela cidade.

Na sombra que envolveu o quarto, assim que a luz do candeeiro apagou, ouviu a risada fresca de Miriam:

— Bem me tinham dito que você não tinha juízo!

Aos poucos, o luar se estendera pelo aposento, confundindo a sua claridade com a alvura do lençol da cama. Pela janela aberta, via-se a Lua, grande, redonda, e sua luz recortava agora sôbre o lençol o corpo nu que o riso sacudia.

— Não rias — volveu Ernesto, parado diante da cama. — Já houve uma mulher que fêz assim.

Miriam ergueu a cabeça, interessada:

— Nua, montada num cavalo?

— E passeou assim pela cidade. Chamou-se Godiva, mulher do Senhor de Conventry.

Miriam parou de rir:

— E essa dona não foi prêsa?

— Não. Ganhou uma popularidade imensa. Até hoje se fala nela. Podias fazer o mesmo. Lá embaixo está o meu cavalo. Tu montas e eu puxo o cavalo pela rédea. Subimos a Rua de Nazaré, entramos no Largo do Carmo, descemos a Rua Grande, entramos na Rua dos Remédios, e voltamos até o Largo do Palácio. Será formidável. E ainda por cima com êste luar esplêndido! Ficarás famosa, Miriam! Terás teu nome nos jornais do mundo inteiro. Anda. Vem comigo. Depressa!

Porém Miriam, tomada de mêdo e susto, retraíra-se mais na cama:

— Só se eu fôsse doida — replicou.

E numa inspiração feminina, abriu os braços, banhada pelo clarão do luar, chamando-o:

— Eu me despi foi para te gostar, não foi para sair pela rua montada num cavalo. Anda. Vem.

Parado ao pé da cama, Ernesto sorria, com a sensação de estar suspenso no ar. Da varanda vinha o sussurro das vozes animadas, superpondo-se ao piano e à guitarra. E êle a sentir que uma estranha fôrça lhe dominava o ser, acima de sua vontade. De agora em diante, não podia retroceder. Tinha que mergulhar fundo, sem saber aonde o poderoso impulso o conduzia, certo de que só volveria a si, exausto e apaziguado, um ou dois dias depois. E começou a jogar a roupa no chão, à medida que se despia.

O baque metálico do culote, no momento em que Ernesto o deixou cair no chão, fê-lo recordar-se, num relance, das libras esterlinas que trazia no bôlso; mas logo essa lembrança se desvaneceu, levada por dois saxofones, uma flauta, um violino e um contrabaixo, que interromperam na varanda acompanhando o piano e a guitarra.

Felizmente os braços de Miriam o prenderam, trazendo-o para a cama, antes que êle, inteiramente nu, apenas calçado numa das botas, saísse do quarto, atraído pela orquestra:

— Foi o Bílio que chegou! — gritava. — Eu preciso ver o Bílio!

Redobrando de esfôrço e vigilância, Miriam conseguiu contê-lo, submissa à brutalidade com que êle a possuía, e foi ela que, daí a momentos, o ajudou a vestir-se, já agora à luz do candeeiro.

— Vou te pagar em ouro esta noite — prometeu Ernesto, exaltado, junto ao candeeiro, abrindo o saco de libras esterlinas. — Uma, duas, três, quadro, cinco. Cinco libras por um momento de amor — acrescentou, abrindo o rosto no sorriso feliz e empilhando as moedas no mármore da mesa. — Só eu faço isto. Mais ninguém. Só eu.

E tiniu as esporas, saindo do quarto.

Alguns minutos depois, quando Miriam voltou à varanda, viu Ernesto a uma ponta da mesa, de pé, empunhando a taça de champanhe que levara aos lábios, o rosto contraído numa expressão de repulsa.

— Chicó — gritou êle, exaltado — eu não bebo champanhe ordinária. Tu estás me desconhecendo!

E quebrando a taça no tampo da mesa:

— Manda buscar uma caixa de champanhe francês no Lobão. La Veuve Cliquot, Chicó! Uma caixa inteira!

A Chicó fechou o leque com que abrandava o calor e, sorrindo, a cabeça inclinada para um lado, estendeu na direção de Ernesto a longa mão interesseira, tôda reluzente de pulseiras e anéis, perguntando pelo dinheiro com o roçar do indicador no polegar:

— L'argent, mon amour! L'argent pour payer le champagne!

Ernesto, num gesto rápido, mergulhou a mão no bôlso do culote. E deixando cair no tampo da mesa um punhado de libras:

— Aqui está o dinheiro, velha marafona. E manda vir duas caixas em vez de uma. Quero ver tudo bêbado esta noite!

E como o contrabaixo roncasse, chamando os outros instrumentos, Ernesto saltou para o estrado do piano:

— Agora quem toca sou eu.

Espalmou as mãos sôbre o teclado, floreou umas notas a êsmo, e atacou o prelúdio da Polonaise, fazendo tinir as esporas no momento de calcar os pedais, logo seguido pelo violino e pela flauta, enquanto à sua volta se formava uma roda de caras pasmadas, com o Robalinho a sacudir aprovativamente a cabeça, à medida que iam crescendo os compassos, na maestria da execução.

— Bravos! Bravos! — berrou o Silvino Brandão, sem poder bater palmas, porque sobraçava de um lado a guitarra e do outro uma garrafa. — Viva o pândega! Viva o pianista!

E Ernesto, assim que se levantou, ainda envolto no tumulto dos aplausos, voltando-se para o garçom magro, que lhe estendia a bandeja de bebidas, muito sestroso e emocionado:

— Saia de minha frente! Dê o fora daqui! Hoje eu não quero ver pederastas! Rua! — ordenou, fora de si.

Mas, quase no mesmo instante, a fisionomia fechada se iluminou, ao ver apontar no alto da escada as duas caixas de champanhe:

— Evoé! Viva a alegria!

E para a orquestra, ainda mais exaltado:

— Música! Muita música! Música para se dançar!

E segurando uma das bordas da mesa, arrastou-a para um lado, tomado de energia espantosa, que parecia desprender-se de todo o seu corpo, no movimento das mãos, na vivacidade dos olhos, na impaciência da voz, na rapidez com que trocava

de lugar, e ainda nos gritos com que ia ordenando a mudança, sem se importar com as garrafas e copos que perdiam o equilíbrio e caíam por entre o riso dos circunstantes e os protestos da Chicó.

Afinal, afastada a mesa, apoderou-se de uma das garrafas de champanhe. Suas mãos impacientes romperam o envoltório do gargalo e logo a rôlha saltou para o teto, após um estampido sêco que a orquestra abafou. E subindo a uma cadeira, com a garrafa suspensa nas mãos trêmulas, curvou a cabeça para trás, os olhos no alto, e derramou o champanhe diretamente na bôca, como se fôsse bebê-la de um gole.

— Esta é boa, Chicó! — afirmou, endireitando a cabeça, o rosto banhado pela espuma abundante. — Abre tôdas as garrafas.

Dir-se-ia que um vendaval de loucura varria o sobrado, levando de vencida o que encontrava no seu caminho. Enquanto se sucedia a percussão das rôlhas saltando dos gargalos, os pares se movimentavam no salão, impelidos pelos compassos da orquestra. Gritos. Risos. Protestos. E um senhor alto e de óculos a exibir os seios da rapariga que lhe sentara nos joelhos, enquanto outra erguera o vestido até a altura das calças.

E Ernesto, de taça em punho, desvairado de alegria, marcando o ritmo das danças no estrado do piano, a barba molhada de suor e champanhe:

— Evoé! Evoé! Viva a alegria!

E foi a um aceno seu, já pela madrugada, que a orquestra repentinamente parou. Depois, com as mãos no ar, pediu silêncio.

E para a Chicó, agora numa cadeira alta, ares de rainha no seu palácio:

— Chicó, tu não podes me dizer não esta noite. E eu quero ver teu sexo, aqui, em cima da mesa, na presença de teus convidados.

A velha, depois de uma risada farta, que lhe sacudiu a a barriga e os seios, apoiou a cabeça no espaldar da cadeira:

— Como é que você quer que eu lhe mostre uma coisa que eu própria, que sou a dona, não vejo há mais de vinte anos, por causa desta barriga?

E enquanto o riso redobrava, com o Brandão a sapatear casquinando a gargalhada no meio do salão, Ernesto apalpou o bôlso da calça:

— Chicó — gritou, para fazer-se ouvir — eu pago para te ver nua. Ainda tenho dinheiro. E muito. E é ouro, Chicó.

E trazendo fora um punhado de libras:

— São tuas, Chicó, para te despires, aqui em cima da mesa.

E a velha, repentinamente interessada:

— Tôdas?

— Tôdas.

Ela estendeu a mão, já de pé:

— Me dá antes o dinheiro.

Ernesto formalizou-se:

— Sobe — ordenou, contraindo as sobrancelhas. — Tu sabes que eu sou homem de palavra. — Sobe — volveu a ordenar, alteando a voz, ao mesmo tempo que, de um salto, se colocava junto da mesa.

E derramando as libras na toalha:

— À medida que te despires, eu te pago. Estas aqui — e separou a melhor porção — ficam para o momento em que tirares a calça.

Tinha ficado sério, como em face de um ato solene. E após colhêr uma cadeira, adiantou a mão solícita para ajudar a velha subir. Chicó deu um passo, depois outro, ajudada por trás pelo Brandão, e afinal se viu no meio da mesa com a mão procurando o colchête que lhe fechava o vestido à altura dos seios.

Ernesto retrocedeu alguns passos para apreciar melhor a cena, mãos cruzadas sôbre o peito, olhos atentos, sempre sério. De repente, silêncio. E uns risinhos espaçados. Logo a seguir, a risada geral: a velha tinha deixado cair o vestido e exibia agora o corpanzil medonho, apenas resguardado por um sutiam e uma calça de cetim azul adornada de rendas. E êsse friso de rendas, pendente na carne mole abaixo das nádegas, tornava-lhe as coxas ainda mais horrendas, como a realçar as bôlsas de gordura que se sucediam até os joelhos.

— Estás uma boneca — gritou-lhe o Brandão, babando-se de rir.

A Chicó havia levado as mãos ao rosto, envergonhada de si mesma. E Ernesto, sempre sério, pondo de parte as libras correspondentes:

— Estas já são tuas. Agora, vamos ao resto.

E outra vez retrocedeu.

O Brandão, ainda sapateando, amparava com as mãos a barriga convulsa. E seu riso contagiava os outros músicos e mais o senhor de óculos, que exibia a braguilha aberta nos repuxos da gaitada.

A velha, ao descobrir novamente o rosto, cerrou as pálpebras, enquanto as mãos atarantadas buscavam o fecho do porta-seios. E os dois peitos avançaram para o ventre enormes e caricatos, ladeando o umbigo, grande como um mamilo, enquanto as mãos reluzentes de anéis se precipitavam para o elástico da calça, assistidas pelo silêncio instantâneo que se alargou na varanda — e o corpo nu cresceu, mais grotesco sôbre a elegância do sapato alto, a barriga escondendo o sexo e impedindo a claridade do gás de ir até lá.

Agilíssimo, como se previsse o contratempo, Ernesto havia-se munido de um candeeiro, que levantava no braço à maneira de um archote. E com êle alçado, sempre sisudo, como indiferente ao côro de risadas que espoucavam à sua volta, rodeou a mesa, para olhar de perto a velha, iluminando-lhe a base da barriga com o cone vermelho que se desprendia do bocal de vidro.

E um momento depois, dando-lhe as costas:

— Horrível! Horrível! Nunca vi igual. Tapa essa indecência, Chicó. Tapa tudo! Tudo! E leva daqui o teu dinheiro! Depressa! Depressa!

Com a costa da mão, empurrou para os pés da velha as libras de ouro, uma expressão repulsiva de nojo no rosto contraído. E entrou no quarto de Miriam, levando de volta o candeeiro.

Demorou um momento de pé, olhando o luar que ainda descia pelas janelas abertas sôbre a Rua do Giz. E enojado, atirou-se de borco na cama, pesadamente, as pálpebras cerradas, sem se desvencilhar das botas e das esporas, como se quisesse mergulhar no sono de que jamais despertaria.

XXXII

Cipriana punha a mesa do café, resmungando, estremunhada, com uns restos de sombra noturna espalhados em sua volta. E aborrecida, enxotando o Lorde, que teimava em adiantar o focinho por cima da toalha, a farejar o seu pedaço de pão:

— Já estás me fazendo perder a paciência — ralhou, ensaiando um gesto irritado, como se fôsse bater-lhe.

Dormira mal, acordando repetidas vêzes, sempre sobressaltada, o ouvido afiado na direção do quarto do Dr. Ernesto.

Pela madrugada, tinha-se levantado com a impressão de ouvir-lhe os passos trôpegos na escada. Na dúvida, acendera o morrão da lamparina. E voltara da varanda, desapontada. Quase dia, e o doutor sem dar sinais de vida! Lá estava a rêde vazia, à sua espera. E também a mesa do jantar, com seu prato e seu talher. Nem ao menos mandara um aviso, para dizer que não vinha. Custava mandar? Não, não custava. E ela, acordada a um canto da cozinha, esperando. Zangada, fôra-se deitar. E como a zanga lhe tirasse o sono, tinha ficado um tempo enorme a embalar-se, falando sòzinha.

— Isso não é vida — resmungava agora, colocando o bule de café sob o abafador de lã. — Eu não tenho mais idade para me apoquentar e ficar sem dormir. Assim, o melhor que faço é ir embora. Mil vêzes o asilo,

E nisto reparou que o Lorde lhe deitava uns olhos tristes, cabeça inclinada, uma orelha em pé.

— Coitadinho! — exclamou a velha, roçando a mão compadecida na cabeça do cão. — Eu não vou não, seu maroto. Falo assim para me aliviar. Mas bem que tenho razão de me queixar. Tu sabes disso, tão bem quanto eu.

Na luz tímida que ia crescendo na varanda, os olhos de Lorde reluziram, ao mesmo tempo que a outra orelha empinava.

— Não precisa latir e acordar os vizinhos — advertiu a velha, ao vê-lo erguer mais a cabeça, sacudindo a cauda.

Era o seu consôlo, agora, a companhia do cão. De tarde, acabado o serviço da casa, não precisava chamá-lo para uma volta até a igreja: encontrava-o no batente da porta, aguardando por ela. E lá iam os dois pela rua estreita, êle, aos pinotes, latindo, correndo, arrastando a cauda, desassossegado e feliz; ela, devagar pesada, risonha, gozando a viração que vinha do mar. Antes de entrar na igreja, sentava num dos bancos do Largo do Destêrro e distraía o olhar nas águas mansas do Bacanga, por cima dos telhados encardidos que marginavam um pedaço de cais. O azul do céu se desmanchava quase sempre num tom róseo. E vinham chegando as crianças que brincavam à sombra das árvores. Deixava então o banco e ia rezar o seu têrço. Como Nosso Senhor sabia a idade dela, não precisava pedir licença para rezar sentada. Depois, no mesmo passo lento, volvia ao largo, gritava pelo Lorde, e lá vinham os dois, de volta.

— Ninguém me tira da cabeça que êste bicho não é gente — observava, rindo contente, ao ver o cão contrafeito na

calçada, caminho de casa. — Pelo gôsto dêle, ficava na rua vadiando.

E mais se convencia de que o Lorde tinha uma alma igual à sua, quando o via subir a escada trazendo na bôca o jornal da manhã ou a correspondência que o carteiro lhe entregava.

Nas horas expansivas, dava-lhe conselhos:

— Você não deve andar atrás das cachorras vagabundas, como os seus amigos. Dê-se ao respeito. Conheça o seu lugar. E quando eu rezar, fique quieto, perto de mim, com os olhos em São Benedito.

E tinha reparos pitorescos:

— Eu não gosto de cachorro de rabo cortado. O rabo é a roupa do cachorro. E o teu, Lorde, é um rabo decente, que cobre tudo.

Quando ia trocar de roupa, punha-o para fora do quarto e fechava a porta à chave. E nas horas de lhe dar o banho, nunca deixava de soltar um muxôxo de azedume, com as mãos ensaboadas, reclamando contra o desleixo do Dr. Ernesto, que se esquecera de mandar castrá-lo:

— E o resultado é êsse teu assanhaço de cachorro velho que nem no banho tem sossêgo — protestava arreliada.

Agora, apreensiva, tornando à cozinha, Cipriana sente que o corpo lhe pesa, reclamando o aconchêgo da rêde. A manhã entra bonita pela janela da rua. Daí a pouco o sol se estenderá pela varanda. E a que horas seu senhor chegará? Arrastando os pés inchados, acerca-se da janela, estende o olhar para fora, num suspiro de esperança, ouvindo o tropel de um cavalo. Mas o rumor se perde nas luzes da manhã, e a velha retrai a cabeça, ombros caídos, beiço espichado.

Na cozinha, atarantada, põe-se a mexer no fogão e nas panelas, um tanto a êsmo, sem conseguir acalmar-se. Nunca o doutor passava a noite inteira na rua. De madrugada, antes do canto dos galos, ela lhe ouvia os passos no corredor, e suspirava, com um alívio no coração. Enquanto êle não chegava, só passava pelo sono, inquieta, sem poder pregar direito os olhos, tomada de uma angústia que não sabia explicar. E imaginava desastres e conflitos, que teimavam na sua cabeça sonolenta, apesar da vela acesa aos pés do São Benedito.

— O melhor que eu faço é ir à casa do Dr. Luna — resmunga a velha, vergada sôbre o fogão, soprando uma brasa para acender o cachimbo de luxo que o Dr. Ernesto lhe deu.

E acomoda-se num tamborete, junto à janela da cozinha, os pés descalços plantados no chão, um dos braços no peitoril. Seus olhinhos empapuçados, que se retraem ante a claridade do dia, parecem ainda menores com o cansaço da noite mal dormida. Sente as pernas entorpecidas, uma pontada nas costas, um amolecimento de quebranto por todo o corpo. Onde encontrar fôrças para ir a pé ao outro lado da cidade? Desanimada, sopra a fumaça do cachimbo, pensando no balanço da rêde. E como ir do Destêrro aos Remédios, se não conhece o caminho?

— Isso não, que São Benedito está aí para me ensinar — argumenta, tirando o cachimbo da bôca.

A lembrança do santo lhe traz um momento de calma. Se houvesse acontecido alguma coisa ruim, já teriam vindo contar. E Cipriana, depois de bater a cabeça do cachimbo no peitoril da janela, sacudindo a cinza ainda quente, vai ao seu quarto, amparando o passo mole nas paredes, para acender uma nova vela aos pés da imagem.

De passagem espia a rua. O sol forte faísca nos azulejos da fachada fronteira. E há pombos arrulhando no beiral do sobrado. Um toque de corneta no Quartel da Polícia. E a seguir um rataplã de tambores. Longe, nôvo tropel de cavalo. E Cipriana se debruça à janela, num pressentimento de alegria. Mas a voz grossa de um vendedor de rua, que se planta na esquina apregoando manga madura, esconde o galope, que se perde na direção da Rua do Giz. Outra vez o toque da corneta. E outra vez o rataplã dos tambores.

E como o Lorde, deitado na esteira, levanta o olhar para a janela, Cipriana deixa cair desoladamente os braços fatigados, após espichar o lábio inferior, desapontada:

— Não era êle, Lorde. E eu jurava que era.

Assim que acende a vela, senta-se à borda da rêde. Que horas serão, meu Deus? Reclina para trás o corpo exausto, cabeceando de sono. Como tem pena do Dr. Ernesto! E que coração de ouro, minha Nossa Senhora! Dois dias antes, depois que Cristina foi embora, ela o vira trancar-se na alcova, e chorar — chorar como um menino.

— Chorou, Lorde — confirma a velha, lendo uma dúvida nos olhos do cão. — Eu reparei bem no rosto dêle, quando sentou na mesa para jantar. Estava vermelho, os olhos inchados, e quase não tocou na comida. Quase passei a mão na cabeça dêle — de pena, coitadinho!

Lorde abandona a esteira e aproxima-se da rêde, a cauda arriada, as orelhas murchas, e deita a cabeça no regaço da velha.

— Tu também estás preocupado. Êsses teus olhos não me enganam. Ai, ai, meu filho! Que vida, esta nossa!

E de repente, endireitando o corpo, no alvorôço de uma inspiração feliz, bate no focinho do cachorro com ambas as mãos:

— Lorde, és tu que vais me dar conta do Dr. Ernesto!

O cão empina as orelhas, contagiado pelo alvorôço da velha e inclina a cabeça, como a dar mais atenção ao que ela lhe vai dizer:

— Vem cá — chama Cipriana, levantando-se e estalando os dedos, carinhosamente. — Eu vou te soltar na rua e tu tens de descobrir onde êle se meteu. Não me voltes aqui sem êle. Olha que eu vou ficar sentada na escada te esperando.

Lorde ensaia um pinote, depois um latido, corre, pára, torna a saltar, rola no chão, volta a correr, adivinha que ela o vai soltar, e despenca-se pelos degraus de madeira. Assim que Cipriana entreabre a porta, esgueira-se pela fresta, dá um pulo na calçada, como se houvesse entendido a ordem da velha e soubesse onde encontrar o dono, àquela altura da manhã.

— Ninguém me tira da cabeça que êsse cachorro não é gente — repete a velha, balançando a cabeça e arriando o corpo moído no derradeiro degrau da escada, a dois passos da porta.

Enquanto Cipriana descansa o queixo na mão, Cristina sobe a ladeira da Rua dos Afogados, caminho do colégio. Leva de volta o livro que a Madre Superiora lhe emprestou, mero pretexto para estar presente no momento em que o pai, por volta do meio-dia, não mais de botas e esporas, e sim de gravata e polainas, como um homem fino que se educou na Inglaterra, entrar na ampla sala de janelas abertas, onde a Madre Peixoto estará à sua espera.

O cabelo apanhado para trás e atado por uma fita preta, muito liso e levemente castanho, arredonda o rosto de Cristina, dando-lhe já o ar de noviça, que o olhar baixo e sério e o vestido afogado e de mangas compridas parecem confirmar. Uma ruga entre as sobrancelhas espêssas lhe acentua a sisudez da figura miúda, que o aclive da ladeira obriga a andar mais devagar. Pouco lhe importa que o sol da manhã alta rutile à direita e à esquerda, no espelho das fachadas ou no vidro das janelas. Seu pensamento se concentra no destino de obediência,

pobreza e castidade que Deus lhe traçou. Sem a íntima certeza dessa nova vida, para a qual sabe que realmente veio ao mundo por bondade divina, como poderia suportar no sobrado, além do silêncio hostil da mãe, a vigilância irritante das duas criadas? A cozinheira, retraída para o fundo da casa, só de longe a espreita; porém a Biá, mais expedita e metediça, agora não lhe dá sossêgo, acompanhando-a por salas, quartos e corredores, com a onipresença dos grandes olhos redondos, que as lentes grossas reduzem a dois pontos negros e cintilantes. Sente-a por trás das portas, as pupilas de tocaia, o ouvido à escuta. Mais de uma vez, sentada na rêde a ler, ou ajoelhada na sala a rezar, vira-a empurrar de leve a porta, alargando cautelosamente a fresta para dar passagem ao comprido olhar bisbilhoteiro. E ainda há pouco, ao sair à varanda para descer a escada, dera com ela de chôfre, quase cosida à parede, a atirar espanadelas a êsmo numa teia de aranha inexistente. Depois, ao descer a rua, pudera vê-la perfeitamente no vão da janela, a estender para a calçada a claridade das lentes curiosas. E por que essa espionagem?

Intrigada, comentara o caso com a irmã, na véspera, ao cair da noite:

— Que achas de tudo isso, Morena?

E Morena, segurando a ponta do queixo:

— Mamãe quer saber o que andas tramando. Para mim, por uns verdes que a Biá me soltou, anda muito desconfiada. Queira Deus que ela, instruída pelo Tobias, não se oponha à tua viagem.

— Assim que estiver tudo assentado, ponho as cartas na mesa — replicou Cristina, após um pequeno silêncio, muito senhora de si. — Só ainda não lhe falei, porque não sei ao certo o dia da viagem. Amanhã, resolvo o problema do dote, que era o mais difícil. O dinheiro do enxoval papai me deu. Madre Peixoto já escreveu para a Bahia, pedindo a autorização do meu embarque. Assim que a ordem chegar, abro-me com mamãe.

Seu gesto de desespêro, ao retalhar o pé por inspiração do Demônio, tinha-lhe proporcionado, com os dias de enfermidade entre a vida e a morte, uma nova fortaleza de ânimo, que sabia ser a graça de Deus na sua consciência. Nada devia temer, com o Senhor ao seu lado.

E agora, no fim da ladeira, ofegante do esfôrço da subida, Cristina parou um momento, procurando ver as horas no reló-

gio da Sé. E ainda buscava a tôrre da catedral, estendendo o olhar por cima dos telhados, quando o sino grande começou a bater pausadamente.

— Dez horas! — exclamou.

E apressou o passo na Rua do Egito, recebendo em cheio, no rosto afogueado, o sol forte que tomava tôda a calçada.

Essa mesma luz rutilante, entrando pelas janelas escancaradas sôbre a escadaria de pedra da Rua do Giz, cobria o corpo de Ernesto, deitado do lado direito, um braço para fora da cama, as botas caídas no chão. Ao seu lado, inteiramente nua, apenas com uma ponta de lençol a lhe proteger o rosto contra a claridade, Miriam dormia profundamente, o ventre para cima, pernas estiradas, quase a resvalar da borda da cama, no estreito vão que o corpo de Ernesto lhe permitia.

Em redor, uma desordem de casa revolvida: roupas e sapatos no chão e nas cadeiras, além de garrafas, taças e copos, e ainda uma guitarra de cordas partidas, meio enrolada numa anágua de sêda. Dentro do guarda-roupa, com os pés para fora e a cabeça numa caixa de chapéu, roncava o Silvino Brandão.

Despertado pelo fulgor da luz, ao mudar a posição da cabeça, Ernesto entreabriu as pálpebras, tentando saber onde se achava. Doíam-lhe as têmporas, como se houvesse recebido uma paulada na cabeça. Levou a mão direita à altura dos olhos, para atenuar a claridade, e apoiou-se num dos cotovelos, erguendo devagar o busto. Com esfôrço, adiantou os pés para o soalho, firmando as mãos na borda da cama. E teve a sensação de que tudo em redor oscilava. Ardiam-lhe as órbitas, quase a impedir-lhe o movimento dos olhos, sobretudo quando tentava encarar a luz. Quem era a mulher que dormia ao seu lado, com o rosto encoberto pela ponta do lençol? E o que significava aquela guitarra no meio da casa? E as pernas cabeludas, com o atilho da ceroula desatado, que saíam de uma das portas do guarda-roupa?

Tudo lhe parecia confuso, extravagante e absurdo, a meio caminho entre a vigília e o pesadelo. De pálpebras entrefechadas, voltou-se para o candeeiro aceso na mesinha de cabeceira, prestes a sumir o seu botão de luz vermelha por trás do bocal de vidro esfumaçado. E firmou o olhar nas cinco libras esterlinas que reluziam ao pé do candeeiro as suas rodelas de ouro.

De pé junto da cama, sentiu que não podia equilibrar-se por muito tempo. E foi obrigado a sentar pesadamente na borda do leito, para não cair por cima das botas que seus braços estirados tentavam alcançar. A bôca tomada por violento gôsto de fel dava-lhe ânsias de vômito. Afinal, com a ponta de um dos pés, conseguiu trazer para perto de si as botas. Enquanto as calçava, não perdia de vista as libras de ouro, numa vaga recordação de que fôra êle próprio que as deixara ali. Ainda sentado, por entre bocejos ruidosos, enfiou o dólmã para dentro do culote, fechou o cinto. E num relance, olhando a varanda do sobrado pela nesga da porta entreaberta, teve a memória da noite de orgia, não de modo nítido, porém de atropêlo, sem ordem nem coerência, e o que avultava entre as lembranças esbatidas, numa visão gaiata e bufa, era o corpo nu da Chicó, erguido sôbre a mesa, os peitos imensos descendo para a barriga empinada. Contraiu no mesmo instante as sobrancelhas, como a convocar melhor as lembranças, e pôde ver três ou quatro dezenas de libras de ouro aos pés da velha. Logo levou a mão ao bôlso traseiro do culote, num gesto aflitivo, e ficou de pé, com a repentina certeza de que êsse dinheiro era seu.

Atarantado, esquadrinhou os outros bolsos, sempre a convocar as lembranças, na agonia de quem tenta se desvencilhar do sonho angustiado, e o que por fim encontrou, no bôlso superior do dólmã, foi um pedaço de papel dobrado, com êste lembrete na letra de Cristina: "Sexta-feira, ao meio-dia, no Colégio Santa Teresa." E abrindo os olhos alarmados, numa visão ainda turva de tôda a sua loucura:

— O dote de minha filha! — exclamou.

E como se a memória apenas aguardasse êsse grito de desespêro para lhe restituir a nitidez das lembranças recentes, tudo se iluminou na sua consciência, com a fulguração de um relâmpago: reviu a Chicó a se despir em cima da mesa, enquanto êle empurrava para seus pés as libras amontoadas, por entre o estoirar das rôlhas de champanhe e o alarido das risadas na varanda.

— Que horror! Que horror! E agora, que vou fazer?

Atirou o olhar pela janela em busca do relógio da Sé. Mais de dez horas, meu Deus! E de atropêlo, levado por uma brutal ansiedade de fuga, arremessou-se fora do quarto, querendo se ver na rua o mais depressa possível.

Olhando a varanda de comprido, pareceu-lhe que um vendaval tinha passado por ali, sem que nada ficasse intacto ou

no lugar. Só o piano, acima do estrado, com o teclado aberto, resistira à desordem, grande, negro e severo, à maneira de alguém que, em meio à bacanal desenfreada, houvesse conservado a serenidade e a lucidez. Taças quebradas, baldes de gêlo, garrafas vazias, restos de comida, a toalha da mesa repuxada até quase o meio, partituras jogadas no chão, cadeiras superpostas, e pés soltos de sapatos, além de um palavrão escrito a carvão na parede, recompunham os desatinos da noite de loucuras, galhos queimados e retorcidos que ainda contassem o incêndio da floresta. E um silêncio largo a estender-se pelo casarão inundado de esplêndida luz matinal.

Um só pensamento ia impelindo Ernesto, no trânsito pela varanda: como recompor, em menos de duas horas, o dote da filha? Lembrou-se do Luna, como única viabilidade de salvação, assim que se precipitou escada abaixo. Porém, antes de chegar ao fim dos degraus, mudou de idéia. O Luna, mãos rotas como era, nada guardava de seu. E assim, como apelar para êle? Com um repelão enérgico, sem saber que decisão tomar, apenas impulsionado pela determinação de obter de qualquer modo o dote da filha antes do meio-dia, conseguiu abrir a pesada porta do sobrado, e se viu na calçada da Rua de Nazaré, ofuscado pela luz da manhã, olhando às tontas em busca de seu cavalo. Tinha-o deixado ali, lembrava-se bem. Não o encontrando ao primeiro relance do olhar aturdido, gritou para um carro de aluguel, que vinha encostando à porta do Hotel Central, uma esquina adiante. E nisto divisou o cavalo ao pé da escadaria da Rua do Giz, roendo de rédea solta o capim rasteiro que apontava entre as pedras do calçamento. Sem se importar com o carro, que se deslocava em sua direção dando uma volta na praça em frente, Ernesto se arremessou para os degraus de pedra e saltou para o cavalo, caindo certo na sela.

Doía-lhe mais a cabeça, como se uma pressão crescente, vinda de dentro de seu crânio, estivesse a ponto de lhe estoirar as têmporas. As veias laterais, acentuadamente encordoadas, davam-lhe a sentir a freqüência da pulsação, que parecia repercutir dentro de seus olhos, na contração iterativa das pupilas.

E recolhendo as rédeas, firmou no espírito uma decisão: apelar novamente para o Lemos. Não tinha outra saída. A quem recorrer, naquele instante de desespêro, senão ao velho amigo que nunca lhe faltara? E cravando as esporas nas ilhargas da montaria, arremeteu a galope pela Praia Grande.

Já então Cristina tinha chegado ao colégio e empurrava mansamente a porta do gabinete da Madre Superiora:

— Pode-se entrar?

E Madre Peixoto, olhando-a por cima dos óculos:

— Entra, entra — concordou, chamando-a, com um gesto, para junto de si. — Vieste a propósito. Tenho uma boa notícia a te dar.

Mas, ao tê-la na cadeira a seu lado, com os olhos mais altos à espera da boa notícia, Madre Peixoto tardou a revelação, com um oh! de espanto para o livro negro que Cristina deixara sôbre a mesa:

— Oh! Já está de volta? Muito bem. E o lêste todo, como te aconselhei? Ah, ah! Muito bem. Muito bem — repetiu, abrindo o livro ao acaso. — É por aqui que encontramos o caminho da santidade. Caminho longo, — acrescentou, num suspiro confiante — por vêzes difícil de percorrer.

Pelo vão de uma das janelas abertas para o mar, um barquinho abria a sua vela azul contornando a Ponta da Areia.

E Cristina, ao ver que a freira, de fisionomia serena, mãos de grossas veias túmidas, recolhia devagar o livro à gaveta da secretária:

— E a boa notícia, Madre?

— Madre Nogueira foi transferida para a Bahia.

Cristina se levantou, alvoroçada:

— Quer dizer que eu vou com ela? Não é possível! Ah, meu Deus! Como estou feliz! Tudo está dando certo para mim, Madre! — exclamou, na ponta dos pés, a ensaiar um rodopio na sala.

E Madre Peixoto, forcejando para desfazer o riso de seus olhinhos pregueados:

— Isso é modo de noviça, dançando na minha sala?

— De alegria, Madre! De alegria! Deus sabe que é de alegria! E a senhora também!

A freira agasalhou nas mãos encarquilhadas as mãos finas e brancas que Cristina lhe estendia:

— A que horas teu pai ficou de vir?

— Ao meio-dia — replicou prontamente Cristina, com os olhos no relógio da parede. — Daqui a uma hora e quarenta minutos estará aqui, com o meu dote. O que papai promete, faz. E êle me prometeu que vinha hoje, ao meio-dia.

No escritório da Praia Grande, com a chave passada na porta da saleta, o velho Lemos, calado, arrancando de vez em

quando um fio das suíças, esperava que Ernesto acabasse de lhe falar.

— O único culpado em tudo isso — replicou o velho, irritado, assim que o outro se calou — sou eu. Sim, senhor: sou eu — repetiu. — Eu não devia lhe ter dado aquêle dinheiro todo em espécie. E sim num cheque, em nome da Ordem das Dorotéias, contra o London Bank. E cheque visado, para maior segurança. Não sei onde eu tinha a cabeça quando pus nas suas mãos aquela fortuna em libras. E libras de ouro, que quase desapareceram com a Guerra!

Depois bateu com as mãos nos joelhos, ergueu a cabeça e levantou-se, a custo sofreando a ira:

— Agora é tarde, Inês é morta — sentenciou. — A menina é que não pode pagar pelo desatino do pai.

E Ernesto, com as mãos apertando as têmporas:

— O último! Passo-lhe assegurar que foi o último!

— Os anjos que digam amém — replicou o velho, de costas, tratando de vestir o paletó de lustrina. — Vou ver o que posso arranjar. Não lhe prometo nada — veja bem. De antemão sei que não vai ser fácil, com a crise que anda por aí. Mas vou me empenhar, como se a filha fôsse minha.

Apanhou o chapéu, a pasta e o guarda-chuva, sem olhar uma só vez para Ernesto, que fitava o chão com os olhos enevoados, e saiu a torcer uma das suíças, rosto fechado, pisando forte.

E no momento de abrir a porta, sem se voltar:

— Pelo sim, pelo não, vá para casa trocar de roupa. Você não vai querer entrar de botas e esporas no Colégio das freiras. Vista-se à altura. Você vai dar o passo mais importante de sua vida, entregando uma filha a Deus.

Torceu a chave, num gesto enérgico:

— Eu mesmo vou buscá-lo, se conseguir o dinheiro. E deixarei você no Colégio, até o meio-dia.

Porém, ao meio-dia, no silêncio de expectativa que o mormaço da hora tornava mais pesado, Cristina principiou a inquietar-se:

— Êsse relógio está certo, Madre? — indagou, com a vista nos dois ponteiros superpostos ao centro do mostrador.

E ouviu, logo a seguir, antes que a Madre Superiora respondesse, o sino grande da Sé confirmando as horas.

Aflita, lutando em seu íntimo para mostrar-se calma, olhou a rua, por mais de uma vez, à procura do pai. Teria êle

esquecido o compromisso? Não era possível: além do mais, deixara-lhe um lembrete no bôlso do dólmã. E enquanto a Madre Superiora, com os óculos de aros de metal quase à ponta do nariz grosso, punha em dia a correspondência, numa letra fina e inclinada que tomava todo o espaço entre as pautas do papel de linho, pôs-se a rezar a um canto da sala, rogando a Deus que a não desamparasse. Ao menor rumor vindo da rua — uns passos na calçada, o rolar de um carro, um galope distante — ficava à escuta, aguardando o toque da sinêta do parlatório. E como o silêncio continuasse, abafado pelo mormaço do meio-dia, deu as costas ao relógio, para não ver os saltos repetidos do ponteiro grande do mostrador.

Quando a irmã leiga apareceu na sala para dizer à Madre Superiora que o almôço estava na mesa, Cristina ficou de pé, muito pálida:

— Posso continuar aqui, Madre? — perguntou.

E Madre Peixoto, descansando a pena no tinteiro:

— Tu, hoje, almoças conosco.

— Obrigada. Estou sem fome.

E a freira, adoçando a fala:

— Não é um convite: é uma ordem. Não te esqueças de que a obediência é o primeiro voto das noviças.

O refeitório vazio, apenas com a mesa central ocupada pelas freiras, sem uma única aluna a dar vida e movimento à comprida sala caiada de nôvo, angustiou ainda mais Cristina, que sentia agora um apêrto na garganta, a bôca sêca, e uma vontade quase irreprimível de se refugiar na capela.

Ao sentar ao lado da Madre Superiora, obedecendo ao lugar que esta lhe apontara, viu à sua frente, na longa parede branca, a cara redonda do outro relógio, marcando doze e meia. Oh, meu Deus, que teria acontecido? O tinido dos talheres na louça dos pratos, interrompendo o silêncio circundante, não conseguia abafar o tique-taque do relógio, cujo ponteiro grande, como o do outro da sala, levava aos saltos cada minuto que passava, dando um estalido sêco. Só os passos das duas irmãs leigas que traziam a comida e recolhiam os pratos, percorrendo a longa distância entre a mesa e a cozinha com uma ligeireza nervosa de formigas, suplantavam os estalos repetidos que Cristina não queria escutar.

E, de súbito, o toque distante da sinêta do parlatório.

— Papai chegou! — exclamou, erguendo-se da mesa, num movimento de alegria que obrigou as freiras a se voltarem em sua direção.

Porém, antes que ela arredasse a cadeira e saísse de seu lugar, Madre Peixoto pousou a mão imperativa no seu ombro:

— Primeiro, acaba de almoçar. Durante as nossas refeições, há sempre uma irmã para atender quem chega. Não te preocupes com isso.

E já passava de uma e meia quando as freiras, numa fila silenciosa, sairam do refeitório, precedidas pela Madre Superiora. Cristina, ao seu lado, de vista baixa, o coração aos saltos, conservou o passo medido, ao longo do corredor comprido que parecia não ter fim. Lá adiante, ergueu o olhar. E não pôde conter o seu impulso: correu para o pai que, todo de branco, polainas, chapéu-do-chile e bengala, sorria emocionado, enrolando nas mãos trêmulas o cigarrinho de palha.

XXXIII

Um mês inteiro de chuvas e ventanias. Céu carregado, nuvens baixas cobrindo a cidade, e uma luz branca durante o dia, sem os tons róseos do entardecer. De longe em longe, uma nesga de azul passageira, rasgando a claridade do sol sôbre a cidade. E logo a fileira dos urubus abria as asas no tôpo dos telhados, secando as penas.

Daí a pouco, novamente as pancadas de água, oblíquas, grossas, acompanhadas pelos uivos do vento. E na amplidão cinzenta, o ziguezague dos coriscos, que o pára-raios dos sobrados recolhia. O trovão vinha a seguir, com o estrondo de um carro pesado a rolar sôbre as nuvens.

De noite, com a escuridão cerrada, as chuvadas metiam mêdo. Mas, de dia, com as ruas alagadas, uma alegria nova saía das casas, com a meninada nua a tomar banho de chuva.

As chuvas fortes deixavam Mariana abatida, com os olhos pisados de chorar. À medida que os pingos estrondavam no telhado, recrescia em seu coração a saudade do filho. E ela não tinha outro remédio senão levar as mãos ao rosto, numa convulsão irreprimível de soluços, sem ânimo para permanecer a um canto, recolhida com a sua nova fé, a consolar-se na leitura da Palavra de Deus.

— Perdão, Senhor — suplicava, tentando conter o pranto. — Eu sei que êle aí está bem, nas glórias do teu reino, mas

eu sou mãe, e sinto a ausência de meu filho. Leva-me, Senhor, para a companhia dêle.

Depois, aliviada pelo chôro, caía em si:

— Faça-se a tua vontade, meu Deus. Tu é que sabes quando deves me tirar desta vida de tormentos.

Enquanto a chuva caía, escorregando dos beirais em fios intermináveis, as lembranças de Teobaldo afluíam, mais nítidas, à consciência de Mariana, e ela o via à janela, rosto contra a vidraça, a olhar embevecido a corredeira barrenta que se formava no declive da rua.

Durante o dia nublado, com a casa fechada, essas lembranças se acentuavam de tal modo que se avizinhavam das alucinações visuais, como se, a qualquer momento, pelo reflexo do espelho, ou por um relance do olhar, a imagem de Teobaldo avultasse no quarto ou na sala, com a nitidez do retrato que encimava o piano. E à noite, na imensidão da cama revolvida, sentindo os borrifos da chuva, esgueirados por uma frincha do fôrro ou pelo vão de uma rótula, Mariana padecia ainda mais, recordando o aconchêgo do filho junto ao seu corpo, sempre que os trovões rolavam por cima do telhado ou os relâmpagos arregalavam o seu clarão fulgurante através dos vidros das janelas.

E havia um mês — um longo mês de ásperas ventanias, com a umidade a entranhar-se pelo sobrado — que êsse tormento durava. Vez por outra, sentindo-a deprimida, com vontade de morrer, o Senhor lhe mandava o testemunho de sua misericórdia, com a companhia repentina de Abigail, que passava uma ou outra noite no sobrado. E as duas, acompanhadas pelos gemidos do vento, liam a Bíblia e cantavam hinos à glória do Pai Celestial.

No entanto, como se não bastasse o suplício das quatro semanas estiradas, com o coração deprimido pelas saudades do filho, Mariana vivia agora a expectativa ansiosa do destino de Cristina. Que ia ser de sua filha, se Deus não a iluminasse, antes que ela se recolhesse ao Convento?

Alertada pela vigilância de Biá, Mariana não tinha dúvidas de que a filha continuava a preparar-se para ir embora. E até agora Cristina nada lhe dissera! Por vêzes, sublimando a revolta num impulso de piedade, sentia vontade de ter com ela uma conversa demorada, para ver se, ao menos assim, pondo de lado os agravos recebidos, a dissuadiria de seu êrro. Mas não tinha ânimo para lhe falar. O Senhor Jesus que a perdoasse: estava acima de suas fôrças.

Em compensação, insistia em pendurar pela casa os pequenos quadros com versículos da Bíblia, escolhendo de propósito os que condiziam com o mau passo de Cristina, e ficava a esperar o efeito dêsses raios de luz divina, com a esperança de que a filha, de um momento para outro, desfeita em lágrimas, viesse correndo arrependida ao seu encontro, para lhe dizer que não iria mais embora.

Porém os dias passavam, sombrios, estirados, e as notícias que Biá lhe trazia, na ponta dos pés, aos cochichos, só faziam aumentar-lhe a decepção e o dissabor, levando-a a pensar em recorrer ao Reverendo Tobias.

— Não, isso não — replicara a si mesmo, atemorizada pelo receio de que a filha, fugindo do ministro protestante, cometesse outro desatino, ou lhe fizesse uma desfeita, que a obrigasse a infligir-lhe um castigo na presença do pastor.

O melhor era dar tempo ao tempo — concordou. Além do mais, acabrunhada pelos dias de chuva, não se sentia inclinada a lutar com a filha. Conhecia-lhe agora o gênio, não precisava de outra experiência para saber que, pela reprimenda ou pelo castigo, nada conseguiria de Cristina. Entregava o caso à bondade divina.

Porém, uma tarde, ao saber que havia chegado ao sobrado a mala nova da viagem, cerrou os punhos nos braços da cadeira, lívida, rosto fechado. E foi com um gesto, os lábios secos por não poder falar na exaltação de sua revolta, que mandou a Biá sair da sala. E quando se viu só, apertou as mãos contra o rosto, mordendo os lábios, até que desfez a ira no fio das lágrimas.

E prometeu ao Senhor, depois de breve oração:

— Não lhe direi nada, meu Deus, nem lhe tocarei sequer num fio de cabelo. Tu sabes que fiz tudo o que estava ao meu alcance. Se a tua palavra, colocada diante de seus olhos, não pôde demovê-la, de que adiantava agora eu lhe falar ou lhe bater? Perdoa a minha cólera.

E nisto, alvoroçando repentinamente a cidade, outra vez restituída aos seus dias de sol, sobreveio o carnaval, com os seus tambores, guisos, reco-recos e pandeiros, compelindo Mariana a cerrar o sobrado, incluindo as rótulas e portas, com a certeza de que o Demônio andava sôlto nas ruas.

— É o Mais-que-Maligno! — tinha advertido o Reverendo, aos seus irmãos em Cristo, no sermão de domingo magro. — É êle, o inimigo de Deus, que se solta nesses dias infernais.

Fujam do inimigo! Tranquem a casa! Não lhe abram a porta! O Príncipe das Trevas está lá fora, ressuscitando Sodoma e Gomorra e levando os homens aos caminhos da perdição!

No sábado gordo, assim que se ouviram, com o quebrar da tarde, as cantigas dos primeiros cordões carnavalescos, Mariana fêz a Biá passar a chave na porta da rua, para isolar o sobrado de qualquer contato com o pandemônio em que se convertera a cidade. Ninguém entraria ali, ou dali sairia, nos dias de carnaval. E para compensar a falta do culto na igreja, Mariana obteve da Abigail que lhe fizesse companhia, ambas concentradas na leitura da Bíblia.

Ao cair da noite, pelo silêncio da outra ala do sobrado, pareceu-lhe que a sua determinação de manter a casa fechada, tanto do lado da Rua da Cruz, quanto do Lado da Rua do Sol, não estava sendo obedecida. Pelo menos a rêde de Morena deveria ranger nos armadores, se a filha não estivesse a espreitar a rua.

Levada por essa desconfiança, orientou-se para lá, abafando os passos na ponta dos pés. E assim que saiu da varanda, viu de longe Morena, com a guarnição de madeira amplamente aberta, por trás do vidro da janela.

— Não me ouviste dizer que não quero ninguém olhando a rua, durante o carnaval?

E Morena, ainda voltada para fora:

— E que mal estou cometendo, aqui do lado de dentro, com o rosto contra a vidraça?

A mão enérgica de Mariana prendeu-lhe colèricamente o braço, quase à altura do ombro, e retirou dali a filha, com um safanão:

— Não quero, já te disse que não quero! — gritou-lhe, ao mesmo tempo que, com a outra mão, batia a porta, com risco de espatifar o vidro da rótula no estrondo da madeira contra a esquadria. — Já te disse que não se abre esta casa no carnaval!

Morena segurou-se no punho da rêde, para não cair contra a parede, e ergueu para a mãe o duro olhar colérico, que a outra sustentou por alguns segundos.

E Cristina, exatamente nesse momento:

— Mamãe, eu tenho uma notícia a lhe dar.

Mariana, de costa, tardou o movimento do ferrôlho no encaixe da esquadria.

— No sábado que vem — acrescentou Cristina, tentando conter o frêmito da voz nervosa — embarco para a Bahia. Vou com a Madre Nogueira.

Mariana encaixou o ferrôlho, experimentou a porta, cerrou a outra janela, sempre de costas, os lábios trêmulos, e de chôfre saiu da sala, martelando o tacão das botinas nas tâbuas do soalho.

Embora brilhasse o sol lá fora, dentro do sobrado o dia parecia guardar uns restos da luz cinzenta do comprido mês de chuva, com o renque das janelas cerradas em tôda a volta. Apenas as que abriam para o pátio tinham escapado à ordem de Mariana. E como a velha mangueira alongasse para a varanda o seu trançado de sombras, a claridade do dia era ali atenuada.

Enquanto Cristina, ajustada à luz mitigada, selecionava as coisas que levaria para o Convento, Morena afundara na rêde, o corpo coberto pelo labirinto das varandas, e remoía a ira surda que lhe afogueava o rosto.

Com esfôrço, ouvindo passar na calçada um bloco de mascarados, reprimia o impulso de escancarar a janela e debruçar-se à sacada. Que lhe podia acontecer? Ser esbordoada? Ou posta de catigo? Não era mais menina para ser tratada assim! Em outubro, faria dezoito anos. Era uma môça. Outras, de menos idade, como a Aurora e a Tininha, já estavam casadas, e com filhos, ora essa! Um dia, revoltada, daria à mãe uma lição: sairia, deixando a família. Que haviam de dizer? "Estão vendo? Saiu ao pai." Que dissessem!

— Outra estupidez é que eu não agüento — jurou, enquanto as lágrimas lhe cresciam nas órbitas ardentes.

Porém, cerrando os olhos, encheu de ar o peito, ombros erguidos. E como se a inspiração profunda lhe desse outro pensamento, logo mudou de idéia. Não podia cometer uma loucura — ponderou. Era preciso ter paciência. Muita paciência, Morena. Do contrário, acabarias por não ter a tua própria casa. E a lembrança do namorado lhe apertou o coração. Aquela hora, a bordo do navio que o levava para o Rio, o Aluísio estava bem longe, certamente em alto mar.

Na última quinta-feira, à noite, tinha-se despedido dêle. De tarde, por um bilhete jogado pela janela, marcara o encontro lá embaixo, do lado da Rua da Cruz: "Depois das nove, quando a luz do quarto da mamãe já estiver apagada" — esclarecera. E assim que a Biá se recolheu ao seu quarto, des-

cera na ponta dos pés a escada da cozinha, alumiada apenas pela espaçada claridade dos relâmpagos. A chuva teimosa, que voltara a cair logo ao fechar da noite, abafava os estalidos da madeira, sob a pressão de seu corpo assustado.

— Entra, entra — ordenara-lhe, assim que abriu de manso a porta e deu com êle encolhido na soleira de pedra, fustigado pelos respingos.

E ela própria — "Meu Deus, como pude fazer isso?" — o estreitara contra si, depois de desvencilhá-lo da capa, e lhe oferecera a bôca úmida, que êle esmagara, envolvendo-a nos seus braços. Que mal havia em ter feito assim, se não seria de mais ninguém? Ah, ainda que morresse velhinha como a Mãe Andreza, tôda trêmula, agarrada a uma bengala, jamais esqueceria a estranha impressão de que ia desmaiar, numa síncope boa, longe do mundo, suspensa no ar, enquanto uma sensação nova de calor se apoderava de seu corpo, os olhos cerrados, as mãos crispadas, os seios reclamando um afago mais veemente, pronta a se entregar.

Depois, na volta ao quarto, o lado cômico da cena, quando a irmã, sentindo-lhe os passos, a interpelara:

— Onde estavas, Morena?

— No banheiro.

E Cristina, mais severa, numa voz desconfiada:

— E ficaste lá mais de hora?

A resposta veio pronta, sem que a houvesse premeditado:

— E aqui em casa, à noite, não se pode ter dor de barriga? Foi aquêle pepino duro, no jantar.

— Pois eu não tive nada.

— Como vais ser freira, Deus te protege. Comigo, que não aspiro à santidade, o caso muda de figura: basta um pepinozinho de nada, para eu subir as paredes, torcendo-me de cólicas.

E cobriu-se depressa com as varandas da rêde, exatamente como o fazia agora, para esconder a sua ira.

Com a palma das mãos, enxugou os olhos, e pôde dar atenção ao corso que começava a passar, ao som de tambores e fanfarras, bem debaixo de sua janela. Daí a pouco, subira a rua, na direção do Largo do Quartel, o baralho das crioulas. As cabacinhas espoucavam, entre gritos e risadas. E os guizos dos dominós tiniam alto, por entre vozes em falsete. Um bombo soava forte, acompanhando um arrastar de correntes. E de longe vinha o côro de um bloco, cantando a marcha da "Lira de Prata". O fio das serpentinas devia cruzar a rua, por

cima dos carros alegóricos, enquanto a algazarra dos pandeiros e reco-recos prosseguia, crescendo sempre, sob a chuva de fubá derramado que atiravam das janelas.

E Morena, estirando-se ao comprido da rêde, suspirava alto, de olhos cerrados. Ah, se pudesse dormir os três dias aborrecidos! E até quando, meu Deus, suportaria a vida de provações que a mãe lhe reservava, com a severidade de seu protestantismo? Cristina, dentro de mais alguns dias, já com o dote de seu noviciado resolvido, e o enxoval pronto, e a passagem comprada, daria adeus à família, e para sempre. Só ela, Morena, ficaria naquela ala do sobrado, sem ninguém com quem se abrir e conversar.

— Que é que vai ser de mim? — suspirou.

Felizmente um rancho descia a rua, espalhando em redor o tom magoado de sua letra bonita.

E essa letra plangente, que embalou e adormeceu Morena fêz Cristina voltar os olhos em busca da irmã. A rêde quieta lhe deu a impressão de que Morena dormia. Cedo, havia separado tôdas as suas jóias para ela, incluindo o cordão de ouro de sua primeira comunhão. Fizera uma trouxa de velhos vestidos, para que Padre Galvão os distribuísse com seus pobres, no próximo Natal. Num cêsto de papéis, deitara fora livros, cadernos de estudos, enfeites, vidros de perfumes vazios, e uma boneca quebrada que vinha de sua infância, presente da Cipriana. Todo êsse acervo de coisas antigas deixava de ter para ela qualquer valor. Daquele momento em diante, começava uma nova vida. Casa, irmã, pai, mãe, amigas do colégio, sua cidade natal, os objetos a que emprestara o seu carinho e o seu cuidado, tudo isso ficava agora para trás, dissociado para sempre de seus sentimentos, e lá longe, ao fim de seu nôvo caminho, Jesus lhe abria os braços.

De manso, muito de leve, puxou a ponta de uma das varandas da rêde, para ver se Morena, em verdade, estava adormecida. E logo voltou a agasalhá-la, carinhosamente, com a repentina certeza de que seu gesto de ternura nunca mais se repetiria.

XXXIV

Quando o carro parou junto à calçada, ainda com o mormaço da tarde, Cristina se debruçou à janela, atraída pelo ranger das ferragens e o retinir das ferraduras, e fêz um

gesto ao Dr. Luna para que a esperasse ali mesmo, sem precisar subir. Estava pronta, era só pôr o chapéu.

Mariana, sem deixar a cadeira, sustou por um instante a leitura da Bíblia, e apurou o ouvido, reconhecendo o rumor da carruagem.

— O Dr. Luna já está aí para levar Cristina — adivinhou.

Embora esperasse desde cedo aquêle instante, via agora que era capaz de chorar, assim que ouvisse, pela última vez na vida, os passos da filha nos degraus da escada.

Por volta das nove horas, o carregador viera recolher a bagagem de Cristina, e logo se fôra, levando na cabeça a mala de couro que dias antes entrara no sobrado.

— A bagagem já foi — tinha-lhe dito a Biá, arregalando os olhos por trás das lentes espantadas.

— Sim, sim — replicara Mariana. — Agora não me venha dizer mais nada. Deixe-me só. Já sei de tudo.

E passara a chave na porta da alcova.

Desde êsse momento, sentada junto à janela, tentara refugiar-se na leitura da Palavra de Deus.

Na quarta-feira, depois do culto, tinha afinal consultado o Reverendo Tobias sôbre a viagem da filha.

E êste, abrindo a Bíblia, preparado para a pergunta:

— É a menor, a que vai fazer quinze anos? Pois aqui tem o remédio, no *Livro dos Provérbios*, capítulo 23, versículos 13 e 14: "Não queiras subtrair a correção ao teu filho, porque, se tu o fustigares com a vara, êle não morrerá. Tu o fustigarás com a vara, e livrarás a sua alma do Inferno". Aí tem a senhora a resposta de Deus, D. Mariana. Imponha a sua vontade à menina. Primeiro, tente convencê-la de que está errada. Se nada conseguir, siga a ordem do Senhor. Mas não a deixe partir. A senhora é mãe. Tem autoridade sôbre ela. E é responsável pela alma de sua filha perante o Altíssimo.

De volta à casa, Mariana conferiu os versículos na sua Bíblia, antes de se deitar, e permaneceu largo tempo com o livro aberto no regaço, insone, atormentada, pedindo a Deus que lhe mostrasse outro caminho, ou que pelo menos lhe desse serenidade e paciência no seu nôvo transe. E mais uma vez, reviu a filha a sair à varanda, com o pé banhado em sangue. Apertou a cabeça entre as mãos, olhos cerrados. Por que haveria de atormentar-se. Bastava-lhe o que sofrera com a morte do filho! E encolheu os ombros, num gesto de resignação e abatimento.

O resto da semana ela o passara o mais das horas nos seus aposentos, como indiferente ao resto da casa. De vez em quando, fatigada de ler ou olhar pela janela, punha-se a andar entre a sala e a alcova, no vaivém dos passos perdidos, sofrendo em silêncio a ingratidão da filha.

Agora, de respiração suspensa, aguardava-lhe os passos na escada, sem ânimo para deixar a cadeira, mãos frias, coração batendo forte. Mas nisto, em lugar dos passos na escada, escutou duas pancadas com o nó dos dedos na porta da alcova, acompanhadas pela voz de Cristina:

— Mamãe, eu já vou. Quero me despedir da senhora.

Um sentimento brutal de cólera e amargura, a que se associava a dolorosa certeza de que só tivera até então o amor do filho que Deus levara, fêz Mariana enclavinhar as mãos nos braços da cadeira, o olhar voltado para a porta cerrada.

E outra vez as pancadas, agora mais fortes e repetidas, e mais alta a voz de Cristina, num apêlo patético:

— Mamãe, eu não posso ir sem lhe dizer adeus.

Redobrou de energia, como se fôsse cravar as unhas no descanso de cedro que as mãos seguravam, e endireitou o busto, mordendo o lábio inferior, o rosto contraído, as pálpebras imóveis, dominada agora pelo receio de ceder ao apêlo da filha.

E a seguir foi a voz de Morena que se elevou, num tom ainda mais pungente:

— Mamãe, abra pelo amor de Deus: Cristina já vai.

E Mariana não se movia, numa rigidez de estátua, os olhos crescidos sempre fixos na porta: apenas o seu peito subia e descia, porém de leve, sem rumor, nos haustos da respiração que se coíbe.

— É inútil, ela não abre — concluiu Morena, depois de um silêncio longo, afastando-se da porta.

Ainda imóvel, Mariana percebeu que as duas se abraçavam, entre soluços, no patamar da escada. E começou a ouvir, a princípio hesitantes, depois céleres, como num ímpeto de fuga e mêdo, os passos de Cristina nos degraus.

Antes de ouvir o bater do portão de ferro, ficou de pé, o rosto contra a vidraça, esperando que a filha saísse à calçada. Viu primeiro o chapèuzinho de palha, depois os ombros e a valise, por fim as pernas quando a cabeça se inclinou e levou o resto do corpo para dentro da carruagem. De leve,

entreabriu a rótula. E viu o carro descer a rua, no trote dos cavalos atiçados pelo chicote.

Depois, erguendo o peito na respiração ansiada, encostou a rótula, caminhou novamente para a cadeira, agasalhou o rosto nas mãos, rompeu a chorar. E só mais tarde reparou que, à sua frente, na parede fronteira, uma jovem mulher seguia por um longo caminho, na ilustração do versículo 23, capítulo 16, do *Livro de Jó*: "Vê pois que passam os meus breves anos, e eu sigo por uma verêda pela qual não voltarei".

— E Morena? — perguntou o Dr. Luna a Cristina, assim que o Rafael, afrouxando as rédeas, estalou no ar a primeira chicotada. — Ela não vem ao teu embarque?

— Passou o dia chorando — replicou Cristina, lutando para reprimir os soluços. — Fui eu que lhe pedi que não viesse.

E continuou com o lenço nos olhos molhados, encolhida numa ponta do banco, sem interêsse pelas velhas casas de seu trânsito, faiscantes de sol na tarde em meio, e que certamente nunca mais havia de ver. Antes de alcançarem o Largo do Carmo, saiu do silêncio em que se retraíra, para indagar de repente ao Dr. Luna, descobrindo os olhos pisados:

— E papai, doutor, como tem se comportado?

E o Dr. Luna, trazendo o riso feliz à tona das bochechas:

— Podes te orgulhar de já ter feito o teu primeiro milagre — respondeu, buscando-lhe a mão para apertá-la com ternura. — Teu pai não é mais o mesmo: até que enfim parece ter criado juízo:

Cristina o encarou, séria, numa sombra de dúvida:

— Olhe bem para mim, doutor. Não é só para me dar agora uma alegria que o senhor está dizendo isso?

— Não, minha filha.

— Palavra de honra?

— Palavra de honra.

Entre a primeira pergunta de Cristina e a última resposta do doutor, o semblante dela perdera a expressão de abatimento e amargura, para dar lugar à ansiedade e à dúvida, depois à alegria repentina, que pareceu explodir do fundo de suas pupilas, derramando-se-lhe pela fisionomia transformada. E agora ela ria convulsivamente, com o rosto escondido no lenço, e de tal modo que, por alguns instantes, o Dr. Luna teve a impressão de que uma nova crise de chôro a sacudia.

— É verdade — confirmou êle, numa voz mais persuasiva, com a intenção de acalmá-la. — Mudou por completo. Todo mundo está admirado. Disse-me a Cipriana que êle passa as noites lendo ou jogando paciência. Dois caixotes de livros, que estavam jogados no porão, foram trazidos para cima, e os livros postos numa estante nova. Só autores inglêses, principalmente romancista e poetas. E já escreveu para Londres, fazendo encomendas de revistas e novos livros. No escritório, a transformação também é completa. O Lemos me disse, anteontem, que está assombrado. Nunca pensou que o Ernesto mudasse tanto. E isso é obra tua, minha filha. Teu pai me confessou que foi para fazer a tua vontade que mudou de vida.

Cristina tirou o lenço dos olhos, e ria a rosto descoberto, apertando nas mãos úmidas a mão suada e gorda do Dr. Luna. E quando o carro entrou a descer a ladeira que escorregava para o Cais da Sagração:

— Olhe por êle, doutor — pediu, voltando a ficar séria. — Olhe pela Morena, que precisa também do senhor. E perdoe o gênio de minha mãe. Agora mesmo eu tentei me despedir dela, mas mamãe não quis falar comigo. Diga-lhe que lhe deixo um beijo e que, tôdas as semanas, ela terá uma carta minha, mesmo que não me responda. Mesmo que não me responda — repetiu, emocionada.

Antes que o mar lhes aparecesse, pontilhado de velas e canoas, tiveram de rolar pela Praia Grande, entre sobradões imponentes, cortando o reboliço de carros, carroças e transeuntes, e ouvindo gritos e vozerios, estalar de chicotes e ranger de ferragens, para de súbito defrontarem com um coreto apertado de alunas e freiras, ao meio de uma pequena praça que avançava para o mar. E ainda de longe viram a alta figura de Madre Nogueira, o rosto comprido alargado pela renda que lhe debruava o chapéu do hábito.

Na maré que subia, cobrindo aos poucos as coroas de areia da enseada, avultava o navio que ia fazer-se ao largo na preamar.

E Cristina, inquieta, sem esperar que o carro parasse junto ao coreto, a estender os olhos ansiosos nos grupos perto do Cais:

— E papai, onde está papai?

— Vem ali descendo a escadaria — respondeu prontamente o Dr. Luna, indicando o tipo esguio, de barba cerrada e negra, a cabeça protegida pelo chapéu-do-chile, muito bem pôsto num terno cinza, e que apressava o passo na direção da carruagem.

E foi êle que deu a mão à filha para ajudá-la a descer. Mal pôs os pés em terra, Cristina saltou para o pescoço do pai, como se a menina de outrora renascesse de seus braços efusivos, e o abraçou demoradamente, sem lhe poder falar.

O Luna, emocionado, mandou que o carro rodasse mais um pouco, e só desceu em frente ao coreto, desfraldando o lenço que, a pretexto de enxugar o suor da testa, levou prontamente aos olhos, receando que o vissem fazer má figura.

Logo um velho se adiantou para êle, reluzindo ao sol o paletó de lustrina, o guarda-chuva pendurado no braço direito, a calva escondida no chapéu-côco:

— Como vai você, Lemos? Cada vez mais jovem! — exclamou.

O velho riu, pregueando os olhinhos apertados, e os dois ficaram a olhar Ernesto, que perlongava o Cais, com o braço passado no ombro de Cristina.

— Deus queira — desejou o Lemos, num suspiro — que a mudança do nosso amigo não vá por água abaixo, depois do embarque da filha.

E o Luna, apertando o queixo:

— Nosso Ernesto não tem mais saúde para a vida que levava. Não sei como resistiu até hoje. Uma loucura a mais e estava perdido. Eu que o diga, meu caro Lemos! Eu que o diga!

Pai e filha, sempre bordejando o Cais, desapareceram longe, na volta da avenida, como se fôssem seguir até o Largo dos Remédios, e só voltaram quando uma lancha impaciente, que as vagas ameaçavam arremessar contra o paredão da rampa de embarque, atirou no ar um apito fino, chamando os passageiros do navio.

Cristina puxou pelo pai, nervosa, ao ver que, do coreto, baixavam as colegas e as freiras, acompanhando Madre Nogueira, mais comprida e magra ao sol da tarde, a repetir na rua o ar solene com que se punha à frente das alunas, à saída da capela. E perto da rampa, deixando a mão de Ernesto, correu em direção das colegas, para beijá-las apressadamente, sem saber a qual atender primeiro, e por fim se curvou para beijar as mãos das freiras, uma por uma, até que a Madre Superiora a apertou contra si, demoradamente, como se quisesse guardá-la dentro do peito gordo.

Depois foi a vez do Dr. Luna, que ensaiou rir, esboçando uma pilhéria consigo mesmo, e logo recorreu ao lenço, para se queixar da aragem marinha, que sempre o fazia chorar.

De cabeça descoberta, mão esquerda à altura do peito, o Lemos deu um passo cerimonioso na direção de Cristina, como se já estivesse diante da religiosa, e segurou-lhe a ponta dos dedos, curvando-se:

— Que Deus a acompanhe — desejou, emocionado, rosto vermelho, e retraiu um passo, com igual solenidade.

Cristina, atarantada, ia-se voltar à procura do pai, quando um cheiro de batina velha, que de longe conhecia, repentinamente a envolveu:

— E eu não ganho o meu abraço? — indagou Padre Galvão.

À ponta da calçada, Ernesto esperava pela filha, acompanhando-lhe cada gesto e cada movimento com o olhar enternecido, e outra vez passou o braço por cima de seus ombros, para descer com ela a rampa, passo a passo, devagarinho, indiferente aos respingos das vagas que se desfaziam na amurada.

Daí a pouco, sentiu que o Luna lhe batia no ombro:

— Agora, vem comigo — convidou o outro.

Ernesto deixou-se levar até o alto da rampa, sem perder de vista a lancha, que roncava mais forte, cortando as ondas com o gume da proa. E antes de subirem:

— Eu preciso ficar só — disse então ao Luna, numa voz sumida. — Não te incomodes comigo. E obrigado por tudo. Obrigado também a você, meu caro Lemos.

Foi descendo a orilha do cais, num passo apressado, sempre a olhar a lancha que lhe levava a filha. A luz forte doía-lhe nos olhos, que se apertavam na fresta das pálpebras. Adiante, uma sombra toldou-lhe a vista, num princípio de vertigem. E êle se apoiou na muralha, acenando para Cristina com um lenço, até que a claridade reverberante da baía de São Marcos voltou a lhe mostrar, muito pequena, quase um ponto na distância, a lanchinha destemida e garbosa, que avançava pelas águas com a impaciência de um besouro no ar.

Ali permaneceu largo tempo, como esquecido de si mesmo, e viu quando o navio, após o sinal da partida, lançou no espaço uma golfada de fumo, toldando de negro o azul do céu sôbre a enseada.

Sempre a segui-lo com os olhos alongados, e tendo a impressão de que Cristina, debruçada no convés, o buscava na distância, Ernesto sentiu que a vista lhe faltava. A luz rútila, batendo no seu rosto, começava a encadeá-lo com seus reflexos metálicos na crista das ondas, e lhe deu de repente a sensação

estranha de que um gume áspero de navalha cega lhe roçava as pupilas. Pestanejou por alguns instantes, tentando desfazer a impressão aborrecida, e pôde ver o navio deixar a barra, na dobra da Ponta da Areia, suavemente banhado pela luz quebrada do entardecer.

De súbito, uma dor violenta, que parecia querer estoirar-lhe o crânio, fêz Ernesto curvar-se para a frente, as mãos à altura da cabeça. Seu chapéu caiu para as águas, enquanto a bengala se equilibrava no paredão. Durante alguns segundos, tentou manter-se de pé, dobrado por cima da amurada, dando a impressão de que acompanhava, com os olhos apagados, o chapéu boiando na ondulação da maré. Mas as fôrças lhe fugiram, e seu corpo bambo resvalou para a calçada, ao mesmo tempo que uma noite vazia se fechava à sua volta.

Quando voltou a si, na tarde seguinte, reconheceu que estava no seu quarto e na sua cama. E viu que o Luna, sentado à borda do leito, em manga de camisa, semblante inquieto, lhe tomava o pulso, enquanto a Cipriana, de pé, e chorando, protegia a chama de uma vela com a concha da mão.

XXXV

Não fôsse o lado direito esquecido, com o braço sem movimento, e a perna paralisada, e mais a fala prêsa, com a língua a pesar-lhe na bôca salivosa, e Ernesto haveria suportado sem queixas os primeiros tempos de sua enfermidade.

É certo que, de início, ao sentir que não podia sair da cama e que as palavras se lhe embrulhavam na saliva contínua, teve uma crise de nervos, reconhecendo, num relance, a miséria de sua condição. O que mais temia, tinha-se realizado: via-se inválido, a depender do desvêlo alheio, tal como ocorrera com o seu avô, oito anos estirado no leito, um mau cheiro empestando a alcova, o fio de baba a escorrer para a fronha do travesseiro, e ainda por cima perenemente irritado, os olhos em brasa rechaçando as visitas, as criadas e o enfermeiro. Mais feliz tinha sido seu pai, fulminado logo à primeira crise do derrame, na cadeira do escritório, a conversar com o guarda-livros.

Mas o Luna, sempre solícito e bom, com um modo de falar que reforçava a palavra persuasiva, tinha-o acalmado:

— Teu caso é outro, Ernesto. Tu sabes que eu não minto. Fica sossegado. Essa hemiplegia é benigna. Com um mês ou dois de tratamento, estás bom para outra. O que deves fazer agora é aproveitar êsse descanso forçado, cuidando de ti. Para te distraíres, não te faltam livros, assim que puderes ler. E eu aqui estarei, pelo menos pela manhã e pela noite, para te fazer um pouco de companhia.

E descobrindo-lhe o braço para a picada da injeção:

— O pior já passou.

Dèpois de outras horas de sono profundo, de que não lhe ficou a mais longínqua lembrança de sonho ou pesadelo, Ernesto acordou com a sensação de que saíra do outro lado de um túnel, ante o fulgor da luz matutina, que descia oblìquamente pelo vão das janelas. Deixou-se ficar quieto, a cabeça apoiada nos travesseiros, sentindo-se entre o sono e a vigília, e viu, emocionado, por baixo das pálpebras pesadas, que o Luna e a Cipriana lhe sorriam, sobretudo a velha, que não sabia disfarçar de todo, com um dente alvejando sôbre o lábio caído, o muito que havia chorado.

Aos poucos, alternando a sonolência e a lucidez, foi-se conformando em permanecer na cama. A cada nôvo dia, ajustava-se mais à forçada passividade. E o curioso é que, não obstante perdurarem a lassidão e a inércia de seu corpo, sentia que lhe voltavam a memória e a agilidade do espírito, como se a sua cabeça houvesse sido poupada ao torpor que lhe imobilizava o braço e a perna. No entanto, ainda trocava as palavras, ou estas lhe afluíam aos lábios com redobrado esfôrço, não raro deixando atônita a pobre da Cipriana, que não sabia como acudir-lhe:

— Paciência, nhonhô — recomendava a velha, acercando-se mais da cabeceira da cama. — De hora em hora, Deus melhora.

E era tão suave e convicta a sua voz que Ernesto acabava sorrindo, a dizer-lhe que sim, com a cabeça.

Se não de hora em hora, pelo menos com o passar dos dias, ia experimentando melhoras discretas, de que só êle se dava conta. À sua volta, não sentia o ar impregnado do cheiro nauseante de urina e fezes, que empestava o quarto de seu avô: pelo contrário, um aroma contínuo de alfazema e incenso enchia o quarto, alimentado pelo fogareiro de barro, que Cipriana mantinha aceso aos pés da cama para afugentar a morte, as môscas e os maus espíritos.

De vez em quando, porém, cedia a uma crise de abatimento, que advinha da saudade da rua, e permanecia em silêncio,

olhos semicerrados, concentrado na sua angústia, até que o Luna avançava pela porta do quarto o corpanzil suado, e ia direto à pergunta que o atormentava:

— Já sei o que tens — dizia, em tom de reprimenda. — Voltou-te a desconfiança teimosa: "Tu achas que me levanto desta cama?" — indagava, arremedando-lhe a voz. — Claro que acho, meu bôbo. Acho, não: tenho certeza. Certeza absoluta. Já te disse isso mais de uma vez. E volto a dizer: ainda hás de repetir aquela proeza do Largo do Carmo, na Festa da Vitória: de pé, em cima do cavalo, desde a igreja do Carmo ao Excelsior.

E Ernesto, sorrindo, a puxar as palavras:

— A cavalo, não: prometi a Cristina que não, e cumpro a palavra.

Pondo de parte essas crises espaçadas, que o tom persuasivo do Luna tinha o dom de desfazer, Ernesto conhecia agora uma estranha paz, urdida de inércia e lassidão.

A janela aberta ao pé da cama dava-lhe uma nesga de céu límpido, por onde passavam fiapos de nuvens e andorinhas. E êle se distraía em acompanhar as mutações da luz ao cair da tarde, vendo o azul esmaecer e tingir-se de rosa e vermelho, e por fim acinzentar-se sob a fulguração nervosa das primeiras estrêlas. De manhã, queria a janela escancarada, para que o sol entrasse. E recompunha os movimentos da rua com os pregões dos vendedores ambulantes, o passo dos transeuntes na calçada, o estrondo de um carro nas pedras do calçamento.

Ou então, deixava cair as pálpebras, mergulhava em si mesmo, repassando o seu mundo de lembranças. Na constância dêsses devaneios, com que se esquivava à lentidão do relógio da parede, as recordações longínquas se avivavam, e êle parecia ver com os olhos abertos as figuras e as cenas que lhe refluíam à tona da consciência.

E foi assim que Mariana lhe reapareceu, uma tarde, no sobrado da Rua dos Afogados, com seu ar de menina-e-môça, as duas tranças caindo por cima dos ombros, tão diferente da mulher imperativa que o torturaria com a sua frieza e o seu silêncio. Como explicar essa mudança?

Era em vão que, insistindo no confronto, já agora cedendo ao ressentimento e ao amargor, tentava encontrar a concordância das duas figuras, para afinal concluir que uma substituira a outra, sem nada de comum entre si, o que lhe permitiu volver muitas vêzes à Mariana de seu namôro e de seu noivado.

leve, frágil, pequenina, o longo vestido côr-de-rosa esvoaçando com os movimentos da valsa, no salão de festas do Casino.

Outras vêzes era a imaginação que lhe conduzia as reminiscências, nôvo modo de olhar o mundo e a vida além das paredes de seu quarto. E êle via a filha nas suas vestes de noviça, a passear num pátio florido, semelhante ao que visitara em Toledo, numa tarde de primavera. Vinha-lhe nesses instantes a vontade firme de se restabelecer depressa, para ir um dia ao seu encontro, tomado de uma repentina ternura, como se Cristina tornasse à condição da menina rechonchuda, passos hesitantes, que tantas vêzes levara nos braços ao Largo dos Remédios.

— Deixe eu enxugar êsses olhos, Nhonhô — pedia Cipriana, interrompendo-lhe a emoção. — Garanto que está pensando bobagem.

E era debalde que êle, concentrando tôdas as reservas possíveis de vontade e energia, tentava mover o braço e a perna, impelido pela necessidade de sair da cama, senhor de seus passos e movimentos.

— Tem um pouco mais de paciência — recomendava-lhe o Luna. — Tudo virá a seu tempo. Um belo dia, quando menos esperares, o braço e a perna te obedecerão, como antigamente.

E enquanto êsse dia não chegava, cerrava os olhos, e com a memória volvia a montar no cavalo, e lá ia a galope, nos seus passeios prediletos. Mas também acontecia que, de súbito, agasalhado no capotão de lã contra o rigor do inverno, cachimbo ao canto da bôca, refazia o itinerário do pequeno Copperfield, caminho de casa, nas velhas ruas de Londres envôltas de neblina e mistério, como se Dickens estivesse ao seu lado, recompondo-lhe a vida, os devaneios e as aventuras de seu pequeno herói.

Porém, uma noite — noite êrma, propícia ao desalento, com a chuva a bater nas vidraças — teve o pressentimento de que, não obstante os remédios que tomava e a dieta a que se submetia, jamais se levantaria da cama. A princípio, essa íntima certeza o deixou atônito, a ponto de ter estendido a mão revoltada para a mesa de cabeceira, com a idéia de apanhar ali o revólver. E nisto sentiu que as botinas do Luna, em vez de rangerem pesadamente nos degraus da escada, eram mais leves, como se não quisessem incomodá-lo com seu rem-rem habitual. E, retraindo o braço, voltou-se para a porta, à sua espera.

— Dá licença para um amigo? — perguntou uma voz fanhosa, ainda na varanda, após um pigarro grosso, concertando a garganta.

E Ernesto, abrindo o sorriso:

— Entre, Padre Galvão.

O padre esfregou os pés no capacho, sacudiu os respingos que lhe molhavam a batina, e transpôs a porta do quarto com uma fisionomia alvissareira:

— Trago-lhe boas notícias — começou êle, arregaçando a barra da batina e cruzando as pernas, o corpo caído para trás, na cadeira de vime. — A Cristina escreveu. Como não tinha o número aqui do sobrado, mandou a carta aos meus cuidados, lá para o colégio. E eu, distraído, rasguei o envelope e li a carta, como se fôsse para mim. Fêz boa viagem. Está satisfeita. Tudo ótimo. Graças a Deus. O Colégio é excelente. A Superiora, admirável. O resto, agora, é com o tempo e as bênçãos do Céu.

E vendo que Ernesto recolhia a carta com a mão esquerda:

— O lado atingido foi o direito? Oh! que pena! — exclamou, com uma fisionomia desolada.

— Foi a minha sorte, padre: eu sou canhoto — replicou Ernesto, chegando a carta para a luz do candeeiro.

— E ainda há quem duvide da misericórdia de Deus! Poupou-lhe o lado esquerdo, e o senhor é canhoto! Está na Bíblia, meu caro doutor. Está na Bíblia, no livro dos Salmos: "O Senhor é bom e justo; cheio de misericórdia é nosso Deus!" Dou-lhe os meus parabéns. Levante êsse braço para o Céu. Dê graças a Deus.

Ernesto o olhou por cima do papel, para ver se o padre falava sério ou pilheriava, e o achou grave, sem qualquer traço que indicasse intenção irônica. Seria a fé uma forma de ingenuidade elevada ao plano religioso? E enquanto o examinava, pôs-se a dizer, de si para si, como se alteasse a voz para confundir o velho amigo: "Que espécie de misericórdia é essa, padre, que me deixa no fundo de uma cama, obrigando-me a fazer as minhas necessidades assistido por uma preta velha? E onde estava a misericórdia de Deus, no caso do meu avô? Vá que eu tenha sido castigado, por levar vida boêmia. E êle, o pobre velho, benemérito de não sei quantas sociedades pias, modêlo de correção e honradez, tão fiel à mulher que nós o chamávamos de Sua Majestade Fidelíssima? Por que foi mais

castigado do que eu? E ainda por cima, sem ninguém que o tratasse, inteiramente paralítico, babando dia e noite, a sujar a cama de mijo e merda?"

Padre Galvão, de vista baixa, enrolava devagar um cigarro de palha. E ao riscar o fósforo, erguendo o olhar:

— O Dr. Luna me avisou que o senhor não queria receber visitas. Mas, para médico e padre, não há doente que feche a porta.

E Ernesto, dobrando a carta:

— Se eu deixasse entrar os que querem me ver, esta casa era bem capaz de não agüentar. Com o senhor, o caso é diferente. Venha, quando quiser. Me dará sempre prazer.

E já tarde, quando o padre desceu a escada, levado pela Cipriana, que empunhava uma vela (por achar que a simples lamparina constituía falta de respeito ao sacerdote), Ernesto considerou, cerrando os olhos, enquanto lá fora o temporal prosseguia, que uma sensação nova de alívio e paz tinha descido ao seu espírito, ao longo da conversa com aquêle velho rosado que afrontara a chuva para lhe trazer a carta da filha.

Depois, contraindo as sobrancelhas, deixou-se ficar imóvel, os olhos no ar, numa sombra de apreensão. Se o padre não houvesse chegado exatamente naquela noite e àquela hora, — raciocinou, intrigado — com certeza teria dado ao gatilho, o cano do revólver apontado para a cabeça. Num suspiro, desceu a mão pelo rosto. E ficou a pensar, volvendo a ler com esforço e vagar a carta de Cristina, se a misericórdia de Deus não teria vindo realmente ao seu encontro, com a inesperada visita do Padre Galvão.

XXXVI

Um mês e tanto depois, como ainda permanecesse com a perna paralítica, Ernesto se convenceu de que nunca mais andaria. A outra perna, embora não atingida de todo, parecia-lhe insegura, com uns formigamentos e umas dormências freqüentes, que não sabia se decorriam da imobilidade na cama ou da moléstia, que ia alargando o seu terreno.

De qualquer modo, resignou-se um pouco, com o passar do tempo. E alternando irritação e bom humor, tratou de preparar-se para passar o resto da vida dentro de casa, estendido no colchão de paina ou estirado numa cadeira preguiçosa, a fumar, a recordar e a ler.

Não sem alguma relutância, abrandou a proibição das visitas. E um ou outro amigo, além do Padre Galvão e do velho Lemos, já subia ao sobrado para lhe dar notícias do que ia pela cidade.

De manhã, o Lorde lhe trazia o jornal, deixado pelo jornaleiro ao pé da escada, logo que o dia clareava. Depois, era, a velha Cipriana que entrava, trescalando alfazema e banho de cheiro, com a bandeja do chá. E ali ficava, animando-o a seu modo, enqunto punha em ordem o quarto, assistida pelo cão, que se acomodava ao lado da cama, orelhas fitas, como atento aos louvores que ela lhe fazia.

— O doutor sabe a última novidade do Lorde? — indagou a velha, numa dessas ocasiões, depois de rir, olhando para o cão. — O senhor não vai acreditar, mas é verdade: de noite, quando eu me sento na rêde rezando pela saúde do doutor, êle fica quieto me olhando, querendo rezar também. Não ria, não. É sério. E eu, se Deus quiser, e com a ajuda de São Benedito, acabo ensinando êle a conversar com Nosso Senhor.

E mostrando o único dente, na risada feliz:

— Antes do doutor adoecer, êle já ia na igreja comigo e ficava do meu lado, quietinho. Sim senhor. Êsse cachorro é gente, doutor. Veja os olhos dêle. E êsse jeito de botar a cabeça de lado, com a orelha para cima, assuntando a conversa dos outros. Isso não é de bicho, doutor. O Lorde tem alma como eu, como o senhor.

E a verdade é que o Lorde, ou porque a Cipriana o tratasse com especiais desvelos, ou porque êle, de seu natural, tivesse uma vivacidade incomum, parecia justificar a convicção da velha, sobretudo depois que esta, sentada ao pé da escada, ouvira os seus latidos festivos à frente do cavalo, o que a levara a acreditar que havia sido o cão que achara o dono e ensinara a Ernesto o caminho do sobrado.

Com a doença de Ernesto, só de raro em raro Lorde saía de casa: se não andava pela varanda ou pela cozinha, ou não permanecia em guarda à porta do quarto, postava-se à cabeceira da cama, olhos atentos a uma ordem ou a um afago, ou então se estirava no tapête, dormitando preguiçosamente a sua sesta. De longe em longe, dava um giro pelos arredores, e não raro, de volta ao sobrado, geralmente na fresca da tarde, punha-se a roer um osso junto à soleira da porta.

O silêncio da casa e a pacatez da rua eram-lhe propícios a êsse regalo pacífico, de que saía, de má vontade, com os

chamados da velha para o banho. Subia aborrecidamente a escada, orelhas caídas, a cauda a arrastar nos degraus, rumo da cozinha; descia depois a outra escada, sempre carrancudo e obediente, acercava-se da tina de água, mais murcho e mais encolhido. Após o banho, voltava-lhe a alegria. E ei-lo a saltar e correr, sacudindo o pêlo molhado, rebolando-se no chão, até que Cipriana, forcejando para dar ao rosto uma expressão zangada, o chamava para um canto, com o prato de comida:

— Agora fica quieto, que o doutor está lendo. Chega de maluqueira!

Ernesto tentava encher as horas com os seus velhos autores, colocados ao alcance de sua mão, ao lado esquerdo da cama. De início, lera com dificuldade; depois, com algum desembaraço. E Dickens, paixão literária da juventude, volvia a lhe fazer companhia, como ao tempo em que, impedido de sair de casa pelo rigor do inverno, se encolhia junto à lareira, divertindo-se com as aventuras de Pickwick ou emocionando-se com os sofrimentos de Dorrit, enquanto o vento silvava na rua de arrabalde e a neve caía suave, cobrindo de branco os telhados pontudos. Logo as letras lhe fugiam, baralhadas, e êle deixava o livro.

Ao apontar da noite, chegava o velho Lemos, grave e prestativo, invariàvelmente abotoado no paletó de lustrina, sempre a desconfiar da mansidão do Lorde. E mais tarde, quando as luzes se acendiam na rua, era a vez do Luna, eternamente aborrecido com o calor, colarinho desabotoado, gravata frouxa caída para o peito, efusivo e loquaz. Se acontecia encontrar-se ali com o Padre Galvão, a conversa animava-se até tarde, com um a puxar pelo outro sôbre coisas de religião e política, diante do silêncio de Ernesto, que parecia pender agora, e cada vez mais, para as idéias do padre.

No último encontro, os dois se tinham pegado de tal jeito que o Lorde, ao pé da porta do quarto, levantava de repente a cabeça e latira, como a lhes reclamar um pouco mais de calma, no sossêgo do bairro adormecido.

E o padre, aproveitando-se do latido:

— Isso, Lorde. Grita com êste herege. Ajuda-me a lhe meter na cabeça dura a noção do verdadeiro Deus. Isso! Late para êle!

E o Luna, sacudindo o peito da camisa, em busca de uma aragem mais fresca, de costas para a janela escancarada:

— Como é que o senhor quer que eu leve a Bíblia a sério, Padre Galvão, se ali há coisas que me revoltam?

Apoderou-se do livro, deixado à borda da cômoda, folheou-o às pressas e, erguendo a cabeça, ar triunfante:

— Veja isto agora, no *Livro de Jó*: "Deus não rejeita os poderosos, visto que êle também é poderoso!" É a solidariedade de Deus com os opressores e contra os oprimidos. Não posso engolir êste absurdo, padre. O senhor e eu somos povo. Estamos do lado da taca e não do cabo do chicote. Veja também êste disparate: "Alegrar-se-á o justo quando vir a vingança; as suas mãos lavará no sangue do pecador." Essa lição de misericórdia está no livro dos *Salmos*. O senhor concorda com ela? Não, não concorda. Nem eu. E haverá indecência maior que a do *Cântico dos Cânticos*, com a amada a querer a todo instante o amado entre os seus peitos?

Padre Galvão, acomodado agora na cadeira de vime, corria a ponta da língua na mortalha do cigarro. E quando o outro se calou:

— Agora, dê-me também essa Bíblia.

Acendeu o cigarro, soprou a primeira baforada, deixou-o queimando à borda do cinzeiro. E com os óculos de aro de níquel equilibrado no dorso do nariz, enquanto procurava os trechos que lhe convinham:

— Mais indecente que o *Cântico dos Cânticos*, meu caro doutor, é o capítulo 19 do *Livro de Juízes*, na cena em que os homens de Gaba abusam da mulher de um levita, e mulher que o próprio levita entregou aos malfeitores, para se livrar de que o abuso fôsse com êle. Isso é medonho. E não edifica nem educa ninguém. Concordo. Sou o primeiro a reconhecer. Mas que é que isso prova? Que a Bíblia, inspirada por Deus, foi escrita pela mão do homem. Aqui, doutor, está o que há de mais puro e o que há de mais sórdido. O que é sórdido, como êsse caso do levita, ou o que é indecente, como os peitos da amada, no *Cântico dos Cânticos*, passa-se por cima, como se passa por cima do versículo 5, capítulo 19, do livro de *Números*, onde se fala de sangue e bosta, no sacrifício de uma vaca vermelha. E o que resta é tão belo, tem tanta grandeza, eleva o homem a tão alto, que é pelo roteiro dêste santo livro que chegamos à presença do Senhor, nosso Deus. Diga-me se há alguma coisa mais bela que o Sermão da Montanha? Ou o Salmo que assim começa: "O que habita na sombra do Altíssimo, na proteção de Deus descansará." Ou êste trecho de São Paulo, na Epístola aos Coríntios: "Se eu falar as línguas dos homens e dos anjos e não tiver caridade, sou como o metal que soa ou como o sino que tine."

— Padre — atalhou o Luna, numa voz serena. — Eu também concordo com o senhor neste ponto. Há muita coisa bela na Biblia. Mas isso não exclui a tolice e a estupidez. No *Deuteronômio*, há um trecho que me obrigou a arremessar o livro ao chão, indignado. É aquêle que dá direito ao marido, depois de viver um ano com a mulher, de mandá-la embora, só porque, depois de casado, lhe descobriu alguma fealdade. Outro trecho, mais adiante, manda a cunhada cuspir na cara do cunhado, se êste não a quiser receber: como é que eu posso aceitar um Deus que inspira essas barbaridades, Padre Galvão?

E o padre, calmo, espalmando a mão no ar:

— Não examine a Santa Escritura com olhos baixos, doutor. Do contrário, nesse mesmo livro do *Deuteronômio* em vez de dar com os dez mandamentos, o que o senhor vai encontrar é o capítulo em que Moisés ensina aos hebreus como ir lá fora e se limpar. Levante êsse olhar prevenido, Dr. Luna: nas igrejas, geralmente na sacristia, há um mictório, mas não é lá que nos encontramos para elevar o pensamento a Deus. É diante do altar, meu caro doutor. Faça o mesmo com a leitura da Bíblia. Se há ali absurdos, que lhe bolem com os nervos, deixe-os de lado. Mais adiante há de defrontar-se com Deus, na beleza de outras passagens verdadeiramente sublimes.

Levantou-se, com o livro aberto, e atraindo o Dr. Luna para perto do candeeiro, junto da cômoda:

— Agora veja o senhor a solidariedade de Deus com os humildes, nesta ameaça aos latifundiários, no livro de *Isaias*: "Ai de vós os que ajuntais casa a casa e ides acrescentando campo a campo, até o fim de todo o terreno: acaso habitareis vós só no meio da terra?" E não esqueça, meu caro doutor, que Jesus, o filho de Deus, quando escolheu seus discípulos, não escolheu poderosos: escolheu pescadores, gente humilde, gente do povo, e dêles fêz os apóstolos e os príncipes de sua Igreja:

E cerrando o livro com estrondo:

— E vamos embora, que já é tarde — caminhou até Ernesto, sorridente, estendendo-lhe a mão. — Como penitência — acrescentou, dando o braço ao Dr. Luna — o senhor vai me levar em casa. E vai calado, para não continuar pecando. Por hoje — chega!

Porém o Luna, quando ambos desciam a escada alumiados pelo candeeiro que a Cipriana erguia no alto, rompeu o silêncio, tardando o andar:

— Só com o senhor, Padre Galvão é que eu discuto. Com os outros, fico calado. Para que discutir? Quando môço, estudei a Bíblia a fundo e saí desapontado com tanta contradição e tanto absurdo. Sabe o que fiz, quando perdi a fé? Calei-me. Para que tirar a esperança dos outros? Sei que acabo aqui mesmo, misturando-me ao pó do chão. Deixei de sonhar com o Céu, baixei os olhos para a terra e a humanidade. E sabe qual é hoje o meu sonho? Que haja um mundo melhor, sem senhores nem escravos, com igualdade de oportunidades e direitos, e onde cada ser humano tenha o seu pedaço de pão e o seu agasalho. Como me falta temperamento político para ser revolucionário, limito-me a sonhar. E nesse ponto nos identificamos: o senhor sonha com a redenção do homem no Céu, eu sonho com a redenção do homem, aqui mesmo na Terra.

E o padre, acomodando-se no banco do carro:

— E é por êsse caminho que o senhor vai ter uma surprêsa, quando fechar os olhos para sempre: a surprêsa de que Deus o receberá na sua glória, dando-lhe o Paraíso, à revelia dêsse seu modo de pensar.

Na noite seguinte, quando o Luna voltou ao sobrado, Ernesto havia mergulhado numa repentina crise de abatimento, logo após ter pedido à Cipriana, sem acertar direito com as palavras, que lhe desse um pouco de água.

A velha permanecera um momento perplexa, sem conseguir atinar com o que êle queria. E foi pelos seus gestos aflitos que conseguiu afinal entendê-lo:

— O doutor está com sêde, não é isso?

E ao trazer-lhe o copo de água, viu-o abatido, a enxugar a saliva que lhe derivava pelo canto da bôca.

— Que é isso, Nhonhô? Que bobagem é essa? — indagou a velha, vergada sôbre a cama.

Mas não teimou na pergunta, embora continuasse a olhá-lo.

Com um gesto de enfado, êle a mandou embora.

Arrastando os passos, magoada, a velha ficou à espera do Dr. Luna no patamar da escada, pensativa. E já noite entrada, quando a carruagem do doutor parou à porta do sobrado, ainda remoía a sua queixa.

— Nosso doente está um pouco caído hoje, doutor — apressou-se a contar-lhe. — Nem conversar comigo êle quis. Mandou que eu fechasse o quarto. Disse que não queria ver ninguém.

E o Dr. Luna, dando o braço à velha para subirem juntos:

— É assim mesmo, Cipriana. Tem paciência.

Assim que entrou no quarto, deu mais luz ao candeeiro, saudou Ernesto com uma palmada efusiva, arrastou a cadeira de vime, as bochechas mais espalhadas, e se pôs a contar casos engraçados, rindo forte, ruidosamente.

E depois de uns minutos, recolhendo o riso:

— Que é que tens, criatura? Que significa essa cara trombuda?

Ernesto demorou a resposta. E levantando o olhar:

— Piorei um pouco, Luna. Tornei a trocar as palavras, depois de sentir umas coisas esquisitas nos olhos, com a luz a morder-me as retinas. Levei uns momentos com a vista escura, como se o sangue me subisse à cabeça, e logo a língua ficou mais... mais... mais... Estás vendo? Não consigo dizer o que quero.

— Quem é que não esquece uma palavra, Ernesto? — ralhou o Luna, chegando-se mais para a cama. — Queres dizer que ficaste com a língua prêsa, não é isso? E só por isso vais perder a calma? Não, senhor! Dá-me êsse braço. Vamos ver se há motivos para a tua aflição.

E depois do exame:

— Pressão boa, pulso bom, reflexos normais. Aí tens o resultado.

Distraindo-se, mergulhou a mão direita no bôlso do paletó, nervoso, apreensivo, em busca da bolinha de naftalina; mas sentiu, antes de trazê-la para fora, o olhar ansioso do doente, acompanhando o movimento de sua mão aflita, e logo tratou de emendar o gesto, apalpando os bolsos da calça:

— Onde terei metido a carteira de cigarros?

E Ernesto, daí a momentos, notando o tremor com que o outro segurava o cigarro, mais alagado de suor:

— Olha para mim, Luna. De frente. Assim. Agora, ouve bem o que te vou dizer. Se o meu estado fôr grave, manda chamar Morena. Eu não quero morrer sem falar com a minha filha.

— Está bem — concordou o Luna. — Mas fica tranqüilo: não será por êsse motivo que ela virá aqui.

Foi à janela, voltou, castanholou os dedos para o Lorde. E parando novamente em face de Ernesto:

— Agora, confesso, tu me deixaste atrapalhado. A Morena, sabendo que estás doente, vai querer te ver. Se eu disser que não venha, posso lhe dar a impressão de que teu estado é tão grave que não podes receber visita; se eu disser que venha, tu vais supor que pioraste.

E Ernesto, após um breve silêncio:

— Só permite que ela venha, se meu estado não fôr bom. É isso que desejo de ti, Luna. Vê bem.

E desde êsse dia, sempre que uns passos estranhos estalavam nos degraus de madeira, firmava o olhar na direção da varanda, a ver se era a filha que, assustada, ia assomar no vão da porta. Mas como, no correr de tôda uma semana, ela não lhe apareceu, terminou por se convencer de que, apesar de se lhe amiudarem as fugas da memória e as trocas de palavras, ainda podia ter esperanças de melhorar.

— Achas mesmo que me levanto, Luna? — indagou ele ao amigo, ao meio da outra semana, com nova disposição de espírito.

— Claro que sim.

E no domingo o Luna entrou-lhe no quarto trazendo uma muleta:

— Daqui a um mês — explicou, efusivo, representando com uma ponta de exagêro o seu papel otimista — terás que dar os teus primeiros passos, apoiado nesta muleta. Enquanto êsse dia não chega, irás alternando a cama com a cadeira preguiçosa. Chega de ficar deitado!

E no outro domingo, já pelo fim da tarde, Ernesto, ainda na cama, acompanhou o rolar de um carro que veio abrandando a marcha até chegar à calçada do sobrado. Afiou mais o ouvido. Não era a carruagem do Luna — reconheceu. Teria vindo de carro o Padre Galvão? Não podia ser: o padre, além de raramente vir de dia, andava sempre a pé. Ergueu mais a cabeça, intrigado. E logo se voltou no sentido da porta, sentindo na madeira dos degraus uns passos leves de mulher. Lorde também ergueu a cabeça, as orelhas empinadas.

— Quieto! — ordenou Ernesto.

E antes que a porta, levemente encostada para o repouso habitual da sesta, se descerrasse para dar passagem a quem acabava de entrar, uma onda de perfume invadiu o quarto.

— Quieto! — voltou a dizer Ernesto ao Lorde, que se erguera do tapête, esgueirando os primeiros passos fôfos no rumo da varanda. — Já te mandei ficar quieto!

No regresso da Santa Casa, pouco depois do meio-dia, o Luna tinha ido à pensão da Chicó, a seu chamado, para ver a Margô, que, havia dois dias, não saía da cama, queixando-se de dores e pontadas.

À saída, a velha lhe pedira notícias de Ernesto:

— Nosso amigo não vai bem — confessou, consternado. — Não tenho gostado do estado dêle. Trato de animá-lo, mas sinto que as coisas não vão como eu queria.

A velha levantou as sobrancelhas:

— É assim, doutor? Coitado! Um mão-aberta, um coração de ouro! Eu posso lhe fazer uma visita?

— Pode, Chicó. Vai vê-lo. Êle gostará de te receber.

E a Chicó, assim que a tarde abrandou, se meteu no seu pomposo vestido de veludo, rosto empoado, colar vistoso, um grande chapéu de palha, a sombrinha vermelha, reluzente de anéis, brincos e braceletes, e entrou no carro.

— Dá licença? — indagou ela, a mão na porta, sob o olhar apalermado da Cipriana, que parecia ter perdido a fala, com a sua aparição e o seu perfume, e apenas soube apontar para o quarto onde Ernesto se encontrava, quando a outra lhe perguntou por êle.

Ernesto, mal refeito da surprêsa, não conteve o frouxo de riso, com o lenço a esconder a bôca. E foi rindo que, com o braço esquerdo, ensaiou uma vênia, pedindo-lhe que entrasse:

— A casa é tua, Chicó.

Daí por diante, quase sempre pelo entardecer, a Chicó passou a mandar-lhe uma visita, de comum acôrdo com o Luna. Veio a princípio a Miriam, depois a Cláudia, em seguida a Vanju, por fim a Margô, exibindo o decote e a sêda de seus vestidos, e o perfume que elas traziam era tão forte que a Cipriana se via obrigada a deitar mais incenso e alfazema no fogareiro do quarto, para que, à noite, ao chegar o Padre Galvão, não houvesse mais no sobrado aquêle cheiro ativo de mulher.

XXXVII

O rosto contra a vidraça, olhando a chuva cair, Morena recorda a *Corografia do Maranhão*, exatamente no trecho que lhe saiu sorteado no último exame: "Chove regularmente de dezembro a maio." E como junho já se anuncia, com os dias límpidos do fim do mês e os primeiros ensaios de bumba-meu-

boi, aquela manhã nublada, sem a claridade do Sol nas fachadas de azulejos, lhe parece a despedida do inverno.

Depois que a irmã partiu, o sobrado cresceu tanto que ela freqüentemente se apavora com a sua imensidão. Nesses momentos, a janela é o seu refúgio. E olhar quem passa a sua distração. Mas, agora, a rua está deserta, com a chuvinha teimosa que não quer parar, e só de longe em longe um carro desce a ladeira molhada. As janelas fronteiras estão fechadas. Um senhor gordo, encolhido debaixo do guarda-chuva, dobra depressa a esquina, perseguido pelo vento úmido que o obrigou a levantar a gola do paletó.

Apesar do mau tempo, Mariana já está na igreja, cedo levada pela Abigail, que a viera buscar antes das nove horas.

E esta, ao ver Morena com o vestido de casa:

— Não vai hoje à escola dominical?

Não, não ia: amanhecera indisposta, dores no corpo, provàvelmente um comêço de gripe — replicara Morena, esticando preguiçosamente os braços, como em arrepio de febre, para dar mais fôrça à mentira, enquanto a mãe, do outro lado da varanda, experimentava o guarda-chuva, já pronta para sair.

— O melhor que fazes é ir para a cama — aconselhara Mariana, ao passar pela filha, dircita, espigada, a Bíblia contra o magro peito.

Agora, vendo a chuva cair, na manhã toldada e úmida, Morena está arrependida de não ter ido à igreja. Sente-se prêsa na imensidão do sobrado, entediada, não sabendo em que se ocupar. E sempre a chuvinha miúda a esfarinhar-se na luz enevoada. Se tivesse ido — conclui, achatando o nariz na vidraça — teria ao menos com que se distrair: o chapèuzinho de D. Jemima, o narigão pontudo do velho Rocha, os olhos bisbilhoteiros de D. Anicota, os nove filhos do Presbítero Ananias, a voz de contralto da Sinhá Diniz... E a seriedade do Reverendo Tobias, meu Deus! Sempre de rosto fechado, abotoado no fraque lustroso, a mão cabeluda esmurrando o púlpito, nos pontos altos do sermão.

Defronte, na casa de Sinhàzinha Dourado, uma janela se entreabre, e a cabeça da viúva, protegida pela touca de dormir debruada de renda, se adianta pela fresta, sondando o tempo: de pronto se retrai, acossada pelos borrifos, e logo a rótula estronda, cerrando-se, e outra vez a rua não tem viva alma.

— Com certeza ela agora vai tocar — adivinha Morena.

Mas é em vão que, de olhos na casa fechada, espera a valsa do Major. Só o rumor do vento e da chuva. Novamente um carro desce a ladeira. O tropel de um cavalo para os lados da Rua da Cruz lhe traz a lembrança do pai. Que é feito dêle? Agora, que o pai passou a andar a pé, não pode mais identificá-lo num galope longínquo. E que fim levou também o Dr. Luna, que nunca mais apareceu no sobrado?

Os olhos de Morena detêm-se na esquina, como se o Aluísio fôsse apontar ali, todo de branco, bengala, chapéu de palha. E o coração se lhe aperta, num impulso de saudade. Só em dezembro êle estará de volta, sério, compenetrado, quase a acabar o curso. E no outro ano, com o favor de Deus, já será doutor. Um arrepio de emoção invade Morena, alumiando-lhe os olhos felizes, e ela se antevê no vestido de noiva, descendo a escadaria da Sé. Onde será depois a sua casa? Talvez na Rua dos Remédios, perto do Largo. Ou à beira-mar, diante da baía. Não importa onde fôr. O importante é que a casa seja sua, grande ou pequena, perto ou longe, contanto que se veja livre da solidão do sobrado.

— Eu só quero é que o tempo passe depressa, meu Deus!

Mas o tempo é lerdo, monótono e vazio. Como custaram a passar os últimos três meses! E ainda falta tanto para o ano acabar! Paciência. É preciso paciência. Há dias em que se vê tão deprimida que não tem outro recurso senão chorar. E é à noite, quando se recolhe, que a solidão mais lhe dói, como se a casa quieta, longe de lhe dar serenidade e paz, despertasse em seu íntimo a tristeza do abandono que a martiriza. Nessas horas, o sono é difícil, não obstante o embalo da rêde. Ultimamente prefere dormir na cama, no quarto contíguo, por ser mais escuro, sem a claridade vaga que entra da rua. Assim, ao despertar, não vê o outro canto vazio, onde ficava a rêde de Cristina. Por mais que o tempo se esvaia, Morena não se habitua nem se conforma com a ausência da irmã. De comêço, ficara

atordoada, como se despertasse de um pesadelo. Não podia acreditar que Cristina tivesse ido para sempre. Como resignar-se à sua falta, se juntas e amigas, tinham vivido até àquela separação? Quando se despedira dela, correra para o quarto, tapando os ouvidos, para não lhe sentir os passos na escada, nem ouvir o rumor da carruagem descendo a rua. Com a cabeça apoiada no braço, rompera a chorar, numa crise de soluços mais intensa e desesperada que a do entêrro de Teobaldo. E na manhã seguinte, ainda havia sido maior o seu tormento: para qualquer lado que se voltava, a imagem da outra saltava à sua memória, como se tôdas as coisas gritassem por ela, desde a sua mesa fechada aos sapatos que não quisera levar.

Felizmente, começaram as aulas, e houve a novidade da mudança do colégio. A Escola Normal, menos severa que o Santa Teresa, sem a obrigação da missa na capela nem a vigilância das freiras, cercou-a de caras novas, com as quais prontamente se familiarizou. Menos de uma semana depois, entrava a sentir a saudade das antigas colegas e das velhas mestras. Até mesmo o uniforme de outrora, com a sua saia azul e a blusa branca, pendente do cabide no guarda-roupa, deixava-a de olhos molhados. E na desorientação que a salteou, tivera de lutar consigo mesma para não largar os estudos.

Tôdas as noites, agora, quando não é dia de culto na igreja do Caminho Grande, é ela quem lê a Bíblia, à mesa da varanda. Às oito e meia, a Biá vem chamá-la. Ainda bem que a leitura não vai além de um capítulo, seguida de um hino, que Mariana canta, acompanhada pelas criadas. E é também Mariana quem ora ao Senhor; de pé, olhos cerrados, enquanto Morena se distrai com o balanço do pêndulo do relógio, bem à sua frente, ou tenta compreender, pela centésima vez, êste versículo dos *Salmos* colocado diante de sua vista, no vão da parede: "Até quando, Senhor, te esquecerás de mim para sempre? Até quando apartarás de mim a tua face?"

E o certo é que essas duas perguntas, à fôrça de se repetirem ante os seus olhos sonolentos, entram a afligi-la, dando-lhe a sensação estranha e angustiante de que é ela que as formula, como se também Deus a houvesse abandonado.

Sempre a chuvinha insistente riscando o ar, sob o céu nublado, no retângulo da vidraça. E de repente, esgueirando-se pela calçada de Sinhàzinha Dourado, debaixo de um guarda-chuva furado que lhe esconde o dólmã e o boné, a figura do

carteiro luta com o vento úmido, sobraçando a correspondência que vai entregando de casa em casa, magro e arreliado.

Morena abre a janela, num impulso:

— Psiu, môço — grita — Não há carta para mim?

A chuvinha persistente bate-lhe no rosto, salpica-lhe os cabelos, e a obriga a retrair-se, mão espalmada diante dos olhos. O carteiro, com o sôpro da ventania e o bater dos pingos de água na calçada, não lhe ouve o grito, e esgueira-se rente às fachadas, até ser engolido, logo adiante, pela porta de um sobrado, enquanto Morena bate a rótula e corre para a varanda.

— Biá — diz ela, assim que avista a criada — desce depressa e pergunta ao carteiro se não veio carta aqui para casa. Êle entrou no sobrado do Manuel Jorge. Anda. Depressa, Biá.

Porém a criada, que faltou à igreja por ter no pé uma unha doente, gestos lentos, não arreda do lugar, a um canto da cozinha, agarrada à sua Bíblia e ao seu livro de hinos. Depois que levanta o olhar, interpondo o indicador nas fôlhas da Bíblia, descansa em Morena as lentes grossas, que a fala preguiçosa acompanha:

— Veio carta ontem — responde, com ar de mistério.

— Para mim?

Biá levanta os ombros, espichando o beiço úmido, para dizer que não sabe. E acrescenta:

— D. Mariana ficou com ela.

Depois, misteriosa, Biá abre novamente a Bíblia, retoma a leitura em voz alta. De vez em quando incorre numa silabada ou soletra o vocábulo difícil cuja significação lhe escapa, e vai adiante, séria, concentrada na graça de Deus, sem dar ouvidos ao barulho cantante da chuva nas fôlhas do quintal.

Morena, de volta à varanda, desliza a mão pelos cantos da bôca, intrigada. Por que Cristina, volvidos três meses de ausência, não lhe mandou ao menos uma linha? Seria que, no Convento, as noviças só poderiam escrever às mães? E por que a mãe nada lhe disse sôbre a carta recebida na véspera? Essa carta — conclui — só podia ser da irmã. E afofando os passos, depois de olhar o relógio (passava um pouco das dez horas) e certificar-se de que a Biá continua no seu canto concentrada na leitura, acerca-se da alcova. A mãe teria passado a chave na porta? Felizmente, a um giro cauteloso da maçanêta, o trinco obedece, e Morena se vê dentro do aposento, buscando com os olhos alvoroçados a carta de Cristina. Experimenta as gavetas da cômoda, uma a uma: estão fechadas. Vai às mesinhas de cabeceira: ali, de mistura com um vidrinho de remédio para dormir, uma luva e um lenço, só encontra folhetos protestantes. Sempre abafando os passos, encaminha-se para a sala da frente, tôda cercada pela penumbra das cortinas que se antepõem à claridade da rua, nas quatro janelas à frente e à esquerda. Corre uma das cortinas, abrindo espaço para um pouco de luz, e adianta-se até o contador italiano.

Ainda de longe, dá com os olhos na letra de Cristina sôbre um maço de cartas. Meu Deus, são doze! E tôdas fechadas! Com as cartas nas mãos, franze a testa, tentando em vão decifrar aquêle mistério. Por que a mãe não as abriu? Um rumor de passos do lado da varanda, e Morena repõe as cartas sob o pêso de papel, com receio de que a mãe já esteja de volta.

Ao sair à varanda, ainda assustada, na ponta dos pés dá de cheio com a Biá, que parece ter permanecido diante da porta, a seguir-lhe os passos por trás das lentes faiscantes.

— Que é que a senhora estava fazendo lá dentro? — indagou a criada, em tom de reprimenda.

E Morena, ríspida:

— E aqui quem é a dona da casa: eu ou você? Fique no seu lugar, ouviu? E se quiser dizer à mamãe que eu estive ali, pode dizer.

Biá engoliu a ira, humilhada. E antes que Morena passasse a outra ala do sobrado:

— Se eu gostasse de intrigas e vivesse de mexericos (a senhora sabe disso perfeitamente), já tinha dado com a língua nos dentes, e há muito tempo, contando o seu namôro à D. Mariana.

Morena susteve o passo, já no vão da porta. E numa voz menos áspera, que abrandava o desentendimento:

— E que é que lucravas com isso? Que eu nunca mais fôsse à igreja protestante. Tu não hás de querer agora que, só por causa da tua língua, eu deixe de ouvir os sermões do Reverendo Tobias.

Jogou os cabelos para trás:

— Que é que preferes: fazer fuxico ou salvar a minha alma?

E ela própria, à mesa do almôço, assim que Mariana terminou de dar graças ao Senhor, interrogou a mãe, desdobrando o guardanapo:

— Mamãe, por que é que a senhora recebe as cartas de Cristina e não as abre?

A resposta veio sêca:

— Porque não quero.

— E não vai abri-las? — insistiu Morena, trazendo ao lume do rosto os negros olhos crescidos.

— Nunca.

— Mamãe! As cartas de sua filha!

— As cartas de tua irmã, enquanto eu fôr viva, assim como chegarem, ficarão. Se ela não me quis ouvir como mãe, por que hei de ouvi-la agora como filha? — replicou Mariana, crispando o semblante.

E endurecendo o olhar:

— E o que fôste fazer na sala?

— Procurar um comprimido para o meu resfriado. Como não achei nenhum na alcova, entrei na sala, para ver se havia algum no contador — justificou-se Morena, baixando o olhar para a toalha.

A tarde sombria, sempre cortada pela chuvinha irritante, obrigou Morena, depois da sesta sem sono, a tornar à janela, sob a pressão angustiante das longas horas vazias. Doía-lhe mais agora a saudade da irmã. E as cartas fechadas, do outro lado da casa, com as notícias de Cristina, sepultadas para sempre nos envelopes por abrir, constituíam-lhe uma nova tortura, que aos poucos a levava aos limites do desespêro. Por que sua mãe era diferente das outras mães?

E Morena passa a mão pelos cabelos, movendo a cabeça num gesto de tristeza e desalento. Roda o olhar na sala imensa e no imenso quarto, como em busca da irmã. E uma dor fina lhe comprime o coração. Quando dá por si, está outra vez na janela, e o fio longo de suas lágrimas acompanha o fio da chuva que entrou pela tarde, sempre a cair do outro lado da vidraça.

Em vão, no resto fôsco do dia, para aligeirar as horas, ela tenta estudar as lições do dia seguinte. Logo apanha um romance, entre os livros do pai, e arrasta uma cadeira para junto da janela. Daí a momento, cerra o volume, entediada. Tudo lhe bole com os nervos — o sibilo do vento, o pleque-pleque da água na calçada, a casa quieta. Repõe o livro na estante,

estira-se na cama, disposta a adormecer. Acompanha com atenção o tiquè-taque do relógio da varanda, cerra as pálpebras por alguns minutos. Outra vez se levanta. Senta-se à secretária, a ver se consegue escrever uma carta. Ao Aluísio ou à Cristina? Fará duas cartas, decide-se. Primeiro à irmã, depois ao namorado. Mas a pena range no papel, áspera, borrifando a tinta. Recorre a outra fôlha, depois de arremessar a primeira, amarfanhada, a um canto da sala. Novamente na rua um tropel de cavalo. Corre à janela, para ver se conhece quem passa. E retorna à secretária, alguns minutos depois, com saudades do pai — a recordar as noites na varanda, o jôgo das cartas, o álbum de fotografias. De súbito, pergunta a si mesma, por que não aproveita um dia de aula para lhe fazer uma visita. Irá quinta-feira, faltando à aula de desenho (de que não gosta). Quando a Biá a deixar à porta do casarão da Rua Formosa, simulará que entra, mas não subirá a escada, esperando que a criada desapareça na dobra da rua. E irá então ao Destêrro ver o pai. Em poucos minutos estará no sobradinho. Se Cristina foi lá, por que não irá também? E fica a imaginar, mordendo o cabo da caneta, o contentamento alvoroçado de Ernesto, abrindo-lhe os braços numa explosão de alegria, enquanto a velha Cipriana, coitada, chorará de emoção.

Lá fora o dia começa a esmorecer. As sombras vão tomando os cantos do quarto, escorrendo para baixo dos móveis. E Morena se levanta. Não tem cabeça para escrever. Novamente com o rosto contra a vidraça, vê o céu escurecer e sempre a chuva miúda fustigada pelo vento. Ninguém nas calçadas. As janelas cerradas. Nos beirais, não se levanta o alarido das andorinhas. De repente a claridade das lâmpadas elétricas. E a rua parece mais triste no fulgor da luz avermelhada.

De noite, quando Mariana sentou à mesa do jantar, já preparada para o culto, viu que Morena também estava pronta para sair.

— Eu vou com a senhora — ofereceu-se Morena.

— Não estás gripada?

— Melhorei.

— O sereno e a chuva podem fazer-te mal — ponderou Mariana, sem compreender a decisão da filha.

— Irei bem agasalhada. Prefiro ir. Não quero ficar sòzinha.

E ao sair à rua, daí a meia hora, levantou mais a gola do vestido, protegendo-se contra o vento úmido. Que Nossa Senhora lhe perdoasse ter tomado a iniciativa de ir à igreja protestante. Como podia suportar o silêncio e a escuridão da casa fechada, sem ninguém mais no sobrado? E protegeu-se sob o guarda-chuva, enquanto a Abigail, com a sua Bíblia e o seu livro de hinos, apertava o passo para acompanhar o passo de Mariana, dura, tôda de prêto, e calada, a caminho da Casa do Senhor.

XXXVIII

Quando a Cipriana deu com aquêle homem ao pé da escada, alto, fartos cabelos caindo para as orelhas, um livro contra o peito, o chapéu e a bengala na mão direita, a indagar pelo Dr. Ernesto, teve a repentina certeza de que a figura não lhe era estranha. E enquanto tratava de espertar a memória — "Mas onde foi que viste essa criatura, Cipriana?" — desceu outro degrau, para olhá-lo mais de perto.

— E quem é que quer falar com o Dr. Ernesto? — indagou a velha, sempre intrigada.

Ela trazia ainda nas mãos a alfazema e o incenso que ia deitar no fogareiro, para varrer da casa o cheiro da Miriam Serejo, mais perfumada naquela tarde de junho, chapéu de plumas e guarda-sol e que certamente se cruzara com aquêle senhor sisudo, ao sair do sobrado.

— É o Reverendo Tobias — trovejou o homem, numa voz autoritária e cheia, o pé adiantado para começar a subir.

A velha estremeceu, apoiando-se no corrimão, e deixou cair a alfazema e o incenso, os olhos aumentados num princípio de pavor. Seu primeiro impulso, assim que reagiu ao susto, foi responder que o Dr. Ernesto havia saído. Mas como dizer que o doutor não estava, se o doente não se levantava da cama? Para dar tempo ao tempo, curvou-se com lentidão, recolhendo os dois saquinhos de alfazema e incenso, e só então replicou, já de costas para o visitante, fazendo o sinal da cruz:

— Faça favor de subir.

Na véspera, alarmado com a persistência de alguns sintomas graves da hemiplegia de Ernesto, o Luna havia ido ao sobrado da Rua do Sol, muito cedo, antes da Santa Casa, para inteirar Mariana da doença do marido e sugerir-lhe que deixasse Morena ver o pai.

Hàbilmente, preparara o espírito de Ernesto. Já fazia mais de três meses que estava de cama — lembrara-lhe — não podia adiar indefinidamente o seu encontro com a filha. A vinda de Morena, longe de significar que êle houvesse piorado, era a prova de que estava melhor, tanto assim que podia suportar a emoção da visita.

E Ernesto, arrastando a fala molhada:

— Ela vai chorar, vendo-me assim.

— Mas enxuga logo as lágrimas, sabendo que estás melhor.

De propósito, para deixar que o próprio Ernesto lhe cobrasse a visita, o Luna não voltara a lhe falar sôbre a vinda de Morena.

E Ernesto, daí a dias, já cansado de esperar:

— E a Morena, vem ou não vem?

— Eu estava esperando que tu mesmo a reclamasse. Amanhã, antes da Santa Casa, irei falar com Mariana.

Embora a manhã de junho ainda tenha um pouco da umidade dos últimos dias de maio, o Dr. Luna enxuga o suor abundante que lhe desce pela papada, enquanto sobe a escada para a penosa visita ao sobrado da Rua do Sol. Desde que tratou de Cristina, nunca mais viu Morena. Sente-se constrangido, como se a casa lhe fôsse hostil já nos degraus da entrada, e tarda o passo fatigado. A luz que baixa da clarabóia destaca-lhe a cabeça achatada sôbre as espáduas atléticas. Seus cabelos ralos já perderam o louro queimado com que chegara ao Maranhão: rarearam ao meio da cabeça, mostrando o crânio calvo, ou desbotaram, numa tonalidade grisalha, de um lado e de outro das têmporas. Está mais gordo, ar sucumbido, rugas fundas nos cantos da bôca, um brilho desanimado nas pupilas azuis. No entanto, em presença de Ernesto, o corpo exausto se transfigura: as mãos desalentadas se inflamam de uma vivacidade teatral, enquanto as pernas curtas se movem com agilidade de bailarino em redor da cama, e tôda a figura se rejuvenece no esfôrço para animar o amigo.

Antes de bater palmas, dois degraus antes do patamar, sustém o passo, corre o lenço pela testa e pela papada, compõe a gravata, suspira, e só então afasta as mãos úmidas, para se anunciar. Sem demora, as lentes da Biá reluzem do outro lado da varanda.

— Vá dizer à D. Mariana que eu estou aqui — ordena êle.

A varanda larga, que o sol nôvo da manhã intensamente iluminava, não tinha o ar animado de outrora, realçado pelos leques coloridos das janelas. A luz ainda se filtrava por êles, estendendo sôbre as tábuas do chão as côres do prisma; porém o silêncio circundante, e mais a gravidade dos versículos bíblicos nas paredes, como que lhe atenuavam o fulgor e a alegria, na pasmaceira do sobrado.

— "O salário do pecado é a morte" — leu o doutor, ainda com o chapéu a rodar nas mãos.

E mais adiante, ao acercar-se do cabide, uma nova advertência lhe chamou a atenção: "Cada um morrerá em razão de seu próprio pecado. *Jeremias*, capítulo 31, versículo 30."

— Como é possível viver assim, só pensando na morte e no pecado, com estas ameaças diante dos olhos o dia inteiro? — indagou Luna a si mesmo, pensativo.

Logo se voltou para a porta da alcova, sentindo no soalho os tacões das botinas de Mariana.

E era ela, na verdade. Parecia mais magra, afogada no vestido prêto que lhe descia até os pés. O lenço escuro, de raias negras, acentuava a alvura do cabelo, que apontava de cada lado do rosto, acima das orelhas. Rugas fundas mareavam-lhe os cantos da bôca e dos olhos. E um olhar duro, de pálpebras contraídas ante a fulguração da luz matinal.

Assim que cumprimentou o Dr. Luna, apenas com um aceno de cabeça e sem lhe estender a mão, ofereceu-lhe a cadeira ao fundo da varanda:

— Sente-se, faça o favor.

Porém êle, um tanto intimidado pela figura que o observava, pendeu um pouco a cabeça, torturando com o polegar e o indicador um dos botões do paletó:

— Obrigado. A visita é rápida. Tenho uma operação daqui a pouco, não me posso demorar. Era para ter vindo aqui antes, mas só agora é que pude acomodar as coisas com o necessário cuidado. A senhora já vai me compreender.

Mariana havia franzido a testa, intrigada. E não contendo a ansiedade, ao reparar-lhe nas mãos nervosas:

— De que se trata? — indagou, numa voz hostil.

— Em março, no mesmo dia do embarque de Cristina — começou o Dr. Luna, sempre a torturar o botão — o Ernesto teve um derrame. Daí para cá, não se levantou mais. Está hemiplégico e o seu estado é grave, muito grave mesmo. E tem piorado. Piorado bastante.

— Com a vida que levava — atalhou Mariana, sempre hirta — o que admira é que não tenha tido êsse derrame mais cedo.

E o Dr. Luna, depois de um silêncio sofreando a ira:

— O pai dêle morreu de um derrame. E o avô, que era provedor da Santa Casa, e levou sempre uma vida muito regrada, também. Felizmente, ou infelizmente, o ataque de Ernesto não foi fulminante e lhe poupou a cabeça: deixou-o com um lado paralítico, o outro um tanto dormente. Tenho feito o que posso para ver se melhoro o estado dêle. Mas a verdade é que tem piorado. De uma hora para outra, terá uma nova crise, que certamente lhe será fatal. Ontem, êle manifestou o desejo de que Morena fôsse vê-lo. E eu estou aqui, como o amigo da família, para lhe transmitir êsse desejo.

Mariana, de ímpeto, levantou mais o olhar:

— E que lucra Morena com essa visita? Nada. Absolutamente nada. Pelo contrário, pode até prejudicar-se. Sim, senhor. Pode até prejudicar-se. A Cristina só foi embora daqui porque o pai lhe deu mão forte na hora do desatino. E só eu sei a luta que tenho tido para conduzir Morena ao bom caminho.

O Dr. Luna engoliu mais uma vez a saliva:

— D. Mariana, o Ernesto é pai, tem direito de ver a filha. Ponha de lado as restrições que a senhora lhe faz. Pelo menos agora, sabendo que o estado dêle é grave. Até aos grandes criminosos, que são condenados à morte, se faz a última vontade. E talvez o desejo de ver a filha seja a última vontade de Ernesto.

Mariana crispou o rosto, como se o argumento a houvesse abalado. Mas de pronto se refez, olhar imóvel.

— Vou pensar no caso, doutor. E asseguro-lhe que encontrarei a melhor solução — afirmou, abrandando o semblante, caminho da escada, como a insinuar ao Dr. Luna que a visita estava finda.

E o Dr. Luna, apanhando com rapidez o chapéu:

— Não se incomode, D. Mariana. Eu conheço a saída.

No carro, até o Largo do Quartel, não cessou de tamborilar nos joelhos com a ponta dos dedos, numa raiva surda. Mais adiante, levantou os ombros, num gesto de desprêzo. Ao fim de tudo, tinha pena de Mariana. E gritou ao cocheiro que fôsse mais devagar.

Nesse mesmo dia, pouco depois do cair da noite, Mariana saiu para o culto da quarta-feira, em companhia de Abigail, com

a intenção de falar ao Reverendo Tobias, ainda em sua casa, na meia morada ao lado da igreja.

— A senhora fêz bem em aconselhar-se comigo. Não, não mande a menina. Não está em jôgo uma vida — está em jôgo uma alma. A vida passa, convertida em podridão; a alma é eterna, pode resplandecer em perpétua luz — replicou Tobias, soleníssimo, já preparado para o sermão.

E passeando ao comprido da pequena sala, que uma estante atravancava, a mão direita apertando a ponta do queixo:

— A solução do caso é outra, bem diferente. Quem tem de tratar dêste assunto sou eu. O Dr. Ernesto está em poder de Satanás. E o meu dever é salvá-lo. Sua alma foi criada por Deus e a Deus há de tornar. Seu caso não é mais para os médicos do corpo: é para os médicos da alma. Sou eu que devo ir ao seu encontro, com êste santo remédio.

E levantou a Bíblia na ponta dos dedos.

— Amanhã à tarde, D. Mariana, hei de arrebatá-lo às garras do Mais-que-Maligno — concluiu, num safanão enérgico, fechando a mão cabeluda, como se agarrasse uma coisa no ar.

E no dia seguinte, assim que a tarde quebrou, o Reverendo Tobias chegou ao Destêrro, com o ar aguerrido de quem se preparara desde cedo para vencer o Demônio antes que o Sol se escondesse.

— Com licença, em nome de Deus — anunciou-se, parado à soleira da porta, buscando com o olhar alguém que o viesse receber.

O perfume de Miriam, alastrado pelo quarto, quase o obrigava a repelir o ar que lhe entrava pelas narinas. Lá embaixo, no momento de subir o batente de pedra para alcançar a escada, tinha-se defrontado com a rapariga, que trescalava o mesmo aroma forte, já no último degrau, e logo retrocedera, formalizado, para lhe dar passagem. Pobre criatura, digna de melhor sorte! Condenada ao Inferno, como as mulheres de Sodoma, por viver da luxúria e do pecado! E agora, vendo Ernesto sentado contra os travesseiros, em pleno leito revolvido, a aspirar o aroma pecaminoso, sofreava a veemência de seus anátemas, adivinhando-lhe os excessos. Que homem, Senhor! A um passo da morte, quase a comparecer ante o Juiz Supremo, e ainda persistia na devassidão!

— A casa é sua — condescendeu Ernesto, reconhecendo a figura estranha que, ao primeiro olhar, o assustara.

— Não se surpreenda com a minha visita — acudiu o Reverendo, descansando a bengala e o chapéu numa cadeira junto

à porta — Digo como Jesus: "Eu sou o que vem em nome do Senhor."

E ao sentar na cadeira de balanço que Ernesto lhe oferecia, mudou-a logo de posição, para não olhar permanentemente a mulher nua do quadro obsceno que pendia da parede ao lado da cama:

— Se me dá licença, aqui estou melhor.

O ar perfumado, os livros em desordem, o lençol machucado, um travesseiro no chão, duas peças íntimas penduradas no cabide, tudo ali denunciava o pecado, a começar pelos olhos irônicos do enfêrmo, muito negros, tocados de um brilho lascivo que Tobias prontamente identificou com a sua experiência de inimigo do Diabo.

— O senhor está com o pé na Eternidade — começou, retraindo o corpo para o espaldar da cadeira — e é por isso que tomei a iniciativa de vir aqui. O seu estado é grave. Muito grave mesmo — acentuou, pesando as palavras, os olhos nos olhos de Ernesto, que alteou mais a cabeça, desassossegado nos travesseiros.

Pela manhã, recebera Ernesto carta de Cristina, com boas notícias: ia começar, dentro de poucos dias, o seu noviciado e se sentia imensamente feliz. "E essa felicidade eu devo a Deus e a você, meu pai." As palavras da filha tinham-lhe dado tão grande alegria que êle próprio, chamando a Cipriana para perto da cama, lhe havia lido a carta, emocionado, quase a ponto de chorar, numa fala mais arrastada e úmida, que lhe aumentou o fio de saliva aos cantos da bôca. Depois, pelo meio da tarde, a Miriam lhe entrara no quarto, com a sua beleza e o seu perfume, e o animara muito, dando-lhe mesmo a certeza de que, antes do Natal, êle estaria bom: "Foi o que me garantiu o Dr. Luna" — acrescentara, ao despedir-se, beijando-o no rosto, com uma ternura espontânea, afagando-lhe os cabelos — "E eu não quero de você outro presente de festas."

Agora, na cadeira de balanço, pernas cruzadas, o Reverendo Tobias insistia, em tom solene e persuasivo:

— De um momento para o outro, pode-lhe sobrevir uma segunda crise, e aí o senhor deixará o seu invólucro terreno, para comparecer em espírito no Tribunal de Deus. "Que fizeste de tua vida?" — perguntar-lhe-á o Senhor dos Exércitos, tendo ao seu lado o Arcanjo Gabriel com a espada flamejante. "Pequei" — responderá o senhor. E terá de enumerar, um a um, os seus erros e as suas devassidões, os seus atentados à moral e aos bons costumes. Numa palavra: a sua vida dissoluta, que ainda agora, pelo que vejo, não terminou!

E rodou o olhar acusador pelo aposento.

Ernesto, levado pelo primeiro impulso, estêve para corrê-lo dali com um palavrão. Mas reprimiu de pronto a cólera, interessado agora em saber até onde iria a estupidez do Reverendo.

— Mas nem tudo está perdido, meu caro Dr. Ernesto. Deus é bom, Deus é pai, Deus é generoso. E o senhor ainda poderá salvar-se. Perfeitamente. As portas do Céu podem-se abrir para dar passagem à sua alma.

Ernesto deu ao rosto uma expressão de interêsse:

— O Reverendo acha que, apesar de tôdas as minhas farras, ainda posso ter esperanças de entrar no Paraíso, ao som das trombetas celestes, sem o menor protesto das onze mil virgens?

E o Tobias, abotoando gravemente o fraque:

— Disse o Senhor Jesus, nosso Salvador: "Aquêle que crê em mim, ainda que esteja morto, viverá." Deus é a suprema justiça, mas é também, por outro lado, o supremo perdão. Disse São Paulo, na Epístola aos romanos: "O dom gratuito de Deus é a vida eterna, por Cristo Jesus, nosso Senhor."

Nesse momento, a velha Cipriana, tôda trêmula, torcia as contas do têrço, ajoelhada diante da imagem de São Benedito.

Assim que o Reverendo Tobias caminhara na direção do Ernesto, a velha, que o acompanhava com o olhar, cheia de mêdo, ao fundo da varanda, arrastara para seu quarto os pés cansados. Todo o seu rosto engelhado, onde luziam crescidos os olhos amedrontados, era pouco para o espanto que a invadira — o beiço espichado, as sobrancelhas a meio da testa, a respiração ansiada, o dorso curvado para a frente. O doutor iria dar ouvidos àquele homem comprido que tinha partes com o Diabo?

— Ah, meu São Benedito! Ah, pretinho de minha alma! Acuda depressa esta sua negra velha, pelas chagas de Cristo! Está aí aquêle homem que desencaminhou minha Sinhá! Foi êle que levou a pobrezinha para a igreja protestante e fêz Sinhá me botar para fora de casa nesta idade! Pelo amor de Jesus Cristo, não deixe que êle desencaminhe o Dr. Ernesto! Depressa, meu santo, que o homem já está lá dentro do quarto, falando grosso e ralhando com o doutor!

E atarantada, com o velho coração cansado a lhe pular dentro do peito, espevitou o pavio da vela, riscou aflitivamente um fósforo, e caiu de joelhos aos pés da imagem, com o têrço nas mãos:

— Pelas bentas chagas, meu Santo...

Ernesto, a êsse tempo, continuava a ouvir o Reverendo com simulada paciência, sério, olhar severo, como interessado em suas reprimendas. Logo se dera conta de ter sido Mariana a inspiradora da estranha e despropositada visita do pastor protestante. Pelo visto, tôda a vida passada dele, Ernesto, ela a contara a Tobias, pintando-o como o último dos homens.

E numa voz mansa, interrompendo o pastor:

— Tudo isso que o senhor acaba de me recordar é a expressão da verdade. De fato, pequei muito, doutor. Fiz o que se chama gozar a vida. Mas não tenho arrependimento de ter feito tudo isso. O que eu tenho hoje é raiva, Reverendo.

— Raiva do pecado! — completou prontamente Tobias, tentando desviar o rumo da conversa — Muito bem! Raiva do êrro! Raiva do Demônio!

— Não — replicou Ernesto, com um brilho de mofa nos olhos brejeiros — Raiva de estar deitado nesta cama, sem sair à rua, para tornar a gozar a vida.

E Tobias, perdendo a paciência:

— Mas isso é o cúmulo! O senhor ainda está dominado pelo Demônio, meu caro senhor! As garras do Demônio apossaram-se de sua alma! Reflita, Dr. Ernesto! Eu lhe falo em nome de Deus! O senhor não pode atirar a sua alma ao Inferno, onde há chôro e ranger de dentes! O senhor pode morrer hoje mesmo, Dr. Ernesto! A sua vida está por um fio de cabelo!

Na exaltação, pôs-se a compassar o quarto, indo e vindo no trecho entre a janela e os pés da cama, a apertar a Bíblia contra o peito:

— Sabe o senhor o que é o Inferno? É o eterno castigo, a tortura que não acaba nunca, o suplício infinito! E legiões e legiões de demônios a maltratá-lo, dia e noite, entre as labaredas que nunca se apagam!

Os olhos de Tobias vinham à tona das órbitas arregaladas, como se fôssem pular para cima de Ernesto, enquanto a sua mão direita gesticulava, grande, cabeluda, ameaçadora. Suas pernas longas não tinham sossêgo: ora retrocedendo, ora avançando, consoante a veemência das ameaças:

E Ernesto, coibindo-se:

— O senhor tem mesmo a certeza de que eu vou para o Inferno, Reverendo? — indagou, arrastando o corpo para o lado esquerdo da cama.

— Absoluta.

— E o Reverendo, quando chegar a sua hora, que também pode ser hoje, irá para o Céu?

— Perfeitamente. O Senhor Jesus morreu na cruz para salvar-me. Deu por mim o seu sangue. E eu levo uma vida reta e limpa, segundo os preceitos da Palavra de Deus. Irei para o Céu. O que perseverar até o fim, êsse será salvo. Está em São Mateus, capítulo 24, versículo 13. E disse o Senhor Jesus, conforme está no Evangelho de São João, capítulo 5, versículo 24: "Em verdade, em verdade vos digo que quem ouve a minha palavra, e crê naquele que me enviou, tem a vida eterna, e não incorre na condenação, mas passou da morte para a vida."

A Bíblia aberta diante dos olhos pulados tinha-lhe restituído a serenidade. E fechando o livro, depois de recolher os óculos:

— O Demônio está nesta casa e ronda o seu leito, para lhe recolher a alma na hora de sua agonia, Dr. Ernesto. E eu vou livrá-lo do Príncipe das Trevas, com a ajuda de Deus. Procure concentrar-se. Mantenha-se calmo. Vou orar ao Senhor, para livrá-lo de Satanás.

E de pé, as mãos cruzadas sôbre a Bíblia, cerrou os olhos:

— Senhor meu Deus, estende sôbre mim a tua graça para que eu possa expulsar daqui o Demônio. E derrama a tua luz sôbre o leito dêste enfêrmo, para que êle se eleve à tua presença na hora final.

E enquanto o Reverendo orava, Ernesto conseguira abrir sem ruído, cautelosamente, a gaveta da mesinha de cabeceira à sua esquerda, de modo que, daí a momentos, quando o Tobias ergueu as pálpebras, com uma expressão de êxtase na cara comprida, viu, com surprêsa, o cano de um revólver apontado em sua direção.

Retraiu um passo, alarmado:

— Que significa isso, senhor?

E Ernesto, firmando o braço esquerdo no travesseiro, o dedo no gatilho:

— Vou mandá-lo para o Céu agora mesmo, Reverendo. A vida aqui em São Luís está cada vez mais difícil e cheia de tentações. E o senhor, pelo jeito, não vive na abundância. Num relance, só com a pressão dêste meu dedo — e mostrou-lhe o indicador roçando o gatilho — o senhor se livra dos tormentos dêste mundo e voa cantando para o Reino de Deus.

Tobias retrocedera outro passo, os olhos esbugalhados:

— Por favor, Dr. Ernesto, deixe-se de brincadeiras.

— Não é brincadeira, não, Reverendo — replicou Ernesto, erguendo mais a cabeça, para ajustar melhor a pontaria — Vou mandá-lo para o Céu. Dou o tiro, o senhor cai, e sua alma,

dentro de um segundo, com a rapidez do relâmpago, estará diante de Deus. Não adianta correr. Fique quieto. Aí. Nem mais um passo!

Porém Tobias, entre a vida eterna, com as suas delícias, e a vida em São Luís, com as suas aperturas, optou prontamente por esta última, precipitando-se para a varanda e apanhando na corrida a bengala e o chapéu, no momento exato de escapar à bala, que instantâneamente estrondara dentro do quarto.

Cipriana veio lá de dentro, atraída pelo estampido, e ainda viu o Reverendo arremessar-se pela escada, com uma agilidade formidável, a voar pelos degraus até à porta da rua, onde o Lorde, atirando-lhe um olhar de desdém e rosnando junto ao seu osso, se limitou a assustá-lo com um latido rápido, e o deixou passar.

XXXIX

Nos dois primeiros meses, distraída pela novidade do ambiente, com as caras novas de colegas e professôres à sua volta, no sobradão de dois andares da Rua Formosa, Morena se afeiçoara à Escola Normal, atordoando-se alegremente com o ruído dos intervalos das aulas, a bulha das alunas a descer ou subir a escada da rua, as conversas durante as classes enquanto o professor escrevia no quadro-negro ou fazia a chamada. De um dia para outro, porém, começou a sentir a saudade do antigo colégio, ao mesmo tempo que lhe crescia o tédio das lições. As risadas nos corredores, as correrias no recreio, as conversas em tom alto no intervalo das classes, boliam-lhe com os nervos, como se tudo em redor conspirasse para levá-la dali.

— Que significam estas notas baixas, Morena? — perguntou Mariana, com estranheza, ao ver-lhe o boletim, com o resultado das primeiras provas.

Morena baixou o olhar, depois de abrir e afastar as mãos, para dizer que não sabia.

E nesse mesmo dia, à mesa do almôço, depois de orar ao Senhor, Mariana comunicou à filha a sua determinação de tirá-la da Escola Normal.

— Mas por que, mamãe?

— Não quero que se diga que perdeste o gôsto dos estudos com a mudança do colégio.

E Morena, levantando as sobrancelhas, radiante:

— E eu vou voltar para o Santa Tereza?

— Não. De amanhã em diante, terás aulas particulares, aqui mesmo em casa. Assim, eu controlo melhor os teus estudos.

Pela manhã, Morena havia pensado muito no pai, depois de o buscar, com a vista ansiosa, por todo o trajeto do Largo do Carmo, a caminho da escola. E de volta à casa, tardando o passo pelo passo da Biá, novamente o procurara com a alegria dos grandes olhos negros, repentinamente alvoroçada com o tropel de um cavalo.

— A senhora pode me deixar na Escola Normal, que tirarei as notas mais altas da classe no próximo mês — prometeu Morena.

E Mariana, sem lhe dar ouvidos:

— Mrs. Mary estará aqui amanhã, às oito e meia, para a tua aula de inglês. E ainda com ela, terás aulas de pintura e bordado. Depois de amanhã, virá D. Carmen Falcão, que te ensinará português, francês e matemática. Um dia uma, outro dia outra. Já está tudo providenciado.

Num relance, compreendendo que daí por diante ficaria confinada ao sobrado, sem ao menos a distração da rua no caminho do colégio, Morena estêve a ponto de erguer-se da mesa, num impulso de desespêro e revolta, porém a carta breve do Aluísio, recebida pela manhã, por intermédio da Vanju Soares, fê-la permanecer na cadeira, desdobrando de olhos baixos o guardanapo. Daí a dois anos — pensou — estaria na sua própria casa. Por que havia de brigar com a mãe, agravando ainda mais o ambiente opressivo do sobrado?

— E quem é essa Mrs. Mary? — perguntou, quase ao findar o almôço, enquanto vagamente se recordava da outra professôra, entre as senhoras do côro, na igreja protestante.

— É a mulher de um missionário evangélico. Não podias ter melhor professôra, disse-me o Dr. Tobias.

Miúda, o rosto pintalgado de sardas, Mrs. Mary desfazia a feminilidade de sua figurinha ruiva com uns sapatões de homem amarrados no peito do pé, a roupa escura fechada em colarinho à maneira de um dólmã, uma pesada bôlsa atochada de livros e folhetos de propaganda protestante. Ensinava com gôsto, porém o seu gôsto maior era cantar, e cantara alto um dos hinos do seu hinário, antes e depois das lições, obrigando Morena a acompanhá-la no mesmo tom convicto, com o respectivo mover de olhos para o teto, nas ocasiões em que invocava o Senhor.

— Very well — repetia sempre, no momento de fechar o hinário, satisfeita com a pronúncia de Morena.

D. Carmen Falcão, protestante de outro tipo, tinha um ar meio patusco, brincos negros alongando as orelhas, testa espaçosa, um modo de rir gaiato, a bôca rasgada, com uns restos de sensualidade que a idade não removera por completo. Viúva de um antigo presbítero da igreja, seguiu à risca a religião do marido, alentada pelo firme propósito — que a ninguém escondia — de ir ao seu encontro no Céu.

De início, Morena as aceitou sem revolta e até se divertiu com elas, sobretudo com a viúva, sempre inclinada a enrubescer, cerrando os olhos pestanudos, nas ocasiões em que, atormentada por uma cistite crônica, sussurrava o seu imperativo desejo de ir lá fora, no curso de uma lição.

— É isso que me faz não aceitar alunos, por mais alto que me queiram pagar. Só alunas. E que já estejam na idade de comprcender — justificava-se, ainda ruborizada, retomando o fio da lição.

À tarde, após a sesta, Morena não sabia o que fazer das horas imensas, que o passar dos dias parecia ainda mais alongar. E vinha-lhe o tédio de tudo — da casa quieta, dos livros que começava a ler e logo punha de lado, das vozes da rua, do chilreio das andorinhas, da valsa da Sinhàzinha Dourado — como se nada em derredor tivesse mais o dom de espairecer o seu espírito.

No contador italiano, as cartas de Cristina continuavam a empilhar-se, sempre fechadas, no mesmo envelope branco encimado pelo sinête do Convento. Essas cartas cerradas, que Morena não ousava abrir, acresciam-lhe o sentimento da reclusão. Nas ausências da mãe, entrava-lhe nos aposentos, corria à sala, olhava as cartas, tomada de uma curiosidade mais viva, apanhava uma ao acaso, olhava-a contra a luz, na esperança de lhe ler o conteúdo sem romper o envelope, mas a claridade não devassava de todo o papel de linho, só mostrando as linhas do manuscrito, na letra miúda da irmã. E logo um rumor de passos na varanda a obrigava a repor a carta na papeleira, antes que a Biá ou a mãe irrompesse pela porta da varanda.

— Que vida, meu Deus! — exclamava, de volta à outra ala do sobrado, a cabeça entre as mãos.

De repente tudo se tornara difícil e escuro à sua volta. A mãe, amargurada pela morte de Teo, tinha na sua nova fé a consolação de que necessitava. A irmã, embora longe de casa,

realizara o seu ideal, preparando-se para servir a Deus por tôda a vida. O pai, depois da última presença ruidosa, que escandalizara os vizinhos, nunca mais passara pela Rua do Sul ao tropel de seu cavalo. Só ela, como esquecida de todos, e castigada pelos sucessivos caprichos da mãe, suportava o infortúnio da prisão imerecida na imensidão do sobrado, apenas saindo à rua para o culto na igreja do Caminho Grande. Por que a irmã não lhe escrevia? E por que o pai não dava sinal de vida? Ainda bem que o Aluísio, na última carta que lhe mandara, insistia em confessar as saudades dela, com a promessa de que, em dezembro, pelo primeiro vapor, estaria de volta.

Quando a tarde esmorecia, Morena deixava-se ficar à janela, o ouvido afiado para o resto da casa, com o pensamento nos passos da mãe. Mas como Mariana, talvez compadecida da reclusão da filha, nunca mais a houvesse expulsado dali, terminou por entender que a janela da sala era o seu modo de passear sem sair de casa. Com os braços apoiados na sacada, levava o olhar para os dois lados da rua, interessada no lento fluir dos transeuntes, enquanto a luz do Sol se atenuava no espelho dos azulejos. Lá vinha o Lomba, com a sua bengalinha e o seu chapéu de côco, o cravo vermelho na botoeira, todo de branco, atirando barretadas. Caminho do Largo do Carmo, muito têso na roupa severamente engomada, sempre com um livro, lá ia o Dr. Tibério, negro retinto, ar pachola, e lornhom de trancelim na ponta dos dedos, a esclamar — *"Toujours! Toujours!"* — para as môças bonitas que via passar. Velhas carruagens subindo ou descendo a rua. E a sombra a se alargar nas fachadas fronteiras, debaixo de um colorido róseo de muitos matizes que se derramava sôbre os telhados. Uma menina gorda, de rosto redondo, cabelos cacheados, aparecia na primeira janela do sobrado mais adiante, sacudia-lhe as mãos miúdas, ar contente, a boneca de louça sentada no poial de pedra liós. E uma ternura nova, que antes não havia experimentado, obrigava Morena a sorrir para ela, repentinamente dominada pela vontade de lhe apertar as bochechas e afagar os cabelos, enquanto a saudade do namorado espalhava por todo o seu corpo a ânsia de senti-lo contra os seios machucados. Uma luz úmida cobria-lhe os olhos oferecidos. E ainda faltavam tantos meses para o Aluísio regressar! E mais, muito mais ainda, para ter a sua casa, a sua cama, o seu marido!

Felizmente agora, além dos cultos de quarta-feira e domingo, que lhe permitiam sair de casa à noite em companhia da mãe, tinha uma distração a mais nas tardes de quinta-feira,

com as reuniões das senhoras protestantes, ali mesmo no sobrado. Eram ao todo umas dez ou doze. Chegavam por volta das três horas, tôdas com a sua Bíblia e o seu livro de hinos. Distribuíam-se pelas cadeiras da sala, hirtas, graves, caladas, como figuras de tragédia. Uma ou outra se permitia rir baixo ou falar em tom sussurrado, enquanto as demais, sem encostar o dorso no recôsto das cadeiras, espionavam em redor, pelo canto dos olhos, curiosas e embevecidas. Quando a sessão começava, com o canto de um hino e a prece ao Senhor, o ambiente se tornava ainda mais cerimonioso. Depois, entre sussurros devotos, eram as comunicações orais do trabalho de cada uma, na obra de propagar a verdadeira fé em Cristo e praticar a caridade segundo São Paulo. Assentavam-se medidas para a coleta de 31 de julho, sumamente importante para a manutenção da igreja, com o subsídio do respectivo pastor. Lia-se por fim um capítulo da Bíblia ou um artigo do "O Estandarte". E outra vez cantava-se e orava-se ao Senhor.

Finda a prece, e assim que volviam a sentar, entrava na sala a Biá com uma bandeja, onde fumegava um gordo bule de chocolate. O cheiro do chocolate parecia ter o dom de desfazer a cerimônia do ambiente: ouviam-se os primeiros risos discretos, depois os primeiros sussurros, e a conversa se generalizava, por entre o tinido das xícaras e a mastigação dos biscoitos.

Morena, sem participar da reunião, seguia-a de longe, dissimulando o olhar irônico na compostura do semblante. No patamar, recebia as senhoras que iam chegando, levava-as à sala, desmanchando-se em vênias e cortesias:

— Por aqui, faça favor.

E tinha palavras de interêsse para cada senhora, com uma arte de representar que intimamente dobrava o seu gôzo da reunião:

— Tem orado muito ao Senhor? E as graças do Céu continuam descendo sôbre a sua família? Pois é isso que se quer. O Altíssimo que lhe acrescente.

Mais tarde, quando a sessão começava, sentava-se numa das cadeiras de balanço da varanda, a porta da alcova bem aberta, e dali acompanhava o pequeno culto, sabendo conter o riso até mesmo nas ocasiões em que a viúva do presbítero levantava os olhos para o teto, aspirando gulosamente o cheiro do chocolate.

E foi ali que, abafando o rangido das botas no canto das senhoras, o Dr. Luna deu com ela, assim que entrou na varanda. Entretida com a cena da sala — D. Jemima, com seu chapéu-

zinho de palha prêto, parecia ter a cabeça mais sôlta e sacudida, acompanhando os compassos do hino — Morena não o viu entrar. Foi preciso que êle a chamasse. Ao vê-lo, Morena ficou de pé, repentinamente dominada por um pressentimento trágico. Que acontecera a seu pai?

A barba por fazer, a roupa suada, a gravata frouxa longe do colarinho, a camisa entreaberta mostrando o cabelo grisalho que lhe subia do peito, o Dr. Luna tinha um ar devastado, que as mãos nervosas confirmavam, amarfanhando o chapéu.

— Sua mãe não lhe disse que seu pai está muito doente? — indagou êle, atarantado, ante os olhos medrosos que o fitavam.

E Morena, levantando as sobrancelhas:

— Doente? Papai está doente? Não, mamãe não me falou. E é grave o estado dêle? Por favor não me diga que êle está muito mal!

O Dr. Luna, desajeitado, fêz um ar de riso, sacudindo negativamente a cabeça. Não, não era isso. Ficasse tranqüila. E atrapalhado, procurando as palavras, sempre a amassar a aba do chapéu:

— Se você puder vir comigo, venha. Eu vou vê-lo agora. Mas não fique nervosa. Não há motivo. Garanto-lhe que não há. Eu a espero lá embaixo, no carro.

E ainda ao som vibrante do hino evangélico, ele desceu os degraus da escada, nervoso, mais atrapalhado, já agora com a bolinha de naftalina na ponta dos dedos, o chapéu na cabeça, o suor a pingar-lhe das têmporas, até que se deixou cair no banco da vitória, reprimindo com esfôrço a vontade de chorar.

Com a mão espalmada sôbre os olhos, tentou acalmar-se. Sentia-se exausto da noite em claro no hospital, a lutar inùtilmente para salvar uma menina, que expirara na sala de operação ao clarear do dia. Pela manhã, antes de ir para casa, tinha vindo ao Destêrro ver o Ernesto, e por lá ficara, dormitando numa cadeira, até que a Cipriana o chamou para o almoço.

E a velha, assim que saíram do quarto:

— O doutor não acha que o nosso doente piorou, de domingo para cá? Eu acho que sim. Tôda hora está babando, não acerta com as palavras quando pede as coisas, tudo zanga êle, vive se queixando da luz doendo nos olhos. Pra mim, isso não é bom sinal.

O Dr. Luna confirmou com a cabeça.

— Êle passou a manhã perguntando pela filha mais velha e querendo saber se ela vem ou não vem. Chegou mesmo a

dizer que tem mêdo de morrer sem ver Morena. Por que o doutor não vai lá e traz a menina? Eu, se fôsse o doutor, ia. Não espere que Sinhá Mariana mande a môça. Que esperança! Vá, e traga ela. Dê êsse gôsto ao seu amigo.

E o próprio Ernesto, pelo meio da tarde, falou ao Luna na visita da filha, num tom de mágoa e súplica, que fêz o amigo apanhar resolutamente o chapéu, com a promessa de trazer Morena, ainda naquela tarde.

Agora, afundado no banco do carro, enquanto esperava por ela, o Luna reagia ao desânimo, e via, mais calmo, que tudo estava saindo melhor do que imaginara. A reunião das senhoras protestantes viera mesmo a calhar. Do contrário, ter-se-ia avistado com Mariana, e era isso que receava.

E Morena, pouco depois, levando o lenço aos olhos, assim que o carro começou a descer a ladeira:

— Se papai não estivesse muito mal — argumentou, numa explosão de soluços — o senhor não teria vindo me buscar.

Porém adiante, já no Largo do Carmo, depois de lhe contar a doença do Ernesto, o Dr. Luna se fêz outro. Não, senhora: tinha de acalmar-se. Ou então faria voltar o carro, deixando a visita para outro dia. Se Ernesto lhe visse aquêles olhos machucados, ia emocionar-se. E a emoção era perigosa para o estado dele. Ainda estavam em tempo de voltar.

— Fica a visita para outro dia.

— De modo algum — protestou Morena.

E encontrou em si mesma uma estranha fôrça, que lhe restituiu a serenidade do semblante:

— Agora, não parece mais que chorei.

Quando entraram no Destêrro, o Dr. Luna tomou-lhe uma das mãos:

— Você vai ter naturalmente um choque, assim que der com seu pai. Procure dominar-se. Faça um rosto alegre. É preciso fazer assim.

No momento de subir a escada do sobradinho, Morena tardou o passo, com receio de si mesma. Depressa reagiu, acelerou a subida, sem apoiar-se no corrimão. E lá no alto envolveu num abraço ruidoso a velha Cipriana, que se pôs a pestanejar, ofegante, sem poder falar.

E o Luna, nesse momento, abrindo o rosto risonho para Ernesto:

— Que é que você me pede que eu não lhe faço? — perguntou, ao mesmo tempo que apontava sorrindo na direção da varanda — A Morena já está aí.

Ernesto havia levantado a cabeça, apoiando-se no cotovêlo, os olhos no vão da porta. Ao dar com a filha, tentou levantar-se, como esquecido da hemiplegia, mas o corpo vencido afundou mais no colchão, quase ao mesmo tempo que Morena se atirava sôbre êle, juntando o rosto do pai ao seu rosto, para que Ernesto não lhe visse o desesperado esfôrço na contenção dos soluços.

E ao esmorecer da tarde, assim que entrou na carruagem do Dr. Luna para tornar a casa, levou alguns minutos a soluçar com as mãos no rosto, deixando que as lágrimas reprimidas se expandissem livremente, enquanto o doutor, na outra extremidade do banco, volvia a amassar o chapéu, gotejando de suor.

— Podemos ir — disse ela, enxugando por fim os olhos — Desculpe, doutor.

E manteve-se em silêncio ao longo da viagem, sem olhos para a beleza da tarde tépida de junho e sem ouvidos para a estralada das primeiras cigarras de verão nas árvores do Largo do Carmo. Não, não podia conciliar no seu espírito a figura esbelta do pai, cheio de vida e energia, com a figura inválida que acabara de deixar, imóvel, o braço morto, o fio de saliva teimoso descendo pelo canto da bôca. Mas a verdade é que êsse nôvo ser, devastado e sucumbido, suplantava o outro, como realidade tangível, e só num ponto se identificavam: no fulgor dos olhos negros, ainda tomados pela ânsia de viver.

Até a voz viril se lhe apagara num tom exausto e lento, que parecia vir de longe, sem fôrças para seguir o brilho do olhar:

— "Como você está bonita... minha filha!"

E por fim, numa súplica quase patética:

— "Volte aqui... outras vêzes... Eu preciso de você... Morena... minha Morena... a filha que se parece... com êste pai."

— "Venho. Muitas vêzes. Até você ficar bom" — prometera ela, beijando-lhe a testa — "E agora descanse. Assim. Para dormir um pouco. E sonhar que vai andando comigo, apoiado no meu braço."

Ao descer na calçada da Rua do Sol, limitou-se a apertar a mão do Dr. Luna, sentindo que não podia falar. E saltou

para o corredor, batendo com estrondo o portão de ferro, levada pela vontade impulsiva de ficar só no seu quarto, sem que ninguém visse o pranto e o desespêro. Mas logo no comêço da escada sustou o andar, alongando o ouvido para a varanda, de onde descia a voz áspera da mãe ralhando com a criada:

— Como é que você não sabe onde ela foi? E como é que não a viu sair? Tinha de saber! E não podia deixar de ter visto! Para isso eu também lhe pago! Ande! Vá procurá-la! É você que tem de me dar conta dela! E só com ela me apareça aqui!

Morena, num impulso, venceu os dois lanços da escada, que as primeiras sombras da noite acabavam de envolver, e surgiu na varanda, o rosto molhado, uma crispação de ira no semblante molhado.

E Mariana, assim que a viu:

— Onde estavas? E por que saíste sem minha ordem?

A chama do gás, derramando-se em cheio no seu rosto, endurecia-lhe os traços com uma claridade lívida, quase espectral.

— Mamãe, — replicou Morena, sem se intimidar com os duros olhos que a fitavam — papai está paralítico há vários meses, a senhora sabia disso, e não me disse nada. Por que não me falou? Eu sou filha. Êle mandou me chamar. E a senhora se calou. Por quê? A senhora não tinha êsse direito! O seu dever era me avisar! A senhora quer saber onde eu estava? Estava na casa dêle!

A exaltação avolumara-lhe gradativamente a voz, de tal modo que as suas últimas palavras haviam sido gritadas, com os punhos no ar obedecendo à vibração da cólera.

— Estava na casa dêle! — repetiu — Na casa de meu pai!

A Biá, contrafeita, retraíra-se para o fundo da varanda, os olhos espantados por trás das lentes faiscantes, enquanto a cozinheira, atraída pela cena, permanecia parada ao fim do corredor, a bôca entreaberta, as mãos caídas ao comprido do corpo.

Sem desfitar a filha, Mariana apertou os olhos, como a retrair-se dentro de si, petrificando-se, à espera de que Morena se calasse.

E depois de um silêncio:

— Tu sabes que teu pai, assim mesmo como está, quis matar o Dr. Tobias? Pois quis. E sabes por quê? Porque o Dr. Tobias mostrou os pecados dêle, em nome da misericórdia de Deus, para ver se o podia salvar. E teu pai, em resposta à mensagem do Senhor, assim mesmo inválido, lhe deu um tiro.

— Isso não pode ser verdade! — protestou Morena, do outro lado da mesa, muito pálida.

E Mariana, no mesmo tom lento da voz, como se medisse as palavras:

— Sim, é verdade. Teu pai fêz isso. E se não matou o Dr. Tobias, apesar de estar bem perto dêle, é porque, lá no Alto, existe um Deus. Agora, ouve o que te vou dizer. Eu não te proibo que voltes à casa dêle. Mas, se voltares, não entres mais aqui. Teu pai, doente como está, continua com mulheres perdidas, e as recebe na própria casa. Uma delas descia a escada, quando o Dr. Tobias foi vê-lo. Portanto, sabendo disso, o meu dever é ser clara contigo. Tu mesma escolhes o que hás de fazer. Eu não quero o teu mal, só quero o teu bem. E sei perfeitamente que a companhia de teu pai (digo isto, porque o conheço mais do que tu) só pode te levar ao caminho da perdição.

XL

No dia seguinte ao da visita de Morena, Ernesto esperou com ansiedade pela chegada do Luna. Felizmente, ainda no correr da manhã, não tardou a ouvir-lhe o rangido das botas no soalho da varanda.

— Corre à casa da Chicó — pediu-lhe Ernesto, sem deixar que o outro acomodasse o corpanzil na cadeira de vime, bufando de calor — e diz à velha que estou pior e não posso receber visitas.

O Luna levantou as sobrancelhas, com uma cara de espanto. E ainda esboçava um ar de riso, tentando alcançar o sentido do recado, quando Ernesto esclareceu, com uns restos de aflição no semblante:

— Eu não quero que minha filha tenha aqui um encontro... um encontro...

E movia os dedos, no esfôrço para encontrar a palavra que lhe fugia, quando o Luna acudiu, solícito:

— Vexatório. Um encontro vexatório. Fica descansado. Vou lá agora mesmo. Não te preocupes com isso.

E de volta da rua, mais suado e ofegante, meia hora depois:

— Fui mesmo na hora. Hoje, quem vinha era a própria Chicó. E ainda por cima acompanhada pela Miriam.

No entanto, um dia passou, outro mais, mais outro, começou uma nova semana, e nada de Morena reaparecer. Por que

não voltara, como prometera? E Ernesto se impacientava, aborrecido, magoado, sem compreender a atitude da filha. As tardes, sobretudo as tardes, lhe pareciam infinitas. Em vão afiava o ouvido na direção da escada, à espera de que um leve rumor de passos indicasse a chegada de Morena. Por vêzes, animava-se com uns estalidos na madeira da escada, e logo fechava o rosto, desapontado, ao ver o Lorde surgir à porta do quarto, ainda sujo da poeira da rua. Não podia crer que Mariana, sabendo de seu estado, impedisse as visitas da filha. Seria monstruoso! Não era possível admitir que ela chegasse a tanto!

Ao meio da semana, suplicou ao Luna:

— Não te zangues comigo. Volta à Rua do Sol e procura saber por que Morena não veio mais aqui. Fala abertamente à Mariana, conta-lhe que estou inválido nesta cama, podendo morrer a qualquer momento, e que desejo ter ao menos o consôlo das visitas de minha filha. Não é possível que ela se recuse a me atender.

Embora prometesse ir ao sobrado, o Luna delongou o mais que pôde êsse nôvo encontro com Mariana. De caminho para o Largo dos Remédios, passou-lhe pela porta, uma, duas, três vêzes, e sempre lhe faltava disposição para a espinhosa entrevista. De antemão sabia o que Mariana lhe diria. E por que expor-se a nôvo atrito, sem qualquer viabilidade de bom êxito?

De volta ao Destêrro, afundava o corpo desanimado na cadeira de vime, baixando os olhos à borda da cama para disfarçar o esfôrço da mentira.

— Tornei a não achá-la em casa. Com certeza, anda às voltas com as obrigações da igreja protestante.

Os olhos febris de Ernesto vinham ao lume das órbitas:

— E não viste Morena?

— Saiu com ela.

O doente se fechava em silêncio, olhos cerrados, perguntando a si mesmo se não seria melhor morrer logo, para acabar de vez o seu infortúnio. Faltava-lhe agora o gôsto da leitura, não tinha ânimo para ir ao fim de um romance ou mesmo de um conto, na solidão das infinitas horas vazias. Por vezes as linhas impressas lhe fugiam, embaciadas. Até o livrinho de poemas escolhidos de Tennyson, a que ùltimamente tinha voltado, com um encantamento maior pelo velho poeta, parecia-lhe tedioso e aborrecido. E mais de uma vez expulsara do quarto o Lorde, numa explosão de neurastenia, apenas porque o cão, estendido no tapête, alongava em sua direção os olhos ternos, orelhas fitas, como a compadecer-se de sua tristeza.

— Vai embora daqui! — ordenava, exaltado.

E envolvia na mesma repulsa a velha Cipriana, nervoso, irritado, o fio de saliva a descer pelos cantos da bôca.

— Não adianta se aborrecer com a sua preta velha — replicava Cipriana, ainda mais mansa, teimando com o seu fogareiro de incenso e alfazema debaixo da cama. — Enquanto o doutor não ficar bom, não saio daqui. Depois, quando já andar com as suas pernas e não precisar mais de mim, aí é que vou-me embora. Antes, não. Tenha paciência.

E redobrava de cuidado na limpeza e arrumação do quarto. Abria de par em par as janelas, para ver se o vento levava dali a morrinha da doença, cada dia mais forte, a despeito da mudança diária das fronhas e dos lençóis. O próprio cheiro de incenso e da alfazema parecia mesclar-se, andando o tempo, ao odor dos remédios e da urina derramada, e daí resultava a atmosfera acre e sufocante, que se acentuava, no correr da noite, com a casa fechada à viração da rua.

— Perdoa a minha irritação, Cipriana — rogava Ernesto, momentos depois, arrependido de seu rompante. — E chama o Lorde aqui para o quarto.

A preta acorria, pregueando mais o rosto enrugado:

— Eu sei o que é que o doutor tem. É vontade de ver Morena. É. É isso. Tenho certeza que é isso. Não pode ser outra coisa.

E a velha, compadecida e prestimosa, se debruçava à janela da rua, apertando os olhinhos engelhados, para ver se podia dar uma boa notícia ao doutor.

Por vêzes, levada pelo desejo de reanimá-lo, fantasiava o que via:

— Espere aí, doutor. Ali vem uma mocinha parecida com ela. Está longe, eu ainda não posso ver direito. É ela, Cipriana? Parece que é, doutor. Mas é bom não ficar soltando foguete, que vista de velha não é grande coisa. Ah! dobrou a rua! Não era ela. Se fôsse, tinha vindo para cá. Mas ela vem. Fique descansado que ela vem. E quem vai trazer ela é São Benedito.

De noite, agora, quando o Padre Galvão chegava, na companhia do Luna, Ernesto se mostrava sonolento, pálpebras cerradas, apenas com um tímido botão de luz no candeeiro a clarear vagamente o aposento. Preferia estar só, recolhido em si mesmo, enfarado da vida, entediado de tudo, e era por monossílabos que respondia, se os dois amigos insistiam em dar comêço a uma conversa.

O Luna e o padre, respeitando-lhe a sonolência, afastavam-se na ponta dos pés para a varanda, e ali permaneciam boa parte da noite, num cavaco animado sôbre religião e política, por entre a fumaça dos charutos, sorvendo em lentos goles o café forte que a Cipriana servia tonta de sono.

No último sábado, o padre apareceu com um baralho velho, ensebado de tanto uso, e chamou o doutor para um jogo de bisca, à luz do candeeiro de querosene, depois que sentiu, mais uma vez, a sonolência de Ernesto na penumbra do quarto.

— É preferível deixá-lo dormir — observou o padre, acomodando-se à cabeceira da mesa e tirando o baralho do bôlso interno da batina. — Enquanto êle dorme, venha de lá perder alguns mil-réis para os meus pobres da Praia do Caju — acrescentou, baralhando animadamente as cartas.

Cipriana, embora acostumada ao feitio do padre, arregalou os olhos fatigados, assim que entrou na varanda com o bule de café. Uai! Padre também jogava? Para ela, aquilo cheirava a novidade. E pôs-se a acompanhar o jôgo com ar de riso, o beiço caído, o corpo descansado contra a parede, até que as pálpebras novamente lhe pesaram, e ela arrastou os pés nas tábuas do corredor, caminho de seu quarto.

De início, apurando o ouvido, Ernesto estranhou o silêncio da varanda. Os dois amigos teriam ido embora? Depois, ouvindo o riso feliz do padre, por entre o ruído das cartas de um baralho, compreendeu o que se passava. Também êles, os dois amigos velhos, por tanto tempo consternados com o seu infortúnio à margem do mundo, já iam retornando à normalidade da vida. Quantas vêzes, ainda menino, durante a arrastada enfermidade de seu avô, não assistira à mesma cena, na larga varanda contígua à alcova onde o velho morria devagar, amuado e paralítico! E eram o médico e o filho que jogavam, esquecidos do doente, e com a porta da alcova cerrada, para não sentirem o cheiro de urina e fezes que empestava o ambiente. Agora, chegara a sua vez. Antes morrer! Por que apegar-se à vida, no abandono daquela invalidez? Nos últimos dias, já não falava mais nas visitas da filha. Para que insistir, se nada conseguia? Ao Luna, que ensaiara volver ao assunto, pedira, com um gesto aborrecido, abanando a cabeça, que se calasse. Iria morrer sòzinho, como morrera o avô? E de repente, erguendo um pouco a cabeça, abriu os olhos, com uma expressão resoluta no rosto contraído. Por que não escolhia, êle próprio, aquela noite, para desfêcho de tudo? E arrastou-se

para a borda da cama, com o pensamento no revólver guardado na mesa de cabeceira à sua esquerda.

Com o leque de cartas aberto diante dos olhos, Padre Galvão esperava o lance do Luna, já com o dedo sôbre o *ás* que lhe daria a vitória.

— Vamos, doutor — animou êle, com uma ponta de impaciência festiva. — Já lhe ganhei duas partidas, quero ver se ganho agora a terceira. Ao todo, já são trinta mil-réis para os meus pobres.

O Luna, com um gesto lento, que exprimia todo o seu desinterêsse pelo desfêcho do último lance, pôs as cartas na mesa.

E o padre, numa jogada rápida, estrondando o *ás* decisivo sôbre as cartas do outro:

— Agora, passe os cobres para cá.

O Luna, com a ponta do cigarro apagada a um canto da bôca, olhos apertados, apalpou o bôlso, à procura da carteira. E abrindo-a, sob a incidência da luz, para mostrar que não tinha um real:

— Hoje — pilheriou, apertando os olhos brejeiros — estou de mão estendida na porta da igreja.

Riram os dois, enquanto o padre se levantava, esticando-se na ponta dos pés e atirando os punhos para o alto, num bocejo demorado.

E nisto ouviram a voz irritada do Ernesto chamando o Luna, ao mesmo tempo que martelava com um pêso de papéis o tampo da mesa de cabeceira.

A êsse tempo, no sobrado da Rua do Sol, Morena não encontrava sossêgo, tentando dormir. O alvorôço das emoções da tarde, coibidas embora à mesa do jantar, tirara-lhe o sono, e era debalde que mudava de posição na cama, virando e revirando o travesseiro, olhos cerrados, procurando adormecer. No mesmo dia, tinham-lhe chegado às mãos duas cartas: uma, do Aluísio, trazida pela Vanju, disfarçadamente, dentro do livro que lhe havia emprestado; a outra, de Cristina, entregue pelo carteiro, quase ao fim das aulas de Mrs. Mary. E essas duas cartas, lidas e relidas no correr da tarde, volviam-lhe a cada instante à consciência, como se as tivesse diante dos olhos.

Depois de muitos dias atribulados, a oscilar entre a piedade pelo pai e o temor da mãe, tivera afinal um dia feliz, com as notícias do namorado e da irmã. Esta, por fim, aclarara

o mistério de seu silêncio: tinha-lhe escrito, sucessivas semanas, ao pé das cartas que escrevera à mãe. Mas ficasse tranqüila: estava feliz, sentindo-se perto de Deus, no tirocínio de seu noviciado. Por seu lado, o Aluísio, mais loquaz que na última carta, confessava o seu contentamento por estar interno na Santa Casa, no Rio, sob a direção de um grande professor: "Em dezembro — acrescentava — aí estarei. Espero que nos vejamos com maior freqüência. Não é outro o meu desejo."

No dia em que visitara o pai, Morena passara a noite em claro, sem encontrar na cama a posição propícia ao sono, os nervos dilacerados pela brutalidade das emoções. Como podia esquecer a figura inválida, de que só os grandes olhos negros restavam como sobrevivência do homem bonito e saudável que, associado ao seu cavalo imponente, parecia um centauro galopando pela cidade? Mais que a visão opressiva, suficiente demais para atordoá-la, doía-lhe o dilema em que a mãe deixara, obrigando-a a uma opção: se tornasse ao Destêrro, não volveria à Rua do Sol. E ela bem sabia que a mãe, obstinada nos seus rancores, cumpriria a sua palavra, fechando-lhe a casa para sempre. E para onde ir, quando isso acontecesse? Ficar com o pai? Mas como, se o pai tinha a vida por um fio? Depois que êle morresse, como seria? Além do mais, o Reverendo Tobias tinha-se encontrado com uma rapariga na escada, sinal de que as mulheres perdidas freqüentavam o sobradinho do Destêrro. E como viver num ambiente assim, sem que essa nova vida deixasse de ter repercussão desastrosa no seu futuro? Desorientada, rolara na cama até madrugada alta, cada vez mais convencida de que, se optasse pela companhia do pai, desgostaria a família do Aluísio, tão severa nos seus hábitos, costumes e tradições, e que, certamente, por êsse motivo, tudo faria para impedir-lhe o casamento.

Por duas semanas a fio, a mãe não lhe dera uma só palavra, como se não houvesse mais ninguém à mesa, à hora das refeições. E só na quarta-feira, ao regressarem do culto, quebrara êsse mutismo obstinado, perguntando-lhe, de repente, o que achara do sermão do Reverendo Tobias.

— Muito bom — replicara Morena, com ar de entusiasmo, embora houvesse passado quase todo o tempo da prédica retraída em si mesma, com o pensamento no pai.

E Mariana:

— Espero que não me obrigues a repetir o versículo de Isaías que serviu de tema ao sermão de hoje: "Ouvi, céus, e tu, terra, escuta, porque o Senhor é quem falou. Criei uns filhos,

e engrandeci-os; porém êles me desprezaram." A tua irmã está morta para mim; vê lá se tu, agora, queres fazer o mesmo.

No êrmo da noite, sibila o vento varrendo a rua. Longe, o rolar de um carro, acompanha o tinido certo das patas dos cavalos. E Morena se estira mais ao comprido da cama, os braços sôbre o peito, sentindo o coração pulsar mais forte, enquanto compõe de cabeça o regresso do namorado, quando a cidade tiver um ar festivo, com a volta das pastorinhas e do Natal. Exatamente naquele instante, Cristina estaria dormindo na sua cela de noviça: "Deito-me cedo" — contara a irmã na carta — "e acordo ainda com as luzes do pátio acesas. Ajoelho-me diante do crucifixo da parede e rezo até o dia clarear." E Morena, ainda alvoroçada, deita de lado, as mãos juntas debaixo do rosto. Sente-se leve, como suspensa no ar, e não percebe que êsse corredor comprido, por onde caminha agora, descalça e na camisola de dormir, é a vida do sonho, que de repente começa a percorrer de olhos cerrados, reconciliada com o mundo e a vida, sem ouvir mais o sussurro do vento e o tinido cavo das ferraduras de uma parelha, para os lados da Rua da Paz.

No sobradinho do Destêrro, antes que a figura lerda do Luna transpusesse a porta do quarto, para atender ao chamado de Ernesto, já o Padre Galvão estava lá dentro, ainda a recolher no bôlso interno da batina as cartas do baralho.

Na meia-luz do aposento, Ernesto tinha-se chegado para a borda da cama, na iminência de resvalar para o chão. À sua esquerda, a gaveta da mesa de cabeceira totalmente aberta mostrava uns papéis revoltos.

E Ernesto, com os flancos da bôca molhados pela saliva abundante, o busto apoiado no cotovêlo, assim que o Luna se acercou:

— Fôste tu que tiraste daqui o meu revólver!

O padre, que se retraíra para junto da cômoda e torcia o pino do candeeiro para dar mais claridade ao quarto, avançou para a cama, com rapidez:

— Não, senhor. Não foi êle quem tirou o revólver: fui eu. E tirei-o daí, assim que soube, pela Cipriana, do susto que o senhor pregou no Dr. Tobias.

E fechando o semblante:

— E para que o meu amigo queria agora o seu revólver?

Adiantou mais um passo, a cabeça inclinada para um lado, os olhos fixos no semblante transtornado de Ernesto. E sentindo-lhe a intenção pelo desalinho da figura:

— Para matar-se, não é verdade? Para matar-se, não é isso? Não há outro motivo. Aqui não entrou ladrão, nem um inimigo seu veio aqui afrontá-lo. Excluídas essas duas hipóteses, que é que fica? Está claro, entra pelos olhos: a sua intenção de matar-se, num gesto de desespêro. Quer dizer que nada significam para o senhor as inúmeras vêzes que tenho vindo aqui, em nome de Deus? E nenhum valor tem para o meu caro doutor o desvêlo e a solidariedade dêstes seus dois amigos? O que vale, o que pesa, o que tem importância é a inspiração do Demônio, soprando-lhe ao ouvido a solução covarde de atentar contra a própria vida. O senhor não mediu o seu gesto? Não calculou o que seu suicídio podia representar para as suas filhas? Não, nada disso lhe passou pelo espírito. O que aí ficou, dominando-lhe a consciência, foi o desejo brutal de dar cabo da vida. Pois bem, meu caro doutor: antes que isso acontecesse, com a vitória do Espírito do Mal, a Providência Divina me fêz vir aqui, abrir essa gaveta, tirar daí o seu revólver, e sabe para quê? Para jogá-lo ao mar.

A veemência da fala, crescendo de volume à proporção que as palavras fluíam dos lábios exaltados, tinha avermelhado a fisionomia do padre, intumescendo-lhe as veias do pescoço e dando-lhe aos olhos uma cintilação estranha.

— O senhor está doente, mas não é um louco. O seu raciocínio é perfeito, as suas faculdades mentais não foram atingidas. Logo: o senhor é um ser responsável, que só por covardia praticaria o suicídio, e com um sacerdote de Deus dentro de sua casa! Isto tem cabimento? Não tem! Muito bem: chore! O seu dever é chorar! Chorar de arrependimento, por ter pensado semelhante absurdo!

O Luna, atônito, tremia nas mãos o cigarro que não sabia levar à bôca, e olhava o padre, e olhava Ernesto, surpreendido com a energia viril do sacerdote, ao mesmo tempo que se apiedava com o fio longo de lágrimas que ia resvalando pelo rosto do amigo.

— Agora, conversemos como velhos amigos — convidou o padre, resvalando da exaltação para o tom de mansuetude e sentando-se à beira da cama. — Deixe-me enxugar o seu rosto. Deus olha pelo senhor. Tenha fé na misericórdia divina.

E o Luna, daí a momentos, quando deu consigo, estava com um copo de água e um comprimido, do outro lado de Ernesto.

— Êste comprimido te dará uma noite calma.

E em verdade assim foi. Só no outro dia, já manhã alta, Ernesto despertou. E ao abrir os olhos, inundado pela luz intensa que as janelas da rua recolhiam, viu à entrada da varanda, e sorrindo, os olhos negros da filha, que vinha ao seu encontro.

— Custei um pouco, mas voltei — disse ela, entrando no quarto. — Não pense que me faltou vontade de vir aqui. Mas é que nem tudo se passa como a gente quer.

Êle ria com os olhos, a bôca, a saliva a escorrer, e com as mãos suplicantes, e não sabia falar, um ar aparvalhado a tomar-lhe o rosto.

Só depois de alguns minutos, numa voz sincopada e ofegante, conseguiu perguntar:

— E por que não vieste antes, como me prometeste?

— Porque eu não dependo só de meu pai. E vou ser franca, para que você não sofra mais com as minhas ausências: mamãe me proibiu de vir aqui. E eu vim hoje, porque disse a ela que estava doente e não podia acompanhá-la à igreja protestante. Assim que ela saiu, corri para cá. E daqui a pouco estarei de volta, para que ela me encontre em casa quando chegar. Assim não brigará comigo. Preciso ter cuidado, para não atirá-la contra mim. Agora, a prejudicada seria eu. Com você eu não tenho segredos. Estou gostando de um rapaz, aqui do Maranhão e que estuda medicina no Rio. Dentro de dois anos, êle estará formado. Poderei me casar e ter a minha casa. Aí você irá morar comigo. Por enquanto, tenho de me revestir de paciência, para não dar pretexto a que mamãe brigue comigo. Se ela brigasse, onde eu ficaria? Entendeu agora por que não vim, como prometi? Tôdas estas noites, não me esqueci de rezar por você. E tenho fé em Deus que ainda hei de vê-lo com saúde.

Ernesto, emocionado, movia as pálpebras, para dizer à filha que sim, que compreendia tudo. E por fim, apertando-lhe a mão contra o peito:

— Tu tens razão. Agora, tudo se clareou para mim. Não precisas voltar aqui. Não quero que te exponhas.

— Assim que puder, virei.

— Não, não venhas. Vou guardar a tua presença de hoje, como se estivesses aqui todos os dias, entrando por aquela porta e vindo ao meu encontro.

A emoção o obrigou a calar-se. De olhos cerrados, permaneceu quieto alguns momentos. E erguendo as pálpebras, assim que pôde falar:

— Agora, vai.

Ela se levantou, curvou-se sôbre êle, e foi ao abraçá-lo que rompeu em soluços. Depois, reprimindo o chôro, saiu do quarto na ponta dos pés, seguida de perto pelo Lorde, que ia arrastando a cauda pelo chão, orelhas murchas, como se estivesse vivendo também a emoção daquela despedida.

XLI

Depois da festa de Nossa Senhora dos Remédios, que mereceu de João Francisco Lisboa uma crônica de antologia, e da festa de Santa Filomena, que teve os seus dias de esplendor no começo dêste século e morreu sem encontrar o seu cronista, a festa de São Benedito, na igreja e no Largo de Santo Antônio, só tem rival na festa de São José de Ribamar, do outro lado da ilha de São Luís.

O santo prêto, de que se contam todos os anos inúmeros milagres, reúne a maior massa de povo de que se tem notícia na cidade, e essa multidão devota o acompanha num giro longo pelas ruas de São Luís, seguida pela banda de música da Polícia, que vem na cauda do cortejo e toca seus melhores dobrados por entre a estralada dos foguetes e o repique dos sinos.

Ainda o mês de agôsto não havia terminado, com os seus esplêndidos luares sôbre a baía de São Marcos, e já Cipriana tinha em casa a vela imensa com que acompanharia a procissão de seu santo preferido.

— Veja que vela bonita — gabou ela, dirigindo-se ao santo, na tarde em que a recebeu. — Minha promessa era levar mais de uma, me lembro bem. Mas cadê mão para carregar outra vela dêste tamanho? Minha vontade, êste ano, era carregar também seu andor, mas logo vi que queria demais: na minha idade, assim velha e cansada, não se pode carregar muito pêso.

E uma semana antes da procissão, retirou de seu baú de couro a saia rodada e a blusa de linho debruada de renda, colocou-as ao sol para lhes tirar o cheiro de coisa guardada, e entrou a sonhar com a festa de São Benedito.

— Êste ano, pelo que ouvi dizer, parece que a coisa vai ser grossa. Não é só a procissão, meu santo: é a festa no Largo, com o povão reunido e a música tocando — contava a velha,

feliz, de volta da rua, após um momento na igreja do Destêrro para rezar pela saúde do Dr. Ernesto.

E risonha, depois de beijar os pés da imagem:

— E você merece isso tudo e muito mais, louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!

Nos últimos dois meses, apesar de não apresentar melhoras, Ernesto parecia afinal conformado, e passava o mais de seu dia lendo revistas, que o Luna lhe trazia em profusão. A seu pedido, agora que não esperava as visitas da filha, voltara a rever as amigas da pensão da Chicó, e elas vinham habitualmente pelo meio da tarde, vestidas de côres berrantes, chapéus de pluma, e enchiam a casa com os seus perfumes e os seus risos derramados.

Cipriana abria-se com São Benedito:

— Não se aborreça com a visita delas, meu santo. Coitadinhas, elas não têm juízo, sei disso perfeitamente. Basta a gente olhar para os modos delas se vestir. Mas quem vê cara não vê coração. E coração elas têm, posso lhe garantir. No comêço das visitas, eu tinha as minhas desconfianças, pensando que elas vinham ver o doutor para a pouca vergonha. Agora lhe peço que perdoe o mau juízo desta sua preta velha. Não, senhor: vigiei com êstes olhos, para tirar tudo a limpo, e fiquei de queixo caído. Elas tôdas ficam sentadinhas perto da cama, lá uma vez ou outra fazem um carinho nêle, mas carinho de pena, assim com a mão no rosto, e daí não passam. E quer saber de uma coisa? São tôdas muito finas e tratam os pobres melhor do que muita senhora dona. É o que estou lhe dizendo. Há até uma — aquela mais alta, de olhos grandes — que me beija na testa, sempre que vai embora, e me dá um dinheirinho, me chamando de vovó. Vovó — veja você!

Ao apontar da noite, um rangido certo de botinas de elástico ressoava nos degraus da escada, e logo o velho Lemos surgia, batido pela claridade do bico de gás, e sempre a olhar com desconfiança na direção do Lorde, pronto a pôr em ação, se preciso fôsse, o cabo do guarda-chuva, que empunhava de modo agressivo desde que saía da calçada para a soleira da porta. Demorava menos de meia hora, punha Ernesto a par do que se passava no escritório, e novamente de guarda-chuva em punho, sério, o colarinho duro alteando-lhe o pescoço, a roupa preta luzidia, as botinas rangentes, buscava o caminho da escada, sem perder de vista o Lorde, que lhe pagava o mêdo com a indiferença de seus cochilos. Só não vinha aos

domingos, por que invariàvelmente os consagrava a um sítio, para os lados da Maioba.

Na arrastada sucessão de tantos dias monótonos, Ernesto espaçava agora as revoltas e desesperos, e ia tirando proveito das suas horas de forçada solidão, com uma espécie de volta a si mesmo, em demorados devaneios da memória. A vida passada, que êsses exercícios recompunham, vinha despojada de sofrimentos e amarguras, e até mesmo a figura de Mariana, refluindo à tona de tantas reminiscências reavivadas, se abrandava em tons enternecidos, levando Ernesto a retardar a atenção sôbre ela, miúda e frágil no seu vestido de noite, ou atemorizada, quase bravia, na noite em que afinal se entregara, protegida pela escuridão da alcova. De si mesma, a memória repelia as recordações desagradáveis, e o que êle revia, de olhos semicerrados, de si para si, nesses instantes de recolhimento, lhe deu um dia a idéia de que a vida futura bem podia ser êsse encantamento das boas emoções de outrora. Que podia aspirar de mais belo e mais feliz, numa outra existência, que a sensação de se ver novamente a cavalo, nos arredores de Conventry, num fim de primavera, em companhia da esguia Mary Stewart, cruzando a ponte sôbre o rio. De início, êle próprio orientava essas ressurreições de seu mundo perdido; depois, as lembranças pareciam vir sem que êle as atiçasse, e eram cada vez mais nítidas, como se o gôsto de recordar, aprimorado com o passar dos dias, estivesse a ponto de convertê-las novamente em realidade objetiva. Como deixar de rir ante o rosto assustado da pobre Helène, voltando a si num leito de hospital, depois de tentar matar-se por sua causa? Festivais de música e teatro, competições de regata, tardes passadas nas velhas galerias do fim do século ante os primeiros impressionistas, e as noites boêmias num pequeno bar da Place du Tertre, onde um guitarrista espanhol soluçava as suas canções desesperadas — tudo isso lhe refluía ao lume da consciência, dando ao seu rosto a expressão risonha que Cipriana por vêzes interrompia com esta pergunta invariável:

— De que é que o doutor está se rindo?

As cartas de Cristina, ùltimamente mais extensas, deixavam-no pensativo, e êle volvia a lê-las com dobrada atenção, tornando às antigas, se as novas tardavam a chegar.

E uma noite, quando Luna se lhe acercou da cama com o copo de água e o comprimido, Ernesto recusou o remédio, com a justificativa de que preferia continuar acordado.

— Tenho diante de mim — esclareceu — e já bem perto, a eternidade inteira para dormir. Não precisas me dizer que não. Estou preparado para o último salto, que me fará cair nos braços de Deus. De Deus, sim, senhor. Não zombes de mim com a tua incredulidade. Deus existe, Luna. Mas não o Deus vingativo e cruel, que estaria lá em cima tomando nota dos nossos erros para nos despachar para o Inferno. Êsse Deus vingativo e odiento é uma impostura. O que existe é um Deus assim como tu.

O Luna permaneceu com o fósforo aceso diante do cigarro:

— Gordo e de papada? — pilheriou.

— E bom, Luna. De uma bondade como a tua. E compreensivo como o Padre Galvão. E dedicado, como a velha Cipriana. Não rias. O que estou dizendo é sério. Tu próprio não fazes uma idéia de quanto és bom. E a bondade é a essência de Deus.

E depois de um silêncio, a olhar o amigo, que escondia a emoção por trás da fumaça do cigarro:

— Deus é gordo e bom como o meu amigo Luna...

Na meia luz do quarto, a noite não mais o angustiava. Ouvia-lhe as vozes distantes — o rolar de um carro, passos na calçada, o sino da Sé dando as horas, o toque da corneta no Quartel da Polícia — e abismava-se no seu próprio mundo, esquecido do tempo. Na casa quieta, só o relógio da varanda alteava a voz vigilante. E Ernesto sentia crescer em seu espírito uma confiança nova, que lhe desvanecia antigos temores, num prenúncio de paz definitiva, e que se nutria habitualmente das cartas de Cristina, a que sempre recorria, dando mais luz ao candeeiro, no silêncio das madrugadas.

O Luna, com a solicitude do costume, tinha experimentado mudá-lo para a cadeira preguiçosa, durante algumas horas da tarde; porém Ernesto logo volvera à cama, já afeita às posições de seu corpo.. E dali, quando descerrava os olhos, depois de leves sonos intermitentes, punha a vista no vão da porta, e recompunha a presença de Morena.

— Graças a Deus que o doutor está melhor! — exclamava Cipriana, ao vê-lo sorrindo na direção da varanda.

Em seu íntimo, embora movesse as pálpebras concordando com a velha, êle sabia que uma nova crise se aproximava, e era com angustiante dificuldade que últimamente as palavras lhe vinham aos lábios. Uma dor fina, como se a ponta de um alfinête picasse a pupila, lhe subia aos olhos, obrigando-o a

entrefechar as pálpebras, retraindo-se da luz, ao mesmo tempo que as suas têmporas latejavam, ao compasso da taquicardia.

Uma noite, como o Luna tardasse a chegar, pediu ao Padre Galvão, com ar de mistério, que encostasse a porta da varanda e trouxesse mais para perto a sua cadeira. E em voz baixa, quase escondido pela penumbra do quarto, repassou a sua vida, até que, já ao fim do longo relato, ouviu ranger na escada os borzeguins do outro amigo.

Mas os dias passaram, sem que a crise chegasse, e êle tornou a divertir-se com as aventuras de Nicolas Nickleby, reencontrando em Dickens, lido a êsmo, salteadamente, o companheiro da juventude, a cuja leitura associava a saudade de si mesmo, como se voltasse a ler o velho romancista ouvindo a crepitação do fogo na lareira, enquanto a neve cobria as árvores, no retângulo de sua janela.

E pelo meado de setembro, com as primeiras chuvas de caju riscando a claridade dos dias de verão, a velha Cipriana, de vista baixa, as mãos desassossegadas, acercou-se de Ernesto, para lhe fazer um pedido:

— Desde mocinha, ainda no tempo da Sinhá Dona, eu acompanho a procissão de São Benedito, pagando todos os anos uma promessa. A procissão é agora no domingo. O que eu queria do doutor é que o doutor não se aborrecesse com a sua preta velha, que vai à procissão. Se o doutor não estivesse melhor, está aqui quem não abria a bôca querendo arredar o pé de casa. Mas, graças a Deus e a São Benedito, o doutor já está com outra cara.

E erguendo o olhar manso:

— O doutor não vai se zangar com a Cipriana?

— Pelo contrário, eu me zangaria contigo, se não fôsses. E não só eu, São Benedito também, que ia ficar desapontado, se não te visse no meio do povo.

— Foi isso mesmo que eu pensei — concordou a velha.

E emocionada, depois de pedir licença, beijou a mão de Ernesto:

— Que Nosso Senhor lhe dê o Céu.

Desde essa tarde, Cipriana enchia o melhor de suas horas pensando na procissão. Tomara que não chovesse. E olhando a amplidão pela janela escancarada:

— Converse ai em cima com São Pedro, para não deixar cair chuva — aconselhava ela ao santo, assustada com uns fiapos

de nuvem escura para os lados do Bacanga. — Se tem que chover, que chova até sábado.

E à noite, indo e vindo ao embalo da rêde, com o cachimbo de taquari comprido na mão direita, aguçava o ouvido na direção do Largo de Santo Antônio, para ver se apanhava o estrondo de um foguete ou o repique de um sino. A novena festiva que precedia a procissão dava-lhe vontade de ir à rua. E o mais longínquo rumor que a viração da noite de lá trazia, alvoroçava a imaginação da velha, que já se via na saia rodada e no cobeção rendado, depois de um banho cheiroso, empunhando a sua comprida vela, caminho da igreja.

No domingo, não esperou que o dia rompesse. Ainda com as últimas sombras da madrugada, deixou a rêde, beijou a imagem, rezou de joelhos, iluminada pela chama doida de uma lamparina que o vento parecia perseguir. E com um pouco de mêdo, porque a aragem era úmida e fria, sondou o tempo, para ver se ia chover.

Embora ainda piscassem, por cima dos telhados fronteiros, umas tantas estrelinhas, o céu diluía a escuridão da noite num cinzento carregado, que a cerração parecia revestir.

De beiço espichado, Cipriana mudou a direção do olhar, e animou-se. Do lado do nascente, pelas abertas das nuvens, apontava uma luz sangüínea, que lhe deu alma nova. E a velha, trazendo a boa notícia ao santo:

— Pode ficar descansado, o dia vai ser bonito.

E a manhã, com efeito, rompeu clara, sem nuvens, alvoroçando ainda mais a Cipriana, que, desde a véspera, voltara a passar o ferro na saia e na blusa, e agora adiantava o almôço, depois de limpar e arrumar a casa. Lorde, sentindo-lhe a animação, entrara a correr da varanda para a cozinha, da cozinha para a varanda, obrigando a velha a ameaçá-lo com uma acha de lenha, para que se aquietasse a um canto.

— Não precisa ficar zangado comigo — emendou ela, assim que o viu de orelhas murchas. — Se eu não te mostrasse o pau, acabarias acordando o doutor. Hoje é a festa de São Benedito, eu não quero ver ninguém triste. Toma, vem roer êste osso. E nada de correr e latir.

E pouco depois do meio-dia, para poder chegar ao Largo de Santo Antônio sem precisar correr, Cipriana entrou no quarto de Ernesto, já pronta para a procissão.

— Eu já vou, doutor. Deixo aqui na cadeira, bem perto de sua mão, as frutas que o senhor gosta. A moringa de água

está cheia. A comadre e o pinico estão aqui em baixo. Eu ia levar o Lorde, mas mudei de idéia: o Lorde fica. No meio do povo, êle ia me dar trabalho. E olhe eu aflita, no ora veja, se êle some de minha vista.

E risonha:

— Para não deixar o doutor sòzinho com o Lorde, trouxe aqui o meu São Benedito, para olhar pelo doutor. Êle fica aqui em cima da cômoda. Assim, eu vou descansada. Precisa de mais alguma coisa? Quer dizer que posso ir?

E saiu à varanda, dirigindo-se à escada.

Momentos antes, no seu quarto, em conversa com a imagem, entregara-lhe o doente:

— Você vai ficar tomando conta dêle, lá mesmo no quarto do doutor, enquanto eu vou à sua procissão. Não perca êle de vista. Você já sabe que o Dr. Luna mandou dizer que tem uma operação agora de tarde na Santa Casa e só de noite pode vir aqui. Aquelas môças não aparecem nos domingos. E o padre, também não. O Dr. Ernesto vai ter de ficar só, até eu chegar. Por favor, olhe bem êle. Faça de conta que está olhando a sua preta velha.

E baixando a voz, num tom de cochicho:

— O melhor é você fazer êle dormir. Dormindo, o tempo passa depressa.

Na calçada da rua, que o sol forte cobria, Cipriana suspirou, com uma ponta de mêdo. Acertaria com o caminho? Que dúvida! Com o favor de Deus e de São Benedito! E desceu a rua, a empunhar a enorme vela que mais parecia um bastão. Aos poucos, reprimiu o mêdo. E uma sensação nova de felicidade e alegria tomou-lhe a consciência, dando mais firmeza ao seu andar miúdo, os pés no chão, a saia larga varrendo a calçada, os bentinhos sacolejando por baixo da blusa debruada de renda. O banho cheiroso, que tomara pouco antes do almôço, limpara-lhe o corpo cansado, e a velha sentia que aquela tarde límpida, sem uma nuvem, bafejada por uma viração constante, era o resultado da conversa de São Benedito com São Pedro. Quando chegou à Rua Formosa, olhou para um lado e para o outro, procurando orientar-se.

— É para cá, Cipriana — disse consigo.

E seguiu à sua esquerda. Embora não trouxesse o santo no braço, como no dia em que se mandara para o lado dos

Remédios à procura da casa do Dr. Luna, tinha São Benedito no pensamento para qualquer dificuldade que sobreviesse. E ia subindo a rua, sem pressa, passo a passo, protegida pela nesga de sombra que já se estendia na calçada ao pé dos sobrados. De vez em quando parava, erguia o olhar ao beiral das casas, admirando os sobradões de sacadas de ferro que se alteavam no seu caminho. E após um suspiro fundo, que lhe subia os peitos e tufava a blusa, volvia a andar, espichando o beiço, com ar de assombro e admiração. Sim, senhor: que beleza de sobrado!

No Largo do Carmo, descansou um pouco mais, sentindo que o banco vazio, protegido pela sombra de um oitizeiro, chamava por ela, convidava-a a sentar. Sentada, sorria aos que passavam, ou correspondia com um movimento de cabeça aos cumprimentos, e outra vez se pôs de pé, para chegar a tempo de apanhar um bom lugar quando se formasse o cortejo.

E a tarde ia em meio quando Cipriana, sorrindo à toa, entrou no Largo de Santo Antônio, bem perto da igreja. Tinha tempo de entrar e rezar um pouco. No entanto, preferiu ficar de fora, sentada na ponta de um banco, para ver o povo chegar. E a multidão veio vindo, a princípio em pequenos grupos, depois mais numerosa, e encheu a pequena praça, antes que o Sol quebrasse, atraída pelos repiques do sino, também doido de alegria no refúgio de sua tôrre.

E a cara luzidia da velha se abriu tôda no melhor sorriso da vida, assim que a imagem de São Benedito, muito preta, sôbre a imponência doirada do andor, surgiu à porta da igreja, dando comêço à procissão.

— Môço, por favor, acenda aqui a minha vela — pediu Cipriana, tomada de nôvo alvorôço.

E logo se colocou por atrás do andor, empunhando a vela acesa, muito íntima de tôda gente, sem caber em si de tanta alegria.

Afinal, ao som de uma bonita música, que a banda da Polícia começou a tocar, a procissão se moveu no rumo da Rua de São João. Parecia que o andor se deslocava devagarinho, para não puxar muito por Cipriana. E a velha, passo a passo, e sempre sorrindo, lá ia, de vela em punho, perto do santo, apanhando com a mão esquerda a barra da saia.

Na esquina da Rua do Sol, assim que viu o sobrado onde vivera tantos anos, sentiu o coração apertar. E foi em vão que, movendo aflitamente as pálpebras, ergueu o olhar para

as janelas, à procura de Morena e Mariana. De um lado e de outro, as rótulas cerradas. E a velha baixou o olhar, desapontada.

A êsse tempo, pelas janelas abertas, no isolamento de seu quarto, Ernesto via a nesga de céu azul, por cima do telhado fronteiro. A pulsação das têmporas parecia ter aumentado, apertando-lhe a cabeça.

A carta de Cristina, recebida pela manhã, restituira-lhe a paz que um princípio de angústia havia perturbado. Acordara com o pressentimento de que Morena viria vê-lo, e ficara longo tempo com os olhos no vão da porta, à sua espera. Mas as horas passaram, sem que a filha aparecesse. Amargurado, tentara refugiar-se em si mesmo, revolvendo antigas lembranças; porém a memória lhe fugia, ao mesmo tempo que lhe voltava a estranha sensação de ardor nas pupilas.

Agora, olhando a nesga de céu, tinha de descer as pálpebras, quase a cerrá-las, ferido pelo fulgor da claridade. E de repente teve a intuição de que a nova crise chegava. Um calor instantâneo subiu-lhe ao rosto, atordoando-o, e êle se voltou de lado, como em busca de um apôio. O corpo se voltou sôbre si mesmo, completando a volta, e resvalou pesadamente para o tapête, onde permaneceu quïeto.

A procissão ia agora pelo Largo do Carmo, com meninos vestidos de anjo, outros no hábito escuro do santo, um senhor carregando uma perna de cêra, gente descalça, o sussurro das vozes, o povão a se comprimir, e por todos os lados a profusão das velas acesas.

Sempre por trás do andor, Cipriana ia vencendo o percurso com o mesmo ar feliz. Começavam a doer-lhe os pés as pernas inchadas pareciam ter crescido, porém a velha continuava firme no seu lugar. De vez em quando levantava o olhar para o céu. Sim, senhor: São Pedro fizera bonito, não estragando a festa do outro! Há muito tempo não fazia uma tarde tão linda! E fresca, benza-a Deus, com aquêle ventinho bom da Rua do Egito!

O cortejo entrou pela Rua Grande, quebrou para a Rua do Passeio, atravessou o Largo do Quartel, saiu na Rua dos Remédios, e Cipriana no seu passo gingado, oscilando o corpo à feição de um barco junto ao Cais, e sempre com a vela em punho e o mesmo rosto contente. O cansaço crescia, as pernas eram mais pesadas, uma sensação de sonolência amolentava-lhe as pálpebras, e a velha caminhava, caminhava, certa de que,

lá no Céu, São Benedito estava acompanhando os seus passos. Ao entrar na Rua do Alecrim, mediu a extensão do trajeto até a igreja de Santo Antônio, cujas tôrres apontavam por cima das casas, e criou alma nova. Chegaria até lá, com a graça de Deus e o favor de São Benedito. Não, não ia fazer má figura, parando no meio do caminho.

Já a tarde começava a escurecer. Os bem-te-vis assustados cortavam o espaço, em revoadas pânicas. Ao cair das primeiras sombras noturnas, a procissão tinha uma nova imponência, com o fulgor das velas iluminando a rua. No Largo de Santo Antônio, por entre o bimbalhar dos sinos à aproximação do cortejo, pipocavam os foguetes.

— Que beleza! — exclamava Cipriana.

E era noite entrada, quando o Santo transpôs novamente a porta da igreja, de regresso ao seu nicho.

— Agora — gemeu a velha, com um suspiro fundo, arriando o corpo exausto à borda de uma calçada — é a vez de Cipriana dèscansar.

Parecia-lhe que não teria fôrças para voltar tão cedo ao Destêrro. Ao seu lado, numa barraquinha de madeira, um fogareiro aceso espalhava à sua volta o cheiro de tainha moqueada. Revolvendo o bôlso da saia, a velha encontrou ali o seu dinheiro, enrolado na ponta de um lenço. E daí a pouco, sem se levantar da calçada, comia uma tainha e um bôlo frito, para ganhar fôrças. Os pés espalhados, com os dedos para cima, davam-lhe um alívio gostoso, que se estendia por todo o seu corpo. Por seu desejo, ficaria assim horas seguidas, até o fim da festa no Largo, mas a lembrança do senhor doente a chamava para casa, assim que estivesse refeita para a longa caminhada. Afinal, depois de quase uma hora de descanso, a olhar o povo passeando entre as barraquinhas iluminadas e ao ouvir a música que acompanhava o galope dos cavalinhos de pau do carrossel, Cipriana se levantou.

— Bem, minha gente — disse ela para o casal que lhe vendera a tainha e o bôlo frito — até pro ano.

O senhor fêz um ar de surprêsa. Que era aquilo, vovó? Ir embora da festa, antes dos fogos de artifício? Esperasse um pouco. O mais bonito da noite eram os fogos, já prontinhos para serem queimados.

E a velha, interessada:

— A que horas vai ser isso?

— Daqui a pouco, vovô.

Cipriana demorou um momento com os olhos no ar. Ah, como tinha vontade de olhar de perto os fogos de artifício! Até àquela idade, só os vira de longe, derramando no espaço os seus penachos coloridos. Agora, podia vê-los ali no Largo, acima de sua cabeça. Estêve um momento hesitante, os olhos no chão. Se perdesse aquela oportunidade, talvez não lhe aparecesse outra. Estava velha, os anos pesavam, quem lhe garantia que, na próxima festa de São Benedito, ainda estaria viva? Mesmo que estivesse viva, talvez não pudesse vir ao Largo, sòzinha, e além do mais à noite. E levantando o rosto, resoluta:

— Então eu vou esperar — afirmou.

Novamente à borda da calçada, pôs-se a falar baixinho, com o pensamento em São Benedito:

— Não estou abusando de você não, meu santo. Tome conta do doutor para a sua preta velha. Só mais um pouquinho. Me faça êsse favor. Ponha êle dormindo, até eu chegar. E apresse os fogos, para eu voltar logo para casa.

Daí a pouco ouviu-se um estrondo, que sacudiu tôda a praça e fêz Cipriana se encolher de mêdo, com as mãos no rosto. Antes que seu susto passasse, uma bola de luz se desfêz acima da igreja, derramando-se em cascata colorida e clareando o céu. O carrossel tinha parado, não se ouvia mais a banda de música, e todos os rostos se voltavam para o alto, como suspensos pela beleza do espetáculo. Logo um foguete assobiou, mais outro, outro mais, e explodiram quase ao mesmo tempo, desmanchando-se em penachos multicores. Depois do silêncio, outras explosões, e outras cascatas. Quando os penachos coloridos se desfaziam, outros foguetes subiam, mantendo o Largo iluminado.

E Cipriana, ainda sentada, com as mãos para trás, apoiando o busto, sorria, esquecida de tudo. Ah, que beleza! Nunca pudera imaginar que o espetáculo fôsse tão belo! De longe, olhando os fogos da janela do sobrado, jamais supusera que tivessem aquela imponência e aquela beleza!

— Ah, que maravilha!

E permanecia de bôca aberta, extasiada. Seus olhos miúdos não tinham sossêgo, e iam de um lado a outro do céu, querendo acompanhar cada foguete que se desmanchava. Por fim, quase soltou um grito, ao ver que, em frente a uma das tôrres da igreja, era o próprio São Benedito que aparecia, numa gigantesca silhueta de luz.

Mais tarde, de volta a casa, essa imagem ainda teimava nas suas pupilas, como se a velha continuasse a vê-la por cima da igreja. E Cipriana ia rindo sòzinha, no seu lerdo passo gingando, pelas ruas longas e tortas, mais desertas à medida que se aproximavam do Destêrro.

Um vento frio, prenunciador de mudança de tempo, começava a soprar, agitando as gordas árvores do Largo do Carmo.

Sem poder apressar o passo, e agora tomada por um princípio de mêdo, com receio de se perder na confusão das ruas, Cipriana entrou a rezar, encomendando-se a São Benedito. E suspirou, aliviada, fazendo o sinal-da-cruz, quando ouviu, a curta distância, o toque de recolher do Quartel da Polícia. Logo a seguir, divisou o seu sobrado, batido pela claridade da lâmpada elétrica, no poste da esquina.

Assim que empurrou a porta, sentiu um baque no coração. A casa às escuras, não se ouvia rumor de vozes. O Dr. Luna não teria vindo ver o doutor? Atarantada, tateou o espaço, em busca do corrimão da escada. E começou a subir os degraus, dominada pelo mêdo. Ao meio da subida, reprimiu o pavor. Por que havia de temer, se deixara o doente entregue a São Benedito? Com certeza, atendendo ao pedido que lhe fizera, São Benedito adormecera o doutor. Era isso. Não tinha dúvida. E continuou a subir no mesmo passo lerdo, guiada pelo corrimão. Logo um uivo de Lorde, vindo do quarto, a sobressaltou.

— Onde foi que eu deixei a caixa de fósforo? — perguntou, mais nervosa.

Ah, agora se lembrava: na mesa de cabeceira, junto da cama! E ofegante, amedrontada por nôvo uivo do cão, chegou ao tôpo da escada, tateou as paredes, mais inquieta, mais aflita, e entrou no quarto, atordoada pela escuridão.

Assim que riscou o fósforo, o palito em chama lhe caiu das mãos, enquanto um grito de desespêro cortava o sobrado:

— Ah, meu Deus! Ah, minha Nossa Senhora!

E atordoada, chamando agora pelo doutor, a velha conseguiu por fim riscar outro fósforo, e viu novamente Ernesto imóvel sôbre o tapête. Tateou-o, sentiu-o gelado, reconheceu que estava morto. Acendeu o candeeiro, com as mãos a tremer, e voltando-se para a imagem de São Benedito:

— Como foi que você deixou o doutor morrer? — perguntou, com as lágrimas a lhe banharem o rosto angustiado — Eu lhe pedi que tomasse conta dêle, só assim eu fui descan-

sada à procissão. E agora, de volta da sua festa, é esta surprêsa que você tem pra mim? Quando foi que eu lhe faltei? Em que dia eu deixei de rezar pra você? Diga, seu ingrato! Eu não merecia isso! Tantos anos que eu tenho sido sua amiga, sem deixar de acompanhar um só ano a sua procissão, e você deixou que o doutor morresse sòzinho, sem uma criatura pra botar a vela na mão dêle. Não! Você foi mau, São Benedito! Eu não rezo mais pra você!

Porém, lá para o fim da madrugada, depois que a essa foi armada na sala, com o morto entregue ao pranto e ao desvêlo do Dr. Luna, Cipriana entrou na alcova, sucumbida, os olhos fundos de chorar, e recolheu a imagem, para levá-la de volta ao seu quarto.

E assim que a repôs no seu lugar:

— Me perdoe, meu santo — implorou, de mãos postas. — Eu disse o que não devia. Na hora, confesso, perdi a cabeça. E eu nem sei o que seria de mim, se o Dr. Luna não tivesse chegado, quando eu já ia gritar pelos vizinhos. Não, você não tem culpa do que aconteceu. No dia de sua festa, como é que meu santo ia ter cabeça para olhar por um doente? Foi por causa da procissão — não foi? E aquêles fogos tão bonitos! Eu, que sou eu, me distraí, quanto mais você, que era o dono da festa! Esqueça a minha zanga, não se fala mais nisso. Perdoe a sua velha preta, pelo bem de Nosso Senhor.

XLII

Quando a primeira claridade do dia entrou no quarto, já Cipriana estava pronta para ir embora, o corpo apertado num vestido de sêda preta, muito justo e escorrido, que vinha do tempo da mãe da Mariana.

Acostumada à saia larga e à blusa frouxa, via-se pela primeira vez na vida num traje inteiriço, que lhe comprimia o peito e prendia a respiração, e ainda por cima de cintura alta. Embora o seu passo fôsse curto, ela agora o amiudava ainda mais, receosa de romper a barra do vestido, um palmo acima do chão.

Depois de abrir a rótula e olhar a rua deserta, deteve-se em frente do espelho da cômoda, buscando a incidência da luz do Sol para se ver melhor, e nisto observou que o Lorde, parado na soleira da porta, parecia estranhar-lhe a figura variando a posição da cabeça; orelhas empinadas.

— Não estás me conhecendo, Lorde?

E ela própria, logo a seguir, levantando o olhar para o espelho, não conteve a expressão de espanto, que lhe fêz subir as sobrancelhas, ao ver sair dali a figura grotesca, que a cintura alta do vestido tornava mais caricata.

— Minha Nossa Senhora! Valha-me Deus!

E baixando o olhar, ergueu a mão direita à altura da bôca, sacudida por um frouxo de riso.

— Eu ia era servir de pagode para os moleques da rua — reconheceu a velha, aproximando-se da cômoda. — Pareço uma bruxa de pano, meu São Benedito. Tal e qual. Ria, meu santo, pode fazer caçoada de sua preta velha. Eu mereço que você ria de mim. Mas ria logo, porque eu já vou mudar de roupa. Deus me livre de sair assim na rua. Me jogavam pedra. Me botavam apelido. E olhe eu virando doida, como a Elétrica e a Barata Cascuda.

Dois dias antes, o Dr. Luna viera dar-lhe a notícia de que, no domingo, cedo, atendendo ao que ela própria lhe pedira, a levaria para o Asilo:

— Você vai porque quer — acentuara. — Casa para morar não lhe falta, a começar pela minha.

E a velha, decidida:

— Prefiro o Asilo, doutor. Já trabalhei muito, agora preciso de descanso, até Deus Nosso Senhor me levar.

E no mesmo dia começava a pôr em ordem o seu baú de couro. Pressentia que a nova vida, no sobradinho rodeado de árvores, do outro lado do rio Anil, teria os seus encantos. Só queria que lhe dessem um lugar para a sua rêde e o seu baú, com direito de recorrer ao cachimbo, nos momentos de solidão. De manhã, daria um passeio pelo quintal, para ver de perto as árvores úmidas de orvalho. Na volta, sentaria na calçada e olharia de longe São Luís. Sem dúvida, faria amizade com outras velhas. E por que não, se tinha bom gênio e não fazia mal a ninguém? Teria assim com quem conversar, nas horas em que a saudade lhe apertasse o coração. À noite, rodeada pela cantiga dos sapos, esperaria o sono a rezar, balançando-se na rêde.

E enquanto arrumava o baú, abrira-se com São Benedito, que a olhava de cima da cômoda, iluminado por um côto de vela:

— Quem me meteu na cabeça essa idéia de Asilo foi você. Sim senhor. Não foi outro santo. Me lembro como se fôsse hoje. Foi no dia em que minha Sinhá me mandou embora. Sem você,

nesse dia, eu nem sei o que seria de mim. Você me levou até à casa do doutor e de lá me mostrou o Asilo, quando eu estava sem saber para onde ir. Sim senhor. Você mesmo, com o seu bom coração.

Nisto reparou que o Lorde erguia a cabeça, interessado. E chamando-o para junto de si, compadecida:

— Vem cá. Tu não vais ficar por aí à toa, sem ter quem olhe por ti. Tu vais comigo. Para o Asilo. Asilo é lugar de velho. E tu, para cachorro, já não és criança. Onde cabe um, cabem dois. Debaixo de minha rêde, de noite, não ocupas lugar. E de dia, tens o quintal para correr.

Porém Lorde, como se lhe houvesse entendido as palavras, não tardara a afastar-se, cabeça baixa, arrastando a cauda, contrafeito.

E a velha, notando-lhe a mudança:

— Ah, não queres ir comigo? Por esta eu não esperava. Pois vais. Fica sabendo que vais. Cachorro não tem vontade. Por teu gôsto, ficavas aqui mesmo, metido com tudo quanto é cão vagabundo, até ser apanhado pela carrocinha. Mas isso não vai acontecer, fica logo sabendo. Vais é comigo, ouviste? E na coleira, com a corda na minha mão. Se tentares fugir, racho-te um pau na cabeça.

E agora, de volta do espelho, ainda com o vestido de sêda, um ar de riso no rosto reluzente, Cipriana beija os pés da imagem. Depois se volta para o cão, que conserva as orelhas empinadas, língua recolhida, pronto a latir:

— Já sei que tu também não gostaste de meu vestido. Não precisas me dizer nada, que eu já vou mudar de roupa. E agora sai daí, que eu não me dispo na presença de ninguém, mesmo de bicho.

E ainda no quarto fechado, depois de recolher ao baú o vestido de sêda, tornou a dirigir-se à imagem, que ocultara por trás de uma dobra de jornal no momento de trocar a roupa:

— Pronto — diz ela, apresentando-se com a saia larga e a blusa rendada. — Agora, voltei a ser a Cipriana. Me desculpe a bobagem. Você sabe que eu botei o vestido de Sinhá Dona, só para não pensarem no Asilo que eu era preta de rua. Tolice minha. Me perdoe.

E tratou de abrir novamente a porta, para atender à impaciência do Lorde, que uivava do outro lado, arranhando o chão.

— Coitadinho! Como êle gosta de mim! — exclamou, curvando-se para lhe afagar a cabeça. — E eu também te quero bem, Lorde. E muito. Como se fôsses meu filho.

E de repente endireitou o busto, preocupada. Não havia pensado na hipótese de não lhe permitirem entrar no Asilo com o cão. Olhou na direção da imagem, em busca de um amparo. E não tardou a sorrir, confiante. O doutor pediria também pelo Lorde. E quem é que tinha coragem de dizer não ao doutor? Além do mais, o Lorde era um bichinho manso, que não mordia ninguém. E sabido, que dava gôsto.

Na véspera, com receio de que êle fugisse, desencaminhado pelos outros cães, tinha-o amarrado ao pé da mesa da cozinha. E só de noite, depois de passar a chave na porta da rua, é que se decidira a soltá-lo. Por sinal que o encontrara amuado, orelhas caídas, rabo no chão, esquivo aos seus afagos.

— Não seja mal-agradecido — ralhara Cipriana, forçando-o a descansar a cabeça no seu regaço. — Te amarrei para teu bem. Sôlto, eras capaz de sair atrás de uma cadela vagabunda, levado por outros cachorros sem juízo, e olha eu no ora veja, sem conseguir te encontrar. Bota êsse focinho aqui na minha perna. Já! Não sejas malcriado, seu atrevido! Assim!

E sem sono, embalando-se na rêde, com o Lorde deitado no limiar da porta, o quarto iluminado pela claridade tímida do candeeiro e da vela ao pé da imagem, Cipriana consolava-se da solidão com a certeza de que, amparado por São Benedito, o Dr. Ernesto estaria junto de Deus, naquele momento.

— Está melhor do que eu e do que tu — suspirava, falando em voz alta, como se o Lorde, de focinho estirado entre as patas, continuasse a lhe dar atenção.

Agora, sentindo a luz da manhã crescer dentro de casa, Cipriana volvia a olhar a rua, impaciente por ir embora.

O alvorôço dos dois últimos dias, com o pensamento na nova vida, desfizera em grande parte a prostração em que caíra após a morte de Ernesto, horas e horas a um canto, imóvel, como esquecida do mundo, sem ânimo para o mais leve trabalho, e de vez em quando, por entre suspiros fundos, o fio das lágrimas derivando de seus olhos pisados. Mas, de uma hora para outra, ao saber que, daí a dois dias, estaria numa canoa atravessando o rio, bem defronte do Jenipapeiro, criara outra alma. Na verdade — interrogava-se, enrugando o rosto engelhado — de que adiantava entregar-se ao desespêro? O que devia fazer, fizera: recomendara a alma do doutor a São Bene-

dito. Tinha a certeza de que o santo olhava por êle, no Reino de Deus.

E pronta para a viagem, Cipriana pôs as mãos para trás das costas e entrou a percorrer salas, quartos e corredores, despedindo-se do sobrado.

A casa fechada durante tôda uma semana guardava ainda um pouco do cheiro ativo do velório, como se ali ainda estivessem as flôres e as coroas, atravancando os aposentos e tomando o corredor e a escada. Cipriana não se lembrava de ter visto tantas rosas e tantos cravos em tôda a sua vida. E como havia gente, meu Deus, para acompanhar o entêrro! Estirado no caixão, todo coberto de saudades, o Dr. Ernesto parecia mais bonito, muito pálido, a barba preta, os olhos cerados, num sono tranqüilo. Quem mais chorava, coitadinha, era a filha, que não queria sair de junto do pai. Depois dela, era o Dr. Luna, chorando calado, a assoar de vez em quando o nariz vermelho pelos cantos da casa. Ah, mas na hora de fechar o caixão, chorava era todo mundo! Até mesmo a mulherona empoada que viera visitar uma vez o doutor tôda cheirosa e metida num vestido de veludo. E quanta môça bonita! Duas delas tinham desmaiado. Como o doutor era mesmo querido!

Cipriana, parada no meio da alcova, olha a cama vazia, que a claridade da vidraça parece destacar. E o que ela vê é a essa armada, com os tocheiros em volta e o crucifixo. Sente que vai chorar, e coíbe o pranto, acercando-se da janela. A luz forte, entrando a jorros, desfaz o velório. E a velha caminha para a sala, sempre a arrastar nas tábuas do soalho os seus largos pés tranqüilos.

De repente, tem um ar de riso, lembrando-se do que lhe contou Dr. Luna, de volta do entêrro. Não era que tinham aparecidos uns músicos no cemitério, para tocar uma serenata junto da cova, no momento de baixar o caixão? Houve gente que protestou, dizendo que isso não se fazia. Aí o homem da flauta exibiu um papel, provando que viera tocar por ordem escrita do próprio Dr. Ernesto dada há mais de um ano, e o certo é que tinham feito a serenata, com o gemido dos instrumentos misturando-se ao sussurro do vento nas casuarinas.

Os dois retratos a óleo que dominam a parede parecem acompanhar Cipriana com a nitidez dos seus olhos azuis, principalmente o velho de suíças, rosto fundo, nariz vermelho e comprido, que a velha reconhece ser o pai do doutor.

— Que Deus te fale na alma — suspira, dando-lhe as costas.

Num começo de aflição, entreabre a janela. O Dr. Luna, com o mundo de doentes que atendia tôdas as manhãs, não se teria esquecido de vir buscá-la? E a velha, inquieta, espicha o olhar ao longo da rua. Do lado do sol, as casas estão fechadas, mas, do lado da sombra, as janelas se escancaram para a manhã radiante. No fio da iluminação pública, esgoela-se um bem-te-vi. Adiante, no beiral de um sobrado, arrulham dois pombos, enquanto o sapateiro da esquina começa a bater sola.

— Ainda é cedo — reconhece Cipriana.

E antes de cerrar a janela, resvala o olhar à sua volta, com um suspiro de tristeza. Nunca mais verá aquelas casas, aquêle pedaço de rua, aquela nesga de céu que se fecha sôbre o rio Bacanga. E acena com emoção para a menina muda e triste que, tôdas as manhãs, se debruça da sacada de um mirante, e agora lhe sorri.

No seu passo arrastado, atravessa a alcova e entra na varanda. Onde se meteu o Lorde? Vai à cozinha, volta, entra no quarto, sai, torna à varanda. E chama pelo cão, preocupada. Onde estaria o demônio do bicho? Mais aflita, acerca-se da escada, invadida pelo repentino receio de que o cachorro tenha saído de casa. Mas fugir, como, se a porta da rua está fechada?

Novamente na varanda, volta a gritar por êle, debruçada para o quintal.

— Lorde! Lorde! Onde é que você está? Não me ponha nervosa! Venha cá! Depressa! Aqui na varanda!

E dispõe-se a esperá-lo à entrada no corredor, quando dá com êle, meio murcho, ar acossado, debaixo da mesa.

— Ah! — exclama a velha — estás te escondendo de mim, para ver se eu não te levo? Não adianta, seu maroto. Eu já disse que vais, vais mesmo. Desta não escapas. O que eu estou fazendo é para teu bem. Nos primeiros dias, vais estranhar. Depois acostumas. Anda. Vem daí.

E castanhola os dedos em sua direção, curvada para a frente. Mas logo endireita a cabeça, recolhendo o pé direito, que afundara em cheio numa massa mole. E irritada, crescendo ameaçadoramente para o cão, que se retraíra por trás das pernas de uma cadeira:

— Seu porcalhão! Não sei onde estou que não te dou com um pau no lombo, depois de te esfregar o focinho nesta bosta, seu descarado! Não podias ter ido fazer a tua porcaria lá embaixo? Seu sujo! Seu imundo!

E mais exaltada, erguendo o punho furioso:

— Sai já de perto de mim! Agora sou eu que não quero mais te levar. Ias me envergonhar na casa alheia. Isto é coisa que se faça? Não encontraste outro lugar para sujar, seu porco? Olha o teu serviço, na barra do meu vestido. Anda! Desaparece de minha vista! Não te levo mais, seu vagabundo!

Porém, daí a pouco, já lavada a barra da saia, Cipriana ergueu os ombros, apaziguada. E ao dar com o Lorde, muito encolhido, a um canto da cozinha, olhou-o demoradamente, forcejando para não sorrir. Depois, adiantando os braços, caminhou para êle:

— A zanga já passou, meu bôbo. Eu não sei ter raiva de ninguém. E muito menos de ti, que és como se fôsses meu filho. Anda, vem cá.

E quando o Dr. Luna, logo depois das nove horas, bateu na porta da rua chamando por Cipriana, já a velha, ao primeiro rumor da carruagem nas pedras do calçamento, apertava contra o peito a imagem, bem por cima do coração, enquanto com a mão direita segurava a corrente atada à coleira do Lorde.

— Vamos embora — disse ela, dirigindo-se ao santo e ao cachorro, sem disfarçar o alvorôço e a alegria. — O Dr. Luna já está nos esperando.

Apressou o passo, rumo da escada, e veio descendo os degraus a ralhar com o Lorde, que reclamava a coleira e a corrente, ganindo e sacudindo a cabeça.

O Dr. Luna ergueu as sobrancelhas, espantado:

— O cachorro também vai, Cipriana?

— Vai. Onde eu vou, vai êle também. E é cachorro limpo, que não dá vergonha a ninguém. Por êste eu respondo, doutor.

Enquanto o cocheiro subia para ir buscar-lhe o baú, a velha se refestelou no banco do carro, ajudada pelo doutor, que lhe fêz ainda o favor de segurar o Lorde pela coleira, obrigando-o a entrar na carruagem.

E quando o carro partiu, subindo devagar a rua estreita, com o Lorde a reclamar os solavancos, sem querer acomodar-se aos pés de Cipriana, a velha o aquietou com um grito. E para o doutor, numa voz suplicante:

— Vamos pela Rua do Sol, para eu olhar pela última vez a casa de minha Sinhá.

Ao sentimento de alvorôço feliz, que a imaginação da vida no Asilo lhe havia trazido, sobrevinha agora um sentimento nôvo de expectativa e mêdo, que apertava de vez em quando o coração de Cipriana. Dar-se-ia bem no meio de gente

estranha? Ou quereria voltar, dentro de poucos dias, puxada pela saudade? Mas saudade de quê? E apertou mais contra o peito a imagem de São Benedito. Não precisava temer o futuro. Ali estava o seu amigo velho, para lhe fazer companhia. E tinha também o Lorde, que lhe ajudaria passar as horas, se não tivesse com quem conversar. E de repente, estendendo os olhos para o Dr. Luna, que, no correr da semana, quase não tirara do nariz a bolinha de naftalina:

— Doutor, vá me visitar, quando não tiver o que fazer.

— Claro que vou, Cipriana.

E foi êle que, à altura da Rua da Cruz, mandou parar o carro, para que a velha olhasse demoradamente o sobrado de sua Sinhá, com um fio de lágrimas derivando dos olhos miúdos.

No resto da viagem, Lorde já parecia conformado. Embora conservasse os olhos espavoridos a cada sacolejo mais forte, deixara de uivar, acomodado afinal aos pés da velha. E até relutou saltar, quando o carro, depois de vencer a Rua dos Remédios, que o sol da manhã levava de ponta a ponta, parou no Jenipapeiro, a curta distância da muralha de cimento, onde atracara uma canoa.

E Cipriana, enquanto esperavam pelo canoeiro, mostrando o sobradinho que branquejava do outro lado do rio:

— É ali, Lorde, que nós vamos morar. Repara bem que tens muito espaço para saltar e correr. E eu juro que vais encontrar por lá outros cachorros. Não fica triste. Aqui está São Benedito, que nos há de ajudar.

Sempre a segurar na mão firme a corrente, por vêzes ralhando com o cão para conter-lhe os arremessos, a velha se pôs também a negacear, assaltada por um mêdo mais forte, ante o vigor da onda que se alteava, lavando a faixa de cimento do Cais. Agora, de pé, o canoeiro lhe estendia a mão, equilibrando-se no meio da canoa com as pernas abertas em compasso, e subia e baixava, na ondulação da maré que ia crescendo.

E Cipriana, apavorada, retraindo-se:

— Môço, olhe que eu sou muito gorda e não sei nadar.

Neste instante, salpicado pelos borrifos da vaga que lavava o Cais, o Lorde recuou, na instantaneidade impulsiva de um salto, e logo a velha gritou, aflita, vendo que a corrente lhe fugira da mão.

— Peguem êle! Depressa!

Antes que o apanhassem, o cão deu dois pulos ágeis, por cima de um tufo de capim, e ganhou pelo caminho torcido que levava ao portão da Quinta da Vitória, enquanto o Dr. Luna, redondo e cômico, se atirava ao seu encalço, tentando em vão espichar as pernas curtas, no esfôrço da carreira. Felizmente o Rafael, que apontava ao fim do caminho trazendo na cabeça o baú de Cipriana, calcou com o pé a ponta da corrente, no momento exato em que o Lorde atravessava o portão escancarado.

Sentada agora na pôpa da embarcação, Cipriana tinha-se pôsto a chorar, apertando a imagem contra o peito, quando viu o cão aparecer, trazido pelo doutor. E sorrindo, aliviada, pôs-se a beijar o santo:

— Eu sabia que você pegava êle!

E outra vez alarmada, quando viu o Dr. Luna, depois de arremessar o Lorde na canoa, dar a mão ao canoeiro para embarcar também:

— É melhor o senhor esperar a outra viagem — gritou-lhe a velha, certa de que a canoa ia afundar.

A canoa oscilou, como se fôsse ceder à pressão da carga, mas a onda alta a amparou, restituindo-lhe o equilíbrio. E daí a pouco, impelida pelos remos, entrou a deslizar na crespa superfície das vagas.

Para trás ia ficando a Quinta da Vitória, com a sua casa em ruínas, e o seu tamarindeiro esgalhado. A igreja dos Remédios, alvejando por cima dos telhados. E as palmeiras do Largo, batidas pelo vento. Depois o panorama se alargou, numa vista geral da cidade. Longe, a tôrre da Catedral. Mais adiante, a orla de palmeiras acima da muralha do Palácio. E uma luz macia por cima das ruas e das casas.

De olhos voltados para o sobradinho do Asilo, Cipriana sentia a garganta apertada, com vontade de chorar. Coibiu o pranto, apertando mais a imagem. Para que procurar, no meio de tantas casas, o sobrado da Rua do Sol? Ou o sobradinho do Destêrro? Ou o sobrado de azulejos da Rua dos Afogados, cenário de suas lembranças mais antigas?

E novamente inquieta, pôs-se a seguir com o olhar o Lorde, que arrastava a corrente, bordejando a canoa, como se buscasse a melhor posição para arremessar-se às águas:

— Segure o Lorde, doutor. Êle vai fugir outra vez.

Porém o cão, completada a volta, alteou-se à frente da canoa, orelhas caídas, numa imobilidade de figura de proa. E ali ficou, recebendo o vento úmido que encrespava a correnteza, enquanto o remo mergulhava nas águas e impelia a embarcação para o outro lado e a nova vida.

XLIII

Com ar de mistério, a curiosidade suspensa nos olhos empapuçados, a Biá tinha entrado na sala para dizer à Morena que, na varanda, uma senhora alta queria lhe falar.

— Comigo? — indagou Morena, com estranheza.

— Sim, com a senhora. E traz uma caixa enorme, para lhe entregar.

E Morena, levantando-se:

— Mas quem é?

A outra alteou os ombros, dizendo que não sabia.

— Diga que já vou.

E enquanto a Biá tornava à varanda, afofando nas tábuas do chão os seus passos de gata gorda, tratou de mudar depressa o vestido.

Só agora se tinha animado a pôr em ordem os livros do pai, que o velho Lemos trouxera do sobradinho do Destêrro, ao meio da semana. Os livros, e mais uns retratos, e uma pasta de documentos, eram tudo quanto lhe tocara, como filha, no momento de ser desfeita a casa.

Entre o Lemos, o Luna e o Padre Galvão havia sido repartido o mais dos pertences do morto, visto que a viúva se recusara terminantemente a receber fôsse o que fôsse, e só a muito custo anuira em que, à Morena, se destinassem algumas lembranças do pai, a juízo do Lemos. E êle próprio viera trazer o que escolhera com o maior escrúpulo, ajudado pelos dois amigos.

A pasta continha papéis particulares, além de itinerários de viagens, recortes de jornais e as cartas de Cristina a que só Morena saberia dar valor.

— O resto dos papéis — esclareceu o velho, assim que Morena abriu a pasta — o Padre Galvão achou que era melhor queimar. Foi o que fiz. Também separamos os livros, para que só viesse o que fôsse digno de sua leitura. Quanto aos

retratos de seu avô e de seu bisavô, o melhor é guardá-los no porão, até que você tenha a sua própria casa.

Os livros estavam agora perfilados na estante, deixando sentir que, um mês após a morte do pai, já a filha tinha vencido o desespêro da orfandade, voltando a dar ordem às coisas em seu redor. Embora mantivesse fechadas as janelas da sala, havia descerrado as portas internas, para que a luz entrasse pelas vidraças e pelas frestas das rótulas, desvanecendo assim, com o calor do sol, a morrinha do ambiente abafado.

No entanto, aos primeiros dias de luto, ela tivera a impressão de que tão cedo não se refaria. A imagem do pai hirto e imóvel, pálpebras semicerradas, mãos sôbre o peito, teimando-lhe dolorosamente na memória, de mistura com as lembranças de seu convívio, salteava-a de crises convulsivas de pranto. Sentia-se desamparada e sòzinha, sem ninguém a quem recorrer na hora de suas angústias. Com a mãe, não podia contar. A irmã, reclusa no Convento, e além do mais longe de São Luís, só lhe podia proporcionar a espaçada consolação da conversa postal, a que a lentidão do correio marítimo tirava a atualidade e o calor humano. Mais distante ainda, parecia-lhe o namorado, habitualmente coibido no seu modo de escrever. Assim desassistida, como suportar a vida na solidão do sobrado?

— Que é que vai ser de mim, meu Deus? — indagava, tomada de aflição e desespêro, a soluçar de bruços na cama.

E uma semana depois do entêrro, ao saber, pelo velho Lemos, que o Padre Galvão ia celebrar missa por alma do pai, na igreja do Rosário, enfrentara pela primeira vez a rua, sentindo-se mais só. Com receio de que a mãe lhe obstasse a saída, deixara cedo a casa, sem nada lhe dizer. Um mêdo maior se apoderou de seu espírito, quase ao chegar à igreja, levando-a a imaginar que, no seu regresso, encontraria a porta cerrada. Para onde iria, se isso acontecesse?

— Mamãe não faria essa crueldade comigo — argumentou, tentando acalmar-se.

E respirou, desafogada, quando viu, de volta da missa, a porta aberta, como à sua espera. Lá no alto, defrontou-se com a mãe, que nada lhe disse. Só na semana seguinte, tôda de prêto, o rosto quebrantado por uma palidez de convalescente, os olhos pisados de chorar, pôde sair do quarto para sentar à mesa, faces encovadas, o cabelo apanhado para trás e prêso à altura do pescoço por um laço de fita.

— Amanhã, você recomeça as suas lições — disse-lhe Mariana, em meio do almôço — Já não é sem tempo — acrescentou.

E na manhã seguinte, assim que abriu a Seleta para a aula de Mrs. Mary, escondeu o rosto nas mãos, sem fôrças para conter o pranto, ante o poema de Tennyson que ia começar a traduzir.

— Não, não posso ler — confessou, vergando-se sôbre a mesa, sacudida pelos soluços. — Por favor, eu quero ficar só, Mrs. Mary.

— Deixe-a comigo — concordou Mariana, dirigindo-se à professôra. — E agora só volte quando eu lhe mandar nôvo aviso.

E ríspida, para a filha, logo que Mrs. Mary se foi:

— Tens de acabar com isso, ouviste? Não consinto que repitas a cena. Que novidade é essa? Há quinze dias que não fazes outra coisa senão chorar. Pelo visto, perdeste um pai perfeito, que só pensava em ti! E eu a suportar com paciência êsses teus exageros! Muito melhor que o teu era meu pai e eu não fiquei assim quando êle morreu!

Mas, ao dar com o rosto devastado de Morena, repentinamente erguido em sua direção, respiração ofegante, os grandes olhos negros do marido colèricamente abertos, atenuou repentinamente a voz exaltada, retrocedeu para o outro lado da mesa:

— Falo para teu bem. Se continuas assim, acabas doente. Tens de reagir. É meu dever te falar com energia.

E o que a mãe não pôde conseguir com a sua voz exaltada ou comedida, conseguiram-no as breves linhas de uma carta do Aluísio, recebida na semana seguinte: "Faço votos para que esta carta te chegue às mãos no dia de teu aniversário. Vou colocá-la no correio com doze dias de antecedência, de modo que a possas receber ou na véspera ou no dia de teus dezoito anos."

Não na véspera ou no dia, porém dois dias depois, chegou a carta às mãos de Morena, com as bordas amarfanhadas e o sêlo a ponto de cair, e nesse mesmo dia, à tarde, as rótulas abertas trouxeram a claridade do Sol para dentro da sala, num comêço de ressurreição. E já no dia seguinte Morena entrou a dispor na estante os livros do pai, ordenando-os por assunto e tamanho, como se ensaiasse arrumação de sua própria casa, adivinhando o gôsto do marido.

Uma senhora alta, com uma caixa? E querendo lhe falar? Diante do espelho, com a ponta dos dedos, Morena deu uns toques finais ao cabelo, apertou o laço de fita, sempre intrigada, sem conseguir atinar quem teria a lembrança de procurá-la, àquela altura da manhã. Às oito e meia, levada pela Abigail, a mãe saíra para a Escola Dominical. De propósito, Morena se deixara ficar na cama, simulando abatimento e tristeza, para não ser convidada a ir à igreja.

— D. Mariana já disse que a senhora precisa voltar ao culto — lembrara-lhe a Biá, naturalmente industriada pela mãe, dois dias antes, ao ver aberta a guarnição das janelas. — Deus tem de estar sempre em primeiro lugar, tanto na hora da alegria quanto na hora do sofrimento. Agora que a senhora já está mais conformada, volte ao culto. Deus gosta de ver seus filhos na igreja.

E Morena, agastada:

— Deixe-me em paz, Biá. Eu ainda não estou boa. Por favor, pare de me dar conselhos. Quando eu puder sair à rua, saio. Agora, não. Prefiro ficar em casa.

E agora, ao abrir a porta da varanda para ir ao encontro da visita, iluminou o rosto com um sorriso, abrindo as covinhas laterais da bôca:

— Como vai a senhora? — indagou apressando o passo.

D. Maricota Novais, de pé, a caixa descansada sôbre a mesa, levanta-se, descalça uma das luvas, e vem do fundo da varanda, a cabeça inclinada para o lado, os braços bertos para envolver Morena.

À entrada do corredor que conduz à cozinha, a Biá redobra de atenção, afiando os olhos por trás das lentes vigilantes. Não quer perder um detalhe, um movimento, uma palavra, os olhos à tona do rosto, e aguça o ouvido para o diálogo, irritada com o tinido do relógio e o sussurro do vento nas fôlhas da mangueira.

— Eu devia ter vindo aqui no dia de seu aniversário — diz D. Maricota, voltando à cadeira de balanço ao fundo da varanda, depois de ter recolhido a caixa de cima da mesa — mas achei melhor esperar que passasse um mês da morte de seu pai.

Mais curiosa, Morena senta-se na outra cadeira, franze a testa, sempre a olhar a outra.

E D. Maricota, tratando de desmanchar o laço do cordão da caixa que descansa sôbre seus joelhos:

— O Dr. Ernesto foi à minha casa, há uns cinco ou seis meses, e me encomendou um vestido de baile para você.

— Para mim? — pergunta Morena, acercando-se da ponta da cadeira — Um vestido de baile? Que novidade é essa, D. Maricota?

E a costureira, abrindo a fôlha de papel de sêda que envolve a caixa, enquanto prende nos dentes os alfinêtes que fechavam o embrulho:

— Sim — confirmou, colocando os alfinêtes na concha da mão, meticulosa e lenta. — Seu pai sabia que eu sempre costurei para vocês e foi naturalmente por isso que me procurou. Fêz a encomenda, pagou a fazenda e o feitio, e escreveu um cartão para acompanhar o presente, com a recomendação de que eu própria viesse aqui entregá-lo a você no dia de seus dezoito anos.

Morena sentia agora um tremor nos lábios, uma vontade quase invencível de chorar. De seu canto, a Biá tinha avançado dois passos, já dentro da varanda, os olhos pregados nas mãos compridas que seguravam a tampa da caixa.

— No dia de seus anos — continuou D. Maricota, no mesmo tom sereno — cheguei a me vestir, para vir até aqui. Mas aí pensei: não fica bem, o melhor é esperar que passe um mês da morte do Dr. Ernesto. E hoje, aqui estou, com o atraso de alguns dias, trazendo-lhe esta surprêsa de seu pai.

E tirou o vestido da caixa.

Morena estava de pé, bôca entreaberta, as mãos no ar. D. Maricota tinha-se levantado também, prendendo o vestido pelos ombros para lhe reluzir melhor as pedrarias e miçangas, na intensa luz que vinha da rua. Morena deixara cair os braços, emocionada. E antes que a costureira se acercasse, para aplicar o vestido sôbre o seu corpo, cedeu à crise de chôro, o rosto escondido nas mãos, caída na cadeira:

— Meu pai! Meu pai! Como meu pai era bom! — exclamava, na convulsão dos soluços, enquanto D. Maricota Novais dobrava apressadamente o vestido, para recolhê-lo à caixa, sentindo que também ia chorar.

Os olhos empapuçados da Biá tinham-se avolumado por trás dos óculos, ora fitando a costureira, ora fitando Morena, e tôda ela era pouca para recolher nas pupilas sôfregas a intensidade da cena.

— Se eu soubesse que ia emocionar você assim, não teria vindo agora — desculpava-se D. Maricota, aflita, olhando em tôrno, como em busca de um auxílio, e levando as mãos às pálpebras, como a enxugar as lágrimas. — Minha filha, eu não fiz por mal. Pelo contrário: minha intenção foi a melhor possível — insistia, batendo no ombro de Morena. — Pelo amor de Deus, acalme-se. Olhe como estou nervosa. Me desculpe, minha filha.

A crise ia abrandando, com o espaçar dos soluços, até que Morena permaneceu quieta, a cabeça amparada nas mãos, enquanto D. Maricota Novais recolhia a sombrinha e a bôlsa, para ir embora de atropêlo.

— Sou eu que tenho de lhe pedir que me perdoe — reconheceu Morena, numa voz molhada, quando a costureira se despediu. — Fiquei emocionada, não pude me conter. Agora já passou.

E à hora do almôço, quando a Biá a chamou para a mesa, preferiu ficar na sala, a olhar por entre lágrimas o cartão do pai.

Porém, no fim da tarde, mais senhora de si, voltou a olhar o vestido, que retirara da caixa para recolhê-lo ao guarda-roupa, e ficou a admirar-lhe, por largo tempo, a elegância do modêlo. Não conhecia outro mais bonito, com igual luxo de pedrarias no bordado. E como estivesse na sala, bem defronte do espelho, não tardou a colhê-lo pelos ombros, para lhe ver o efeito sôbre seu corpo. Logo se pôs a imaginar a surprêsa do namorado, ao vê-la naquele traje de cerimônia, uma noite, no salão do Cassino Maranhense.

— E quando chegará êsse dia, meu Deus?

Bem sabia que tão cedo não poderia vesti-lo. Em dezembro, nas festas de fim de ano, estaria de luto. Havia ainda uma razão mais poderosa, acima de seu sentimento pela morte do pai: a oposição sistemática da mãe, para quem todo baile agora era inspirado pelo Demônio. Assim, só depois que se casasse, poderia usar o vestido, último presente de seu pai.

— Não vai demorar muito — consolou-se, retardando os olhos no espelho, embevecida com a sua própria figura.

E de súbito, atentando nas dimensões do busto, pareceu-lhe que o vestido não se ajustava, com o necessário rigor, às suas medidas. D. Maricota, com tantas encomendas a atender, não se teria enganado?

— Só há um jeito de acabar com a dúvida: é experimentá-lo — disse a si mesma, descansando o vestido sôbre a palhinha do sofá.

E rápida, depois de apurar o ouvido para dentro do sobrado e sentir que ali se alongava o amplo silêncio dominical, despiu a roupa do corpo, que jogou às costas da cadeira mais próxima, e em breve erguia as mãos acima da cabeça, para deixar cair sôbre a sêda da combinação a fazenda leve e as pedrarias do vestido de baile.

— Está ótimo!

E demorou a olhar no espelho, fascinada. Nunca se vira tão bonita. A tonalidade do tecido, a refulgência das pedrarias, o corte sinuoso da cintura, destacando-lhe os seios e os quadris, a abertura do colo, com a gola bordada a subir para o pescoço, ajustavam-se ao seu tipo e à sua tez, dando um brilho mais nítido ao negror de seus olhos.

— Até parece que não sou eu — suspirou.

E para sentir ainda mais o efeito do vestido, correu ao quarto e veio de lá com um sapato alto, ao mesmo tempo que tufava os cabelos para cima, prendendo-os com um pente espanhol.

Novamente diante do espelho, demorou a contemplar-se, com uma luz mais pura à tona das pupilas. Depois, como a obedecer aos movimentos da valsa que a sua imaginação começara a tocar, deu uma volta sôbre si mesma, e viu-se no salão de festas do Cassino, entre altos espelhos, levada em doido rodopio pelo namorado.

— É assim que estás inconsolável pela morte de teu pai? — perguntou-lhe Mariana, irrompendo no vão de uma das portas — Bem se vê que tens a quem sair: de manhã, aos prantos, sem poder ir à mesa; agora, metida nesse vestido de mulher à-toa, que só mesmo teu pai te podia dar, com a sua falta de senso e de juízo, e a bailares diante do espelho, como uma atriz no palco, sem um pingo de sentimento!

Colhida de surprêsa, por não ter ouvido nas tábuas do chão o mais leve ruído dos passos da mãe, Morena descalçou os sapatos, vista baixa, uma sensação de calor queimando-lhe as orelhas.

E Mariana, na mesma voz enérgica:

— Nem depois de morto o teu pai deixa de fazer mal. Êle sabe que eu não permito que o Demônio tome conta de ti. E mandou-te êsse vestido para te perder. Mas eu não

consinto que Satanás te leve. Hei de te salvar para Deus, Morena. Contra a vontade de teu pai e até mesmo contra a tua própria vontade!

XLIV

Sentado à borda da cadeira, com as mãos entrelaçadas sôbre o cabo do guarda-chuva e rodando os polegares, o velho Lemos ergueu o olhar assustado para Mariana, ao fundo da sala alastrada de sol matinal:

— Por meu conselho a senhora deixa a menina onde está. Desculpe, se estou sendo imprudente. Meu dever é lhe dizer o que penso. Obrigar Cristina a voltar a São Luís, para freqüentar aqui a igreja protestante, não lhe vai ser fácil.

E Mariana, levantando mais a cabeça:

— É essa a opinião dos advogados?

— Os advogados acham que o pátrio poder é exclusivamente seu. A Cristina é menor, de nada adianta agora a autorização deixada pelo pai à Ordem das Dorotéias. A senhora pode mandar buscar a sua filha pelo primeiro navio. E ela tem de vir, quer queira, quer não. Mas não é por êsse lado que estou vendo o problema. E sim pelo lado da convicção religiosa. A senhora conhece sua filha melhor do que eu.

No silêncio constrangido que se alongou na sala, uma rajada repentina fêz estrondar a rótula de uma das janelas, do lado da Rua da Cruz.

Mariana permaneceu pensativa, a mão direita batendo a ponta do leque na costa da outra mão. Parecia não se dar conta de que o Lemos, solícito, havia-se levantado para correr o ferrolho da janela, antes que soprasse uma nova rajada, e ainda se mantinha absorta, quando o velho tornou a sentar, novamente rodando os polegares por cima do cabo do guarda-chuva, mais apreensivo e trombudo.

Desde a morte do marido, vinha teimando no espírito de Mariana a idéia de obrigar Cristina a regressar a São Luís. Por que deixá-la no Convento, sem idade para decidir por si mesma? No entanto, achara melhor não se precipitar, deixando, primeiro, passar um mês do luto. Só então chamara o velho Lemos, para uma conversa reservada: queria saber, sôbre o caso, a opinião de dois bons advogados que ela própria indicou. E outro mês se escoara, sem que o velho volvesse a falar-lhe. Afinal, tornara a chamá-lo. E agora ali o tinha à sua frente,

visìvelmente inquieto, os cantos da bôca repuxados, o pescoço fino a dançar no vão do colarinho duro.

Em seu íntimo, dava-lhe razão: reconhecia não ser fácil trazer a filha de volta. Mas o seu dever era fazê-la regressar. A Bíblia, mais de uma vez, tinha-lhe aberto os olhos. Lá estava, no livro dos *Provérbios*, a advertência de Deus: "O filho que é deixado à sua vontade serve de confusão à sua mãe." E ia mais longe ainda a Palavra do Senhor: "Tu o fustigarás com a vara e livrarás a sua alma do Inferno."

Na quarta-feira, pouco antes do culto, achara de bom aviso, para dissipar qualquer problema de consciência, ouvir novamente o Reverendo Tobias. E o pastor, já com a Bíblia contra o peito, a mão direita segurando pensativamente a volta do queixo escanhoado:

— Não é apenas o seu direito — é o seu dever, D. Mariana. A senhora é responsável por suas filhas, perante Deus e perante os homens. O Senhor lhe perguntará por elas, na hora do julgamento final.

E com o dedo indicador empinado, como se fôsse o próprio Deus, numa voz trovejante, que fêz tremer ainda mais o chapèuzinho de crepe de D. Jemima:

— "Que fizeste de tuas filhas, mulher?" — indagará o Altíssimo.

Caminhou até o fim da saleta, num passo esgalgado de cegonha, as abas do fraque festejando as pernas compridas. E de volta, fisionomia mansa, interrogou:

— E que dirá a senhora, D. Mariana, se não tiver cumprido o seu dever? Terá de reconhecer a sua culpa. E que é a culpa, senão o pecado? E que é o pecado, senão a afronta ao Senhor dos Exércitos, por inspiração do Príncipe das Trevas?

Depois do culto, Mariana tinha-se decido a pôr no Correio, já na manhã seguinte, uma carta à Superiora do Convento na Bahia, dando-lhe conta de sua resolução, ao mesmo tempo que determinava o embarque de Cristina pelo primeiro vapor. Chegara, mesmo, a rascunhar o documento, sentada na cama. Porém, antes de passá-lo para o papel definitivo, uma dúvida a assaltou. E se a freira se recusasse a cumprir a sua ordem, alegando que tinha uma autorização expressa do pai da môça para o seu noviciado? Pareceu-lhe, então, mais prudente, antes de se dirigir ao Convento, examinanar o assunto à luz do Direito, consultando para isso, por intermédio do Lemos, dois bons advogados.

E agora, com os olhos no rosto chupado do velho:

— A opinião do Dr. Assis é exatamente a mesma do Dr. Luís Carvalho? — perguntou, como a dissipar uma derradeira dúvida.

Exatamente a mesma.

E Mariana, levantando-se para encerrar o diálogo:

— Nesse caso, desde já constitua o Dr. Assis, como meu advogado, para a hipótese da Madre Superiora se recursar a devolver minha filha.

O guarda-chuva escapou das mãos atarantadas do Lemos. Alarmado, tinha levantado as sobrancelhas, franzindo a testa. O pomo-de-adão, no seu pescoço magro e encordoado, subia e descia, enquanto o velho movia os maxilares, apertando a dentadura dupla, no esfôrço para se conter.

E pendurando no braço o guarda-chuva, muito vermelho:

— É a sua ordem, D. Mariana?

— É a minha ordem.

Por um instante os olhos fuzilantes do velho se defrontaram, com os olhos resolutos de Mariana: "Isso é uma crueldade! Filho não é negro fugido! Tenho mais que fazer!" Mas reprimiu as palavras, antes que estas lhe saíssem dos lábios apertados, e fêz um gesto de assentimento com a cabeça, mostrando mais a calva. Se explodisse, quem cuidaria do escritório? Tinha de ter paciência, muita paciência mesmo, em benefício das próprias meninas. E sério, rosto contraído, as orelhas em fogo, procurou a porta que levava ao corredor, seguido de perto por Mariana.

— Passe bem, D. Mariana — grunhiu o velho, cabeça baixa, levando o chapéu de fêltro à altura da testa, e começando a descer a escada.

E ainda os passos de Lemos se repetiam nos degraus de madeira, quando Mariana, de volta à sala, se deteve a meio caminho para ouvir a voz de Morena, em inglês, tom baixo, acompanhada pela voz de contralto de Mrs. Mary, num hino de ação de graças. Permaneceu imóvel, a orelha alongada na direção da varanda. Um mês antes, tinha-se exaltado com Morena, ao vê-la no vestido de baile. Agora, reconhecia a mão de Deus na transformação da filha.

Morena parecia outra pessoa, realmente: dócil, calada, metida com os livros, assídua à igreja, atenta aos sermões do Reverendo Tobias, interessada na leitura da Bíblia. O luto fechado dera-lhe um ar grave, que o penteado acentuava, com

o cabelo corrido para trás e prêso pela fita preta. Só os olhos, grandes e negros, se banhavam por vêzes de uma luz úmida, tomados de repentina vivacidade, como esquecidos das olheiras profundas que os quebrantavam, e eram bem os olhos do pai, sobretudo quando o rosto se inclinava para olhar de lado, com um fulgor de malícia.

E ainda com a orelha alongada para a varanda, Mariana ouviu, acima da melodia do hino ao Senhor, o bater irritado da cancela de ferro. Compreendeu que o Lemos saíra à calçada, remoendo a ira.

— Se não gostou, paciência.

E retomando a caminhada na direção da sala, passou a chave na porta, e se deixou ficar na cadeira de braços a um canto da janela, os olhos no retrato de Teobaldo, reconhecida à bondade do Senhor. Quando Deus a chamasse, perguntando-lhe pelas filhas, já podia responder que a mais velha era a ovelha arisca que afinal tinha encontrado o aprisco do Bom Pastor.

De tarde, após a sesta e a leitura da Bíblia, passou a limpo a carta à Superiora, deixou o envelope sôbre a papeleira, já fechado e sobrescritado, para que a Biá o levasse ao Correio na manhã seguinte.

Ao volver à cadeira de braços, para prosseguir na leitura até que a luz esmorecesse dentro da sala, demorou uns momentos com os olhos no ar. E deixou-se ficar quieta, o livro no regaço, a mão direita apoiando o queixo. Seu semblante severo, que as duas rugas laterais da bôca envelheciam, abria-se agora, repentinamente iluminado. Não seria mais acertado — interrogava-se — chamar Cristina a São Luís, a pretexto de passar em sua terra as férias de fim de ano? Sim, concordou: era bem lembrado. E quando a filha voltasse, tratá-la-ia com brandura, sem deixar sentir a determinação de retê-la em sua companhia. Aos poucos, assistida pelo Reverendo Tobias, haveria de conduzir a filha mais nova ao bom caminho. E Deus se rejubilaria com êsse desvêlo, de que ela própria, Mariana, seria beneficiada, pois daí resultaria uma razão a mais para que o Senhor lhe concedesse a graça de seu encontro com Teobaldo no Céu.

Folheou ràpidamente a Bíblia, procurando o trecho que lhe dava essa certeza. E logo o encontrou, na *Epístola de São Tiago,* marcado com um risco vertical da unha, à margem de dois versículos: "Meus irmãos, se algum de entre vós se extraviar da verdade e algum outro o converter, saiba que aquêle que converte um pecador do êrro do seu desencaminho salvará a sua alma da morte e cobrirá uma multidão de pecados."

Releu o trecho, palavra a palavra, e, interpondo o indicador nas fôlhas do livro, alongou o olhar confiante para o retrato do filho, enquanto lá fora, com a luz da tarde a diluir-se nas primeiras sombras da noite, ressoava o alarido das andorinhas que tornavam ao abrigo do beiral.

E à mesa do jantar, assim que terminou a oração ao Senhor, disse à Morena, sem olhar a filha, desdobrando lentamente o guardanapo:

— Na primeira carta que você escrever à sua irmã, diga-lhe que venha passar as férias conosco. Vou dar ordem ao Lemos para que lhe providencie a passagem.

Morena, perplexa, olhou a mãe um momento, lábios entreabertos, como se a fala lhe faltasse. E logo que as palavras lhe acudiram:

— A senhora quer que ela passe as férias aqui? — indagou, ainda atônita.

— Quero — confirmou Mariana, no mesmo tom sereno.

— Vou fazer tudo para ela vir — prometeu Morena.

E baixou o olhar, apertando os lábios, no esfôrço para coibir a alegria repentina que lhe fazia tremer as pálpebras e os cantos da bôca. Seu rosto queria rir, na expansão do contentamento instantâneo, e ela lutava em seu íntimo para conter o riso, dominada pelo mêdo de que seu júbilo pudesse levar a mãe a mudar de idéia. E tensa, nervosa e amedrontada, cerrava os punhos por baixo da mesa, tôda trêmula, invocando a ajuda de Nossa Senhora.

Afinal, a meio do jantar, sentiu que a calma lhe voltava. E só então pôde perguntar, reprimindo o tremor da voz:

— Não era melhor passar um telegrama?

— Escreva a carta. Há tempo bastante — replicou Mariana, depois de um silêncio — O telegrama pode assustar sua irmã.

De volta aos seus aposentos, apanhou de cima da papeleira a carta à Superiora e rasgou-a devagar, em pedaços bem miúdos, que atirou aos poucos, cautelosamente, pela janela entreaberta, à viração da noite. Em seguida, pôs-se a andar ao comprido da sala, indo e voltando, indo e voltando, até que apanhou a Bíblia e o livro de hinos e atravessou novamente a porta da alcova para o culto na varanda.

Já ali encontrou as duas criadas, de pé contra uma das janelas que abriam para o pátio. Sentada à cabeceira da mesa, esperou pela filha.

— Eu estava escrevendo a carta — justificou-se Morena, logo depois, acomodando-se no seu lugar.

E estendeu a mão, oferecendo-se para a leitura da Bíblia:

— Quer que eu leia, mamãe?

Mariana lhe entregou a Bíblia, já aberta no trecho da noite. Morena procurou a melhor incidência da luz. E alteando a voz, com desembaraço, como se associasse à pausada gravidade da fala, a compenetração de sua nova fé, anunciou:

— *Atos dos Apóstolos*, capítulo 18: "Depois disso, havendo saído Paulo de Atenas, chegou a Corinto..."

Pelo canto dos olhos, Mariana observava a filha, sem desviar a atenção da Palavra de Deus. Via agora que o milagre da conversão de Morena se aproximava de seu desfecho feliz. Pela primeira vez, a filha tomara a iniciativa de lhe pedir para ler a Bíblia. Não era a mesma pessoa — voltava a reconhecer. E logo se pôs a imaginar o espanto da outra, quando visse a irmã orientada para a verdadeira fé em Cristo. Se Morena, em pouco mais de um mês, se transformara daquele modo, sob a graça do Senhor, por que não ocorreria o mesmo com Cristina?

Depois da leitura, Mariana, emocionada, tardou a escolher o hino adequado. E foi Morena, ao ver-lhe o embaraço, quem sugeriu:

— Já faz tempo que não se canta o *Alvo mais que a Neve*.

Mariana deu o número do hino às duas criadas. E logo as quatro vozes se associaram na exaltação ao Senhor, levadas pela melodia do canto.

Uma lufada úmida fazia bater um ramo da mangueira contra a vidraça de uma janela. Na rua, passos erradios. E de repente, como trazida pelo rolar precipitado de um carro na ladeira da Rua do Sol, a valsa do Major estrondou no piano de Sinhàzinha Dourado, de mistura com o ruído das rodas e o tinido das ferraduras no calçamento.

E as quatro vozes, superpondo-se aos movimentos da valsa:

Alvo mais que a neve!
Sim, nesse sangue lavado,
Mais alvo que a neve sereil

Depois, quando o silêncio da casa se harmonizou com o silêncio da rua, Mariana, já com a luz da alcova apagada, ouviu a Biá correr o ferrôlho da última janela do sobrado. E na penumbra do aposento, não de todo protegido pelas portas contra à iluminação da rua, continuou a pensar na misericórdia de Deus, que desviara Morena do caminho da perdição. Coitada, a filha não tinha culpa de se parecer com o pai. E a verdade é que ela, Mariana, também lhe dera o seu sangue, o que certamente atenuava a herança do mal.

— Graças te dou, meu Deus, por mais esta bondade — murmurou Mariana, dirigindo-se ao Senhor. — E permite agora que eu traga Cristina para a verdadeira fé em Nosso Senhor Jesus Cristo. Tua misericórdia é infinita, bem sei. Inspira-me com a tua graça, para que eu possa, em teu nome, realizar êsse nôvo milagre, com a fragilidade de minha condição. Perdoa os meus pecados, ampara-me nas minhas aflições. Não deixes que eu me afaste de ti até o final de meus dias. E concede-me, por fim, que, à hora da morte, eu me eleve à tua presença, para salvação eterna de minha alma e reencontro de meu filho, que chamaste à tua santa glória.

E num suspiro profundo, elevando o tom da voz:

— Amém.

Estendeu-se ao comprido da cama, acomodando a cabeça no travesseiro, e orientou o pensamento para a saudade de Teobaldo, até que o sono lhe cerrou as pálpebras, encurtando-lhe a noite.

Do outro lado do sobrado, Morena apoiava a nuca nas mãos entrelaçadas e olhava a claridade circular, projetada pelo candeeiro de opalina no fôrro do quarto. A idéia de que ia rever Cristina antes do fim do ano, e passar ao seu lado os dias e as noites, durante os três meses de férias, a alvoroçara de tal modo que ela se deitara assim como estava, sem ao menos trocar de roupa. Depois de tanto ter sofrido com a morte do pai, voltava a sentir-se plenamente feliz. E não apenas pela volta da irmã, também pela volta do namorado, que, em dezembro, já estaria em São Luís. Com um movimento dos pés, deixou cair os sapatos no tapête, chegou o corpo para o meio da cama, sem alterar a posição da cabeça. E logo a figura do Padre Galvão lhe aflorou à consciência. Tinha-o encontrado no cemitério, magro, ombro caído, rosto rosado, a cabeça tôda branca. E a seu pedido, viera com êle pela Rua do Passeio, protegidos pela sombra da calçada.

— E as coisas em casa como vão? — perguntara-lhe o velho.

A cena do vestido, ocorrida pouco antes, acudiu aos lábios de Morena. E de olhos baixos, tardando a palavra ao sabor da emoção, contou-a sem mêdo, confiantemente. De propósito, o padre abrandou o passo:

— Na minha idade, andar faz bem, mas devagar — justificou-se.

E depois que ela se calou:

— Não cometeste êrro nenhum, minha filha. Fica em paz com a tua consciência. Estás na idade dos vestidos de baile. Teu pai andou bem dando-te um de presente. E depois de morto! Sempre o mesmo Ernesto! — riu o velho, por entre um curto acesso de tosse, que sufocou com o lenço amarfanhado. — A tua mãe é que está procedendo mal em não falar contigo. Mas isso não tem importância. Não brigam dois, quando um não quer. E tu vais continuar falando com ela, mesmo que ela não te dê resposta. É teu dever, minha filha. Ela te chama para ir ao culto, por intermédio da criada, e tu atendes, e ela não te dá uma única palavra, andando o tempo todo ao teu lado? Não dês importância a isso. De agora em diante, não esperes que ela te mande chamar. Trata de te aprontar desde cedo. Por que não vais também à Escola Dominical? Pois vai. É o Padre Galvão, agora, quem está te mandando ir.

Morena punha no velho os grandes olhos espantados, sem saber se êle zombava ou estava doido:

— O senhor está me mandando ir à igreja protestante, padre?

— Estou. Não estou mandando que te convertas ao protestantismo, estou-te autorizando a ir à igreja protestante, o que é outra coisa. Vai, ouve os sermões do Tobias, guarda no coração os trechos da Bíblia que êle recitar, e em casa, quando te deitares, reza o teu têrço. Por que haverias de manter um litígio permanente com a tua mãe? Nada disso. Trata de viver em paz. Fala com ela, vai com ela ao culto e à Escola Dominical, e um dia, quando menos esperares, ela falará contigo. Daqui a dois ou três anos, com êsse teu palminho de cara e segundo umas notícias que já chegaram aqui aos meus ouvidos, já estarás casada, e aí começarás um nôvo destino, sem os sacrifícios que tens de fazer agora para viver em paz com a tua mãe.

Outro acesso de tosse cortou-lhe a palavra. E depois de limpar os lábios no lenço, susteve o passo, estendendo a magra mão encarquilhada:

— Agora, estás perto de casa: segue o teu caminho, eu sigo o meu. Que Jesus te abençoe e Nossa Senhora te acompanhe.

Ainda a olhar a claridade projetada no teto pelo candeeiro, Morena sorria, dando razão ao velho. Realmente, tudo acontecera como êle havia previsto. E agora, coroando tudo, aquela repentina decisão da mãe, chamando Cristina para passar as férias em São Luís!

De manhã, ao sentar à mesa do café, já estava pronta para sair.

— Vais pôr a carta no Correio? — perguntou Mariana.

— Vou.

— Deixa isso com a Biá. Podes te atrasar para a Escola Dominical.

E de volta da igreja, atravessando no rigor do meio-dia a vastidão ensolarada do Campo de Ourique:

— Não queres ir comigo, hoje à tarde, ao culto do Largo dos Remédios? — consultou Mariana, cobrindo com o guarda-sol a cabeça da filha.

E Morena, depois de uma hesitação:

— A que horas?

— Às quatro.

— Posso ir — concordou, com o pensamento na viagem de Cristina.

Pouco depois das três horas, a Abigail veio buscá-las, trazendo consigo o pai, este num severo paletó azul abotoado, Bíblia, livro de hinos, chapéu prêto, muito solene. Desta vez, a Biá, com os óculos de aros de prata com que saía à rua, também ia. E lá foram os cinco, apertados na calçada estreita, a Biá atrás, aligeirando o passo curto.

No Largo do Quartel, encontraram o Reverendo Tobias chefiando outro grupo de protestantes, cada qual com a sua Bíblia e o seu hinário, uma animação juvenil, de pequenique nas bochechas afogueadas pelo sol da tarde. E após a bulha das saudações recíprocas, subiram a Rua dos Remédios, com o Tobias à frente, lustroso no fraque escuro que a luz da tarde tornava mais reluzente, seguido de perto por D. Jemima, que dava três passos para alcançar os dois do marido, a cabeça mole a baloiçar o chapèuzinho de palha.

Tomada por um vivo sentimento de vergonha, Morena caminhava de olhos baixos, misturada ao grupo ruidoso. À

saída, a mãe lhe tinha dado também uma Bíblia e um livro de hinos, que ela segurava agora com as mãos suadas. Pedia a Deus que nenhum conhecido aparecesse às janelas de seu trânsito, porém o ruído das vozes e o tinido da ponta da bengala do Reverendo, martelando compassadamente o cimento da calçada, atraíam a atenção da rua, e logo as rótulas se abriam, com bustos curiosos debruçados nas sacadas.

Pela altura da Praça Odorico Mendes, uma voz infantil se ergueu, precedida de um longo assobio:

— Come-santo! Come-santo! Eh, come-santo!

Uma pedra sibilou no ar, retiniu na calçada. Espavorida, Morena se encolheu contra a parede. Mas o grupo seguia sem se deter, repentinamente mudo, acompanhando a figura esgalgada e impávida do Reverendo, cabeça alta, a bengala ritmando a marcha, as abas do fraque a bater-lhe nas pernas, a Bíblia apertada contra o peito empinado.

— Adiante! — ordenou Tobias. — Adiante, em nome do Senhor!

E assim galgaram a inclinação da rua, para sair no Largo pontilhado de palmeiras. De um lado, a ermida apontando para o céu claro as ogivas da fachada branca. Em frente, desatando-se a perder de vista, o mar sereno, salpicado de velas.

Defronte da igreja, Tobias, parou acomodando-se na nesga de sombra que uma palmeira estendia sôbre a calçada. E abrindo o livro de hinos, anunciou aos irmãos:

— Hino 427, *Confiança em Cristo.*

Assim que as vozes se ergueram, conduzidas pelo timbre potente da garganta do pastor, abriram-se as janelas das casas vizinhas, ao mesmo tempo que, de vários pontos da praça, afluiram curiosos.

Foi nesse instante que Morena, o rosto em brasa, as orelhas em fogo, os olhos no chão, sentiu vontade de fugir. Era em vão que arqueava os ombros, as pálpebras caídas, tentando acalmar-se. Nunca experimentara tanta vergonha. Tinha a impressão de estar despida na praça. E o suor a lhe descer pelos cantos do rosto. Parecia-lhe que os olhares dos circunstantes se fixavam unicamente na sua pessoa. De vez em quando ouvia perto um risinho de zombaria, acompanhado de uma frase pilhérica. E de súbito, da morada inteira do lado da igreja, o ritmo buliçoso de uma velha polca.

A provocação inflamou Tobias, que elevou ainda mais a voz robusta, desafiando, em nome de Deus, as fôrças do Mal.

E o canto se fêz mais forte, atraindo outros curiosos, numa atmosfera divertida.

— Minha Nossa Senhora, que horror! — exclamava Morena, de si para si, a espiar o Largo pelo canto dos olhos, tomada agora de um mêdo pânico.

Duas de suas antigas colegas no Santa Tereza — a Gilda e a Carmen — moravam ali na praça. Com certeza — pensou — já tinham dado por ela, convertida em protestante de rua, com seu livro de hinos e a sua Bíblia! Ah, meu Deus! E não haver um lugar onde se escondesse! Nunca mais a mãe a teria a seu lado, no ridículo de semelhante papel, ainda que a esbordoasse ou que nunca mais lhe falasse!

Ao trote da parelha fatigada, o bondinho de burro chegava ao fim da linha, perto da igreja, exatamente no instante em que o Reverendo abria a Bíblia para o começo do sermão. De seu lugar, Morena mediu a distância que a separava do bonde e, num impulso, assim que o viu preparado para descer a ladeira, correu para êle, a tempo de alcançá-lo ainda parado. E cerrou os olhos, concentrada em si mesma, não querendo ver o que se passava à sua volta, até que sentiu o carro ranger alto, na curva do Largo do Quartel.

Mariana, de volta da rua, seguida de perto pela Abigail, subiu a escada do sobrado, martelando nos degraus de madeira o tacão das botinas. E na varanda, ao dar com a filha na cadeira de balanço, à sua espera, muito senhora de si:

— Você ficou maluca? Que houve com você?

E Morena, sem se perturbar:

— Fiquei doente, mamãe. Senti umas cólicas horríveis. Êste mês vieram mais cedo. Mais forte que das outras vêzes. Como uma torneira. E eu tive mêdo de passar por uma vergonha.

Mariana demorou no rosto da filha os duros olhos desconfiados, sem nada lhe dizer. A respiração ofegante, empinando-lhe o busto, parecia marcar o ritmo nervoso de sua cólera. Afinal, desviou o olhar. E antes de entrar na alcova:

— Queira Deus que não estejas mentindo.

E durante alguns dias, por intermédio da inspeção da Biá ao cêsto de roupas sujas, apertou a severidade de sua vigilância desconfiada. Ela própria, à hora em que Morena descera para o banho, ao meio da tarde, se prestou ao exame das peças íntimas da filha, em busca de nódoas de sangue.

— Mentira, pura mentira! — concluiu.

Depois, mordendo iradamente o canto direito do lábio inferior, enquanto esperava que a filha subisse, correu à sala, inspecionou-lhe os papéis na secretária e deu com a carta que Morena havia escrito à irmã naquela tarde, já no envelope fechado, dentro de um livro. Numa suspeita, rasgou a ponta da sobrecarta, enfiou o indicador resoluto no rasgão. E de respiração suspensa, correu os olhos nas três páginas de letra miúda, que lembrava a caligrafia do pai, com o mesmo *a* incompleto, o mesmo *n* em forma de *u*, e igual desleixo no corte do *t*. E logo no segundo parágrafo, teve de apertar nas mãos convulsas as duas fôlhas de papel, tentando dominar o tremor que a sacudia: "Ah, Cristina, não imaginas a vergonha que passei no domingo, quando mamãe me levou a um culto no Largo dos Remédios. Nunca me senti tão ridícula. O Tobias, com seu fraque de carnaval, parecia um doido de rua, esgoelando um hino a Cristo, na companhia de outros malucos, entre os quais — eu! Comecei a sentir um calor no rosto, como se estivesse diante de uma fogueira, e pedi a Deus que me metesse num buraco, antes que algum conhecido me visse em semelhante patacoada. À falta dêsse buraco providencial, resolvi correr e tomar o bonde. Para maluco — maluco e meio. Cheguei em casa, disposta a arrostar a cólera da mamãe. Ainda bem que inventei uma boa desculpa, que me salvou. E só eu sei, mana, o que me têm custado êstes sucessivos fingimentos. Agora, vou aos cultos de quartas-feiras e domingos, e até já freqüento a Escola Dominical. À noite, ofereço-me para ler a Bíblia. E canto os hinos protestantes, como se fizesse parte do côro. Com isto, obtive que mamãe me tratasse melhor. Quando chegares, temos muito que conversar. Mas fica tranqüila: continuo a rezar o meu têrço tôdas as noites e sempre que saio (tenho agora um pouco mais de liberdade, porque para mamãe desapareceu "o perigo" com a morte do papai), dou um pulo à igreja, às vêzes na de São João, outras vêzes na do Carmo. Felizmente, daqui a dois anos, com o favor de Deus, acabarei com esta representação."

A indignação de Mariana tinha-lhe acentuado a palidez violácea, narinas dilatadas, o peito a subir e descer, o nariz mais pontudo, os olhos mais faiscantes, como se uma chama doida brilhasse diante dêles. Num relance, associou em seu espírito a fuga de Morena ao gesto de Cristina lacerando o peito do pé para não ir ao culto, ambas irredutíveis à salvação da própria alma. A mais nova, no seu desespêro, inspirada pelo Demônio, ainda tivera um rasgo de grandeza — reconhecia.

Mas a outra, a que se parecia com o pai, era digna desta semelhança!

Com a carta na ponta dos dedos, volveu à varanda. E assim que Morena, ainda enxugando os cabelos, saiu do corredor:

— Você não estava doente, quando voltou para casa no domingo. Você continua mentirosa. Mentirosa e cínica. Cínica como seu pai. Mandei ver a sua roupa. E tive a prova de sua mentira. Agora, nesta sua carta à Cristina, tenho a prova de seu fingimento e de sua hipocrisia.

Apanhada de surprêsa, Morena se refez num relance. E erguendo o olhar para a mãe, as mãos fechadas sôbre os braços como a querer cravar as unhas na própria carne:

— Não sou cínica, nem meu pai era cínico. Menti, sim senhora, mas pensando em lhe ser agradável. Só por isso. Mas a verdade é essa que está na carta.

Mariana sentiu que o marido se achava agora à sua frente, com os olhos em brasa, as sobrancelhas travadas, as mãos frementes torturando os braços, e o tremor de cólera da voz impetuosa.

E ameaçou-a:

— Eu não sei onde estou que não te bato!

Morena veio mais para a frente:

— Não! Desta vez, a senhora não me bate. Não sou mais uma menina. Sou uma môça. Uma môça! — repetiu, com os dentes quase cerrados, as pálpebras entrefechadas. — E sou sua filha. Por que é que a senhora não me quer como as outras mães querem as suas filhas? É porque me pareço com meu pai, a quem a senhora odiava? É por isso? Mas que culpa tenho eu de ter sido gerada com êste rosto, êstes olhos, esta pele, êstes cabelos, êste feitio? Não fui eu que os escolhi. A senhora me despreza, como se eu não fôsse sua filha!

A Biá viera do fundo do sobrado, atônita, o espanto a faiscar nas pupilas crescidas, e postara-se à entrada da varanda.

— Cala-te! — gritou Mariana.

E Morena, no mesmo tom irado:

— Não, não me calo. A senhora quer só a verdade? Pois é a verdade que estou lhe dizendo agora. A senhora não admite que ninguém tenha vontade. Só a sua é que tem de prevalecer. Do contrário, a senhora retribui a desobediência com o ódio. A senhora odiou meu pai, porque êle não se submeteu aos seus caprichos. E odeia Cristina, a ponto de nem sequer abrir as cartas que ela lhe tem escrito, por quê? Porque Cristina foi

para um Convento, contra a sua vontade. O seu ódio vai se voltar agora contra mim. E por quê? Porque eu não pude agüentar o ridículo daquele culto no meio da rua. Essa carta que a senhora tem nas mãos é o meu grito de desespêro. Vivo isolada aqui em casa, sem ter a quem dizer a verdade. Pois a verdade é essa. Agora, faça de mim o que quiser. Quer me pôr na rua, ponha! Quer deixar de falar comigo? Deixe!

Mariana, lívida, ergueu os punhos, num grito:

— Cala-te! Cala-te!

— Agora, sim, posso me calar, porque já lhe disse a verdade — replicou Morena, ofegante, deixando as mãos caírem ao comprido do corpo.

Houve um silêncio, cortado pela sonoridade do relógio:

E Mariana, vencida, atirando a carta amarfanhada sôbre a mesa:

— Põe mais uma linha nessa carta, para dizer à tua irmã que não venha passar as férias. Deus sabe que eu fiz tudo para salvar vocês. Agora, não insisto mais.

Voltou as costas à filha, caminho da alcova. Antes de sair da varanda, parou um momento, como se lhe quisesse dar uma última palavra, mas logo retomou o passo, sentindo que não podia falar. De manso, encostou a porta. E logo, com energia, deu a volta à chave.

XLV

Já refeita da angústia do sonho, que a levara a dar por si olhando a rua êrma no crepúsculo da madrugada, Morena voltou ao quarto, ainda com a imagem do pai na memória. Tinha ouvido o tropel de seu cavalo e as detonações de seu revólver com tal nitidez que, num impulso, sem haver recuperado de todo a consciência, correra até a janela.

Que horas seriam? Dali da cama, no quarto fechado, ouvia o relógio da varanda no seu ritmo nervoso de trem que ao longe sobe a serra; depois, na amplidão do silêncio noturno, o canto de um galo.

Deixou-se ficar estirada, mãos estendidas ao comprido do corpo, olhos semicerrados. Pelo contôrno dos objetos à sua volta, calculou que a manhã não tardaria a romper. Novamente a luz do Sol dentro de casa. Depois, os óculos de Biá reluzindo na claridade. Os pregões da rua. O piano de Sinhàzinha Dourado. E a mãe esquiva e muda, sombra ríspida que a filha via apenas de relance, no casarão hostil. Até quando seria assim? Um ano? Dois? O resto da vida? Achara melhor nada dizer à irmã sôbre o incidente com a mãe. Para que afligir Cristina, no sossêgo de seus retiros? Agora, depois da última carta do Aluísio, com a notícia de que não viria passar as férias em São Luís, e que provàvelmente só tornaria ao Maranhão com o seu diploma de médico, começava a admitir a última hipótese. E se isso acontecesse, como suportaria o ambiente de constrangimento que a cercava? Já havia pensado sair dali. Mas para onde, se não tinha outra casa? Até a Biá, habitualmente bisbilhoteira, mostrava-se-lhe arredia, quase sem lhe falar, desde que Mariana, no dia seguinte ao da discussão com a filha, deixara de aparecer à mesa das refeições, fechada nos seus aposentos.

— Mamãe não vem almoçar? — tinha indagado Morena, ao ver o seu prato solitário no linho da toalha.

E a Biá, depois de espichar o lábio inferior, misteriosa:

— Ela agora só come na sala.

Nunca mais Morena viu a mãe senão de longe. E sem aviso, de um dia para outro, as professôras tinham deixado de vir, ao mesmo tempo que, em outros cantos da casa imensa e calada, novos versículos da Bíblia, encaixilhados em finas molduras doiradas, chamavam a atenção para o pecado e a morte. No alto da escada, o Demônio carregava a alma de um pecador para o Inferno, ilustrando estas palavras do livro dos *Salmos*: "É péssima a morte do pecador." E adiante, perto da pia da varanda, um moribundo cerrava os olhos, ilustrando esta sentença do *Eclesiastes*: "Melhor é ir à casa onde há luto do que ir à casa onde se dá banquete, porque naquela se é advertido do fim de todos os homens, e o que está vivo considera no que um dia lhe há de acontecer."

A nova carta do Aluísio, recebida por êsses dias, tinha deixado Morena atordoada, com a sensação opressiva de que tudo conspirava contra seu ser. E pela primeira vez depois da briga com a mãe, correu à igreja mais próxima, na ânsia de encontrar lenitivo para o seu desespêro. A igreja de São João, fechada durante a tarde, levou-a a buscar a igreja da Conceição, na Rua Grande, e ali ficou mais de hora, de joelhos na laje ao pé do altar de Santa Rita, até que se sentiu menos deprimida, e voltou para casa.

No princípio do mês, reluzindo o paletó de alpaca, guarda-chuva pendurado no braço esquerdo, o chapéu prêto na

outra mão, o velho Lemos vinha trazer-lhe a mesada, mais solícito e paternal:

— Se precisar de mais alguma coisa, sabe onde estou — oferecia-se, numa reverência simpática que lhe destacava a calva e as orelhas de abano.

E a verdade é que, de começo constrangida e revoltada, Morena acabou por se habituar à nova vida. O mais de seu tempo empregava-o nas leituras. Tinha ainda a janela, que lhe dava a distração da rua. Aos domingos, assim que a mãe saía para o culto, apanhava o seu véu e o missal e ia à missa das dez, variando de igreja ao sabor de sua vontade. Quando a noite fechava, vinha-lhe uma sensação viva de tédio, em face das longas horas de mutismo e reclusão. Debruçava-se à janela, olhava passar os transeuntes, dava uma volta pelo sobrado, baloiçava-se na rêde, e afinal se deitava na cama, ouvindo o sino grande da Sé bater as horas. De longe em longe, o vento lhe trazia o rumor de uma festa no Cassino Maranhense, e ela, apenas de cabeça, se punha a dançar com o vestido de baile de seus dezoito anos.

Um belo dia, vendo a primeira luz da manhã insinuar-se pelas vidraças da sala, pôs-se a imaginar, aborrecida, o nôvo domingo vazio que a aguardava. De repente, animando-se, alteou a cabeça no travesseiro, perguntando a si mesma: por que não ia à missa na Capela do Santa Teresa? Era uma boa idéia, reconheceu.

Ah, a alegria do Padre Galvão, ao dar com ela num dos bancos da frente, no momento da comunhão! E o alvorôço das freiras e das colegas, reunidas em seu redor, quando a missa acabou!

Depois de longa conversa com o padre, na sala da Superiora, viu o velho limpar as lentes dos óculos no lenço machucado, como abismado em si mesmo.

— Deus escreve direito por linhas tortas, minha filha — reconheceu êle, repondo as lentes, numa voz descansada. — Já que tua mãe abriu mão de ti, vem acabar teu curso aqui no Colégio. Só te falta um ano para saíres professôra. Era uma pena que não fôsses ao fim. E é para a frente que se anda.

O rosto engelhado, a que os olhos doces davam um tom maior de ternura, abriu-se para o sorriso confiante:

— Depois de formada, verás que Deus tem para ti uma bela missão. E por intermédio dêste padre velho, minha filha. Exatamente por intermédio do Padre Galvão.

Veio o Ano Nôvo, com as suas festas e pastorinhas, e passou tão depressa que Morena, ao findar dezembro, se espantava de já ter em mãos, como por milagre, o seu diploma de professôra.

Durante todo êsse tempo, só havia recebido duas cartas do Aluísio: uma, comunicando-lhe que, atarefado com as matérias do curso, estava impossibilitado de manter em dia a sua correspondência sentimental; outra, com grande atraso, ainda mais sóbria, dando-lhe parabéns pelo aniversário, sem uma palavra de saudade ou de ternura.

Morena sopitou caladamente a magoa, no impulso da revolta coibida. Depois do que houvera entre ambos, lá embaixo, na noite em que se despediram, reconhecia que não podia pertencer a mais ninguém. E era assim, com palavras mitigadas, que êle correspondia ao seu amor e à sua confiança? A nenhuma das cartas deu resposta, embora, assim que as recebeu, houvesse permanecido largo tempo com a caneta na mão, a olhar iradamente o papel. No entanto, em dezembro, depois de procurar em vão pelo nome do namorado nas listas de passageiros chegados do Sul, perdeu ainda longas tardes à janela, com a esperança de que êle, de um momento para outro, apontasse à esquina, todo de branco, chapéu de palha e bengala. Porém os dias passavam, sem que a sua esperança se realizasse. E afinal deixou de esperá-lo, ao ter certeza — dada pelo Padre Galvão — de que o rapaz não viera passar as férias em casa dos pais.

— Foi melhor assim — concordou, dolorosamente desapontada.

E começou, pouco depois, a consolar-se com a missão que o Padre Galvão lhe destinara: a meninada do Orfanato, de que se fêz professôra.

Mais um ano passou. Havia agora um cinema na Rua Grande, e já se falava da inauguração de outro no Largo do Carmo. As antigas carruagens cediam lugar aos automóveis, que substituíam o tinido das ferraduras pelo rolar macio das rodas de borracha nas pedras do calçamento. O velho Palácio das Lágrimas era agora a Escola Modêlo, na esquina da Rua da Paz com a Rua de São João. Falava-se em trocar, dentro de pouco tempo, no interior das casas, os bicos de gás e os lampiões de querosene pelas lâmpadas elétricas. E havia uma forte campanha contra os bondes de burro e as carroças barulhentas. Mas a verdade é que São Luís, não obstante as alterações que

ia sofrendo, conservava o ar senhorial de outrora, com seus imponentes sobradões de azulejos, as suas ruas de ar lisboeta, os seus mirantes risonhos dominando o horizonte.

Sinhàzinha Dourado ainda chorava a saudade do Major nos compassos da velha valsa. E o eterno Lomba, de cravo vermelho à lapela e bengalinha, chapéu de côco, sobraçando a pasta de couro das cobranças, dava as mesmas barretadas efusivas para os dois lados da rua, todo de branco, quer fôsse inverno ou verão.

À sombra das gordas árvores do Largo do Carmo, a mesma vida serena: as rodas de amigos e conhecidos se formavam e dissolviam, não raro entrando pela noite, a comentar as novidades locais, os telegramas do Sul e a vida alheia. A polícia estadual andava agitada, com boatos de revolução, deposição do Governador, ameaças de intervenção; porém os grupos de ociosos do Largo do Carmo, não se alteravam, plácidos, efusivos e joviais, como se tudo andasse no melhor dos mundos.

No sobradinho da Rua do Sol, já agora sem necessitar do lenço que lhe compunha a cabeça, Mariana continuava esquiva e em silêncio, os cabelos brancos suavizando a sua fisionomia torturada. Às quartas-feiras e domingos, se a Abigail não podia buscá-la para o culto, fazia-se acompanhar pela Biá, mais gorda e míope. Quando acontecia encontrar-se com a filha, desviava o olhar, a cabeça mais erguida, e passava depressa, quase sem ressoar nas tábuas do chão o tacão das botinas. De mês em mês, cerimonioso e recolhido, o velho Lemos vinha vê-la, prestava conta dos negócios, e logo partia, reluzindo no bico de gás a calva e o paletó de lustrina.

A velha "Pacotilha", de harmonia com os telegramas do Rio e do exterior, que punham a cidade em dia com o resto do mundo, ainda publicava o seu folhetim romântico, a um canto da segunda página, perto do espaço destinado ao sonêto de um poeta maranhense.

E foi ela, a velha fôlha de Vitor Lobato, que, em meado de dezembro, em duas linhas, pôs diante dos olhos de Morena, por cima do folhetim que esta ia ler, a notícia de que o Aluísio, contratado por um hospital americano, ia de muda para a Califórnia.

Morena sentiu que o sangue lhe fugia e, muito pálida, releu as breves linhas, uma, duas vêzes, até que a vista lhe fugiu. Que horror, meu Deus! Sempre que as férias se aproximavam, renascia-lhe a esperança de ver o antigo namorado em

São Luís. Quem sabe se, ao dar com ela, num encontro de rua, não reatariam o namôro que a distância interrompera? Agora, tudo acabado. Dobrou o jornal, colocou-o no suporte de metal da parede, saiu da varanda para o quarto, atordoada. E apertou a concha das mãos contra as orelhas, ao ouvir, assim que fechou a porta, os compassos da valsa no piano de Sinhàzinha Dourado.

— Dá-me paciência, meu Deus! — exclamou, num impulso de desespêro. — Dá-me paciência para suportar esta vida!

Na tarde seguinte, de volta a casa, depois de passar horas sucessivas compondo o presépio do Orfanato, tinham-lhe voltado a resignação e a calma, embora lhe restassem, no semblante consumido, as olheiras pisadas da longa noite quase tôda em claro.

A animação do Natal, com o ensaio das pastorinhas e o movimento das ruas, martirizou-a nos primeiros dias, porém, logo depois, começou a atuar de modo benéfico no seu espírito, e ela encontrou afinal, nas lojas de brinquedos, uma nova ocupação para a sua bondade: os presentes de festa para as crianças do Padre Galvão.

No regresso do Orfanato, descia a Rua Grande ou a Rua Formosa, entrava nas lojas, escolhia as bonecas e os soldadinhos de chumbo, e nessa escolha reencontrava de repente a infância perdida.

— Mas que é isso, Morena?

Ela se voltou, reconhecendo a voz da antiga colega:

— Gladis!

Ficaram a olhar-se, com ar de riso:

— Menina, como estás elegante! — exclamou Morena.

E a outra, com estranheza:

— Estiveste doente? Não me digas que também vais ser freira. E êsse sapato baixo? E êsse cabelo penteado para trás? Palavra de honra: quem te vê, pensa logo que estás com o pé na porta do Convento.

Riram alto.

E a Gladis, alta e magra, tomando as mãos de Morena:

— E o Aluísio, hem? Vi a notícia da viagem dêle na "Pacotilha". Felizmente, já não falavas mais nêle. Tinham-me dito que estava quase noivo de uma colega, médica também. E tu, quem é que estás namorando agora?

Morena, disfarçando o choque, mostrou os brinquedos sôbre o balcão:

— Agora — ergueu os ombros, dominando-se — ninguém: só me preocupo com os órfãos do Padre Galvão.

A Gladis prendeu-lhe o rosto com as mãos, buscando-lhe o olhar:

— Ah, não! — protestou, alteando a voz, como se estivessem as duas numa sala, sem outra companhia, e não no andar térreo da imensa loja do Emílio Lisboa, cheia de fregueses àquela hora da tarde. — Isso não pode ficar assim. Não tens direito de te enterrares no Orfanato, como um caco velho.

E efusiva:

— Por que não vens comigo à festa do Cassino? Papai nos leva. Tens de reagir, Morena! A Maricota Novais me disse que o mais bonito vestido de baile que ela fêz até hoje foi o teu e que ainda não saíste com êle. Tens de estreá-lo agora. E eu vou te buscar com papai!

Morena sacudiu a cabeça para dizer que não.

— Tu conheces a minha situação com mamãe — adiantou.

— Ela não precisa saber de nada. O baile começa às dez. Às onze, quando eu fôr te buscar, já ela estará dormindo. Eu estarei lá embaixo, à tua espera, no automóvel de papai. Por favor, não me digas que não. Está decidido: irás conosco.

Depois que a outra se foi, ruidosa e alta, Morena sentiu que o convite da festa, de início repelido, persistia no seu espírito como um teimoso aceno. Se a mãe nunca mais lhe falara, apartada a um canto da casa, desinteressada de tudo que não se relacionasse ao protestantismo, que mal havia em comparecer à festa do Cassino, agora que se desiludira definitivamente do regresso do Aluísio? Em todo o caso, para não acrescer as desarmonias com a mãe, dando-lhe pretexto a um nôvo mau juízo de sua pessoa, sairia do sobrado na ponta dos pés, com a casa às escuras, pelo lado da Rua da Cruz.

— Ao menos assim eu me distraio — decidiu-se.

E tratou de comprar, ali mesmo, o sapato doirado e as luvas compridas que lhe faltavam, embora ainda tivesse de esperar quase duas semanas pela noite do baile.

Na manhã seguinte, entretanto, para alívio de consciência, correu a aconselhar-se com o Padre Galvão, no Orfanato.

— Não te digo que vás ou que não vás — replicou o velho,

medindo as palavras. — Se fores, tens minha aprovação; se não fores, também tens. Eu te conheço, Morena: o que fizeres estará bem feito.

E ao ver que a deixava indecisa:

— Estás com vontade de ir, não é?

Ela confirmou:

— Nunca fui a um baile, Padre Galvão — acrescentou.

— Pois então vai agora, minha filha. Sou eu que estou mandando.

E como o Natal custou a chegar! Afinal chegou e passou, com o seu repique de sinos para a Missa do Galo e o alvorôço das crianças do Orfanato.

De repente, as horas se precipitaram. Aos dias lerdos, que pareciam nunca mais terminar, sucederam-se os dias rápidos, que amanheciam depressa e depressa anoiteciam, sempre com a velha Pacotilha a dar notícias da cidade e do mundo, enquanto Sinhàzinha Dourado continuava a soluçar na velha valsa as saudades do Major.

E uma tarde, depois de tentar em vão dormir a sua sesta, Morena começou a esperar alvoroçadamente a grande noite, fechada nos seus aposentos. Antes que a luz do Sol esmorecesse, volveu a experimentar o vestido diante do espelho, e mais uma vez concluiu que não ia fazer má figura.

— Como papai ficaria contente de me ver agora!

Ah, nunca mais, ainda que muito vivesse, Morena se esqueceria do alvorôço da tarde colorida, que uma luz diferente parecia banhar de tons desconhecidos. Logo após o jantar, fechou-se no quarto, para afinal se vestir sem pressa, devagarinho, como a noiva feliz no dia de seus esponsais, um brilho mais vivo nos olhos crescidos. Ah, se o Aluísio a visse, naquele vestido côr-de-rosa, os cabelos apanhados para o alto, cintura estreita, quase na ponta dos pés, as luvas compridas subindo além do cotovêlo, a ponta doirada dos sapatos aflorando por baixo do tufo de renda, os braços a emergirem das mangas fôfas, e um tom leve de pintura no rosto afogueado, muito senhora de si!

Antes das nove horas estava pronta. Deu os últimos retoques ao cabelo, prendeu os botões da luva, mergulhou a mão direita na alça da carteirinha de prata. Depois de uma volta diante do espelho, apagou a luz da sala, deixou que só a luz

da rua, coada pela vidraça das janelas fechadas, destacasse a sua figura esguia na penumbra circundante. Não quis sentar, para não amarfanhar o vestido. E por trás de uma das vidraças, de modo que pudesse ver sem ser vista, ficou a olhar a rua, que se alongava em silêncio por entre casas fechadas.

Daí a pouco, ouviu a Biá descer a escada, sacudindo o molho das chaves com que fechava o sobrado. Passados alguns minutos, os degraus de madeira tornaram a gemer, ao pêso do corpanzil da criada. Após um silêncio, entraram a ranger os ferrolhos das janelas, em tôda a volta da varanda, até que só se ouviu, no sossêgo da casa, a vigília do relógio.

Por cima do casario adormecido, arqueava-se o céu estrelado. Nas calçadas estreitas, espaçavam-se os transeuntes. De vez em quando, o rolar de um automóvel ou o tropel de um cavalo. Longe, os uivos de um cão.

Por volta das dez horas, Morena achou melhor descer. De manso, abriu a porta da varanda, que logo encostou. Tudo escuro. E na escuridão o sibilo do vento, acompanhando o tique-taque do relógio. Esperou um momento para acomodar as pupilas à treva espêssa. Como havia trazido uma vela e uma caixa de fósforos para clarear o caminho no descer da escada, pensou acender o pavio ali mesmo. Experimentou avançar um passo, tateando a escuridão, sem apelar para êsse recurso extremo, e parou. Era melhor acender a vela — concluiu. Mas só a chama do fósforo lhe bastou para atravessar na ponta dos pés a varanda, o corredor e a cozinha. No alto da escada, acendeu afinal a vela, que protegeu do vento com o corpo, e veio descendo devagar, respiração suspensa, a mão esquerda prendendo a barra do vestido.

No derradeiro degrau, ergue a vela clareando o caminho até à porta, por baixo das arcadas do pátio, o coração a bater mais forte, o olhar estendido para o fundo do porão. Lá adiante, voltados para a parede, ainda se acham os retratos antigos, que vieram do sobrado do Destêrro. Rápida, Morena contorna os arcos, sempre na ponta dos pés, protegendo a chama com a concha da mão, e nisto sente, sobressaltada, um tímido rumor de passos por cima de sua cabeça. A mãe teria levantado? Num sôpro, apaga a vela. E permanece quieta, à escuta. O vento sacode os ramos da mangueira, fustigando uma vidraça da varanda. Novamente silêncio. Para orientar-se, risca um fósforo, que logo apaga, acercando-se da porta. Tateia a fôlha, buscando-lhe o ferrôlho, e uma nesga de claridade, esgueirada pela fresta entreaberta, risca na escuridão uma faixa avermelhada,

que se dilui em penumbra na parede fronteira. Outra vez o rumor de passos, exatamente no espaço da alcova. Agora, Morena não tem mais dúvida: é a mãe que está de pé. O mêdo lhe esfria as mãos, e ela encolhe os ombros, como num arrepio, o rosto contraído. E a Gladis que não chega!

Permanece nessa expectativa ansiosa por largo tempo, uma sensação de secura nos lábios, uma contração nervosa à altura dos rins. A Gladis já devia ter chegado! Por que tardava tanto? No silêncio circundante, o ruído dos ratos. E sempre o vento a sacudir o galho da mangueira contra o vidro da janela. Passos espaçados no cimento da calçada. De repente, o rumor de um automóvel, que parece diminuir a marcha, como se fôsse parar; mas logo o carro desce a Rua do Sol, caminho do Largo do Carmo. E Morena, desapontada, segura ainda a fôlha da porta, aborrecida com a demora de Gladis. Com certeza, já passam das onze horas! Daqui a pouco, estoirarão os foguetes, marcando o início do Ano Nôvo. E ela, de pé, ali no porão escuro, sòzinha, aflita, à espera. Novamente um carro se aproxima. E ela dá por si, daí a momentos, ao lado da amiga, que fecha a porta do automóvel, ao mesmo tempo que êste se movimenta, para cortar a Rua do Sol e subir a Rua Grande, enquanto uma nova noite desconhecida envolve a cidade.

Para Morena, tudo agora parece irreal: o vento que lhe bate no rosto, a animação à sua volta, o fulgor das lâmpadas elétricas. Depois, o mundo mágico se torna ainda mais belo. Ah, a profusão de luzes à entrada do Cassino. O povo abrindo alas até à porta alta da Rua do Teatro, num sussurro de vozes e aplausos. A escada imponente, adornada de lâmpadas chinesas e balões, vem ao seu encontro, com o largo tapête vermelho que lhe afofa os passos. E lá no alto, de harmonia com o colorido dos vestidos de baile e o rigor das casacas, a cascata das luzes dos grandes lustres dos salões, multiplicada pela imensidão dos espelhos. Os pares giram nos compassos da valsa lenta. E Morena vai rodopiando também. Como o pai ficaria orgulhoso de vê-la refletida no grande espelho que lhe segue os movimentos! Seu corpo se move ágil, como suspenso no ar. Seus pés pequeninos, a que os sapatos doirados dão uma nova graça, saem da barra do vestido, nos rodopios da dança. Por que parar, se a orquestra não parou? E que lhe importa o par, se o seu alumbramento é o próprio baile, na inefável magia do cenário e da música? Por sua vontade, a orquestra não pararia nunca, e ela continuaria pelo tempo adiante, sempre a rodopiar no salão, sem pausa, sem descanso, assim leve e

lépida, reconciliada com a vida, indiferente ao silêncio da mãe e à ingratidão do namorado.

E pela madrugada, quando o baile acaba e ela tem de sair, seus passos se retardam, como intimidados pelo mundo que a aguarda ao fim da passadeira. Vem devagar, inebriada de luzes e melodias, e põe o pé no primeiro degrau, a cabeça voltada levemente para o lado, os olhos em busca do espelho imenso que a viu dançar. Desce outro degrau, com a mesma lentidão. E de súbito o pé resvala, o corpo se desequilibra, é em vão que Morena estende os braços à procura do apoio do corrimão, e rola até quase o meio da escada. Levanta-se com dificuldade, soerguida por mãos solícitas. Por uns momentos, atordoada, pergunta a si mesma como foi que caiu. E sorri com esfôrço, recolhendo a bolsinha de prata.

— Não foi nada — ouve dizer em seu redor.

E experimenta as pernas. Não, não houve fratura, só uma dor forte, à altura do joelho, que ela esconde forçando o passo, apoiada agora no corrimão.

— Nada te dói? — pergunta a Gladis, inquieta.

— Nada. Graças a Deus. Maior foi o susto que a queda.

O ferimento lateja por baixo do vestido, e ela sorri. Uma coisa à toa. No carro, fecha os olhos, em busca da noite mágica. Tantas luzes. Tantas côres. Nunca mais esquecerá aquela noite. E tudo passa depressa, numa instantaneidade de vertigem. A ferida começa a doer, umedecendo a sêda da combinação. Assim que Morena volta a firmar a perna, na calçada da Rua da Cruz a porta abre e fecha, e ela se vê no escuro, a buscar na bôlsa a caixa de fósforo, enquanto tenta lembrar-se onde terá deixado a vela. Logo que acende o pavio, ergue a barra do vestido e clareia o joelho. O sangue pisado envolve o ferimento. Não há de ser nada, amanhã estará boa. E deixando cair a saia, Morena acerca-se da escada. Ao subir o primeiro degrau, tem a sensação de que um estilete lhe perfura a carne, por baixo da rótula machucada. Domina-se, resguardando na concha da mão a chama que o vento fustiga, e vai subindo lentamente, lentamente, até alcançar o tôpo da escada. Na casa quieta, só o relógio continua acordado. E Morena, reprimindo a dor miúda que lhe retarda os movimentos da perna esquerda, caminha mais depressa, sempre na ponta dos pés. Ao sair da varanda, estende o olhar para o relógio, na parede fronteira, para ver de

relance as horas, e dá com a mãe sentada na cadeira de balanço, a um passo da porta da alcova, certamente à sua espera.

— Ah! — exclama, tomada de surprêsa.

É tão grande o seu espanto que levanta a vela, para dar mais luz à varanda. É a mãe, sim, o cotovêlo no braço da cadeira, a mão direita segurando o queixo, a camisola branca, os olhos abertos e parados. E Morena, num impulso, apaga a chama, ao mesmo tempo que se precipita para o quarto, batendo a porta com estrondo.

XLVI

Embora fôsse dia alto quando acordou, Morena se deixou ficar deitada, os olhos abertos para a refulgência da luz, o espírito a oscilar entre as lembranças da festa e a surprêsa do encontro com a mãe. Afinal, deu de ombros, estendeu os pés para o chão em busca das chinelas. Ao firmar o corpo, sentiu que a dor do ferimento volvia, como se um bando de alfinêtes lhe perfurasse a carne por baixo do joelho.

— Amanhã está melhor — consolou-se, olhando a mancha avermelhada na claridade da sala.

Com dificuldade, andou entre a sala e o quarto, preparando-se para sair à varanda. Que diria, se a mãe a interpelasse? E adivinhou-a na cadeira de balanço, hirta, a Bíblia no regaço.

— A verdade, ora essa! Não sou mais uma criança, tenho vinte e um anos, posso tomar conta de minha vida!

Na varanda deserta, depois de procurar em vão pela mãe com o olhar resoluto, alarmou-se com as horas. Santo Deus, quase meio-dia! Nunca lhe acontecera acordar tão tarde. Na mesa, em vez do bule e da xícara, o prato e o talher do almôço, com a floreira vazia ao centro da toalha.

Alongando o olhar na direção da cozinha, viu de relance a Biá. Pelas janelas da Rua da Cruz, subia o pregão do garrafeiro. A alcova fechada, sem rumor de passos. No vão de parede por baixo do relógio, a nova folhinha evangélica, com o calendário bojudo a exibir a data e o versículo para a meditação diária: "Mais vale o dia da morte que o dia do nascimento. *Eclesiastes,* capítulo 7 — versículo 1."

Sempre andando com dificuldade, por vêzes amparando-se na parede ou no recôsto de uma cadeira, chegou ao fim da

varanda, olhou por um momento a rua inundada de sol. Não tardou a dar as costas à janela, sentando-se na cadeira de balanço. Por cima do vestido, volveu a tatear o joelho machucado. E novamente o pensamento da morte veio ao seu encontro, no versículo pendente da parede, entre as duas portas da alcova: "O homem nascido de mulher vive pouco tempo e é cheio de misérias. *Jó*, capítulo 14 — versículo 1."

A morte, sempre a morte. E por quê? Acaso a vida, com as maravilhas criadas por Deus, não tinha valor? Se tinha, qual o sentido da lembrança da morte, a cada momento? E Morena, deixando cair os braços, descansa a cabeça no espaldar da cadeira, enquanto volve a se ver dançando, restituída ao mundo mágico que jamais esqueceria. Agora compreendia o pai, na sua fuga do sobrado. Como viver naquela atmosfera hostil, sem direito ao mundo que lá fora o chamava? Ali dentro, a espôsa esquiva, fechada no seu silêncio, ou então exaltada, explodindo em gritos o seu rancor. E lá fora a rua, o cavalo encilhado, os amigos do Largo do Carmo, e a noite boêmia, com violões e guitarras. Logo se lembrou das mulheres bonitas que choravam à sua volta, quando lhe fecharam o caixão, e aproximou as sobrancelhas, numa seriedade forçada.

Felizmente a Biá entrava na varanda, ar trombudo, olhos baixos, para lhe servir o almôço.

— Entrou bem o ano, Biá? — perguntou, para puxar conversa.

E a criada, momentos depois:

— Entrei com Jesus — replicou. — A senhora é que entrou com Satanás.

Morena levou a mão à bôca, sacudida pelo frouxo de riso, quase a engasgar-se com o pedaço de pão que ia começando a mastigar.

— Ria, ria — desabafou a criada, arregalando os bugalhos por trás das lentes. — Depois não se arrependa. Quando eu estiver no Céu, junto de Nosso Senhor, gozando a vida eterna, e a senhora estiver no Inferno, perto do Demônio, tôda queimada pelo fogo, quero ver se ainda vai rir como ri agora. No Inferno, D. Morena, há fogo e ranger de dentes.

E ilustrou a ameaça mostrando a dentuça, punhos cerrados, ar feroz, enquanto Morena reprimia o riso, com o guardanapo em cima da bôca.

Pelo fim da tarde, sentindo que a perna lhe pesava, com umas fisgadas repetidas espetando-lhe o joelho, Morena armou a rêde na sala, do lado da janela sôbre a rua, e ali ficou largo tempo, até que a noite desceu, por entre o tatalar das andorinhas no beiral do sobrado. Uma sonolência de quebranto prendeu-a na rêde, tirando-lhe ânimo de levantar-se. Deixou passar a hora do jantar, olhos cerrados. Acordou noite alta, com a sensação de que havia dormido apenas alguns minutos. Pela janela aberta, entrava uma viração úmida e fria, sem ruídos de passos nas lajes da calçada.

Ao cerrar as rótulas, espiou de relance a rua. Meu Deus, tudo fechado! Que horas seriam? Caminhou para o quarto, sentindo a perna mais dolorida, ao mesmo tempo que um arrepio de frio lhe tomava o corpo. "Foi a janela aberta" — pensou.

Na cama, custou a encontrar uma posição para o joelho. A dor repetia as fisgadas, sempre a ferida latejando. Onde estaria a pomada que Cristina pusera no pé? Tateando a mesa de cabeceira, encontrou a caixa de fósforos. A luz do candeeiro abriu um círculo avermelhado no teto. Sentada na cama, Morena revolveu a gaveta a seu lado, não encontrou o que buscava. Depois, manquejando, tornou à sala, esquadrinhou a secretária, e logo volveu ao quarto, crispando os lábios nos momentos em que a dor lhe perfurava a carne.

— Coitada da Cristina, agora é que estou sabendo o que ela sofreu com aquêle talho no pé.

Perto da luz, volveu a examinar o joelho, antes de cobri-lo com a pomada. A mancha vermelha parecia maior, as bordas do ferimento escurecidas. A carne, em redor, de tão sensível, quase não suportava o contacto do linho da camisola.

— Com a pomada, amanhã estou melhor — suspirou, alongando-se na cama, depois de apagar o candeeiro.

Encolheu-se nas dobras do lençol, com uma nova crispação de arrepio, como se o vento úmido continuasse a soprar dentro de casa pelas janelas escancaradas. A lembrança da festa tirou-lhe o sono. Quem seria o senhor gordo, de bigode frisado, que por duas vêzes a tirara para dançar? Pobre da Gladis, como estava mal trajada! Coitada, era o seu corpo magro que não ajudava. Até que o feitio do vestido não era feio. Mas, de que adiantava o trabalho da Maricota Novais, se o manequim não tinha seios nem cadeiras?

— Aquela janela aberta me resfriou — concluiu, atraindo para junto do busto o resto do lençol.

Pela manhã, sentiu o corpo amolentado por uma ponta de febre, a bôca sêca, novos arrepios, os olhos doloridos na intolerância da luz. Fazia algum tempo que não se resfriava. O melhor era ficar deitada, até melhorar. E deixou cair as pálpebras, vencida pelo quebranto.

Quando tornou a si, horas depois, viu a Biá tirando o pó da cômoda com uma flanela, metida consigo, os beiços encolhidos pelo ar zangado que lhe tomava o rosto.

— Hoje eu não vou sair da cama, Biá: amanheci resfriada, com um pouco de febre. Em vez do café, prefiro um chá de limão.

À tarde, como o quebranto persistisse, com a febre mais alta e o joelho a doer, soprou a costa da mão, para sentir o hálito quente, e apalpou a testa, com uma sombra de receio.

— Tenho de ter paciência. Resfriado só passa com repouso. E são três dias, pelo menos. Não adianta me aborrecer.

Três dias depois, no entanto, não estava melhor. Pelo contrário: a febre, de começo oscilante, mantinha-se agora alta, irredutível a chás e comprimidos. E o quebranto era mais forte, tirando-lhe o ânimo para tudo. Até a carta da irmã, recebida na véspera, permanecia ao pé do candeeiro, como abandonada. Ardiam-lhe muito os olhos, sensíveis à menor claridade. Ainda bem que a pesada sonolência lhe mantinha as pálpebras cerradas, os braços moles, o corpo imóvel no colchão. Se não fôsse a dor no joelho, repetida, miúda, irritante, continuaria indefinidamente dormindo e acordando, como se vogasse rio abaixo, trazida pela mansidão da correnteza. Mas a perna incomodava, alfinetando o joelho, latejando sempre, não obstante a pomada escura que envolvia a ferida.

Ao fim da semana, a febre ainda não havia cedido, nem ao menos declinava um pouco pela manhã, a sonolência agravada por uma fina dor nas têmporas, que apertava a cabeça. Mal abria os olhos, vencida pelo desânimo, e quase não tocava na comida que a Biá, invariàvelmente esquiva e trombuda, deixava numa cadeira junto à cama, a horas certas.

— O que a senhora tem é castigo de Deus — observou-lhe a criada, numa dessas ocasiões.

E Morena, irritando-se:

— Não seja estúpida. Vá embora daqui. Deixe-me em paz.

A Biá saiu à varanda, batendo com a porta. E daí em diante, não mais lhe falou. Entrava no quarto, deixava ou

recolhia a bandeja, olhos baixos, lábios encolhidos, e desaparecia pelo vão da porta, gorda, hostil, calada.

Tôdas as vêzes que se levantava da cama, sentia Morena que a inflamação do joelho se havia agravado nos intervalos. Doía-lhe agora quase tôda a perna, sobretudo a coxa. Ao menor movimento, as fisgadas se multiplicavam, obrigando-a a permanecer parada, o pé imóvel, amparada na cama, apertando os dentes, na iminência de gritar. Logo volvia a deitar-se, desatinada de dor, mordendo os lábios, e só depois de alguns minutos o aguilhão cedia, diluindo-se na dormência.

Nos dois últimos dias, tinha pensado chamar o Dr. Luna. Mas, a quem recorrer para isto, senão à Biá, que nem sequer agora lhe falava? Paciência: esperaria chegar o domingo. Até lá, com o favor de Deus e de Nossa Senhora, estaria melhor. Não devia impressionar-se: tivera uma gripe forte, que se complicara com a febre da ferida no joelho. A própria febre era um indício de que o seu organismo reagia. E Morena cerrava os olhos, mais uma vez vencida pela sonolência, enquanto cintilações doiradas dançavam-lhe nas pupilas, por entre visões de pesadelos.

E de repente, ao cair da noite, assim que a Biá entrou no quarto com a bandeja do jantar, ergueu a cabeça, apoiando-se nos cotovelos, ofegante, os olhos escancarados, numa expressão de pavor.

— Que é que a senhora tem? — indagou a outra, num impulso de compaixão, acercando-se da cama.

E Morena, banhada de suor:

— Eu estava sonhando, quando você entrou. Não foi nada. Já passou. Um sonho horrível. E com falta de ar.

— Não foi sonho, não: foi delírio. A senhora tem delirado muito. Eu já disse à D. Mariana que mande chamar o Dr. Luna. Não foi só hoje que entrei aqui e encontrei a senhora dizendo bobagem.

Curvou-se mais sôbre a cama:

— Deixe eu ver a sua perna. Não estou gostando dêste cheiro ruim aqui no quarto.

Ergueu a ponta do lençol, depois de dar mais luz ao candeeiro.

E num relance, esbugalhou os olhos alarmados, retraindo a cabeça, ante a mancha escura, de tonalidades violáceas, que tomava o joelho e se alastrava para a coxa e a perna, umedecida pela pomada.

— O doutor tem de ver a senhora ainda hoje — afirmou. — Vou agora mesmo atrás dêle.

Daí a pouco, Morena ouviu os passos de Biá na escada. Depois, com o bater da cancela de ferro — silêncio. Apurou o ouvido na direção da varanda, lutando contra o torpor que lhe cerrava os olhos, e distinguiu o rangido das botinas da mãe, indo e vindo, indo e vindo. Durante alguns minutos, voltada para a porta entreaberta, aguardou que a figura magra se esgueirasse pela fresta, vindo agora em sua direção, batida pela claridade do candeeiro. Porém a sonolência, pesando-lhe as pálpebras, colocou-a de repente na janela da sala, a que faltava a proteção da sacada de ferro, e o mais estranho é que ela, de pé no vão desguarnecido, sentia que duas mãos pesadas lhe prendiam os braços, impelindo-a a precipitar-se na rua. Nisto percebeu que o carro do Dr. Luna encostava junto à calçada, de modo que iria cair exatamente por cima dos cavalos.

— Ah, minha Nossa Senhora!

Felizmente, antes que a queda se consumasse, conseguiu retrair o corpo para dentro da sala, equilibrando-se na borda de pedra da esquadria, e abriu os olhos para o Dr. Luna, que acendia o cigarro de palha, ar apreensivo, junto à mesa de cabeceira.

— Por que passou tantos dias de cama, sem me chamar? — inquiriu êle, arrastando uma cadeira, as sobrancelhas travadas.

— Não se lembrou mais de mim? Ou brigou comigo?

Suas bochechas gordas, batidas pela claridade do candeeiro, alargaram-se no sorriso forçado, enquanto adiantava a mão direita para a ponta do lençol:

— Já sei que foi ao baile no Cassino... que dançou muito... que estava muito bonita... Que é que não se sabe aqui em São Luís?

E, de súbito, assim que viu o ferimento, fechou o rosto, aproximando mais as sobrancelhas, tateou a carne machucada:

— Dói aqui? Aqui também? E aqui?

Voltou-se para a Biá, plantada aos pés da cama, as mãos por cima do ventre, os olhos vigilantes por trás das lentes alarmadas:

— Uma bacia de água quente e uma toalha — pediu.

E antes que ela, atônita, saísse do quarto:

— Enquanto a água ferve, peça ao Rafael, lá embaixo, que me mande a bôlsa de ferros e a caixa de remédios.

A fumaça do cigarro obrigava-o a cerrar um dos olhos, envolvendo-lhe a fisionomia severa. Morena, em silêncio, a cabeça alteada no travesseiro, sentia-lhe a apreensão:

— Vai me operar, doutor?

E êle, levantando-se:

— Eu ia dar um talho na inflamação para lhe tirar o pus, mas mudei de idéia. O melhor é levar você para o hospital.

Morena ergueu mais a cabeça, apreensiva:

— Quando, doutor?

— Agora. Vou dizer à sua mãe que você vai comigo. Não temos tempo a perder. Quanto mais depressa, melhor. Não precisa ficar nervosa, pensando que o caso é grave. Não, não é. É uma coisa à toa, mas se fôr atalhada agora.

E daí a pouco, enquanto a Biá preparava a maleta de roupa que Morena levaria consigo, o Dr. Luna ia e vinha ao comprido da varanda, cheirando a bolinha de naftalina, e a sua gorda mão cabeluda tremia tanto que parecia dançar-lhe diante do nariz. Mariana, afogada no vestido de merinó prêto que lhe cobria o cano das botinas, apoiava o braço direito no peitoril de uma das janelas, rosto contraído, uma grande ruga vertical ao meio da testa.

— Se esta provação puder contribuir para desviar minha filha do caminho da perdição — observou ela, depois de um silêncio longo, erguendo o olhar, assim que o médico se aproximou — temos de dar graças a Deus. Êle sabe o que faz, doutor. Êle sabe o que faz.

O Dr. Luna endureceu o olhar em sua direção: — "Não seja mais idiota do que tem sido até hoje!" — pensou. E coibiu de pronto a frase, concertando a garganta e amarfanhando na mão direita o lenço molhado de suor. De que adiantava dizer-lhe agora umas tantas verdades? E continuou a ir e vir, sempre cheirando a bolinha de naftalina, os passos mais firmes nas compridas tábuas de pau-cetim, à espera de que a Biá terminasse de preparar a maleta.

Ao tentar levantar-se, Morena sentiu um punhado de agulhas lhe espetarem a perna, da planta dos pés à coxa, e permaneceu à borda da cama, esvaindo-se em suor, num começo de vertigem, até que ouviu o doutor adiantar o corpanzil pelo vão da porta, trazido pela Biá.

— Apoie o braço no meu ombro — ordenou êle, curvando para o leito a sua figura atarracada.

E aquêle homem gordo e exausto, que passara o dia a trabalhar na Clínica e na sala de operações, repentinamente encontrou em si novas energias, que lhe permitiram conduzir Morena, quase carregada, até o patamar. Ali parou um momento, como se as fôrças lhe faltassem, o suor a escorrer-lhe pelas bochechas, e logo ergueu a doente nos seus curtos braços resolutos, para descer com firmeza, sondando o chão com a ponta do pé, sem descansar na volta dos dois lanços da escada.

Ao afundar no banco da carruagem, ficou uns minutos sem fala, ofegante, bôca entreaberta. E durante a viagem, à medida que se refazia, ia-se mostrando loquaz, no esfôrço para animar Morena, que amiudava os gemidos, a cada sacolejo do carro, encolhida a seu lado nas dobras da manta que lhe cobria a camisola.

— Fique tranqüila, que tudo vai correr bem. Você vai ver. O que é preciso é ter confiança em mim. Hoje mesmo, já vai se sentir melhor.

Porém ela, quando o carro entrou na Rua Grande, alongou o gemido numa pergunta medrosa, os negros olhos esbraseados no calor da febre, a querer adivinhar o que ia acontecer:

— Vai ter de cortar minha perna, doutor?

E o Dr. Luna, numa voz zangada:

— Que tolice é essa? Quem lhe falou nesse absurdo?

A rua comprida, iluminada pelo clarão espaçado das lâmpadas elétricas, parecia estreitar-se, unindo longe as calçadas. E essa luz sincopada, esbatendo-se no rosto de Morena ao dobrar de outra esquina, mostrou-lhe o fio de lágrimas fluindo dos olhos aflitos.

— Já lhe disse, minha filha, que fique tranqüila — volveu o Luna, segurando-lhe uma das mãos. — Enxugue êsse rosto. Môça bonita não tem direito de chorar — acrescentou, atraindo-a para perto de si.

E ao entrarem no Largo da Misericórdia:

— Pronto, já estamos chegando.

Passou o lenço no rosto, a pretexto de enxugar o suor, e concertou por duas vêzes a garganta, no esfôrço para reprimir a emoção. Antes de saltar, já senhor de si, pilheriou, adiantando os braços para carregá-la:

— Quando você estiver boa, quem vai levar você a um baile sou eu. E para dançar comigo, pelo menos uma valsa.

No entanto, ao vê-la estendida na maca, sentiu que não teria ânimo de operá-la. Logo reagiu, numa determinação heróica. Não podia recuar. O cirurgião tinha de ser êle! E se fôsse necessário mutilá-la? Aflito, recolhendo em seu íntimo uma energia desesperada, pôs-se a afagar-lhe os cabelos, numa expressão de paternidade temporã, acompanhando a maca, que deslizava pelo corredor imenso, levada pela Irmã Berta:

— Esta môça, Irmã, — disse êle à freira — além de ser a mais bonita morena do Maranhão, é como se fôsse minha filha.

E só então reparou, pelo fio de contas que descia à direita da maca, que Morena vinha rezando o seu têrço, agora com uma fisionomia confiante.

Em silêncio, fêz o resto do percurso. Êle próprio, ao acercar-se da Sala de Operações, quis empurrar o carro, que a Irmã Berta ladeava com o seu passinho esperto e a claridade dos olhos esverdeados. E no momento de colocar o gorro na cabeça, já enfiado na bata, afastou-se para a saleta ao lado, e ali permaneceu uns minutos, como recolhido. Ah, se existisse mesmo um Deus no Céu, a quem pudesse recorrer naquele momento! Mas tinha visto tanto desespêro ao longo da vida, tanto sofrimento sem razão de ser, que não podia acreditar na existência de uma entidade superior, indiferente à dor humana. Por que tanta desgraça? Tanta dor inexplicável? E tanto infortúnio?

Ao volver à Sala de Operações, daí a momentos, apressou o passo, atormentado pela angústia de se ver desamparado na sua aflição. E para dar a impressão de serenidade, ensaiou assobiar trechos esparsos de velhas melodias.

— Já estou pensando no baile — segredou à Morena, que o acompanhava com os olhos vigilantes.

Sem perda de tempo, fê-la dormir com a picada de uma injeção, enquanto se preparava para anestesiá-la. E de repente, no instante em que a freira começava a despir Morena, levou as mãos ao rosto, como se entrasse a rir, voltado para a parede.

— Que é isso, doutor? — estranhou a Irmã.

E viu então, olhando-o de frente, que o Dr. Luna se desfazia em prantos, numa crise convulsiva.

— Mande chamar o Tarquínio — gritou êle. — Eu não tenho coragem de operá-la. Está acima de minhas fôrças.

E enquanto o outro médico vinha, chorou copiosamente a um canto, sob o olhar atônito da freira.

— Dê uma volta lá fora — sugeriu ela, ao vê-lo mais quieto — Deixe a môça comigo.

E êle saiu a enxugar os olhos pisados na manga da bata, pela primeira vez na vida acovardado ante o infortúnio alheio, e certo de que seria assaltado por uma vertigem quando visse, sôbre a mesa dos ferros esterilizados, a fina serra ponteaguda que podia servir à mutilação de Morena. Vira crianças queimadas que não pudera salvar, assistira a centenas de mortes, testemunhara a angústia das vidas que se esvaíam com mêdo da hora final, e só agora, quando já tinha os cabelos grisalhos, rosto coberto de rugas, mãos de veias encordoadas, é que fugia de uma sala de operações, esmagado pelo desalento. Tinha de sair, de ir embora, vagar à toa, até cair exausto. Mas terminou por se refugiar na pequena sala dos médicos, numa cadeira junto à janela, a cabeça entre as mãos. Nem ao menos o cigarro, que pendia apagado a um canto da bôca, tinha o dom de lhe minorar o desespêro. E tudo quanto pedia agora era que não lhe falassem, deixando-o quieto com o seu tormento.

Daí a momentos, ao sentir os passos do Dr. Tarquínio, alto, magro, fisionomia serena, limitou-se a dizer-lhe sem se levantar:

— É a filha do Ernesto, Tarquínio, que vais operar. Caso grave. Muito grave mesmo. Cheguei a prepará-la para operar, mas me faltou coragem: ela é como se fôsse minha filha. Deixo o caso contigo. O que fizeres estará bem feito.

Quase três horas depois, cansado de esperar na exigüidade da saleta apertada, saiu ao corredor ladrilhado que levava à Sala de Operações. E deu com os olhos em Mariana, tôda de prêto, acomodada na extremidade de um banco de madeira, a ler a Bíblia sob a réstia de luz do candeeiro pendente da parede. Passou por ela em silêncio, as mãos atrás das costas, cabeça baixa, e ouviu-lhe a voz sussurrante na seqüência da leitura:

— "Senhor, a ti chamei, escuta-me: atende a minha voz quando chamar a ti. Suba direito a minha oração como incenso na tua presença..."

Foi até o fim do corredor, tornou a voltar, sempre cabisbaixo, novamente passou por Mariana, e outra vez se deixou cair na cadeira junto à janela, as mãos no rosto. E só ergueu o olhar, quando sentiu que lhe batiam nas costas:

— Agora — disse o Dr. Tarquínio — vamos esperar que Deus faça o resto. O que dependia de mim foi feito. Felizmente não lhe cortei a perna.

E enquanto despia a bata:

— Demorei um pouco, porque notei nela uma insuficiência cardíaca e tive de tomar algumas precauções durante a anestesia.

— Obrigado, Tarquínio — respondeu o Luna, levantando-se. — Não sei como te agradecer.

O carrinho de rodas rangentes, com Morena imersa no sono profundo, vinha deslizando pelo corredor, trazido pela Irmã Berta. Logo Mariana se levantou, à espera da filha. E assim que o carro passou por ela, acompanhou-o, apertando a Bíblia contra o peito, a cabeça alta, andar confiante.

À porta da saleta, com o chapéu na mão, o Dr. Luna demorou o olhar no rosto de Morena, mais bonito na sua palidez adormecida, os negros cabelos soltos guarnecendo a cabeça, a bôca entreaberta deixando passar o sussurro cadenciado da respiração. E ainda emocionado, sentindo que um comêço de paz lhe descia à consciência, seguiu para o outro lado do corredor, em busca da noite morna que se debruçava cheia de estrêlas sôbre as árvores do Largo da Misericórdia.

XLVII

Assim que sentiu os mesmos passos leves na varanda, Morena estendeu o olhar para a fresta de luz por baixo da porta, franzindo os cantos da bôca, como a reprimir o riso, e esperou o resto da cena.

Com efeito, logo depois, uma fôlha de calendário, correspondente ao dia anterior, apontou na claridade da fresta, impulsionada para dentro do quarto com extraordinária destreza, quase ao mesmo tempo que os passos cautelosos volviam a estalar as tábuas do chão, distanciando-se no sentido da alcova.

Sentada na cama, o dorso apoiado nos travesseiros, Morena adiantou a ponta da bengala até o papelucho, arrastou-o para perto de si, esticou então o braço, e o recolheu.

— Vamos ver o que diz hoje o versículo de ontem — gracejou, firmando a vista na folhinha.

E leu em silêncio, na incidência da luz matinal que vinha da sala: "Não andeis inquietos pelo dia de amanhã, porque o dia de amanhã a si mesmo trará o seu cuidado" — *São Mateus* — capítulo 6 — versículo 34.

Depois de um momento imóvel, a mão esquecida no regaço, guardou a folhinha na gaveta da mesa de cabeceira, juntando-a

as outras, de quase cinco meses, que ali formavam um pequeno maço atado por um elástico.

De início, tinha-se intrigado com aquela fôlha de calendário protestante, insinuada diàriamente por baixo da porta, logo após o seu regresso do hospital. Suspeitou fôsse obra da Biá, cada dia mais solícita à sua cabeceira, com o propósito evidente de lhe salvar a alma, pois era ela quem lhe trazia, todos os domingos, quando voltava do culto ou da Escola Dominical, ora um folheto de propaganda evangélica, ora o número nôvo de "O Estandarte", chegado do Sul pelo último vapor. Mas não tardou a desfazer a suspeita, pois viu apontar a folhinha à luz da fresta no momento em que a Biá, na sala contígua, sacudia o pó dos móveis.

— É mamãe — concluiu.

E redobrou de atenção, tôdas as manhãs, entre oito e nove horas, à espera do rumor dos passos, a que invariàvelmente sucedia o aparecimento da fôlha de papel, arremessada para dentro do quarto.

Durante o mês e meio que passara no hospital, recebera a visita da mãe, dia sim, dia não, pelo meio da tarde. Ouvia-lhe a voz no corredor, inteirando-se de seu estado, em conversa com a Irmã Berta, e via-a logo depois apontar à porta, espigada, a Bíblia contra o peito, a cabeça coberta por um chapèuzinho de palha, muito parecido com o de D. Jemima, inclusive no filó prêto que lhe enrugava o rosto. Entrava em silêncio, em silêncio acomodava-se na cadeira junto à janela, em silêncio se entregava à leitura da Bíblia, e em silêncio ia embora, quando a tarde principiava a esmorecer.

Nas poucas vêzes em que a filha tentara falar-lhe, no correr dessas visitas, Mariana se manteve calada, como se não a houvesse escutado, absorta na leitura. As cartas que Cristina mandava à irmã, com o enderêço da Rua do Sol, ela as deixava à cabeceira da cama de Morena, sem uma palavra. E não era raro trazer-lhe uma pequena caixa de figos, peras ou maçãs, que colocava em silêncio no mármore da mesinha de cabeceira. Se a filha agradecia, não replicava: seguia para o seu canto ao pé da janela e, abrindo depressa a Bíblia, isolava-se na sua mudez e na sua devoção.

Ainda no hospital, tôdas as manhãs, muito cedo, sempre de branco, o gorro na cabeça, a Abigail surgia no quarto, antes de começar o seu trabalho na enfermaria. Ficava de pé junto à cama, buscava uma das mãos de Morena, e orava ao Senhor.

— Deixe esta môça em paz — advertiu-lhe, numa das vêzes, o Dr. Luna, em tom de admoestação e pilhéria.

E Abigail, compenetrada:

— É a paz em Jesus que eu lhe quero dar — replicou, esgueirando-se pela porta que abria sôbre o corredor.

Na manhã seguinte, Morena viu-a surgir ainda mais cedo.

— O Reverendo Tobias quer lhe fazer uma visita — anunciou, com ar triunfante. — Todos nós, na igreja, temos orado por sua saúde, principalmente êle, que é o nosso pastor. E Deus tem ouvido as nossas orações.

Que viria fazer ali o Reverendo Tobias, com as suas habituais ameaças em nome do Senhor? — pensou Morena, tardando a resposta. E de cabeça, com os olhos no ar, recompôs a alta figura gucdelhuda, espichada pelo freque prêto, olhos coruscantes, a mão cabeluda fechada no cabo da bengala, pronto a se medir com o Diabo.

E voltando a olhar para a outra, enquanto recolhia a mão para dentro do lençol:

— Diga ao Reverendo que sou muito grata às suas orações. E isso me basta. Dou como feita a sua visita. Êle não precisa vir aqui.

— Está bem, está bem — concordou Abigail, sem disfarçar de todo o desapontamento. — Mas é uma pena — acrescentou, suspirando. — Êle tinha pensado vir aqui, com outros irmãos em Cristo, para um pequeno culto. Sem Deus, nada valemos. Ninguém sabe quando a morte vem. É preciso estar preparado para a hora final. Do contrário, em vez da vida eterna, com a graça de Jesus, o que se tem é o castigo eterno, com a maldição do Criador.

Desde que tornara ao sobrado, ainda sem poder firmar no chão a perna enfaixada, Morena só tinha visto a mãe a distância, pelo vão da porta sôbre a varanda. Sentia-lhe os passos, no correr do dia. E à noite, no silêncio que apenas o sussurro do vento interrompia, ouvia-lhe a voz bonita, num magoado entono de acalanto, cantando hinos ao Senhor.

A folhinha do calendário, insinuada a horas certas por baixo da porta, veio constituir para Morena, todos os dias, a sua comunicação com a mãe, por intermédio dos versículos que esta por vêzes sublinhava com um traço vermelho. E o certo é que, embora os lesse de espírito prevenido, freqüentemente demorava o pensamento nêles, sentindo que a advertência

ali contida tinha ressonância no íntimo de sua consciência. Isto lhe aconteceu pela primeira vez com um versículo dos *Salmos,* espécie de tardia advertência à origem de seu drama: "Não permitas que vacile o teu pé, nem permite àquêle que te guarda." E dias depois, com êste outro, da *Epístola aos Romanos,* que já lera num dos caixilhos da parede: "O salário do pecado é a morte, mas a graça de Deus é a vida perdurável em Nosso Senhor Jesus Cristo."

Agora, ao contrário do que lhe sucedia antes da operação, as noites lhe pareciam infindáveis, com o sono mitigado e esquivo. Para dormir mais um pouco, tinha de recorrer ao pedacinho de comprimido que o doutor lhe prescrevera. E acordava noite alta, com o sobrado em silêncio, a viração da madrugada esfuziando nas janelas da sala.

Nessas ocasiões, sentia-se mais deprimida, como se um pêso a esmagasse. Vinham-lhe crises de angústia, que abafava com o rosto sôbre o travesseiro. Que ia ser de sua vida, agora que só podia caminhar com o arrimo da bengala? Embora o Dr. Luna lhe assegurasse que, dentro de um ano andaria sem apoio, continuava a duvidar que isso acontecesse: a cicatriz funda, que tomava parte da coxa e cobria todo o joelho, estendendo-se ainda para baixo, tirara-lhe a flexão da perna, além de não permitir a necessária firmeza ao equilíbrio do corpo.

— Isso virá com o tempo — afirmava-lhe o Dr. Luna, alargando as bochechas no sorriso forçado. — O convite do baile continua de pé. Não se preocupe. Deixe isso comigo.

Mas a verdade é que, embora reconhecesse ter melhorado sensìvelmente nos últimos dois meses, a ponto de trocar a penosa muleta pela bengala, ela sentia a perna insegura, com a impressão de que ia cair. E como a cicatriz lhe doía, com as mudanças do tempo! Nos dias úmidos, via-se obrigada a ficar na cama, a perna estendida, quase sem se mover, até voltar o calor, com o sol reluzindo na vidraça das janelas. Aí recomeçava tudo de nôvo: o passo tímido, outra vez a muleta que lhe torturava a axila, e um resto de dor a perfurar-lhe a carne, como se a ferida volvesse a latejar.

Aos poucos, porém, ia-se aventurando a alongar as caminhadas. Depois de habituar-se a andar no quarto, amparando-se na cômoda e na muleta, animara-se a ir à sala, apoiando-se nos móveis de seu trânsito. E com que alegria abriu a janela e olhou a rua, depois de tantos dias de reclusão! O brilho da luz nos azulejos, os gritos de um bem-te-vi pousado no fio

da iluminação, o azul manso do céu de maio, a imponência dos outros sobrados ao longo da calçada fronteira, tudo lhe pareceu tocado de uma animação feliz. E de súbito, conjugando-se à claridade matinal, de mistura com o pregão do garrafeiro, a valsa do Major, no piano de Sinhàzinha Dourado. Deixara-se ficar na janela, arrimada nos cotovelos, recolhendo nos grandes olhos pisados a refulgência da manhã, como nos dias antigos em que esperava apontar na esquina o Aluísio, pelas férias de fim de ano. E quem apareceu, solene, de lornhom, chapéu alto, foi o velho Tibério, caminho do Largo do Carmo, a dizer — "Toujours belle" — às môças que ia encontrando.

Dias após, firmando-se na Biá e na bengala, saiu à varanda. Parou no umbral da porta, os olhos no galho verde da mangueira, ainda úmido de orvalho. Lá estava o relógio, a baloiçar a sua pêndula esperta. A floreira vazia, ao centro da mesa. As vidraças coloridas estendendo nas tábuas do chão os matizes do arco-iris. E nas paredes, uns novos, outros antigos, os versículos encaixilhados nas molduras doiradas, com as advertências do Senhor. A figura pensativa, que fechava as mãos sôbre um bordão de peregrino, longas barbas derramadas, à beira de um caminho, chamou a sua atenção para o versículo ao lado do relógio: "Um abismo chama outro abismo, à voz das tuas cataratas; tôdas as tuas coisas altas, e as tuas ondas sôbre mim passaram. — *Salmos* — capítulo 4 — versículo 8."

— As tuas ondas sôbre mim passaram — repetiu Morena.

E acercou-se de uma das janelas abertas sôbre o quintal. Viu o chão tapetado de fôlhas amarelas, a nesga de terra onde escrevia com um graveto o nome do namorado, o banco de pau em redor da mangueira, e logo resvalou o olhar pelos velhos arcos conventuais, em busca da porta por onde saíra para o baile do Cassino. E recompôs, num relance, o último encontro com o Aluísio, ali embaixo, só a fresta da porta insinuando na escuridão uma nesga de claridade. Depois, desviando o olhar, recolheu-se em si mesma, deprimida. Agora, se êle por acaso voltasse a São Luís, ainda solteiro, certamente não a quereria, com aquela perna dura, que a obrigava a andar aos saltos, apoiada a uma bengala.

— Que hei de fazer? Paciência.

Sua vida era ali, teria de ser ali, sempre ali, definitivamente ali. Não iria mais ao Cassino, nunca mais usaria o seu vestido de baile. Não teria a sua casa, perdera o gôsto de

sair à rua, estava prisioneira de si própria, debruçada numa janela sem horizonte.

E agora, ainda na cama, depois de recolher a fôlha do calendário ao maço de versículos, na mesinha de cabeceira, Morena volve a pensar na consolação do *Evangelho de São Mateus*, que a mãe sublinhou a lápis vermelho: "Não andeis inquietos pelo dia de amanhã, porque o dia de amanhã a si mesmo trará o seu cuidado."

Pela primeira vez, nos últimos meses, não acordara pela madrugada, graças a ter tomado à noite, ao deitar-se, não o pedacinho de comprimido, como o doutor lhe prescrevera, e sim o comprimido inteiro. Embora lhe pesassem as pálpebras e sentisse um gôsto amargo na bôca, quase sem fôrças para se levantar da cama, uma sensação de mente apaziguada lhe envolvia a consciência, e ela sorria para a claridade que vinha da peça contígua. Com esfôrço, reprimindo a lassidão de todo o seu corpo, acercou-se da borda do leito, adiantando para o tapête a ponta da bengala, e nisto ouviu ranger a porta da varanda.

— Pensei que não queria acordar — disse a Biá, entrando no quarto. — Já é a terceira vez que venho aqui. Entrei cedo, com a bandeja do café, e a senhora dormindo. Saí, tornei a voltar, e a senhora sempre dormindo. Graças a Deus, que o sono lhe voltou. Desta vez, eu vinha resolvida a lhe chamar.

Estava pronta para sair, os óculos de aro de prata, sapatos de verniz, grossas meias de algodão, mais gorda no vestido folgado que lhe descia ao meio da perna, as bochechas tocadas por uma leve camada de pó-de-arroz:

— Onde você vai assim, Biá?

— A senhora se esqueceu que hoje é domingo? E onde é que eu vou, a não ser na igreja? Domingo é o dia do Senhor.

Em poucos instantes a fisionomia gorda de Biá passou da expressão risonha de espanto à gravidade devota, a bôca encolhida, uma ruga na testa:

— O Reverendo Tobias não quer que se trabalhe no domingo — acrescentou, aproximando-se da cama com a bandeja do café. — O domingo tem de ser todo para o Senhor.

E ajudando Morena a caminhar até a sala:

— Na casa dêle, não se cozinha no domingo nem se tira pó dos móveis. E agora D. Mariana já deu ordem para se fazer aqui a mesma coisa.

Morena franziu a testa, intrigada:

— Se não se cozinha, como é que se come, Biá?

— Cozinha-se na véspera e esquenta-se na hora. O dia de Deus é sagrado. E com Deus não se brinca.

Quando ela se foi, deixando após si um cheiro ativo de vaselina perfumada, Morena abriu de manso o sorriso, sacudindo a cabeça. Como aceitar um Deus perenemente vingativo, pronto a desabar a sua cólera sôbre a cabeça do pecador, à menor transgressão de um texto bíblico? E aproximando as sobrancelhas, para mudar de idéia, tratou de considerar o longo dia vazio à sua espera.

Tôdas as manhãs, via-se assaltada pelo mesmo problema: o que fazer para se distrair. Se chegava à janela, logo se entediava da rua, sem conseguir sair de si mesma. Como deixar de pensar no seu problema, ao dar com os olhos nos transeuntes andando com desembaraço? Consciente de seu ressentimento, que a ninguém podia transferir, era em vão que lutava para coibi-lo. E ao dar as costas à janela, reprimindo a revolta, logo a perna dura a compelia ao arrimo da bengala, como a lembrar-lhe ainda mais a inferioridade atual de sua condição.

Nas noites de sábado, quando o vento trazia de longe o ritmo de uma orquestra, num baile do Cassino, volvia-lhe a certeza de que nunca mais havia de dançar. Punha as mãos nas orelhas, tentando fugir à melodia torturante, e só o pedacinho de comprimido, que lhe ia cerrando as pálpebras à revelia de seu desespêro, tinha o dom de restituir-lhe a serenidade.

O domingo, talvez pelo silêncio da rua, ou pela idéia de monotonia que lhe inspirava, parecia-lhe o mais comprido dia da semana. Em vão se refugiava na leitura, tornando aos velhos livros da biblioteca do pai: logo punha de lado o volume, sem nêle encontrar o interêsse que lhe prendesse a atenção. Recorria à escrita, para encurtar as horas, nas confidências ocasionais de seu diário, mas em pouco abandonava a caneta no tinteiro.

Nisto ouviu passos na descida da escada. Era a mãe que saía para a Escola Dominical, acompanhada pela Biá — pensou. Lá embaixo, com certeza, a Abigail estaria à sua espera. Acercou-se da janela, curiosa. E viu quando as três atravessavam a rua, a mãe e a Abigail à frente, a Biá logo atrás, cada qual com a sua Bíblia e o seu livro de hinos.

Gostaria de ter fé assim. Acreditava em Deus, em Cristo, nos santos, considerava-se católica, mas não sentia em seu íntimo a convicção que tudo aceita sem um travo de dúvida. Durante a missa, apreciava mais a música do órgão que o latim do padre, e só nas ocasiões aflitivas se aproximava realmente de Deus, torcendo as contas de seu têrço. Por que não era como a Cristina? Como a mãe? Como a Abigail? Ou mesmo como a Biá? Se tivesse fé, a fé profunda e verdadeira, não experimentaria a revolta que por vêzes a salteava, tirando-lhe o gôsto da vida. E logo se lembrou do Padre Galvão, rosto retalhado de rugas, batina sovada, há duas semana levado para São José de Ribamar pelo Dr. Luna quase a pulso, para ver se melhorava do reumatismo que o fazia mais torto e mais confiante na graça de Deus.

Deixou a janela, rumo da cadeira a um canto da sala, descansou a perna no tamborete, equilibrou a bengala contra a parede, e olhou em volta, buscando uma ocupação. Tinha ainda no corpo uns restos do torpor do sono forçado, sentia o coração bater mais forte, com umas compressões instantâneas que não chegavam a doer, mas lhe aceleravam a respiração. Recostou a cabeça no espaldar da cadeira, as mãos por baixo da nuca, e entrefechou as pálpebras.

O vento macio que entrava pela janela amplamente aberta lembrou-lhe os primeiros dias do hospital, com muita gente em redor de sua cama. Quantas amigas de colégio! E as crianças do Orfanato, e freiras, e também pessoas estranhas, que vinham por amigos e parentes, e espiavam pelo vão da porta, querendo entrar. Depois, com o tempo, as visitas tinham rareado, e agora, ali no sobrado, só o Dr. Luna e o Padre Galvão lhe apareciam, assim mesmo sem muita freqüência. Até a Abigail, ocupada com um doente grave dia e noite, já não subia ao sobrado, nas suas idas à igreja.

Não podia ser de outro modo — reconhecia Morena: cada pessoa tinha a sua ocupação, a que devia atender. E ela, a bem dizer, não estava mais doente, já com a ferida cicatrizada. Por outro lado, excetuando as do padre, do Luna e da Abigail, quase não tinha paciência para as demais visitas, irritando-se freqüentemente com a piedade alheia, que agravava ainda mais o seu desespêro.

De tarde, novamente na sala, depois de olhar-se ao espelho e ver que emagrecera bastante, notou que a luz se atenuava antes que as andorinhas voltassem ao beiral do sobrado. O tempo

estava mudando, ia certamente chover. Isto significava que lhe voltariam as dores, com o frio e a umidade.

Quando a noite caiu, já a chuva batia nas vidraças fechadas, enquanto corria nas ruas a ventania esfuziante, gemendo alto pela fresta das rótulas. E Sinhàzinha Dourado, levada mais uma vez ao piano pela saudade do Major, misturava os gemidos da valsa aos gemidos do vento, como se fôsse tocar até de manhã.

Felizmente, ao contrário do que tinha previsto Morena, o domingo passara depressa. De manhã, ainda com a mãe na igreja, reconhecera o ranger das botinas do Dr. Luna nos degraus da escada e viera ao seu encontro na varanda; de tarde, conseguira escrever uma nova carta à Cristina, sem o tom da habitual amargura, e levava mais de hora nessa conversa epistolar.

A visita do Dr. Luna, alongada além do meio-dia, tinha-lhe feito bem. Chegara a rir com êle, a propósito da Cipriana no Asilo, ùltimamente empenhada em impor ao Lorde, já velho e dorminhoco, a devoção de São Benedito.

Agora, com a chuva forte a bater nas vidraças, volvia a olhar a rua, repentinamente alumiada pelo clarão de um relâmpago, e viu que a mãe, acompanhada pela Biá e encolhida sob a proteção do mesmo guarda-chuva, afrontava a tormenta, no rumo da igreja, para o culto noturno.

Já a perna começava a doer-lhe, obrigando-a a contrair os dedos no cabo da bengala, a cada nova fisgada. Mesmo assim, Morena permaneceu bom tempo com o rosto contrà a vidraça, distraindo-se com os fios grossos de água que a ventania fustigava no cone de luz das lâmpadas elétricas. Ninguém nas calçadas. E sempre o piano de Sinhàzinha Dourado a tocar. De vez em quando um carro chapinhava nos paralelepípedos molhados. E outra vez a valsa a acompanhar as pancadas da chuva.

Um tropel longínquo, para os lados da Rua Grande, lembrou-lhe o pai, nas velhas noites em que Ernesto retinia as ferraduras de seu cavalo sob as janelas do sobrado, e demorou o pensamento na figura esguia, barba cerrada, olhos negros, que tanta falta agora lhe fazia.

Nas noites de chuva, sentia crescer em sua consciência o sentimento da solidão. Estava só, terrìvelmente só. Nem sequer os passos da mãe ou a sua voz bonita lhe serviam de companhia. A casa fechada. Uma luz no quarto, outra na varanda, outra mais no corredor ao pé da escada. Até mesmo o tique-taque do relógio tinha desaparecido, com os sibilos

da ventania e o bater fatigado do galho da mangueira no vidro das janelas.

Como as dores da cicatriz amiudassem, resolveu deitar, agasalhando a perna nas dobras de uma velha manta. Sentia os olhos arderem, como se fôsse chorar. Antes de entrar no quarto, parou um momento na sala, pensando trazer um livro da estante. Mas deu de ombro, desalentada. Não tinha ânimo para ler. E até quando a sua vida seria assim, vazia, amarga, sem uma direção?

— Não andeis inquietos pelo dia de amanhã — recordou.

A caminho da cama, tornou a parar, para fechar uma das portas do quarda-roupa, deixada entreaberta pela Biá, para arejar os vestidos, e resvalou o olhar no traje de gala da festa do Cassino, os vidrilhos e as miçangas cintilantes na nesga de luz do candeeiro.

— Por que fui castigada dêste modo meu Deus? — interrogou, sentando à borda do leito, no momento de deixar a bengala junto ao espelho da cama.

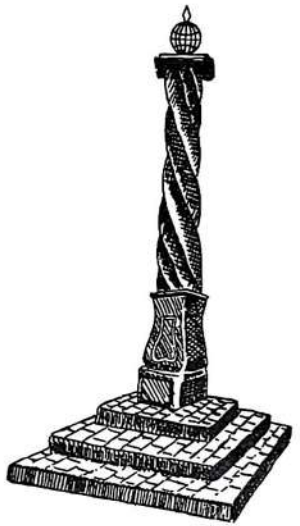
Como o calor da manta não lhe atenuara as dores, reconheceu que ia ter uma noite má, com a friagem a crescer dentro de casa. E começou a rezar. Repetia maquinalmente as orações, girando as contas do têrço, e pedia a Deus, a Jesus, a Nossa Senhora, aflitamente, que a amparassem, naquele instante de aflitiva solidão.

Concluído o têrço, acomodou-o ao pé do candeeiro, para tornar a rezar, se acordasse pela madrugada. Logo abriu a gaveta da mesa de cabeceira, em busca do vidro de remédio. Tornaria a tomar um comprimido inteiro, como na véspera? E rodou o tampo de metal do vidro, dorso apoiado nos travesseiros. Na mão em concha, esperou que o comprimido caísse, e viu que, em vez de um, tinham caído três. E já ia recolher ao vidro os outros dois, quando indagou a si mesma, contraindo-se a uma figgada maior — porque não tomava os três, naquela noite? Assim, tão cedo não despertaria, e entraria dormindo pela manhã, e ainda pela tarde do dia seguinte. Quando acordasse, teria cessado a chuva, não lhe doeria mais a perna, e era bem possível que estivesse melhor daquela tristeza teimosa, que só o pranto conseguia atenuar.

Resoluta, levou a mão à bôca, num impulso, e aproximou do lábio o copo de água. Em seguida, diminuiu a luz, reduzindo-a a um botão vermelho, no bocal levemente enfumado, e desceu o corpo, acomodando a cabeça no travesseiro, à espera de que o sono lhe cerrasse os olhos.

Daí a pouco, começou a sentir-se invadida por uma lassidão crescente, que lhe distendia pernas e braços, ao mesmo tempo que se aceleravam as pancadas de seu coração. O piano de Sinhàzinha Dourado ia-se distanciando, como se a ventania o levasse para bem longe, e sempre tocando a velha valsa. Um mêdo estranho a assaltou, dando-lhe a consciência de um pesadelo, ao mesmo tempo que um pêso brutal lhe comprimia o peito, quase a sufocá-la. Tentou erguer a cabeça, num impulso de ansiedade, e as fôrças lhe faltaram. O torpor agora se alastrava por todo o seu corpo, braços inertes, lábios entreabertos, enquanto a sonolência lhe chumbava as pálpebras. Compreendendo que era inútil lutar, não procurou mais se mover, já agora estendida na orla de uma praia que parecia não ter fim. As ondas vinham, serenas, ternas, sem ruído, e banhavam-lhe o corpo, estirando-se na areia; logo outras ondas cresciam, tornando a banhar-lhe os pés, os seios, o rosto, os ombros nus, e alongando-lhe os cabelos, que ondulavam também.

E devagar, devagarinho, para que não despertasse na solidão do sobrado, foram elas, as mansas ondas estranhas, que a levaram para o amplo mar desconhecido, de onde Morena nunca mais poderia regressar.



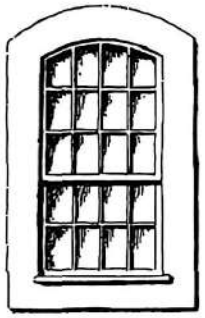
OS DEGRAUS DO PARAÍSO

Quem crê no filho tem a vida eterna.
São João: 3: 36

Ser é apenas uma face
do não ser, e não do ser.

CASSIANO RICARDO — *Relógio*

I



A cidade de São Luís, carregada de luzes durante a noite desde o tempo do Intendente Clodomir Cardoso, parecia ter voltado de repente aos lampiões de gás da época do Desembargador Leitão da Cunha.

Tôda a orla de lâmpadas elétricas, que se debruça sôbre a espuma das águas e acompanha a orilha do Cais, entre a Rampa do Palácio e a Rampa dos Remédios, fôra atenuada de tal modo, que se tinha a impressão de haver voltado realmente às antigas idades, assim que a noite fechava.

De longe, à entrada da barra, viam-se apenas uns tímidos botões de luz escondidos na bruma. E quando o luar se derramava do céu sem nuvens, recortando no horizonte o ângulo dos telhados escuros e a tôrre das igrejas, ouviam-se os românticos violões de outrora, no abandono das ruas tortas, como se a noite trouxesse consigo a reversibilidade do tempo, repondo instantâneamente a cidade na era imperial de seus sobrados de azulejos.

Mas, assim que o Sol repontava, êsse capricho se desvanecia, e São Luís se ajustava outra vez ao presente, sem a ilusão de carruagens nem bondes de burro, sem crinolinas nem fraques sem canto de pastorinhas nem pianos tocando polcas, e inquietava-se, agora, com a nova guerra que dividia o mundo.

Não se viam no Largo do Carmo as gordas árvores que derramavam sombra sôbre os bancos de ferro. No interior das casas, em vez dos bicos de gás chiantes, luziam as lâmpadas elétricas. Embora os sobradões de antanho continuassem de pé, com as suas paredes de uma braça e as suas sacadas de ferro, muito prédio nôvo tinha surgido, sem o bom gôsto de antigamente. Morrera o prêto Tibério. O Sátiro Cardoso deixara de representar as suas mágicas. E ninguém via o velho Lomba, com

a sua bengala, o seu chapéu prêto e o seu cravo na botoeira. Não circulava mais a "Pacotilha" e eram outros os jornais que os jornaleiros anunciavam, quando rompia a manhã ou a tarde declinava. Mas ainda se brincava de roda, na Praça da Alegria. E eram os mesmos os pregões de rua. Dos lados de São Pantaleão, vinha ainda o batecum dos tambores das negras minas. Nas noites de lua, havia cadeiras na calçada, nas calmas ruas de arrabalde. E não tinham acabado de vez as lanternas vermelhas dos portais, nas quitandas de peixe frito.

A festa de Santa Filomena, depois de parecer que ia suplantar a de São Benedito e a de Nossa Senhora dos Remédios, viera esmorecendo de ano para ano, até ficar esquecida. E só o santo prêto e a padroeira dos navegantes chamavam os fiéis para os largos enfeitados de bandeiras e flâmulas, com o repique dos sinos e os dobrados marciais da banda de música no coreto.

Uma tarde, na véspera do Natal, uns homens armados de chicote atiraram lapadas a êsmo, dispersando os grupos que conversavam no Largo do Carmo, bem defronte do lugar onde existira o pelourinho para castigo de negros fugidos, malfeitores e ladrões. No outro ano, prenderam-se estudantes, jornalistas e professôres, e alguns dêles foram mandados para o Sul, num porão de navio, enquanto o povo indagava, alarmado, — quando as prisões iam acabar? Só o poeta Correia de Araujo, cabeça despenteada ao vento, reagia ao pavor da cidade, redigindo sátiras tremendas, que êle próprio definia como sovas de pau de alexandrinos, e de que recitava na rua, à beira da calçada, os trechos mais exaltados, à medida que os compunha.

Porém o mêdo maior do povo foi quando se espalhou a notícia de que o cometa de Halley ia dar um esbarrão no planêta, acabando com o mundo. E na noite terrível, realmente, radiou no horizonte, para os lados do Campo de Ourique, um clarão estranho, que fêz tôda gente sair de casa, implorando aos gritos a misericórdia Divina, até que um senhor calvo, que vinha da cidade carregado de embrulhos, pôs fim ao desespêro, com a revelação de que a claridade alarmante era apenas a luz do Circo Americano, que estreava naquele dia.

E tanto rodou o tempo que, vinte anos depois da Grande Guerra, a sirena do "Imparcial" entrou a vibrar o seu grito de alarma, chamando o povo para ler a notícia de que a Alemanha invadira a Polônia. Outras vêzes, voltou ela a soar, nos dias subseqüentes. A França e a Inglaterra aceitavam o desafio alemão. E o mundo não teve mais sossêgo, dia e noite sacudido

pelo estrondo das granadas e dos canhões. Cidades iam pelos ares, ao impacto das bombas. As linhas defensivas eram transpostas pelos tanques inimigos, quase sem resitência, e ponte, e estradas, e igrejas, e hospitais, e quarteirões inteiros se desfaziam, à passagem rasante dos aviões de combate.

Com o passar do tempo, nas rodas do Largo do Carmo, a sucessão dos telegramas de guerra já não inquietava. E ninguém deixava mais a sua casa, para saber o que ia contar agora a sirena, nas tabuletas colocadas à porta da redação do jornal. Que importava o morticínio na Europa, se ali havia paz, com a vida a fluir na sua calma provinciana? Em junho, as matracas, os pandeiros e os tambores do bumba-meu-boi enchiam a noite de ruídos festivos, ao clarão das fogueiras. Nos dias de carnaval, se os baralhos não desciam mais em direção do Largo do Quartel com seu cruz-diabo e seus dominós, havia o corso da Rua dos Remédios, com as batalhas de serpentinas e confetes. Pelo Natal, os sinos chamavam para a Missa do Galo. Conversava-se até tarde, nos bancos de cimento da Praça Benedito Leite, e havia música de coreto, ao meio da semana, com os casais de mãos dadas passeando por entre as alamêdas. Tinham pôsto abaixo o pardieiro do Palácio dos Holandeses, para que um edifício de cimento armado lhe tomasse o lugar; mas o sobrado da Pensão da Chicó, que lhe ficava defronte, ainda lá estava, janelas cerradas, a larga porta entreaberta, acolhendo estudantes, boêmios e marinheiros. De longe em longe, mais gordo, cabeça branca, o velho Brandão descia a Rua de Nazaré, a guitarra apoiada no barrigão imenso, e ainda zangarreava doridamente os fados de sua paixão.

Uma noite, a sirena soou por mais tempo o seu anúncio de guerra. E como a cidade já começava a se recolher, cerrando sonolentamente portas e janelas, o chamado riscou o silêncio à feição de um alarma de pavor, e em breve a multidão assustada se apertava em frente à redação do jornal, querendo saber o que havia acontecido. Depois do espanto, os primeiros protestos. Agora, a guerra não era mais do outro lado do mar. De surprêsa, em pleno dia, um submarino alemão pusera a pique um navio brasileiro, nas águas de Sergipe.

Sob o luar de agôsto, que parecia tanger o rebanho das ondas e as velas dos pescadores, São Luís custou a dormir. E mais grave ressoou o sino da Catedral contando as horas. O Brandão recolheu a guitarra, aborrecido. Na Pensão da Chicó, o Robalinho se recusou a tocar. Na orla do Cais, alongava-se o olhar para o horizonte, em busca de sinais estranhos no brilho

das águas. Que era feito dos pesados canhões coloniais da Ponta da Areia?

Em menos de uma semana, cinco navios tinham sido afundados. E ninguém se fazia ao mar, mesmo nos barcos à vela cansados de navegar, sem um apêrto no coração. No Largo do Carmo, punhos irritados, nos comícios ao pé da escadaria da igreja, reclamavam represálias. E quando se soube que a Nação ia vingar os brasileiros mortos, aceitando o desafio da guerra, novamente o Brandão desceu a Rua de Nazaré, com a sua guitarra apoiada na barriga, e cantou como nunca havia cantado.

Mas sòmente na semana seguinte se apagaram as luzes da cidade. Raras lâmpadas ficaram acesas nas ruas estreitas. No silêncio compacto, as águas da Fonte do Ribeirão cantavam alto, como em vigília noturna. E só quando o luar voltou, debruçando-se sôbre os sobradões da Praia Grande, é que se pôde sentir que São Luís, sobretudo ali junto do mar, havia sido restituída a si mesma, com a penumbra propícia ao canto de amor dos seresteiros.

Como deixar de cantar, picando as cordas do violão, ao ver a luz da Lua escorrer das tôrres das igrejas e dos beirais das casas? Nas voltas da amurada, eram mais belos os barcos ancorados, e mais longos os seus gemidos no baloiço das ondas. Onde estavam as sinhàzinhas de antigamente, que não apareciam nas sacadas de ferro dos sobrados ou nas janelas dos mirantes? Que fim levara a Manguda, envolta na sua mortalha de linho, e que assustava os caminhantes, no antigo Largo dos Amores? E por que não voltavam às ruas desertas, trazidas pelas sombras de outrora, as carruagens de lanterna na boléia que retiniam nas pedras do calçamento as ferraduras de seus cavalos?

Êsse ambiente romântico, que repunha os sobrados de azulejos na suas atmosfera adequada, em breve desfez na cidade o mêdo da guerra. Em vão, durante as horas mortas, ouvia-se o ronco soturno das esquadrilhas, à luz das estrêlas assustadas. Já ninguém saía à janela para vê-las passar, vindas de longe, a caminho de Natal. E logo a graça dos boêmios noctâmbulos, que parecera extinta com o clarão das lâmpadas elétricas, pontilhou de pilhérias as sombras da noite em São Luís.

O gordo Arnaldo, dono de um boteco nos arredores do Cais, ao adiantar a mão cabeluda e ávida, pelo postigo por onde atendia os fregueses da madrugada, para receber o dinheiro da cerveja que acabara de vender, sentiu que um dêles lhe prendia o braço, enquanto outro, as gaitadas, lhe aplicava meia dúzia de bolos, com uma velha palmatória de castigar meninos.

Porém o caso que mais divertiu a cidade, e fêz rir por muitos dias as rodas do Largo do Carmo, teve por pretexto a passagem do Primeiro Ministro Inglês pelo Maranhão. No comêço da madrugada, uma voz grave, em tom de segrêdo, dizendo falar da Base Aérea, chamou o Interventor Federal ao telefone do Palácio do Govêrno, para avisar-lhe que Winston Churchill, incógnito, desceria no aeroporto militar, dentro de uma hora, para uma conferência secretíssima com Sua Excelência. Depressa, o sisudo senhor despiu o pijama, enfarpelou-se no traje dos encontros solenes, luvas, chapéu alto, e dirigiu-se ao local da entrevista, misterioso, calado, importantíssimo, sentindo que afinal ia influir nos destinos do mundo. E duas horas depois, furioso, narinas dilatadas, batendo com as portas, estava de volta, jurando descobrir e punir exemplarmente o gaiato que ousara tirá-lo da cama, a êle, primeira autoridade do Estado, e para quê? Para ver o aeroporto às escuras!

Ao longo da costa, fora da barra, os navios só navegavam, à noite, de luzes apagadas. E era preciso muita coragem para um navio se aventurar pelos caminhos do mar, sem a escolta dos barcos de guerra.

No entanto, serena, confiada em Deus, mais cheia de corpo no seu hábito de freira, os cabelos levemente grisalhos, Cristina via as estrêlas no céu pela abertura de uma escotilha, noite seguidas, sem mêdo da morte. Ia agora para Belém, depois de quase cinco anos em Vitória. Tinha passado por Salvador, deixara Recife para trás, em breve estaria ao largo de Fortaleza. Mais cinco dias de viagem e chegaria ao seu destino, sob a proteção de Deus. De passagem, desceria em São Luís. Como acharia a sua terra natal, depois de tanto tempo em longes terras? Tinham-lhe dito que o vapor demoraria ali pelo menos um dia, se chegasse ao amanhecer. E essa esperança de rever por algumas horas a sua cidade, mais de vinte anos depois de a ter deixado, trazia-lhe uma emoção desconhecida, a que associava a saudade da irmã morta, por quem rezava tôdas as noites; da mãe já velha, que nunca lhe escrevera uma só linha; do pobre Teo, tão cedo levado dêste mundo de dores; do pai impulsivo e bom, a quem Deus teria certamente perdoado as muitas fraquezas, e ainda da velha Cipriana, quase centenária, sempre apegada a São Benedito e amiga de tôda gente. Não reveria o Padre Galvão e o Dr. Luna, ambos recolhidos à eterna paz do Senhor. Mas a cidade, pelo que lhe diziam, não tinha mudado muito. Um pouco mais de movimento nas ruas, o Largo do Carmo despojado de seu arvoredo, um prédio nôvo no lugar

do Hotel Central, e a mesma placidez de outrora, quando o Sol tombava e as andorinhas se recolhiam.

A mãe é que estaria velha, acabada, rosto consumido de desgostos, talvez irreconhecível. Iria vê-la, assim que o navio ancorasse. Subiria de manso a escada e apareceria de surprêsa na varanda do sobrado. Depois, de coração aberto, diria à mãe que, transcorridos tantos anos, não havia mais razão de mágoa pela morte de Teobaldo. Deus, que era Deus, não dera o exemplo do sacrifício de seu filho? Já era tempo de a mãe volver à Igreja, confiando novamente em Nossa Senhora. E que melhor prova da graça de Deus na família do que ela, Cristina, no seu hábito de freira?

Tanto havia girado o tempo, dando voltas ao mundo, que o velho contador italiano, na sala do sobrado da Rua do Sol, não podia mais conter as cartas que Mariana recebera da filha, tôdas as semanas, e que punha agora sôbre o móvel, exatamente no estado em que o carteiro lhas entregava. Demorava por vêzes o olhar magoado no sobrescrito, inteirava-se de sua procedência pelo carimbo do correio, e logo recolhia a nova carta, sem abri-la, à companhia das outras, também fechadas, em sucessivos maços cuidadosamente atados por um barbante. De início, guardara-as numa gaveta; depois, passara à gaveta seguinte, e assim por diante, até ser obrigada, à falta de melhor espaço, a deixá-las sôbre o tampo de mogno do contador.

Embora não as abrisse, habituara-se a esperar por elas. Se tardavam, punha-se à espreita do correio, pela fresta das rótulas, à hora habitual da passagem do carteiro, ou afiava o ouvido, na cadeira de balanço da varanda, à espera de seus passos rangentes nas lajes do corredor. Vez por outra, cansada de esperar, acercava-se do patamar da escada, olhava para baixo pelo vão dos dois lanços, e volvia à cadeira, desapontada, ar vencido, para tornar à leitura da Bíblia.

Ùltimamente empregava o mais de suas horas no convívio da Palavra de Deus. Durante o dia, trazia consigo o velho livro de fôlhas contìnuamente manuseadas, para lê-lo a cada momento, de preferência na sala, no seu canto junto à janela da Rua da Cruz, ou na cadeira de balanço, ali na varanda. Embora deitasse cedo, nas noites em que não havia culto, ficava lendo até tarde. E pela madrugada, se o sono lhe fugia, tateava o tampo de mármore da mesinha de cabeceira, recolhendo dali a Bíblia, antes mesmo de torcer o botão da lâmpada junto da cama, para ler até de manhã.

Sabia agora que se aproximava o dia em que Jesus voltaria ao mundo, com grande poder e glória, trazido por uma nuvem. Êle próprio anunciara os sinais de seu regresso, no sermão profético do Monte das Oliveiras: "E quando ouvirdes de guerras e de rumôres de guerras, não vos perturbeis, porque assim deve acontecer. Mas ainda não será o fim. Porque se levantará nação contra nação, e reino contra reino, e haverá terremotos em diversos lugares, e haverá fomes."

Por vêzes, erguendo do livro os olhos fatigados, buscava a nesga de céu pela vidraça da janela. Qual daquelas nuvens, esgarçando-se em tons róseos sôbre os telhados escuros, traria o filho de Deus?

De noite, com a cidade às escuras, ouvindo o ronco longínquo dos aviões, sentia o coração pulsar mais forte, com a certeza de que se aproximava a hora de seu encontro com Teobaldo. Deus lhe poupara a vida, a despeito de suas súplicas constantes para morrer, a fim de que ela, desfigurada pelo tempo, o rosto cortado de rugas, mãos trêmulas, testemunhasse a volta de Cristo, depois do escurecimento do Sol e da Lua e da queda das estrêlas. E êsse dia não tardava.

No contentamento que lhe advinha do confronto das profecias com as notícias dos jornais, franzia por vêzes o rosto, cedendo a um impulso de piedade, com o pensamento nas filhas, ambas condenadas a não conhecer o Reino do Senhor. Deus era testemunha de que nenhuma culpa lhe cabia, a ela, Mariana, se as duas não tinham deixado o êrro pela verdade. O que podia fazer, fizera.

O largo tempo transcorrido não lhe delira da memória a tarde em que Cristina se fôra. Sem esfôrço, revia-se ali na sala, mãos convulsas apertando o rosto banhado de lágrimas, a olhar a carruagem do Dr. Luna descendo a rua. A recomendação de Deus, que a filha desobedecera, não podia ser mais clara: "Não desprezes a tua mãe quando fôr velha."

E havia sido a outra filha, cada dia mais parecida com o estróina do pai, que lhe restara no sobrado! Só Deus sabia o quanto Morena a fizera sofrer, com seu gênio, seus modos, sua figura física. Suportara a provação até o máximo da paciência, sabendo que era êsse o seu dever de mãe. E só rompera com ela, quando nada mais podia fazer em seu benefício. Depois de tantas amarguras, ao vê-la castigada pelo Senhor, com o corpo arrimado a uma bengala, ainda pensara orientar-lhe o espírito no sentido do Céu, por intermédio dos versículos que insinuava na fresta da porta de seu quarto, tôdas as manhãs,

com a teimosia da gôta de água batendo na pedra. E desgraçadamente tudo falhara. Antes de operar-se o milagre de sua conversão (e quantas vêzes imaginara o momento supremo em que a filha em prantos lhe pediria perdão de suas ofensas a Deus!), o Demônio se apossara da alma frágil de Morena, levando-a, pelo suicídio, ao fogo que nunca se apaga. E a pobre parecia tão serena, o lívido rosto banhado de luz, como se dormisse de pálpebras entrefechadas, à hora matinal em que a Biá, tocando no seu corpo, sentira, alarmada, a frieza da morte!

Dias depois, ainda atordoada com o nôvo infortúnio, Mariana tinha pensado mudar-se do sobrado para uma casa menor. Como viver sòzinha, naquela imensidão? Mas foi deixando o tempo passar, sem saber ao certo para onde ir, e terminou convencida de não haver motivo para mudança: ali tinha nascido Teobaldo, ali vivera, dali tinha saído o seu caixão. Mais de uma vez, saindo da alcova para a sala, tivera a impressão de ver o seu menino curvado à mesa de estudos. E à noite, ao despertar com os uivos do vento pela madrugada, não raro alongava o olhar para o lugar da cama do filho, como se ainda lhe quisesse vigiar o sono.

Com o rolar do tempo, a casa parecia ter ficado ainda maior. A Biá, quase cega, muito gorda, não dava conta da limpeza de tantos aposentos, alguns eternamente fechados, como a sala e o quarto de Morena. No quintal, as samambaias se alastravam, tomando o chão abandonado. Em dezembro, as mangas apodreciam ao pé da mangueira carregada. E de noite, as ratazanas do porão já se aventuravam a subir pela escada da cozinha, assustando o velho gato sonolento, encolhido junto ao fogão. Pelo inverno, um cheiro forte de môfo impregnava o ar. E eram sem conta as goteiras renitentes, ao tempo das grandes chuvas.

A morte súbita de D. Jemima, ocorrida durante o culto, levara o Reverendo Tobias a mudar de terra, desolado. Passados três meses, tinha chegado a São Luís o nôvo pastor. Era um senhor magro, voz mansa, queixo saliente, contraste vivo de seu antecessor, até na escolha dos temas para os sermões, entre os exemplos de concórdia e perdão das Sagradas Escrituras.

— Que é que a senhora acha do nôvo Ministro? — perguntou Biá a Mariana, uma noite, de volta da igreja.

Mariana levantou os ombros, indiferente. Mas a verdade é que, em seu íntimo, preferia o outro, mais enérgico, voz trovejante, sem condescendência com o pecado. E ela agora quase

sempre cochilava, fatigada, com os sermões do Reverendo Alencar, obrigando a Biá a bater-lhe no braço, para que não fizesse má figura. Mesmo assim, nas noites de chuva, jamais faltava ao culto, ainda que uma sensação mais opressiva de cansaço lhe tardasse os movimentos. Acima de sua fadiga, estava a obrigação para com Deus, reconhecia. E logo segurava a Bíblia e o livro de hinos, sem cuidar do tempo que fazia lá fora.

Trajava sempre um vestido negro, meias cinzentas de algodão, sapatos baixos e de sola grossa, o eterno chapèuzinho na cabeça tôda branca. De longe em longe, saía à rua sòzinha, num passo aparentemente tranqüilo, e a pouca gente falava, dando a impressão de quase não conhecer ninguém. Duas vêzes, assim aérea, ar sonâmbulo, estivera a ponto de ser atropelada: uma, em frente à igreja de São João, ao cruzar a esquina; outra, no Largo de Cemitério, quando levava uma braçada de rosas vermelhas para florir pelo Natal o túmulo de Teobaldo.

Em casa, conservava a mesma expressão fatigada e distraída, sempre de prêto, cabelos soltos, os pés nas sandálias cambadas. Que lhe importava agora que, nos cantos das paredes, as aranhas miúdas tecessem as suas teias? Ou que o vento, durante a noite, batesse uma janela, que a Biá esquecera de fechar?

Como Sinhàzinha Dourado se havia afinal reunido ao marido, debaixo da pesada pedra do mesmo jazigo, não se ouvia mais a velha valsa do Major, misturando-se à viração da rua. Porém, uma noite, assim que se calaram as andorinhas na última luz da tarde, um som de órgão desceu do sobrado, a princípio tímido, depois mais forte, ondulando suavemente as graves melodias de um hino ao Senhor, e espalhou-se no sussurro do vento, ao mesmo tempo que a escuridão se fechava sôbre a cidade, já pontilhada de vagas luzes, como na época das valsas choradas e dos velhos lampiões.

II

Era um pequeno móvel escuro, quase prêto, mais próprio para um canto de igreja, à lívida luz dos tocheiros, do que para a sala de visitas de um sobrado.

No entanto, ali junto à janela, rodeado de pesadas cortinas esfarpeladas, não destoava dos outros móveis severos, sobretudo à noite, quando a claridade de duas velas o envolvia, entre paredes alastradas de versículos.

D. Mariana o havia comprado ao Reverendo Tobias, assim que êste, consternado com a morte de D. Jemima, entrara a desfazer-se da casa, decidido a ir embora de São Luís.

— É um instrumento excelente — acentuara o pastor, oferecendo-lhe o órgão. — Não conheço outro igual. Dei-o à Jemima, como presente de bodas, logo que nos casamos. Não custou barato, naqueles bons tempos. Hoje, deve valer uma pequena fortuna. Mas de que me adiantaria ficar com êle, se as mãos que o sabiam tocar estão debaixo da terra? Venho oferecê-lo à senhora, pelo preço do custo. Não devemos ter apêgo aos bens terrenos, mas sim aos bens celestiais. Disse São Paulo, na Epístola ao Coríntios: "Cristo, sendo rico, se fêz pobre por vós, a fim de vos enriquecer pela pobreza". Basta-me reaver o dinheiro que dei por êle.

E Mariana, assim que lhe ouviu o preço, pediu permissão para dizer que não o achava caro, tanto assim que fazia questão de aumentar a importância, com o piedoso propósito de ajudar o Reverendo, atormentado então por miúdas dificuldades, com as despesas do entêrro da mulher e os compromissos da viagem.

— Curvo-me à sua bondade, minha senhora — concordou Tobias, baixando a cabeça.

Também ela, abalada pela idade e os infortúnios, se desapegara dos bens materiais, que nada representavam para a paz de sua alma. E daí ter-se desfeito de tôdas as suas jóias, pouco depois da morte de Morena. Por que guardá-las, se não tinha a quem deixar o que possuía? Na coleta anual de 31 de julho, ninguém dava mais do que ela. E eram sem conta os seus donativos, para amparar os irmãos em Cristo. Chamara a si a responsabilidade da educação de dois meninos pobres, que estudavam agora no Seminário Evangélico de São Paulo, e estava inclinada a educar mais dois, a começar do próximo ano.

Como já fazia alguns meses que o piano de cauda, consumido mais pelo desuso que pelo tempo, tivera de descer ao porão, roído de cupim, o órgão de D. Jemima encontrou no sobrado o melhor lugar da casa à sua espera. E sôbre a sua tampa lustrosa, o retrato de Teobaldo voltou a dominar a sala e a alcova, entre dois castiçais compridos, que o côto das velas tornava mais esgalgados.

Ao caminhar da alcova para a sala, Mariana ia ao encontro dos olhos do filho, que esperavam por ela, já um tanto desbotados, no retângulo de sua moldura de prata. E foram êles que a fizeram sentar no banco giratório do órgão, sem qualquer intenção premeditada de volver ao tempo em que, ainda adolescente, tocara a *Noite Feliz*, na Missa do Galo, sob o olhar contente do organista da Sé, ali mesmo em São Luís.

Logo a seguir, com efeito, Mariana abriu de manso o teclado, procurou com a ponta das sandálias os pedais, e a melodia do hino ondulou sob as suas mãos, à medida que a noite adensava as suas sombras no sobrado.

Mas a verdade é que ela só tornou a tocar, daí a quase um mês. Preferia ler a Bíblia ou cantar baixinho, aconchegada a um canto da casa, na imensidade de sua solidão. E ficava tão abstraída, longe do mundo circundante, que parecia ter ensandecido. Freqüentemente, ao cansar da leitura, deixava a Bíblia no regaço, a mão sôbre o livro, olhos no ar, imóvel, e repassava na memória os versículos de seu agrado.

Por isso não ouviu quando a Biá, de volta da rua, lhe contou, ali na varanda, ainda arfando com o esfôrço da subida, os olhos alarmados por trás das lentes grossas:

— Afundaram mais dois navios, D. Mariana! E um dêles vinha cheio de soldados. Não escapou ninguém. É o fim do mundo!

Só depois que a outra se foi, pesada, ofegante, arrastando os pés inchados na direção da cozinha, foi que Mariana apurou o ouvido para a sirena teimosa, que não parava de soar na claridade alta do dia. Caminhou até a sala, apiedada. E estendeu para a rua o olhar compadecido, consolando-se com a promessa do Senhor: "O meu povo habitará em moradas de paz, em moradas bem seguras, e em lugares quietos de descanso."

Um senhor gordo, que dobrava a esquina, lembrou-lhe o carteiro. Já fazia duas semanas que não tinha cartas de Cristina. Com uma ponta de aflição, adiantou a cabeça para fora da janela, atraída pela insistência da sirena. A rua quieta, lavada de sol, restituiu-lhe a serenidade. Já estava próximo o regresso do Filho de Deus, trazido por uma nuvem — concluiu, olhando o céu límpido, que uns flocos de nimbos toldavam para os lados do poente.

No entanto, de volta à varanda, não deixou de pensar no correio, preocupada. Tornou à cadeira de balanço, atenta aos rumôres circundantes, e ouviu a corda do relógio ranger, antes de dar as horas. E já ia abrindo a Bíblia, para prosseguir na leitura do *Evangelho de São Mateus*, quando teve a impressão de ouvir uns passos leves nas lajes do corredor. Não podiam ser do carteiro, que os dêste rangiam alto, logo acompanhados pelo ruído espalhado da porta que antecedia a escada. E a porta, agora, abria devagarinho, mansamente, quase sem rumor.

Quando deu por si, estava no patamar, apertando os olhos pisados sôbre o corredor. A luz da rua, clareando a escada através da urupema da porta, permitiu-lhe distinguir o vulto de uma freira, à altura do terceiro degrau. Intrigada, firmou o olhar. E pôde ver-lhe o rosto, na volta do corrimão, sob o jôrro de luz da clarabóia, exatamente no momento em que Cristina, atraída pela claridade, erguia a vista ansiosa, a tempo de ver a velha de cabelos soltos, tôda de prêto, ar de espanto, que se retraía para a varanda.

— Sou eu mesma, mamãe! — gritou, ao ver que Mariana lhe fugia.

E assim que alcançou o patamar, ouviu o bater precipitado da porta da alcova, com o rangido imediato da chave nervosa dando a volta na fechadura.

Cristina olhou em redor, na varanda deserta. A não ser a profusão maior de versículos nas paredes, tudo ali se achava como no seu tempo: o relógio, a mesa, a floreira, as duas cadeiras de balanço, o colorido da luz coada pela bandeira das janelas. E também a porta hostil que lhe vedava a alcova.

Estêve uns momentos parada, os braços no espaldar de uma cadeira da mesa, tentando reprimir seu desapontamento. Na lanchinha que a trouxera do navio para o Cais da Sagração, viera compondo a cena do encontro com a mãe, na larga varanda repleta de reminiscências, certa de que chorariam de emoção, assim que se abraçassem. Da família, só elas duas subsistiam. O que ficara para trás, como êrro ou ressentimento, deixava de ter sentido em face de Deus e da eternidade. Por que não se entenderiam, no pouco de vida que lhes restava neste mundo? E agora Cristina encolhia os ombros, resignada. A mãe não mudara, com os anos e as desventuras. Paciência. Deus conhecia os seus desígnios. Por sua vez, como filha e como religiosa, tinha cumprido um dever, vindo até ali. Podia continuar agora o seu caminho, em paz consigo mesma.

Mas, antes de ir embora, caminhou até o poial de uma janela, para olhar o pátio. Jesus, quanto abandono! O mato se alastrara pelo chão, cobrindo as raízes da mangueira, e as samambaias-choronas fechavam o vão das arcadas com um reposteiro verde. O musgo e a hera subiam pelas colunas, tresandando a umidade. E por tôda parte, salpicado sôbre o verde das fôlhas miúdas, o ouro velho das margaridas.

Caminhou para a cozinha, querendo saber agora quem fazia companhia à mãe, naquela solidão. E deu com as lentes da Biá, reluzindo na penumbra do quarto entrefechado.

— Não está me conhecendo, Biá?

Logo a porta cerrou, num gesto amedrontado. E Cristina tornou à varanda, em passos mais lentos, sem saber o que pensar. Acercou-se da porta que levava aos seus antigos aposentos. Quando lhe torceu a maçaneta de vidro, sentia que não estava trancada. Ainda bem. E empurrou-a para dentro do quarto. Logo levou a mão ao rosto, sufocada pela poeira, e avançou até a sala, sempre a proteger as narinas, para escancarar depressa as janelas.

Assim que a luz invadiu os dois aposentos, obrigando o pó a subir e descer atordoado no rútilo sol matinal, Cristina apertou os lábios, sufocada de emoção. A mesa da irmã, com os seus cadernos e papéis, e mais a caneta junto ao tinteiro resseguido, não deviam ter sido tocados, depois de sua morte. E tudo coberto por uma poeira escura, que empardecia os objetos. Cristina forcejou para abrir uma gaveta, emperrada pelo desuso. E encontrou ali umas fôlhas sôltas, que pareciam rascunhos de um diário. Correu os olhos por elas, como em busca de um diálogo, com mais de vinte anos de permeio. E logo encontrou, por entre anotações de Morena destituídas de importância, como relações de despesas pessoais e comentários sôbre livros que acabara de ler, algo que a fêz acercar-se da janela, em busca de melhor luz: "Continua em tôrno de minha alma o cêrco dos protestantes. A Abigail, sempre que me encontra, volta a falar na visita que o Reverendo Tobias quer me fazer. A Biá, quando volta da igreja, não deixa de me trazer folhetos de propaganda evangélica. A mais persistente, porém, é a mamãe, colocando por baixo da porta do meu quarto, tôdas as manhãs, uma folhinha do calendário da varanda, com um versículo da Bíblia. E o mais engraçado é que estou criando gôsto na leitura dêles. O de hoje, sublinhado por um traço vermelho, dizia assim: "Não ajunteis tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem tudo consomem, e onde os ladrões minam e roubam; mas ajuntai tesouros no Céu, onde nem a traça nem a ferrugem consomem, e onde os ladrões não minam nem roubam." E ainda na mesma fôlha, logo a seguir: "Longa conversa com o Padre Galvão, aqui em casa. Aconselhou-me a ir novamente com mamãe à igreja protestante, assim que puder caminhar. Êle acha que só falta isso para que ela volte a falar comigo. Não vai ser fácil. Em todo caso, vou tentar. Nessa marcha, assediada pelos protestantes, e aconselhada pelo Padre Galvão

a não me opor a mamãe, acabo virando ovelha do pastor Tobias. Será possível? Água mole em pedra dura tanto bate até que fura. Já me sinto mais para lá que para cá."

Cristina sentiu o sangue fugir-lhe, como quem vê, ao longe, à borda de um abismo, uma pessoa querida a quem não pode socorrer. Depois, reagiu, contraiu as sobrancelhas, pensando no Padre Galvão. Fôra êle quem lhe dera a notícia da morte de Morena: "Tenho certeza de que ela não se matou" — concluía o velho, na sua letrinha miúda, difícil de ler. — "O Dr. Luna é da mesma opinião. Encomendei o corpo de Morena, rezei por ela a missa de sétimo dia na igreja do Rosário, e sei que Deus lhe recolheu a alma pura, como recolheu a alma arrependida de seu pai. D. Mariana acompanhou o entêrro da filha, sinceramente abalada. Continua assistida pelo Tobias. Ùltimamente, eu vinha aconselhando Morena a tornar a fazer companhia à mãe, no culto protestante. Parecia-me ser êsse o único meio para que a mãe e filha se reaproximassem. Além disso, sou de opinião que, assim como todos os caminhos levam a Roma, tôdas as modalidades de cristianismo hão de levar ao Cristo. Você há de dizer que isso é miolo mole de padre velho. Não, não é. É a procura daquela unidade que o próprio Cristo nos recomendou, conforme podemos ler no *Evangelho de São João*, capítulo 17, versículos 21 a 23."

Achara melhor rasgar a carta do padre, depois de relê-la muitas vêzes, sacudida pelos soluços. Passada a emoção, restara no espírito da freira a discordância. Como aceitar que protestantes e católicos, tão diferentes na interpretação das Escrituras e na compreensão do culto e da Igreja, chegassem à presença de Deus por idênticos caminhos? A bondade do Padre Galvão tirava-lhe a malícia, levando-o a fazer o jôgo do Demônio, sem dar por isso.

E agora, volvidos mais de vinte anos, ante a pequena fôlha quadriculada onde a irmã registrara a lápis a sua conversa com o padre, reconhecia, quase a cair de joelhos ali mesmo, que tinha diante dos olhos uma nova prova da misericórdia Divina. Na realidade, Morena não se matara: Deus a chamara à sua santa glória, antes que a mãe a distanciasse da verdade de Cristo. Se a irmã não morresse, acabaria cedendo. E estaria perdida.

Emocionada, Cristina mergulhou a mão direita no bôlso do hábito, em busca do têrço, e se pôs a rezar. Depois, ainda trêmula, os olhos molhados, dobrou a fôlha de papel para trazê-la consigo, e cerrou as janelas, e caminhou para a varanda,

convencida agora de que Deus a havia trazido ali para lhe revelar o seu milagre.

Antes de deixar a sala, apanhou da secretária uma fôlha de papel em branco e um lápis, para contar à mãe o que havia acontecido. Sentada à mesa da varanda, fêz deslizar o lápis com extraordinária rapidez: "Se a morte de Teobaldo levou a senhora a se afastar do Catolicismo, ferida no seu amor materno, a morte de Morena é uma razão mais forte para que regresse à verdadeira fé. Deus operou aqui um milagre, com a sua infinita misericórdia, e a senhora não viu êsse milagre. Falo-lhe como filha e como religiosa. E sei agora que só vim aqui a mandado de Jesus."

O lápis parecia correr ainda mais veloz no impulso da escrita, sob o olhar iluminado de Cristina. Ao fim da lauda, voltou nervosamente a fôlha, para não perder o fio da inspiração correntia, e continuou a escrever na costa do papel, relatando o que se passara com a irmã, para concluir que, se Deus não houvesse chamado Morena, certamente esta acabaria por se fazer protestante. E terminava: "Não insisto em falar com a senhora pessoalmente, porque desejo que decida por si mesma, meditando no que acabei de lhe contar. Depois de tanto tempo afastada de Nossa Senhora, já é tempo de minha mãe dobrar o seu joelho diante dela, reconciliando-se com a Igreja. Continuarei rezando, até que chegue êsse dia. Às duas horas, sigo para Belém. Mande para lá as suas notícias. Agora sei a razão por que a senhora, durante êstes vinte e tantos anos não me mandou uma única linha, em resposta às minhas cartas: é que Deus certamente só queria que a senhora me escrevesse, para a minha mãe me dizer que voltara a se ajoelhar aos pés da Virgem Maria. Faça isso agora."

Dobrou a fôlha, depois de reler o que havia escrito, e levantou-se da mesa. Junto à porta da alcova, bateu de manso na folha fechada com o nó dos dedos, e insinuou o papel dobrado por baixo da porta.

Mariana, sentada à borda da cama, havia corrido o reposteiro, para ler a Bíblia com a luz da janela, e viu quando a tira de papel se esgueirou pela fresta, deslizando na tábua do chão. Não se levantou no primeiro momento, achando melhor esperar que a filha descesse a escada. E daí a pouco, ouvindo-lhe os passos nos degraus, apanhou do soalho o papel, e veio com êle até a sala. Por trás da vidraça, ouviu bater a cancela do corredor. Logo a seguir, Cristina saiu à calçada. E Mariana, imóvel, respiração suspensa, acompanhou-a com o olhar apagado,

até que a viu desaparecer na dobra da rua. Depois, arrastando os pés fatigados, acercou-se do velho contador italiano, desatou o cordel que prendia um dos maços de cartas, e guardou ali o papel, sem lê-lo, porque logo notou que era também uma carta.

Pelo fim da tarde, ainda repassando na memória a visita da filha, Mariana abriu a Bíblia ao acaso, para ver que consolação lhe dava o Senhor, naquele instante de melancolia. E não tardou a reler, no livro de *Genesis*, a cena em que Jacó, no caminho entre Bersaba e Harã, deita a cabeça sôbre uma pedra e sonha com uma escada que vai da Terra ao Céu, e por onde os anjos sobem e descem, banhados pela refulgência de Deus, que está de pé no último degrau.

Tirou os olhos do livro, para encontrar os olhos do filho, na derradeira claridade do dia. E caminhou para o órgão. Sentada no banco giratório, premiu os pedais, calcou de leve as teclas, e começou a tocar o hino das Aleluias.

Em breve, a noite envolveu a cidade. A claridade da varanda, entrando pela porta da alcova, dava para ver o vulto de Mariana diante do órgão, sempre tocando, enquanto São Luís, com receio da guerra que dividia o mundo lá fora, parecia voltar ao tempo dos lampiões de gás.

Não se ouvia ainda o ronco longínquo das fortalezas voadoras, caminho de Natal, mas já se escutava o bater nervoso dos tambores das negras minas, para os lados de São Pantaleão.

E à medida que a melodia do hino se avolumava, sôbre o silêncio do sobrado e o silêncio da rua escura, Mariana sentia que ia subindo os degraus do Paraíso, para encontrar-se lá no alto com seu filho, envolto na eterna luz do Reino do Senhor.

Friburgo, fevereiro, 1962

Rio de Janeiro, julho, 1964

Impresso em 1974, nas oficinas da
EMPRESA GRÁFICA DA REVISTA DOS TRIBUNAIS S.A.
R. Conde de Sarzedas, 38, fone 33-4181, São Paulo, S.P., Brasil
com filmes fornecidos por
LIVRARIA MARTINS EDITORA S.A.